Sonhos com
DEUSES &
MONSTROS
O desfecho da trilogia Feita de fumaça e osso
LAINI TAYLOR
intrínseca

LAINI TAYLOR

# Sonhos com DEUSES & MONSTROS

Tradução de Viviane Diniz

# Sumário

*Para Jim,*
*pelo durante feliz*

*Era uma vez*
*um anjo e um demônio que levaram a mão ao coração*

*e deram início ao apocalipse.*

# 1

## Sorvete de pesadelo

*Um arranhar nos nervos e o sangue a pulsar, em furor e violência e destruição e terrível e terrível e terrível...*

— Eliza? *Eliza!*

Uma voz. Uma luz forte, e Eliza despencou do sono. Foi essa a sensação: a de cair e bater com força no chão.

— Foi um sonho — ela se ouviu dizer. — Foi só um sonho. Está tudo bem.

Quantas vezes na vida dissera essas palavras? Já tinha perdido a conta. Mas era a primeira vez que as dizia para um homem que irrompera heroicamente em seu quarto, martelo em mãos, pronto para salvá-la de um assassino.

— Você... você estava gritando — disse Gabriel, o rapaz com quem dividia o apartamento, lançando olhares rápidos para todos os cantos mas sem encontrar assassino algum. Estava com o cabelo bagunçado do sono e alucinadamente alerta, o martelo erguido, pronto para atacar. — Tipo... gritando *mesmo*.

— Eu sei — disse Eliza, com a garganta dolorida. — Isso acontece às vezes. — Ela sentou-se na cama. As batidas de seu coração pareciam tiros de canhão: sombrias e profundas, reverberando por seu corpo inteiro, e, embora sentisse a boca seca e a respiração difícil, tentava soar casual. — Me desculpe por ter acordado você.

Piscando, Gabriel abaixou o martelo.

— Não foi isso o que eu quis dizer, Eliza. Nunca ouvi ninguém gritar assim na vida real. Eram gritos de filme de terror.

Ele parecia um tanto impressionado. *Vá embora*, Eliza queria dizer. *Por favor*. As mãos dela estavam começando a tremer. Dali a pouco ela não conseguiria mais controlar, e não queria testemunhas. Às vezes o surto de adrenalina que se seguia ao sonho era bem ruim.

— Está tudo bem, juro. Eu só...

*Droga.*

O tremor. A pressão num crescendo, as pontadas por dentro das pálpebras, e tudo isso fora de seu controle.

*Droga droga droga.*

Ela se dobrou para a frente e enfiou o rosto nas cobertas quando os soluços transbordaram e a dominaram. Por mais assustador que tivesse sido o sonho — e foi *bem* assustador —, o que vinha depois era muito pior, porque então ela estava consciente mas ainda assim impotente. O pavor — o pavor, *o pavor* — persistia, e havia também algo mais. Aquilo que vinha com o sonho, todas as vezes, mas que não ia embora com ele; em vez disso, continuava ali, como algo trazido pela maré e deixado para trás. Algo nefasto; o corpo horrendo de um leviatã apodrecendo na praia de sua mente. Era remorso. Mas, por Deus, essa seria uma palavra insípida demais para aquilo. O sentimento que o sonho deixava nela era como reluzentes lâminas de pânico e horror cravadas em uma ferida grande, vermelha e inflamada de *culpa*.

Culpa pelo quê? Essa era a pior parte. Era... Deus do céu, era indescritível, e era enorme. *Enorme*. Nada pior jamais fora feito, em tempo algum, em espaço algum, e a culpa era dela. O que era impossível, e, depois que o tempo lhe desse algum distanciamento, Eliza consideraria ridículo tal sentimento.

Ela não tinha feito nem nunca faria... *aquilo*.

Mas quando o sonho a enredava, nada disso importava — nem a razão, nem o bom senso, nem mesmo as leis da física. O pavor e a culpa sufocavam tudo.

Era um saco.

Quando os soluços finalmente diminuíram, ela ergueu o rosto e viu que Gabriel estava sentado na beirada da cama, com uma expressão de piedade e preocupação. Gabriel Edinger tinha um ar de polidez atrevida que sugeria uma grande chance de seu futuro ser pontuado por gravatas-borboletas. Talvez até um monóculo. Ele era neurocientista, provavelmente a pessoa mais inteligente que Eliza conhecia e também uma das mais bacanas. Os dois eram pesquisadores no Museu Nacional de História Natural do Smithsonian. Tinham começado uma amizade no ano anterior, ainda que não fossem exatamente *amigos*, mas então a namorada de Gabriel foi morar em Nova York para fazer pós-doutorado e ele precisou de alguém com quem dividir o aluguel. Eliza sabia que aquilo era arriscado, fazer uma polinização cruzada da vida pessoal com a profissional, e exatamente por aquele motivo. *Aquele*.

Gritos. Choro.

Não seria preciso uma investigação muito extensa se alguém quisesse apurar o... o grau de anormalidade sobre o qual ela construíra aquela vida. Como colocar tábuas sobre areia movediça, era o que parecia às vezes. Mas o sonho não a incomodava fazia algum tempo, então ela cedera à tentação de fingir que era uma pessoa normal, sem nenhuma preocupação além das que afligem uma aluna de doutorado de vinte e quatro anos com pouca grana. A pressão para escrever a tese, um colega de laboratório irritante, as tentativas de conseguir bolsa, aluguel.

Monstros.

— Sinto muito — disse ela. — Acho que estou bem agora.
— Que bom. — Após uma pausa desconfortável, ele perguntou, em um tom alegre: — Quer chá?
Chá. Aquilo sim era um belo vislumbre de normalidade.
— Quero sim. Obrigada.
Ele saiu calmamente para pôr a chaleira no fogo, e ela aproveitou para se recompor. Vestiu o robe, lavou o rosto, assoou o nariz, se olhou no espelho. Seu rosto estava inchado, os olhos vermelhos. Que maravilha. Ela tinha belos olhos, normalmente. Sempre ouvia elogios de estranhos nesse sentido. Eram olhos grandes e brilhantes — quando não estavam vermelhos de choro —, com cílios longos, e de um tom de castanho bem mais claro que o de sua pele, fazendo com que se destacassem. Naquele momento ela sentiu um calafrio ao notar que pareciam meio... loucos.
— Você não é maluca — disse ela ao reflexo.
Tinha a impressão de que vinha repetindo essa afirmação para si mesma o tempo todo. Um reconforto de que precisava, e que geralmente se concedia. *Você não é e nem vai ficar maluca.*
Mas o pensamento que corria por baixo daquele primeiro era outro, mais desesperado.
*Não vai acontecer comigo. Sou mais forte que os outros.*
Geralmente conseguia acreditar nisso.
Quando Eliza chegou à cozinha, o relógio do fogão marcava quatro da manhã. O chá estava na mesa, junto com um pote de sorvete aberto, o cabo de uma colher aparecendo. Ele apontou para o pote.
— Sorvete de pesadelo. Uma tradição de família.
— Sério?
— Pois é. Sério.
Eliza tentou, por um instante, imaginar a própria família lhe dando sorvete em resposta àquele tipo de sonho, mas não conseguiu. O contraste era grande demais. Ela pegou o pote.
— Obrigada.
Deu algumas colheradas em silêncio e tomou um pouco de chá, o tempo todo tensa, prevendo as perguntas que com certeza viriam.
*Estava sonhando com o quê, Eliza?*
*Como posso ajudar você se não me contar, Eliza?*
*Qual o seu* problema*, Eliza?*
Ela já tinha ouvido tudo isso.
— Você sonhou com Morgan Toth, não foi? — perguntou Gabriel. — Morgan Toth e seus lábios grossos?
Tudo bem, *essa* ela ainda não tinha ouvido. Eliza até riu. Morgan Toth era sua nêmesis, e os lábios dele eram um bom motivo para um pesadelo, mas não, essa não tinha chegado nem perto.
— Prefiro não falar sobre isso — respondeu.
— Isso o quê? — perguntou Gabriel, com ar de inocência. — Não sei do que você está falando.
— Engraçadinho. Mas é sério. Desculpe.
— Tudo bem.
Mais uma colherada de sorvete, mais uma vez o silêncio, interrompido por uma não pergunta.
— Eu tinha pesadelos quando criança — tentou Gabriel. — Durou quase um ano. Muito intensos. Pelo que meus pais contam, a vida normal que levávamos ficou praticamente suspensa. Eu estava sempre com medo de dormir, e tinha vários rituais, superstições. Até tentei oferecer algo que me livrasse daquilo. Meus brinquedos preferidos, comida. Ofereci até meu irmão mais velho no meu lugar. Eu não me lembro, mas ele jura que me ouviu dizer isso.
— Oferecer a quem?
— *A eles.* Os que habitavam meus sonhos.
*Eles.*
Uma centelha de identificação, esperança. Esperança estúpida. Eliza também tinha um "eles". Racionalmente, sabia que eram criação de sua mente e que só existiam ali, mas depois do sonho nem sempre era possível se manter racional.
— Quem eram eles? — perguntou Eliza, sem pensar direito. Afinal, se não ia falar sobre o sonho que tivera, não deveria estar se metendo no *dele*.
Essa era uma regra para segredos, assunto no qual era perita: não interrogai para que não sejais interrogado.
— Monstros — respondeu ele, dando de ombros.
No mesmo instante ela perdeu o interesse. Não por ele ter mencionado monstros, mas pelo seu tom de é óbvio. Qualquer um que dissesse "monstros" com tal despreocupação nunca tinha visto os dela.
— Sabe, ser perseguido é um dos sonhos mais comuns — prosseguiu Gabriel.
Ele pôs-se a discorrer sobre isso, e Eliza ficou tomando chá e de vez em quando pegava uma colherada de sorvete de pesadelo, assentindo nas horas certas, mas sem estar de fato ouvindo. Fazia um bom tempo, ela havia pesquisado a fundo o campo de análise dos sonhos. Não tinha ajudado na época e não ajudaria agora, e quando Gabriel concluiu com "pesadelos

são uma manifestação dos medos que temos quando acordados” e “*todo mundo* tem pesadelos”, seu tom foi ao mesmo tempo tranquilizador e pedante, como se tivesse resolvido o problema dela e pronto.

Sua vontade era dizer: *E imagino que* todo mundo *tenha que colocar um marca-passo aos sete anos porque as “manifestações dos medos que têm quando acordados” insistem em lhe causar arritmia cardíaca.* Mas não falou nada, porque esse era exatamente o tipo de informação peculiar que acaba sendo regurgitada em momentos de socialização informal.

*Sabia que Eliza Jones teve que colocar um marca-passo aos sete anos? Ela tinha arritmia cardíaca por conta de pesadelos!*

*Sério? Que bizarro.*

— E o que aconteceu com você? — perguntou ela. — O que aconteceu com seus monstros?

— Ah, eles levaram o meu irmão e me deixaram em paz. Todo ano tenho que sacrificar um bode para eles na Festa de São Miguel, mas é um preço baixo a se pagar por uma boa noite de sono.

Eliza riu.

— Onde você arranja os bodes? — perguntou ela, entrando na brincadeira.

— Numa fazendinha de Maryland. Bodes para sacrifício de qualidade garantida. Cordeiros também, se preferir.

— Quem não prefere? Mas por que logo na Festa de São Miguel?

— Sei lá. Foi a primeira coisa que me veio à cabeça.

E Eliza se sentiu grata por um momento, porque Gabriel não tinha perguntado mais nada, e porque o sorvete, o chá e até a irritação que sentira com o falatório professoral dele haviam ajudado a amenizar o pós-pesadelo. Ela estava até rindo, o que não era pouca coisa.

Então seu celular vibrou sobre a mesa.

Quem estaria ligando às quatro da manhã? Ela pegou o telefone...

... e, quando viu o número na tela, deixou-o cair. Ou talvez o tenha *jogado longe*. O aparelho acertou um armário, fazendo um *crac*, para então cair no chão. Por um segundo ela teve a esperança de tê-lo quebrado. O telefone ficou lá caído, mudo. Morto. Até que: *bzzzzzzzzz*. Bem vivo.

Algum dia já tinha lamentado não ter quebrado o celular?

Era o número. Apenas dígitos. Sem nome. E sem nome porque Eliza não havia registrado *aquele* número na agenda telefônica. Nem sabia que se lembrava do número, só soube ao vê-lo, e era como se ele tivesse estado lá o tempo todo, em todos os momentos de sua vida desde que... desde que escapara. Estava tudo ali, tudo bem ali. O soco no estômago foi imediato e visceral, não diminuíra nem um pouco com a passagem dos anos.

— Tudo bem com você? — perguntou Gabriel, abaixando-se para pegar o celular.

Ela quase disse *Não toque nisso!*, mas sabia que estava sendo irracional, então se controlou a tempo. Só não pegou o aparelho quando Gabriel o estendeu para ela, então ele teve que deixá-lo na mesa, ainda vibrando.

Eliza encarava o telefone. Como a tinham encontrado? Como? Ela havia mudado de nome. *Desaparecido*. Será que o tempo todos eles sabiam onde ela estava, será que tinham passado aquele tempo todo a seguindo? A ideia a apavorou. Pensar que os anos de liberdade tinham sido uma ilusão...

O telefone parou de vibrar. A ligação caiu na caixa postal. Eliza voltou a sentir as batidas do coração como tiros de canhão: explosão após explosão, fazendo seu corpo todo tremer. Quem seria? Sua irmã? Um de seus “tios”?

Sua mãe?

Quem quer que fosse, ela só teve um instante para se perguntar se eles deixariam uma mensagem — e, caso deixassem, se teria coragem de ouvir —, porque o telefone vibrou de novo. Não um recado de voz. Uma mensagem de texto.

Dizia: *Ligue a TV.*

*Ligue a...?*

Eliza ergueu o olhar, profundamente abalada. *Por quê?* O que queriam que ela visse na TV? Ela nem tinha televisão. Gabriel a observava atentamente, e os olhos dos dois se encontraram bem no instante em que ouviram o primeiro grito. Ela só faltou ter um ataque cardíaco, levantando-se de um pulo. Lá fora soou um grito longo e ininteligível. Ou tinha vindo ali de dentro? Um grito bem alto. De dentro do prédio. Ei, agora era outra pessoa. Mas o que é que estava acontecendo?!? Aquilo eram gritos de... espanto? Alegria? Pavor? E então o telefone de Gabriel também começou a vibrar, e no de Eliza não paravam de chegar mensagens — *bzzz bzzz bzzz bzzz bzzz*. De amigos dessa vez, inclusive de Taj, que morava em Londres, e Catherine, que estava fazendo trabalho de campo na África do Sul. As palavras variavam, mas todas eram versões da mesma perturbadora ordem: *Ligue a TV.*

*Está vendo isso?*

*Acorde. TV. Agora.*

Até chegar a última. A que fez Eliza querer se enroscar em posição fetal e deixar de existir.

*Volte*, dizia. *Nós perdoamos você.*

# 2

## A Chegada

Era uma sexta-feira quando eles apareceram, em plena luz do dia, no céu do Uzbequistão. Foram vistos pela primeira vez na velha cidade da Rota da Seda, Samarcanda, para a qual uma equipe de reportagem correu a fim de transmitir imagens dos... Visitantes.

Dos *anjos.*

Em formação impecável, era fácil contá-los. Vinte blocos de cinquenta: mil. *Mil* anjos. Eles seguiam na direção oeste, voando tão baixo que, das estradas e dos telhados das casas, dava para ver a seda branca ondulante de seus estandartes e ouvir a vibração das harpas.

*Harpas.*

O vídeo se espalhou. Pelo mundo todo, programas de rádio e televisão não passavam outra coisa; âncoras corriam para a frente das câmeras, ofegantes e sem roteiro a seguir. Arrebatamento, pavor. Olhos arregalados, vozes agudas e irreconhecíveis. Por toda parte, telefones começaram a tocar, mas de repente pararam, em um grande silêncio global, por conta da sobrecarga nas torres de telefonia celular. A parte adormecida do planeta foi acordada. As conexões de internet começaram a vacilar. Pessoas procuravam umas às outras. As ruas ficaram cheias. Vozes se uniam e rivalizavam, cresciam e cresciam mais. Houve brigas. Cantorias. Tumulto.

Mortes.

Houve nascimentos também. Os bebês que nasceram durante a Chegada foram batizados de “querubins” por um comentarista de rádio, o mesmo que espalhou o boato de que todos tinham marcas de nascença na forma de pena em alguma parte de seus corpinhos minúsculos. Não era verdade, mas as crianças ficaram sob atenta observação, todos em busca de algum sinal de beatitude ou poderes mágicos.

Nesse dia da história — 9 de agosto —, o tempo foi dividido bruscamente em “antes” e “depois”, e cada um jamais esqueceria onde estava quando “aquilo” começou.

* * *

Kazimir Andrasko — ator, fantasma, vampiro e panaca — dormiu durante toda a comoção, mas depois diria que apagou enquanto lia Nietzsche (no instante que ele mais tarde determinou como o momento exato da Chegada) e teve uma visão do fim do mundo. Era o começo de uma grandiosa porém fajuta trama que logo chegaria a um fim decepcionante quando Kazimir percebesse como daria trabalho começar um culto.

* * *

Zuzana Nováková e Mikolas Vavra estavam em Ait-Ben-Haddou, a mais famosa casbá do Marrocos. Mik tinha acabado de concluir uma negociação por um anel de prata antigo — *talvez* antigo, *talvez* de prata, definitivamente um anel — quando o repentino tumulto desabou sobre eles. Então enfiou o anel bem no fundo do bolso, onde ficaria por um tempo, em segredo.

Entraram em um modesto restaurante local, para assistir, apertados atrás dos nativos, à cobertura do acontecimento, em árabe. Embora não entendessem nem os comentários nem as exclamações ofegantes a sua volta, sabiam o suficiente do contexto para compreender o que viam. Sabiam o que os anjos eram, ou melhor, o que não eram. O que, no entanto, não diminuiu o choque de ver o céu cheio deles.

*Eram tantos!*

Foi ideia de Zuzana “pegar emprestada” a van estacionada em frente a um restaurante para turistas. A trama de realidade cotidiana já tinha sido tão alterada àquela altura que um casual roubo de veículo parecia coerente. Simples: ela sabia que Karou não tinha acesso às notícias do mundo, então Zuzana precisava avisá-la. Teria roubado até um helicóptero se fosse preciso.

* * *

Esther Van de Vloet, uma revendedora de diamantes aposentada, antiga colaboradora de Brimstone e ocasional avó substituta da protegida humana dele, passeava com seus mastins perto de casa, na Antuérpia, quando os sinos da Igreja de Nossa Senhora começaram a soar sem aparente motivo. Não estava na hora de tocarem, e, mesmo que estivesse, o tinir dissonante parecia exaltado, quase histérico. Esther, que de exaltada e histérica não tinha nada, vinha esperando que algo acontecesse desde que uma marca preta de mão havia incendiado um portal em Bruxelas, fazendo-o consumir-se em chamas até desaparecer. Concluindo que *aquilo* era o *algo* que vinha esperando, seguiu a passos rápidos para casa, acompanhada dos

dois lados por seus cães imensos como leões.

* * *

Eliza Jones assistiu aos primeiros minutos da transmissão ao vivo pelo laptop de Gabriel, mas quando a internet caiu os dois se arrumaram depressa, entraram no carro dele e foram para o museu. Embora fosse cedo, não foram os primeiros a chegar, e mais colegas continuaram aparecendo, reunindo-se em volta da TV no laboratório do subsolo.

Com uma incredulidade revestida de surpresa e atordoamento, viam como uma afronta à razão o fato de um evento como aquele se atrever a se desdobrar pelo céu do mundo real. Era uma encenação, óbvio que era. Se de fato existissem anjos — uma ideia ridícula —, não seriam um pouco menos parecidos com as figuras que vemos nos livros de catecismo?

Era perfeito demais. Só podia ser encenado.

— Essa história de harpas, sinceramente — disse um paleobiólogo. — Meio demais.

Mas essa certeza exterior era minada por uma tensão real, porque ninguém ali era burro, e havia falhas evidentes na teoria da encenação, falhas que se tornavam ainda mais gritantes à medida que os helicópteros dos noticiários ousavam se aproximar da aglomeração voadora e a transmissão ficava mais nítida e menos duvidosa.

Ninguém queria admitir, mas parecia... real.

As asas, para começar. Tinham facilmente uns quatro metros de envergadura, cada pena uma língua de fogo. O suave subir e descer das criaturas, a graça inexprimível e a força na forma como voavam — tudo isso estava além de qualquer tecnologia compreensível.

— Talvez a transmissão seja uma farsa — sugeriu Gabriel. — Pode ser tudo computação gráfica. *Guerra dos Mundos* versão século XXI.

Houve alguns murmúrios, embora aparentemente ninguém tenha engolido a hipótese.

Eliza não dizia nada, apenas assistia. Seu medo era de uma natureza diferente do deles, e era... bem maior. Como não podia deixar de ser, afinal, só vinha crescendo a sua vida inteira.

Anjos.

*Anjos.* Depois do incidente na ponte Carlos, alguns meses antes, ela conseguira manter pelo menos uma muleta de ceticismo, suficiente apenas para impedi-la de cair. O incidente de então podia ter sido falso: três anjos que haviam aparecido e desaparecido de repente, sem deixar provas de sua existência. Hoje, a sensação era a de que desde aquela época o mundo estava prendendo a respiração, esperando uma exibição que não deixasse a menor sombra de dúvida. E ela também estava esperando. E agora acontecera.

Ela pensou no celular, esquecido em casa de propósito, perguntando-se que novas mensagens a pequena tela guardava. Pensou no poder extraordinariamente sombrio do qual escapara à noite, no sonho. Sentiu o estômago se contrair quando, sob seus pés, detectou o instável vacilar das tábuas que estendera sobre a areia movediça daquela outra vida. Ela realmente tinha achado que conseguiria escapar? Estava ali, sempre estivera, e a vida que construíra por cima lhe parecia tão firme quanto barracos de madeira erguidos na encosta de um vulcão.

*três horas após a Chegada*

# 3

## Técnicas de sobrevivência

— Anjos! Anjos! Anjos!

Foi o que Zuzana gritou, saltando para o chão, enquanto a van derrapava e guinava até parar na encosta de areia. O "castelo de monstros" assomava diante dela: aquele lugar no deserto do Marrocos onde um exército rebelde de outro mundo se escondia para ressuscitar seus mortos. Uma fortaleza de barro com serpentes e fedores, enormes soldados-fera, um poço de corpos. Aquela ruína de onde ela e Mik tinham escapado na calada da noite. Invisíveis. Por insistência de Karou.

Por uma desesperada e persuasiva insistência de Karou.

Porque... a vida deles estava em perigo.

E agora ali estavam eles de volta, buzinando e gritando? Não era exatamente um exemplo de instinto de sobrevivência.

Karou apareceu voando por cima do muro da casbá, daquele seu jeito sem asas, graciosa como uma bailarina em gravidade zero. Zuzana não esperou, correu desesperada colina acima enquanto a amiga descia a seu encontro.

— Anjos. — Zuzana arfava, mal conseguindo se conter com a notícia. — Minha nossa, Karou. No céu. Centenas. *Centenas.* O mundo. Tá. *Surtando.*

As palavras saíram sem controle, mas, enquanto se ouvia falar, Zuzana olhou de verdade para a amiga. Olhou e a viu, e começou a ficar zonza.

*Mas o que é que...?*

O ruído da porta da van, passos apressados, e de repente Mik estava a seu lado, vendo Karou também. Ele não disse nada. Ninguém dizia nada. O silêncio parecia um balão de fala vazio: ocupava espaço, mas não havia palavras para preenchê-lo.

Karou... Metade do rosto dela estava roxo e inchado, esfolado e arranhado. Seu lábio estava cortado, intumescido, o lóbulo da orelha dilacerado, costurado. Quanto ao restante dela, não tinha como saber. A túnica cobria por completo seus braços, e Karou segurava as pontas das mangas com as mãos fechadas, de uma maneira estranhamente infantil. Abraçava o próprio corpo, de leve.

Tinha sido atacada, torturada. Isso estava claro. E só podia haver um culpado.

O Lobo Branco. *Aquele desgraçado.* A fúria inflamou Zuzana.

Então ela o viu. Descendo altivamente a colina em direção a eles, uma das muitas quimeras em alerta por conta de sua chegada intempestiva. Zuzana sentiu o corpo se retesar de raiva. Fez menção de avançar, pronta para se colocar entre Thiago e Karou, mas Mik a pegou pelo braço.

— O que está fazendo? — sussurrou ele, puxando-a de volta. — Ficou maluca? Você não tem um ferrão de escorpião como um *neek-neek* de verdade.

*Neek-neek*: seu apelido quimera, cortesia do soldado Virko. Uma espécie agressiva de escorpião-musaranho em Eretz. E, por mais que Zuzana detestasse admitir, Mik tinha razão. Ela era mais musaranho do que escorpião, semi*neek* no máximo, nem de longe tão perigosa quanto gostaria.

*Mas vou fazer alguma coisa*, decidiu ela naquele exato momento. *Quer dizer. Assim que a gente conseguir não morrer aqui.* Porque... *meu Deus*. Eram muitas quimeras, agora que ela via todas juntas ali, descendo a colina a passos rápidos. Sua coragem *neek-neek* se encolheu dentro do peito. Zuzana ficou feliz por ter o braço de Mik em volta de si (não que tivesse alguma ilusão de que seu doce virtuose do violino pudesse protegê-la melhor que ela mesma).

— Estou começando a questionar nossas escolhas em termos de técnicas de sobrevivência — sussurrou ela.

— Pois é. Por que não somos samurais?

— Vamos ser samurais.

— Tudo bem — disse Karou.

O Lobo se aproximou também, acompanhado de perto por seu séquito de capitães. O olhar de Zuzana encontrou o dele, e ela tentou parecer desafiadora. Viu marcas de arranhões no rosto dele, o que só inflamou sua fúria novamente. Aquilo era uma prova, se é que havia alguma dúvida, de quem agredira Karou.

Espere aí. Karou tinha acabado de dizer "Tudo bem"?

*Como podia estar tudo bem?*

Mas Zuzana não teve muito tempo para refletir sobre isso. Estava ocupada demais ficando pasma. Porque atrás de Karou, tomando forma no céu e preenchendo-o com todo o esplendor de que ela se lembrava, estava...

Akiva?

Cara, o que *ele* estava fazendo ali?

E outro serafim surgiu atrás de Akiva. A garota que tinha ficado com uma cara muito furiosa na ponte de Praga. Ela parecia bem furiosa agora também, de uma maneira focada, como se dissesse "chegue só um pouco mais perto e mato você". Com a

mão no cabo da espada, tinha o olhar fixo na aglomeração crescente de quimeras.

Já Akiva só olhava para Karou, que... não parecia surpresa em vê-lo.

Nenhum deles parecia. Zuzana tentava entender a cena. Por que não estavam atacando uns aos outros? Não era *isso* o que as quimeras e os serafins faziam? Ainda mais *aquelas* quimeras e *aqueles* serafins...

Sério, o que é que tinha acontecido no castelo de monstros enquanto ela e Mik estavam fora?

Todos os soldados quimeras estavam ali agora. Embora não houvesse surpresa, havia hostilidade. Os olhos fixos e sem piscar, a maldade em alguns daqueles olhares bestiais. Zuzana tinha rido com aqueles mesmos soldados, sentada no chão com eles; tinha feito marionetes de ossos de galinha dançar para diverti-los, tinha brincado de fazer provocações e ouvido provocações em troca. Tinha gostado deles. Quer dizer, de alguns deles. Naquele momento, porém, todos, sem exceção, pareciam assustadores e prestes a mutilar os anjos, membro a membro. Seus olhos toda hora voltavam para Thiago, à espera da ordem de matar que certamente viria.

Mas não veio.

Zuzana enfim percebeu que estava prendendo a respiração, então soltou o ar. Seu corpo foi relaxando aos poucos. Avistando Issa na multidão, lançou à mulher-serpente um olhar com a sobrancelha erguida que perguntava muito claramente: *O que diabo está acontecendo?* O olhar-resposta de Issa já não foi tão claro. Por trás de um breve sorriso de não tranquilizadora tranquilização, ela parecia tensa e em extremo alerta.

*O que está acontecendo?*

Karou disse algo para Akiva com uma voz suave e triste — em quimera, é claro; droga. *O que ela disse?* Akiva respondeu, também em quimera, mas suas palavras seguintes foram dirigidas ao Lobo Branco.

Talvez fosse porque ela não entendia a língua quimera e por isso procurava pistas no rosto deles, ou talvez porque já os vira juntos antes e sabia o efeito que um tinha sobre o outro, mas o que Zuzana percebeu foi isto: de algum modo, mesmo em meio à multidão de soldados-fera e com Thiago no comando, aquele instante pertencia a Karou e Akiva.

Os dois estavam impassíveis, o rosto firme como pedra, a uns três metros de distância um do outro, agora sem nem trocar um olhar. Mas Zuzana teve a impressão de que eram dois ímãs fingindo não serem ímãs.

O que, você sabe, em algum momento se revela insustentável.

# 4

## Um começo

Dois mundos, duas vidas. Não mais.

Karou tinha feito sua escolha. “Eu sou uma quimera”, dissera a Akiva. Nem parecia que apenas algumas horas antes ele tinha “fugido” da casbá com a irmã e voado até o portal de Samarcanda para queimá-lo. Deveriam ter voltado e queimado aquele dali também, deixando a Terra e Eretz incomunicáveis para sempre. Ele havia mesmo se perguntado qual mundo ela escolheria? Como se ela tivesse escolha. “Minha vida é lá”, dissera ela.

Mas não era. Cercada por criaturas a quem dera um corpo mas que, com poucas exceções, a desprezavam, chamando-a de amante de anjo, Karou sabia que não era vida o que lhe esperava em Eretz, mas dever e sofrimento, cansaço e fome. Medo. Solidão. Morte, provavelmente.

Dor, com certeza.

E agora?

— Podemos combatê-los juntos — disse Akiva. — Eu também tenho um exército.

Karou estava imóvel, mal respirava. Ele chegara tarde demais. Um exército serafim já havia atravessado o portal — o implacável Domínio de Jael, a legião de elite do império —, portanto aquela era a oferta inimaginável que Akiva fazia agora ao inimigo, para o espanto de todos, inclusive de sua irmã. *Combatê-los juntos?* Karou viu Liraz lançar um olhar incrédulo para ele. Uma reação que combinava bem com a de Karou, porque uma coisa era certa: se a oferta de Akiva era inimaginável, a anuência de Thiago era inconcebível.

O Lobo Branco preferiria morrer mil vezes a fazer qualquer acordo com os anjos. Preferiria destruir todo o mundo a sua volta, ver o fim de tudo. *Causar* o fim de tudo. Mas jamais consideraria uma oferta como aquela.

Por isso, Karou ficou tão espantada quanto os outros — embora fosse por uma razão diferente — quando Thiago... *assentiu.*

Um sibilar de surpresa veio de Nisk ou Lisseth, seus capitães Naja. Fora algumas pedras que correram colina abaixo após o chicotear de uma cauda, aquele foi o único som emitido pelos soldados. O sangue pulsava nos ouvidos de Karou. *O que ele estava fazendo?* Sua esperança era de que ele soubesse, porque ela não fazia ideia.

Karou olhou de relance para Akiva. Nem um traço do pesar e do desgosto, do horror ou do amor que ela vira em seu rosto no dia anterior; ele havia vestido sua máscara, e ela também. Todo o conflito em que Karou se encontrava tinha que permanecer escondido; e havia muito o que esconder.

Akiva tinha voltado. *Será que ninguém consegue ficar longe desta maldita casbá?* Era um ato corajoso; ele sempre fora corajoso, e também imprudente. Mas não estava só arriscando a si mesmo; estava arriscando tudo que ela vinha tentando fazer. Com isso, a posição em que ele colocava o Lobo era a seguinte: teria que pensar em outra desculpa plausível para não matá-lo?

E ela não podia esquecer a própria posição. Talvez fosse isso o que mais a perturbava.

Ali estava Akiva, o inimigo por quem se apaixonara duas vezes, em duas vidas diferentes, com uma força que parecia um desígnio do universo e que talvez até fosse, mas não importava. Ela estava do lado de Thiago. Aquele era o lugar em que se colocara, pelo bem de seu povo: do lado de Thiago.

Além do mais — *embora Akiva desconhecesse essa parte* —, aquele era o Thiago que ela fizera para si mesma: do lado dele, sim, ela suportava ficar. O Lobo Branco... já não era mais ele mesmo. Ela selara uma alma melhor naquele corpo que desprezava — *ah, Ziri* —, e rezava para todos os deuses existentes na infinita gama de divindades dos dois mundos para que ninguém descobrisse. Era um segredo lancinante, e Karou sentia a cada segundo como se tivesse uma granada nas mãos. Os batimentos de seu coração entravam e saíam de compasso. Suas mãos estavam frias e úmidas.

A farsa era imensa, assim como era frágil, e, sem dúvida, pesava mais sobre Ziri executá-la. Enganar todos aqueles soldados? A maioria deles servia ao Lobo fazia décadas; alguns, até séculos, ao longo de múltiplas encarnações. Conheciam cada gesto e cada inflexão dele. Ziri tinha que *ser* o Lobo, no modo de se portar, na cadência e na brutalidade fria e contida — *ser* ele, mas, paradoxalmente, uma versão *melhorada* dele, capaz de guiar seu povo em direção à sobrevivência, não a uma vingança estéril.

Isso só podia acontecer aos poucos. O Lobo Branco não iria simplesmente acordar um dia, bocejar, se espreguiçar e decidir se aliar a seus inimigos mortais.

Mas era exatamente aquilo o que Ziri estava fazendo.

— Jael deve ser detido — declarou ele, como quem enuncia um fato evidente. — Se ele conseguir arrebanhar armas e apoio entre os humanos, não restará esperança para nenhum de nós. Pelo menos nisso estamos de acordo. — Ele manteve a voz baixa, demonstrando autoridade absoluta e nem um pingo de preocupação com as possíveis reações a sua decisão. Era dessa forma que o Lobo agia, e a personificação de Ziri estava impecável. — Quantos eles são?

— Mil — respondeu Akiva. — Neste mundo. Do outro lado do portal deve haver uma forte presença de tropas, sem dúvida.

— Deste portal? — perguntou Thiago, apontando a cabeça bruscamente na direção das montanhas Atlas.

— Eles entraram pelo outro — disse Akiva. — Mas este aqui também pode estar comprometido. Eles têm meios para encontrá-lo.

Ele não olhou para Karou ao dizer isso, mas ela sentiu o rosto arder de culpa. Era por sua culpa que aquela abominação do Razgut estava livre, e ele poderia muito bem ter mostrado ao Domínio aquele portal, assim como mostrara a ela. Agora as quimeras corriam o risco de ficar presas ali, impedidas de concretizar sua retirada para o próprio mundo, enquanto os inimigos serafins fechavam o cerco pelos dois lados. Aquele porto seguro para o qual ela os levara ameaçava se tornar o túmulo deles.

Thiago reagiu com calma.

— Bem, vamos descobrir.

Ele olhou para seus soldados, que o olharam também, desconfiados, avaliando cada movimento. *O que ele está tramando?*, deviam estar se perguntando, porque simplesmente não podia ser o que parecia. Logo ordenaria que os anjos fossem mortos. Aquilo era tudo parte de alguma estratégia. Com certeza.

— Oora e Sarsagon: escolham os mais rápidos e os mais furtivos para compor equipes. Preciso saber se há soldados do Domínio em nossos calcanhares. Se houver, impeça-os de avançar. Protejam o portal. Nenhum anjo o cruzará com vida. — Um sorriso lupino, exalando prazer diante da ideia de anjos mortos, e então Karou viu diminuir um pouco a desconfiança no rosto dos soldados. Ao contrário do que tinham visto até ali, aquilo fazia sentido para eles: o Lobo saboreando a ideia de ver sangue serafim derramado. — Mandem um mensageiro quando tiverem certeza. Vão.

Oora e Sarsagon obedeceram. Atravessaram o grupo escolhendo suas equipes com gestos rápidos e decididos. Bast, Keita-Eiri, os grifos Vazra e Ashtra, Lilivett, Helget, Emylion.

— Todos os demais, de volta ao pátio. Estejam prontos para partir se as notícias que eles trouxerem forem favoráveis. — Uma pausa. — E prontos para lutar se não for.

Mais uma vez ele conseguiu, apenas sugerindo um sorriso, mostrar que preferia a opção mais sangrenta.

Ele se saíra bem, o que fez uma pequena dose de esperança aplacar um pouco da ansiedade de Karou. A encenação fora perfeita; as ordens, dadas e seguidas. A reação foi imediata, sem hesitações. O grupo se virou e subiu a colina. Se Ziri conseguisse manter aquela conduta incontestável de autoridade, mesmo a mais resistente das tropas faria de tudo para agradá-lo.

Só que, bem, nem todos tinham sido convencidos ainda. Havia Issa, que descia a colina em porte desafiador, indo contra a corrente de soldados, e havia também a questão dos capitães de Thiago. Com exceção de Sarsagon, que recebera uma ordem direta, o séquito do Lobo continuava reunido à volta dele. Ten, Nisk, Lisseth, Rark e Virko. As mesmas quimeras que haviam conspirado para deixar Karou sozinha no poço com o Lobo — com exceção de Ten, que cometera o erro de enfrentar Issa e agora era tão Ten quanto Thiago era Thiago. Karou os odiava; não tinha dúvidas de que eles a teriam segurado se o Lobo tivesse pedido. Para sua sorte, ele não tinha achado necessário.

A permanência deles ali era ameaçadora. Não tinham seguido as ordens de Thiago por acharem que não precisavam. Esperavam receber outras ordens. E, pela maneira como encaravam Akiva e Liraz, não restava dúvida do que imaginavam que seriam essas tais ordens.

— Karou — sussurrou Zuzana junto ao ombro da amiga —, o que está acontecendo?

O que é que *não* estava acontecendo? Todas as colisões que Karou pensou que conseguira evitar nos últimos dias tinham voltado como um bumerangue e se chocado umas contra as outras bem ali.

— Tudo — disse ela, entre dentes. — Está acontecendo tudo.

Os monstruosos Nisk e Lisseth, com as mãos já um pouco erguidas, prontos para apontar seus hamsás na direção de Akiva e Liraz, enfraquecendo-os, para então avançar e matá-los — ou ao menos *tentar*; Akiva e Liraz, inabaláveis diante da cena, com Ziri no meio; o pobre e doce Ziri, vestindo a pele de Thiago e tentando vestir também sua brutalidade... mas apenas como uma máscara, não no coração. Aquele era o seu desafio agora. Na verdade, mais que um desafio: era sua *vida*, e tudo dependia daquilo. A rebelião, o futuro (se é que *haveria* um futuro) para todas as quimeras ainda vivas e todas as almas enterradas na catedral de Brimstone. Aquela farsa era a única esperança que lhes restava.

Os dez segundos seguintes foram densos como ferro.

Issa os alcançou no instante em que Lisseth se manifestou:

— E quais são as ordens para *nós*, senhor?

Issa abraçou Mik e Zuzana, enquanto lançava a Karou um olhar carregado de deleite. Parecia empolgada, notou Karou. Parecia *satisfeita*, o tipo de satisfação de quem finalmente tem sua controvertida tese comprovada.

— Já dei minhas ordens — respondeu Thiago, com frieza. — Ou não fui claro o suficiente?

Satisfeita com o *quê*? Sua mente voltou na mesma hora à noite anterior. Depois que Karou dispensara Akiva com uma tranquilidade e uma firmeza que ela definitivamente não sentia e o mandara embora pelo que achava que seria a última vez, Issa lhe dissera: “Seu coração não está enganado. Você não precisa se envergonhar.”

De amar Akiva, era isso. E qual tinha sido a resposta de Karou? “Não importa.” Ela tentara acreditar nisso: que seu coração não importava, que ela e Akiva não importavam, que havia mundos em perigo e era *isso* o que importava.
— O senhor não pode estar dizendo — insistiu Nisk, um Naja, assim como Lisseth — que vamos deixar esses anjos vivos...
*Deixar esses anjos vivos.* Era terrível que aquilo pudesse mesmo estar em questão: a vida de Akiva e a de Liraz. Eles tinham voltado para alertá-los. O verdadeiro Thiago não hesitaria em estripá-los em retribuição. Akiva não sabia que aquele não era o verdadeiro Thiago, mas tinha voltado mesmo assim. Por ela.
Karou olhou para ele, encontrou seus olhos já à espera dos dela. A pontada de clareza na expressão de Karou foi a dissolução final da mentira.
Importava, sim. *Eles* importavam, e o que quer que os houvesse impedido de se matar na praia de Bullfinch tantos anos antes... importava.
Thiago não respondeu à pergunta de Nisk. Quer dizer, não com palavras: seu olhar ceifou quaisquer palavras que os outros soldados ainda poderiam ter a dizer. O Lobo sempre tivera esse poder; e o uso que Ziri fazia disso era impressionante.
— Para o pátio — disse ele, com uma leve entonação de ameaça. — Menos Ten. Vocês saberão das minhas... expectativas quando eu acabar aqui. Vão.
Eles obedeceram. Karou até teria gostado de ver a cara de vergonha deles ao irem embora, mas o Lobo voltou seu olhar para Issa e depois para ela.
— Vocês também.
Coerente. O Lobo nunca confiara em Karou, só a manipulara e mentira para ela; em uma situação como aquela, ele a teria dispensado junto com os outros. E, assim como Ziri tinha seu papel a cumprir, Karou tinha o dela. Em segredo, podia ser a força norteadora daquele novo propósito, ungido por Brimstone com a benção do Comandante, mas, aos olhos do exército quimera, ela ainda era (pelo menos por enquanto) a garota que tinha voltado do poço ensopada de sangue.
A boneca quebrada de Thiago.
Eles só podiam partir do ponto que tinham a sua disposição, ou seja, o poço — pedras, sangue, morte e mentiras —, e naquele momento ela não tinha escolha a não ser sustentar a farsa. Então assentiu obedientemente para o Lobo, sentindo o estômago queimar ao ver os olhos de Akiva ficarem nublados. Ao lado dele, Liraz a encarava de maneira ainda pior. Com desprezo.
Isso era um pouco difícil de aceitar.
*O Lobo morreu!*, ela queria gritar. *Eu o matei. Não me olhe desse jeito!* Mas, é claro, não podia fazer isso. Naquele momento, tinha que ser tão forte a ponto de conseguir se passar por fraca.
— Vamos — disse Karou, incitando Issa, Zuzana e Mik a seguirem com ela.
Mas Akiva não a deixaria ir tão facilmente.
— Espere — disse ele em seráfico, que ninguém além de Karou entendia. — Não foi para falar com ele que eu vim. Se pudesse, teria falado com você a sós, para lhe dar a chance de escolha. Quero saber o que *você* quer.
*O que eu* quero? Karou conteve um impulso de histeria que ameaçava se transformar em risada. Como se aquela vida guardasse o mínimo de semelhança com a que ela queria! Mas, dadas as circunstâncias, seria mesmo aquilo o que queria? Mal tinha parado para refletir sobre o que significaria aceitar aquela proposta. Uma aliança. Os rebeldes quimeras se *aliando* aos irmãos bastardos de Akiva para enfrentarem juntos o império?
Em suma, era loucura.
— Mesmo unidos, ainda estaríamos em imensa desvantagem — disse ela.
— Uma aliança é mais do que o número de espadas — retrucou Akiva. E sua voz soou como a sombra de uma outra vida quando ele acrescentou, suavemente: — Alguns, e depois mais.
Karou o encarou por um segundo irrefletido, mas então se lembrou e forçou-se a baixar o olhar. *Alguns, e depois mais.* Era o que ele tinha dito quando se perguntaram se outros poderiam se juntar ao sonho de paz que nutriam. “Isto é o começo”, dissera Akiva segundos antes, com a mão no coração, antes de se virar para Thiago. Ninguém mais sabia o que aquilo significava, ninguém a não ser Karou. Ela sentiu o calor do sonho se agitar no peito.
*Nós somos o começo.*
Ela lhe dissera essas palavras muito tempo antes; e ele as repetia agora. Era este o significado de sua oferta de aliança: passado, futuro, penitência, renascimento. Esperança.
Tudo.
E Karou não podia demonstrar que compreendia, que sentia o mesmo. Não ali. Nisk e Lisseth tinham parado no meio da subida para espiá-los: Karou, a *amante de anjo*, e Akiva, o anjo em questão, falando baixinho em seráfico enquanto Thiago apenas assistia, sem fazer nada? Aquilo estava muito errado. O Lobo que eles conheciam teria sangue nas presas àquela altura.
Cada instante era um teste para a farsa; cada sílaba proferida tornava o autocontrole do Lobo menos crível. Então Karou baixou os olhos para a terra seca e pedregosa e deu de ombros, como a boneca quebrada que deveria ser.
— A decisão é de Thiago — disse ela em quimera, e tentou interpretar seu papel.
Tentou.

Mas não podia deixar as coisas por isso mesmo. Depois de tudo, Akiva ainda perseguia o fantasma da esperança. Ele tentava conjurar, a partir de sangue e cinzas — mais do que eles jamais imaginariam em seus dias de amor —, a esperança, trazê-la de volta à vida. Que outro caminho havia? Aquilo era o que ela queria, afinal.

Precisava dar algum sinal a Akiva.

Issa a segurava pelo cotovelo. Karou se inclinou para mais junto dela, virando-se de forma que o corpo da mulher-serpente bloqueasse a visão das quimeras que os observavam, e então, em um gesto tão rápido que teve medo de Akiva nem notar, ergueu a mão e tocou o peito na altura do coração.

Seu coração batia forte e rápido enquanto ela se distanciava. *Nós somos o começo*, pensou, e foi inundada pela lembrança da sensação de fé. Uma lembrança que vinha de Madrigal, seu eu mais profundo, que morrera acreditando que era possível, e era uma lembrança intensa. Ela escondeu o rosto no pescoço de Issa, para que ninguém a visse corar.

A voz de Issa foi tão suave que Karou quase sentiu como se fosse seu próprio pensamento:

— Está vendo, criança? Seu coração não está enganado.

E pela primeira vez em muito, mas muito tempo, Karou sentiu a verdade que havia nisso. Seu coração não estava enganado.

Surgido da traição e do desespero, em meio a feras hostis, anjos invasores e uma farsa que parecia uma explosão iminente, ali estava, de alguma forma, um começo.

# 5

## Joguinho de reconhecimento

Não passou despercebido a Akiva. Ele viu as pontas dos dedos de Karou tocarem o coração enquanto ela se virava para sair, e, naquele instante, sentiu que tudo tinha valido a pena. O risco, a aversão por ter que falar com o Lobo, até mesmo a incredulidade exaltada de Liraz ao seu lado.

— Você está louco — disse ela, baixinho. — *Eu também tenho um exército?* Você não *tem* um exército, Akiva. Você *faz parte* de um. É bem diferente.

— Eu sei.

Não cabia a ele fazer essa oferta. Seus irmãos Ilegítimos esperavam por eles nas cavernas dos Kirin; até aí era verdade. Eles haviam nascido para serem armas; não filhos e filhas, nem mesmo homens e mulheres: apenas armas. Bem, agora eram armas que empunhavam a si mesmas, e, embora tivessem se unido a Akiva para se opor ao império, uma aliança com seus inimigos mortais não fazia parte do acordo.

— Vou convencê-los — disse Akiva, e, em meio à euforia de *Karou levou a mão ao coração*, ele acreditou.

— Pode começar por mim — sussurrou ferozmente a irmã. — Viemos aqui para alertá-los, não para nos unirmos a eles.

Akiva sabia que, se conseguisse convencer Liraz, os outros estavam garantidos. Ele só não sabia como; e a aproximação do Lobo Branco o impediu de tentar.

Acompanhado pela mulher-lobo, seu braço direito, ele se aproximou, minando a alegria de Akiva. Ocorreu-lhe um flash da primeira vez que ele vira o Lobo. Foi em Bath Kol, durante a Ofensiva das Sombras, quando ele era um mero soldado inexperiente, recém-saído do campo de treinamento. Vira o general quimera lutar, o que forjara seu ódio pelas feras com mais força do que qualquer coisa que crescera ouvindo. Com uma espada em uma das mãos e um machado na outra, Thiago se lançara sobre fileiras de anjos, rasgando gargantas com os dentes como se por instinto. Como se estivesse *com fome*.

A lembrança causou repulsa em Akiva. Tudo em Thiago o enojava, principalmente as marcas que via hoje em seu rosto, certamente feitas por Karou ao se defender. Quando o general parou diante dele, Akiva teve que se controlar para não esmurrá-lo e atirá-lo ao chão. Uma espada no coração, como tinha sido o destino de Joram, e então eles teriam seu recomeço, todos eles, livres dos senhores da morte que vinham jogando os dois povos um contra o outro havia tanto tempo.

Mas isso ele não podia fazer.

Na subida da colina, Karou olhou para trás uma vez apenas, a preocupação estampada em seu lindo rosto — ainda marcado por qualquer que fosse a violência que ela se recusara a contar —, para então seguir adiante, deixando só Thiago e Ten frente a frente com Akiva e Liraz, o sol quente e alto, o céu azul, a terra parda.

— Bem — disse Thiago —, enfim podemos conversar sem plateia.

— Pelo que me lembro, você gosta de uma plateia — disse Akiva.

Suas lembranças da tortura permaneciam completamente vívidas. A violência de Thiago contra Akiva tinha sido um espetáculo: o Lobo Branco, astro de seu show sangrento.

Thiago franziu rapidamente as sobrancelhas, confuso, mas logo vestiu de novo a máscara.

— Vamos deixar o passado para trás, está bem? O presente já nos dá assunto suficiente para conversarmos. Além, é claro, do futuro.

*Você não estará aqui para ver o futuro*, pensou Akiva. Era cruel demais pensar que, se de alguma forma eles conseguissem, se conseguissem concretizar aquele sonho impossível, o Lobo Branco acompanharia toda a jornada e por fim continuaria lá, ainda branco, ainda presunçoso, e seria ainda ele quem estaria à porta de Karou depois de todas as muitas batalhas travadas.

Mas não. Era errado pensar assim. Akiva cerrou e descerrou o maxilar. Karou não era um prêmio a ser conquistado; não era por isso que ele estava ali. Ela era uma mulher, escolheria a própria vida. E ele estava ali para fazer o que pudesse, qualquer coisa, para que um dia ela tivesse a chance de escolher. Quem e o que tal escolha incluiria, isso cabia a ela decidir. Portanto ele apenas trincou os dentes e disse:

— Então vamos falar sobre o presente.

— Você me colocou numa posição difícil, vindo até aqui — disse o Lobo. — Meus soldados estão apenas esperando que eu o mate. Preciso de um motivo para não fazer isso.

Liraz se inflamou.

— Você acha que conseguiria? Pois então tente, Lobo.

Thiago olhou para ela, imperturbável.

— Ainda não fomos apresentados.

— Você sabe quem eu sou, e eu sei quem você é. Isso basta.

A típica aspereza de Liraz.
— Como preferir — disse Thiago.
— Vocês são todos iguais mesmo — intrometeu-se Ten, com uma morosidade petulante.
— Pois bem — retrucou Liraz. — Assim fica mais difícil esse nosso joguinho de reconhecimento.
— E que jogo seria esse? — indagou Ten.
*Não, Lir*, pensou Akiva. Em vão.
— Aquele de tentar descobrir quais serafins já mataram vocês em outros corpos. Tenho certeza de que algumas quimeras se lembram de *mim*.
Ao dizer isso, ela ergueu as mãos, mostrando as marcas de contagem de mortos. Akiva fechou por cima de uma das mãos dela o próprio punho, também marcado pelas tatuagens, para puxar seu braço para baixo.
— Não fique exibindo isso aqui — disse ele.
*Qual o problema dela?* Será que Liraz queria mesmo que aquilo acabasse em um banho de sangue? E, com “isso”, ele se referia àquela tênue e quase impensável suspensão das hostilidades.
Ten soltou um misto de gargalhada e rosnado quando Akiva empurrou a mão da irmã para baixo.
— Não se preocupe, Ruína das Feras. Isso não é exatamente um segredo. Saiba que me lembro de cada anjo que já me matou, e ainda assim aqui estou eu, falando com você. O mesmo não pode ser dito sobre os diversos anjos que matei. Onde estão, agora, todos os serafins mortos? Onde está seu irmão?
Liraz se encolheu de leve, instintivamente. Akiva sentiu aquelas palavras como um soco em uma ferida; o espectro de Hazael mencionado assim, de forma tão casual e tão cruel. Quando o calor se inflamou ao redor, ele soube que não era apenas o estado de espírito da irmã, mas também o seu próprio.
Então ali estava a restauração da ordem natural: hostilidade.
Ou... não.
— Mas não foi uma quimera que matou seu irmão — interrompeu Thiago. — Foi Jael. O que nos traz de volta à questão. — Akiva se sentiu no foco dos pálidos olhos do inimigo. Não havia provocação neles, nenhum rosnado sutil e nada do frio prazer com que o Lobo olhara Akiva na câmara de tortura tantos anos antes. Havia apenas uma estranha intensidade. — Não tenho dúvidas de que somos todos exímios assassinos — continuou, em seu tom melífluo. — Creio que estamos aqui por outro motivo.
A primeira sensação de Akiva foi de vergonha. Ser disciplinado por Thiago em matéria de serenidade? A seguinte foi de raiva.
— Sim. E não era para negociar por nossas vidas. Quer um motivo para não nos matar? Que tal este: vocês têm algum lugar melhor para ir?
— Não. Não temos. — Simples. Honesto. — E é por isso que estou ouvindo. Afinal, isso tudo foi ideia sua.
Sim, foi. Sua louca ideia de oferecer um acordo de paz ao Lobo Branco. Agora que estava cara a cara com ele, e Karou longe, ele via como era absurda. Tinha ficado cego pelo desespero de permanecer ao lado dela, de não perdê-la para a imensidão de Eretz — inimigos para sempre. Então fizera a proposta. Só agora, já tarde, é que percebia como era estranho que o Lobo estivesse levando a ideia em consideração.
Que o Lobo estivesse procurando um motivo para não matá-lo.
Aquela declaração de Thiago soara como agressão, provocação. Mas será que poderia haver sinceridade naquelas palavras? Seria verdade que ele queria a paz, apenas precisava justificá-la para seus soldados?
— Os Ilegítimos se retiraram para um local seguro — disse Akiva. — Aos olhos do império, somos traidores. Sou um parricida e um regicida, e minha culpa mancha a todos nós. — Ele pensou no que dizer a seguir. — Se você fala sério quando alega estar disposto a considerar esta...
— De minha parte, não há nenhum ardil — interrompeu Thiago. — Dou-lhe minha palavra.
— Sua palavra — foi o comentário de Liraz, servido sobre uma camada fria e seca de risada. — Vai ter que fazer melhor que isso, Lobo. Não temos nenhuma razão para confiar em você.
— Eu não chegaria a tanto. Vocês estão vivos, não estão? Não peço que me agradeçam por isso, mas espero que fique perfeitamente claro que não é obra do acaso. Vocês chegaram até nós semimortos. Se eu quisesse terminar o serviço, já o teria feito.
Não havia como negar isso. Era incontestável. De fato, Thiago os deixara viver. Escapar.
Por quê?
Por Karou? Será que ela havia implorado pela vida deles? Ou...
... oferecido algo *em troca*?
Akiva olhou para o alto da colina. Ela estava parada sob o arco de entrada da casbá, observando-os, longe demais para que ele conseguisse interpretar sua expressão. Ele se virou para Thiago: sua expressão ainda parecia desprovida de crueldade, fingimento ou mesmo de seu costumeiro desprezo. A mudança era notável. O que teria causado aquilo?
Uma explicação ocorreu a Akiva, uma explicação que ele odiava. Na câmara de tortura, a fúria de Thiago era a de um rival

— um rival *perdedor*. Por baixo do ódio milenar de suas raças ardera a cólera mais pessoal de um alfa por seu desafiante. A humilhação do que fora preterido. Vingança pelo amor de Madrigal por Akiva.

Mas esse sentimento não estava mais presente, assim como o fator que o provocara: Akiva não era mais seu rival, não era mais uma ameaça. Porque Karou fizera uma escolha diferente dessa vez.

Assim que essa ideia lhe ocorreu, Akiva enxergou a falta de perversidade de Thiago como uma prova concreta disso. O Lobo Branco se sentia tão seguro que não precisava matá-lo. Karou... ah, pelos deuses da luz. Karou.

Se não fosse pela história sangrenta deles, se Akiva não soubesse o que se escondia no fundo do coração de Thiago, pareceria uma união óbvia: o general e a ressurreicionista, senhor e senhora das últimas esperanças das quimeras. Mas ele *sabia* o que se passava no fundo do coração de Thiago — assim como Karou.

Tampouco a violência de Thiago eram águas passadas. O olhar cabisbaixo de Karou, sua incerteza trêmula. Hematomas, cortes. E ainda assim a criatura diante de Akiva naquele instante parecia uma versão melhorada do Lobo Branco: inteligente, poderoso e equilibrado. Um aliado valioso. Ao olhar para ele, Akiva nem sabia o que esperar. Se *aquele* Thiago era real, a aliança tinha alguma chance, e Akiva poderia fazer parte da vida de Karou, ainda que a certa distância. Poderia ao menos vê-la, saber que estava bem. Poderia expiar seus pecados e fazê-la ver isso. Sem falar que talvez conseguissem deter Jael.

Por outro lado, se *aquele* Thiago era real — inteligente, poderoso e equilibrado — e se dispusesse a moldar o destino do povo quimera junto a Karou, que lugar teria Akiva naquele arranjo? E, mais precisamente, ele suportaria lutar lado a lado com eles, assistindo a tudo?

— Tem mais uma coisa — prosseguiu Thiago. — Algo que devo a você. Creio que deva lhe agradecer pelas almas de alguns dos meus.

Akiva estreitou os olhos.

— Não sei do que você está falando.

— Nas Terras Distantes. Você interferiu na tortura de um soldado quimera. Ele escapou, e voltou para nós com as almas de sua equipe.

Ah. O Kirin. Mas como alguém poderia saber que tinha sido Akiva o responsável? Ele tinha tomado todo cuidado para não ser visto. Evocara pássaros, todos os pássaros em um raio de quilômetros. Então apenas balançou a cabeça para Thiago, pronto para negar tudo.

Mas Liraz o surpreendeu ao perguntar:

— Onde ele está? Não o vi junto com os outros.

Ela o tinha procurado? Akiva lhe lançou um olhar de relance. Mas o olhar de Thiago demorou-se sobre ela. Um olhar agudo, atento.

— Ele morreu — respondeu o Lobo após uma pausa.

Morto. O jovem Kirin, o último da tribo de Madrigal. Liraz não comentou nada.

— Lamento ouvir isso — disse Akiva.

O olhar de Thiago voltou para ele.

— Mas, graças a você, a equipe viverá de novo. E, voltando ao assunto que nos interessa aqui, o torturador dele não foi o mesmo anjo que agora devemos enfrentar?

Akiva assentiu.

— Jael. Capitão do Domínio. Agora imperador. Enquanto estamos aqui parados, ele ganha mais força, e, embora a sua palavra não signifique nada para mim, em uma coisa eu acredito: que você também deseja detê-lo. Então, se acredita que seus soldados conseguem distinguir um anjo de outro o suficiente para combater o Domínio ao lado dos Ilegítimos, venha conosco, e veremos o que acontece.

Liraz acrescentou friamente, dirigindo-se a Ten:

— Nós usamos preto, eles usam branco. Vai que ajuda.

— O gosto é o mesmo — foi a resposta lacônica da mulher-lobo.

— Ten, por favor — advertiu Thiago em tom de reprimenda, e então se virou para Akiva: — Sim, veremos.

Ele assentiu em comprometimento, sustentando o olhar de Akiva. O equilíbrio ainda estava lá, a crueldade ainda ausente, mas mesmo assim Akiva não conseguia deixar de ver Thiago dilacerando gargantas, o que quase o impelia a tomar uma decisão muito ruim.

Soldados espectrais e Ilegítimos juntos. Na melhor das hipóteses, seria horrível. Na pior, devastador.

Mas, apesar de seus temores, era como se houvesse uma intensa claridade acenando para ele: o futuro, cheio de luz, chamando-o em sua direção. Nenhuma promessa, apenas esperança. E não apenas a esperança despertada pelo gesto sutil de Karou — ou pelo menos ele pensava que não. Achava que aquilo era o que deveria fazer, e que não era algo estúpido, mas corajoso.

Só o tempo diria.

# 6

## O ÊXODO DAS FERAS

Karou já havia acompanhado uma transferência daquele pequeno exército de um mundo para o outro, e não fora a melhor das experiências. Na época, com uma preponderância de soldados sem asas e sem ter como transportá-los de Eretz, tiveram que fazer múltiplas viagens, mas mesmo assim Thiago decidira "aliviar" muitos deles, colhendo as almas e levando-as em turíbulos. "Peso morto", era como avaliara os corpos — com a exceção, é claro, do dele e de Ten e de alguns outros de seus capitães, que foram até lá montados em espectros voadores maiores.

Dessa vez, foi com alívio que Karou fez todo mundo formar filas no pátio. Os que ainda tinham corpo de "peso morto" poderiam ser levados pelos outros, de forma que não seria necessário "aliviar" ninguém.

O poço não se alimentaria de mais nenhum corpo.

Ela contemplou a área uma última vez quando levantaram voo, uma espécie de magnetismo atraindo seu olhar. Visto lá de cima, o poço parecia muito pequeno, no final do caminho serpeante que o ligava à casbá. Apenas uma reentrância escura em meio à areia pardacenta, com alguns montes de terra escavada próximos um do outro, e umas pás enfiadas em alguns como estacas. Ela imaginou que ainda conseguia ver marcas de mãos e pés onde Thiago a atacara, até mesmo manchas mais escuras, que deviam ser de sangue. E, no lado oposto dos montes, discernível apenas para ela, outra alteração na terra: a sepultura de Ziri.

Mesmo sendo uma cova rasa, ela tinha ficado com as mãos cheias de bolhas ao escavá-la. Mas jamais jogaria o último corpo Kirin natural no poço, junto com tantas moscas e toda a putrescência. E, no entanto, não se livrou tão facilmente das moscas e da putrescência: teve que se inclinar na beirada daquela escuridão densa e fervilhante, com o cajado de colher de Ziri, para reunir as almas de Amzallag e das Sombras Vivas, assassinadas pelo Lobo e seus companheiros pelo crime de ficarem do lado dela.

Karou bem que gostaria de tê-los ao seu lado de novo, em vez de guardá-los em um turíbulo, mas em um turíbulo teriam que continuar — por enquanto. Por quanto tempo? Não sabia. Até que chegasse uma época que ainda era impossível imaginar: uma época depois que tudo aquilo tivesse passado e, melhor ainda, quando a farsa já não mais importasse.

Se é que esse dia iria mesmo chegar.

*Vai chegar se o fizermos chegar*, disse a si mesma.

Os batedores de Thiago tinham informado que não havia nenhum serafim em um raio de vários quilômetros a partir do portal em Eretz. Era um alívio, mas não a ponto de Karou poder se sentir tranquila. Com Razgut nas mãos de Jael, nada era certo.

Parecia errado ir embora — *fugir* — com tudo o que estava em curso no momento, mas qual seria a alternativa? Contavam com meras oitenta e sete quimeras — oitenta e sete "monstros" aos olhos deste mundo, talvez até "demônios", se Jael conseguisse vender sua farsa de santidade. Eram muito poucos para derrotá-lo ou fazê-lo recuar. Se o atacassem agora, não só iriam perder como ainda acabariam contribuindo para sua causa. Só de olharem para aqueles soldados que Karou fizera, os humanos entregariam até lança-foguetes nas mãos de Jael.

Já com os Ilegítimos de Akiva, pelo menos eles tinham alguma chance.

É claro que a aliança era um vespeiro. Convencer as quimeras. Andar no fio da navalha da farsa para manipular um exército rebelde a agir contra seus instintos mais primitivos. Karou sabia que a cada passo encontrariam resistência de um grande contingente da companhia. Para dar forma ao futuro, eles teriam que vencer a cada passo. E quem eram "eles"? Além dela e de "Thiago", somente Issa e "Ten" (que na verdade era Haxaya, uma soldada menos má, porém tão irascível quanto a verdadeira Ten) sabiam do segredo. Bem, e agora Zuzana e Mik também.

— O que há com você, aí toda amiguinha do Lobo Branco? — perguntara Zuzana, incrédula, assim que deixaram Akiva e Thiago conversando. — O que ele fez? Você está bem?

— Agora estou — dissera Karou.

Embora tivesse sido um alívio corrigir seus amigos quanto à impressão que haviam tido dela "toda amiguinha" do Lobo, não foi nem um pouco divertido contar a verdade sobre Ziri. Os dois choraram, o que foi um estopim que trouxe de volta suas próprias lágrimas, sem dúvida reforçando a imagem de fraqueza que ela tinha aos olhos da companhia.

Até aí, tudo bem, mas, pelos deuses e pela poeira estelar, Akiva já era outra questão. Deixá-lo acreditar que ela estava "toda amiguinha" do Lobo Branco? No entanto, o que mais ela poderia fazer, sendo foco do escrutínio constante de todo o grupo quimera? Alguns olhares pareciam apenas curiosos — *Será que ela ainda o ama?* —, mas outros eram desconfiados, aparentemente ansiosos para condená-la e tramar conspirações a partir de cada olhar furtivo que detectassem. Ela não podia lhes dar munição, então se mantivera afastada de Akiva e Liraz na casbá. Agora, tentava nem olhar na direção deles, que seguiam próximos ao flanco mais distante da formação.

Thiago ia à frente do grupo, montado no soldado Uthem. Uthem era um Vispeng: criatura com aparência de cavalo-dragão, longa e sinuosa. Era o maior e mais impressionante das quimeras; nas suas costas, Thiago assumia o ar majestoso de um príncipe.

Mais perto de Karou, Issa cavalgava o soldado Rua, um Dashnag, enquanto, bem no meio de tudo, incongruentes como dois pardais presos às costas de aves de rapina, estavam Zuzana e Mik.

Zuzana montava Virko, e Mik, Emylion. Ambos tinham os olhos arregalados. Agarrados às tiras de couro, sentiam o corpo forte das quimeras subir e descer com a respiração, ganhando o céu. Os chifres de carneiro de Virko fizeram Karou se lembrar de Brimstone. Ele tinha um corpo felino, mas era imenso: músculos de um gato agachado, como um leão à base de esteroides, e de sua nuca se erguia um colar de espinhos. Zuzana cobrira os espinhos com um cobertor de lã que, segundo ela, fedia a chulé. "Então minhas opções são: sentir cheiro de chulé o caminho todo ou furar os olhos em espinhos de pescoço? Maravilha", reclamou ela.

Virko tombou com força para a esquerda, fazendo-a deslizar toda torta na sela improvisada até ele se virar de novo para o outro lado, trazendo-a de volta à posição original.

— Você está fazendo isso de propósito! — queixou-se Zuzana.

Virko ria, mas Zuzana não. Ela esticou o pescoço na direção de Karou e gritou:

— Preciso de um cavalo novo! Este aqui se acha muito engraçado!

— Vai ter que se virar com ele! — gritou Karou em resposta.

Então voou para perto da amiga, para isso tendo que desviar de dois grifos sobrecarregados. A própria Karou levava uma pesada bolsa de equipamentos e uma longa corrente de turíbulos ligados, contendo dezenas de almas. Seu corpo retinia a cada movimento; ela nunca se sentira tão pouco graciosa.

— Ele se ofereceu para levar você.

Na verdade, se Zuzana não fosse tão leve, talvez não tivesse sido possível levá-los. Virko carregava não só a ela como toda a carga que lhe fora atribuída, e, quanto a Emylion, dois ou três soldados dividiram sua carga sem reclamar só para que ele pudesse levar Mik. Embora o garoto humano não fosse enorme, também não era uma pena como Zuze. Tampouco houvera dúvidas quanto ao violino. Estava claro que os humanos tinham conquistado a afeição sincera do grupo de uma maneira que a própria Karou não conseguira.

Quer dizer, ao menos um deles Karou tinha conquistado. Ziri. Que podia até não ter mais o corpo de Ziri, mas *era* Ziri, e Karou sabia...

Sabia que ele estava apaixonado por ela.

— Por que você não tem um pégaso nesse seu exército? — perguntou Zuzana, a cor sumindo de seu rosto enquanto ela encarava o chão cada vez mais distante. — Um cavalo voador bonito e dócil para cavalgar, com uma crina macia como uma nuvem em vez de espinhos?

— Claro, porque não tem nada que assuste mais o inimigo do que um pégaso — comentou Mik.

— Ei, a vida não se resume a assustar os inimigos — retrucou Zuzana. — Existem outras coisas, como não mergulhar trinta metros até a morte e... A*aah!* — gritou ela quando Virko deu uma guinada súbita para passar por baixo do ferreiro Aegir, que arfava sob o peso de uma trouxa de armamentos.

Karou agarrou uma ponta da trouxa para ajudá-lo, e, juntos, eles subiram lentamente, Virko voltando a seguir em frente.

— É melhor tratá-la bem! — gritou Karou para ele, em quimera. — Ou vou deixar que ela faça você encarnar no corpo de um pégaso da próxima vez!

— Não! Isso não!

Ele se endireitou, e Karou se viu em um daqueles momentos decisivos em que sua vida ainda podia surpreendê-la. Lembrou-se dela e de Zuze, não muitos meses antes, diante de seus cavaletes na aula de desenho de modelo vivo, ou com os pés sobre uma mesa-caixão do Sabor de Veneno. Na época, Mik não passava do "garoto do violino", paixão platônica de Zuzana, e agora ali estava ele com o violino amarrado a sua mochila, cavalgando junto com eles para outro mundo, enquanto Karou ameaçava monstros com castigos de ressurreição por mau comportamento.

Por um instante, apesar do peso da sacola cheia de armas, apesar dos turíbulos e de sua bolsa pessoal — sem falar da bigorna que era o peso adicional de ter que carregar aquela responsabilidade, aquela farsa e o futuro de dois mundos —, Karou quase se sentiu leve. Esperançosa.

Então ouviu uma risada, um som alegre de quem se diverte com maldade. Pelo canto do olho, viu de relance alguém erguer a mão. Era Keita-Eiri, uma guerreira Sab com cabeça de chacal. Karou notou na mesma hora o que ela estava fazendo: virando seus hamsás — os "olhos do demônio" que eles tinham marcados nas palmas das mãos — em direção a Akiva e Liraz. Rark, ao lado dela, fazia o mesmo. Os dois riam.

Karou arriscou um olhar para os serafins, torcendo para vê-los longe dos dois. Bem nessa hora, Liraz interrompeu o voo em meio ao bater da asa e se virou, a fúria clara em sua postura mesmo a distância.

Bem, não estavam longe, então. Akiva alcançou a irmã e a impediu de avançar em direção aos que os atacavam.

Mais risadas, dessa vez de deboche por parte das quimeras. Karou cerrou os punhos, como se pressionasse os próprios

hamsás. Não cabia a ela dar um basta àquilo — se tentasse, só pioraria as coisas. Ela trincou os dentes e observou Akiva e Liraz se afastarem ainda mais. A distância cada vez maior entre eles lhe pareceu um mau presságio para aquele corajoso começo.

— Tudo bem com você, Karou? — sussurrou alguém, com um sibilo.

Ela se virou. Era Lisseth, que se aproximava.

— Tudo bem.

— Hmm... Pois você parece tensa.

Embora fosse Naja tal como Issa, Lisseth e seu colega, Nisk, tinham o dobro do peso dela. Eram fortes como jiboias ao lado de uma víbora, com pescoço grosso e musculoso, mas ainda assim mortalmente rápidos e equipados com enormes presas, além da incongruência das asas. E aquilo tudo era obra de Karou. *Mas que idiota, mas que idiota.*

— Não se preocupe comigo — disse ela a Lisseth.

— Bem, é difícil seguir esse conselho. Como posso não me preocupar com uma amante de anjo?

Se fosse outra época, não fazia muito tempo, esse insulto a teria ferido como um ferrão. Não mais.

— Temos tantos inimigos, Lisseth — disse Karou, mantendo a voz tranquila e casual. — Muitos deles desde o nascimento, herdados como um dever, mas aqueles que fazemos por nossa própria vontade são especiais. Devemos escolhê-los com cuidado.

Lisseth franziu o cenho.

— Está me ameaçando? — perguntou ela.

— Ameaçando você? Como pôde entender *isso*? Eu estava falando de fazer inimigos, e não consigo imaginar que nenhum soldado espectral seja burro de ficar inimigo da ressurreicionista.

*Pronto*, pensou ela ao ver o rosto de Lisseth se contrair. *Entenda como quiser.*

Enquanto isso elas continuavam seguindo em frente, firmes no ar no meio da companhia, e então notaram a densidade dos corpos a sua frente se dividir, revelando Thiago. Montado em Uthem, ele voltava para o meio. Todos refizeram a formação ao redor dele, diminuindo a velocidade com que avançavam.

— Meu senhor — saudou Lisseth.

Karou podia até ver a queixa se formando na mente da Naja: *Meu senhor, a amante de anjo me ameaçou. Precisamos ter um controle ainda mais firme sobre ela.*

*Boa sorte*, pensou Karou, mas o Lobo não deu a Lisseth, nem a ninguém, a chance de falar. Com a voz alta apenas o bastante para ser ouvida, mal parecendo se esforçar para isso, ele disse:

— Acham que só porque sigo à frente não sei como meu exército se comporta? — Thiago fez uma pausa. — Vocês são como o sangue no meu corpo. Sinto cada tremor e suspiro, conheço sua dor e sua alegria, e, sim, ouço suas risadas.

Ele percorreu com o olhar todos os soldados a sua volta. A cabeça de chacal de Keita-Eiri não exibia um sorriso quando ele finalmente a encarou.

— Se for meu desejo que vocês provoquem nossos... *aliados*... eu lhes direi. E caso vocês suspeitem de que esqueci de lhes transmitir alguma ordem, peço-lhes que gentilmente refresquem minha memória. Em retribuição, eu os iluminarei. — A mensagem era para todos. Keita-Eiri era apenas o desafortunado foco do frio sarcasmo do general. — O que pensa deste nosso acordo, soldada? É do seu agrado?

A humilhação fez Keita-Eiri sussurrar em um fiapo de voz:

— Sim, senhor.

Karou quase se sentiu mal por ela.

— Fico muito feliz com isso. — Então o Lobo ergueu a voz: — Juntos nós lutamos, e juntos suportamos a perda do nosso povo. Sangramos e gritamos. Vocês me seguiram em meio ao fogo, à morte e para outro mundo, mas talvez nunca para algo aparentemente tão estranho quanto isto. Um refúgio com os serafins? Por mais estranho que pareça, eu ficaria decepcionado se não pudesse contar com a confiança de vocês. Não há lugar para discórdias. Quem não quiser seguir conosco pode nos deixar assim que passarmos pelo portal, e arriscar-se por conta própria.

Thiago examinou os rostos de seus seguidores. Ele próprio tinha uma expressão severa, mas iluminada por algum fulgor interno.

— Com relação aos anjos, não peço a vocês nada além de paciência. Não podemos combatê-los como já fizemos um dia, confiando em nossos números mesmo enquanto nosso contingente diminuía. Não peço a permissão de vocês para encontrar um novo método de agir. Se ficarem comigo, espero *fé*. O futuro é nebuloso, e não posso prometer nada além disto: lutaremos pelo nosso mundo até o último eco de nossas almas, e se tivermos bastante força, sorte e *inteligência*, talvez vivamos para reconstruir parte do que perdemos.

Thiago fez contato visual com cada um deles, fazendo-os se sentirem vistos, incluídos, valorizados. Seu olhar transmitia a fé depositada neles. E mais: sua confiança na fé que depositavam *nele*.

— Isto é certo: se falharmos em deter essa crescente ameaça, será nosso *fim*. O fim das quimeras. — Thiago fez uma pausa. Com o olhar já de volta a Keita-Eiri, depois de fitar a todos, ele continuou, em um tom gentil que só tornava a repreensão

ainda mais reprovadora: — Isto não é assunto para risadas, soldada.

Então ordenou a Uthem que prosseguissem e os dois cortaram caminho pelas tropas, a fim de reassumirem sua posição à frente do exército. Karou ficou vendo os soldados retomarem seus lugares na formação silenciosamente. Naquele momento ela soube que nenhum deixaria o Lobo, e que Akiva e Liraz ficariam a salvo de ataques errantes de hamsás pelo restante da viagem.

Isso era bom. Ela se sentiu invadida por uma onda de orgulho por Ziri, e também de espanto. Em sua pele natural, o jovem soldado era calmo, quase tímido; o oposto do eloquente megalomaníaco cujo corpo vestia agora. Durante aquele discurso, ela se perguntou pela primeira vez (e talvez fosse burrice não ter pensado nisso antes) se o fato de estar na pele do Lobo não poderia de alguma forma transformá-lo.

Mas a dúvida se desfez assim que surgiu. Aquele era Ziri. De todas as preocupações que a afligiam, a última delas era a possibilidade de ele ser corrompido pelo poder.

O mesmo não se podia dizer em relação a Lisseth, que ainda pairava ali por perto, vendo o general voltar ao seu lugar. Karou detectou maquinação em seu olhar.

O que estaria passando pela cabeça dela? Karou sabia que não havia a mais remota chance de um dos capitães de Thiago deixar a companhia, mas, Deus do céu, como ela queria que isso acontecesse. Ninguém o conhecia melhor do que eles e ninguém o observaria mais atentamente. Quanto ao que ela dissera a Lisseth sobre criar inimizade com a ressurreicionista, não havia sido uma piada ou uma ameaça vã. Se havia alguma certeza quanto aos soldados espectrais era que, mantivessem a frequência com que iam a batalhas, em algum momento precisariam de um corpo novo.

*Bovino*, pensou Karou. *Uma grande e vagarosa vaca para você.* E quando Lisseth olhou para ela de novo, Karou pensou, quase com alegria: *Muuu.*

# 7

## Um presente da natureza

As quimeras já sobrevoavam os picos. A casbá ficara para trás e o portal os aguardava à frente, embora Karou mal conseguisse distingui-lo. Mesmo de muito perto, parecia uma mera ondulação, e era preciso confiar para mergulhar nele, e só então você sentiria as bordas se abrindo ao seu redor. As criaturas maiores tinham que dobrar as asas para trás e cruzá-lo velozmente. Se subissem ou descessem um pouco demais, não sentiriam nenhuma resistência e permaneceriam ali mesmo no céu, tendo passado direto. Mas isso não aconteceu. Aquela companhia sabia o que estava fazendo; um a um, todos desapareceram pela fenda.

Levou algum tempo até que a última das volumosas formas sumisse no éter.

Quando chegou a vez de Virko, Karou gritou para Zuzana:

— Espere!

Ela esperou, e só então eles passaram pela fenda. Emylion e Mik foram em seguida. Karou não gostava de perder os amigos de vista, então fez um sinal com a cabeça para o Lobo, que ficara circulando para esperar todos passarem, e, respirando fundo pela última vez o ar da Terra, ela mergulhou.

Em seu rosto, o toque macio daquela membrana, fosse lá qual fosse, que mantinha os mundos separados, e pronto.

Estava em Eretz.

Nada de céu azul por ali; sobre suas cabeças um céu branco se arqueava, para escurecer até assumir um tom de cinza-azulado no único horizonte visível. Todo o resto era oculto pela névoa. Abaixo deles havia apenas água, uma ondulação quase preta em contraste com a palidez incolor do dia. A baía das Feras. Havia algo de assustador em águas escuras. Algo de impiedoso.

A companhia reassumia sua formação agora, o vento forte atingindo-os em cheio no rosto. Karou apertou o suéter contra o corpo e estremeceu. A travessia estava quase completa; os últimos, Uthem e Thiago, cruzavam o portal. O corpo de Uthem, composto por partes de cavalo e de dragão, surgia indistintamente maleável, verde e ondulante, como se fluísse do nada para aquele mundo. Como a raça Vispeng originalmente não era alada, Karou precisara ser criativa para preservar seu tamanho: dois pares de asas, o principal como velas e o outro, menor, junto às patas traseiras. Se alguém pedisse sua opinião, ela admitiria que o resultado tinha ficado bem bacana.

O Lobo curvara a cabeça para atravessar o portal e, assim que chegou ao outro lado, endireitou-se para conferir as tropas ao redor. Seu olhar logo foi para Karou, e, embora tivesse se detido nela rapidamente, ela sentiu que era — *sabia* que era — sua primeira preocupação no mundo, fosse naquele ou em qualquer outro. Só quando o Lobo a viu e tranquilizou-se ao perceber que estava bem foi que partiu para a tarefa que tinha em mãos, que era guiar aquele exército em segurança pela baía das Feras.

Foi difícil para Karou dar as costas ao portal e simplesmente deixá-lo ali, onde qualquer um poderia encontrá-lo e cruzá-lo. Akiva pretendia queimá-lo depois que passassem, mas Jael havia provocado uma mudança nos planos. Agora precisariam do portal.

Para voltarem e começarem o apocalipse.

O Lobo mais uma vez assumiu a liderança, guiando-os na direção leste, para longe do horizonte cinza-escuro e em direção às montanhas Adelphas. Em dias claros, dava para ver os picos dali. Mas o dia não estava claro; não viam nada à frente deles a não ser a névoa cada vez mais densa, e isso tinha seus prós e contras.

Um dos prós era que a névoa os encobria. Assim, não seriam vistos a distância por nenhuma patrulha serafim.

Já na lista de contras, a névoa encobria qualquer um... Isto é, ninguém (ou nenhuma *criatura*) seria visto a distância por eles.

Karou estava bem no meio do grupo, aproximando-se de Rua para ver como Issa estava, quando aconteceu.

— Docinho, está aguentando bem? — perguntou Issa.

— Tudo bem — respondeu Karou. — Mas *você* precisa de mais roupas.

— Não vou nem discutir — retrucou Issa.

Ela até estava vestida: um suéter de Karou, com um corte largo na parte do pescoço por causa do capelo. Issa não usava roupas, mas mesmo assim seus lábios estavam roxos, e seus ombros subiam até praticamente as orelhas quando ela tremia. A raça Naja era nativa de clima quente. Marrocos tinha sido perfeito para ela; aquela névoa fria porém nem tanto, e o destino gélido deles muito menos, embora lá pelo menos estivessem protegidos das intempéries, e Karou se lembrava de câmaras geotérmicas nos labirintos mais profundos das cavernas. Isso se tudo ainda estivesse como era anos antes.

As cavernas dos Kirin.

Ela nunca mais tinha estado no lugar em que nascera, lar de seus primeiros anos de vida. Planejara voltar lá, mas isso já

fazia eras: era o local de encontro entre ela e Akiva, onde teriam começado a rebelião se o destino não houvesse tido outra ideia.

Mas não. Karou não acreditava em destino. Não tinha sido o destino quem assassinara o plano deles, e sim a traição. E não era o destino quem o recriava agora — ou aquela versão distorcida dele, repleta de suspeita e animosidade. Era a força de vontade.

— Vou arrumar um cobertor para você — disse ela a Issa.

Ou melhor, tentou dizer, porque naquele momento alguma coisa passou por ela.

Ou não passou: a atingiu.

A todos eles.

Uma pressão na névoa que baixava, e com isso a materialização de uma certeza. Karou se abaixou e olhou para trás. Não só ela: em toda a sua volta e em todas as fileiras, soldados reagiam abaixando-se, pegando armas, desviando do... de alguma coisa.

Acima deles, o céu branco parecia ao alcance da mão de tão próximo. Nada se via, mas uma pressão acelerou o sangue de Karou e sentia-se um pulsar, como um som baixo demais para chegar a ser audível, e depois, súbito e crescente, rápido e intenso, precedido por um pesado vento que derrubava as quimeras como se fossem brinquedos levados por uma onda no mar, ou algo assim.

Grande.

*Sobre* eles e encobrindo o céu, velozes e atrozes, tocando de raspão os soldados. Tão repentinamente, tão *ali*, tão imensos que Karou nem conseguiu entender o que era, e quando aquilo passou por ela, a tocou, e o rastro de seu peso causou uma perturbação no ar, fazendo-a girar. Era como um contrafluxo, e as correntes dos turíbulos balançavam de maneira descontrolada, enroscando-se nela, e durante aqueles instantes confusos e sombrios Karou pensou na superfície escura da água lá embaixo, e nos turíbulos caindo ali — almas consumidas pela baía das Feras, e lutou para se controlar... então se sentiu à deriva em meio a uma estranha calmaria, como se tudo já tivesse passado. As correntes que segurava estavam torcidas e todas emboladas, mas nada havia se perdido, e agora bastou um olhar para ver o que era — o que *eram*; ah... — antes que a brancura densa do dia os engolisse de novo e eles se fossem.

Caça-tempestades.

As maiores criaturas daquele mundo, desconsiderando os segredos que o mar escondia. Asas capazes de abarcar ou arrasar uma casa pequena. Era isso o que a tinha tocado: a asa de um caça-tempestades. Uma revoada desses enormes pássaros acabara de passar sobre a companhia, e uma única batida de asa do que se encontrava mais baixo tinha sido suficiente para dispersar as quimeras de sua formação. Antes que a preocupação lhe permitisse o maravilhamento, Karou observou com cuidado o grupo, para ver se estavam todos ali.

Issa estava agarrada ao pescoço de Rua, abalada, mas, fora isso, parecia bem. O ferreiro Aegir deixara cair a trouxa com as armas: todas perdidas no mar. Akiva e Liraz continuavam bem mais à frente, e Zuzana e Mik estavam mais adiante também, ainda que não longe, mas a salvo da chicotada daquela asa. Pareciam apenas um pouco perturbados e totalmente boquiabertos com a maravilha que Karou ainda não havia se permitido admirar — e as fileiras voltavam a se fechar, nenhum deles tão estoico a ponto de não ficar pasmo com as formas gigantescas que já haviam desaparecido na neblina. Todos estavam bem.

Os caça-tempestades só os haviam deixado zonzos.

No início de sua vida, Karou fora uma criança das alturas: Madrigal dos Kirin, a última tribo das montanhas Adelphas. Gigantescas criaturas que viviam por entre os picos, embora nenhum Kirin, nem nenhuma pessoa de que Karou já tivesse ouvido falar, já houvesse visto um caça-tempestades *de tão perto*. Não havia como caçá-los; eram totalmente esquivos, rápidos demais para serem seguidos, astutos demais para serem surpreendidos. Acreditava-se que eram capazes de sentir a menor mudança no ar e na atmosfera, e, quando criança — como Madrigal —, Karou tinha razões para se convencer disso. Quando os via de longe, flutuando como grãos de poeira sob o sol poente, ela levantava voo atrás deles, ansiosa por vê-los mais de perto, mas suas asas de quimera não alcançavam o destino pretendido antes que as deles os levassem para longe. Nunca nem mesmo um ninho havia sido encontrado, ou uma casca de ovo, ou até mesmo uma carcaça. Se os caça-tempestades nasciam de ovos, se morriam, ninguém sabia onde o faziam.

Agora Karou os vira de perto. Era um enlevo.

A adrenalina percorria seu corpo. Ela não pôde se controlar e sorriu. Embora a visão tivesse sido breve, notara que uma densa lã cobria o corpo deles e que seus olhos eram pretos, grandes como travessas, cobertos por uma membrana nictitante tal qual os pássaros da Terra. E suas penas brilhavam iridescentes, não de uma única cor, mas de todas, mudando de acordo com a luz.

Eles pareciam um presente da natureza selvagem, e um lembrete de que nem tudo naquele mundo se definia pela guerra eterna que estava sendo travada. Ali no ar, Karou se recompôs, desenrolou uma corrente de turíbulo do pescoço e aproximou-se de Zuzana e Mik.

Sorrindo para os amigos ainda espantados, disse:

— Bem-vindos a Eretz.

— Pode esquecer o pégaso — disse Zuzana, eufórica e de olhos arregalados. — Quero um daqueles!

# 8

## Feridas no céu

— Mais caça-tempestades — disse, da janela, o soldado Stivan, afastando-se para dar lugar a Melliel.

Era a única janela da cela deles. Estavam naquela prisão fazia quatro dias. O sol se pusera três vezes, e três vezes nascera para iluminar um mundo que fazia cada vez menos sentido. Melliel se preparou e olhou para fora.

O amanhecer. Intensa saturação de luz; nuvens cintilantes, um mar dourado, e o horizonte como uma linha de luminosidade intensa demais para o olhar. As ilhas eram como esparsas silhuetas de feras adormecidas, e o céu... o céu estava como antes, o que equivale a dizer que o céu estava *errado*.

Se o céu fosse carne, poderiam dizer que estava ferido. Aquela aurora, tal como as outras, revelava da noite para o dia um novo florescer de cores — ou melhor, *des*florescer: violeta, índigo, amarelo-claro, o mais delicado tom de azul-celeste. Era vasto, aquele florescer ou desbotamento. Melliel não sabia como chamá-lo. Era um preenchimento do céu a se esvair com as horas, matizes mais fortes e depois mais claros, para finalmente desaparecer quando outro tomava seu lugar.

Era bonito. Quando Melliel e sua companhia chegaram ali, levados por seus captores, acharam que aquela era apenas a natureza do céu do Sul. Não era o mundo como conheciam. Tudo nas Ilhas Longínquas era bonito e bizarro. O ar era tão rico que tinha corpo, e a fragrância parecia viajar por ele tão facilmente quanto o som: perfumes, cantos dos pássaros, cada brisa tão viva e cheia de canções rápidas e aromas quanto o mar de peixes. Já o mar tinha umas mil cores novas a cada minuto, nem todas em tons de azul e verde. As árvores pareciam mais desenhos fantasiosos de uma criança, diferentes de suas primas mais sérias e retas do hemisfério Norte. E o céu?

Bem, o céu fazia aquilo.

Mas Melliel já havia percebido que aquilo *não* era normal, nem mesmo aquela aglomeração cada vez maior de caça-tempestades.

Estavam lá fora, sobre o mar, reunidos em círculos incansáveis. A soldada Melliel, segunda de seu nome, não era jovem, já tinha visto muitos caça-tempestades na vida, mas nunca mais de seis em um mesmo lugar, e sempre o mais afastados possível no céu, movendo-se em fila. Ali havia dezenas. Dezenas entremeando-se com mais dezenas.

Era um espetáculo surreal, mas ela até o teria encarado como algum fenômeno natural não fosse pela expressão no rosto dos guardas. Os Stelian estavam tensos.

Alguma coisa estava acontecendo ali e ninguém explicava nada aos prisioneiros. Nem sobre o que havia de errado com o céu ou o que estava atraindo os caça-tempestades, nem sobre qual seria o destino deles.

Melliel segurou com força as barras da janela, inclinando-se para a frente a fim de absorver melhor o panorama completo de mar, céu e ilhas. Stivan tinha razão: o número de caça-tempestades tinha dado mais uma guinada à noite, como se cada um deles em toda Eretz respondesse a um chamado. Desenhando círculos e mais círculos no ar, enquanto o céu sangrava, se curava e se feria de novo.

*Que poder era capaz de ferir o céu?*

Melliel soltou as barras e atravessou a cela silenciosamente. Batendo na porta, chamou:

— Olá? Quero falar com alguém!

Os outros repararam na movimentação e começaram a se juntar em volta dela. Os que ainda dormiam acordaram nas redes e puseram os pés no chão. Ao todo eram doze, nenhum com ferimentos — embora não sem confusão com relação à maneira como foram capturados: uma estupefação tão grande que parecia um colapso do funcionamento cerebral —, e a cela não era um terrível calabouço úmido, mas uma sala comprida e limpa com aquela pesada porta sempre trancada.

Havia um vaso sanitário, água para se lavar. Redes para dormir e mudas de roupa de um tecido leve, para que pudessem tirar suas grossas túnicas pretas e as armaduras sufocantes, se quisessem — o que, àquela altura, todos tinham feito. A comida era abundante e bem melhor do que aquela a que estavam acostumados: peixe branco e pão macio, e que frutas! Algumas tinham gosto de mel e flores, de casca grossa e suculentas e de várias cores. Havia frutinhas amarelas azedas e umas redondas rosadas de casca grossa, que eles não tinham descoberto como abrir já que, compreensivelmente, haviam tomado suas lâminas. Uma das frutas tinha espinhos afiados e um creme dentro; foi a que pegaram primeiro. E havia uma que nenhum deles suportava: um tipo esquisito de esfera suculenta e rosada, quase sem sabor e tão estranha quanto sangue. Essas eles deixaram intocadas na cesta junto à porta.

Melliel não conseguia deixar de se perguntar qual das frutas, se é que estava entre aquelas, era a que enfurecera tanto seu pai, o imperador, quando aparecera misteriosamente aos pés de sua cama.

Como não obteve resposta, ela bateu de novo.

— Olá? Alguém!

Dessa vez se lembrou de resmungar um "por favor", e ficou irritada quando a chave virou de repente, como se Miragem

(claro que era Miragem) estivesse lá só à espera daquele *por favor*.

A garota Stelian estava, como sempre, sozinha e desarmada. Usava uma simples cascata de tecido branco presa sobre um ombro pardo; no outro, caía seu cabelo preto, preso com um ramo de vinha. Seus braços finos estavam cobertos de braceletes dourados cheios de gravações, todos espaçados a distâncias iguais, e ela estava descalça, o que espantou Melliel por ser constrangedoramente íntimo. Vulnerável. Mas a vulnerabilidade era uma ilusão, é claro.

Nada em Miragem indicava que ela era uma soldada — nem que qualquer um dos Stelian fosse, aliás, ou mesmo que tinham um exército —, mas sem dúvida era aquela jovem quem estava no comando quando a equipe de Melliel fora... interceptada. Em razão do que acontecera na ocasião (Melliel ainda não conseguia digerir aquilo), somado ao fato de serem uma dúzia de Ilegítimos endurecidos pela guerra contra uma mera garota graciosa, nem passava pela cabeça deles tentar fugir.

Mas o que intrigava em Miragem (e nas Ilhas Longínquas) não se resumia à beleza.

— Vocês estão bem? — perguntou a garota graciosa, com aquele sotaque Stelian que era capaz de suavizar a mais dura das palavras.

Seu sorriso era acolhedor; seus olhos de fogo dos Stelian dançaram quando ela os cumprimentou com um gesto: uma espécie de oferta com o estender da mão em concha, o braço adornado com braceletes desenhando um movimento que englobava todos eles.

Os soldados murmuraram respostas. Homens e mulheres, todos de alguma forma fascinados pela misteriosa Miragem dos olhos dançantes, mas Melliel recebeu o gesto com desconfiança. Ela vira os Stelian fazerem... coisas, coisas inexplicáveis, com gestos encantadores como aquele, portanto preferia que Miragem tivesse mantido os braços parados junto ao corpo.

— Estamos bem — disse Melliel. — Para prisioneiros. — Seu sotaque começava a soar comum para ela própria, em comparação ao deles, e sua voz, rude e rouca. Sentia-se velha e deselegante, como uma espada de ferro. — O que está acontecendo lá fora?

— Coisas que seria melhor *não* acontecerem — disse Miragem, suavemente.

Era mais do que Melliel já conseguira arrancar dela até então.

— Que coisas? — perguntou. — O que há de errado com o céu?

— Está cansado — explicou a garota, com um brilho nos olhos que era como fagulhas de um fogo sendo agitado. Tão igual aos olhos de Akiva, pensou Melliel. Todo Stelian que ela já vira tinha aqueles olhos. — Com dor — acrescentou Miragem. — Ele é muito velho, você sabe.

O céu estava velho e cansado? Que resposta mais absurda. A garota estava brincando com eles.

— Tem algo a ver com o Vento? — perguntou Melliel, pensando na palavra com inicial maiúscula, para diferenciar aquele vento de qualquer outro que já existira.

De fato, chamá-lo de “vento” era como chamar um caça-tempestades de pássaro. O grupo de Melliel se aproximava de Caliphis quando o Vento os atingira, agarrando-os como a tantas folhas caídas e sugando-os de volta para a direção por onde tinham vindo, assim como a toda criatura nascida no céu que cruzara seu caminho — pássaros, mariposas, nuvens e, sim, caça-tempestades — e muitas coisas que a superfície do mundo não prendia com a firmeza que poderia, tais como quantidades generosas de flores das árvores e a própria espuma do mar.

Desprovidos de força, cambaleando por quilômetros em meio ao Vento, eles foram pegos e carregados — primeiro para leste, batendo as asas para tentar recuperar o controle, e depois... a calmaria. Breve e serena demais, só lhes dera tempo para um desesperado arfar antes que a força total os atingisse de novo e voltasse a arrastá-los, para oeste dessa vez, lançando-os de volta a Caliphis e mais além, onde finalmente os libertara. Que força! Parecia que o próprio éter tinha respirado fundo e soprado. Os fenômenos só podiam estar ligados, pensou Melliel. O Vento, o céu ferido, a confluência de caça-tempestades? Nada daquilo era natural ou auspicioso.

A expressão de ligeira amabilidade de Miragem perdeu a exuberância, o brilho em seus olhos desapareceu.

— Aquilo não foi vento — disse ela.

— Então o que foi? — perguntou Melliel, na esperança de que aquela súbita franqueza persistisse.

— *Roubo* — disse ela, e parecia pronta para se retirar. — Queiram me perdoar, mas desejam mais alguma coisa?

— Sim — disse Melliel. — Quero saber o que será feito conosco.

O giro de cabeça de Miragem foi rápido como o de uma serpente. Melliel se encolheu instintivamente.

— Está assim tão ansiosa para que seja *feita* alguma coisa com vocês?

Melliel ficou sem saber o que dizer por um momento.

— Só queria saber...

— Ainda não foi decidido. Recebemos pouquíssimos estranhos aqui. As crianças gostariam de vê-los, talvez. Olhos azuis. Um assombro! — disse ela, com admiração; olhava direto para Yav, o mais jovem da companhia, que tinha pele e cabelo muito claros. Ele corou até as raízes louras. Miragem então se virou de volta para Melliel, com um olhar pensativo. — Por outro lado, o Espectro pediu que vocês fossem entregues aos novatos. Para praticarem.

Praticarem? O quê? Melliel não ousaria perguntar. Desde que entrara em contato com aquele povo, vira mais do que o inimaginável em coisas que pareciam magia. Essas artes já tinham sido perdidas no império havia muito, e a enchiam de

pavor. Mas os olhos de Miragem transmitiam alegria. Será que ela estava brincando? Melliel não se confortou. *Pouquíssimos estranhos*, dissera a garota Stelian.

— Cadê os outros? — perguntou Melliel.

— Outros?

Sem saber muito bem se queria insistir, Melliel respondeu, tentando soar firme:

— Sim.

Afinal, era sua missão descobrir. Sua equipe tinha sido enviada para localizar os emissários desaparecidos do imperador. A declaração de guerra de Joram aos Stelian fora respondida (com a cesta de frutas), então estava claro que havia sido recebida, mas os emissários nunca voltaram, e vários destacamentos militares também haviam desaparecido na busca pelas Ilhas Longínquas. Nos dias que passaram ali, Melliel e seu grupo não tinham visto ou ouvido nada que indicasse a presença de outros prisioneiros.

— Os mensageiros do imperador — continuou ela. — Eles não voltaram.

— Tem certeza disso? — perguntou a garota, com amabilidade.

Amabilidade até demais; como o mel que esconde o amargor do veneno. E então, de maneira deliberada, sem desviar os olhos dos de Melliel em momento algum, ajoelhou-se para pegar uma fruta da cesta junto à porta. Era uma das esferas rosadas que os Ilegítimos não suportavam. Que até podiam ser frutas, mas aquelas coisas eram essencialmente sacos carnosos de suco vermelho, muito perturbadoras, e *quentes*.

A garota deu uma mordida, e naquele instante Melliel poderia jurar que viu dentes pontudos. Era como se houvesse um véu que fora parcialmente puxado, e, por trás, Miragem dos olhos dançantes fosse uma selvagem. Despida de sua delicadeza, e com aspecto... *asqueroso*. O fruto arrebentou sob seus dentes, e ela inclinou a cabeça para trás, sugando e lambendo, para sorver o suco espesso. Com a coluna da garganta exposta, o sumo vermelho escorria de seus lábios, descendo, viscoso e opaco, para a cascata branca de seu vestido, onde se abria como flores de sangue, nada além de sangue, e ainda assim ela continuava a sugar a fruta. Os soldados se afastaram. Quando ela abaixou a cabeça de novo para encarar Melliel, seu rosto estava manchado pelo vermelho voraz.

Como um predador erguendo a cabeça de uma carcaça quente, pensou Melliel.

— Vocês nos trouxeram seu corpo e seu sangue junto com sua animosidade — disse Miragem, com a mesma boca de onde ainda escorria suco, e agora era impossível sequer se lembrar da garota graciosa que ela parecera ser apenas um segundo antes. — O que queriam ao vir até aqui, se não se entregar a nós? Pensaram que os conservaríamos como são, olhos azuis, mãos pretas e tudo mais?

Ela estendeu o que restara da fruta e a deixou cair. A casca atingiu o chão como um tapa.

Miragem não queria dizer que... Não. Não a fruta. Melliel vira coisas, sim, mas sua mente não podia admitir *aquela* possibilidade. Simplesmente não. Era uma piada de extremo mau gosto. Sua repulsa a encorajou:

— Nunca foi nossa animosidade. Não temos o luxo de escolher nossos inimigos. Somos soldados.

*Soldados* foi o que disse, mas o que pensou foi: *escravos*.

— Soldados — repetiu Miragem, com desprezo. — Sim. Soldados e crianças apenas cumprem ordens. — Então franziu os lábios com desdém e acrescentou: — As crianças crescem, mas os soldados apenas morrem.

*Apenas. Morrem.* Cada palavra uma facada. Então a porta se abriu violentamente sem que a garota a tocasse, e ela apareceu do outro lado sem se mover, olhando para eles. Isso já tinha acontecido outra vez: ela já causara a impressão de que o tempo gaguejava e oscilava como um estroboscópio, passos perdidos ao longo do caminho como segundos cortados fora e engolidos.

Engolidos como aquele suco vermelho coagulado que não era sangue, que não podia ser sangue.

Melliel se forçou a dizer:

— Então nós vamos morrer?

— A rainha vai decidir o que será feito com vocês.

Rainha? Aquela era a primeira vez que mencionavam uma rainha. Será que tinha sido enviada por ela a cesta de frutas que condenara catorze Lâminas Partidas ao cadafalso do Setor Oeste e uma concubina à sarjeta, envolta em uma mortalha?

— Quando? — perguntou Melliel. — *Quando* ela vai decidir?

— Quando voltar para casa — respondeu a garota. — Aproveitem sua carne e seu sangue enquanto podem, doces soldados. Escarabeu saiu para caçar. — Ela cantou a palavra. — Caçar, caçar.

Um rosnado disfarçado de sorriso, e mais uma vez Melliel viu que os dentes da garota tinham pontas... para mais uma vez ver que não tinham. Tempo estroboscópico, realidade estroboscópica. O que era verdade? Um ruído e um pulso estroboscópico e a porta estava fechada, Miragem tinha ido embora, e...

... e a cela estava escura.

Melliel piscou, procurou espantar um peso súbito e olhou em volta. Escuridão? As palavras de Miragem ainda ecoavam pela cela — *caçar, caçar* —, então devia ter se passado apenas um segundo, mas a câmara estava escura. Stivan também piscava, assim como Doria e os outros. O jovem Yav, mal saído do campo de treinamento e ainda com rosto redondo de menino, tinha lágrimas de horror nos olhos muito azuis.

*Caçar, caçar, caçar.*

Melliel se virou rapidamente para a janela. Com um impulso das asas, foi até lá e olhou para fora. Como temia. Já não era mais amanhecer.

Já não era mais *dia*. A escuridão da noite escondia as feridas do céu, e as duas luas estavam altas e magras; Nitid, uma crescente, e Ellai, apenas uma casca. Juntas, emitiam luz suficiente apenas para pincelar de prata as pontas das asas dos caça-tempestades, voando inclinados em seus incessantes círculos.

*Caçar*, veio a voz de Miragem — um eco, ou uma lembrança, ou um fantasma —, e Melliel se firmou contra a parede enquanto um dia inteiro perdido passava por ela e sumia, cada minuto roubado levando-a para mais perto de seu minuto final, percebeu com um tremor. Será que morreriam ali, todos eles? Ela não podia — ou não iria — acreditar na história de Miragem sobre a fruta, mas a lembrança da polpa densa entre os dentes da garota ainda dava ânsias de vômito em Melliel.

Aquelas pessoas podiam ser serafins, mas o parentesco começava e acabava ali, e, na mente de Melliel, a forma da rainha misteriosa deles — *Escarabeu?* — começava a se distorcer e se transformar em algo terrível.

*Caçar, caçar, caçar.*

Caçar *o quê*?

*seis horas após a Chegada*

# 9

## Aterrissagem

Às 15h12 GMT, com o mundo todo assistindo, os anjos pousaram em terra. Pelo período de algumas horas, enquanto o voo em formação seguia na direção oeste a partir de Samarcanda, sobrevoando o mar Cáspio e o Azerbaijão, o destino deles foi um mistério. Atravessaram a Turquia e se mantiveram na direção oeste, e foi só depois que ultrapassaram o trigésimo sexto meridiano sem virar para o sul que a Terra Santa foi descartada. Depois disso, as apostas foram para o Vaticano, e não estavam erradas.

Os Visitantes pousaram na majestosa praça da Basílica de São Pedro, em Roma, mantendo a formação que haviam assumido durante o voo: vinte blocos perfeitos de cinquenta anjos cada.

Os cientistas, universitários e estagiários que haviam se reunido no porão do Museu Nacional de História Natural, em Washington, olhavam para a tela da TV em silêncio quando o papa, com toda a pompa condizente com seu título — Sua Santidade o Bispo de Roma, Vigário de Jesus Cristo, Sucessor do Príncipe dos Apóstolos, Sumo Pontífice da Igreja Universal, Primaz da Itália, Arcebispo Metropolitano da Província Romana, Soberano da Cidade-Estado do Vaticano, Servo dos Servos de Deus —, deu um passo à frente para cumprimentar seus magníficos convidados.

Nesse momento, houve uma movimentação na primeira falange central. Era difícil ver os detalhes; as câmeras estavam no ar, em helicópteros, e daquele ângulo os anjos pareciam uma renda viva de fogo e seda branca. Extraordinário. Então um deles se adiantou — parecia usar um elmo prata adornado por uma pluma — e, em um movimento espontâneo, todos os outros se abaixaram, apoiando-se sobre um dos joelhos.

O papa se aproximou, trêmulo, a mão estendida em uma bênção. O líder dos anjos inclinou a cabeça, fazendo uma reverência muito sutil. Os dois ficaram frente a frente. Pareciam estar conversando.

— Por acaso… o papa virou o porta-voz da humanidade? — indagou um espantado zoólogo.

— O que poderia dar errado, não é mesmo? — replicou um incrédulo antropólogo.

Os colegas de trabalho de Eliza tinham montado uma central de mídia *ad hoc*, juntando algumas televisões e computadores em uma sala de aula vazia. Por várias horas o teor dos comentários tinha passado quase inteiramente da acusação de que era tudo uma farsa para afirmações mais perturbadoras, como: *Se for verdade,* como *pode ser verdade e o que isso* significa *e... como podemos entender tudo isso?*

Já os comentários televisivos eram totalmente vazios. Ficavam metralhando jargões bíblicos como se não houvesse amanhã. Aliás, *oi*, talvez não houvesse mesmo! *Tum-dum-tsss.*

*O Apocalipse. O Armagedom. O Juízo Final.*

A nêmesis de Eliza, Morgan Toth (o dos lábios grossos), usava termos totalmente diferentes:

— Deveriam tratar isso como uma invasão alienígena. Existem protocolos para esse tipo de coisa.

*Protocolos*. Eliza sabia exatamente aonde ele queria chegar.

— Isso com certeza deixaria as massas muito felizes — disse a microbióloga Yvonne Chen, com uma risada. — É o Segundo Advento! Liberem os jatos!

Morgan deu um suspiro de paciência exagerada.

— Sim — retrucou ele, com a mais extrema condescendência. — Seja lá o que for, seria bom ter alguns jatos entre esses caras e eu. Será que sou o único ser não idiota deste planeta?

— Sim, Morgan Toth, você é — disse Gabriel. — Quer ser nosso rei?

— Com prazer — respondeu Morgan, esboçando uma ligeira reverência ao se levantar e jogando para trás a franja propositadamente grande.

Morgan era um cara baixinho com um rosto bonito, ombros magros e encurvados e um pescocinho da circunferência do dedo mínimo de Eliza. Já sua boca grossa exibia sempre um sorriso superior, e Eliza era constantemente atormentada pelo desejo de fazer coisas quicarem naqueles lábios. Moedas. Jujubas.

Socos.

Os dois faziam pós-graduação no laboratório do dr. Anuj Chaudhary e ambos tinham ganhado a bolsa altamente disputada com um dos maiores biólogos evolucionistas do mundo, mas desde o dia em que se conheceram a animosidade que Eliza sentia pelo branquelinho convencido era algo próximo da náusea. Ele tinha chegado ao cúmulo de rir quando Eliza lhe dissera o nome da universidade pública decadente onde tinha estudado — segundo ele, pensou que ela estivesse brincando —, e esse foi só o começo. Eliza sabia que Morgan achava que ela não merecia estar ali, que ganhara a bolsa graças a alguma política de ação afirmativa — isso se não pensasse coisa pior. Às vezes, quando o dr. Chaudhary ria de algo que Eliza dizia ou se inclinava por cima do ombro dela para conferir alguns resultados, ela via nitidamente no sorriso de Morgan as suposições torpes que ele assumia. Isso a irritava e a denegria, assim como denegria o dr. Chaudhary, que era um homem decente, casado,

com idade para ser seu pai ainda por cima. Eliza já havia se acostumado a ser subestimada, por ser negra, por ser mulher, mas ninguém nunca fora tão desprezível com ela quanto Morgan. Ela queria sacudi-lo, e essa era a pior parte. Eliza era uma pessoa *serena*, apesar de tudo. A própria raiva a enraivecia: perceber que Morgan Toth conseguia *perturbá-la*, dobrá-la como um arame com o puro horror de sua personalidade.

— Tipo, fala sério — continuou ele, fazendo um gesto na direção dos televisores. O anjo de elmo e o papa pareciam estar conversando ainda. Alguém aproximara mais uma câmera, colocando-a ao nível do chão com os dois, mas não perto o suficiente para captar o áudio. — O que são essas coisas? Que não são "seres celestiais", isso já sabemos, mas...

— Não *sabemos* de nada ainda — Eliza se ouviu dizer, embora a última coisa que quisesse fazer era... Deus do céu, que ironia... sair em defesa dos *anjos*.

Só Morgan conseguia provocá-la daquela maneira. Era como se a voz dele, beligerante e insolente, acionasse nela o gatilho de um impulso automático de discutir. Bastava ele tomar uma posição que ela sentia a necessidade imediata de divergir. Se ele declarasse encanto pela luz, Eliza teria que defender a escuridão.

E ela não gostava nem um pouco da escuridão.

— E você se considera um cientista? — perguntou ela. — Desde quando decidimos o que sabemos antes de termos todos os dados?

— Você chegou justamente aonde eu pretendia, Eliza. Dados. É disso que a gente precisa. Duvido que o papa vá se preocupar em extrair informações, e também não estou vendo o presidente fazer nenhuma exigência nesse sentido.

— O que não quer dizer que ele não esteja buscando. O presidente disse que todas as possibilidades estão sendo consideradas.

— Até parece. Se um disco voador pousasse no Vaticano, você acha que eles providenciariam uma pista de aterrissagem no meio da praça de São Pedro?

— Mas *não* é um disco voador, certo, Morgan? Você realmente não consegue ver como isso é diferente?

Eliza sabia que não adiantava discutir com ele, mas era enlouquecedor. Morgan fingia não entender como aquela situação era delicada, baseando-se na suposição de que era superior. Como se estivesse tão acima das massas que as preocupações gerais lhe eram estranhas. *Que hábitos mais primitivos! O que é isso que você chama de "religião"?* Mas Eliza sabia que aquela ameaça era de uma dimensão totalmente diferente de um disco voador. Um alienígena pousando uniria o mundo, como em um filme de ficção científica. Mas "anjos" tinham o potencial de dividir a humanidade em mil fragmentos afiados.

Ela sabia do que estava falando. Tinha sido um fragmento por anos.

— Não existem muitas coisas pelas quais as pessoas matariam ou morreriam felizes, mas essa é a maior delas — disse Eliza. — Você entende? Não importa no que *você* acredita ou o que *você* acha idiota. Se os poderes estabelecidos no mundo resolverem seguir qualquer um dos seus "protocolos", a coisa vai ficar feia.

Morgan suspirou de novo, levando os dedos às têmporas em um gesto que dizia: *Por que tenho que suportar tamanha debilidade mental?*

— Não existe como a coisa não ficar "feia". Temos que estar no controle da situação, e não cair de joelhos como um bando de caipiras deslumbrados.

Ao ouvir isso, Eliza teve que morder o lábio, pois, por mais que detestasse concordar com Morgan Toth, naquele ponto ela concordava. Estava lutando aquela batalha fazia anos — para nunca mais cair de joelhos, nunca mais ser derrubada e obrigada a se ajoelhar, nunca mais ser forçada.

E agora o céu se abria e começava uma chuva de *anjos*?

Era meio hilário. Ela tinha vontade de rir. De socar alguma coisa. Uma parede. A cara sorridente de Morgan Toth. Imaginou como ele a olharia se soubesse de onde ela vinha. Do *que* ela vinha. Do que *fugira*. Ele atingiria um patamar de desdém inédito na história da humanidade. Ou mais um tipo inédito de *alegria*, uma mistura de fascínio e nojo. Seria o ponto alto do ano inteiro dele.

Eliza decidiu ficar quieta, o que Morgan encarou como uma vitória. Mesmo assim ela achou, pelo brilho estranho no olhar hostil dele, que deveria ter se calado antes. *Quem tem segredos não deve fazer inimigos*, alertou a si mesma.

E, clara e espontaneamente, como em resposta, veio-lhe à mente a voz de sua mãe, do fundo de alguma lembrança antiga: "Quem tem um destino não deve fazer planos."

"Ah, meu Deus!", exclamou um dos vergonhosos locutores, em um trinado alegre, chamando a atenção de Eliza de volta para os aparelhos de TV.

Algo estava acontecendo. O papa tinha se virado para dar ordens a alguns auxiliares, e então uma equipe de reportagem se aproximou em uma corrida desabalada, arrastando câmeras e microfones.

"Parece que os Visitantes vão fazer uma declaração!"

# 10

## Pendendo para o pânico

O anjo usava um elmo de prata trabalhado em relevo com uma crista de plumas brancas. Lembrava o adorno de cabeça usado pelos centuriões romanos, só que com o acréscimo de uma proteção nasal comprida demais — uma tira estreita que se projetava do visor até o queixo, dividindo o rosto ao meio. Essa tira cobria todo o nariz e grande parte da boca, deixando visíveis apenas os cantos dos lábios. Os olhos, as maçãs do rosto e o maxilar ficavam expostos.

Era uma escolha estranha, principalmente considerando que o restante do grupo estava com a cabeça descoberta, deixando à mostra seus belos rostos. Havia também outras coisas estranhas com relação ao anjo, mas era difícil identificar exatamente o quê, e a declaração dele logo viria eclipsar tudo. Só mais tarde começariam a analisar sua postura, a sombra estranhamente inchada, a voz arrastada e ceceante e o sussurro que dava para ouvir nas longas pausas que ele fazia, como se houvesse alguém lhe ditando o que falar. Detalhes começariam a bater com a impressão geral de *artificialidade* que ele deixava, como resíduo que deixa seus dedos grudentos; só que na mente.

Mas ainda não. Primeiro, a declaração. E a reação instantânea no mundo: emborcando para o pânico.

"*Filhos e filhas do único deus verdadeiro*", começou ele, mas... em *latim*, de forma que pouquíssimas pessoas o entenderam em tempo real.

Por toda a esfera do planeta Terra, em meio a orações, imprecações e perguntas em centenas de línguas, bilhões procuravam uma tradução.

*O que ele está dizendo???*

No meio-tempo entre o início da declaração e a divulgação das primeiras traduções, a reação do papa foi o que deu à grande maioria da raça humana a primeira noção do que significava a mensagem do anjo.

E não foi nada reconfortante.

O pontífice empalideceu. Deu um passo vacilante para trás. A certa altura, tentou falar, mas o anjo o impediu sem lhe dirigir nem mesmo um olhar de relance.

Esta foi a mensagem dele para a humanidade:

*"Filhos e filhas do único deus verdadeiro, eras se passaram desde que estivemos entre vocês pela última vez, embora nunca os tenhamos perdido de vista. Por séculos e séculos lutamos uma guerra que vai além do conhecimento humano. Há muito defendemos seus corpos e almas, ao mesmo tempo resguardando-os de ter que conhecer qual é a ameaça que se insinua sobre vocês. O Inimigo que anseia por vocês. Muito distante de suas terras, grandes batalhas foram travadas. Sangue foi derramado, carne foi devorada. Mas, à medida que o ateísmo e o mal crescem entre vocês, o poder do Inimigo aumenta. Eis que agora a força deles se igualou à nossa, e em breve vai ultrapassá-la. Não podemos mais esconder a Sombra de vocês. Não podemos mais protegê-los sem ajuda."*

O anjo respirou fundo e fez uma pausa antes de concluir, dramaticamente:

*"As feras... estão vindo atrás de vocês."*

* * *

E, com isso, os tumultos começaram.

*doze horas após a Chegada*

# 11

## Espécies de silêncio

Akiva permaneceu firme. As palavras que acabara de dizer pareciam pairar no ar. A atmosfera logo após seu pronunciamento era como a pressão após o mergulho dos caça-tempestades, pensou ele: todo ar comprimido em um tubo em direção ao cataclismo impiedoso. Em formação ao redor dele, nas cavernas dos Kirin, estavam duzentos e noventa e seis Ilegítimos, todos de cara fechada, tudo o que havia restado da legião de bastardos do imperador, a quem ele acabara de fazer aquela proposta inimaginável.

A pressão aumentava, o peso do ar desafiando a altitude. E então...

*Risadas*. Incrédulas e desconfortáveis.

— E vamos dormir todos juntos, a cabeça de um junto aos pés do outro, fera-serafim-fera-serafim? — perguntou Xathanael, um dos muitos meios-irmãos de Akiva (um que ele não conhecia bem).

O Ruína das Feras não tinha o hábito de fazer piadas, mas com certeza *aquilo* era uma piada: o inimigo vindo se abrigar com eles? Aliar-se a eles?

— E escovar o cabelo uns dos outros antes de dormir? — acrescentou Sorath.

— Está mais para catar umas lêndeas — completou Xathanael, provocando mais risadas.

Akiva então teve uma forte lembrança física de Madrigal dormindo ao seu lado, e a piada não teve graça para ele. Era ainda menos engraçada *ali*, nas reverberantes cavernas em que o povo dela fora massacrado, onde, se você olhasse com atenção, ainda se distinguiam marcas de sangue dos corpos arrastados pelo chão. Como seria para Karou ver aquelas evidências? Até que ponto ela se lembrava do dia em que ficara órfã? Da primeira vez em que ficara órfã, corrigiu-se ele. A segunda era muito mais recente; e culpa dele.

— Acho que seria melhor se ficássemos em áreas separadas — respondeu ele.

As gargalhadas vacilaram e aos poucos pararam. Todos olhavam para ele, suas expressões variando entre o divertimento e a afronta; pareciam não saber direito com qual sentimento ficar, e nenhuma das duas opções era boa. Akiva precisava fazê-los adotar uma posição completamente diferente: de aceitação, ainda que relutante.

O que, naquele momento, parecia muito distante. Ele deixara a companhia quimera no vale de uma montanha muito alta, onde ficariam até ele poder voltar para levá-los a algum lugar seguro. Ele queria muito levar Karou para um lugar seguro — e os outros também. Aquela oportunidade impossível jamais se repetiria. Se falhasse em convencer os irmãos a tentar, falharia com seu sonho.

— A escolha é de vocês — disse ele. — Podem recusar. Deixamos de servir ao império; escolhemos nossa própria luta agora, e podemos escolher nossos aliados também. O fato é que massacramos as quimeras. Essas poucas que sobreviveram são os inimigos da guerra de ontem. Enfrentamos uma nova ameaça agora, não apenas para nós... embora, sim, para nós também... mas para toda Eretz: a promessa de uma nova era de tirania e guerra que faria o governo de nosso pai parecer gentil. Precisamos deter Jael. Isso é o mais importante.

— Não precisamos de feras para isso — disse Elyon, dando um passo à frente.

Ao contrário de Xathanael, Akiva conhecia bem Elyon, e o respeitava. Estava entre os mais velhos dos bastardos ainda vivos, mas ainda assim não era muito velho: seu cabelo mal começara a ficar grisalho. Era um pensador, um planejador, não dado a bravatas nem a violência desnecessária.

— Não? — Akiva o encarou. — O Domínio tem cinco mil soldados, e Jael é o imperador agora, então ele também comanda a Segunda Legião.

— E quantas são essas feras?

— Atualmente são oitenta e sete *quimeras* — replicou Akiva.

— Oitenta e sete. — Elyon riu. Não parecia debochado, era um riso quase triste. — Tão poucos. Como isso pode nos ajudar?

— Isso nos ajuda com a força de oitenta e sete soldados. — *Para começar*, pensou Akiva, mas não o disse. Ainda não contara a eles que as quimeras tinham uma nova ressurreicionista. — Oitenta e sete com hamsás contra os soldados do Domínio.

— Ou contra nós — ressaltou Elyon.

Akiva gostaria de poder dizer que os hamsás não seriam usados contra eles. Ainda sentia o mal-estar (uma leve dor na boca do estômago) das vezes em que as quimeras exibiram furtivamente as palmas das mãos na direção deles.

— Eles têm tantos motivos para gostar de nós quanto nós deles. Menos, na verdade. Vejam a terra deles. Mas nossos interesses, pelo menos por enquanto, são os mesmos. O Lobo Branco deu sua palavra...

À menção do Lobo Branco, a companhia perdeu a compostura.

— O Lobo Branco está vivo? — perguntaram muitos soldados.
— E você não o matou? — perguntaram muitos mais.
As vozes tomaram a caverna, ecoando e reverberando no teto alto de pedra e parecendo se multiplicar em um coro de gritos fantasmagóricos.
— O general está vivo, sim — confirmou Akiva. Teve que gritar também, até que se calassem. — E não, eu não o matei. — *Se ao menos vocês soubessem como foi difícil...* — E ele também não me matou, embora pudesse ter feito isso facilmente.
Os gritos foram morrendo, e os ecos também, mas Akiva sentia como se já não tivesse mais o que dizer. Quando se tratava de Thiago, seu poder de persuasão se esgotava. Se o Lobo Branco estivesse morto, será que ele conseguiria ser mais eloquente? *Não pense nele*, disse a si mesmo. *Pense nela.*
E foi o que fez.
— Há o passado, e há o futuro — recomeçou Akiva. — O presente não é nada mais do que o único segundo que os separa. Vivemos equilibrados neste segundo enquanto ele se lança para a frente; e em direção a quê? Durante nossa vida inteira, era o império que nos propelia em direção à aniquilação das feras, e isso passou. Ficou no passado. Mas ainda estamos vivos. Somos menos de trezentos, e ainda assim continuamos a nos lançar para a frente, em direção a *alguma coisa*, e já não cabe mais ao império decidir. Quanto a mim, quero que essa *alguma coisa* seja...
Ele poderia dizer: *a morte de Jael*. Seria verdade. Mas era uma verdade pequena diante de outra bem maior. Em suas lembranças havia uma voz mais profunda que qualquer outra que já tinha ouvido, e dizia: *Ou temos a vida como mestre, ou a morte.*
As últimas palavras de Brimstone.
— Vida — completou ele. — Quero que o futuro seja *vida.* Não são as quimeras que estão no nosso caminho. Nunca foram eles. Era Joram, e agora é Jael.
Quando tudo era uma questão de quem se odiava mais ou menos, Akiva sabia que o ódio mais pessoal venceria, e Jael tinha feito de tudo para garantir essa honra. Mas os Ilegítimos ainda não sabiam a que ponto chegava esse "tudo".
Akiva guardou as novidades para si mesmo por um instante; não queria contá-las. Sentia-se, mais do que nunca, culpado. Então finalmente falou, como se deitasse um corpo sobre o silêncio deles:
— Hazael morreu.
Existem diferentes espécies de silêncio. Assim como existem diferentes espécies de quimera. *Quimera* por si só não significava nada mais específico do que "criatura de aspecto misto, criatura *não serafim*". Era um termo que englobava toda espécie, com idioma e sociedade complexa, que morava naquelas terras e que não era um anjo. Era um termo que nunca teria sido cunhado se os serafins não tivessem, ao atacá-los, unido as diferentes tribos contra eles, os anjos.
O silêncio que precedeu a notícia e o que se seguiu a ela eram tão diferentes um do outro quanto um Kirin e um Heth.
Os Ilegítimos tinham sofrido muitas baixas no ano anterior. Perderam tantos irmãos que os restantes poderiam ter se afogado nas cinzas dos mortos. Eles eram criados de forma a já esperar esse destino, embora isso nunca tivesse tornado as perdas mais fáceis. E, nos últimos meses da guerra, quando a contagem dos corpos alcançara níveis absurdos, uma mudança ocorrera. A fúria deles vinha crescendo — não só pelas perdas, mas também pela expectativa de que eles, sendo apenas armas, não sofreriam por isso. Eles sofreram. E Hazael era, definitivamente, um dos preferidos.
— Ele foi morto por um dos soldados do Domínio, na Torre da Conquista. Foi uma armadilha.
Só de falar, era como se Akiva estivesse lá de novo, assistindo à morte do irmão em meio à extraordinária radiância do *sirithar* que viera tarde demais. O resto, ele omitiu: que Hazael morrera defendendo Liraz dos terríveis planos de Jael para ela. Já era difícil demais para Liraz sem que todos soubessem.
— É verdade que matei nosso pai — disse ele. — Fui até lá para isso, e foi o que fiz. Seja lá o que tenham ouvido, não matei o príncipe herdeiro, nunca teria feito isso. Assim como não matei o conselho, nem os guarda-costas, nem os Espadas de Prata, nem as criadas da sala de banho. — Tanto sangue. — Tudo isso foi obra de Jael, planejado por ele. Independentemente do que acontecesse naquele dia, ele jogaria a culpa em mim de qualquer jeito e usaria isso como pretexto para exterminar todos nós.
Enquanto ele contava, o silêncio continuava a mudar, tornando-se mais relaxado, como punhos se afrouxando em cabos de espadas.
Talvez fosse novidade para eles que suas vidas estivessem condenadas de qualquer forma, não importando o que Akiva fizesse ou não naquele dia. Talvez isso não fosse o mais importante. Aqueles dois nomes, Hazael e Jael, seriam vistos como polos de amor e ódio, e juntos se combinaram para tornar real tudo o que se passara: a ascendência do tio deles ao trono, o exílio, até mesmo a *liberdade* — que ainda lhes era tão estranha, uma língua que nunca haviam tido a oportunidade de aprender.
Eles poderiam fazer qualquer coisa agora. Até mesmo... se aliar às feras?
— Jael não espera por isso — disse Akiva. — A aliança vai enfurecê-lo, para dizer o mínimo. Mais ainda: vai *perturbá-lo*. Ele não vai saber o que esperar em seguida, em um mundo em que quimeras e Ilegítimos uniram forças.
— Nem nós, aposto.

Na voz de Elyon havia um tom de reflexão, pensou Akiva, como se o desconhecido da situação o seduzisse tanto quanto o assustava.

— Tem mais uma coisa — disse Akiva. — É verdade que há uma nova ressurreicionista entre as quimeras. E vocês precisam saber, antes de tomar qualquer decisão, que ela estava disposta a salvar Hazael. — Sua voz falhou. — Mas era tarde demais.

Eles absorveram aquela informação.

— E quanto a Liraz? — perguntou Elyon.

Um murmúrio se espalhou. Ela seria decisiva para que eles se aliassem.

— Aposto que *ela* não concordou com isso — completou alguém.

E Akiva agradeceu à irmã em silêncio, porque sabia que agora ele tinha conseguido.

— Liraz está no acampamento deles agora, esperando minha resposta. Como podem imaginar... — ele suavizou a expressão pela primeira vez desde que chegara e os chamara para conversar; até se permitiu um sorriso — ... ela preferiria estar aqui com vocês. Não temos tempo para ficar discutindo isso a vida inteira. Jael não vai esperar. — Ele olhou primeiro para Elyon. — E então?

O soldado piscou várias vezes, rapidamente, como se estivesse acordando. Franziu as sobrancelhas.

— A força de uma trégua é medida por aquele que se revelar o menos confiável, em qualquer um dos lados — disse ele, em tom de alerta.

— Então que não seja no nosso lado — disse Akiva. — É o melhor que podemos fazer.

O olhar de Elyon sugeria que na verdade ele podia pensar em uma opção melhor: uma opção que começava e terminava com espadas. Mas ele acabou assentindo.

Ele assentiu. O alívio de Akiva foi como a passagem dos caça-tempestades, reconfigurando o ar.

Elyon deu sua palavra, os outros deram também. Era uma promessa simples e frágil, o máximo que ele poderia esperar por ora: que, quando o vento trouxesse seus inimigos, eles não seriam os primeiros a atacar. Thiago fizera a mesma promessa em nome de seus soldados.

Em breve todos aprenderiam de que valiam as promessas.

# 12

## Uma ideia quente

— Sabe o que eu podia fazer? — perguntou Zuzana, tremendo.

— O que você podia fazer? — indagou Mik, sentado atrás de Zuzana abraçando-a, o rosto afundado em seu pescoço.

Aquela era a parte mais quente do corpo de Zuzana naquele momento: a curva do pescoço, onde a respiração de Mik criava seu próprio microclima, alguns maravilhosos centímetros quadrados de temperatura tropical.

— Sabe aquela cena de *Star Wars* em que o Han Solo abre a barriga do *tauntaun* e enfia o Luke ali para ele não morrer de frio?

— Ah, mas que fofo — respondeu Mik. — Você vai me aquecer me colocando dentro da carcaça de um animal que acabou de morrer?

— Não você. *Eu.*

— Ah. Tá. Que bom. Porque sempre que *eu* vejo aquela cena, fico pensando que as tripas iam esfriar rápido, e, na minha opinião, é melhor ficar com frio mas *não* coberto pelas vísceras úmidas de um *tauntaun* do que...

— Tudo bem — disse Zuzana. — Não precisa entrar em detalhes.

— Isso se chama "saco de dormir Skywalker". Uma mulher nos Estados Unidos tentou usar a técnica com um cavalo.

Zuzana fingiu ânsia de vômito.

— *Pode parar agora.*

— Nua.

— Ai, meu Deus. — Zuzana chegou para a frente para olhar para ele. Imediatamente o microclima em seu pescoço começou a sofrer uma queda de temperatura. *Adeus, pequeno trópico.* — Eu realmente não precisava imaginar isso.

— Desculpe — disse Mik, arrependido. — Mas tenho uma ideia melhor.

— Uma ideia *quente*?

— Sim. Eu estava criando coragem quando você me distraiu com essa história de *Star Wars.*

Eles estavam acampados com o exército quimera e Liraz — Akiva tinha ido na frente para conseguir o apoio do exército *dele*, de dedos cruzados — em um vale abrigado em meio às montanhas. *Abrigado* sendo um termo relativo, e *vale* também. Essa descrição remete a prados, flores silvestres e lagos, mas aquele vale parecia uma cratera lunar. Pelo menos ali estavam protegidos do vento mais forte, e dava para manter fogueiras acesas.

No entanto, não havia muito combustível disponível e a madeira que alguém (Rark? Aegir?) cortara com um machado de batalha queimava mal, estalando e soltando fagulhas esverdeadas e um cheiro desagradável como as décadas de repolho acumulado no apartamento da tia de Zuzana em Praga.

Sério, aquele cheiro não deveria existir nem em um único mundo, que dirá dois.

Por que Mike precisava criar coragem para executar sua ideia?, perguntou-se Zuzana.

— Sua ideia vai me impressionar? — indagou ela.

— Se funcionar? Sim. Se não, e se eu voltar logo, todo cabisbaixo ou... hum, *apunhalado*... não zombe de mim, tudo bem?

*Apunhalado?*

— Eu nunca zombaria de você — disse Zuzana, com sinceridade. — Ainda mais quando você corre o risco de ser apunhalado. Isso não é sério, é?

— Acho que não. Mas de humilhação, com certeza. — Ele respirou fundo. — Aqui vou eu.

E então o corpo dele não estava mais lá atrás dela, deixando-a totalmente exposta. Zuzana percebeu que antes não estava de fato com frio; agora, sim. Era como sair de dentro de um *tauntaun*, coberta de gosma de...

*Eca.*

— O que Mik está fazendo? — perguntou Karou, descendo do contraforte de pedra que *meio* que os protegia do vento.

Ela tinha passado um bom tempo andando de um lado para o outro lá em cima, esperando Akiva voltar, mas com a desculpa de que tinha que ficar de guarda. O sol já estava se pondo, e Zuzana achava que o serafim não voltaria tão cedo, mas nem se dera ao trabalho de dizer isso à amiga.

— Não sei — respondeu Zuzana. — Algo corajoso, para impedir que a gente morra congelado.

Na mesma hora ela se arrependeu da reclamação.

Karou se retraiu.

— Me desculpe por não estarmos mais bem preparados, Zuze — disse ela. — Voc ês deveriam ter ficado lá. Que idiotice a minha em deixá-los vir.

— Shhh. Não estou arrependida, e não estou congelando de verdade, ou me enfiaria debaixo da pilha de cobertores junto com Issa.

Havia um grupo reunido em torno das quimeras de sangue mais frio, que estavam usando todos os cobertores extras (incluindo aquele fedido que Zuzana tinha usado para se proteger dos espinhos no pescoço de Virko). Zuzana pelo menos tinha um casaco de lã, e Mik, um suéter. Sorte deles terem deixado todas as suas coisas na casbá quando escaparam, ou não teriam nem isso.

— Aonde ele está indo? — perguntou Karou. Mik seguia na direção oposta à das quimeras que descansavam. — Ele não... ele não vai... *Ah.* Ele *vai.*

Havia medo e espanto em sua voz.

Zuzana sentia o mesmo.

— Onde é que ele está com a cabeça? — sussurrou ela. — Abortar. *Abortar*.

Mas era tarde demais.

Com as mãos enfiadas nos bolsos da calça e arrastando os pés como um sem-teto assustado, Mik se aproximou... de Liraz.

Zuzana se levantou para assistir. A serafim estava sozinha no canto mais afastado das quimeras, com a mesma cara de furiosa que exibira na casbá e na ponte Carlos. Talvez até *pior*. Ou será que aquele era o rosto normal dela? Zuzana ainda precisava de provas de que Liraz tinha outras expressões faciais. Durante o voo, ela e Mik tinham se divertido criando anúncios de classificados românticos para as quimeras. O de Liraz ficou mais ou menos assim: *Serafim nervosinha e cheia de fogo procura masoquista que curta cara feia e espadas em geral. Nada de beijos.*

Mik não seria um candidato a masoquista. Zuzana percebeu que ele estava atrás do "fogo" dela — literalmente. Era loucura. Obviamente não ia dar certo. Nunca que Liraz se aproximaria para suas asas os aquecerem. Suas lindas e quentinhas asas de fogo.

Mik estava conversando com ela. Gesticulando. Fez a representação universal de *brrr* e logo depois abriu os braços como asas, depois indicou o lugar onde Zuzana e Karou estavam, juntando as mãos em um apelo. Liraz olhou e viu que as duas os observavam. Seus olhos se estreitaram. Então ela voltou sua atenção para Mik, mas apenas brevemente, e olhou para ele — de cima; ela era alta — com total indiferença. Não disse nada, nem se importou em fazer que não com um movimento de cabeça. Apenas lhe deu as costas como se ele nem estivesse ali.

*Como ela ousa?*

— Vou usar *essa aí* como um *tauntaun* — resmungou Zuzana.

— O quê?

— Nada.

Mik estava voltando, envergonhado, mas não apunhalado. Embora sua missão não tivesse sido bem-sucedida (o que ele achou? que Liraz se importaria com o conforto deles?), tinha sido de uma coragem incrível. As quimeras, apesar de toda a sua monstruosidade, eram mais acessíveis do que a serafim.

— Meu herói — disse Zuzana, sem um pingo de deboche, e, pegando a mão de Mik, levou-o de volta para perto da fraca fogueira, para começarem a invocar mais trópicos em seu pescoço.

# 13

## Juntos

O sol se pôs. Nitid surgiu, seguida por Ellai, e Karou ficou feliz em ver o deslumbramento de seus amigos ao contemplarem as luas irmãs pela primeira vez, mesmo que elas fossem apenas finos riscos no céu naquela noite. Foram presenteados também com mais uma oportunidade de ver caça-tempestades, embora, dessa vez, à distância de sempre. A temperatura continuou a cair, e as criaturas enregeladas se apertaram ainda mais umas contra as outras. Eles cozinharam, comeram. Oora contou uma história com uma cadência rítmica e assustadora.

Liraz ainda se mantinha distante, o mais longe possível do grupo de feras. Quando Karou enfiou as mãos embaixo dos braços para aquecê-las, o desperdício do calor das asas da serafim lhe pareceu absurdo como regar um deserto. Mas, depois dos ataques de hamsás que Liraz tivera que suportar durante a viagem, Karou não podia exatamente condenar a atitude dela. Quer dizer, ela *podia* condená-la por ter sido rude com Mik; ele não tinha hamsás. Além do mais, sério: *quem conseguia ser mau com Mik?* Nem as piores quimeras tinham conseguido. E veja só Zuzana! Não era por acaso que seu apelido quimera era *neek-neek*, mas ele conseguira abrandá-la mesmo assim. Até então, apenas Liraz se mostrara imune ao efeito Mik.

Liraz era especial: especialmente antissocial. Chegava a ser impressionante. Mas Karou se sentia responsável por ela, que, afinal, fora deixada entre eles como... o quê? Uma espécie de embaixadora? Não havia ninguém menos indicado para a função. Karou pensou naquele momento, antes de Akiva ir embora, em que o olhar dele cruzara a distância até alcançá-la. Ninguém sabia fazer isso como ele, abrir um caminho pelo espaço, fazer você se sentir visto, isolado do resto. Eles ainda não haviam se falado desde que deixaram a casbá, nem sequer ficado perto um do outro, e mesmo assim ela vinha tomando cuidado com a direção em que iam seus olhares. Aquele olhar específico dissera muitas coisas, e uma delas era um apelo para que ela cuidasse de sua irmã.

Ela encarou o pedido com seriedade. Até onde podia perceber, ninguém estava atormentando Liraz. Só esperava que não fizessem uma idiotice dessas sem Akiva ali para contê-la.

*Quando será que ele vai chegar?*

Lá embaixo, enquanto as fogueiras crepitavam soltando fagulhas verdes, exalando cheiro de repolho e emitindo um calor irrisório, Karou andava de um lado para outro na montanha, de olho nas quimeras de um lado, procurando Akiva do outro. Ainda nem sinal do brilho de suas asas nas profundezas da escuridão.

Como ele estaria se saindo? E se voltasse com más notícias? Para onde as quimeras iriam, se não para as cavernas dos Kirin? Voltariam para os túneis das minas, onde haviam se escondido por um tempo antes de buscar abrigo no mundo humano? Karou estremeceu só de pensar nisso.

Só de pensar em enfrentar sozinha a enormidade da invasão dos anjos.

E em perder aquela chance.

Nesse momento ela percebeu como, em tão pouco tempo, tinha passado a contar com a ideia daquela aliança, por mais louca que parecesse; percebeu tudo o que a ideia significava para aquele grupo — tanto para atender a suas necessidades básicas quanto para lhes dar um objetivo. As quimeras precisavam disso. *Ela* precisava disso.

Além do mais, estava ali congelando naquela área exposta enquanto os Ilegítimos aproveitavam o conforto do seu lar ancestral. Onde, se Karou bem se lembrava, havia *nascentes de água quente*.

*Mas de jeito nenhum.*

Ela ouviu um leve arranhar de garras na pedra, o único aviso de que o Lobo Branco se aproximava, e se virou. Thiago trazia chá, que ela aceitou com gratidão, passando os dedos em volta da xícara de metal quente e erguendo-a até o rosto para sentir o vapor.

— Não precisa ficar aqui no vento — disse ele. — Kasgar e Keita-Eiri estão de vigia.

— Eu sei. Mas não consigo ficar parada. Obrigada pelo chá.

— Não precisa agradecer.

— Para onde você mandou os outros? — perguntou ela.

Dali de cima, Karou o vira falar com seus capitães e então enviar quatro duplas de volta por onde tinham vindo.

— Mandei que cobrissem os limites orientais da baía — respondeu ele. — E que ficassem de olho no horizonte. Um de cada dupla deve voltar para cá daqui a vinte e quatro horas, e, depois, a intervalos de doze horas, para termos certeza de que podemos deixar as montanhas.

Ela assentiu. Era uma boa precaução. A baía das Feras era território serafim. *Todo lugar* era território serafim agora, e eles não tinham ideia do que o restante das forças do império estava fazendo, nem onde estava. As montanhas podiam ocultá-los por enquanto, mas, para voltar ao mundo humano, teriam que ficar expostos pelo tempo que levasse para todos da companhia cruzarem, um por um, o portal.

— Como você acha que estão indo as coisas? — perguntou ele, em um sussurro.

Karou olhou para os outros lá embaixo, espalhados pelos cantos do grande vale de pedra. Ela estava em alerta máximo, mas não havia ninguém olhando para eles; além do mais, a distância e a escuridão fariam dos dois apenas silhuetas e o vento levaria embora o som de suas vozes.

— Bem, acho — respondeu ela. — Você está se saindo muito bem. — Em representar Thiago, ela queria dizer. — É meio assustador.

— Assustador — repetiu ele.

— Convincente. Algumas vezes quase esqueço que...

Ele não a deixou terminar:

— Não esqueça. Nunca. Nem por um segundo. — Ele respirou fundo. — Por favor.

Havia tanta coisa por trás daquelas palavras... *Por favor, não esqueça que não sou um monstro. Por favor, não esqueça tudo de que abri mão. Por favor, não se esqueça de mim.* Karou sentiu vergonha de ter dito o que pensava. Será que ela pretendera dizer aquilo como um elogio? Como podia ter imaginado que ele receberia dessa forma? *Você está se saindo muito bem como o louco que eu matei.* Soava como uma acusação.

— Não vou esquecer — disse ela a Ziri.

Lembrou-se então do breve instante em que se perguntara se usar a pele do Lobo poderia mudá-lo, mas, quando olhou para os olhos dele naquela hora, soube que não havia perigo de isso acontecer.

Os olhos dele não eram os de Thiago, não naquele momento. Eram cálidos demais. Ah, ainda eram os olhos pálidos do Lobo, é claro, porém mais diferentes do que Karou imaginara que pudessem ser. Era incrível como duas almas podiam olhar através do mesmo par de olhos de maneiras tão diferentes, como se os remodelassem por completo. Sem a arrogância do Lobo, aquele rosto podia até mesmo parecer gentil. É claro, isso era perigoso. O Lobo nunca parecia gentil. Polido, sim, e educado. Contido em uma gentileza encenada? Claro. Mas *realmente* gentil? Não. E a diferença era drástica.

— Juro — disse ela, com uma voz quase inaudível em meio ao ruído do vento. — Eu nunca poderia esquecer quem você é.

Ele teve que se aproximar mais para ouvir, mas não se afastou depois. Respondeu no mesmo tom confidencial, tão de perto que ela sentiu seu hálito contra a orelha:

— Obrigado.

Seu tom de voz era tão quente e diferente do de Thiago quanto seus olhos, e também carregado de desejo.

Karou se virou abruptamente na direção da escuridão, para ganhar um pouco de espaço. Nem mesmo a alma de Ziri podia alterar tanto a presença física do Lobo a ponto de sua proximidade deixar de fazê-la estremecer. Suas feridas ainda doíam. Sua orelha latejava, a pele rasgada por aqueles dentes. E ela não precisava nem fechar os olhos para se lembrar de como tinha sido estar presa sob o peso daquele corpo.

— Como você está? — perguntou ele, depois de um instante de silêncio.

— Tudo bem. Vou ficar melhor assim que tivermos uma resposta.

Karou indicou a noite lá fora com um gesto de cabeça, como se o céu guardasse o futuro. O que era verdade, de uma forma ou de outra, se Akiva já estivesse voltando. Ela sentiu o coração apertar. Quão profundo era o futuro? Até onde chegava?

E quem estaria com ela nesse futuro?

— Eu também — disse Ziri. — Quer dizer, vou ficar melhor se as notícias forem boas. Não sei o que fazer se esse plano falhar.

— Nem eu. — Ela resolveu tentar demonstrar coragem: — Mas vamos conseguir pensar em alguma saída se for preciso.

Ele fez que sim.

— Espero que eu consiga ver... o lugar onde nasci.

Tão hesitante em suas palavras. Ele era um bebê quando perderam sua tribo. Não tinha nenhuma lembrança da vida antes de Loramendi.

— Você pode dizer “lar”. Pelo menos para mim.

— Você se lembra de lá? — perguntou Ziri.

Ela fez que sim.

— Eu me lembro das cavernas. Dos rostos, é mais difícil. Meus pais são apenas borrões.

Doeu admitir isso. Ziri era um bebê na época, mas ela já tinha sete anos quando tudo aconteceu. Não restara mais ninguém, além dos dois, que pudesse lembrar. Os Kirin só existiriam enquanto ainda estivessem nas lembranças deles, a maioria das quais já tinha se perdido. Karou deixou os ombros caírem ao sentir um peso na consciência. Será que ela também esqueceria o rosto de Ziri? A imagem do corpo dele na cova rasa a assombrava. A terra presa nos seus cílios, e, depois, a última visão que ela tivera daqueles olhos castanhos antes de cobri-los. As bolhas em suas mãos ainda doíam do desespero em enterrá-lo; e sempre que sentia essa dor, via o rosto dele imóvel, sem vida. Mas sabia que em pouco tempo essa imagem perderia a clareza. Precisava desenhá-lo — *vivo* — enquanto ainda conseguia. Mas não seria bom lhe mostrar o desenho. Ziri tinha a mania de ver coisas demais em pequenos gestos, e ela não queria lhe dar esperanças. Não o tipo de esperança que ele gostaria, pelo menos.

— Você me mostra o lugar quando... *se* chegarmos lá? — perguntou ele.
— Não teremos muito tempo.
— Eu sei. Mas espero que a gente tenha *algum* tempo a sós, ainda que pouco.
A sós? Karou se retesou. O que ele estava pensando?
Mas ele também se alarmou ao ver a expressão no rosto dela.
— Não quero dizer sozinho com você. Bem, não que eu não... mas não foi o que eu quis dizer. Só... — ele respirou fundo e soltou o ar com força — ... só estou cansado, Karou. Queria não ser vigiado, não me preocupar se estou cometendo algum erro, pelo menos por um tempinho. Foi só isso.
Ah, meu Deus, como estava sendo egoísta, pensando só em si mesma. A pressão sobre ele era tão grande, esmagadora, e ela não podia nem ao menos suportar a ideia de ficarem sozinhos? Não podia nem *fingir*?
— Sinto muito — disse ela, arrasada. — Por tudo isso.
— Não sinta. Por favor. Não vou dizer que é fácil, mas vale a pena. — Ele parecia tão sincero. Mais uma vez, sua expressão era completamente estranha ao rosto e à voz do Lobo, remodelando ambos, conseguindo até tingir a beleza intocável do general com *doçura. Ah, Ziri.* — Pelo que podemos conquistar — acrescentou ele. — Juntos.
*Juntos.*
O coração de Karou se rebelou. Se houvesse uma última sombra de dúvida, não teria sobrevivido àquele jorro de clareza. Seu coração era a metade de outro “juntos” — um sonho cujo início se dera em outro corpo mas que, ao contrário da mentira que ela vinha contando a si mesma havia meses, aparentemente não tivera um fim.
Ela forçou um sorriso, porque não era culpa de Ziri. Ele merecia mais; no entanto, ela não podia se forçar a dizer a palavra — *juntos*.
Não para ele, pelo menos.

* * *

Ziri viu a tensão no sorriso de Karou. Queria acreditar que era por ela ser forçada a olhar para ele através daquele corpo, mas... ele sabia. Simples assim. Se ele não tinha certeza absoluta antes daquele momento, era culpa sua, não dela, e agora se dava conta.
Não havia esperança ali. Nenhuma fricção de sorte; não para ele.
Ele lhe desejou boa-noite, deixou-a lá, impaciente, no alto da montanha — esperando o anjo voltar — e sentiu, ao se afastar, as feições de seu rosto voltarem à expressão habitual. Havia uma discreta curva nos cantos dos lábios mostrando certo divertimento — do tipo cruel. Mas não era de Ziri. Ele não estava se divertindo. Karou ainda amava Akiva? O verdadeiro Thiago teria ficado enojado, furioso. O falso Thiago só tinha o coração partido.
Também sentia ciúmes, o que lhe dava nojo.
Ele sentiu a perda do corpo mais intensamente do que nunca. Não porque achasse que isso teria feito alguma diferença para Karou, mas porque queria voar — sentir-se livre, mesmo que por pouco tempo; exaurir suas asas e pulmões, romper a noite e deixar a tristeza aparecer no rosto que nem mesmo era o seu. Só que nem isso ele podia fazer. Não tinha asas. Só presas. Só garras.
*Eu podia uivar para as luas*, pensou ele, o desespero o rasgando. No lugar em que antes estava sua esperança — naquele espaço agora frio —, colocou uma outra, que, no entanto, não ajudou muito a aquecê-lo.
Não tinha nada a ver com amor; não havia por que desperdiçar esperança com isso. Era uma questão de sorte, embora a única razão que lhe permitira ser chamado de sortudo estivesse agora apodrecendo em uma cova rasa no mundo humano. “Ziri Sortudo”… que piada.
Sua nova esperança era simplesmente a de voltar a ser Kirin, algum dia. Passar por tudo aquilo e sobreviver — sem ser descoberto nem queimado como traidor pela farsa, tampouco deixado para evanescer. Ele ainda acreditava no que acabara de dizer a Karou: que seu sacrifício valeria a pena se conseguisse guiar as quimeras até um futuro livre da brutalidade do Lobo Branco.
Fora isso, no entanto, a esperança de Ziri era modesta. Queria voltar a voar, ficar livre daquele corpo detestável, daquela boca cheia de presas, daquelas garras afiadas.
Se alguém viesse a amá-lo um dia, pensou amargamente, seria bom poder tocá-la sem tirar sangue.

# 14

## Os cinco minutos mais longos da história

Liraz se sentia... culpada.

Não era seu sentimento preferido. Seu sentimento preferido era a *ausência de sentimentos*. Qualquer outra coisa provocava perturbação. Naquele instante, por exemplo, estava irritada com a fonte de sua culpa e, embora soubesse que essa reação emocional era inadequada, parecia não conseguir *deixar* de se sentir assim. Estava irritada porque sabia que precisaria fazer alguma coisa para... aliviar a culpa.

*Droga*.

Era o humano dos malditos olhos suplicantes e que não parava de tremer. O que ele pretendia, pedindo-lhe para aquecê-lo (e a sua namorada), como se eles fossem responsabilidade *dela*? Para começar, o que estavam fazendo ali, viajando com feras? Não era o mundo deles. E os dois não eram problema dela. Aquela culpa já era bastante idiota, mas, ah, ficava pior.

Ficava mais idiota.

Liraz também estava irritada com as quimeras, e não por uma razão que fizesse sentido. Por um milagre, não estavam apontando os hamsás para ela. Desde o início daquele acampamento que Liraz não sentia a dor ou o mal-estar que a magia deles lhe provocava. E era por *isso* que ela estava irritada. Porque não estavam lhe dando um motivo para se irritar.

Sentimentos. Eram. Coisas. Idiotas.

*Ande logo, Akiva,* pensou ela, olhando para o céu noturno, como se o irmão pudesse resgatá-la de si mesma. Improvável. Ele próprio estava sendo varrido por um turbilhão de sentimentos — mais uma razão para a fúria de Liraz. Era tudo culpa de Karou. Liraz já se imaginava com as mãos apertando o pescoço daquela garota. Não. Ia enforcá-la com aquele cabelo ridículo dela, enrolando-o como se formasse uma corda.

Só que, é claro, não ia fazer nada disso.

Mais cinco minutos; se Akiva não voltasse nesse tempo, faria o que tinha em mente. Não estrangular Karou; a outra coisa. O que tinha que fazer para pôr um fim àquela absurda inundação de *sentimentos*.

Cinco minutos.

Já estava no terceiro "cinco minutos". E cada "cinco minutos" estava mais para quinze.

Finalmente, Liraz começou a andar, como se arrastasse um peso, a cada passo amaldiçoando Akiva por dentro. Tinha concedido a ele os cinco minutos mais longos da história e ele ainda não voltara para acabar com aquilo. Todos no acampamento dormiam, com a exceção de um grifo, que estava de vigia no alto de um pináculo. De qualquer forma, dali de cima ele não conseguiria ver o que acontecia no chão.

O Lobo tinha parado de andar de lá para cá na beirada da montanha e agora havia se retirado para junto de uma das fogueiras — felizmente, uma das mais distantes. Estava de olhos fechados. Todos estavam. Pelo que Liraz podia ver, não havia ninguém acordado.

Ninguém jamais saberia o que ela ia fazer.

Liraz caminhava lentamente, em silêncio. Aproximou-se um pouco do... amontoado de feras e, de longe, observou-os ali com desgosto para só então chegar mais perto. A fogueira era uma coisa triste, não produzia quase calor algum. Os dois humanos estavam lá, dormindo enroscados como gêmeos no útero. *Em posição fetal*, pensou ela. *Patético.* Liraz ficou olhando para os dois por um bom tempo. Estavam tremendo.

Ela olhou em volta; um rápido olhar.

Então se ajoelhou ao lado deles e abriu as asas. Era um poder que todo serafim tinha, de fazer o fogo de suas asas arder com mais ou menos intensidade. Um simples pensamento, e o calor se intensificou. Em segundos espalhou-se por todo o grupo, mas Liraz notou que ainda levou algum tempo até que todos parassem de tremer. Ela própria nunca conhecera o frio, mas era algo que dava todos os sinais de ser desagradável. *Fracos*, pensou, ainda observando o casal humano, mas uma outra palavra estava à espreita, desafiando aquela. *Destemidos.*

Eles dormiam com os rostos colados.

Liraz não conseguia entender aquilo. Nunca fora assim tão próxima de outra alma viva. Sua mãe? Talvez. Não lembrava. Mas alguma coisa naquela cena lhe deu vontade de chorar, portanto, pensou, deveria odiar aquilo que via... deveria odiá-los. Mas não era o que sentia. Ela se perguntava por quê, enquanto estava ali a observá-los e aquecê-los. Levou um tempo até erguer o rosto e olhar em volta da fogueira. Outra questão surgira a sua mente: será que Akiva e Karou haviam tido... aquilo? Aquela proximidade isenta de medo? Aliás, onde estava Karou? Liraz viu Issa, a Naja, descansando tranquilamente, ao que parecia, mas, para seu profundo espanto, Karou não estava entre os que dormiam.

Então *onde* ela estava?

Seu coração disparou, e ela soube na hora. *Deuses da luz. Como pude ser tão descuidada?* Cheia de medo — ah, e o medo

a deixava irritada —, Liraz inclinou a cabeça para trás e olhou para cima. Lá, é claro, estava Karou, logo acima dela, na saliência de pedra — *Há quanto tempo está ali?* —, abraçada com força aos joelhos junto ao peito. Acordada? Ah, sim. Com frio, nitidamente. Vendo tudo.

Intrigada.

Quando o olhar das duas se encontrou, Karou inclinou a cabeça para o lado, em um movimento repentino que lembrava um pássaro. Não sorriu, mas seu olhar transmitia um inegável calor, que chegou até Liraz.

Ela quis mandá-lo de volta na ponta de uma flecha.

Então Karou simplesmente aninhou o rosto entre os joelhos e se ajeitou para dormir. Liraz não sabia o que fazer, pega assim no ato. Recuar? Queimar todo mundo?

Bem, isso talvez não.

Por fim, acabou ficando onde estava.

Mas quando as quimeras acordaram e foram informadas da volta de Akiva — com boas notícias: os Ilegítimos tinham dado sua palavra de que cooperariam —, Liraz já estava de pé. Ninguém além de Karou sabia o que ela tinha feito. Liraz pensou em alertá-la de que não deveria contar a ninguém, mas tanta preocupação implicaria um nível ainda maior de vulnerabilidade e daria a Karou ainda mais poder sobre ela, então não falou nada. Mas a *fuzilou* com o olhar.

— Obrigado — disse Akiva, baixinho, quando tiveram um instante a sós.

— Pelo quê? — perguntou Liraz, estreitando os olhos como se de alguma forma ele pudesse saber o que ela fizera algumas horas antes.

Ele deu de ombros.

— Por ficar aqui. Manter a paz. Não deve ter sido muito divertido.

— Não foi. E não me agradeça — disse ela. — Posso ser a primeira a pegar a espada assim que recebermos reforços.

Mas Akiva não se deixou enganar.

— Sei — disse ele, reprimindo um sorriso. — Hamsás?

— Não — admitiu ela, de má vontade. — Nada.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso.

— Incrível.

Era incrível *mesmo*. Liraz fez uma careta, lembrando-se da raiva absurda que sentira daquilo: o que eles pretendiam, deixando-a em paz daquele jeito? Mas era estranho. Não fazia sentido. Dizer isso em voz alta, no entanto, apenas soaria tolo, e talvez até fosse mesmo. Akiva parecia esperançoso. Liraz não o via assim desde... *Nunca* o vira assim. Isso lhe deu um aperto no coração; uma sensação boa e ruim. Como uma sensação podia ser boa e ruim ao mesmo tempo? Akiva estava feliz; essa era a parte boa. Hazael deveria estar ali; essa era a ruim.

— Você contou a eles? — perguntou ela a Akiva. — Sobre Haz?

Estava atiçando a sensação ruim para tentar embotar a boa.

Akiva assentiu. Ela viu, com um misto de culpa e triunfo mesquinho (mas principalmente culpa), que embotara também o olhar esperançoso dele, contaminando-o com dor.

— Já imaginou como isso tudo seria mais fácil se ele estivesse aqui? — comentou ele.

*Em vez de mim*, pensou Liraz, embora soubesse que não era o que Akiva queria dizer. Mas era o que *ela* achava. Talvez estivesse agindo em nome de Hazael na noite anterior, compartilhando seu fogo, mas era pouco se comparado ao que ele faria por aquela bizarra comunhão de feras e anjos. Gargalhadas e risadas espontâneas, uma rápida quebra de barreiras. Ninguém conseguia resistir a Haz por muito tempo. Já o dom dela, pensou Liraz, estremecendo por dentro, era bem diferente, nada bem-vindo no futuro que tentavam construir. Ela só era boa em matar.

Por tanto tempo isso fora motivo de orgulho e ostentação; agora, embora o orgulho tivesse sumido, ela vestiria a ostentação para sempre. As mangas de sua veste estavam puxadas para baixo, como sempre ficavam ultimamente, escondendo a verdade de sua contagem — a terrível verdade de que as marcas cobriam muito mais que suas mãos. Ela podia ter mostrado as mãos para as quimeras na casbá, jogado aquilo na cara deles, mas optara por não revelar a completa e terrível verdade.

As tatuagens feitas junto às fogueiras dos acampamentos, as colunas de cinco — cada uma formada por quatro linhas verticais com uma quinta cruzando transversalmente as outras —, não se limitavam a suas mãos: subiam pelos braços, causando a impressão de que a pele estava coberta de renda preta. Ninguém tinha tantas marcas quanto ela. Ninguém.

Terminavam na altura dos cotovelos, em uma contagem incompleta: duas linhas finas que eram as duas últimas mortes que tivera estômago para registrar. Antes de Loramendi.

Loramendi.

Desde então Liraz vinha tendo o recorrente sonho de que, acreditando que voltariam a crescer *limpos*, ela... cortava os próprios braços.

Como ela fazia isso, o sonho nunca deixava claro. Ah, o primeiro braço era fácil, claro. O segundo é que era um enigma que sua mente preferia ignorar solenemente.

Como, exatamente, alguém corta os dois braços?

A questão era que eles não cresciam de volta. Ou, pelo menos, ela sempre acordava antes. Então ficava lá deitada, pensando, e nunca conseguia voltar a dormir antes de imaginar um final em que o sangue que jorrava de seus cotocos acabava dando um jeito de se transformar no que faltava — ossos, carne, dedos —, solidificando-se até ela estar inteira de novo. Inteira e sem marcas.

Um novo começo.

Uma fantasia.

Ela nunca contara isso a ninguém além de Hazael, que a distraíra por meia hora tentando resolver o enigma da dupla autoamputação dos braços e acabara esparramado de costas, declarando aquilo impossível. Ela não contara a Akiva porque, bem, ele não estava lá. Depois de Loramendi, ele os deixara, e agora, embora tivesse voltado, encontrava-se em um mundo só dele. Como naquele instante, por exemplo. Ele olhava para um ponto além de Liraz, e ela nem precisava seguir seu olhar para saber a quem se direcionava. Akiva tinha o olhar fixo, pétreo; Liraz estalou os dedos na frente do rosto dele.

— Que tal um pouco de sutileza, irmão? As quimeras vão descontar *nela* se acharem que ainda existe alguma coisa entre vocês dois. Não ouviu do que a chamam?

— O quê? — Ele parecia genuinamente surpreso. — Não. Do que eles a chamam?

— Amante de anjo.

Liraz viu a expressão dele se iluminar. Ela revirou os olhos.

— Não fique feliz. Isso não quer dizer que ela o ame. Apenas que não confiam nela.

Liraz o repreendia como se *ela* entendesse aquelas questões; ou *se importasse*. O pouco que sabia sobre sentimentos era mais do que suficiente, obrigada, mas... Bem, ela não ia sair por aí falando sobre isto, mas havia alguma coisa na parte boa daquela dor em seu coração que a fazia querer envolvê-la com as asas e protegê-la do frio.

*dezoito horas após a Chegada*

# 15

## Pavor familiar

Eliza não dormiu na noite da Chegada. Sentia o sonho empoleirado em seu ombro, e sabia o que aconteceria caso se rendesse ao sono, mas nem era tanto por isso. Ninguém estava dormindo. O mundo tinha sido revirado como carvões em brasa, e fagulhas de loucura voavam por toda parte. As notícias que se seguiram ao discurso do anjo foram um show de horror estrelado por tumultos e violência sectária, vigílias religiosas em razão do iminente Juízo Final e batismos em massa, saques e pactos suicidas e — *minha nossa* — sacrifícios de animais. Houve também, é claro, festas intermináveis com o tema de Armagedom, rapazes bêbados de fraternidades universitárias saindo por aí fantasiados de demônio e fazendo xixi do alto de telhados, mulheres oferecendo o corpo para gerar filhos dos anjos.

A previsível estupidez humana.

Houve êxtase e fúria, e desesperados apelos à razão, e houve tiros, muitos tiros. Loucura, empolgação, vanglória, pânico, barulho. O Museu Nacional de História Natural ficava no National Mall. Na rua, milhares de pessoas passavam, marchando em direção à Casa Branca, unidas não tanto para levar uma mensagem ao presidente mas para tomar parte de alguma coisa naquela noite importante. Importante pelo quê, isso ainda não sabiam. Alguns carregavam velas votivas; outros, megafones. Alguns usavam coroas de espinhos e arrastavam cruzes enormes, e via-se aqui e ali uma arma no bolso ou na cintura de alguém.

Eliza nem saiu às ruas.

Não foi para casa, por medo de que houvesse alguém lhe esperando lá. Se sua família tinha seu número de telefone, sem dúvida também sabia onde morava. E também onde trabalhava, mas no museu havia um sistema de segurança. Segurança era uma coisa boa.

— Vou ficar aqui — disse a Gabriel. — Tenho trabalho para pôr em dia.

Não era propriamente uma mentira. Precisava extrair o DNA de várias espécies de borboleta emprestadas pelo Museu de Zoologia Comparada de Harvard. O tempo para concluir sua dissertação estava se esgotando, mas Eliza achava que ninguém a culparia por tirar um dia de folga, dadas as circunstâncias. Será que alguém no mundo tinha conseguido fazer alguma coisa naquele dia? Tirando Morgan Toth, claro. Ele tinha ficado indignado depois do discurso do anjo e passara o restante da tarde no laboratório, como se pudesse provar, pelo contraste com a própria calma, como os outros sete bilhões de seres humanos do planeta eram tolos.

Mas ele finalmente tinha ido embora, para alívio de Eliza. Agora o laboratório era todo seu. Ela se trancou lá dentro, tirou os sapatos e tentou se concentrar.

O que aquilo significava? O que aquilo tudo significava?!?

A base de seu crânio latejava; talvez fosse pânico contido, ou o princípio de uma dor de cabeça. Tomou um Tylenol e se enroscou no sofá com o laptop para assistir ao discurso novamente. Mais uma vez se arrepiou antes mesmo de o anjo abrir a boca e falar com aquela voz arrastada. Não que desse para ver sua boca enquanto falava. Por que o elmo? Era tão estranho... Dava para ver a maior parte do rosto dele, mas o elmo o cortava ao meio, e o efeito era desagradável; ainda mais somado ao fato de que os olhos do anjo não eram exatamente calorosos. Eram assustadoramente azuis, frios e cruéis.

E havia também aquele movimento repetido de se inclinar um pouco para a frente, alternando de vez em quando o peso do corpo entre um pé e outro, como se ajeitasse uma carga que levava nas costas, embora não houvesse nada lá.

*Ou será que havia?*

Nada visível, pelo menos. Eliza aumentou o volume. Havia um *sussurro* que preenchia as pausas dele, mas ela não conseguia identificar nada além daquele som sombrio e rascante. De onde vinha?

Ela assistiu várias vezes ao discurso inteiro, sem recorrer à tradução do latim que ouvia, apenas observando o anjo e tentando identificar os diversos elementos que pareciam indicar algo errado. Mas durante todo o tempo em que fazia isso, ela sabia que estava evitando o problema real: a mensagem.

A CNN tinha sido a primeira a reexibir o discurso com legendas, e, quando Eliza as lera pela primeira vez, um calafrio percorreu seu corpo e se instalou por lá, congelando-a por dentro.

*...O Inimigo anseia... carne devorada... a Sombra... as feras.*

Ela se forçou a assistir novamente à versão com legendas, inconscientemente tocando a pequena cicatriz na clavícula. Já não tinha mais o marca-passo. Fora removido quando ela completara dezesseis anos. Não porque o pavor diminuíra; seu corpo apenas tinha ficado mais forte para suportá-lo.

*As feras estão vindo atrás de vocês.*

Ela se sentia congelar de dentro para fora. Calafrios e pavor. *As feras estão vindo.* Era um pavor familiar.

Porque era o sonho.

# 16

## De que valem as promessas

As cavernas dos Kirin.

Naquele dia, dois exércitos se encontrariam. Soldados criados para se odiarem, que nunca haviam se olhado sem o impulso — e o desejo — de matar e que, na maioria dos casos, nunca haviam tentado controlar esse impulso. As quimeras tinham uma pequena vantagem inicial: tiveram Akiva e Liraz para praticar, e até então tudo bem.

Os Ilegítimos ainda não haviam sido testados, mas Akiva acreditava que seus irmãos manteriam a promessa de não atacar primeiro. Embora as cavernas dos Kirin e as montanhas que as abrigavam ainda estivessem distantes, ele já podia imaginar os duzentos e noventa e seis maxilares trincando, todos os anjos tentando reprimir os instintos e impulsos condicionados por uma vida inteira de treinamento.

“A força de uma trégua é medida por aquele que se revelar o menos confiável”, alertara Elyon. Akiva sabia que isso era verdade.

Entre os Ilegítimos, ele acreditava que não havia um elo fraco. Na verdade, era o emblema deles: uma corrente de elos, representando cada soldado como parte de um todo, um símbolo de que a força deles estava na união. Os Ilegítimos levavam suas promessas a sério.

E as quimeras? Akiva os observava durante o voo. Era um bom sinal que eles tivessem parado com aquela mesquinharia do começo da viagem, de mostrarem os hamsás para ele e Liraz. Mas ainda havia um longo caminho até confiarem neles; enquanto isso, a esperança teria que ser suficiente. *Esperança*. Ele sorriu ao notar que invocara sem querer o nome de Karou.

*Karou.* Embora fosse apenas uma das muitas quimeras na formação e ainda por cima fosse menor que a maioria, ela ocupava toda a visão de Akiva. Um vislumbre de azul-pavão, um brilho prateado. Mesmo com o peso dos turíbulos que carregava, seu voo era tão fluido quanto o de um elemental do ar. À volta dela passavam depressa seres semelhantes a dragões, centauros alados e grifos, soldados Naja, Dashnag, Sab e Cervo; ela brilhava entre todos eles como uma joia em um suporte rústico.

Como uma estrela repousando nas mãos da noite.

Como devia ser para ela, estar ali? Tinha artefatos de sua tribo espalhados por toda parte daquelas cavernas: armas e utensílios, cachimbos, pratos e braceletes. Havia instrumentos musicais com as cordas apodrecidas, e espelhos nos quais ela devia ter se olhado quando seu rosto era outro. Ela tinha sete anos na época em que acontecera. Uma idade em que se lembraria.

Em que se lembraria do dia em que perdera toda a sua tribo para os anjos. E ainda assim ela salvara a vida dele em Bullfinch. Ainda assim se permitira amá-lo.

*Nós somos o começo*, soou na mente dele, como uma oração. *Sempre fomos. Desta vez, que sejamos* mais *que um começo.*

* * *

Quando viu uma sombra em formato de lua crescente na face da montanha à frente, Karou sentiu um aperto no peito. Lar. Seria mesmo? Era o que tinha dito a Ziri: *lar*. Ela testou a palavra novamente, e parecia verdadeira. Sem aspas. De todos os lugares em que morara em suas duas vidas, só àquele ela sentira que havia pertencido sem que houvesse dúvida — nem refugiada nem exilada, mas filha de sangue, suas raízes fincadas naquelas rochas, suas asas familiarizadas com aquele céu.

Ela podia ter crescido ali, livre. Podia nunca ter visto como a grande gaiola de Loramendi cortava os raios de luz como confete, projetando-os fracamente nos telhados — nunca um banho de sol ou de lua por inteiro, somente aqueles raios partidos pelas sombras das barras de ferro. Ela podia ter vivido sua vida no resplendor daquela luz serrana.

Mas aí nunca teria conhecido Brimstone, Issa, Yasri, Twiga.

Seus pais estariam vivos. Estariam *ali*.

Ela nunca teria sido humana nem experimentado a paz rica e decadente daquele mundo, nem aproveitando a alegria proporcionada por suas amizades e sua arte.

Teria seus próprios filhos àquela altura. Crianças Kirin, tão livres ao vento quanto ela um dia havia sido. Um marido Kirin.

Nunca teria conhecido Akiva.

No instante em que esse pensamento se infiltrou em sua mente, ela o viu. Voando junto a Liraz, como vinha fazendo, à direita da formação. Mesmo àquela distância ela sentiu uma faísca quando seus olhos se encontraram, e todo um novo conjunto de *e se* desenrolou-se dentro dela.

Talvez ela tivesse feito aquele voo dezoito anos antes, em vez de morrer.

Tanta coisa para lamentar, mas com que fim? Todas as vidas não vividas cancelam uma à outra. Ela não tinha nada além do *agora*. As roupas que vestia, o sangue em suas veias e a promessa feita pelos seus companheiros. Se ao menos eles

conseguissem cumpri-la...

Ao se lembrar da maldade casual de Keita-Eiri, não se sentiu nada confiante. Mas não havia tempo para preocupações.

Eles tinham chegado.

* * *

Como planejado, Akiva e Liraz foram primeiro. A entrada da caverna tinha o formato de uma lua crescente, tão alta quando muitos Kirin, porém estreita, para que poucos pudessem entrar ao mesmo tempo. Por toda a volta havia nichos para arqueiros, como as ameias dos castelos medievais, todos vazios agora. Os Kirin eram conhecidos por serem excelentes arqueiros, enquanto os Ilegítimos eram treinados para usar todo tipo de arma e raramente carregavam arco e flecha. Não havia por quê: eles eram enviados na frente para enfrentar as feras com suas espadas. Que os corpos mais preciosos ficassem para trás e disparassem as flechas.

E foram as espadas o que Akiva procurou quando passou os olhos pelos soldados ali reunidos, mas o que viu foi isto:

As mãos de seus irmãos pendendo desajeitadas ao lado do corpo, porque não estavam em seu lugar de costume: no pomo das espadas. Era ali que um espadachim descansava a mão, mas, para ilustrar sua promessa, os Ilegítimos — todos os duzentos e noventa e seis — despiram-se de suas armas, para que sua postura não parecesse ameaçadora. Alguns tinham enganchado os polegares nos cintos; outros, entrelaçado as mãos às costas ou cruzado os braços. Todos pareciam desconfortáveis, em posições pouco naturais.

O momento havia chegado, e era impressionante. Um grupo de soldados espectrais ia na direção deles — algo que todos já tinham visto, e a que só haviam sobrevivido antes os recebendo com gritos furiosos e com o aço das lâminas. Sem hesitar. Não sacar a espada naquela hora parecia loucura.

Mas ninguém fez isso.

Akiva sentiu um imenso orgulho de seus companheiros naquele momento. Sentiu-se engrandecido, e motivado; queria poder abraçá-los um por um. Mas não havia tempo para isso. Depois; se tudo corresse bem. E ia correr bem. *Tinha* que correr bem. Elyon estava à frente dos outros, então Akiva e Liraz foram até ele.

Ao passar pela estreita lua crescente, o "hall" de entrada das cavernas dos Kirin se revelava uma série de cavernas conectadas que penetravam cada vez mais nas montanhas. Em algum momento, muitos anos antes, as paredes tinham sido derrubadas e remodeladas de forma a criar um espaço aberto contínuo, mas que ainda assim continuava rústico e cavernoso, com estalactites presas no teto (que escondiam mais nichos para arqueiros). Uma verdadeira fortaleza — não que isso tivesse salvado os Kirin da extinção. O chão era de rocha irregular, onde neve e água de chuva se acumulavam em poças e congelavam. Embora o céu estivesse claro naquele dia, havia gelo no chão. Os soldados exalavam fumacinhas de condensação a cada expiração.

Os serafins estavam em silêncio, mantendo a postura. O barulho crescente, que já provocava ecos, não vinha deles. Akiva se virou e, junto com os outros, viu o exército quimera entrar.

Primeiro apareceu uma felina, pequena e graciosa, com dois grifos. Todos pousaram com suavidade, embora carregassem fardos pesados (incluindo turíbulos). Montada em um dos grifos vinha uma mulher lupina: Ten, o braço-direito de Thiago. Ela desceu tranquilamente para o chão e foi na direção dos anjos, seus olhos avaliando-os com expresso atrevimento, até parar de frente para eles. Os outros vieram depois, colocando-se lado a lado em uma fileira. Um exército encarando o outro. Akiva ficou nervoso: parecia muito uma formação de batalha. Mas ele não podia querer que as quimeras ficassem de costas para seus inimigos.

Mais quimeras entraram, e ele notou um padrão: os menos assustadores primeiro, os de aparência menos grotesca, e ainda assim com um pequeno intervalo entre os grupos, para que os serafins pudessem se acostumar aos poucos com a presença de seus inimigos mortais. A cada pouso de duas ou três criaturas, a formação ganhava corpo. Em algum momento por volta da metade do processo chegaram os humanos, as mulheres que trabalhavam na cozinha e Issa, que deslizou com uma graça líquida das costas de sua montaria Dashnag e inclinou a cabeça e os ombros em um cumprimento sinuoso aos anjos. Ela era bonita, seus modos mais para o cortês que para o violento. Akiva viu Elyon piscar, e olhar fixamente para ela.

Quanto a Karou, os anjos não conseguiam entender bem o que *ela* era: planando sem asas, sem aspecto de fera e com o cabelo azul de pedra preciosa. Ninguém a reconheceria pelo que era: uma Kirin retornando ao lar. Mas Akiva percebeu as linhas de tensão em seu rosto, indicando que estava sendo invadida por uma enxurrada de lembranças. Viu seus olhos percorrerem a caverna, e quis estar ao seu lado.

Ele a observava quando deveria estar observando os outros. Todos os outros: dos dois lados.

Alguma pista se faria notar, se ao menos ele estivesse prestando atenção.

Oitenta e sete não era um número volumoso, como Elyon observara, e eles contavam até com menos que isso, levando em consideração que Thiago tinha mandado alguns batedores fazerem um levantamento da área. Em pouco tempo a maioria das quimeras já havia pousado. Os Ilegítimos tinham ouvido falar, é claro, que aquelas quimeras eram diferentes. Quando os rebeldes começaram a atacar as caravanas de escravos no sul, dizia-se aos sussurros que eram fantasmas, a maldição das últimas palavras de Brimstone voltando para assombrá-los. Agora eles os viam claramente. Aquelas feras, ou ao menos a

maioria, tinham asas e eram imensas. Os maiores tinham pele revestida por um tom acinzentado que dava a impressão de serem quase feitos de pedra, ou ferro. Entraram, voando, dois Naja que lembravam Issa apenas vagamente. Se Elyon ficasse olhando para *eles*, seria por uma razão completamente diferente, muito menos agradável. Havia touros-centauros com cascos da largura de travessas, Cervos cujos imensos chifres tinham mais pontas do que toda a sala de troféus de Joram.

Então ocorreu a Akiva que os troféus bárbaros do pai — cabeças de quimeras penduradas nas paredes — deviam ter explodido junto com a Torre da Conquista e se transformado em cinzas como todo o resto. Ficou feliz ao pensar isso. Tomara que tivessem sido vaporizados mesmo. Ainda não entendia o que tinha feito naquele dia e às vezes até duvidava de que aquilo tivesse sido *mesmo* obra sua. De qualquer forma, tinha sido épico, mas também um fracasso: chegara tarde demais para salvar Hazael e deixara Jael escapar ainda com vida. Energia sem foco, violência sem sentido.

Pensamentos amargos demais para um momento como aquele. Akiva tentou tirá-los da cabeça. Então viu a montaria Vispeng de Thiago no céu, mergulhando em direção à entrada. Eram os últimos. Todas as outras quimeras já haviam aterrissado. Os dois exércitos continuavam se encarando, tensos e alertas, cada um com a promessa rangendo entre os dentes.

Ou a mentira.

Akiva então se deu conta de que já contava com o sucesso que testemunhava agora, pois não estava surpreso. Estava satisfeito — ou uma palavra melhor para satisfeito. Comovido. Grato, do mais puro fundo de sua alma.

A trégua se mantinha.

...

Até não mais.

# 17

## Esperança: a morte prenunciada

No meio da formação quimera, a visão de Karou era limitada pelos grandes soldados a seu redor, mas mesmo assim ela via Akiva e Liraz claramente, separados do restante do grupo com um de seus irmãos.

*Aqui estamos nós*, pensava Karou. Não era "lar" a palavra certa; era outra coisa. Sim, aquele era seu lar e as lembranças eram vívidas, mas estavam no passado. Já aquele momento... era o limiar de *um futuro*. O Lobo ainda estava no ar. Ela o sentia se aproximar por trás, mas seus olhos estavam em Akiva. Era ele o responsável por tal momento, reconhecia Karou, sentindo o assombramento dentro de si, adejando, como borboletas ou mariposas-beija-flor ou... como caça-tempestades. Um momento e tanto.

*Seria mesmo possível de acontecer?*

Mas *estava* acontecendo. Quando ela e Akiva sussurraram um para o outro seus primeiros pensamentos sobre aquele sonho, perguntavam-se se algum de seus parentes ou colegas aceitaria se juntar a eles. Não todos, como sempre souberam, mas alguns. *Alguns, e depois mais.* E ali naquela caverna estavam esses *alguns*. Ali estava o começo do *mais*.

Os olhos de Karou se concentravam nos anjos — em Akiva. Por isso... ela testemunhou o momento preciso em que tudo desmoronou.

Akiva *recuou*. Por nenhuma razão visível, ele se encolheu como se tivesse sido golpeado. Então Liraz e o irmão ao lado dela fizeram o mesmo, e, embora Karou não estivesse olhando diretamente para o imenso grupo de Ilegítimos, viu a onda de movimento atingi-los também. O esvoaçar dentro dela morreu. E ela soube que aquela aliança fora condenada no dia em que Brimstone idealizara suas marcas.

Os hamsás.

Quem? Mas que droga, *quem* foi?

Não importava se tinha sido apenas uma quimera ou todas elas. Foi um gatilho puxado com primor. Uma fração de segundo, e tudo mudou. De repente, a carga na caverna passou de tensão para liberação — músculos e vontade desatados — e *alívio*, por se livrarem daquela loucura imposta a eles e voltarem à maneira como sempre haviam lidado uns com os outros.

Haveria sangue.

O pânico de Karou gritou dentro dela. *Não. Não!* Ela entrou em ação. Um salto e já estava no ar, acima do exército, procurando: quem tinha feito aquilo? Quem tinha começado? Ninguém estava com as mãos estendidas. Keita-Eiri? A Sab parecia alerta, assustada, os punhos cerrados. Se fosse ela a responsável, havia agido covardemente, *vilanescamente*, começando uma briga que renderia tantas mortes...

Zuzana e Mik. O coração de Karou descompassou. Precisava tirá-los dali.

Olhou para trás, em um arco que captou a multidão agachada, pronta para atacar, presas à mostra, naquele primeiro instante em que os soldados cediam aos instintos.

E viu Thiago, ainda no ar. Uthem, com o longo pescoço estendido para a frente, mantendo o belo corpo suspenso por seus dois pares de asas. E viu um risco em sua visão periférica. Um segundo depois, ouviu o *zing* que o precedera...

Enquanto via a flecha perfurar a garganta de Uthem.

* * *

Desde o primeiro toque doentio da magia, a palavra *não* martelava na cabeça de Akiva. *Não, não, não, não, não, não!*

E então a flecha...

O Vispeng gritou, um grito de cavalos agonizantes. O som preencheu a caverna, penetrando em todos, até que a criatura começou a cair. Despencou do ar, e o grupo quimera desviou para o lado enquanto ele caía girando até bater com força no chão de pedra. O impacto foi violento. Com os olhos revirando descontroladamente, o pescoço chicoteou. A flecha se estilhaçou quando seu longo e reluzente corpo se torceu, atirando no chão o Lobo Branco, que o montava, antes de finalmente parar de se mexer.

E assim o Lobo foi parar aos pés dos Ilegítimos: arremessado na direção deles pelo chão liso de gelo enquanto, às costas dele, seu exército rugia.

Akiva viu tudo isso através de um véu de horror. Seria uma traição planejada? Os hamsás haviam começado aquilo, disso ele tinha certeza.

Mas e a flecha? De onde tinha vindo? Do alto. O olhar de Akiva captou vislumbres de movimento em meio às estalactites, e seu horror se misturou à fúria contra os irmãos. O imenso orgulho que sentira deles desapareceu. Toda aquela exibição das mãos longe dos punhos das espadas não passava de um show, pois arqueiros se escondiam no alto com as cordas dos arcos esticadas. Quanto às mãos, não continuariam longe das espadas por muito tempo.

O Lobo Branco estava de joelhos. De ambos os lados, viam-se dentes arreganhados em sorrisos cruéis. Bem no meio da formação serafim, uma das mãos foi em direção à espada. O movimento foi repetido pelos outros, como uma coreografia. Uma fração de segundo e aquela primeira mão se tornou três, depois dez, depois cinquenta. A reação de Akiva foi desesperada e lenta demais, erguendo as mãos vazias em súplica. Ele ouviu o grito rouco de Liraz: "*Não!*"

Bastou esse segundo. *Um segundo.* Mãos às espadas. Em um segundo, a maré vira, e marés não podem ser revertidas. No momento em que aquelas espadas se libertassem de suas respectivas bainhas, quando os músculos tensos das feras se relaxassem e lhes permitissem a reação, aquele dia seria tão vermelho quanto fora o último dos Kirin e mais uma vez encheria a caverna de sangue, para a tristeza deles.

Um lampejo de azul-celeste. Os olhos de Akiva encontraram os de Karou, e o olhar dela era insuportável de se ver.

A esperança, em morte prenunciada.

Pela terceira vez na vida, Akiva sentiu dentro de si a crisálida de fogo e clareza — um instante, e então o mundo mudou. Como em um desvelamento, tudo estava diante dele: firme e nítido, brilhante e *imóvel*. Aquilo era o *sirithar*, e Akiva estava suspenso em um instante.

Ele tinha dito aos irmãos que o presente é o segundo único dividindo o passado do futuro? Naquele estado de esplendor sereno e cristalino — a violência que ganhava força desacelerou até parecer um sonho —, não havia divisão. Presente e futuro eram um. A intenção de cada soldado estava pintada em luz diante dele, e Akiva viu tudo antes de acontecer. Naquelas pinceladas de luz, havia espadas sacadas.

Mãos cortadas amontoadas, hamsás e marcas da contagem misturados, mãos de serafins e quimeras espalhadas.

Profetizado pela luz, aquele começo morreria, bem como o anterior, e um novo começo se desenrolaria: Jael voltaria a Eretz e não encontraria nenhuma força rebelde a enfrentar — nem quimeras nem bastardos para se opor a ele, apenas o sangue daquelas criaturas transformado em gelo vermelho no chão da caverna, porque eles teriam lhe feito a gentileza de matarem-se uns aos outros. O caminho estaria livre, e Eretz sofreria. Akiva viu tudo isso, como seria lamentável, vergonhoso e catastrófico, e viu... naquela investida em direção ao caos... nos segundos ainda por vir, como Karou iria desembainhar suas facas de lua crescente.

Ela mataria naquele dia, e talvez também morresse.

Se deixassem aquele segundo acontecer.

Não podiam deixar.

Em Astrae, Akiva libertara de sua mente uma vibração de ódio, frustração e angústia tão profunda que lhe permitira explodir a Torre da Conquista, símbolo do Império dos Serafins. Ele não conseguia entender o que tinha ocorrido, nem como fizera aquilo.

E, ainda sem entender, sentiu outra vibração escapar daquele mesmo lugar estranho dentro dele.

O que quer que fosse — *o que era?* —, escapou levando o *sirithar* junto. Então Akiva foi lançado de volta ao fluxo normal de tempo: rápido, turvo e ruidoso. Era como passar da mansidão de um lago para corredeiras violentas. Cambaleou, privado do esplendor que o tomara, e só pôde assistir, sem fôlego, para descobrir o que sua magia faria.

Para descobrir se faria alguma diferença.

# 18

## A chama de uma vela apagada por um grito

Todos aqueles serafins, com as mãos prontas para erguer as espadas, e as quimeras no impulso que precede o salto.

Thiago estava de joelhos no espaço vazio entre os dois exércitos; seria o primeiro a morrer. Karou levou a mão às facas, ainda ecoando dentro dela o grito de *Não!* Se houvesse tempo para pensar naquele segundo — aquele segundo tão cheio de *intenção*, tão cheio da promessa de sangue —, ela não teria acreditado que poder algum seria capaz de anulá-lo. Sua esperança morrera com o primeiro encolher-se dos anjos em reação aos hamsás.

Sua esperança morrera. Ela refletiu. Não teria acreditado que poderia haver uma camada de desespero por baixo daquela. Mas então se deu conta.

Repentina e devastadoramente. E isso a arrasou.

A certeza do *fim*. Ao ver as lâminas dos anjos prontas para deslizarem das bainhas e atacar, ao ouvir o rosnado das quimeras prontas para despedaçarem o futuro com os dentes, era como se cada fragmento de pensamento ou sentimento que já existira ou viria a existir fosse aniquilado e substituído por aquela... aquela... aquela amarga mancha de falta de sentido.

*Fim de linha,* gritava a mancha, *e para quê?*

O desespero era total, completo como uma possessão, mas fugaz. Ele a libertou e se foi, mas a deixou arrasada, devastada, tomada por um sentimento pelo mundo inteiro que era como...

... a chama de uma vela apagada por um grito.

E na sequência da enormidade desse sentimento, Karou parecia não passar de uma espiral de fumaça deixada ali para se dispersar no ar quando se desse o fim de todas as coisas — a evanescência do mundo em si.

*Fim de linha, e para quê?*

*Fim de linha. Fim de linha.*

Suas mãos não conseguiram fazer o que tinham começado. Ela não sacou as facas. Não podia. As facas continuaram presas ao cinto, e ela respirou fundo, quase surpresa com a sensação de que ainda existia vida dentro de si, ar para respirar.

Um segundo.

Mais um inspirar, mais um segundo.

Ainda no ar, ela se deixou descer, aterrissando agachada e sem equilíbrio até cair de joelhos, sua mente ainda ecoando o *Não!* enquanto ela se dava conta de que, a sua volta... nada estava acontecendo.

Nada. Estava acontecendo.

Os músculos tensionados das feras entregaram-se, sem resistência. As mãos com as marcas negras estavam paralisadas nos copos das espadas. As facas dos serafins refletiam a luz, muitas delas paradas no meio do movimento.

Os dois exércitos sedentos por sangue tinham simplesmente... parado.

*Como?*

O instante parecia tão longo. Entorpecida pela imensidão de seu desespero, Karou não sabia como interpretar tudo aquilo. Sentira o momento agarrá-los e lançá-los na direção do desastre. Como todos haviam simplesmente *parado*? Será que ela tinha interpretado mal aquela tensão, o desastre? Será que tudo havia sido mera pose dos dois lados, apenas uma exibição de espadas? Simples assim — seria possível? Não. Não, alguma coisa lhe havia escapado. A sua volta havia uma confusão muda, um lento piscar de olhos, todos com a respiração tão difícil quanto a dela. Karou tentou se libertar do torpor.

E então viu, na terra de ninguém entre os dois exércitos que se encaravam, o Lobo Branco se levantar. Todos os olhos se fixaram nele, inclusive os dela, e a névoa de entorpecimento começou a se dissipar.

Será que... Será que aquilo tudo tinha sido feito por *ele*, de alguma forma?

Karou se levantou. Era difícil se mexer. O desespero podia ter passado, mas havia deixado seu peso sobre ela, denso e frio. Viu que os joelhos do Lobo estavam sangrando, fruto do impacto da queda. Uthem jazia morto no chão, a poça de seu sangue se ampliando. Thiago se levantara bem quando o sangue o alcançou, e agora o líquido empoçava em volta dos seus pés de lobo, molhando o pelo branco, e avançando em direção à primeira fila de anjos. Uthem era imenso. Havia muito sangue, e o Lobo ali de pé compunha uma imagem dramática: todo branco, exceto pelos pontos em que seu próprio sangue desabrochava nos joelhos e na testa. E nas palmas das mãos.

Ele as unira, ensanguentadas, pressionando uma contra a outra. Parecia uma oração, mas o significado do gesto era claro. Em vez de atacar, ele cegava os hamsás, olho de tinta contra olho de tinta. Mantendo seu poder sob controle, bem como a si mesmo. Um soldado morto no chão, e nenhuma retaliação do cruel Lobo Branco? Era um gesto poderoso, mas Karou ainda não entendia. Como aquilo havia detido tão subitamente trezentos Ilegítimos prestes a sacarem a espada?

— Juro pelas cinzas de Loramendi — começou Thiago — que eu e os meus viemos até vocês em busca de uma coalizão, não de sangue. Este foi um mau começo, que não fazia parte dos meus planos. Descobrirei quem dentre nós ergueu a mão

contra minhas ordens expressas. Esse soldado, seja ele quem for, quebrou *minha palavra*.

Ele falava em um tom baixo e grave, a voz marcada pelo desgosto. Um calafrio percorreu a espinha de Karou.

Thiago se virou, examinou com os olhos semicerrados os soldados reunidos.

— Esse soldado cortejou a morte de toda esta companhia hoje, e será disciplinado — disse ele, encarando o exército.

A promessa era severa; todos sabiam o que significava. Seu olhar decidido e penetrante pousou várias vezes em alguns soldados, que se encolheram diante da ameaça.

Então Thiago se virou novamente para os Ilegítimos.

— Existem motivos para arriscarmos nossas vidas, mas não somos mais esses motivos uns para os outros. Um mau começo ainda pode ser um começo.

O Lobo era veemente. Então procurou por Akiva. Karou sentiu que ele esperava que Akiva o ajudasse a colocar as peças daquela trégua de volta no lugar. Ela também esperou, certa de que ele corresponderia à expectativa — afinal, ele os levara até ali; devia ter palavras para consertar aquele momento —, mas a pausa só provocou um silêncio breve e tenso.

Algo estava errado. Até Liraz olhava para Akiva, esperando. Karou sentiu uma pontada de preocupação. Parecia vacilante, quase doente, os ombros largos curvados em consequência de algum esforço extremo. O que havia de errado com ele? Karou já o vira assim antes; já o *fizera* se sentir assim antes, mas aquilo não podia ser efeito dos hamsás, podia? Por que o atingiriam com mais força do que aos outros?

Com evidente dificuldade, finalmente ele falou:

— Sim. Um começo. — Mas sua voz parecia oca se comparada ao tom poderoso e às palavras fortes do Lobo, mesmo quando ele prosseguiu: — Um começo muito ruim. Lamento esta morte e... lamento profundamente nossa prontidão em provocá-la. Espero que isso possa ser corrigido.

— Pode e será — replicou o Lobo. — Karou? Por favor.

Uma convocação. Karou sentiu todos os olhares sobre si. O medo disparou em suas veias, mas ela tentou se concentrar. Todos a observavam enquanto ela avançava por entre o grupo, até se colocar ao lado de Uthem. Estava de pé no sangue dele. Com um aceno de cabeça de Thiago, ela se ajoelhou, pegou o bastão de colher preso às costas e o colocou em posição, o turíbulo balançando na corrente. Uma chave no cabo ativou uma trava semelhante à de uma pistola antiga, que acendeu a câmara de incenso do turíbulo com um estampido parecido com um estalar de dedos metálicos. Um instante depois, um forte cheiro sulfuroso efundiu-se dele.

Ela sentiu a alma de Uthem responder. Uma alma que era céu nublado e sinais de fumaça, o arrebentar de ondas. As impressões vacilaram e sumiram quando a alma dele deslizou para a segurança do turíbulo. Meia volta para trancá-lo, uma sacudidela para apagar o incenso, e Karou se ergueu, com cuidado, para evitar que seus hamsás lançassem alguma magia na direção dos anjos.

Todos os olhares estavam nela. Karou se virou para Thiago. Não tinham conversado sobre aquilo, mas parecia o certo a se fazer. Ela disse:

— Nunca ressuscitei um serafim, mas, se lutarmos do mesmo lado, passarei a fazê-lo. Se quiserem; vocês podem não concordar. Pensem nisso. A escolha é de vocês. Minha oferta, minha promessa. Mais uma coisa. — Um a um, ela olhou nos olhos dos anjos na fileira a sua frente. — Posso não parecer, mas sou uma Kirin, e este é meu lar. Então, por favor, abram espaço e nos deixem entrar.

E assim eles fizeram. Não pareciam felizes em fazê-lo, mas se afastaram, abrindo caminho para ela. Karou olhou para trás: avistou Issa na multidão. Zuzana e Mik estavam de olhos arregalados. A presença de Akiva era como um clarão em sua visão periférica, chamando por ela, mas Karou não olhou para ele. Deu um passo à frente. Thiago se colocou ao seu lado. O grupo seguiu atrás deles, e os Ilegítimos os deixaram passar. Com sangue nas botas, Karou e Thiago fizeram entrar seu exército nas cavernas.

* * *

— Como ele fez isso? — sussurrou Liraz.

A pergunta assustou Akiva, finalmente recuperado de seu torpor pós-*sirithar*.

— Ele quem? Fez o quê?

— O Lobo. — Ela exibia uma expressão de perplexidade. — Eu tinha certeza de que era o nosso fim. Eu *senti*. Mas então... — Ela balançou a cabeça, como se para clarear os pensamentos. — Como ele fez tudo parar?

Akiva a encarou. Ela achava que *Thiago* os tinha feito parar?

Ele forçou uma risada. O que mais podia fazer? Sabia que uma pulsação havia emanado dele — não explosiva dessa vez — e que, fosse lá o que aquilo houvesse provocado, sentira as intenções coletivas dos soldados se abalarem. *Ele* fizera aquilo. Ele impedira o massacre, e... ninguém fazia a mínima ideia, nem mesmo Liraz, e muito menos Karou.

Enquanto Akiva cambaleava, ainda sob o efeito atordoante da evocação da magia, mal conseguindo articular uma única frase coerente, o Lobo aproveitara a ocasião e reivindicara para si o momento, impressionando até mesmo Liraz? O que Karou estaria sentindo por Thiago, então? Akiva ficou olhando enquanto ela desaparecia pela passagem, à frente do exército, ao lado

do Lobo Branco (um par notável, aqueles dois formavam), e tudo o que pôde fazer foi rir. Uma risada que rangeu em seu peito como vidro sendo moído. *Perfeito*, pensou. Que revés perfeito do... do quê? Do destino, dos deuses da luz? Do *acaso*?

— O que foi? — perguntou Liraz. — Está rindo de quê?

— Da vida. Que vida espúria. — Foi só o que Akiva conseguiu dizer.

— Bem — rebateu sua irmã, de prontidão —, então acho que nos serve direitinho.

# 19

## A caçada

Por toda Eretz, uma pulsação de magia se fez sentir. Não houve nenhum Vento para alertá-los dessa vez, nenhum som ou movimento; assim, quase todos que a sentiram — e *todos* a sentiram — julgaram ser algo de cunho pessoal, um desespero só seu. Era uma onda de emoção crua, tão potente que por um instante mutilou todos os outros sentimentos e tomou-lhes o lugar, instalando-se, em sua breve passagem, em toda criatura capaz de pensar — toda criatura capaz de *sentir* —, com a convicção absoluta do *fim*.

A passagem da magia foi rápida e sombria; atravessou terra, céu e mar. Nenhuma criatura ficou imune e nenhum material ou mineral exerceu barreira.

Bem mais depressa do que asas poderiam levá-la, a pulsação varreu Astrae, a capital do Império Serafim, e se foi na mesma velocidade. No silêncio que se seguiu, nenhum cidadão associou o acontecimento à destruição da grande Torre da Conquista.

Mas nos escombros da Torre, dentro do imenso e retorcido esqueleto de metal que sobrou dela, cinco anjos perceberam. Eram serafins, mas não cidadãos do império. Tinham vindo de longe, caçando — *caçando caçando caçando* — e, juntos, como agulhas de uma bússola movidas pelo mesmo ímã, voltaram-se para o sudeste. Aquele desespero devastador era uma transgressão e uma violação. Sabiam que não vinha de si, e cada um dos serafins só parou por tempo suficiente para sondar o tamanho daquele incrível poder para logo depois afastá-lo. Outra surpreendente prova do mago desconhecido que movia as cordas do mundo.

“O Ruína das Feras”, era como tinham ouvido chamarem-no em meio aos rumores rudes daquela cidade de covardes. Assassino e traidor, matador de quimeras, bastardo e patricida. Era ele a fonte daquele poder.

Com olhos da cor do fogo, os cinco Stelian se concentraram nas distantes montanhas Adelphas.

Escarabeu, sua rainha, abriu as asas e, tomada pela fúria, disse, entre os dentes afiados:

— A caçada continua.

# 20

## Deformação

Era noite nas Ilhas Longínquas, de forma que a nova mancha a surgir no céu só seria visível ao amanhecer. Não era como as outras. Na verdade, em pouco tempo engoliu as outras — todas devoradas por aquela dilatação escura. De horizonte a horizonte ela se expandia, de um tom mais intenso que o índigo, quase tão negra quanto o próprio céu. Era mais do que cor, aquela mancha. Era deformação, era sucção. Era concavidade e distorção. Miragem dos olhos dançantes dissera que o céu estava cansado, que sofria. Ela minimizara a questão.

O céu estava falhando. Os caça-tempestades não precisavam vê-lo escurecer. *Sentiram* isso.

E começaram a gritar.

# 21

## As mãos de Nitid

As cavernas dos Kirin não eram uma mera aldeia dentro de uma montanha, mas várias, todas conectadas por um labirinto de passagens que se espalhavam a partir de um imenso espaço central. Um trabalho conjunto da natureza com o tempo e mãos quimeras, o espaço era rústico e fluido, não planejado e improvável. Extraordinário. A impressão geral que passava era a de um miraculoso acidente geológico, mas na verdade era um miraculoso acidente geológico moldado ao longo de centenas de anos por gerações de Kirin que seguiam uma simples estética: "as mãos de Nitid". Eles eram as ferramentas da deusa, e seu dever, da maneira como viam, não consistia em destacar ou engrandecer, mas copiar — por assim dizer — o estilo de Nitid.

Raramente algum detalhe se evidenciava como produzido "artificialmente". Não havia esquinas, e até mesmo as escadas, assimétricas e imprecisas, quase podiam passar por formações naturais.

Era escuro ali dentro, mas não totalmente. Aberturas no teto permitiam a entrada da luz do sol e da lua, ampliada por espelhos de hematita escondidos e lentes de cristal. E nunca havia silêncio. Dutos intrincados conduziam o vento por todo o interior, carregando ar fresco e produzindo um som ambiente constante e sombrio que parecia, em parte, uma noite escura e tempestuosa, e em parte canto de baleia.

Ao avançar pelo lugar, Karou absorvia tudo em uma intensa sucessão de experiências novas e antigas que era como a convergência de dois rios velozes: a memória de Madrigal e o encantamento de Karou, fundindo-se um no outro a cada passo. Ao pisar na grande caverna central, suas lembranças voltaram de uma só vez, deixando-a embasbacada com aquela visão. Precisou parar e inclinar a cabeça para trás, admirando.

Ela se lembrava de sentir o movimento das asas dos Kirin lá no alto, lembrava-se das vozes, das risadas e da música, da agitação dos festivais e da simplicidade da vida cotidiana. Aprendera a voar ali naquela caverna.

Era imensa, com centenas de metros de altura, tão vasta que os ecos se perdiam e só às vezes encontravam o caminho de volta. Estalagmites se erguiam do solo em formas ondulantes: tinham vários metros de altura e haviam levado centenas de milhares de anos para se formarem, mas seriam necessários milhões até se juntarem a suas equivalentes do teto. Veios de minérios se ramificavam nas paredes, cintilando de ouro, e os nichos para arqueiros pareciam, aos olhos de Karou, favos de mel, ou os camarotes de um teatro lírico. Era naqueles lugares que os serafins haviam montado acampamento, com visão lá do alto para o espaço central, onde círculos de fogo mais ou menos nos mesmos lugares indicavam uso recente.

— Uau — ela ouviu Zuzana sussurrar às suas costas.

Karou se virou, e viu o breve momento em que o Lobo engoliu em seco, contendo a emoção avassaladora. Ninguém poderia ter notado, pois todo o grupo vinha atrás deles, então só Karou testemunhou aquele olhar de nostalgia e perda que por um segundo dominou as feições dele.

— Venha — disse ela, e atravessou a caverna.

Juntos, as quimeras e os Ilegítimos somavam quase quatrocentos, o que provavelmente era mais do que a quantidade de Kirin que haviam habitado aquela montanha nos áureos tempos da tribo, mas havia espaço suficiente para todos (inclusive para mantê-los separados). Os serafins podiam ficar na caverna central; era mais frio ali. A respiração de Karou saía em pequenas nuvens de fumaça. Mais para dentro da montanha, os túneis eram aquecidos pelo calor geotérmico. Ela se dirigiu a uma passagem que os levaria até uma das aldeias. Não a sua. Queria deixá-la em paz, visitá-la sozinha, a seu próprio tempo, se é que esse dia chegaria.

— Por aqui.

# 22

## O olhar louco e estúpido do abismo

— Um bolo de chocolate inteiro, um banho e uma cama. Nessa ordem. — Zuzana contou os três desejos nos dedos.

Mik assentiu em aprovação.

— Nada mau — disse ele. — Mas bolo não. Eu preferiria o goulash do Sabor de Veneno, com strudel de maçã e chá. Depois, sim: um banho e uma cama.

— Não. Assim seriam cinco. Você gastou todos os seus desejos com comida.

— A refeição inteira é o meu primeiro desejo. Goulash, strudel, chá.

— Não é assim que funciona. Seu desejo já era. Eu ganhei. Você e sua barriga cheia vão ter que ficar olhando enquanto eu tomo meu magnífico banho quente e durmo na minha cama quentinha e macia.

Banho quente, cama macia... que fantasia delirante. Os músculos doloridos de Zuzana imploravam por misericórdia, mas não havia nada que ela pudesse fazer. Eles não tinham a possibilidade de desejos; aquilo era apenas uma brincadeira.

Mik ergueu as sobrancelhas.

— Ah... Vou ter que ficar vendo você tomar banho, é? Tadinho de mim.

— *Sim*, tadinho mesmo. Você não ia preferir tomar banho *comigo*?

— De fato — disse ele solenemente. — De fato eu preferiria. E a polícia dos desejos teria um trabalhão para me deter.

— A polícia dos desejos — zombou Zuzana.

— Polícia dos desejos? — indagou Karou, da entrada.

Eles estavam em um conjunto de pequenas cavernas. Zuzana achava que faziam parte de uma residência familiar no tempo dos Kirin. Com quatro quartos, que seguiam a forma das rochas, era como um apartamento dentro da montanha. Até que oferecia algum conforto: tinha uma espécie de aquecimento natural e mesmo uma área reservada aberta na rocha, com um buraco e fluxo de água, que só podia servir de banheiro (embora Zuzana quisesse uma confirmação antes de utilizá-lo). No entanto, não se via nenhuma banheira nem cama. Havia algumas peles de animais empilhadas no canto, mas eram velhas, e Zuzana tinha certeza de que gerações e mais gerações de insetos nojentos daquele outro mundo viviam sagas épicas ali.

Havia todo um complexo de residências como aquela em volta de uma espécie de "praça" da aldeia: uma versão muito menor da caverna extraordinária que tinham cruzado no caminho até ali. Os soldados estavam se instalando, embora não houvesse muito o que arrumar. Bem, o ferreiro Aegir tinha trabalho a cumprir, e Thiago estava reunido com seus capitães para fazer o que quer que esse pessoal envolvido em guerras fizesse antes de uma batalha épica. Zuzana não conseguia entender nada daquilo, nem queria. Nem a verdade sobre "Thiago", nem a batalha épica. Se tentava, começava a tremer e sua mente trocava de canal, como se zapeando atrás da programação infantil ou — ah! — algum programa de culinária.

Por falar em comida, enquanto Mik sondava o melhor local para ser o "quartel-general da ressurreição", Zuzana tirou alguns minutos para ajudar Vovi e Awar, as pequenas e engraçadas quimeras peludas, a instalarem uma cozinha temporária e arrumarem os mantimentos que eles tinham trazido consigo do Marrocos. Não fazia mal cair nas graças das cozinheiras, e *talvez* ela tenha conseguido alguns damascos secos em troca.

Uns meses antes, se alguém lhe dissesse que ficaria empolgada com alguns damascos secos, Zuzana teria lançado aquele seu olhar, com a sobrancelha arqueada. Agora tinha planos de usá-los como moeda de troca, tal qual cigarros na prisão.

— Estamos jogando o Jogo dos Três Desejos — explicou ela à amiga. — Bolo, banho quente e cama macia. E você?

— A paz mundial — respondeu Karou.

Zuzana revirou os olhos.

— Sim, Santa Karou.

— A cura para o câncer — prosseguiu Karou. — E unicórnios para todo mundo.

— Blergh. Nada estraga mais o Jogo dos Três Desejos que o altruísmo. Tem que ser alguma coisa para você, e se não incluir comida, é mentira.

— Mas eu *incluí* comida. Não ouviu quando eu disse unicórnios?

— Hmm. Está com desejo de saborear um unicórnio? — Zuzana franziu a testa. — Peraí. Existem unicórnios aqui?

— Infelizmente não.

— Existiam — disse Mik. — Mas Karou comeu todos.

— Sou uma voraz predadora de unicórnios.

— Vamos acrescentar isso no seu anúncio para o site de encontros românticos — propôs Zuzana.

Karou ergueu as sobrancelhas.

— Site de encontros?

— É possível que a gente tenha bolado uns anúncios desses no caminho até aqui — admitiu ela. — Para passar o tempo.

— Claro. Como ficou o meu?

— Bem, não deu para anotar, obviamente, mas acho que era mais ou menos assim: *Gata durona de espécie misteriosa procura…* hum... *inimigo* não *mortal para namoro descomplicado, longas caminhadas na praia e um "felizes para sempre"*?

Karou não respondeu de imediato, e Zuzana viu que Mik lhe lançava um olhar reprovador. *Que foi?*, perguntou ela em silêncio, arqueando a sobrancelha. Tinha omitido a parte "anjos genocidas não serão considerados", não tinha? Mas então Karou escondeu o rosto nas mãos. Seus ombros começaram a tremer, e Zuzana não sabia dizer se ela estava rindo ou chorando. Só podia estar rindo, certo?

— Karou? — chamou ela, preocupada.

Karou levantou o rosto: não havia lágrimas, mas também não muita alegria.

— Descomplicado — disse ela. — Nem lembro como é isso.

Zuzana olhou para Mik. *Eles* eram descomplicados. Era maravilhoso. Aquele olhar não escapou a Karou, que sorriu para eles, melancólica.

— Vocês sabem como têm sorte, não sabem?

— Eu sei — respondeu Mik.

— E *como* sei — concordou Zuzana, rapidamente, com um pouco mais de empolgação do que era seu estilo.

Ela ainda estava se sentindo tão... *estranha.* Ah, sim, além de faminta, suja e cansada (daí os três desejos), mas a coisa ia muito além disso. Por um minuto, lá na entrada da caverna, ela sentira como se estivesse assistindo ao próprio fim do mundo.

*Mas que diabos fora aquilo?*

Quando era pequena, Zuzana tinha um bichinho de pelúcia preferido (mais especificamente, um pato), que ela maltratava bastante em sua destrutiva adoração de criança, incluindo — como seu irmão, Tomáš, adorava lhe lembrar — o hábito de chupar os olhos do boneco. Ela achava reconfortante a textura daquelas órbitas lisinhas e duras contra seus minúsculos dentes.

Nada reconfortante, porém, tinham sido as tentativas de seus pais de fazê-la entender que *aquilo poderia matá-la*: "Você pode sufocar, querida. Pode ficar sem respirar."

Mas qual criancinha daria importância a esse detalhe? Foi Tomáš quem a fez entender finalmente a mensagem. Como? Sufocando-a. Só um pouquinho. Ah, os irmãos! Tão prestativos quando se trata de demonstrar como é a morte. "Você pode morrer", dissera ele alegremente, as mãos em seu pescoço. "Assim."

E funcionou. Ela entendeu. Existem coisas que podem matar você. Todo tipo de coisas, de brinquedos a irmãos mais velhos. E à medida que ela crescia, a lista só aumentava.

Mas nunca havia sentido isso com tanta intensidade. Como era mesmo aquela frase de Nietzsche que os poetas deprês adoravam citar? *Quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para você*? Bem, o abismo tinha olhado para ela. Ou melhor: tinha encarado Zuzana, *fixamente*, estupidamente. Zuzana tinha certeza de que ele marcara a ferro sua alma, e era difícil imaginar que um dia voltaria a se sentir normal.

Mas não iria se queixar com Karou a cada susto e ataque de pânico. Ela havia ido para aquele mundo *por vontade própria.* Karou a alertara de que seria perigoso — e, tudo bem, o aviso na teoria era um pouco como falar com uma criança pequena sobre o risco de se sufocar, só que sem a demonstração... Mas ela estava ali agora, e não queria ser a chorona do grupo.

E quanto a ter *sorte*?

— Tenho sorte de estar viva — disparou ela. — Eu chupava olhos de pato quando era pequena.

Mik e Karou apenas olharam para ela sem dizer nada. Zuzana ficou feliz em ver que a melancolia de Karou dera lugar a um misto de preocupação e confusão.

— Isso é... interessante, Zuze — arriscou ela.

— Eu sei. E nem me esforço para isso. Tem gente que simplesmente é interessante. Mas *você*, com sua vida simples e monótona, deveria sair mais. Experimentar coisas novas.

— Aham — disse Karou, e Zuzana foi recompensada com um vislumbre daquela alegria elusiva. — Tem razão. Um tédio. Vou começar a colecionar selos. Isso seria interessante, não?

— Não. A não ser que você cole os selos no corpo como se fosse sua roupa.

— Isso parece o projeto final de algum aluno do Liceu.

— Parece mesmo! — concordou Zuzana. — Helen faria isso. Mas com uma performance. Começaria nua, com uma tigela enorme cheia de selos, para que as pessoas pudessem ir lambendo e colando nela.

Karou finalmente riu de verdade, o que encheu Zuzana de orgulho. *Missão cumprida.* Talvez ela não pudesse fazer a vida (ou a vida amorosa) de Karou menos complicada, e talvez não tivesse dicas úteis a oferecer em termos de... hã... invasões de anjos ou farsas perigosas ou exércitos que claramente só queriam começar logo a se matar, mas podia ao menos fazer isso. Podia fazê-la rir.

— E agora? — perguntou Zuzana. — Os anjos vão dar um magnífico banquete em nossa homenagem?

Karou riu de novo, mas dessa vez foi uma risada sombria.

— Não exatamente. O próximo passo é o conselho de guerra.

— Conselho de guerra — repetiu Mik, parecendo um pouco atordoado.

Definitivamente era como Zuzana se sentia; atordoada, e totalmente, completamente perdida, distante. Cada pelo de seu corpo devia estar em pé ainda, devido a todo o horror e espanto da última hora. Ver Uthem morrer? Era novidade para ela. E ainda ter que pisar em *seu sangue*, o que, embora aparentemente não tivesse abalado nem um pouco os soldados (que avançaram na maior tranquilidade, como se tivessem que atravessar poças de sangue todo dia de manhã para ir tomar café), com certeza a tinha abalado. Ela mal havia tido tempo de processar aquilo. Ficara muito... *desnorteada* com aquele pavor paralisante e com o que agora pensava como "o olhar louco e estúpido do abismo".

Karou soltou o ar dos pulmões com força.

— É para *isso* que estamos aqui. — Ao dizer "aqui", ela olhou rapidamente em volta, depois acrescentou: — Por mais estranho que pareça.

E Zuzana se sentiu ainda mais distante de tudo aquilo, tentando imaginar como era para a amiga estar de volta àquelas cavernas. Era impossível, claro. Aquele era o cenário de um massacre. Talvez tivesse sido o eco do abismo que trouxera esse pensamento à tona, mas ela se imaginou indo até a casa da própria família e encontrando-a vazia, as camas apodrecidas, sem ninguém lá para recebê-la, *nunca*. Suspirou, angustiada.

— Você está bem? — perguntou-lhe Karou.

— Estou. Mas o importante mesmo é: *você* está bem?

Karou assentiu, esboçou um sorriso.

— Na verdade, estou, sim. — Ela ergueu a tocha e olhou em volta. — É estranho. Quando eu morava aqui, este era o mundo inteiro. Eu não sabia que nem todo mundo morava dentro de montanhas.

— Este lugar é bem impressionante — comentou Zuzana.

— É sim. E você ainda nem viu a melhor parte — disse Karou, com ar travesso.

— Ah, meu Deus, o quê? Por favor, diga que é uma caverna onde brotam cupcakes como se fossem cogumelos.

Karou riu de novo. *Mais um ponto para Zuzana!*

— Não — disse Karou. — Também não tenho nenhum bolo, e infelizmente a questão da cama não tem muita solução, mas...

Ela fez uma pausa, para Zuzana adivinhar.

Ela entendeu. *Seria possível?*

— Não brinque com essas coisas.

O sorriso de Karou era puro; estava feliz por poder proporcionar felicidade.

— Venha. Acho que temos alguns minutos.

# 23

## O único propósito

As fontes termais eram como Karou se lembrava, mas, ao mesmo tempo, completamente diferentes, porque em suas lembranças havia muitos Kirin ali. Famílias inteiras, todos se banhando juntos. Senhoras fofocando. Crianças batendo na água. Ela ainda sentia na cabeça as mãos da mãe, fazendo espuma com raiz de sélen, até se lembrava do aroma herbóreo da planta, misturado com o cheiro de enxofre das fontes.

— É lindo — disse Mik.

E era mesmo: a água de um verde-claro calcário, as rochas como pinturas a pastel, rosa e espuma do mar. Era intimista, mas não pequeno; não uma fonte, mas várias interligadas, alimentadas por uma cascata suave, e o teto parecia ondular, cintilar com cristais que cresciam dali e cortinas de musgo-da-noite rosa-claro, assim chamado porque crescia no escuro e não por sua cor.

— Olhem só isso aqui — disse Karou, e estendeu a tocha, liderando o caminho até o lugar onde a parede da caverna era toda de hematita pura polida: um espelho.

— Uau — sussurrou Zuzana.

Os três ficaram olhando para o reflexo deles próprios, lado a lado: imundos e reverentes. A superfície abaulada deformava a imagem, e Karou teve que se mover para avaliar o quanto da distorção em seu rosto vinha do efeito do espelho de parque de diversões e o quanto ainda era resquício da agressão que sofrera. Aquilo parecia ter acontecido séculos antes, mas seu corpo sabia bem que não. Fazia dois dias, e seu rosto ainda não tinha se recuperado. Nem sua psique. Na verdade, a distorção do espelho a impressionava por parecer certa: uma manifestação exterior da deformação interna que ela tentava manter escondida.

Eles tiraram as roupas e entraram na água, que estava quente e muito agradável. Após alguns segundos de imersão, já sentiam o corpo liso como uma boneca de porcelana, e o cabelo, como penugem de cisne. Os de Karou e Zuzana flutuavam como cabelo de sereia na superfície em redemoinho.

Karou fechou os olhos e mergulhou, por inteiro, deixando a água corrente eliminar a tensão de seu corpo. Se ela fosse honesta no Jogo dos Três Desejos, talvez desejasse ser levada pela correnteza como se aquele fosse o Lete, o rio do esquecimento, e não precisaria mais pensar em toda aquela história de exércitos e mortes. Mas apenas se lavou e saiu da água. Mik educadamente se virou de costas enquanto ela vestia roupas limpas. Quer dizer, se é que “limpas” incluía roupas mergulhadas em um rio do Marrocos e colocadas para secar em um telhado empoeirado.

— Vocês devem ter ainda uma hora antes de a tocha se apagar — avisou ela aos amigos, deixando-os com uma das tochas e levando a outra. — Conseguem achar o caminho de volta?

Eles disseram que sim, então Karou deixou os dois sozinhos para aproveitarem seu relacionamento descomplicado, e tentou não sentir inveja enquanto seus pés a levavam de volta para a animosidade ruidosa dos exércitos.

— Aí está você.

Ela havia dobrado uma curva, aproximando-se do centro da aldeia, aquela área parecida com uma colmeia. Lá estava Thiago. *Ziri.* Quando os dois se viram, um lampejo de emoção o transfigurou. Ele disfarçou rapidamente, mas ela notou, e sabia o que era: amor atrelado a tristeza, o que fez seu coração doer por ele.

“Estou com você”, dissera-lhe Karou lá na casbá, para que ele não se sentisse só naquele corpo roubado. Mas ele *estava* só. Karou não estava com ele, mesmo quando estava. E ele sabia disso.

Ela se forçou a sorrir.

— Estava justamente indo procurar você. — E era verdade. — Já chegaram a uma decisão?

Ele suspirou e balançou a cabeça. Estava desalinhado, algo que nunca acontecia com o Lobo, exceto, talvez, logo após uma batalha: o cabelo bagunçado, a testa manchada de sangue seco devido à queda e os joelhos e as mãos arranhados e ensanguentados; pareciam em carne viva. Ele olhou em volta e puxou Karou para uma passagem.

Só por um instante ela sentiu o corpo se retesar. Seu impulso inicial foi resistir. Mas então disse a si mesma: *Ele não é o Lobo*. Indo à frente dele, entrou em uma pequena câmara, escura e revestida de mofo. Karou fechou a porta e fez um arco com sua tocha faiscante para ter certeza de que estavam sozinhos.

Sozinhos. Era aquilo que Ziri vinha desejando, como dissera naquela noite? Uma mísera porção de tempo em que poderia deixar sua farsa de lado? Ele se recostou em uma parede, obviamente exausto.

— Lisseth propôs que escolhêssemos um bode expiatório para uma execução armada.

— O quê? — gritou Karou. — Isso é horrível!

— E foi por isso que rejeitei a ideia, a não ser que ela quisesse se voluntariar.

— Quem dera.

— Ela não quis. — Ele abriu um sorriso irônico e cansado, então sussurrou: — Eles ainda estão esperando que isso tudo

faça algum sentido. Que eu revele o verdadeiro plano, que, é claro, deve envolver massacre.

— Você acha que eles desconfiam de alguma coisa? — perguntou Karou, ansiosa, sua voz tão baixa quanto a dele.

Ela queria poder conversar com ele em tcheco, como fazia com Zuzana e Mik. Assim não teria medo de ser ouvida.

— De alguma coisa, sim. Mas não acho que estejam perto da verdade.

— É melhor mesmo.

— Estou agindo como se tivesse um plano definitivo que ainda não contei a eles, mas não sei até quando vou conseguir manter isso. Nunca fiz parte do círculo de confiança de Thiago. E se ele costumava lhes contar seus planos, e agora estão achando estranho todo esse mistério? Quanto a esse problema... — Ele levou as mãos à cabeça e respirou fundo ao sentir o contato de um ferimento com o outro. — O que o *Lobo* faria? Não faria nada. Não entregaria ninguém aos serafins e ainda os fuzilaria com o olhar por exigirem isso.

— Tem razão. — Karou visualizou facilmente o desprezo com que o Lobo encararia seus inimigos. — E, é claro, ele *estaria* orquestrando um massacre.

— Sim. Mas esta é nossa tática: começar de maneira convincente, fazendo o que ele faria, mas sem seguir pelo caminho que ele tomaria. Não vou entregar ninguém aos anjos, e não pediremos desculpas. É um assunto das quimeras, e isso encerra tudo.

— E se acontecer de novo?

— Cuidarei para que não aconteça. — Simples, grave, cheio de ameaça e pesar.

Karou sabia que Ziri não queria tal responsabilidade, mas se lembrou das palavras dele: "Lutaremos pelo nosso mundo até o último eco de nossas almas." Lembrou-se da maneira como ele se posicionara entre dois exércitos belicosos e conseguira detê-los. E não duvidou de que ele poderia enfrentar qualquer situação.

— Certo — disse ela, o que encerrou o assunto.

Fez-se silêncio entre eles, e agora, com as questões resolvidas, a natureza de estarem "sozinhos" mudou. Eram duas pessoas cansadas em meio a uma escuridão bruxuleante e um emaranhado de sentimentos e medos: amor, confiança, hesitação, tristeza.

— É melhor voltarmos — disse Karou, embora desejasse poder dar a Ziri um pouco mais de paz. — Os serafins devem estar esperando.

Ele assentiu e se dirigiu à saída.

— Seu cabelo está molhado — comentou ele.

— Tem fontes naturais aqui — disse ela, abrindo a porta. Só então se lembrou de que ele não tinha como saber disso.

— Não seria má ideia.

Com um gesto, ele indicou o pelo dos pés todo incrustado de sangue, as mãos esfoladas. Para não mencionar a ferida na cabeça, que batera no chão da caverna. Karou se aproximou dele e estendeu a mão para tocá-lo; ele se encolheu. Havia surgido um galo por baixo da camada ressecada e escura de sangue.

— Minha nossa — disse ela. — Você não está tonto?

— Não. Só lateja um pouco. Está tudo bem. — Ele examinou o rosto dela também. — Você está bem melhor.

Ela tocou a própria face, percebendo que já não doía mais. O inchaço também sumira. Então tocou o lóbulo da orelha rasgada e notou que a pele já havia se emendado. *Como assim?*

Com uma exclamação de surpresa, ela se lembrou.

— A água! — exclamou. A lembrança lhe veio como o fragmento de um sonho. — Tem propriedades curativas.

— Sério? — Ziri olhou novamente para as mãos esfoladas. — Pode me levar até lá?

— Hum. — Karou fez uma pausa, sentindo-se desconfortável. — Eu levaria, mas é que Zuzana e Mik estão lá.

Ela corou. Podia ser que Zuzana e Mik estivessem cansados demais para agirem como Zuzana e Mik, mas, com as águas restauradoras, era provável que estivessem fazendo uso daqueles momentos a sós no... hã... ao estilo Zuzana-e-Mik.

Ziri não demorou a entender o que ela queria dizer. Também corou, e a humanidade que inundou suas feições frias e perfeitas foi extraordinária. Ziri vestia aquele corpo com muito mais beleza que Thiago.

— Vou esperar — disse ele, com uma risada baixa e constrangida, evitando os olhos de Karou. Ela riu também.

E ali estavam eles, na entrada da passagem, corados e rindo de vergonha, e muito próximos um do outro: ela tirou a mão da testa dele, mas ainda estavam próximos. Foi quando alguém dobrou a curva e parou de repente.

*Santos deuses e poeira estelar*, quis gritar Karou. *Vocês só podem estar brincando comigo.*

Porque, é claro, é claro que era Akiva. A música do vento tinha abafado seus passos. Ele estava a menos de três metros de distância. Por mais hábil que fosse em esconder arroubos de emoção súbita, não conseguiu disfarçar muito bem.

Um esgar de descrença quando ele parou, um rubor em suas faces. E Karou tinha certeza de que ele chegou a prender a respiração sem perceber. Para o sempre estoico Akiva, aqueles pequenos sinais eram equivalentes a cambalear depois de levar um mero tapa.

Karou se afastou do Lobo, mas não podia desfazer a imagem que tinham criado naquele segundo. Ela também sentira um arroubo de emoções ao ver Akiva, mas duvidava que ele o tivesse notado diante do rosto risonho e vermelho dela. E agora, para piorar as coisas, havia a culpa da descoberta, como se ela tivesse sido flagrada em meio a um ato de traição.

Rindo e corando com o Lobo Branco? Até onde ele sabia, isso *era* traição.

*Akiva.* O impulso de voar até ele era um tipo próprio de gravidade, mas foi só o coração dela que se mexeu. Os pés ficaram presos ao chão, pesados e cheios de culpa.

Akiva falou, fria e rapidamente:

— Selecionamos um conselho representativo. Vocês deveriam fazer o mesmo. — Ele parou, e seu rosto sofreu um processo inverso ao do Lobo. Enquanto permanecia ali, olhando para os dois, sua humanidade desapareceu, lembrando a Karou de quando o vira pela primeira vez em Marrakech: sem alma. — Estamos prontos quando vocês estiverem.

*Quando você terminar esse seu momento à luz de tochas com o Lobo Branco.*

Ele se virou e foi embora antes mesmo que pudessem responder.

— Espere — chamou Karou, mas sua voz saiu fraca.

Se ele a ouviu acima da música do vento, não parou.

*Podíamos contar a ele*, pensou ela. *Podíamos ter lhe contado a verdade.* Mas a oportunidade tinha passado, e era como se Akiva tivesse levado embora o ar. Por alguns instantes, Karou ficou sem respirar, e, quando conseguiu, fez o possível para que o som parecesse cadenciado e normal.

— Sinto muito — disse Ziri.

— Pelo quê? — perguntou ela, com falsa leveza, como se ele não tivesse visto e entendido tudo. Mas é claro que tinha.

— Sinto muito que as coisas não possam ser diferentes.

Para ela e Akiva, Karou entendeu, e... Ah, querido Ziri... Ele estava sendo sincero. O rosto do Lobo estava tomado pela compaixão.

— Mas podem vir a ser — disse ela, de alguma forma para a própria surpresa, e a culpa e o sofrimento silencioso deram lugar à determinação. Brimstone acreditara nisso, assim como Akiva, e... a época em que *ela* fora mais feliz em suas duas vidas tinha sido quando acreditara. — As coisas *podem* ser diferentes. — E não apenas para ela e Akiva. — Para todos nós — afirmou, abrindo um sorriso. — É esse o único propósito.

# 24

## A seguir, o apocalipse

Várias horas depois, Karou tinha esquecido completamente a sensação daquele sorriso.

As coisas podiam ser diferentes, claro. Mas primeiro você tinha que matar um monte de anjos e provavelmente levar o caos à civilização humana. Ah, e ainda assim havia chances de não conseguir. De todos os seus morrerem. Tranquilo.

Não era exatamente uma surpresa. Não era como se alguém estivesse chamando aquela reunião de "conselho de paz".

Era um evento digno dos livros de história, quanto a isso não havia dúvida. No alto das montanhas Adelphas, que sempre haviam sido o bastião principal entre o império e as terras livres, os representantes de dois exércitos rebeldes se encaravam. Serafins e quimeras, Ilegítimos e espectros, o Ruína das Feras e o Lobo Branco: naquele dia não eram inimigos, mas aliados.

Tudo ia bem, no limite do possível.

— Sou a favor da solução mais simples — disse Elyon, o irmão que assumira o lugar de Hazael ao lado de Akiva.

Ele e mais dois outros, Briathos e Orit, representavam os Ilegítimos junto com Akiva e Liraz. Com Thiago e Karou estavam Ten e Lisseth.

— E a solução mais simples é? — indagou o Lobo.

— Fechar os portais. Deixar que os humanos se resolvam com Jael — respondeu Elyon, como se fosse evidente.

*O quê?*

Isso não era o que Karou esperava ouvir.

— Não — disparou ela, sem pensar, embora não lhe coubesse responder.

Liraz objetou ao mesmo tempo, e as palavras das duas colidiram no ar. *Não.* Sentadas uma de frente para a outra à mesa, seus olhos se encontraram: os de Liraz estreitados, e os de Karou cuidadosamente neutros.

Não, eles não iriam fechar os portais entre os dois mundos, prendendo Jael e seus mil soldados do Domínio do outro lado para que os humanos "se resolvessem" com eles. Nesse ponto elas concordavam, mesmo que por razões diferentes.

— *Eu* vou cuidar de Jael — disse Liraz, em voz baixa e sem entonação. Ouvi-la falar assim foi inquietante, e soava incontestável, como algo decidido havia muito. — O que vai acontecer, não sabemos, mas isso é certo.

O que motivava Liraz era a vingança, e Karou não a culpava por isso. Ela vira o corpo de Hazael, vira Liraz despedaçada pela dor e pelo desolamento, vira Akiva a seu lado, tão angustiado quanto a irmã. Mesmo do fundo do próprio poço escuro de tristeza, a visão daquela noite arrasara Karou. Ela também queria Jael morto, mas ele não era sua única preocupação.

— Não podemos jogar isso para cima dos humanos — disse Karou. — Jael é problema *nosso*.

Elyon respondeu rápido:

— Se o que você nos disse sobre os humanos e suas armas for verdade, isso não vai ser difícil para eles.

— Não seria se eles os vissem como inimigos — retrucou ela. A "encenação" de Jael fora um golpe de mestre. O imperador dissera a Akiva que eles os venerariam como deuses, e Karou não duvidava disso. — Imagine que seus deuses da luz descessem do céu e se colocassem a sua frente, em carne e osso. Como exatamente você "se resolveria" com eles?

— Imagino que eu lhes daria qualquer coisa que pedissem — replicou ele, e então acrescentou, com uma maldita lógica impecável: — E é por isso que devemos fechar os portais. Nossa prioridade deve ser Eretz. Já temos muitos problemas aqui. Não precisamos comprar uma briga em um mundo que não é nosso.

Karou balançou a cabeça, mas as palavras dele tinham vencido as dela, e por um instante ela não conseguiu pensar em nada para dizer. Ele tinha razão. Era fundamental que Jael não conseguisse levar armas humanas para Eretz, e a maneira mais simples de detê-lo seria fechar os portais.

Mas isso era inaceitável. Karou não podia simplesmente se livrar de sua humanidade como se fosse uma poeira insignificante e virar as costas para um mundo inteiro, ainda mais considerando que a encenação de Jael era, em parte, culpa dela. *Ela* levara aquela abominação que era Razgut até Eretz e o deixara livre com todo aquele perigoso conhecimento que possuía — sobre guerra, religião, geografia —, e ele entregara tudo de bandeja para Jael. Karou fora a responsável pela invasão de Jael ao mundo humano tão certamente quanto se ela mesma tivesse unido aqueles dois anjos abomináveis.

Enquanto tentava encontrar o que dizer, ela procurou apoio entre aqueles reunidos ali ao redor da mesa de pedra. Encontrou os olhos de Akiva. E aquele olhar fulminante fez seu coração palpitar. O rosto dele não deixava transparecer nada; o que quer que estivesse sentindo com relação a ela — desgosto? decepção? dor e confusão profunda? —, não demonstrava.

— Fechar uma porta é uma maneira de se resolver um problema — disse ele, encarando Thiago. — Mas não é muito eficiente. Nossos inimigos nem sempre ficam onde os deixamos. Além disso, tendem a voltar para perto de nós quando menos esperamos, e ainda mais mortais que antes.

Não havia dúvida de que ele se referia à própria fuga e suas consequências. O Lobo não deixou de perceber isso.

— De fato — concordou ele. — Deixemos que o passado nos guie. A morte é o único fim. — Então olhou para Karou e

acrescentou, com um sorriso discreto: — Às vezes, nem mesmo a morte.

Os outros levaram um segundo para perceber que o Ruína das Feras e o Lobo estavam de acordo, ainda que constituísse uma concordância gélida.

— Seria muito incerto — disse Liraz a Elyon. — E nada satisfatório.

Palavras simples, mas aterradoras. Liraz tinha um tio para matar, e essa perspectiva lhe dava prazer.

— O que vocês propõem, então? — perguntou Elyon.

— Fazer o que nos cabe fazer — disse Liraz. — Lutar. Akiva destrói o portal de Jael para que ele não possa convocar reforços. Matamos os mil soldados do Domínio no mundo humano, depois voltamos para cá pelo outro portal. Então fechamos esse portal depois de cruzá-lo e cuidamos do restante deles aqui em Eretz.

Elyon pensou a respeito.

— Deixando de lado, por enquanto, "o restante deles" e as chances minúsculas de essa segunda parte do plano dar certo, só os mil soldados que estão no mundo humano já deixam a disputa em uma proporção de cerca de três contra um, a favor deles.

— Três soldados do Domínio contra um Ilegítimo? — O sorriso de Liraz era o filho bastardo de um tubarão com uma cimitarra. — Sem problemas com essa proporção. E não esqueça: temos algo que eles não têm.

— Que seria...? — indagou Elyon.

Liraz primeiro lançou um olhar de relance para Akiva, depois se virou para as quimeras. Não falou nada. Seu olhar era carregado de ressentimento e relutância, mas a mensagem era clara: *Nós temos feras*, ela bem poderia ter dito, seus lábios em um esgar sutil.

— Não — disse Elyon na mesma hora, olhando para Briathos e Orit em busca de apoio. — Concordamos em não matá-los, só isso, embora tivéssemos o direito depois que eles quebraram a trégua...

— Ah, então quer dizer que fomos *nós* que quebramos a trégua? — Essa foi Ten.

Haxaya, na verdade, que parecia estar gostando da farsa. Só ela mesmo para saborear aquilo. Karou conhecia o verdadeiro rosto de Haxaya, que tinha sido sua amiga muito tempo antes. Seu aspecto não era de lobo, mas de raposa; não tão diferente do que exibia agora, na verdade, só mais astuto e mais selvagem. Haxaya dissera uma vez que não passava de um conjunto de dentes com um corpo por trás. Agora, a maneira como ela sorria com as mandíbulas de lobo de Ten era uma provocação. *Posso comer você,* parecia pensar grande parte do tempo, incluindo aquele instante.

— Então por que foi o *nosso* sangue que manchou o chão da caverna? — indagou ela.

— Porque somos mais rápidos que vocês — respondeu Orit, em puro desdém. — Como se vocês precisassem de mais provas.

Ao ouvir isso, Ten avançou, pronta para se lançar por cima da mesa. Os dentes é que importavam, a trégua que explodisse.

— Seus arqueiros é que deveriam responder por isso, não nós.

— Aquilo foi legítima defesa. No instante em que mostraram seus hamsás, vocês nos dispensaram da nossa promessa.

Era sério, aquilo? Karou queria gritar. Será que eles não tinham aprendido nada? Pareciam crianças. Crianças terrível e perigosamente mortais.

— *Chega*.

Não foi um grito, e não foi Karou. O rosnado de Thiago foi frio e imperativo, irrompendo entre os soldados que encaravam uns aos outros e deixando os dois lados atônitos. Ten assentiu para seu general.

Orit o encarou com raiva. Não era bonita como Liraz, como tantos outros anjos. Suas feições eram pouco definidas, o rosto, redondo, e o nariz tinha sido quebrado muito tempo antes, esmagado por uma força bruta.

— Por acaso é você quem decide quando chega? — perguntou ela a Thiago. — Acho que não. — Então se virou para seus irmãos. — Achei que concordávamos que não iríamos prosseguir se eles não dessem provas de boa-fé. Não estou vendo boa-fé. Vejo feras rindo na nossa cara.

— Não — disse Thiago. — Isso não é verdade.

— Reze para que nunca veja — acrescentou Lisseth, muito prestativa.

Thiago continuou como se ela não tivesse falado nada:

— Eu disse que disciplinaria qualquer soldado, ou quaisquer soldados, que desafiasse meu comando, e é o que vou fazer. Mas não para apaziguar vocês, e não para que assistam de camarote.

— Então como saberemos que foi feito? — perguntou Orit.

— Vocês saberão — foi a resposta do Lobo, tão cheia de ameaça quanto sua declaração mais cedo para Karou, mas sem o tom de pesar.

Elyon não se deu por satisfeito.

— Não podemos confiar neles ao nosso lado em uma batalha — disse aos outros. — Podemos lutar contra Jael sem misturar os batalhões. As quimeras seguem seu comandante, e nós, o nosso. Vamos nos manter separados.

Foi Liraz quem, com um olhar avaliador para as quimeras, disse:

— Um único par de hamsás em um batalhão já enfraqueceria o Domínio e nos daria uma vantagem.

— Ou enfraqueceria *a nós* — argumentou Orit. — E nos deixaria em desvantagem.

Karou olhava para Akiva e viu um brilho iluminar seus olhos; a vivacidade de uma ideia repentina. Quando ele falou, interrompendo a discussão abruptamente, ela esperava que ele desse voz a essa ideia, fosse lá qual fosse. Mas ele disse apenas:

— Liraz está certa, mas Orit também. Talvez ainda seja cedo para falar em unir os batalhões. Vamos deixar essa questão de lado por enquanto.

E à medida que falavam mais sobre o plano de ataque, Karou ficou se perguntando: *O que foi aquele brilho? Qual era a ideia?*

Ela continuou observando Akiva e pensando, e precisava admitir: esperava que pudesse ser uma forma de tirá-los daquele conflito, porque ficava cada vez mais claro para Karou que pelo menos uma coisa era consenso entre os serafins e as quimeras: a total despreocupação, enquanto faziam seus planos, com as consequências que aquele ataque teria para os humanos.

Karou tentou expressar esse temor à medida que aquela reunião se desenrolava, mas não conseguia fazer com que levassem em conta suas ideias. Liraz, ao que lhe parecia, se colocava enfaticamente contra ela todas as vezes, e, se mais cedo os interesses das duas tinham se encontrado naquele sonoro *não*, agora divergiam radicalmente. Liraz queria o sangue de Jael. E para ela não importava quem seria atingido.

— Ouçam — disse Karou, em tom urgente, quando percebeu que o acordo deles estava se firmando. Era um milagre que aquele conselho conseguisse chegar a um acordo, mas parecia um milagre *ruim*. — No instante em que atacarmos, nos tornaremos parte da encenação de Jael. Anjos de branco atacados por anjos de preto? Não estou nem falando do que os humanos vão pensar das quimeras. Eles têm uma história para isso também, e na história deles o diabo é um anjo...

— Não temos que nos preocupar com o que os humanos pensam de nós — disse Liraz. — Isso não é nenhuma encenação. É uma emboscada. Entramos e saímos. Rápido. Se os humanos tentarem ajudá-lo, também se tornarão nossos inimigos.

Liraz tinha as mãos apoiadas na pedra que servia de mesa. Parecia pronta para empurrá-la e partir para a ação naquele mesmo instante. Pronta para um banho de sangue.

— Esse inimigo potencial que pelo visto você não está levando a sério tem... — ela queria falar que eles tinham rifles, lança-foguetes e aeronaves militares, mas o pequeno detalhe é que não havia palavras nas línguas de Eretz para expressar tudo isso — ... armas de destruição em massa — disse então. Isso serviria como tradução.

— Nós também — replicou Liraz. — Temos *fogo*.

Seu tom era tão frio que Karou ficou alarmada.

— O que quer dizer com isso? — perguntou ela, a raiva tornando sua voz cada vez mais aguda.

Karou sabia perfeitamente bem o que Liraz queria dizer, e isso a surpreendeu. Ela caminhara pelas cinzas de Loramendi. Tinha plena noção do que o fogo serafim era capaz. Aquela ali ameaçando usar seu poder para queimar um mundo nem parecia a mesma Liraz que usara seu calor para aquecer Zuzana e Mik enquanto dormiam.

Akiva interferiu:

— Nossa intervenção não vai chegar a isso. Eles não são nossos inimigos. Nosso objetivo deve ser causar o mínimo de danos colaterais possível. Se os humanos se tornarem marionetes de Jael, farão isso por ignorância.

Não era um grande conforto. *O mínimo de danos colaterais possível.* Karou lutava para manter o rosto inexpressivo enquanto sua mente se rebelava. O mundo humano era como um graveto seco para algo inflamável assim. *Apocalipse*, pensou ela. Aquilo era algo especial mesmo para seu currículo de desastres, que havia aumentado espetacularmente nos últimos meses. *Que bom que só preciso me preocupar com a destruição de dois mundos*, pensou ela. Só que, ah, mas que diabos, provavelmente havia muitos mundos por aí. Por que não? Um mundo, e você pode dizer que é um acaso feliz — um incrível acidente de poeira estelar. Mas se houvesse dois mundos, quais eram as chances de haverem *apenas* dois?

*Cheguem mais, mundos*, pensou Karou, *peguem o seu desastre aqui!* Ela olhou novamente para todos em torno da mesa, mas estava cercada por guerreiros no meio de um conselho de guerra, e tudo que fora resolvido ali poderia ser classificado como: É claro, idiota. O que você pensou *que fosse acontecer?* Ainda assim, ela tentou:

— Não existe nível aceitável de danos colaterais.

Ela pensou ter visto o olhar de Akiva se suavizar, mas não foi a voz dele que respondeu. Foi a de Lisseth, bem atrás dela.

— Tão preocupada — disse, sibilando sordidamente. — O que você é? Quimera ou humana?

*Lisseth.* Ou, como Karou agora gostava de pensar: futura ruminante. Foi preciso todo o seu autocontrole para não se virar, olhar no rosto da Naja e dizer "muuu". Ela replicou, em um tom de constatação e só um pouquinho de condescendência:

— Sou uma quimera em um corpo humano, Lisseth. Achei que você já tivesse entendido isso a essa altura.

— Ela entende perfeitamente, não é, soldada? — interrompeu Thiago, olhando por cima do ombro para a Naja com ar de advertência.

Ela levaria uma bronca mais tarde, pensou Karou. O Lobo não poderia ter sido mais claro quando lhes dissera, antes daquele conselho, que deveriam se mostrar unidos, não importava o que acontecesse. Karou se surpreendeu por Lisseth não conseguir seguir uma ordem tão simples.

— Sim, senhor — disse Lisseth, em um tom razoavelmente respeitoso.

— Agora, deixando os humanos de lado, e quanto a nós? — continuou Karou. — Quantos de nós vão morrer?

— Quantos forem necessários — respondeu Liraz do outro lado da mesa, e Karou teve vontade de *sacudir* a fria e linda rainha-anjo da morte.

— E se nada disso for necessário? — indagou ela. — E se houver outra maneira?

— Claro — disse Liraz, parecendo entediada. — Por que não vamos até lá e pedimos a Jael que vá embora? Tenho certeza de que se pedirmos por favor...

— Não foi o que eu quis dizer — retrucou Karou.

— Então o quê? Você tem outra ideia?

Mas, é claro, Karou não tinha. Então admitiu, relutante e amargamente:

— Ainda não.

— Se pensar em alguma coisa, tenho certeza de que vai nos avisar.

Ah, aquele olhar penetrante, aquele tom desdenhoso e mordaz. Karou sentiu o ódio da serafim como um tapa. Será que merecia isso? Ela se virou para Akiva, mas ele estava olhando para outro lado.

— Já terminamos por aqui — anunciou Thiago. — Meus soldados precisam descansar e se alimentar, e temos ressurreições a fazer.

— Voamos ao amanhecer — concluiu Liraz.

Ninguém se opôs.

E foi isso.

*A seguir, o apocalipse,* pensou Karou quando o conselho se dissolveu.

Ou... talvez não. Ao observar Akiva sair sem nem olhar para ela, Karou ainda não fazia ideia da razão daquele brilho que vira em seus olhos, mas não contaria com ele nem com mais ninguém para defender o mundo humano. De sua parte, não cederia à carnificina tão facilmente. Ainda tinha algum tempo.

Não muito, mas algum. O que deveria bastar, certo? Tudo o que tinha a fazer era pensar em um plano para evitar o apocalipse e, de alguma forma, convencer aqueles soldados amargos e embrutecidos a segui-lo. Em... aproximadamente doze horas. Isso estando em transe profundo, realizando o máximo de ressurreições que pudesse.

Fácil.

*vinte e quatro horas após a Chegada*

# 25

## Seu (plural)

Do conselho, Akiva se retirou para o quarto em que se instalara e fechou a porta.

Liraz parou do lado de fora e tentou escutar. Levantou a mão para bater na porta, mas mudou de ideia. Por quase um minuto, ficou ali parada, sua expressão variando entre a saudade e a raiva. Saudade de um tempo em que estava sempre entre os irmãos. Raiva pela ausência deles, e pela própria carência.

Ela se sentia... exposta.

Hazael de um lado, Akiva do outro; eles sempre foram suas barreiras. Nas batalhas, é claro. Haviam treinado juntos desde os cinco anos. Nos tempos áureos, lutavam como um só corpo com seis braços, pensando como uma única mente e as costas nunca expostas ao inimigo. Mas ela sabia agora que não havia sido só nas batalhas que eles lhe serviram como proteção, como paredes entre as quais ela se abrigava. Era em momentos como aquele também. Sem Hazael, e com Akiva em um mundo só dele, Liraz sentia o vento de todos os lados, como se a golpeasse.

Ela não pediria que ele lhe fizesse companhia. Não deveria ter que pedir, e doía ver que Akiva claramente não precisava do mesmo que ela: como poderia se trancar daquele jeito com sua própria dor e sofrimento e excluir a irmã?

Liraz não bateu na porta dele, só endireitou os ombros e foi embora. Não sabia aonde estava indo e não ligava muito. Seja como for, estava só matando o tempo — cada segundo até o momento em que apontaria a espada para o coração do tio e a enfiaria bem devagar.

Nada impediria isso de acontecer, nem os humanos e suas armas, nem as preocupações desesperadas de Karou, nem pedidos de paz.

Nem nada.

* * *

Akiva não estava sofrendo. As imagens que o assombravam — o corpo do irmão, Karou rindo com o Lobo — estavam bem trancadas. Tinha os olhos fechados, o rosto tão sereno quanto em um sono sem sonhos, mas não estava dormindo. Ou acordado propriamente. Estava em um lugar que encontrara anos antes, depois de Bullfinch, enquanto se recuperava do ferimento que deveria tê-lo matado. Embora não tivesse morrido e seu braço tivesse até se curado totalmente, a ferida no ombro nunca deixara de doer, nem por um segundo, e era ali que estava naquele momento.

Dentro da dor, no lugar onde operava a magia.

Não o *sirithar*. Aquilo era algo completamente diferente. Todas as magias que criara de propósito, ele fizera — ou talvez *encontrara* — ali. No começo, sentia como se descesse por um alçapão para os cantos mais sinistros da própria mente, mas, com o tempo, conforme ficava mais forte e se aprofundava mais, a sensação era de que o espaço estava em constante expansão, e ele começou a acordar confuso e desorientado daquele estado, como se tivesse voltado de algum lugar muito distante.

Fazia magia ou a encontrava? Estava dentro ou fora de si? Não sabia. Não sabia nada. Sem nenhum treinamento, seguia seus instintos e esperanças. Naquela noite, minuto a minuto, ele questionou os dois.

No meio do conselho de guerra, a ideia lhe ocorrera como uma fagulha repentina, quase uma revelação. Eram os hamsás.

Não tinha ilusões quanto à probabilidade de os dois exércitos chegarem a um acordo tão cedo. Sabia que seria tenso, mas também que a melhor forma de usar a força coletiva deles era uma verdadeira aliança, não apenas uma trégua. Integração. Não importava como atacassem o Domínio; fosse com batalhões mistos ou separadamente, estariam em menor número. Mas Liraz tinha razão: hamsás em todos os grupos enfraqueceriam o inimigo e ajudariam a equilibrar a balança. Poderia ser a diferença entre a vitória e a derrota.

Mas ele não podia esperar que seus irmãos confiassem nas quimeras, ainda mais depois daquele começo difícil. Os hamsás eram um arma contra a qual não tinham defesas.

Mas... e se *tivessem*?

Essa era a ideia de Akiva. E se ele pudesse elaborar um contrafeitiço para proteger os Ilegítimos das marcas? Não sabia se conseguiria — ou mesmo se *deveria*. Se conseguisse, será que, em vez de resolver as coisas, isso causaria mais conflitos? As quimeras não iam gostar de perder sua vantagem.

E... e Karou?

Era nesse ponto que Akiva perdia a perspectiva. Como era possível saber se os instintos eram só esperança disfarçada, e se a esperança era na verdade desespero travestido de possibilidade? Afinal, se aquilo desse certo, a chance de aliança real entre os exércitos trazia consigo outra possibilidade, mais pessoal.

Karou poderia tocá-lo. As mãos dela em sua pele, sem agonia. Não sabia se ela queria tocá-lo, ou se iria querer fazer isso

de novo algum dia, mas a possibilidade estaria lá.

* * *

Tanto serafins quanto quimeras tinham colocado guardas na entrada da passagem que ligava a aldeia à grande caverna, com a intenção de manter os soldados separados. Todos se espreitavam e se esgueiravam, temendo encontrar inimigos a cada esquina. Era impossível relaxar. A maioria dos soldados de ambos os lados se sentia encurralada pelos tetos rústicos e pelas paredes sem janela, pela falta de céu, pela impossibilidade de fugir — principalmente as quimeras, sabendo que os Ilegítimos estavam acampados entre eles e a saída.

Eles descansaram, comeram e recuperaram as armas que restavam nos arsenais dos Kirin, havia muito saqueados pelos traficantes de escravos. Aegir fundiu panelas e ferramentas para produzir lâminas, e as marteladas se juntaram aos sons da montanha. Alguns soldados foram encarregados de reemplumar flechas antigas, mas não havia atividades para ocupar a maior parte do grupo, e a ociosidade deles era perigosa. Não houve nenhuma agressão explícita, mas os anjos, irritados por nenhuma fera ter sido punida por quebrar o juramento, alegavam sentir o mal-estar provocado pelos hamsás do outro lado das paredes.

As quimeras, embora atentas às claras ordens do general, encontraram mais ocasiões do que o necessário para descansarem apoiando-se com as palmas das mãos nas rochas. Era improvável que a magia dos hamsás atravessasse a pedra, mas não foi por falta de tentativa. "Aqueles açougueiros de mãos negras", era como se referiam aos Ilegítimos, e, aos sussurros, nutriam o desejo de cortarem as mãos marcadas dos anjos e queimá-las.

Para completar a confusão geral, havia o desespero, que parecia tê-los deixado vazios por dentro e ainda ressoava como um fraco rufar de tambores, em feras e anjos na mesma medida. Ninguém falava sobre isso, pois consideravam ser uma fraqueza pessoal. Aqueles soldados talvez nunca tivessem sentido um desespero tão profundo quanto o que os atravessara mais cedo, mas certamente já haviam se desesperado.

E, assim como o medo, o desespero era sempre sofrido em silêncio.

* * *

— E então? — perguntou Issa quando Karou voltou, sozinha, à aldeia. Ela havia deixado Thiago, Ten e Lisseth seguirem na frente, já meio farta da companhia deles, e Issa a encontrara no meio do caminho. — Como foi?

— Mais ou menos como era de se esperar. Sede de sangue e bravatas.

— Da parte de todos? — sondou Issa.

— Praticamente. — Karou evitou o olhar dela. Não era verdade. Akiva e Thiago não agiram assim, mas o resultado foi o mesmo. Ela esfregou os olhos. Nossa, como estava cansada. — Prepare-se para um massacre total.

— Então vamos atacar? Bem, melhor começarmos a agir.

Karou exalou o ar com força. Tinham até o amanhecer. Quantas ressurreições conseguiriam fazer até lá?

— De que adianta mais um punhado de soldados diante de uma batalha como essa?

— Vamos fazer o que for possível — disse Issa.

— E é só isso o que podemos fazer? Porque são guerreiros que traçam os nossos planos.

Issa ficou em silêncio por um instante. Ainda estavam nos limites da aldeia, em uma curva fechada no trecho de pedra, do outro lado do trecho onde começavam as casas. O caminho seguia em direção à "praça".

— E se uma artista traçasse os nossos planos? — perguntou Issa gentilmente.

Karou trincou os dentes. Sabia que não tinha apresentado nenhuma alternativa ao conselho. Lembrou-se do deboche de Liraz: "Por que não vamos até lá e pedimos a Jael que vá embora?" Ah, se fosse possível… *Todos os anjos voltaram tranquilos para casa e ninguém morreu. Fim.*

Muito provável.

— Não sei — admitiu Karou com amargura, começando a caminhar com passos pesados. — Você se lembra daquele desenho que fiz uma vez, quando tive que ilustrar o conceito de guerra?

Issa fez que sim.

— Eu me lembro bem. Falamos sobre isso durante muito tempo depois que você foi embora.

Karou tinha desenhado dois homens monstruosos se encarando em lados opostos de uma mesa. Em frente a cada um havia uma enorme tigela de... pessoas. Bracinhos e perninhas se retorcendo, carinhas infelizes. E os homens enfiavam seus talheres nas tigelas um do outro, desvairados de fome, levando garfada após garfada *de pessoas* até suas bocas escancaradas.

— A ideia era que o primeiro a esvaziar a tigela do outro ganharia a guerra. E desenhei isso antes mesmo de saber sobre Eretz, a guerra aqui ou o envolvimento de Brimstone em tudo isso.

— Sua alma sabia — disse Issa. — Mesmo que sua mente não soubesse.

— Talvez — concedeu Karou. — Fiquei pensando naquele desenho durante o conselho de guerra, e sobre o nosso papel em tudo isso. Nós trapaceamos. Ficamos enchendo a tigela o tempo todo, os monstros não param de enfiar seus garfos gigantes nela, e por nossa causa sempre há mais comida para eles. Nunca perdemos, mas também nunca ganhamos. Só continuamos a

morrer. É isso o que fazemos?

— É isso o que *fazíamos* — corrigiu Issa, colocando a mão fria no braço de Karou. — Docinho. — Ela era tão bonita, seu rosto doce como o de uma madona renascentista. — Você sabe que Brimstone tinha expectativas maiores a seu respeito.

Na língua quimera, o pronome *seu* tinha uma forma singular e uma plural, para se referir a mais de uma pessoa, e Issa usou a forma plural. *Brimstone tinha expectativas maiores a seu (plural) respeito.*

Karou e Akiva. Ela se lembrou de Brimstone dizendo — para seu eu *Madrigal*, na cela da prisão, pouco antes da execução — que o que lhe permitia continuar fazendo o que fazia século após século era acreditar que aquilo mantinha as quimeras vivas...

— Até o mundo poder ser refeito — comentou Karou serenamente, ecoando o que ele lhe falara na época.

— Ele não pôde fazer isso — comentou Issa, no mesmo tom sereno. — E o Comandante também não pôde. Muito menos Thiago. Mas vocês podem. — De novo o plural.

— Não sei como chegar lá — admitiu Karou, como se compartilhasse um terrível segredo. — Estamos aqui, quimeras e serafins, juntos, mas não de verdade. Todos ainda querem matar uns aos outros e é isso que devem acabar fazendo. Não é exatamente um mundo novo.

— Escute os seus instintos, docinho.

Karou riu, exausta.

— E se os meus instintos estiverem me dizendo para ir dormir e só acordar quando tudo tiver terminado? Mundos consertados, portais fechados, cada um em seu devido lugar, Jael derrotado e nada mais de guerra.

Issa apenas sorriu e disse:

— Você não iria querer dormir enquanto tudo isso acontece, querida. Estamos vivendo tempos extraordinários. — O sorriso extasiado ganhou um ar travesso. — Ou serão, quando *vocês* descobrirem como torná-los assim.

Karou deu um tapinha no ombro de Issa.

— Que ótimo. Obrigada. Nenhuma pressão.

Issa a puxou para um abraço. Como os outros mil abraços que já lhe dera, esse teve o poder de transmitir forças a Karou: a força de saber que outros acreditavam nela. E ela sabia que Brimstone também acreditava.

Será que o mesmo ainda valia para Akiva?

Karou se endireitou. Ela e Issa estavam quase chegando ao “quartel-general da ressurreição”, as câmaras que Zuzana e Mik tinham escolhido. Pela porta aberta, viu o tremeluzir verde das tochas de eskohl. Ouviu os barulhos do grupo que estava mais à frente no caminho e sentiu o cheiro de comida. Legumes, cuscuz, pão sírio e as últimas magras galinhas marroquinas. Cheirava bem, e nem devia ser por ela estar morrendo de fome. Aquilo lhe deu uma ideia.

Ouvir seus instintos? Que tal ouvir seu estômago? Não era um plano ou uma solução: apenas uma pequena ideia. Um pequeno passo.

— Diga a Zuze e Mik que já volto — pediu Karou, e saiu para procurar o Lobo.

# 26

## Sangrar e florescer

Por volta das sete da manhã, mais de vinte e quatro horas depois de acordar gritando, Eliza foi vencida pelo cansaço e mergulhou direto no sonho.

Começou, como sempre, com o céu. *Um* céu, na verdade. Só de olhar, parecia uma simples vastidão azul, salpicada de nuvens, nada de especial. Mas no sonho, Eliza sabia coisas. Podia senti-las e as conhecia como acontece nos sonhos, sem questionamentos ou dúvidas. Aquilo não era fantasia ou ficção, não enquanto sonhava. Era como vagar para além do limite de sua mente conhecida para lugares mais profundos e desconhecidos, mas não menos reais.

E a primeira coisa que Eliza soube foi que aquele céu *era* especial, e que ficava muito, muito distante. Não distante como o Taiti. Ou a China. Uma distância que desafiava seus conhecimentos do universo.

Ela observava, sem respirar, esperando alguma coisa acontecer.

E desejando que não acontecesse.

Temendo que acontecesse.

Assim como *remorso*, as palavras *desejo* e *medo* eram totalmente inadequadas para descrever a intensidade dos sentimentos naquele sonho. O desejo e o medo comuns eram como avatares daqueles, meras representações digeríveis de emoções tão puras e terríveis que nos aniquilariam na vida real, dilacerariam nossas mentes e nos enlouqueceriam. Mesmo no sonho, parecia que iria despedaçar Eliza — a pressão brutal e insuportável daquele suspense.

*Observe o céu.*

*Vai acontecer?*

*Não pode. Não deve.*

*Não deve, não deve, não deve.*

Um soluço sufocante preso na garganta. Uma oração cortou seu desejo-desespero, plangente como a nota de um violino, duas únicas palavras arrancadas — *por favor* —, tão longas e puras que se estenderiam até o fim dos tempos...

Que poderia não demorar tanto assim.

Porque o mundo estava prestes a acabar.

Vítima constante daquele sonho, Eliza fora forçada a assisti-lo várias e várias vezes. Na primeira, tinha sete anos, e já vira aquelas imagens incontáveis vezes desde então. Não importava já saber o que estava por vir: sempre era arrastada para aquele momento de horror em que o desejo parecia ao seu alcance...

... até lhe ser arrancado.

Um florescer no azul. Começava pequeno: mal dava para ver, um distúrbio no céu, como uma pequena gota d'água em uma lata de tinta. Então crescia rapidamente, e a esse distúrbio se juntavam outros.

O céu, a sangrar e florescer. Cata-ventos de cor irradiavam cada vez mais para fora, de horizonte a horizonte, se juntando, se mesclando e se fundindo como um caleidoscópio de tinta. O céu... falhava. Era bonito de se contemplar, mas ao mesmo tempo terrível. *Terrível e terrível e terrível para todo o sempre, amém.*

Era assim que o mundo acabaria. *Por minha causa. Por minha causa. Ninguém nunca fez nada pior que isso. Em tempo algum, em espaço algum. Não mereço viver...*

O céu iria falhar e deixaria que eles entrassem. *Eles.* Caçando, revirando, devorando.

*As feras estão vindo atrás de vocês.*

*As feras.*

Eliza fugia delas no sonho. Virava-se e fugia, e seu pânico e sua culpa eram tão vorazes quanto o horror que a perseguia. De alguma forma, era sua culpa. *Ela* seria a responsável. Ela os deixaria entrar.

*Nunca. Eu nunca...*

— Meu Deus! Você *dormiu* aqui?

Eliza acordou ofegante. Lá estava Morgan, emoldurado pelo batente da porta, o cabelo recém-lavado caído na testa como um integrante de alguma boy-band. Ele repuxou os lábios volumosos com desgosto. Meu Deus, comparados ao sonho, Morgan Toth e seu ar de desprezo não pareciam nada de mais. Pela maneira como olhava para ela, parecia que a tinha flagrado em pleno ato lascivo, e não apenas cochilando no sofá, inteiramente vestida.

Eliza aprumou as costas. A tela do laptop tinha desligado. Por quanto tempo teria dormido? Fechou o computador, limpou a boca com o dorso da mão e ficou feliz ao ver que não tinha babado.

Nenhuma baba e nenhum grito, mas uma pressão no peito que Eliza reconhecia como um grito em formação. Teria irrompido bem ali, no laboratório, se Morgan não a tivesse acordado. *Abençoado seja esse ser horroroso.*

— Que horas são? — perguntou ela, levantando-se.

— Não sou seu despertador — retrucou Morgan, passando por ela ao se dirigir a seu sequenciador preferido.

Havia dois enormes sequenciadores de DNA no laboratório. Eliza nunca tinha conseguido notar diferença alguma entre eles, mas sabia que Morgan preferia o da esquerda. Por isso, sempre que podia chegava primeiro para escolhê-lo antes. Um dia feliz é feito de pequenas vitórias. Mas não aquele.

Dado que o dia começara com o sonho e continuava com aquela sensação de exaustão; que o mundo estava se desintegrando; que sua família a localizara e estava por ali, em algum lugar *e* que ela ainda estava com as roupas do dia anterior, não esperava que ainda pudesse acontecer algo de bom.

Mas estava enganada; podia, sim. Por outro lado, podiam acontecer também várias outras coisas, e o dia em breve mudaria radicalmente de rumo, de um jeito que Eliza nunca imaginara.

Radicalmente.

Começou algumas horas depois, com uma batida na porta que a fez erguer os olhos do trabalho. Estava com dificuldades de se concentrar (os dados sob sua análise nadavam a sua frente), então ficou feliz com a distração. O dr. Chaudhary abriu a porta. Ele tinha chegado um pouco depois de Morgan e não falara muito sobre os acontecimentos que se davam ao redor do mundo. "Que dias mais estranhos", dissera ele, erguendo as sobrancelhas antes de entrar na sala.

Anuj Chaudhary não era muito falante. Um indiano alto, na casa dos cinquenta anos, com um proeminente nariz adunco e cabelo grosso, grisalho nas têmporas, tinha um sotaque inglês refinado e modos de cavalheiro vitoriano.

— Posso ajudá-los? — perguntou aos dois homens à porta.

Um dos homens olhou para eles, e Eliza se sentiu transportada para uma série de televisão. Ternos pretos, cabelo em corte militar, feições neutras que se tornavam ainda mais neutras por uma falta de expressão bem-treinada. Agentes do governo.

— Dr. Anuj Chaudhary? — perguntou o mais alto dos dois, mostrando uma identificação. O dr. Chaudhary assentiu. — Gostaríamos que o senhor viesse conosco.

— Agora? — indagou o dr. Chaudhary, tão tranquilamente quanto se um colega o tivesse chamado para tomar chá.

— Sim.

Nenhuma explicação e nenhuma palavra para amenizar a convocação. Eliza se perguntou se agentes do governo eram treinados para serem enigmáticos. Do que se tratava tudo aquilo? Será que o dr. Chaudhary estava metido em algum tipo de problema? Não. É claro que não. Quando agentes do governo entravam em laboratórios e diziam "Gostaríamos que o senhor viesse conosco" era porque precisavam dos conhecimentos daquele cientista.

E a especialidade do dr. Chaudhary era filogenia molecular. Então a questão era... que DNA queriam que ele analisasse?

Eliza olhou para Morgan e viu que ele prestava atenção à conversa com uma avidez ardente e horripilante. *Protocolo de invasão alienígena*, pensou Eliza. Assim que Morgan notou que ela o observava, virou-se com um sorrisinho debochado.

— Talvez eu não seja o único ser não idiota do planeta, afinal — disse, de uma maneira que claramente *a* destacava como pertencente à categoria dos idiotas.

E tudo ficou incrivelmente melhor (o primeiro motivo de alegria em um dia sombrio que logo se tornaria ainda mais sinistro) quando o dr. Chaudhary perguntou aos agentes:

— Posso levar um assistente?

E, com um gesto contido, virou-se para... ela. Para *ela*. Uma alegria preciosa, triunfante, quase boa demais para ser verdade.

— Eliza, importa-se de me acompanhar?

Pelo som que Morgan fez, Eliza quase achou que ele tivesse expelido o ar dos pulmões por todos os orifícios da cabeça, não apenas pela boca e pelo nariz. As orelhas e os olhos pareciam ter parte naquilo também, no melhor estilo dos desenhos animados. Foi um sibilar sarcástico de descrença, injustiça, *desdém*.

— Mas, dr. Chaudhary... — começou ele.

O cientista o cortou de maneira brusca e burocrática:

— Agora não, Toth.

E Eliza, saindo do banquinho, parou apenas por tempo suficiente para sussurrar:

— Toma essa.

— Que sugestivo — replicou ele, em tom ácido e irritado, lançando um olhar cheio de insinuação em direção ao dr. Chaudhary.

Eliza ficou paralisada, sentindo a palma da mão estranhamente quente e rígida pela vontade de esbofetear o rosto dele. Ciente de que os agentes e seu mentor a observavam, conseguiu controlar o impulso, mas sua mão parecia pesar com o tapa não dado.

Bem, foi algum consolo reunir os equipamentos solicitados pelo dr. Chaudhary e depois seguir os agentes pela porta, deixando Morgan para trás remoendo sozinho sua afronta de garoto mimado.

Havia um carro à espera deles. Reluzente, preto, oficial. Eliza se perguntou a que agência aqueles homens pertenciam. Não conseguira ler suas credenciais. FBI? CIA? NSA? Quem cuidava de assuntos relativos a... anjos?

O dr. Chaudhary fez sinal para que ela entrasse no carro primeiro, depois se sentou a seu lado. A porta foi fechada, os

agentes entraram na frente, e o carro deu partida. À medida que a distância entre Eliza e o museu aumentava, diminuía a sensação de triunfo que sentira, dominada que estava pela preocupação. *Espere*, pensou ela, *vamos pensar melhor nisso*.

— Hum, me desculpe, mas... aonde estamos indo? — perguntou.

— Vocês serão informados quando chegarem — foi a resposta que veio do banco da frente.

Certo.

Chegarem *aonde*?

Roma, só podia ser.

Ou não?

Eliza olhou de relance para o dr. Chaudhary, que deu de ombros e ergueu as sobrancelhas discretamente.

— Isso vai ser bastante esclarecedor — comentou ele.

*Esclarecedor?* Seria mesmo? Será que teriam acesso aos Visitantes?

Eliza se imaginou por um instante colhendo uma amostra da parte interna das bochechas deles, e sentiu uma pontada de histeria. Quem poderia imaginar, depois de tudo a que ela dera as costas, que a *ciência* a colocaria cara a cara com anjos? Teve que conter uma risada. *Ei, mãe, veja só aonde cheguei!* Meu Deus. Só tinha graça porque era absurdo. Ela havia escolhido o próprio caminho, o mais distante possível de seu passado, e aonde isso a levara?

Um dos maiores eventos da história da humanidade, e lá estaria ela... passando um cotonete na boca de um anjo? *Abra.* Outro surto de histeria, que ela sufocou e disfarçou pigarreando. Eliza ia analisar o DNA de um anjo. Se é que eles *tinham* DNA. Deviam ter, pensou. Tinham corpos físicos; deviam ser feitos de alguma coisa. Mas como seria o DNA deles? Que semelhança teria com o humano? Não conseguia nem imaginar, mas acreditava que aquele mistério seria resolvido assim. Em nível molecular.

E ela ia descobrir o que eles eram.

Em meio à confusão de sua mente, à exaustão, à ansiedade e ao sonho que ainda pesava em seu ombro — como uma ave carniceira, esperando sua vez —, os pensamentos voltavam para confrontá-la. Era como perseguir alguém por toda parte e então, bem na hora em que se estende a mão para alcançá-lo, ele se virasse de repente, de maneira brutal, e agarrasse sua garganta.

Ela ia descobrir o que os anjos eram. Essa era Eliza no controle dos seus pensamentos. Descobriria pelo método que estudara. Nucleotídeos em sequência, e o mundo, o universo e o futuro passariam a fazer sentido. Filogenia. Ordem. Sanidade.

Então o pensamento girou e a agarrou, forçando-a a encará-lo, e não era o que ela havia achado que fosse. Havia loucura naqueles olhos.

Não era: *Vou descobrir o que os anjos são.*

O que Eliza estava realmente pensando era: *Vou descobrir o que* eu *sou?*

# 27

## Apenas criaturas em um mundo

Quando se juntou a Zuzana, Mik e Issa, Karou descobriu que os três andaram ocupados enquanto ela estava no conselho de guerra: preparando o espaço, desempacotando as bandejas, limpando e separando dentes. Zuzana tinha até tentado preparar alguns colares; ainda estavam soltos, aguardando a inspeção de Karou.

— Ficaram bons — declarou ela após examiná-los cuidadosamente.

— Vão funcionar? — perguntou Zuzana.

Karou observou-os com ainda mais atenção.

— Este aqui é Uthem? — perguntou, apontando para o primeiro.

Uma fileira de dentes de cavalo e iguana com finos ossos de morcego (em dobro, para os dois pares de asas), além de ferro e jade para conferir tamanho e elegância.

— Achei que fosse óbvio — disse Zuzana.

Karou fez que sim. Uthem seria necessário para Thiago cavalgá-lo na batalha.

— Você leva jeito — elogiou Karou.

O colar não estava perfeito, mas quase. O que era incrível, considerando a pouca experiência de Zuzana.

— Eu sei. — Zuzana não era dada a falsa modéstia. — Agora você só precisa me ensinar a magia para transmutá-los em carne.

— Não me tente — disse Karou, com uma risada melancólica.

— O quê?

— Tem uma história sobre um homem que estava fadado a servir como barqueiro do rio dos mortos por toda a eternidade. Mas havia um ardil, que ele não conhecia. Bastava o homem entregar a alguém o bastão usado para impelir o barco, e seu destino também passava a ser dessa pessoa.

— E você vai me passar seu bastão? — perguntou Zuzana.

— Não, *não* vou passar meu bastão para você.

— Então que tal o dividirmos?

Karou balançou a cabeça, exasperada e espantada.

— Zuze, não. Você tem uma vida pela frente...

— E é de se presumir que eu *viveria* enquanto estivesse ajudando você, não?

— Sim, mas...

— Então vejamos. Posso fazer a magia mais incrível, surpreendente e inacreditável de *todo* o universo e, depois que essa história de guerra acabar, ajudar você a ressuscitar um mundo inteiro de mulheres e crianças e, tipo, trazer toda uma raça de criaturas de volta à vida, no começo de uma nova era para um mundo que ninguém mais sequer sabe que existe. Ou... posso ir para casa fazer shows de marionetes para turistas.

Karou sentiu um sorriso se formar nos lábios.

— Bem, colocando as coisas desse jeito... — Ela se virou para Mik. — Você tem algo a dizer sobre isso?

— Tenho — respondeu ele, sério. Não foi um sério irônico, de brincadeira, mas um sério *sério*. — Vamos discutir o futuro depois, quando "essa história de guerra acabar", como disse Zuze, quando soubermos que *vai* haver um futuro.

— Bem pensado — concordou Karou, e olhou para os turíbulos.

Na melhor das hipóteses, conseguiriam ressuscitar doze quimeras, e isso sendo bem otimista. A questão era: Quem? *Quem são as almas sortudas desta noite?*, pensou Karou, começando a separar os turíbulos em pilhas de "sim", "talvez" e "putz, você vai continuar morto". Não queria mais nenhuma Lisseth naquela rebelião, nem mais Razor algum, com aquele saco manchado. Queria soldados honrados, dispostos a abraçar o novo propósito do exército em vez de sabotá-lo a cada passo. Havia algumas opções óbvias, mas ela hesitava, imaginando como seriam recebidas.

Balieros, Ixander, Minas, Viya e Azay. A antiga patrulha de Ziri — os soldados que desafiaram as ordens do verdadeiro Lobo e, em vez de massacrar civis serafins, voaram até as Terras Distantes para morrer defendendo o próprio povo. Eles eram fortes, competentes e respeitados, mas tinham desobedecido ao Lobo. Será que a ressurreição deles pareceria suspeita, mais um item na lista crescente de Coisas Que Thiago Jamais Faria?

Talvez, mas Karou queria a ajuda deles e estava disposta a assumir a culpa. Também queria ressuscitar Amzallag e as Sombras Vivas, mas sabia que isso seria um pouco demais. Então guardou os turíbulos deles em separado, uma espécie de totem para um dia mais feliz. Daria vida a eles assim que pudesse.

A equipe de Balieros foi para a pilha do "sim". Havia uma sexta alma junto. Karou a sentia, como um raio de luz por entre as árvores, e, embora não conhecesse o garoto Dashnag, lembrou-se de Ziri contando que ele se juntara à luta e morrera com

os outros.

Não fazia sentido escolher um garoto destreinado como uma das míseras doze ressurreições anteriores a uma batalha tão importante como a que tinham pela frente, mas Karou decidiu fazê-lo mesmo assim, com uma sensação de rebeldia. “É a escolha da ressurreicionista”, imaginou-se dizendo a Lisseth, ou, como agora pensava a respeito daquela Naja venenosa, à *futura vaca*. “Algum problema?” Bem, de qualquer forma o Dashnag não seria mais um garoto. Karou não tinha dentes juvenis, e, mesmo que tivesse, aqueles não eram tempos para jovens. Então ele acordaria e se veria totalmente crescido, com asas, em uma caverna remota na companhia de espectros e serafins.

Seria um dia interessante para ele. Parte da mente de Karou insistia em lhe dizer que era uma péssima ideia, mas, por algum motivo, aquilo parecia o certo a fazer. Dashnags são quimeras formidáveis, das mais temíveis, mas, para ela, o que pesava mais era a pureza da alma dele. Um raio de luz. Honra e um novo propósito.

— Ok — disse ela a seus assistentes. — Lá vamos nós.

As horas passaram como em *time-lapse*. Em algum momento Thiago apareceu para assumir o dízimo, e, juntos, ele e Karou acrescentaram novos hematomas àqueles que já haviam quase sumido de seus braços e mãos. Karou percebeu que ele havia ido às fontes, pois estava sem as crostas de sangue, e suas feridas já começavam a cicatrizar. Não conseguiram realizar doze ressurreições. Nove corpos tomaram forma em menos de seis horas, e a dupla precisou parar. Em primeiro lugar, porque não havia espaço para mais corpos. Aqueles nove praticamente ocupavam todo o espaço. E a exaustão de Karou a estava deixando tonta. Confusa. Inútil. Esgotada.

Aparentemente, Zuzana se sentia do mesmo jeito.

— Meu reino por um pouco de cafeína — resmungou ela, erguendo as mãos em súplica para o teto.

Mas quando, logo em seguida, Issa surgiu trazendo chá, Zuzana não ficou agradecida.

— *Café*, eu disse *café* — reclamou para o teto, como se o universo fosse um garçom que tivesse anotado o pedido errado.

Mesmo assim tomaram o chá, examinando em silêncio o trabalho feito. Nove corpos, e agora faltava apenas transferir as almas. Karou deixou Mik e Zuzana cuidarem dessa parte, uma vez que tinha os braços trêmulos e cada movimento provocava uma onda coordenada de dor e latejamento. Ela se recostou na parede com Thiago e, dali, ficou vendo Zuzana seguir pela fileira de novos corpos colocando um cone de incenso na testa de cada um.

— Você estendeu o convite? — perguntou ao Lobo.

Ele fez que sim.

— Eles perguntaram aos outros e acabaram aceitando. Como se estivessem fazendo um favor para nós, veja só. *Com relutância, aceitamos sua comida, mas não espere que a desfrutemos.*

— Eles disseram *isso*?

— Não com tantas palavras.

— Bem — disse Karou —, é orgulho. Eles podem até fingir que não, mas tenho certeza de que vão gostar.

Essa tinha sido sua pequena ideia, seu pequeno passo: alimentar os serafins. Alguém, Elyon ou Briathos, havia deixado escapar no conselho de guerra que os Ilegítimos, tendo fugido às pressas de seus postos espalhados por todo o império, já tinham consumido o pequeno estoque de comida que haviam trazido consigo. Alimentar quase trezentos serafins causaria um rombo no estoque quimera, mas era um gesto de solidariedade pelo bem da aliança. Comemos juntos e passamos fome juntos. Estamos juntos nisso.

E talvez algum dia até possamos viver juntos. Apenas criaturas em um mundo. Por que não?

O ruído do isqueiro — um isqueirinho de plástico vermelho com a cara de um personagem de desenho animado que não combinava em nada com a seriedade da tarefa e parecia totalmente deslocado naquele mundo —, e Zuzana acendeu os cones de incenso, um a um, seguindo a fila. Quando o cheiro do incenso de espectros de Brimstone encheu lentamente a câmara rochosa, primeiro Uthem e depois os outros ganharam vida.

Muitos sentimentos brotaram em Karou ao mesmo tempo. Havia orgulho: de si mesma e de Zuzana. Os corpos eram bem-feitos, fortes e imponentes, não monstruosos ou exagerados como as ressurreições que ela fizera na casbá. Aqueles eram mais ao estilo de Brimstone; ela sentiu saudade dele, melancolia.

E amargura.

Aqueles soldados eram mais um refil para as tigelas dos monstros. Mais carne para os dentes afiados da guerra.

Apenas criaturas em um mundo, pensara Karou momentos antes, e agora se perguntava, vendo os soldados se mexerem e ganharem vida: será que algum dia isso poderia vir a ser verdade?

# 28

## Amante de anjo, amante de fera

Assim como haviam liderado o grupo pela passagem sinuosa até a remota aldeia, Karou e Thiago o lideraram pelo caminho de volta. Os Ilegítimos já estavam na grande e reverberante caverna central que servia como local de reunião. Tinham visivelmente reivindicado a metade mais afastada da caverna, deixando a outra para as quimeras. Juntos, mas nem tanto, como se houvesse uma linha desenhada bem no meio.

A comida foi levada até lá, grandes tigelas de cuscuz com legumes, damascos e amêndoas. A quantidade de galinha era pouca para tanta comida, e encontrar um pedaço de carne era raro. Mas o gosto estava lá, e havia pães assados em uma rocha quente — mais pães do que Karou jamais vira em um mesmo espaço em toda a sua vida. No entanto, por mais que a quantidade parecesse grande, tudo acabava depressa, e todos devoravam a comida ainda mais rápido.

— Sabe o que cairia bem agora? — sussurrou Zuzana quando os sons das colheres nos pratos praticamente silenciaram. — Chocolate. Nunca tente fazer uma aliança sem chocolate.

Karou duvidava que os Ilegítimos, tratados com penúria a vida inteira, soubessem o que era sobremesa.

— Na falta disso, que tal música? — sugeriu Mik.

Karou sorriu.

— Acho uma ótima ideia.

Ele pegou o violino e começou a afiná-lo. Desde que chegaram à caverna, Karou vinha observando Akiva, ainda que disfarçadamente. Ele não estava ali agora, e ela não sabia o que pensar disso. Tampouco Liraz estava à vista; apenas algumas centenas de anjos desconhecidos, todos com o rosto austero e inexpressivo. Não era inadequado (afinal, estavam às vésperas do apocalipse), mas também não era nada reconfortante. Karou sentia que a trégua parecia, agora, tão frágil quanto no momento da chegada das quimeras. Tinha a impressão de que aqueles soldados poderiam cortar a garganta uns dos outros com a mesma rapidez com que compartilhavam o pão.

Mik começou a tocar, e os serafins prestaram atenção. Karou os observou, examinando aqueles rostos bonitos e impetuosos um por um, tentando sentir cada alma. Aos poucos, sentiu que a música começou a afetá-los. A austeridade não os abandonou por completo, mas a atmosfera parecia mais suave. Quase dava para sentir o exalar longo e lento que atenuava a tensão de algumas centenas de ombros.

Ao amanhecer, eles voariam de volta ao mundo humano. O que estaria acontecendo lá?, perguntou-se ela. Como será que Jael se apresentara, como fora recebido? As pessoas estariam ávidas para lhe fornecer armas? Naquele exato momento, será que estariam ensinando Jael a usá-las? Ou será que estavam céticas? Algumas com certeza, mas o que falaria mais alto? Quem *sempre* falava mais alto? Os justos.

Os temerosos.

— Karou — sussurrou Zuzana —, preciso de uma tradutora aqui.

Karou se virou para a amiga, que tinha voltado a aprender vocabulário quimera com Virko, como fizera durante as refeições na casbá.

— O que ele está dizendo? — perguntou. — Não consigo entender.

Virko repetiu a palavra em questão. Karou traduziu:

— Magia.

— Ah — disse Zuzana. E então, franzindo as sobrancelhas: — Sério? Pergunte a ele como sabe disso.

Karou fez a pergunta.

— Todos nós sentimos — respondeu Virko. — Diga a ela. No mesmo momento.

Karou o encarou, confusa. Em vez de traduzir, perguntou:

— Todos vocês sentiram o que no mesmo momento?

Ele olhou nos olhos dela.

— O fim — respondeu Virko.

Sincero. Assustador.

Karou sentiu um calafrio percorrer a espinha. Sabia exatamente do que ele estava falando, mas perguntou mesmo assim:

— O que você quer dizer com "o fim"?

— O que ele disse? — indagou Zuzana, mas Karou estava concentrada em Virko.

A compreensão instalou-se nela como algo que estivesse pairando e voando fora de seu alcance e enfim houvesse se cansado demais para ter cautela.

Virko olhou para a companhia a sua volta, reunida em grupos menores e maiores, alguns de olhos fechados, ouvindo a música, outros observando a fogueira, e contou:

— Depois do que houve, pensei: *Os anjos têm sorte. Devo estar perdendo o juízo.* Esqueci minha espada no meio do gesto de desembainhá-la. E fiquei lá parado, de queixo caído, sentindo como se meu coração tivesse sido arrancado pela boca. Achei que estivesse chegando ao fim de uma longa vida.

Ele deixou Karou processar as informações, e ela sentiu frio, depois calor, em ondas. Virko continuou:

— Mas todos sentiram a mesma coisa. Não fui só eu, e isso é um alívio. Alguma coisa aconteceu conosco. Alguma coisa foi feita. — Ele fez uma pausa. — Não sei o quê, mas é graças a isso que ainda estamos todos vivos.

Karou se recostou, assombrada. Como não percebera isso na hora? Nada como aquele desespero jamais a dominara, nem mesmo quando estivera em Loramendi, com cinzas até os tornozelos. E o sentimento tinha ido e vindo como algo passageiro. Uma onda sonora ou partículas de luz. Ou... uma explosão de magia.

Uma explosão de magia no exato instante que antecedia a catástrofe, puxando-os da beira do abismo. E, mesmo que o Lobo Branco tivesse se levantado e falado, seu discurso cortara o silêncio que se seguira à magia, ajudando os guerreiros a se recuperar enquanto suas almas vacilavam. Mas ele não era o responsável por aquilo, não fora ele que os impedira de matar uns aos outros.

Fora Akiva.

A compreensão atingiu Karou como uma onda de calor, e, antes que pudesse se questionar, ela teve certeza.

No momento em que Akiva finalmente entrou na caverna, Karou soube que era ele mesmo pela lateral de sua vista cansada. Seu coração deu um salto. Quando arriscou olhar em sua direção para ter certeza, viu que Akiva não olhava para ela.

Foi então que Karou sentiu e ouviu a agitação na companhia ao seu redor, um instante antes de compreender as palavras.

— Foi ele — ouviu. — Foi ele quem nos salvou.

Então mais alguém tinha chegado à mesma conclusão que ela?

Karou se virou para descobrir quem havia falado, e ficou surpresa ao ver o garoto Dashnag, que, é claro, não era mais um garoto. Rath era seu nome, e ele não tinha como saber sobre a pulsação de desespero. Sua alma ainda estava em um turíbulo quando aquilo acontecera. Então do que ele estava falando? Karou prestou atenção.

— Eu nunca teria chegado vivo às Terras Distantes — dizia ele a Balieros e aos outros companheiros de ressureição. — Eu estava indo para o sul com alguns outros. Anjos queimavam a floresta atrás de nós. Uma aldeia inteira de Caprina e duas garotas Dama libertas dos traficantes de escravos estavam comigo. Estávamos escondidos em uma ravina, e eles nos acharam. Dois bast... — Ele se corrigiu: — Dois Ilegítimos. Estavam bem na nossa frente. Ouvíamos os carneiros berrando enquanto eram abatidos, mas os dois anjos só olharam para nós e... fingiram não nos ver. Eles nos deixaram fugir.

— Talvez *não* tenham visto vocês — sugeriu Balieros.

De forma respeitosa mas firme, Rath retrucou:

— Eles nos viram sim. E um dos dois era ele. — Rath moveu o queixo para indicar Akiva. — Olhos cor de laranja como os de um Dashnag. Eu não o confundiria com nenhum outro.

Karou ouviu tudo isso com aquela mesma sensação de que a compreensão estivera ali o tempo todo, pairando a sua volta, pronta para aterrissar assim que ela parasse de afastá-la. É claro que não tinha sido apenas Ziri que Akiva salvara nas Terras Distantes, mas escravos e aldeões também, as mesmas quimeras em fuga que o Lobo abandonara à própria sorte ao escolher matar seus inimigos em vez de ajudar seu povo.

— O Ruína das Feras defendendo as feras? — ponderou Balieros, lançando um olhar demorado e curioso pela caverna, sorrindo discretamente. — Que estranhamente alonga as horas quando o fim se aproxima.

*Estranhamente alonga as horas*. Era o verso de uma canção que todos os soldados conheciam. Não muito feliz, mas apropriada no contexto daquele clamor de magia. *Quando o fim se aproxima. O fim.*

Karou não se conteve. Olhou para Akiva de novo. Mais uma vez ele não retribuiu o olhar, e foi o suficiente para fazê-la acreditar que nunca mais a olharia.

Ali estavam eles nas cavernas dos Kirin. Na véspera da batalha. Tinham unido os exércitos, o que já poderia ser considerado um triunfo inimaginável, mas nada era como haviam sonhado. Não estavam lado a lado. Não podiam nem olhar um para o outro.

O coração de Karou pregava peças, acelerando e depois se acalmando, como uma criatura enjaulada dentro do peito. Akiva estava cercado pelo próprio povo, e ela estava ali, com o dela. Parecia que tudo o que os mantinha unidos era o inimigo em comum e as notas puras e doces da música.

Mik estava sentado em uma pedra, a cabeça inclinada sobre o violino. Sua música soava diferente do que na casbá. Lá, as notas flutuaram para o céu. Ali, ecoavam.

Ali, sua música estava enjaulada, como as batidas do coração de Karou.

Ela sentiu a cabeça de Zuzana se apoiar em seu ombro. Issa estava do outro lado, serena e atenta, e o Lobo se deitou na frente dela, junto à fogueira, os cotovelos apoiados no chão. Parecia relaxado. Ainda elegante, ainda sofisticado, mas sem a crueldade e o ar ameaçador, como se as expressões de seu corpo roubado estivessem lentamente se modificando de dentro para fora. Karou podia ver a emergência dos primeiros sinais de uma beleza maior, e pensou na arte de Brimstone encontrando a alma de Ziri. Não tinha mais nada a ver com Thiago. Aquele monstro se fora para sempre, e se alguém podia purificar a

mácula dele, esse alguém era Ziri.

Mas ele precisava tomar cuidado, não relaxar demais. Karou examinou o grupo a sua volta, em busca principalmente da vigilância incansável de Lisseth. Mas não a encontrou. Viu Nisk apenas, observando a fogueira.

Karou sentiu que o Lobo a fitava, mas não retribuiu o olhar. Seu olhar foi atraído, como se por um ímã, para o outro lado da caverna, onde estava Akiva. *Akiva, Akiva.* Mais uma vez, ela se permitiria olhar para ele. Com a respiração e o coração suspensos, hesitou. Como em uma brincadeira infantil, soltou o ar, pensando: *Se ele não olhar também desta vez, eu o perdi para sempre.*

E aquela possibilidade trouxe um eco do desespero anterior. *A chama de uma vela apagada por um grito.*

Ela ergueu a cabeça, olhando para o outro lado da caverna. E...

... fogo vivo. Assim eram os olhos de Akiva ao encontrar os de Karou: um estopim que acendia o ar entre eles. Ele *estava* olhando para ela. E, por maior que fosse a distância a separá-los, por mais coisas que se colocassem entre eles — quimeras, serafins, todos os vivos, todos os mortos —, aquele olhar parecia um toque.

Como raios de sol.

Eles se olharam. Olharam, e qualquer um poderia notar. Qualquer um poderia ver. *Amante de anjo. Amante de fera.*

*Que vejam.*

Era loucura e entrega, mas, depois de tudo, Karou não se preocupou em desviar o olhar. Os olhos de Akiva eram calor e luz, e ela queria ficar ali para sempre. Amanhã, o apocalipse. Hoje, o sol.

E, por fim, foi Akiva quem desviou o olhar. Ele se levantou, falou alguma coisa em voz baixa com os anjos ao seu redor e, quando passou entre eles rumo à saída da caverna, parando por um instante sob a alta passagem arqueada, não olhou para ela de novo, mas Karou entendeu mesmo assim: queria que ela o seguisse.

Ela não podia, é claro. Seria vista. As cavernas da frente eram onde os Ilegítimos haviam se instalado, e, embora Lisseth não estivesse por perto — onde estaria ela? —, havia várias outras quimeras ali de olho em Karou.

Mas ela tinha que tentar. Não suportava a ideia de deixá-lo a sua espera. Parecia uma última chance.

— Vou descansar um pouco — disse Karou ao se levantar, abrindo um bocejo falso que logo se tornou real, e deixou a caverna pela saída oposta à que Akiva tomara, aquela que levava de volta à aldeia.

Mas, assim que saiu de vista, fez o encanto para ficar invisível e passou de volta pela caverna, flutuando despercebida acima das cabeças reunidas dos dois exércitos, o coração batendo forte. Ia atrás de Akiva.

# 29

## Um sonho que se tornava realidade

“As coisas *podem* ser diferentes”, dissera Karou a Ziri antes do conselho de guerra. “É esse o único propósito.”

Seria *mesmo*? Construir um mundo onde ela pudesse ficar com seu amante? Ao ver o olhar que Karou e Akiva trocaram na caverna, Ziri se perguntou se era para aquilo que ele sacrificara a própria vida.

“Para todos nós”, dissera ela.

Para ele também? O que poderia ser diferente para ele? Ele ficaria livre daquele corpo algum dia, por ressurreição ou evanescência, de um jeito ou de outro. Pelo menos tinha isso para esperar.

Ele viu Akiva sair e não ficou surpreso quando, pouco depois, Karou também se levantou. Saíram separados e por portas diferentes, mas Ziri não tinha dúvida de que se encontrariam. Lembrou-se do baile do Comandante, muitos anos antes, e do que testemunhara na época. Era apenas um garoto, mas tinha ficado claro como o luar: a maneira como o corpo de Madrigal se curvara para *longe* do Lobo, mas para *perto* do desconhecido. E mesmo que a complexidade emocionante das intrigas adultas na época ainda fosse um mistério para Ziri, ele teve uma noção do que era tudo aquilo — sua primeira noção, como um toque de perfume, exótico, inebriante e... assustador.

Hoje, as intrigas dos adultos não eram mais um mistério para ele, mas permaneciam inebriantes e assustadoras. Ver Karou e Akiva saírem fez Ziri se sentir como um garoto de novo. Deixado de fora. Deixado para trás.

Talvez ele sempre fosse se sentir assim perto dela, não importando a idade dos corpos que vestiam.

Uma figura surgiu na entrada — aquela por onde Karou saíra — e, por um instante, achou que fosse ela voltando, mas não. Era Lisseth.

Ziri não percebera que a Naja não estava ali com os outros, e seu primeiro pensamento foi um ligeiro desdém por si mesmo. O verdadeiro Lobo saberia se um dos integrantes de sua tropa não estivesse presente. Mas esse pensamento se desfez quando ele captou o olhar no rosto de Lisseth. Em seus melhores momentos, o rosto dela era desagradável e rude, com um repertório limitado de expressões maldosas que iam da dissimulação à crueldade, mas naquele momento ela parecia... abatida.

Suas narinas se dilatavam, pálidas, e seus lábios estavam brancos e contraídos. Os olhos pareciam inesperadamente desprotegidos, vulneráveis, e havia uma dignidade pétrea nos ombros erguidos, no queixo projetado para a frente. Lisseth fez um breve aceno com a cabeça para o Lobo. Ele se levantou, curioso, e foi até ela.

Nisk, o outro Naja, viu tudo, e se dirigiu para a entrada também.

— O que houve? — perguntou Ziri.

A voz dela saiu... embargada; como se estivesse afrontada:

— Senhor, eu fiz algo que o desagradou?

*Sim*, Ziri quis responder. *Tudo.* No entanto, embora tivesse fortes suspeitas de que fora Lisseth quem quebrara o juramento e erguera os hamsás em direção aos Ilegítimos, ela negara, e ele não tinha nenhuma prova.

— Não que eu saiba — respondeu Ziri. — Do que se trata?

— *Eu* deveria ter recebido essa ordem. Estava esperando por isso, e tenho mais experiência tática. Sou mais forte, e ninguém é páreo para mim em matéria de discrição. E ainda o fato de nem saber o que o senhor planejava...

— O que eu planejava...? Soldada, do que está falando?

Lisseth piscou, confusa, olhou para Nisk e então de volta para Ziri.

— O ataque ao serafim, senhor. Está acontecendo agora.

Ele teria empalidecido? Eles teriam visto que ficou pálido? Era a reação errada. Ele deveria ter sentido uma ira fria e mostrado as presas assim que percebeu que seus soldados estavam, naquele exato momento, agindo contra suas ordens.

— Isso não foi plano meu — falou ele, e viu o rosto de Lisseth se transformar. A indignação dela desapareceu. Quando entendeu que não havia sido desprezada, recuperou o ar cruel de sempre. — Leve-me até lá — ordenou ele.

— Sim, senhor — disse ela, virando-se e guiando Ziri e Nisk com movimentos suaves de serpente.

*Quem foi?*, perguntou-se Ziri. A própria Lisseth, com seu ácido escrutínio, teria sido seu primeiro palpite para uma insurreição. Será que era? Seria aquilo uma armadilha?

Talvez. Ainda assim, não tinha escolha a não ser segui-la. Tarde demais, ocorreu-lhe que deveria ter chamado Ten, e achou estranho que a mulher-lobo não o tivesse seguido por iniciativa própria.

Desceram por uma das muitas passagens que levavam ao interior da caverna, indo além dos caminhos que ele conhecia, cada vez mais para dentro. Sempre que dobravam uma esquina com suas tochas, grandes insetos pálidos se agitavam à frente, espremendo-se em fissuras nas paredes. As cavernas eram impregnadas por um cheiro mineral forte e úmido, um manto sensorial tão opressivo quanto a música do vento, mas, à medida que caminhavam, novos odores os alcançavam, vestígios lançados na escuridão. Cheiros animalescos, fortes e almiscarados. Quimeras, um grupo. E um cheiro de carne queimada

misturado ao odor acre de pelos chamuscados, que fez Ziri sentir um nó no estômago com o mau presságio. Qualquer quimera que tivesse lutado contra os serafins conhecia o cheiro forte de um corpo queimando.

O olfato de Ziri naquele corpo era bem melhor que o seu natural, mas ele ainda estava aprendendo a desenredar as informações sensoriais que recebia e identificar os diversos odores do mundo. Em poucos dias de experiência, percebeu que havia mais cheiros ruins do que bons, mas os bons eram melhores do que ele jamais notara.

Sentia um dos bons agora, destacando-se dos outros como uma única linha dourada em uma tapeçaria, estreito como um fio, mas muito nítido. *Tempero*, pensou. Do tipo que queima a língua e deixa uma espécie de pureza como rastro.

Quem quer que fosse — era um serafim, tinha certeza —, seu cheiro estava praticamente encoberto pelo odor avassalador de almíscar das quimeras. Ziri sentiu uma pressão na base do crânio. Medo. Era medo.

O que — e *quem* — ele encontraria mais à frente?

* * *

Karou cruzou as passagens de seu lar ancestral sem ser vista. E passou do domínio quimera para o serafim. Não sabia onde procurar por Akiva, mas achou que ele iria para algum lugar fácil de encontrar. Isso se ela estivesse mesmo certa em pensar que ele queria ser encontrado.

Sentiu um calafrio. Tinha que estar certa.

As cavernas ficavam mais frias à medida que ela seguia em direção ao saguão de entrada, e ela logo começou a ver uma fumacinha saindo da própria boca. Tinha que passar por um último serafim: Elyon, que tinha uma aparência cansada e desiludida quando achava que ninguém estava olhando. Prendeu a respiração até ele estar fora de vista, para que o vapor condensado da respiração não a denunciasse.

Não havia outros serafins pela frente; estavam todos reunidos, longe dali. Havia apenas Akiva.

Uma porta aberta, e lá estava ele. Esperando.

Por um instante, Karou não conseguiu se mexer. Aquilo era o mais próximo que estivera dele, e a primeira vez que ficavam sozinhos, desde... Desde quando? Desde o dia em que *ele* fora até ela com o encanto da invisibilidade, às margens do rio no Marrocos, e lhe dera o turíbulo com a alma de Issa. Karou lhe dissera coisas terríveis naquele dia: que nunca confiara nele, para começar; que terrível mentira. Agora precisava retirar o que dissera.

Ainda invisível, ela passou pela porta e o viu levantar a cabeça, notando sua presença. Um rubor subiu por seu pescoço quando o olhar de Akiva passou por ela, mesmo que ele não pudesse vê-la. Tão bonito, tão decidido. Ela sentia o calor que emanava dele.

Sentia o desejo que vinha dele.

— Karou? — chamou Akiva, muito suavemente.

Ela fechou a porta e cessou o encanto.

* * *

Era quase um alívio ver sua raiva justificada. Mesmo de joelhos, nauseada pelo ataque prolongado e tão próximo dos hamsás, Liraz conseguiu pensar, sem paixão ou triunfo, que o mundo fazia sentido de novo. Era por isso que as feras a haviam deixado em paz naquela noite, quando ela ficara para trás com eles por vontade própria. Porque esperavam o momento certo.

Havia quatro deles. Três estavam com os hamsás virados para ela, atacando-a com magia. O quarto empunhava um enorme machado duplo.

É claro que isso não incluía os três mortos caídos entre eles; mortos fazia tão pouco tempo que seus corações ainda não sabiam e o sangue ainda escapava em esguichos das artérias, como água de uma bomba.

— Você não deveria ter feito isso — disse a líder daquele pequeno bando de assassinos, passando por cima dos companheiros caídos, o sorriso lupino inabalável.

Ten.

Liraz não sabia por que deveria estar surpresa que a capitã-lobo de Thiago fosse a responsável pelo ataque, mas estava. Será que chegara mesmo a acreditar que o Lobo Branco tinha descoberto a honra? Que tolice. Onde ele estaria naquele momento? Por que estava perdendo a diversão?

— Acredite ou não, não íamos matar você — disse Ten, com a voz arrastada.

— Acho que estou mais para o "*ou não*".

Eles a haviam encurralado no escuro. Liraz não tinha dúvidas de que sua vida corria perigo.

— Ah, mas é verdade. Só queríamos jogar o seu jogo.

Por um instante, Liraz não entendeu o que Ten queria dizer. Era difícil pensar com o zumbido e a violência da magia, mas então se lembrou. O joguinho de reconhecimento. *Quais serafins já mataram vocês em outros corpos.* O aperto no estômago aumentou, e não só por causa dos hamsás. É claro, pensou. Não era isso exatamente o que ela imaginara que aconteceria? Esse tinha sido seu objetivo quando inventara o jogo, no qual com certeza não via a menor graça.

— Não me diga. Já matei você uma vez. Ou foi mais de uma? — indagou Liraz.
— Uma já foi o suficiente — disse Ten.
— E agora? Devo me desculpar?
Ten deu uma gargalhada. Um sorriso luminoso.
— Deveria. Deveria mesmo. No entanto, como não consigo imaginar você pedindo desculpas, vou ficar apenas com os seus troféus. De repente você ainda consegue ter uma vida longa e feliz sem eles. Duvido muito, mas isso é problema seu.
Ten estava falando de suas mãos. Iam cortar suas mãos. Quer dizer, iam tentar.
— Então venha — provocou Liraz, em tom de deboche.
— Não há pressa — respondeu Ten.
Não para eles, talvez. Liraz ficava mais fraca a cada segundo que sofria o impacto dos hamsás, e era esse o objetivo. Malditos olhos do demônio. Esse era o plano covarde deles: enfraquecê-la para então cortarem suas mãos.
Não era o plano original, mas três mortes em menos de um minuto os fizeram reconsiderar a ideia.
Três corpos. Um desperdício estúpido e sanguinário. Ao vê-los, Liraz tinha vontade de gritar. *Por que me obrigaram a fazer isso?*
Ten se aproximou, acompanhada por dois Dracand, um de cada lado. Pareciam lagartos, com grandes rufos de pele escamosa saindo do pescoço como grotescos colarinhos usados por nobres de outros séculos. Com as mãos erguidas, seus hamsás faziam a dor pulsar na base do crânio de Liraz. Só com muito autocontrole é que ela estava conseguindo impedir que o tremor a dominasse. Mas sabia que não se conteria por muito tempo: em breve a magia a faria tremer descontroladamente.
A impotência era enfurecedora, humilhante, terrível. *Agora*, disse a si mesma. Se havia alguma chance de sair dali, precisava agir naquele momento. A magia dos três pares de hamsás a atingia como marretas.
Um único pensamento claro conseguiu se formar em meio à dor: *Minhas mãos também são armas.*
Ela avançou.
Ten bloqueou o ataque e a segurou por um dos pulsos. A magia *gritou* para dentro de Liraz a partir do ponto de contato, lançando mal-estar por seus tendões, carne, osso e mente. Implacável. Ondas avassaladoras de tremor. Ela ardia como se estivesse sendo esfolada. A fraqueza a revirava como uma ventania. *Pelos deuses da luz.* Liraz achou que aquilo a devoraria viva, reduzindo-a a cinzas ou a nada.
Ten a segurava pelo pulso, mas a outra mão de Liraz alcançou seu objetivo. Ela empurrou o peito de Ten com a palma da mão, gritando de volta, um urro sem palavras bem no rosto da quimera enquanto... o fogo se atiçava. E fumegava.
E queimava.
O pelo liso e acinzentado no peito da mulher-lobo pegou fogo. No mesmo instante veio o cheiro imundo que lembrou a Liraz as fogueiras de corpos em Loramendi. Ela quase perdeu a concentração, mas conseguiu suportar enquanto sua mão queimava o pelo da quimera até a pele.
O rosto de Ten se contorceu ainda mais e ela soltou um urro tão terrível quanto o de Liraz. As duas estavam cara a cara, mãos na carne, rugindo sua fúria e agonia bem na cara uma da outra até outro par de mãos alcançar Liraz e afastá-la, atirando-a com tanta força em uma parede de pedra que ela viu tudo se apagar por um segundo e caiu de costas, arfando.
Sua chance acabava ali.
Naquele instante em que perdeu a consciência e despertou, sentiu mãos pegarem seus braços antes de ver quem estava curvado sobre ela: os dois Dracand. Tinham a boca aberta, sibilante, muito vermelha e fétida quando a colocaram de pé novamente. O tecido das compridas mangas da túnica de Liraz era a única frágil barreira entre as palmas das mãos deles e a pele dela.
Sua pele marcada, sua terrível contagem escondida.
Ela voltou a ficar cara a cara com Ten. No rosto cheio de ódio da mulher-lobo, o sorriso havia desaparecido, o focinho de lobo contraído em um rosnar que nenhum rosto humano ou serafim poderia igualar em crueldade.
— Ainda não acabamos o jogo — disse ela. — Até agora estou ganhando, e se você não tiver a chance de participar, não é um jogo, concorda? Eu me lembro de você, anjo, mas *você* se lembra de *mim*?
Liraz não se lembrava. Mesmo nas melhores épocas, todas as mortes que havia marcado nos braços com fuligem de fogueira e uma faca quente eram apenas borrões, e essa não era a melhor época. Quantas quimeras com aparência de lobo Liraz devia ter matado em sua vida? Nem os deuses da luz sabiam.
— Eu nunca disse que seria boa no jogo — disparou.
— Vou lhe dar uma dica — disse Ten. A dica era uma única palavra, que saiu em um rosnado de ódio. Um lugar. — Savvath.
A palavra rasgou as lembranças de Liraz, e de lá transbordou sangue. Savvath. Tinha sido muito tempo antes, mas ela não se esquecera: nem da aldeia, nem do que acontecera nos seus arredores. Apenas escondera aquilo de si mesma, como uma página arrancada de um livro. Porém, se fosse *mesmo* uma página arrancada, ela a teria queimado.
Não é possível queimar lembranças.
Havia a lembrança do que ela fizera a um inimigo agonizante muitos anos antes, e a lembrança da forma como seus irmãos a

olharam depois. Por muito tempo depois daquilo.

— Era você? — ela se ouviu perguntar, com a voz rouca.

Não pretendia falar. Era o mal-estar. Suas defesas estavam baixas. E... era Savvath.

Se a maior parte das centenas de quimeras que Liraz matara na vida era um borrão, aquele não era, e a simples palavra *Savvath* trouxe tudo de volta.

Mas algo não fazia sentido.

— *Não era* você — disse Liraz, balançando a cabeça para clarear os pensamentos. — Aquele soldado tinha...

*... aspecto de raposa*, ela ia dizer, mas Ten a interrompeu:

— Aquele soldado era eu. Foi a minha primeira morte, sabia? Foi a minha pele natural que você profanou. Esta, é claro, é apenas um receptáculo. Temos vantagem nesse seu jogo, anjo. Como você poderia saber quem somos só com um olhar? Você não tem a menor chance.

— Tem razão — concordou Liraz, sentindo a cabeça rodar sem parar como um caleidoscópio de vidro moído...

— Novo jogo — disse Ten, provocando. — Se você ganhar, fica com as mãos. Basta me falar o nome para cada uma das suas marcas.

E Liraz se imaginou contando a Hazael que havia resolvido o enigma do sonho recorrente. *Como você corta os dois braços?*

Fácil. É só dar um machado a uma quimera.

Porque não havia como ela ganhar aquele jogo.

Ten olhou para a grande fera com o machado e acenou para que ele se aproximasse enquanto falava para os Dracand:

— Levantem as mangas da roupa dela.

Eles obedeceram, e Liraz testemunhou apenas o primeiro sinal de agonia no olhar deles: Ten chegou a se *encolher* ao ver toda a contagem revelada. O resto se perdeu na escuridão opressiva, como uma avalanche de cinzas, quando os Dracand agarraram seus braços nus. Quatro hamsás em contato direto com a pele. Era quase misericórdia. Liraz viu que o nada era seu destino e mergulhou nele. Nenhum serafim suportaria aquilo. Ela não veria a própria morte, e não seria tão ruim, afinal...

Mas de repente tudo voltou a clarear.

Nada de misericórdia, então. Ten devia ter ordenado que os Dracand a mantivessem consciente, pois a avalanche diminuiu, e Liraz se viu olhando de perto para a pele destruída da marca no formato de mão que ela queimara no peito da mulher-lobo. Estava escura, cheia de bolhas e exsudando, a parte queimada começando a se soltar e revelando a carne viva por baixo. Horrível.

— Vamos lá — ordenou Ten, destilando sua maldade. — Vou facilitar as coisas para você. Comece do fim e vá voltando. Com certeza você se lembra das mortes mais recentes.

O sussurro de Liraz em resposta foi patético:

— Não quero jogar o seu jogo.

Algo dentro dela estava cedendo. As batidas de seu coração pareciam os punhos indefesos de uma criança. Queria ser resgatada. Queria ser protegida.

— Não me importo com o que você quer. E as condições mudaram. Se você ganhar, mando Rark fazer um corte limpo. Se perder... — Ela mostrou as longas presas amarelas e bateu os dentes em uma careta exagerada que não deixava dúvidas sobre suas intenções. — Menos limpo — completou. — *Mais divertido*. — Ten pegou as mãos de Liraz e esticou bem os braços. — Vamos começar por *mim*. Qual delas, anjinho lindo? Qual marca é a minha?

— Nenhuma delas — arfou Liraz.

— Mentirosa!

Mas era verdade. Se a morte em Savvath *estivesse* marcada nela, a tatuagem estaria nos dedos, pois fazia muito tempo. No entanto, no fim daquele dia, Hazael tinha deixado claro o que pensava segurando o kit de tatuagem com um olhar melancólico — um olhar demorado e vazio demais para Haz, como se o que Liraz havia feito aquele dia não tivesse mudado apenas a ela mesma, mas também a ele —, que então guardara de volta antes de se afastar.

Liraz ouvira dizer que só havia uma emoção que, em retrospecto, era capaz de ressuscitar toda a urgência e o poder do sentimento original. Uma emoção que o tempo nunca poderia esmorecer, que pode levá-la de volta quantos anos tivessem se passado para o sentimento puro e primitivo, como se o estivesse experimentando de novo. Não era amor — não que ela tivesse alguma experiência com isso —, e também não era ódio, raiva ou felicidade, nem mesmo pesar. Lembranças dessas emoções não passavam de ecos do verdadeiro sentimento.

Era a vergonha. A vergonha nunca diminuía, e só então Liraz percebeu que esse era o parâmetro para todas as suas emoções — seu estado "normal", azedo e amargo —, e que sua alma era um terreno envenenado no qual nada de bom podia crescer.

*Não consigo imaginar você pedindo desculpas*, dissera Ten, e estava certa, mas Liraz achou que naquele momento pediria. Pediria perdão por Savvath. Se conseguisse controlar a própria voz. Se sua voz não estivesse vacilando, subindo e descendo em um som que poderia ser uma risada e também — se ela não fosse Liraz e isso não fosse impensável — um choro.

Na verdade, eram os dois. Ela ia perder os braços, da forma limpa ou da menos limpa, e era aí que a risada entrava: era

horrível e sádico, mas era também, literalmente, um sonho que se tornava realidade.

# 30

## Mais perto, a tocá-la

Primeiro não havia ninguém.
Então veio a sensação de presença, nada que Akiva conseguisse identificar com exatidão. Ele só sabia que não estava mais sozinho.
Então a porta rangeu e se fechou, e o ar a denunciou. Um brilho fraco e Karou surgiu diante dele, como a realização de um desejo.
*Não tenha esperança*, pensou. *Você não sabe por que ela veio*. Mas só de estar tão perto dela, a pele de Akiva parecia viva, e suas mãos, suas mãos tinham lembranças — seda e pulsação e tremor — e vontade próprias. Ele as juntou às costas para fazer alguma coisa que não tocar em Karou, o que obviamente estava fora de questão. Só porque ela olhara para ele lá na caverna — foi a *maneira* como Karou o olhou, argumentou consigo mesmo, como se ela tivesse desistido de tentar evitá-lo —, não significava que queria nada dele além daquela aliança temporária.
— Olá — disse ela.
Então baixou os olhos para o chão enquanto o rubor subia pelo rosto, e a batalha de Akiva contra a esperança estava perdida.
Ela estava corando. Se estava corando...
*Pelos deuses da luz, como ela é linda.*
— Olá — disse ele, em voz baixa e emocionada, e naquele momento sua esperança não tinha limites.
*Diga de novo*, desejou ele. Se ela dissesse, talvez se lembrasse do templo de Ellai, quando eles tiraram as máscaras do festival e viram o rosto um do outro pela primeira vez desde o campo de batalha em Bullfinch.
*Olá*, disseram eles na época, como um encanto sussurrado. *Olá*, como uma promessa. *Olá*, cara a cara.
A última respiração que exalaram antes do primeiro beijo.
— Hum — fez ela, erguendo os olhos por um instante para encontrar os dele. Então os desviou de novo, corando ainda mais. — Oi.
*Quase*, pensou Akiva. A esperança dentro dele aumentou cautelosamente quando Karou deu um passo, depois outro, naquele cômodo que ele tomara para si. Estavam a sós, finalmente. Podiam conversar, longe do olhar atento dos companheiros. Só o fato de Karou estar ali já significava alguma coisa. E, com o ardor do olhar que trocaram na caverna, Akiva não conseguia deixar de imaginar que significava... muita coisa.
Ter esperança era como ficar pendurado na beira de um abismo, deixando a corda nas mãos de Karou. Ela poderia aniquilá-lo se quisesse.
Karou olhava em volta, embora não houvesse muito a se ver. Era uma câmara pequena, vazia exceto por uma comprida placa de pedra no meio e algumas saliências com velas antiquíssimas. Era uma peça incomum, supunha Akiva. Cortada com mais precisão do que o restante das superfícies de pedra por ali, e lisa, com arestas angulosas raras em um mundo de curvas.
— Eu me lembro desta sala — disse Karou, com uma voz distante. — Aqui os mortos eram preparados para o enterro.
Aquilo era um pouco perturbador. Akiva passara horas deitado ali, sonhando, dentro de sua dor. Deitara ali como um cadáver, no lugar onde tantos cadáveres haviam deitado antes dele.
— Eu não sabia — retrucou ele.
Só esperava que sua presença ali não fosse uma ofensa.
Karou passou os dedos pela placa de pedra. Estava de costas para Akiva, que observava os ombros dela subirem e descerem ao respirar. O cabelo dela estava preso em uma trança, azul como o coração de uma chama. Não estava arrumado. Os fios macios da nuca tinham escapado do penteado e se erguiam como uma penugem. Longas mechas azuis estavam soltas, enfiadas atrás das orelhas; todas menos uma, que formava uma onda na curva de seu rosto.
Akiva sentiu nos dedos o desejo de colocar aqueles fios no lugar. De penteá-los para trás e ficar com a mão ali, sentindo o calor da nuca de Karou.
— A gente desafiava um ao outro a vir deitar aqui — contou Karou. — Quer dizer, as crianças. — Ela deu a volta devagar ao redor da mesa e parou para observar Akiva do outro lado, de maneira que a placa formava uma barreira entre os dois. Então olhou para o teto. Era alto, se erguia e se afunilava até uma abertura no centro, como uma chaminé. — Aquilo é para as almas — explicou ela. — Para que se libertem no céu e não fiquem presas na montanha. Dizíamos que, se você caísse no sono aqui dentro, sua alma acharia que você estava morto e ascenderia. — Akiva notou o sorriso na voz dela antes de vê-lo no rosto, afetuoso e efêmero. — Então uma vez fingi ter dormido e agi como se tivesse perdido minha alma. Fiz as outras crianças me ajudarem a procurá-la o dia todo, por todos os picos das montanhas. — Ela então deixou o sorriso se revelar, lento, extraordinário. — Peguei um elemental do ar e fingi que era a minha alma. Coitado. Que selvagenzinha eu era.

O rosto de Karou, aquele rosto, ainda era uma terra misteriosa para Akiva, percebeu o anjo, e o sorriso quase a transformou em uma estranha.

Se ele conhecera Madrigal por um mês de noites, conhecera Karou pelo quê? Duas? Ou apenas uma — e a maior parte ele passara dormindo —, além de dois dias aqui e ali? Em seus poucos encontros tensos desde então, tudo o que vira dela fora raiva, desolação e medo.

Aquilo era completamente diferente. Quando sorria, ela era tão radiante quanto uma rocha lunar.

Então se deu conta de que de fato não a conhecia. Não era só aquele rosto novo. Ele pensava em Karou como se fosse Madrigal em um corpo diferente, mas ela era mais do que isso. Tinha vivido outra vida desde que ele a conhecera — em outro mundo, ainda por cima. Quanto isso a transformara? Não tinha como saber.

Ainda não.

A dor da saudade parecia um buraco em seu peito. Não havia nada em mundo algum que Akiva quisesse mais do que recomeçar do zero e se apaixonar por Karou mais uma vez.

— Foi um dia divertido — concluiu ela, ainda perdida nas lembranças de outrora.

— E como alguém finge que perdeu a alma?

Ele queria que aquilo soasse como uma pergunta descontraída sobre uma brincadeira infantil, mas, quando ouviu as palavras, pensou: *Quem sabe melhor do que eu?*

É só *trair tudo em que acredita. Afogar sua dor em vingança. Matar e continuar matando até não restar mais ninguém.*

A expressão dele deve ter traído seus pensamentos, porque o sorriso de Karou sumiu. Ela ficou em silêncio por alguns instantes, encarando-o. Akiva também tinha muito a aprender sobre os olhos dela. Os de Madrigal eram castanhos e calorosos. Verão e terra. Os de Karou eram pretos — escuros como o céu e brilhantes como as estrelas —, e quando ela olhava para ele daquela maneira penetrante, pareciam ter apenas pupila. Noturnos. Desconcertantes.

— Só sei o que se faz para *recuperar* a alma. — E ele sabia que ela não estava falando mais das brincadeiras de criança. — Salvamos vidas. E nos permitimos sonhar de novo. — Então, quase sussurrando, continuou: — Perdoamos.

Silêncio. Respirações suspensas. Corações acelerados. Será... será que ela estava falando dele? Akiva sentiu o mundo se inclinar, tentando empurrá-lo para a frente: mais perto dela (mais perto, a tocá-la), como se aquele fosse o único estado de repouso possível, e qualquer outra ação e movimento tivesse o objetivo de alcançá-lo.

Ela baixou os olhos, tímida de novo.

— Mas você sabe melhor do que eu. Estou apenas começando.

— Você? Você nunca perdeu sua alma.

— Perdi alguma coisa. Enquanto você salvava quimeras, eu fazia monstros para Thiago. Não sabia o que estava fazendo. As mesmas coisas pelas quais odiava *você*. Não conseguia enxergar...

— É a dor — disse Akiva. — A raiva. Ela nos obriga a seguir o caminho daquilo que desprezamos. — Ele pensou: *E eu era aquilo que você desprezava. Ainda sou?* — É o combustível para tudo o que nossos povos têm feito um para o outro desde o começo. É o que faz a paz parecer impossível. Como culpar alguém por querer matar o assassino de seus entes queridos? Como condenar alguém pelo que faz em um momento de dor?

Assim que acabou de falar, Akiva percebeu que aquilo parecia uma desculpa para a própria cruel espiral de tristeza e para o terrível preço que cobrara do povo de Karou. Então foi tomado pela vergonha.

— Não quis dizer... Não estou falando de *mim*. Sei que nunca poderei reparar o que fiz, Karou.

— Você acredita mesmo nisso? — perguntou ela, examinando-o com atenção, como se procurasse a verdade em meio à vergonha.

Ele acreditava *mesmo* naquilo? Ou só estava atormentado demais pela culpa para admitir que tinha a esperança de algum dia, não sabia como, *conseguir* reparar o que fizera? Que algum dia pudesse sentir que fizera mais bem do que mal e sua existência não tornara o mundo pior? Será que *aquilo* era reparação, o pender da balança no fim da vida?

Se era reparação, talvez fosse possível. Se vivesse muitos anos e nunca parasse de tentar, Akiva poderia salvar mais vidas do que destruíra.

Mas não era naquilo que acreditava, percebeu, encarando a veemência da pergunta de Karou.

— Sim — respondeu ele. — Acredito. Não se pode reparar uma vida aniquilada salvando outra. Que bem isso faz aos mortos?

— Os mortos — repetiu ela. — E temos muitos mortos entre nós, não é? Pela maneira como agimos, mais parecem cadáveres agarrados aos nossos pés, e não almas livres no cosmos. — Ela olhou para a chaminé no alto, como se pensasse nas almas que passaram por ali quando a sala ainda era usada. — Eles se foram, não podem mais ser feridos, mas arrastamos a lembrança deles conosco, fazendo o pior que podemos em seu nome como se fosse isto o que quisessem: vingança. Não posso falar por todos os mortos, mas sei que não é o que eu queria para você quando morri. E sei que não é o que Brimstone queria para mim, ou para Eretz.

O olhar de Karou ainda era atento, penetrante, noturno, negro. Como uma recriminação. É claro que teria preferido que ele tivesse levado o sonho dos dois adiante, e não procurado uma forma de acabar com o povo dela. Então, quando Karou

prosseguiu, o que disse tomou-o de espanto:

— Akiva, nunca lhe agradeci por ter trazido até mim a alma de Issa. Eu... sinto muito pelo que falei naquele dia...

— Não. — Ele engoliu em seco. A ideia de vê-la pedindo desculpas a *ele* era terrível. — Você não disse nada que eu não merecesse ouvir. Na verdade, eu merecia até coisa pior.

Aquilo nos olhos dela era compaixão? Irritação?

— Você está determinado a não ser perdoado? — perguntou ela.

Akiva balançou a cabeça.

— Nada do que estou fazendo é por mim, Karou, ou por uma esperança que seja que eu tenha para mim mesmo, de perdão ou qualquer outra coisa.

E sob aquele escrutínio de olhos negros, ele precisou se perguntar: era *mesmo* verdade?

Sim e não. Por mais que ele tentasse não ter esperança, a esperança ressurgia, persistente. Tinha tanto controle sobre isso quanto sobre o ruído do vento. Mas será que era por isso que estava fazendo tudo aquilo? Pela chance de uma recompensa? Não. Mesmo se tivesse certeza absoluta de que Karou nunca o perdoaria e nunca mais o amaria, ainda faria tudo em seu poder — e para além dele, ao que parecia, à luz arrebatadora do *sirithar* — para reconstruir o mundo para ela.

Mesmo que tivesse que ficar para trás e vê-la entrar nesse novo mundo ao lado do Lobo Branco?

Mesmo assim.

Mas... ele *não* tinha certeza absoluta de que não havia esperança. Ainda não.

***

Eu perdoo você. Eu amo você. Quero você no fim de tudo isso. O sonho, a paz e você.

Era isso que Karou queria dizer, e também o que queria ouvir. Não queria ouvir que Akiva tinha perdido as esperanças quanto a ela. Nem que, a despeito da motivação dele agora, já não se tratava mais da realização completa do sonho deles — não simplesmente a paz, mas os dois juntos nesse mundo de paz. Será que ele já transformara o sonho dos dois em lenha? E *ela*? Será que já havia usado o sonho deles para alimentar o fogo?

— Eu acredito em você — disse ela.

Nada de esperança para Akiva. Era nobre, era frio e não era o condutor de que as palavras não ditas de Karou precisavam. Essas palavras se agarravam a ela, pesadas. Como atirar "eu amo você" no ar assim? Esse tipo de frase precisa de braços à espera para recebê-la. Pelo menos naquele momento, era disso que o inexperiente e não dito "eu amo você" de Karou precisava. Após passarem meses esmagadas no âmago de sua fúria e distorcidas de sua forma natural, essas palavras não poderiam ser despejadas sem reflexão, da mesma forma que Karou não podia pegar o rosto de Akiva e beijá-lo.

Beijá-lo. *Isso sim* parecia a milhares de quilômetros do possível.

Os olhos dela dançaram a tímida coreografia de olhares furtivos de novo, assimilando Akiva como se tirasse vários instantâneos. Um quadro congelado do rosto dele, e então, ao baixar os olhos para a placa de pedra ou para as mãos, guardava aquele vislumbre na mente. A pele dourada de Akiva, os lábios carnudos, a expressão tensa e assombrada e... o *recuo* em seus olhos. Lá na caverna, os olhos dele buscaram os dela como raios de sol. Agora os evitavam, reticentes e cautelosos. Karou queria sentir o sol de novo. Mas, quando ergueu o olhar de suas mãos inquietas, Akiva estava fitando a placa de pedra.

Se alguém visse os dois naquele momento, pensaria que aquela mesa era um artefato realmente fascinante.

Bem. Ela não tinha ido ali apenas para dizer "eu amo você". Então respirou fundo e seguiu em frente.

***

— Preciso lhe contar uma coisa.

Akiva ergueu os olhos de novo. Na mesma hora, algo diferente no tom de Karou o deixou apreensivo. A hesitação, a tensão na voz. Ele não precisava mais se esforçar para manter a esperança sob controle, porque já a perdera de vez.

*O que Karou iria lhe dizer?*

Que estava com o Lobo agora. Que a aliança era um erro. Que as quimeras estavam indo embora. Que ele nunca mais a veria.

Ele queria falar depressa *Também tenho algo para lhe contar*, e assim impedi-la de dizer o que quer que fosse. Queria lhe contar sobre sua nova magia, ainda não testada, e pedir ajuda para usá-la. Era isso que ele havia tido a esperança de conseguir falar, caso ela realmente aparecesse. Queria lhe contar o que ele tornara possível — para os exércitos, se não para eles mesmos.

*As coisas mudam.* Podem *ser mudadas por quem tem vontade.*

*Até mesmo mundos. Talvez.*

— É sobre Thiago — disse ela.

Akiva sentiu o toque frio da certeza. É claro que era o Lobo. Quando vira os dois tão próximos, rindo, Akiva já sabia, mas uma parte de sua mente insistira em negar; era inimaginável. Então, quando Karou olhara para ele do outro lado da caverna, a

esperança havia surgido...

— Ele não é quem você pensa — continuou Karou.

Akiva sabia o que viria depois. E se preparou.

— Eu o matei — sussurrou ela.

...

...

...

Espere.

— *O quê?*

— Eu matei Thiago. Esse que está conosco não é ele. Quer dizer, não é a alma dele. — Ela suspirou demoradamente e disparou: — A alma dele se foi. *Ele* se foi. Detestei deixar você pensar que eu... e ele... Eu nunca poderia perdoá-lo, ou... — Um breve olhar inquieto, e, como se tivesse lido seus pensamentos, ela completou: — Ou *rir* com ele. E nunca poderia haver paz enquanto ele vivesse. Esta aliança? — Karou balançou a cabeça enfaticamente. — *Nunca.* Ele teria matado você e Liraz na casbá.

— Espere — disse Akiva, tentando acompanhar. — Espere.

O que ela estava dizendo? Aquelas palavras não faziam sentido. O Lobo estava morto? O Lobo estava morto, e quem quer que estivesse andando por aí sob aquele título... não era ele. Akiva olhou para Karou. A ideia o deixava atordoado. Ele nem sabia quais perguntas fazer.

— Eu queria ter contado antes — continuou ela. — Mas preciso tomar cuidado. É tudo tão frágil... Ninguém sabe. Só Issa e Ten... e Ten também não é Ten de verdade. Mas se as outras quimeras descobrirem... — Ela estalou os dedos.

Akiva ainda tentava entender a premissa básica.

— Eles não seguiriam ninguém além de Thiago, pelo menos não por enquanto — disse ela. — Isso era óbvio. Precisávamos dele. O exército precisava, e nosso povo também, mas... precisávamos de uma *versão melhorada* dele.

Uma versão melhorada.

Akiva se lembrou da impressão que tivera do Lobo ao negociarem a aliança. Inteligente, poderoso e equilibrado, pensara ele na ocasião, sem nem imaginar o que estava por trás daquilo.

Finalmente as peças se encaixavam e ele compreendia. Karou tinha colocado outra alma no corpo do Lobo.

— Quem? — perguntou Akiva. — Quem é?

Uma onda de tristeza cruzou o rosto dela.

— Ziri — respondeu Karou. E, quando viu que ele não reconheceu o nome, acrescentou: — O Kirin que você salvou.

O jovem Kirin, o último da tribo. Então ele não estava morto, não exatamente.

— Mas... como? — perguntou Akiva, sem conseguir imaginar a cadeia de eventos que pudesse ter levado a tal situação.

Karou ficou em silêncio por um momento. Parecia distante.

— Thiago me atacou — contou ela, levantando a mão para tocar a face que estava inchada e arranhada quando Akiva voou com Liraz até ela no Marrocos, carregando o corpo de Hazael.

Agora seu rosto já estava quase curado. Ele ficou esperando que ela continuasse, mas ela se calou. Apertou os lábios, tentando segurar o choro, e Akiva se lembrou da fúria que sentira ao vê-la machucada. Seus punhos se lembravam, bem como seu coração e seu estômago, do inconcebível olhar de ternura que ela e o Lobo trocaram naquela noite na casbá, e tudo finalmente fez sentido.

Mas não o confortava.

— Ele me atacou e eu o matei — prosseguiu ela. — E não sabia o que fazer. Os outros com certeza me obrigariam a ressuscitá-lo se nos encontrassem, e eu não suportaria isso. Se as coisas já eram ruins antes, como ficariam depois daquilo? Eu não sei o que teria feito... — Sua voz falhou.

Então os olhos dela clarearam de novo, focando a atenção *nele*. Embora não fosse muito plausível, ela sorriu. Não era o desabrochar radiante de seu último sorriso, mas um completamente diferente: discreto, repentino e surpreso.

— Por mais que eu tenha pensado nisso, não tinha percebido, até agora, como tudo está ligado a você.

— A mim? — perguntou Akiva, com um sobressalto.

— Você trouxe Issa e Ziri para mim — explicou ela. — Se não fosse por você, eu não teria conseguido aliados, e não teria nenhuma chance.

De novo, o peso das palavras dela, de sua gratidão, lhe provocou uma vergonha profunda.

— Se não fosse por mim, Karou, você teria muito mais aliados.

*Muito mais.* Quantos corpos pesavam naquelas palavras? Loramendi. Milhares e milhares.

— Pare com isso — reclamou ela, frustrada. — Akiva, eu falei sério sobre o perdão. É o único caminho para seguir em frente. Quando o Lobo ainda era o Lobo, tentei argumentar com ele, explicar que o caminho que ele tinha escolhido era a morte. Mas ele se recusava a me ouvir. Não podia. Já tinha ido longe demais nisso. Só que eu não parava de encontrar as *suas* palavras na minha boca enquanto conversava com ele, e eu sabia que, por mais longe que tivesse ido, você havia conseguido

voltar. E... isso *me* ajudou a voltar.

As palavras dele? Akiva ficou mudo. Aquilo tudo era tão diferente do que ele temia que Karou fosse contar que nem conseguia absorver direito.

— Você disse que dependeria de nós a existência de quimeras no futuro — continuou ela. — E não foram somente palavras. Você salvou a vida de Ziri. Se não tivesse feito isso, não estaríamos aqui agora. Você estaria morto, e eu... o Lobo me teria como sua...

Não completou a frase. Mais uma vez, uma sombra do horror vivido escureceu seu olhar, fazendo Akiva imaginar o que exatamente aquelas palavras — *Thiago me atacou* — significavam.

A explosão de ira ameaçava cegá-lo. Ele se forçou a pôr aquele sentimento de lado e se lembrar, respirando fundo, de que o objeto daquela fúria não existia mais. Thiago não podia ser punido. Na verdade, isso só enfureceu Akiva ainda mais.

— Eu não estava lá para protegê-la. Nunca deveria ter deixado você lá com ele...

— Eu mesma me protegi — interrompeu Karou. — Foi depois disso que precisei de ajuda, e Ziri estava lá, e agora estamos aqui, todos nós. É isso que estou tentando dizer.

O horror se fora. O brilho nos olhos dela eram lágrimas, e a curva em seus lábios, gratidão. Akiva sentiu raiva de si mesmo quando se perguntou *quem* despertara aquele brilho e aquela gratidão.

Ele relembrou o olhar de ternura que Karou trocara com o falso Lobo na casbá, e também a cena dos dois rindo juntos no dia anterior.

Pelos deuses da luz. Ele estaria morto agora se o Lobo fosse o Lobo, e ainda assim conseguia se preocupar se aquele Thiago “inteligente, poderoso e equilibrado”, aquele Kirin heroico que era o aliado mais próximo de Karou, constituía uma ameaça maior a suas esperanças do que o antigo Thiago, maníaco, torturador e assassino? Havia exércitos prontos para voar, e Akiva estava preocupado em saber quem Karou *amava*?

— Tem mais — continuou ela. — Você me trouxe Issa e não pode imaginar o que veio junto com ela, mas... Akiva, fez toda diferença. — Os olhos dela brilhavam tanto, sua escuridão cintilante era como um espelho para o fogo das asas dele. — Estou falando de Loramendi. Não... não é redenção, não completamente, mas é um começo. Ou vai ser, quando chegarmos lá.

E então ela contou a Akiva sobre a catedral.

A magnitude da notícia... deixou o serafim sem fala e o fez esquecer todas as suas preocupações mesquinhas.

Brimstone tinha uma catedral sob a cidade. Akiva não a havia encontrado quando caminhara atordoado pelas ruínas porque estava soterrada, as entradas ocultas pelos desmoronamentos. E dentro dela, em estase, havia almas. Incontáveis almas. Crianças, mulheres. As almas de milhares de quimeras que ainda podiam ser resgatadas.

Akiva dissera a Karou, lá no Marrocos, que faria qualquer coisa; que morreria uma vez por cada quimera assassinada, se isso pudesse trazê-las de volta. Falara isso na desolação de achar que as palavras eram vazias, de que nada podia ser feito para provar que era verdade. Mas... podia.

— Vou ajudá-la — prontificou-se imediatamente. — Karou... por favor. São muitas almas. Você não pode fazer isso sozinha.

Ela havia dito que aquilo não seria exatamente redenção? Mas era o mais próximo disso que ele jamais imaginara que chegaria. E daí se a redenção parecesse em benefício próprio e viesse amarrada ao que ele mais queria na vida? Pela primeira vez a vergonha de Akiva não mordeu a isca. Ele queria o que sempre quisera, e seria sincero, sem ligar para seus medos e preocupações. Quem quer que ela amasse, fosse ele, o Lobo ou ninguém, Akiva descobriria.

— É tudo o que eu quero, estar ao seu lado e ajudar você — continuou ele. — Se tivermos que lutar para sempre, melhor ainda, desde que seja para sempre ao seu lado.

A placa de pedra estava entre eles, uma barreira, mas não havia barreiras para o sorriso que foi a resposta de Karou. Era um sorriso totalmente diferente, e Akiva pensou que poderia passar mil anos com ela — *por favor* — e ainda descobrir novos tipos de sorriso. O sorriso que ela abriu dessa vez era quase insuportável, doce como música e pesado como lágrimas. Era toda a tensão dela, toda a cautela e a incerteza, desfazendo-se em luz.

Aquele sorriso era o coração de Karou. E era dirigido a ele.

— Ok — disse ela. Sua voz saiu baixa, mas a palavra foi viva e consistente, como algo que ele pudesse pegar nas mãos.

*Ok.* Ok, ele podia ajudá-la? Ok, “para sempre”?

Ok.

Ah, se aquilo pudesse ser o fim de tudo... Ou o começo. Se pudessem voar juntos para Loramendi... Que o “para sempre” começasse *agora*. Mas é claro que não podia. Quando Karou voltou a falar, sua voz continuava baixa, ainda firme e decidida. Mas, enquanto o *ok* fora sereno, caloroso e delicado como uma pedra polida, suas palavras seguintes tinham espinhos:

— Se sobrevivermos até lá.

# 31

## O oposto de sobrevivência

Ziri parou na entrada. Bastou um olhar para compreender a situação.

Três soldados quimeras estavam mortos a seus pés. Oora, Sihid e Ves. Carne e dor desperdiçadas e mais sangue a se atravessar. Dos sobreviventes, Rark se destacava, seu grande machado cintilando à luz fraca, mas os olhos de Ziri correram direto para Liraz. O fogo de suas asas ardia baixo — de maneira *agonizante* —, mas ela ainda era a fonte de maior brilho na sala. Estava fraca, abalada por tremores, pálida como cera, os olhos vazios, e... sorrindo? Chorando? Um som horrível. Estava cercada por quimeras, que a seguravam, e só isso a mantinha erguida em tal estado — a mantinha erguida e a matava ao mesmo tempo.

Será que o toque dos hamsás era suficiente para matar um serafim? Olhando para Liraz, Ziri achou que *sim*. Mas não era assim que pretendiam matá-la. Eles mantinham os braços dela esticados à frente. Ao primeiro olhar, Ziri pensou ter entendido.

Rark. O machado. Iam cortar os braços dela.

Mas o machado descansava no ombro forte de Rark, e... A verdade foi se formando aos poucos. Som, visão, cheiro. O rosnado. A saliva que escorria das presas amarelas, e o mau cheiro de triunfo. Ten.

A descoberta atingiu Ziri como um soco no estômago, deixando-o sem ar. Era *Ten. Ah, Nitid, ah, Ellai, não.* De todos os soldados sob seu comando... sua companheira transgressora, sua aliada na conspiração. Aquela que conhecia seu segredo.

Ela estava pronta para atacar. Embora a maior parte de seu corpo fosse humana, naquele momento suas costas curvadas e a cabeça abaixada eram as de uma loba. Os pelos estavam eriçados nos ombros e ela emitia um rosnado animal e gutural, que se podia *sentir* tanto quanto ouvir. O lugar fedia a sangue, vísceras e carne queimada: quentes, próximos e mortos. Corpos, vingança e um caminho sem volta. E Ziri sabia o que Ten... o que *Haxaya* pretendia fazer.

— Parem.

Era a voz do Lobo Branco, suave e fria como aço, mas com um tom assustado que era apenas de Ziri.

Aquela cena não teria horrorizado o Lobo, que dilacerava anjos com os dentes afiados. Assim que a ameaça imediata foi interrompida e Ten se virou para encará-lo, Ziri não sabia bem por que aquilo o horrorizara tão profundamente. Ele não matara ninguém com os dentes, mas lutara ao lado de muitas quimeras que assim haviam feito — também com bicos, garras e caudas cheias de espinhos, e com qualquer outra arma à disposição. Contra a força superior dos serafins, era uma questão de sobrevivência.

Mas *aquilo ali* não era. Aquilo era o oposto de sobrevivência.

Aquilo colocava tudo em risco: a aliança, é claro, mas a farsa também. Porque era Ten.

Por ser Ten, Ziri se manteve rígido e em silêncio enquanto Rark e os Dracand também se viravam para ele e Nisk e Lisseth se aproximavam. Por ser Ten, ele não sabia o que dizer. Sentiu Haxaya o encarando por trás dos olhos amarelos de loba. Não havia medo naquele olhar, só um desprezo ardiloso e malicioso.

*Eu desafio você*, ela parecia dizer. *Pode me punir, e eu o punirei também. Impostor.*

O coração de Ziri batia acelerado. Ele se esforçava para acalmá-lo. As Naja eram capazes de ler assinaturas térmicas, assim como as serpentes. Nisk e Lisseth perceberiam sua agitação, sentimento que Thiago nunca experimentava. Ziri forçou o rosto a manter a expressão padrão do Lobo: olhos semicerrados e ar de quem julgava tudo friamente.

— O que significa isso, capitã? — perguntou ele, a voz baixa e implacavelmente calma.

Rark meneou a cabeça em surpresa, e os Dracand, Wiwul e Agwilal encararam Ten, estreitando os olhos. Claramente ela lhes dissera que aquilo era uma ordem do general, e eles não tinham razão para desconfiar. Ela era a subcomandante, a tenente de maior confiança.

Não mais.

— Vingança — respondeu Ten, sem dizer *senhor*. Era um total desrespeito e, Ziri sabia, também um aviso. — Esta serafim não presta. Olhe só os braços dela.

Ele olhou. E se sentiu mal com o que viu: a extraordinária contagem de Liraz, mas também sua angústia. Ziri não a conhecia, é claro. Ela era bonita, mas e daí? A maioria dos serafins era. Ela também era hostil, temperamental e, no ápice de sua força, tão feroz quanto Ten, ou mais. Mas ele também a vira arrasada, sofrendo em luto, com o irmão morto nos braços, revelando ser apenas uma menina por trás daquela ferocidade. E ele vira nela algo mais.

Lá na casbá, acontecera algo surpreendente: Liraz perguntara por *ele* — por ele mesmo, Ziri —, deixando claro que... ela sentiu sua falta. Só o fato de ela ter notado sua presença já era surpreendente para Ziri, e então, quando ele lhe contou que o soldado Kirin estava morto, viu (ele tinha certeza) um brilho de tristeza nos olhos dela, que veio e logo desapareceu, como algo fugidio que rapidamente foi recapturado.

É claro, não era por isso que Ziri não podia permitir que seus soldados a matassem ou a mutilassem ali naquela caverna

isolada. Havia várias razões maiores e muito menos pessoais para isso. Mas talvez fosse por isso que ele sentia a fúria aumentar, tão fria quanto ele imaginava que seria a raiva do Lobo, e rápida em acabar com sua agitação sob uma capa de implacável propósito. Seu coração desacelerou, assumindo uma batida calma e vigorosa.

— Soltem-na — ordenou ele, com um olhar breve e desinteressado na direção de Liraz. Os olhos dela pareciam apenas brancos agora, revirados sob os cílios, que não paravam de tremer. Ela estava no limite da consciência... ou da vida. — Ou ela estará morta antes que vocês possam explicar tudo isso.

Wiwul e Agwilal soltaram-na de imediato. Liraz desabou contra a parede, mas não caiu totalmente porque Ten ainda a segurava pelos pulsos. Uma ordem direta ignorada, na presença de outros. Então ela resolvera desafiá-lo.

— Antes que *nós* possamos dar explicações? — perguntou ela, fingindo inocência, com um discreto tom mordaz. — E quanto a você... *senhor*? — Aquele *senhor* foi pior do que nenhum, uma afronta descarada que o Lobo nunca toleraria. — Gostaria de *se* explicar?

Ziri ouviu alguém inspirar atrás dele. Nisk ou Lisseth, espantados com a insubordinação. Rark observava a tudo boquiaberto, as presas à mostra, e Ziri não precisava nem pensar muito para saber o que o verdadeiro Lobo faria. Ele sabia, e fazer o mesmo seria como derrapar no sangue. Basta escorregar uma vez e lá está você no chão. O sangue cobrindo sua pele. O sangue é sua vida agora. Mas que escolha ele tinha?

Naquela hora, ele percebeu tudo com muito mais clareza: a força sobrenatural de seu corpo emprestado, a malícia e a maldade nos olhos de Ten, e o peso do futuro que recairia sobre eles se ela o entregasse.

*Como ela podia ser tão estúpida?*

Foi como estalar um chicote, a fração de segundo que levou para Ziri alcançá-la. Para levar as mãos à cabeça de Ten, uma por trás e outra no focinho.

E quebrar o pescoço dela.

Não houve nem tempo para surpresa. Com o barulho — não um *estalo*; foi mais como um som de trituração e rompimento, pontuado por uma sequência de estouros de bombinhas —, os olhos dela ficaram vazios. Nada mais de malícia, maldade ou ameaça, e, embora o instante que precedeu o relaxamento dos músculos dela tenha parecido longo, não deve ter levado mais do que um segundo. Ela caiu e, assim, finalmente soltou os pulsos de Liraz, que também caiu, seu rosto batendo no chão como se já houvesse perdido a noção das direções. Ziri tentou não se encolher ao sentir o impacto da queda e se obrigou a ignorar a serafim ali largada no chão, o fogo de suas asas cada vez mais fraco. O tremor em sua pele era a única pista de que ela ainda estava viva.

Então o Lobo encarou seus soldados e disse, como se a conversa não tivesse sido interrompida:

— Não, eu não gostaria de me explicar.

O olhar dele os desafiava a pedir explicações: quem seria o próximo? Rark foi o primeiro a falar:

— Senhor, nós... Ten disse que era uma ordem sua. Nunca faríamos...

— Acredito em você, soldado — cortou Ziri.

Rark fez uma expressão de alívio. Mas ainda era cedo demais para isso.

— Acredito que vocês acharam que eu seria *estúpido a esse ponto* — continuou Ziri, sussurrando as últimas palavras por entre os dentes. — Estamos a poucas horas de voar para a batalha em *enorme desvantagem*, e vocês acreditam que eu reduziria a força do meu exército em um momento decisivo como este. — Ele fez um gesto para os mortos sobre os quais passara na entrada. — Que eu desperdiçaria corpos pelos quais outros pagaram com sua dor. Que eu arriscaria todos os planos que coloquei em ação, e pelo quê? Por um anjo? Acham que sou idiota a ponto de pôr tudo a perder em vez de esperar... algumas horas... para atacar os *mil* anjos que são nossa ameaça verdadeira e imediata? Isso deveria fazer com que eu me sentisse melhor?

Ninguém respondeu, e ele balançou a cabeça devagar, indignado.

— A ordem que vocês seguiram ia contra cada palavra que ouviram de mim. Se fossem capazes de pensar além do impulso de seus dentes, vocês a teriam questionado. Fizeram isso porque quiseram. Talvez essa seja a vontade de todos nós, mas alguns conseguem controlar a própria vontade, e outros são escravos dela. Pensei que vocês fossem melhores que isso.

Para que Lisseth não se sentisse livre da repreensão, Ziri se virou para ela.

— É uma sorte que Ten não a tenha chamado para essa cruzada, já que você não deixou a menor dúvida de que teria participado com prazer. Você será poupada da sentença de seus colegas, mas nós dois sabemos que foram apenas as circunstâncias que a salvaram, não a sabedoria.

Quando ele falou em sentença, Rark, Wiwul e Agwilal ficaram tensos, e Ziri prolongou um silêncio desconfortável antes de acabar com o sofrimento deles:

— Vocês perderam a minha confiança e seus postos. Lutarão na batalha iminente e, se sobreviverem, pagarão o dízimo da dor para a ressurreição de seus companheiros até eu considerar que seus pecados foram expiados. Aceitam a sentença?

— Sim, senhor — disseram eles, e Nisk e Lisseth também. Cinco vozes se fundindo em uma.

— Então saiam da minha frente e levem esses três com vocês. — Ele se referia a Oora, Sihid, Ves. — Colham as almas e livrem-se dos corpos, depois vão e esperem por mim na câmara de ressurreição. Não contem a ninguém o que aconteceu aqui.

Fui claro?

Novamente, um coro de *sim, senhor*.

Ziri tentou compor um ar resignado, curvando levemente o lábio em sinal de desgosto.

— Eu cuido dessas duas. — Ten e Liraz; uma viva, outra morta.

Disse isso de maneira sombria, deixando no ar o que faria com elas. Pegou Ten pela nuca peluda e pegou Liraz rudemente por um dos braços — embora mantivesse a manga dela dobrada entre seu hamsá e a pele da serafim —, como se fossem dois corpos que ele arrastaria pelo corredor tal qual uma carga. Ele não conseguiria carregar uma tocha, mas a fraca luz das asas de Liraz tornava isso irrelevante.

Se ela morresse, ele ficaria na escuridão.

E a escuridão seria a menor de suas preocupações.

— Vão! — rosnou ele.

Os soldados saíram, arrastando os mortos e deixando marcas de sangue como rastro. Após sumirem de vista, Ziri tentou segurar Liraz com mais cuidado, levantando-a com facilidade e gentileza com um braço. Parecia errado e íntimo demais apoiar o corpo dela no seu — *Meu não*, pensou ele com um calafrio —, então manteve um espaço entre eles, mesmo que não fosse muito prático, como percebeu enquanto seguia para a porta, esforçando-se para não machucá-la ainda mais com seus hamsás.

Quando ele mudou a posição do braço que segurava Ten para fazer a curva, a cabeça de Liraz tombou e caiu pesadamente contra a dele, a testa dela batendo em seu maxilar. Ziri sentiu o calor febril da pele de um serafim pela primeira vez antes de afastá-la, e sentiu de perto o cheiro que havia seguido a distância. A fragrância de tempero era forte e, como uma explosão de calor, marcou o caminho para algo muito mais sutil e inesperado: o mais secreto dos perfumes; natural, ele não tinha dúvida, e tão fraco que seu olfato de Kirin nunca teria detectado, nem assim de tão perto. Quase imperceptível, o cheiro era apenas uma sugestão, tão frágil quanto flores noturnas. Não doce demais, apenas o suficiente, como o orvalho em um botão de réquiem na hora mais pálida do amanhecer.

Ziri olhava direto para a frente e não se curvou ou se virou para tentar sentir o aroma. Ainda assim, caminhando na escuridão, arrastando um corpo e carregando um anjo que provavelmente o estriparia por tocá-la assim que se recuperasse — *se* ela se recuperasse —, aquele perfume secreto o fez pensar nas garras de seus dedos, nas presas de sua boca e em todas as formas que faziam com que Ziri não fosse ele mesmo. Ele usava a pele de um monstro, e parecia uma injúria até mesmo sentir o cheiro de uma mulher por meio daqueles sentidos — que dirá tocá-la.

Ainda assim a carregava, e ainda assim respirava, porque não tinha como *não* fazê-lo. Agradeceu a Nitid, deusa da vida, e a Lisseth, cujas intenções tinham sido bem menos honradas, por levá-lo até lá a tempo. Só desejou ter conseguido chegar antes e, assim, tê-la poupado da desconhecida extensão do mal que os hamsás podiam ter lhe causado. Será que ela estaria bem o suficiente para voar com eles dali a algumas horas? Era pouco provável. Se houvesse alguma coisa que pudesse fazer por ela...

Quase no mesmo instante em que pensou isso, chegou a uma ramificação de passagens e percebeu onde estava, completando seu raciocínio. Se houvesse alguma coisa que pudesse fazer por ela, faria.

E havia. Então ele fez.

Mudou de direção e pegou uma passagem secundária, deixando o corpo da mulher-lobo na entrada das fontes termais antes de carregar Liraz para a beira d'água. As águas restauradoras. Será que eram boas apenas para arranhões e hematomas? Ziri não sabia. Precisou carregar a serafim com os dois braços para levá-la até a fonte, e quando a baixou até a água, a escuridão se fechou em volta do corpo e ele passou por um momento de pânico, pensando que as asas dela tinham se apagado.

Mas não. Um brilho fraco iluminou a água de baixo: o fogo dela ainda ardia como brasa. Ziri segurou-a com menos força até mal tocá-la — apenas seu braço sob a nuca de Liraz para manter o rosto dela acima da água — e esperou, observando os lábios e as pálpebras em busca de algum movimento discreto. E... tão aos poucos que a princípio ele nem notou, o brilho submerso aumentou, de forma que, quando Liraz finalmente se mexeu, Ziri pôde ver não apenas o esverdeado da água e o rosado do musgo que pendia, mas também o rubor no rosto da serafim e o dourado em seus cílios, que piscavam enquanto seus olhos se abriam devagar. E se fixavam nele.

Ele se lembrou da resposta que ela lhe dera na casbá. "Ainda não fomos apresentados", dissera ele, ao que ela rebatera, irritada: "Você sabe quem eu sou, e eu sei quem você é. Isso basta."

Ela *não* sabia, pensou. E ele queria que soubesse.

— Ainda não fomos apresentados — repetiu Ziri, enquanto ela tentava apoiar os pés no chão sob a superfície tranquila e escura da água. — Não exatamente.

# 32

## Bolo para depois

— Se sobrevivermos até lá.

Não era o que Karou queria dizer. Nem perto disso. Na verdade, ela não queria *dizer* nada. Akiva continuava olhando para ela do outro lado da placa de pedra, seus olhos ainda cheios de *para sempre*, e tudo o que ela queria era subir ali e encontrá-lo no meio do espaço que os separava. Mas desde quando ela podia ter o que queria? Akiva queria ficar para sempre a seu lado? Karou... sentia como se houvesse fogo solar e trovoadas dentro dela, mas também era como um pedaço de bolo guardado para depois. Uma provocação.

*Depois do jantar você vai poder comer o bolo. Se não morrer antes.*

— Nós vamos conseguir sobreviver — disse Akiva, certo e fervoroso. — Vamos sobreviver. Vamos *vencer*.

— Queria ter tanta certeza quanto você — rebateu Karou, mas o que estava pensando era: *exércitos anjos portais armas guerra.*

— Tenha. Karou, não vou deixar nada acontecer com você. Depois de tudo, e... *agora*... não vou perdê-la de vista. — Akiva enrubesceu, tímido, como se ainda não soubesse se conseguia interpretar direito o que ela queria. E acrescentou: — Desde que você me queira ao seu lado.

— Eu me quero ao seu lado — respondeu Karou imediatamente. Ela entendeu a confusão de palavras, *me quero ao seu lado*, mas não se corrigiu. Era exatamente o que queria dizer. — Mas não posso — continuou. — Ainda não. Já está decidido. Batalhões separados, lembra?

— Lembro. Mas também tenho algo para lhe dizer. Ou melhor, para lhe mostrar. Acho que pode ajudar.

Ele se sentou à mesa e girou as pernas para cima, movendo-se para o centro e convidando Karou a se sentar ao seu lado.

Ela foi, e sentiu a temperatura subir com a proximidade. Sem barreiras entre eles. Karou se sentou sobre as pernas dobradas (a pedra estava gelada) e se perguntou do que se tratava aquilo. Não era um eco de seu desejo. Ele não estendeu a mão para tocá-la, apenas a observou, com uma intensidade um tanto hesitante.

— Karou, você acha que as quimeras aceitariam batalhões mistos?

*O quê?*

— Se Thiago ordenar, sim. Mas de que isso importa? Seus irmãos não vão concordar. Eles deixaram isso bem claro.

— Eu sei — disse ele. — Por causa dos hamsás. Porque vocês têm uma arma contra a qual não temos nenhuma defesa.

Ela assentiu. Seus próprios hamsás estavam pressionados contra a placa de pedra. Já estava se tornando um hábito esconder os olhos na presença de serafins, para evitar um ataque acidental, mas era uma solução precária.

— Nossas mãos são inimigas, mesmo que nós não sejamos — disse Karou.

O tom foi leve, mas seu coração estava pesado. Ela não queria que nenhuma parte sua fosse inimiga de Akiva.

— E se não fossem? — insistiu ele. — Acho que eu poderia convencer os Ilegítimos quanto à integração. Faz sentido, Karou. Em uma luta um contra um, o Domínio não é páreo para nós, mas não é esse o caso. Além do mais, mesmo sem nenhuma vantagem inesperada que eles possam ter ganhado, nosso contingente já está bem reduzido. Quimeras em nossos batalhões não só aumentariam nossa força como diminuiriam a do inimigo. E tem a vantagem psicológica: se nos virem juntos, a confiança deles vai ficar abalada. — Ele fez uma pausa. — É o melhor uso que podemos fazer dos nossos exércitos.

Aonde ele queria chegar com aquilo?

— Talvez você devesse ter contado isso a Elyon e Orit.

— Vou contar. Se você concordar e... se funcionar — concluiu Akiva.

— Se o quê funcionar?

Ainda olhando para ela com aquela intensidade hesitante, Akiva estendeu a mão devagar e, passando de leve a ponta do dedo pelo rosto de Karou, prendeu uma mecha de cabelo solta atrás da orelha dela. O toque suave centelhou e flamejou, mas a centelha e as chamas foram subjugadas por um fogo maior e mais intenso quando ele encostou a mão em seu rosto. O olhar dele era vívido, esperançoso, penetrante, e seu toque, muito leve. Era... uma provinha do bolo que Karou não podia ter. Era mais do que uma provocação. Era um tormento. Ela queria virar o rosto e beijar a palma da mão dele, depois o pulso, para seguir o caminho da pulsação até a fonte.

Até o coração. Seu peito, sua solidez. Seus braços em volta dela, era isso que Karou queria, e... ela queria movimento conversando com movimento, pele com pele e suor com calor e respiração ofegante. *Ah, Deus.* O toque dele a deixava zonza. E a arrancava da vida real, com sua batida constante de *exércitos anjos portais armas guerra*, transportando-a para o paraíso que haviam imaginado tanto tempo antes — aquele que parecia um porta-joias à espera de que os dois o encontrassem e o preenchessem com felicidade.

Fantasia. Mesmo que conseguissem chegar ao “para sempre”, não seria o paraíso, mas um mundo devastado pela guerra,

com muito a aprender e desaprender. Trabalho a fazer e o dízimo da dor a pagar e... e... *E bolo*, pensou Karou em desafio. Poderia haver um toque de vida. Akiva todos os dias, no trabalho e na dor, sim, mas no amor também.

Bolo como estilo de vida.

E então ela virou, sim, o rosto e beijou, sim, a palma da mão de Akiva. Sentiu um tremor correr pelo corpo dele e soube que a distância entre os dois era bem menor do que a extensão do espaço físico de um braço. Como era fácil se jogar de cabeça e se perder naquele pequeno e efêmero paraíso...

— Você se lembra? — perguntou ele, baixinho. — Isto é o começo.

E desceu o toque pelo rosto e pelo pescoço de Karou, e era fogo e magia, inflamando cada átomo dela. Seus dedos pararam na clavícula dela, e então ele pousou a palma da mão, leve como um xale de mariposas-beija-flor, no coração.

— É claro que lembro — disse Karou, tão baixinho quanto ele.

— Então me dê sua mão.

Ele estendeu a mão e Karou fez o mesmo. Akiva levou a mão dela na direção do próprio corpo, e os olhos de Karou se fixaram no V da gola dele, no triângulo do peito, e, em sua mente, ela deslizava a mão por baixo do tecido para apoiá-la no coração dele...

*Pare.*

Mesmo na distância de seus pensamentos, ela reconheceu o perigo e resistiu, fechando a mão.

— Não quero machucar você.

— Confie em mim — disse ele.

A hesitação de Akiva sumira quando os lábios dela tocaram a palma de sua mão, e então só restou a intensidade e *a atração*, como se, naquela proximidade, seus ímãs tivessem se unido e só pudessem ser separados pela mais assertiva resistência. Mas a resistência de Karou não era assim tão assertiva. Ela queria tocá-lo tanto quanto precisava respirar. Então o deixou guiar sua mão, e, quando os nós dos dedos roçaram a gola da roupa dele, ela assumiu seu papel na reencenação da lembrança — *"Nós somos o começo"* — e abriu os dedos, deslizando-os pelo tecido até o peito dele. O peito de Akiva. A pele de Akiva. Estava viva sob seus dedos, e ela queria segui-los com a boca. Com a mente enevoada pelo desejo, só após um longo instante de delírio com a mão — a palma da mão — completamente aberta na pele dele, Karou percebeu.

Seu toque não lhe fazia mal.

Maravilhada, ela perguntou:

— Akiva... Como?

A mão dele cobriu a dela, segurando-a junto ao peito, e Karou sentiu o calor em seu hamsá como sempre acontecia na presença de serafins, uma sensação de formigamento, mas Akiva não recuou, não se encolheu nem tremeu. Sorriu. A distância entre eles havia se encurtado: do comprimento do braço dele para o dela, e ele encurtou a distância ainda mais ao se curvar para perto dela, baixando a cabeça e virando-a de lado enquanto sussurrava:

— Magia.

E contou o que tinha feito.

Em sua nuca havia agora uma marca que não existia antes, Karou sabia. Ficava bem para baixo, parcialmente escondida pela gola, mas ela conseguiu ver o que era: um olho. *Um olho fechado*. Uma magia dele para neutralizar a de Brimstone. Não era índigo como um hamsá; não era uma tatuagem, e sim uma cicatriz.

— Quando você fez isso? — perguntou Karou.

— Esta noite.

Ela contornou as linhas finas e altas com a ponta do dedo.

— Já cicatrizou.

Ele assentiu, endireitando o corpo e levantando a cabeça. Embora Karou começasse a ter uma ideia do que ele era capaz de fazer, aquilo tudo ainda a impressionava. O fato de a marca ter sido feita e cicatrizado em questão de horas já era extraordinário, mas nada comparado à magia que produzia. Ele havia, de fato, neutralizado a arma mais poderosa das quimeras; isto é, depois da ressurreição, se é que aquilo podia ser considerado uma arma. Talvez ela devesse ficar assustada, mas não era medo o que Karou sentia.

— Eu posso tocar você — disse ela, maravilhada, sem conseguir resistir ao desejo de pôr aquilo à prova e deslizar a mão pela superfície quente e macia do peito dele até que sentisse seu coração como que pulsando em sua mão.

— O quanto quiser — respondeu Akiva, com um tremor na voz que não era causado pela dor.

Aquela mistura de pele e *para sempre* formava uma combinação poderosa, e a verdadeira razão que o levara a conjurar a magia ficou completamente esquecida, assim como tudo o mais além da batida do coração deles...

... até que o mundo lá fora apareceu à porta.

***

Seria difícil imaginar cena mais improvável que aquela: lado a lado e encharcados, caminhando pelas passagens em um silêncio cheio de determinação, passando direto do domínio quimera para o serafim pela caverna principal, onde estavam

quase todos... Thiago e Liraz, arrastando o corpo de Ten.

Todas as vozes se calaram. Mik tinha deixado o violino de lado havia algum tempo e agora estava deitado com a cabeça no colo de Zuzana; até que ela engasgou e o fez se levantar rapidamente.

Issa se erguera sobre a espiral de seu corpo e parecia mais do que nunca a deusa-serpente de um templo antigo. Por toda volta as quimeras se levantavam, alertas e prontas para lutar se fossem convocadas. Mas não foram. Os dois atravessaram a caverna, os olhos fixos à frente e os rostos severos, e saíram, passando pela guarda serafim na porta mais distante, sem parar e sem dizer sequer uma palavra em explicação.

Ao encontrar a porta de Akiva ainda fechada, Liraz bufou, cheia de desdém, e entrou sem bater. Seus olhos faiscaram diante da visão que os recebeu: Akiva e Karou, os olhos turvos de desejo, sentados a uma mesa de pedra improvisada, se olhando, a mão no coração um do outro.

Alguns diriam que Ellai, deusa dos assassinos e dos amantes secretos, estivera em ação naquela noite, deslizando pelas passagens, muito ocupada com travessuras e salvamentos por um triz. Mais alguns instantes e Liraz poderia estar morta, ou Karou e Akiva seriam pegos em uma situação mais comprometedora do que apenas olhos turvos e a mão no coração um do outro. Mais um instante e eles poderiam ter se beijado.

Mas Ellai era uma protetora caprichosa e já havia falhado (absurdamente) com os dois antes. Karou não acreditava mais em deuses, e, quando a porta se abriu, só podiam culpar Liraz e o Lobo por isso.

— Bem — disse Liraz, a secura em sua voz proporcional ao encharcamento do corpo —, pelo menos vocês ainda estão vestidos.

***

*Graças a deus*, pensou Karou, tirando a mão de dentro da camisa de Akiva. Na mesma hora ela sentiu como a câmara estava fria. Seu corpo se ajustara rapidamente à temperatura de Akiva, fazendo tudo parecer frio. Levou alguns segundos para se recuperar do estado de torpor em que se encontrava e começar a notar os detalhes das roupas molhadas e grudadas na pele, da água pingando; sem falar do cheiro de enxofre.

Ziri tinha levado Liraz para se banhar nas fontes termais? Bem, aquilo era... estranho. Completamente vestida? Está bem, o contrário seria ainda mais estranho, mas era tudo estranho *demais*. Até que o Lobo puxou alguma coisa porta adentro e tudo entrou em foco.

Um corpo.

— Aqui está quem quebrou o juramento — anunciou o Lobo.

Ten. *Haxaya.*

*O quê?*

Karou endireitou-se em cima da mesa de pedra e pulou para o chão, aterrissando ao lado do corpo. Na mesma hora viu a marca de mão queimada no peito da mulher-lobo e olhou para Liraz, que a encarou com um olhar ainda mais frio do que de costume.

Akiva foi até eles, e em poucos segundos o corredor se encheu de serafins e quimeras, desrespeitando os limites para ver o que estava acontecendo. Era quase engraçado que um ato de violência como aquele pudesse, de alguma forma, ser o gatilho para que os exércitos se misturassem de forma tão espontânea. Quase engraçado, mas não muito.

Era outro barril de pólvora, com um fósforo aceso prestes a alcançá-lo. Os instantes seguintes foram uma confusão de perguntas e respostas. O Lobo contou o que acontecera, mantendo a farsa em todos os detalhes. Ten fizera aquilo. E Ten morrera. Quanto a Haxaya, Karou tentou processar o papel dela na situação. Em outros tempos, já a conhecera bem. Como Madrigal, lutara ao seu lado e confiara nela. Haxaya era impetuosa, mas não imprevisível. Não *burra*. Ao torná-la parte da farsa, Karou lhe confiara a vida de todos eles.

— Por que ela faria isso? — perguntou, sem esperar resposta. Estava deixando a pergunta solta no ar, mas Liraz respondeu:

— Foi pessoal.

Ela encarou Akiva, e algo em seu olhar frio se revelou. Naquele instante, a mudança em seu semblante era como a que Ziri provocara no Lobo, embora a razão, é claro, não pudesse ser a mesma. Não era outra pessoa olhando através dos olhos de Liraz. Era a máscara caindo, e aquele rosto mais suave e quase infantil que se revelava era *a verdadeira Liraz.* Uma palavra dela, "Savvath", e Akiva, expirando profundamente, compreendeu.

Karou conhecia aquele nome. Lembrava-se de uma *batalha de Savvath*. Era uma aldeia na enseada oeste da baía das Feras, ou tinha sido algum dia.

Antes de sua época.

Então, com o rosto virado para ele e olhando para baixo, Liraz disse a Thiago:

— O que você vai fazer com a alma dela é assunto seu, mas é bom saber que eu não a culpo. Mereci a vingança.

Thiago respondeu alguma coisa, mas Karou ouvia tudo absorta em pensamentos. Algo perturbava sua mente. Ela olhou do corpo de Ten para Liraz, da marca de mão queimada no peito da mulher-lobo para a contagem nas mãos da serafim, quase toda coberta pelas mangas das vestes, puxadas até embaixo.

*Nossas mãos são inimigas, mesmo que nós não sejamos*, lembrou Karou.

*Todos os anjos voltaram tranquilos para casa e ninguém morreu. Fim.*

Seu coração se acelerou. Uma ideia tomava forma. Ela não falou nada, mas deixou o pensamento se desenrolar e, seguindo seus traçados e procurando por defeitos, tentou imaginar quais seriam os argumentos contra. *Seria possível que fosse assim tão simples?* As vozes ao redor pareciam apenas murmúrios, sem atrapalhar seus pensamentos. *Pode e deve ser assim tão simples.* O plano que tinham até o momento era mais do que complicado. Era confuso. Ela observou os rostos reunidos a sua volta: Akiva, Liraz e o Lobo na sala com ela, Elyon e Issa à porta, e as figuras obscuras atrás deles, visíveis apenas como um tumulto de penas de fogo e ancas peludas, armaduras negras e exoesqueletos vermelhos, peles macias e ásperas, lado a lado.

Todos prontos para voar para a batalha, para encenar perante a humanidade o apocalipse de seus sonhos e pesadelos.

Ou talvez não.

Não foi Akiva ou o Lobo quem primeiro notou a mudança no comportamento de Karou; a maneira como ela se aprumou, o brilho de alegria. Foi Liraz:

— O que houve com você? — Seu tom era de pesarosa curiosidade.

E foi ótimo ter sido Liraz. “Se tiver uma ideia melhor, tenho certeza de que vai nos dizer”, declarou ela ao final do conselho de guerra, em tom de deboche e pouco caso. Agora Karou a olhava com a potência de sua certeza. Seu desespero se tornara convicção, e era como aço.

— Tive uma ideia melhor — disse Karou. — Reúna o conselho. Agora.

*Era uma vez*
*uma garota que foi ver um zoológico de monstros*

*onde todos os espécimes estavam mortos.*

*trinta e seis horas após a Chegada*

# 33

## Como uma invasão alienígena

"Deveriam tratar isso como uma invasão alienígena."

No avião, as palavras de Morgan não paravam de reverberar na mente de Eliza. Lá fora, do outro lado da janela, via-se uma paisagem noturna misteriosa: um borrão de nuvens se abrindo de vez em quando para revelar... escuridão. Será que estavam sobrevoando o Atlântico? Que loucura, não ter certeza nem disso! Por acaso aquilo acontecia toda hora com as pessoas, não saber em que parte do mundo estavam?

Eliza estremeceu e afastou a testa do vidro frio da janela. Não havia nada para ver lá fora além de nuvens e noite. Se aquilo fosse um livro ou um filme, pensou, descobriria sua localização pela posição das estrelas. Os personagens sempre têm uma habilidade aleatória que lhes permite dominar a situação em que se encontram. Tipo: *Ainda bem que passei aquele verão no barco de contrabando do meu tio e aquele belo marinheiro me ensinou navegação astronômica.* Ha.

Eliza não tinha nenhuma habilidade aleatória. Bem, aparentemente sabia gritar igual a um personagem de filme de terror. Muito útil. Ah, e também manejava muito bem um escalpelo. Quando dera aula para os alunos de graduação no laboratório de anatomia lá na universidade, um aluno dissera, brincando, que ela provavelmente conhecia os melhores lugares para apunhalar alguém. Eliza concordou, embora essa fosse uma habilidade à qual nunca tivesse precisado recorrer.

Então basicamente as habilidades especiais de Eliza se resumiam a apunhalar com grande precisão enquanto gritava como em um filme de terror. Era quase uma super-heroína!

Ah, meu Deus. Era o cansaço. Segundo seus cálculos, já estava acordada fazia trinta e seis horas (sem contar o cochilo rápido no laboratório), e não estava nada fácil. O som suave dos roncos do dr. Chaudhary do outro lado do corredor era uma tortura. Como devia ser conseguir pegar no sono sem medo?

Quem seria ela sem o sonho? Quem ela era, aliás? Era "Eliza Jones", criada por si mesma do zero, ou era, imutavelmente, aquele ser diverso, moldado e esmagado por outros?

*Quem tem um destino* não *deve fazer planos.*

Ela estava pensando nisso quando notou o primeiro movimento de descida do avião. Encostou de novo o rosto no vidro gelado da janela e viu que a escuridão lá fora já não era mais completa. Os contornos do mundo se ruborizavam com o nascer do sol e... Espere aí. Eliza se aprumou, virou o rosto para enxergar melhor. Nunca havia ido à Itália, mas tinha certeza de que não era aquilo.

Não havia um... *deserto* na Itália, havia?

Eliza olhou para os agentes sentados várias fileiras atrás, mas a expressão deles não indicava nada.

Com a turbulência, o dr. Chaudhary finalmente acordou e se virou para ela.

— Já chegamos? — perguntou ele, espreguiçando-se.

— Chegamos a algum lugar — respondeu Eliza, e ele também aproximou o corpo da janela para dar uma olhada.

Olhou demoradamente, ergueu as sobrancelhas e voltou a se ajeitar em sua poltrona.

— Hmm.

Apenas isso. O que, no linguajar do dr. Chaudhary, se traduzia em linhas gerais como: *Muito estranho mesmo.*

Eliza sentiu como se suas costelas estivessem esmagando seu coração. *Para onde estão nos levando?*

No momento em que os pneus do avião tocaram uma pista em um trecho ermo de deserto, o sol iluminou uma cadeia de montanhas e revelou uma terra cor de poeira. O único prédio à vista, que servia como terminal, era baixo e parecia ter sido moldado com a mesma terra.

Oriente Médio?, perguntou-se Eliza. Tatooine? Uma placa, pintada à mão com ilegíveis letras exóticas e cheias de curvas. Árabe, talvez? Isso provavelmente eliminava Tatooine.

Um oficial de uniforme militar esperava à margem da pista. Um dos agentes conversou com ele e lhe entregou alguns papéis. À sombra do prédio de areia havia mais dois homens encostados em um SUV. Um deles era um agente, no indispensável terno preto; o outro tinha pele escura e usava uma túnica, um tecido azul brilhante lhe protegendo a cabeça.

— Um tuaregue — observou o dr. Chaudhary. — Homens azuis do Saara.

Saara? Eliza olhou em volta com novos olhos. África.

Os agentes não disseram nada, apenas os levaram até o veículo.

A viagem foi longa e estranha: trechos indistintos e monótonos pontuados por incríveis cidades em ruínas, um varal de roupas ou colunas de fumaça aqui e ali, indicando que pessoas ainda moravam naquela região. Passaram por crianças montadas em camelos e por um grupo de mulheres com lenços na cabeça, vestidos bem coloridos longos e surrados, desbotados pelo sol. Em um ponto tão indistinto quanto qualquer outro, o veículo saiu da estrada e começou a sacolejar colina acima, derrapando em algumas pedras. Os nós dos dedos de Eliza estavam brancos na alça do teto, e todos os pensamentos

sobre anjos foram deixados para trás com o avião.

Ela de repente *soube* que aquilo era algo totalmente diferente, um tipo de compreensão aguda e nada científica que pensava ter deixado para trás. Um mau pressentimento tomou conta de Eliza, libertado do fundo das suas memórias de infância, quando acreditava, com a inocência de uma criança, no que fora ensinada a acreditar: que o mal era real e estava sempre à espreita, que o demônio estava à sombra, só esperando para reivindicar sua alma.

*Não existe demônio*, disse Eliza a si mesma, irritada. Não importava tudo de que ela havia se convencido nos anos que se passaram desde que saíra de casa, era difícil acreditar nisso agora; à luz daqueles acontecimentos.

*As feras estão vindo atrás de vocês.*

— Olhe — disse o dr. Chaudhary, apontando.

No alto da colina, firme na sombra das montanhas distantes, havia um forte de terra vermelha. Quando se aproximaram, os pneus triturando pedriscos pelo caminho, Eliza viu que havia outros veículos estacionados à frente, como jipes e grandes caminhões militares. Viu também um helicóptero pousado mais para o lado. Soldados patrulhavam o perímetro com trajes de camuflagem de deserto, e... Eliza ficou sem ar e se virou para o dr. Chaudhary. Ele também os vira.

De uma passagem que saía do forte vinham figuras naqueles trajes brancos antirradiação.

*Protocolo de invasão alienígena*, pensou Eliza. *Caramba.*

Um dos agentes fez uma ligação e, quando o veículo deles parou perto dos outros, um homem com um bigodão preto estava lá para recebê-los. Usava roupas civis e falava com sotaque e um ar de autoridade.

— Bem-vindo ao Reino do Marrocos, doutor. Eu sou o dr. Youssef Amhali.

Os dois trocaram um aperto de mãos. Eliza ficou com um aceno de cabeça.

— Dr. Amhali... — começou o dr. Chaudhary.

— Por favor, me chame de Youssef.

— Youssef. O senhor pode nos dizer por que estamos aqui?

— Com certeza, doutor. Vocês estão aqui porque solicitei sua presença. Temos... uma situação que excede minha especialidade.

— E qual é sua especialidade? — indagou o dr. Chaudhary.

— Sou antropólogo forense.

— Que tipo de situação? — perguntou Eliza, depressa e alto demais.

O dr. Amhali (Youssef) ergueu as sobrancelhas, avaliando-a. Será que ela deveria ter permanecido como a assistente silenciosa, a mulher obediente? Talvez ele tivesse notado medo na voz dela, ou talvez fosse apenas uma pergunta idiota, considerando seu campo. Eliza sabia bem como era o trabalho dos antropólogos forenses, e o que devia ter atraído todas aquelas pessoas até ali.

Então ele levantou um pouco a cabeça e inspirou, enrugando o nariz com aversão, e Eliza sentiu o cheiro: um ranço forte no ar. Decomposição.

— O tipo de situação, senhorita, que cheira mal em um dia quente — respondeu ele.

Cadáveres.

— O tipo de situação — continuou o dr. Youssef Amhali — que é capaz de provocar uma guerra.

Eliza entendeu, ou pensou ter entendido: uma cova coletiva. Mas não entendia por que *eles* estavam ali. O dr. Chaudhary deu voz a sua dúvida:

— O senhor é o especialista aqui. Por que precisaria de mim?

— Não há especialistas para isso — rebateu o dr. Amhali.

Ele parou de falar. Seu sorriso era mórbido e com um toque de divertimento, mas Eliza viu medo por trás daquele sorriso, por isso teve medo também. *O que será que está acontecendo aqui?*

— Por favor — disse o dr. Amhali, fazendo um gesto para que fossem à frente dele. — É mais fácil se vocês virem com os próprios olhos. O poço fica por aqui.

# 34

## Coisas conhecidas e enterradas

Eles estavam havia pelo menos vinte minutos cuidando de burocracias, assinando uma série de acordos de confidencialidade que aumentavam a ansiedade de Eliza a cada página. Mais quinze minutos tentando entrar nos trajes antirradiação — agravando ainda mais a ansiedade —, até finalmente se juntarem ao desfile de pessoas de branco que seguiam como uma fila de insetos pelo caminho até o forte.

O dr. Amhali parou no alto da colina. Sua voz saiu fraca, filtrada pelo aparato de respiração do traje especial:

— Antes de seguirmos adiante, devo lembrá-los: o que vocês verão é confidencial e altamente volátil. O sigilo é crucial. O mundo não está preparado para ver isso, e nós certamente não estamos preparados para que isso seja visto. Entendido?

Eliza fez que sim. Com a visão periférica bloqueada, precisou se virar para ver que o dr. Chaudhary também assentia. Várias figuras de branco marchavam atrás, e ela percebeu que não havia como distingui-los. Se piscasse, podia perder o dr. Chaudhary de vista. Sentia como se tivesse adentrado uma espécie de purgatório. Era tudo completamente surreal, e só piorou quando ela viu a área restrita, ao fim de uma ladeira na casbá. Uma corda delimitava um perímetro com várias barracas de contenção em tom amarelo-berrante. Geradores enormes zumbiam, enviando energia para as barracas por meio de cabos, como cordões umbilicais. Funcionários andavam de lá para cá, parecendo larvas àquela distância nas roupas plásticas brancas que os cobriam da cabeça aos pés.

Mais ao longe, soldados patrulhavam a área. No céu, mais helicópteros.

O sol era inclemente, e Eliza sentia como se o suprimento de ar chegasse à máscara por um canudinho. Desajeitada e sem conseguir se movimentar direito naquele traje, tentava encontrar um caminho para descer a ladeira. O medo, como sua própria sombra, ampliava-se diante dela.

*O que havia no poço? E nas barracas?*

O dr. Amhali os guiou até a barraca mais próxima e parou mais uma vez.

— "As feras estão vindo atrás de vocês" — citou ele. — Foi o que o anjo disse. — E Eliza sentiu como se, em segundos, tivesse se tornado apenas um batimento cardíaco envolta em plástico. *Feras. Ai, meu Deus, aqui?* — Pelo visto já estão entre nós.

*Entre nós, entre nós.*

E, com um floreio de mágico, ele ergueu a entrada da barraca, revelando...

... feras.

Eliza lentamente percebeu que a palavra *fera* englobava um amplo espectro de criaturas. Animais, monstros, demônios, até mesmo criaturas oníricas indescritíveis, tão terríveis que poderiam fazer o coração de uma garotinha parar de bater. Mas as feras diante dela não eram desse último tipo. Nem de longe.

Aqueles não eram os seus monstros, e, à medida que seu coração retomava o ritmo normal, Eliza se repreendia. É claro que não eram. O que ela estava pensando? Ou *não* estava pensando? Seus monstros existiam em um vasto plano onírico, em uma ordem de magnitude completamente diferente.

*Você chama isso de feras, Youssef?*, poderia ter dito, rindo e ofegando de alívio. *Você não sabe nada sobre feras.*

Mas ela não riu, apenas sussurrou:

— Esfinges.

— Perdão? — indagou o dr. Amhali.

— Parecem esfinges — explicou ela, erguendo a voz, mas sem tirar os olhos das criaturas. Seu medo havia desaparecido. Fora substituído pelo fascínio. — Da mitologia.

Mulheres-gatos. Duas delas, idênticas. Panteras com cabeças humanas. Ao entrar, ela sentiu imediatamente um alívio do calor. A barraca era refrigerada por um ar-condicionado barulhento, e as esfinges estavam sobre mesas de metal instaladas em cima de tambores de gelo seco. Os corpos felinos tinham pelos macios e pretos, e suas asas — *asas* — eram cobertas de penas negras.

Tinham a garganta cortada, o peito escuro de sangue seco, coagulado.

O dr. Chaudhary passou por Eliza e tirou o capacete do traje de proteção.

— Doutor, não acho que isso seja sensato — disse o dr. Amhali na mesma hora.

Mas o dr. Chaudhary aparentemente não ouviu e se aproximou da esfinge mais próxima. A cabeça dele parecia pequena e desligada do corpo coberto pelo traje, e sua expressão beirava o ceticismo.

Eliza também tirou o capacete, e o fedor a atingiu em cheio — uma versão mais forte do odor que os alcançara no alto da colina, mas ela conseguiu ver as criaturas com muito mais clareza. Postou-se também ao lado do corpo, junto ao dr. Chaudhary. Seu cicerone estava agitado, repreendendo-os sobre o risco e as regras, mas era fácil ignorá-lo em face do que

tinham diante de si.

— Conte-me o que sabe — pediu o dr. Chaudhary, muito sério.

O dr. Amhali contou, mas não tinha muito a dizer. Os corpos (mais de vinte) haviam sido encontrados em um poço aberto. A história se resumia a isso.

— Eu esperava descartar isso rapidamente como uma fraude, mas não consegui — explicou o cientista marroquino. — Minha esperança agora, devo admitir, é que *vocês* consigam.

Como resposta, o dr. Chaudhary apenas ergueu as sobrancelhas.

— Todos eles são como este? — perguntou Eliza.

— Não mesmo — respondeu o dr. Amhali, indicando, com um movimento rígido de cabeça, um lençol de lona branca que cobria uma figura muito mais volumosa que as esfinges.

*O que há ali embaixo?*, perguntou-se Eliza. Mas o dr. Chaudhary apenas assentiu e voltou sua atenção para as esfinges. Ela foi até ele, passou um dos dedos enluvados por uma perna dianteira felina, depois analisou uma asa negra com mais atenção. Levantou uma pena com a ponta do dedo e a examinou.

— Coruja — observou ela, surpresa. — Está vendo as fímbrias? — Ela indicou o raque da pena. — Essas estrias só existem na plumagem de corujas. É o que faz com que o voo seja silencioso. Estas penas parecem de coruja.

— Não creio que isso seja uma coruja — disse o dr. Amhali.

*Tem certeza?*, pensou Eliza ironicamente, *porque ouvi falar que as corujas na África têm cabeça de mulher.* Ela se sentia... confusa. O medo descera a colina com ela. À menção das *feras*, o temor se enroscara como uma serpente em seu corpo, apertando-o — o sonho, o pesadelo, a perseguição, a devoração —, e agora tinha ido embora, deixando alívio como rastro, além de exaustão e assombro. O assombro sobrepunha tudo: a bola no topo da casquinha de sorvete. *Sorvete de pesadelo*, lembrou, zonza.

*Aproveite.*

— Tem razão. Não são corujas — concordou o dr. Chaudhary, e provavelmente apenas alguém que o conhecesse tão bem como Eliza poderia ter detectado a aspereza do sarcasmo. — Pelo menos não totalmente.

O que se desenrolou em seguida foi uma inspeção superficial da cabeça aos pés, com o objetivo de descartar a possibilidade de uma fraude.

— Procure suturas cirúrgicas — instruiu o dr. Chaudhary a Eliza, que obedeceu e examinou os lugares em que os elementos incompatíveis da criatura se uniam: principalmente as asas e o pescoço.

Ela não conseguia ter a mesma esperança do dr. Amhali; não queria encontrar suturas cirúrgicas. Se encontrasse, em primeiro lugar... de onde (ou de *quem*) tinham vindo as cabeças? A situação seria mais um filme de terror que uma importante descoberta científica. Além do mais, era inútil. Ela sabia que as criaturas eram reais. Da mesma forma que sabia que os anjos eram reais.

Simplesmente sabia.

*Não, você não sabe*, disse a si mesma. *Não é assim que funciona. Primeiro vem a intuição, depois é preciso coletar informações, estudar, formular uma hipótese e testá-la. Então talvez você comece a saber.*

Mas ela sabia. Tentar fingir o contrário era como gritar com um furacão.

*Sei outras coisas também.*

E foi então que uma das outras coisas... se apresentou. Era como se uma cartomante virasse uma carta de tarô em sua cabeça e lhe mostrasse esse conhecimento, essa verdade antes virada para baixo... durante sua vida inteira. *Mais. Muito mais tempo que isso.* Estava lá, e era algo muito grande para passar a saber de repente. Muito grande. Eliza respirou fundo, o que não é uma boa ideia quando se está ao lado de um cadáver. Então cambaleou para trás, inspirando depressa várias vezes para limpar o miasma de morte que invadira seus pulmões.

— Você está bem? — indagou o dr. Chaudhary.

— Estou — respondeu ela, tentando ao máximo disfarçar a agitação em que se encontrava.

Não queria que ele achasse que ela estava com nojo, que não conseguia lidar com aquilo. Mais ainda, não queria que ele desejasse ter trazido Morgan Toth no lugar dela. Então voltou logo ao trabalho, ignorando diligentemente a... a carta de tarô, agora virada para cima.

*Existe outro universo.*

Era isso o que ela sabia. Na escola, Eliza havia claramente negligenciado a física em favor da biologia, então só tinha um entendimento bem simplista da teoria das cordas. Ainda assim, sabia que havia argumentos para a existência de universos paralelos, cientificamente falando. Ela não sabia quais argumentos eram esses, mesmo porque não importava. Havia outro universo. Ela não precisava provar isso.

Mas que diabo! A prova estava bem ali, morta a seus pés. E outra prova estava em Roma, viva. E...

Um pensamento lhe ocorreu, com certa hilaridade. “Deveriam tratar isso como uma invasão alienígena”, dissera Morgan, aquele cretino. *Era* uma invasão alienígena. Só que os alienígenas pareciam anjos e feras, e não vinham do “espaço cósmico”, mas de um universo paralelo. Cada vez mais tomada por aquela sensação de hilaridade, Eliza se imaginou apresentando

aquela teoria para os dois doutores a seu lado — *Ei, querem saber o que eu acho?* —, e só então percebeu que aquilo não era hilaridade, mas pânico.

Não eram as feras, o cheiro, o calor, nem mesmo sua exaustão, nem sequer a ideia de outro universo. Era saber. Era sentir dentro de si: a verdade e a profundidade de tudo aquilo enterrados nela, como monstros em um poço. Só que os monstros já estavam mortos e não podiam mais ferir ninguém. O conhecimento podia dilacerá-la.

Sua sanidade, pelo menos.

Já acontecera em sua família. "Você tem o dom", dissera sua mãe quando Eliza, ainda muito nova, estava deitada em uma cama de hospital, cheia de tubos e cercada por máquinas que apitavam. Tinha sido a primeira vez que o coração dela se descontrolara e se transformara em uma massa de músculo fibrilante, quase a matando. Sua mãe não a abraçou, nem assim. Só se ajoelhou ao seu lado com as mãos unidas em oração, um fervor nos olhos; e inveja. Depois disso, sempre a inveja. "Você verá por nós. Guiará todos nós."

Mas Eliza não estava guiando ninguém a lugar algum. O "dom" era uma maldição. Já percebera isso naquela época. Seu histórico familiar apresentava vários casos de loucura, e ela não tinha nenhuma intenção de ser a mais nova de uma série de "profetas" trancafiados em hospícios, alucinando sobre o apocalipse. Tinha batalhado muito para conter seu "dom" e ser quem queria ser, e conseguira. De adolescente que fugiu de casa a pesquisadora da Fundação Nacional de Ciência e futura doutora? Tinha se saído bem pra caramba — em todos os sentidos, menos um. O sonho. Que vinha quando queria, grande demais para ser enterrado, mais poderoso que ela. Mais poderoso que tudo.

Naquele momento, no entanto, outras coisas se agitavam dentro dela, outras verdades que não eram a sua própria, e isso a aterrorizava. Cambaleou várias vezes. Sua tontura chegara ao extremo, e Eliza começou a suspeitar de que, por ter ficado muito tempo sem dormir para evitar o sonho, alguma coisa dentro de si se enfraquecera. Começou então a inspirar e expirar, dizendo-se que podia controlar a mente como controlava os músculos.

— Tem certeza de que está bem? Se precisar de um pouco de ar fresco, por favor...

— Não, não, estou bem — respondeu ela, forçando um sorriso e inclinando-se de novo sobre a esfinge a sua frente.

Como descobriram, não poderiam manter as esperanças do dr. Amhali. Chegaram à conclusão de que não havia suturas nem etiqueta alguma em que se lesse "produzido por Frankenstein", costurada convenientemente na nuca das criaturas. Mas havia uma coisa.

Com os dedos enluvados, Eliza segurou por um tempo uma das mãos das esfinges, observando a marca antes de perguntar:

— O senhor viu isso?

Pela reação silenciosa do dr. Amhali, ela deduziu que sim. Talvez estivesse esperando que os dois a descobrissem. O dr. Chaudhary piscou várias vezes, fazendo a mesma conexão que Eliza.

— A "garota da ponte" — comentou ele.

A "garota da ponte": a beldade de cabelo azul que enfrentara anjos em Praga, as mãos estendidas à frente e marcadas com olhos índigo. A marca fora parar na capa da revista *Time* e desde então era considerada sinônimo de *demônio*. As crianças gostavam de desenhá-la nas próprias mãos com caneta esferográfica quando queriam parecer más. Era o novo 666.

— Vocês estão entendendo o que isso significa? — perguntou o dr. Amhali, de maneira enérgica. — Estão vendo como o mundo vai interpretar isso? Os anjos voam para Roma; que bom para os cristãos, não? Os anjos em Roma alertando a todos sobre feras e guerras, enquanto aqui, em um país muçulmano, nós descobrimos... *demônios*. Como vocês acham que as pessoas vão reagir?

Eliza entendia, sentia o medo que ele sentia. O mundo enlouqueceria com muito menos que "demônios" de carne e osso. Ainda assim, aquelas criaturas inflamavam a curiosidade e o fascínio dentro dela, e Eliza não conseguia se forçar a desejar que fossem fraudes.

De qualquer forma, esse tipo de preocupação cabia a governos e diplomatas, polícias e militares, não a cientistas. O trabalho deles era analisar os corpos que ali estavam; a matéria física, nada mais. Havia muito a fazer: amostras de tecido a coletar e armazenar, além de fotografias a tirar e medições exaustivas a fazer e registrar, tudo como referência para cada corpo. Mas primeiro optaram por uma visão geral do trabalho que tinham pela frente.

— Todos os corpos têm as marcas? — perguntou o dr. Chaudhary ao dr. Amhali.

— Todos, menos um — replicou o dr. Amhali.

Eliza ficou curiosa, mas a criatura que viram depois, a tal figura volumosa sob a lona branca, tinha as marcas, assim como os corpos da barraca seguinte e da seguinte, então acabou esquecendo. Já era o bastante tentar processar o que via (e o cheiro que sentia), um corpo de cada vez. Estava enjoada e impressionada, o pânico nunca se distanciando — a sensação de coisas conhecidas e enterradas —, e se sentia também vítima de uma tristeza peculiar. Seguir de barraca em barraca daquele jeito e ver aquelas misteriosas criaturas de outro mundo: parecia um zoológico onde todos os espécimes estavam mortos.

Todos eram amálgamas selvagens de partes reconhecíveis de animais, em estágios cada vez mais avançados de decomposição. Quanto mais fundo no poço houvesse sido encontrada a criatura, mais tempo havia se passado desde sua morte, o que sugeria que elas foram sendo assassinadas uma a uma no decorrer de um período, não todas de uma vez. O que quer que tivesse acontecido ali, não havia sido um massacre.

Então chegaram à ultima barraca, isolada no lado oposto do poço.

— Este aqui estava enterrado sozinho — disse o dr. Amhali, levantando a porta para eles entrarem. — Em uma cova rasa.

Eliza entrou. Ao ver o último "exemplar" do zoológico morto, a tristeza a invadiu com mais força do que nunca. Aquela era a criatura que não tinha marcas nas palmas das mãos. Fora enterrada com certo cuidado; não jogada no poço fétido, mas deitada e coberta com areia e cascalho. Havia ainda um resíduo cinzento de terra grudado em sua pele, de tal forma que a fazia parecer uma escultura.

Talvez tenha sido por isso que ela conseguiu pensar, no primeiro instante, que ele era bonito. Porque ele não parecia real. Parecia arte. Quase poderia ter chorado por ele, o que não fazia sentido. Se os outros tinham vários aspectos "monstruosos", ele era o mais "demoníaco" ou "diabólico": quase todo humanoide, com compridos chifres negros, cascos fendidos e asas de morcego estendidas no chão de ambos os lados, com quase quatro metros de envergadura, quase alcançando as laterais da barraca.

Mas Eliza não achou que ele fosse demoníaco, assim como não achou que os anjos fossem "angelicais".

*O que aconteceu aqui?*, perguntou-se em silêncio. Não era seu trabalho descobrir isso, mas era mais forte que ela. As perguntas se agitavam em seu peito como pássaros assustados. *Quem matou estas criaturas, e por quê? E o que estavam fazendo no deserto do Marrocos? E... como se chamavam?*

Parte de sua mente lhe dizia que perguntar-se quais seriam seus nomes era a reação errada para alguém que está vendo cadáveres de monstros, mas aquele último corpo em especial, com seus belos traços, a fez querer saber. A ponta de um dos chifres estava quebrada — um simples detalhe que a instigou a imaginar como aquilo acontecera, e dali foi um pulo até se perguntar todo o resto. Como tinha sido a vida dele e por que havia morrido?

Os homens estavam conversando. Ela ouviu o dr. Amhali contar ao dr. Chaudhary que, ao que parecia, as criaturas haviam passado algum tempo na casbá e tinham ido embora apenas dois dias antes.

— Alguns nômades testemunharam a partida — dizia o dr. Amhali.

— Esperem — interrompeu Eliza. — Alguns deles foram vistos vivos? Quantos?

— Não sabemos. As testemunhas estavam histéricas. Dezenas, pelo que disseram.

Dezenas. Eliza queria vê-los. Queria vê-los vivos.

— E para onde foram? Vocês os encontraram?

A voz do dr. Amhali soou amarga:

— Eles foram por ali. — E apontou... *para cima*. — E não, nós não os encontramos.

De acordo com as testemunhas, os "demônios" tinham voado em direção às montanhas Atlas, embora não tivesse sido encontrada nenhuma evidência que confirmasse tal hipótese. Não fosse a prova em forma de cadáveres de monstros em decomposição, a história teria sido considerada absurda. Os helicópteros continuavam a varrer as montanhas, e agentes haviam partido de jipe e camelo para tentar localizar qualquer tribo berbere e pastores que pudessem ter visto alguma coisa.

Eliza saiu da barraca com os doutores. *Não vão encontrá-los*, pensou ela, olhando para as montanhas, a visão dos picos cobertos de neve tão incongruente naquele calor. *Existe outro universo, e é para lá que eles foram.*

# 35

## Três Vezes Decaído

— *Saia. Agora.*

Assim que a porta se fechou atrás dele, Jael, imperador dos serafins, sacudiu os ombros com violência para desalojar a criatura invisível montada em suas costas.

Se Razgut quisesse ficar onde estava, uma manobra como aquela nunca o teria soltado. Ele era forte, bem como sua determinação e, após uma longa vida de tormentos inimagináveis, tinha aumentado sua tolerância à dor. “Obrigue-me”, ele poderia ter respondido, dando uma gargalhada louca enquanto o imperador fazia o pior que conseguia.

Na maioria das vezes, achava que valia a pena sentir dor para causar sofrimento aos outros, mas a maldade de Jael suplantava até mesmo o prazer de torturá-lo, portanto Razgut obedeceu com satisfação. Soltou-se do imperador e arfou ao cair no chão de mármore com um baque surdo, tornando-se visível no momento do impacto. Endireitou-se, as pernas atrofiadas deslocadas para o lado.

— De nada — disse, em um arremedo de dignidade.

— Você acha que eu deveria lhe agradecer? — Jael tirou o elmo e atirou-o para um guarda. O rosto deformado só podia ser revelado em total privacidade: a horrenda cicatriz que ia do couro cabeludo até o queixo, obliterando seu nariz e transformando sua boca em um buraco barulhento e ceceante. — Pelo quê? — inquiriu, uma cusparada voando de seus lábios.

Um sorrisinho deformou o rosto abominável de Razgut: um saco inchado e roxo com a pele esticada que lembrava a de uma bolha. Ele respondeu com impertinência e em latim, que, é claro, o imperador não entendia.

— Por não quebrar seu pescoço quando tive a chance. Teria sido bem fácil.

— Chega das suas línguas humanas — reclamou Jael, em um tom arrogante e impaciente. — O que está dizendo?

Estavam em uma luxuosa suíte no Palácio Apostólico, vizinho à Basílica de São Pedro. Tinham acabado de voltar de uma reunião com líderes mundiais, na qual Jael apresentara seus pedidos. Ou melhor, repetira cada sílaba que Razgut sussurrava em seu ouvido.

— Pelas palavras — disse Razgut, em seráfico desta vez, e com gentileza. — Sem minhas palavras, milorde, o que é o senhor além de um rostinho bonito?

Ele abafou o riso. Jael lhe deu um chute.

Não foi um chute dramático. Não havia nenhum exibicionismo naquele ato, apenas uma eficiência brutal. Um chute rápido e violento. A biqueira reforçada com aço de sua sapata atingiu em cheio a lateral do corpo de Razgut, bem fundo na carne inchada e disforme. Razgut gritou. A dor foi aguda e intensa, precisa. Ele dobrou o corpo.

Rindo.

Havia uma fissura na mente de Razgut. Uma mente que outrora fora muito perspicaz. A fissura era um defeito em um diamante, uma emenda em um globo de cristal. Que se irradiava como uma teia de aranha. Serpenteava. Que pervertia qualquer sentimento comum em uma espécie de primo mutante: reconhecível, mas extremamente tortuoso. Quando ele olhou de novo para Jael, o ódio se misturava à alegria em seus olhos.

Eram os olhos que o identificavam como quem era. Ao observá-lo de longe na companhia de seu povo, parecia impossível considerá-los da mesma raça. Serafins eram sinônimos de simetria e graça, poder e magnificência — mesmo Jael, desde que o eixo central de seu rosto permanecesse coberto. Já Razgut era uma criatura disforme e rastejante, uma corruptela de carne, mais demônio que anjo. Havia sido belo um dia, ah, sim, mas agora apenas seus olhos revelavam isso. Amendoados, a beleza deles ainda se destacava no rosto inchado e arroxeado.

Outra coisa ainda mais terrível revelava sua origem: as pontas quebradas de ossos que se projetavam das escápulas. As asas de Razgut haviam sido arrancadas. Nem mesmo cortadas: rasgadas. A dor já tinha mil anos, mas ele nunca a esqueceria.

— Quando houver armas nas mãos dos meus soldados — disse Jael, aproximando-se dele —, quando a humanidade estiver de joelhos diante de mim, então talvez eu valorize suas palavras.

Razgut sabia que não era bem assim e que estava destinado a virar uma mancha de sangue no instante em que Jael conseguisse suas armas. Isso o deixava em uma situação interessante, pois era ele o encarregado de consegui-las.

Se Razgut se tornaria uma mancha de sangue em caso de fracasso ou sucesso, a questão era: preferia ser uma mancha de sangue trêmula e obediente, ou voluntariosa e enraivecida, derrubando as ambições de um imperador a seu redor?

Parecia uma decisão fácil. Como seria simples humilhar e destruir Jael... Razgut se divertira no magnânimo e importante encontro ao qual haviam acabado de comparecer, pensando em falas absurdas que poderia sussurrar para ele. Aquele idiota estava tão certo da servilidade abjeta de Razgut que repetiria tudo sem pensar. Era uma grande tentação. Razgut rira várias vezes imaginando a cena.

*Não existem deuses, seus tolos*, poderia tê-lo feito dizer. *Existem apenas monstros, e eu sou o pior deles.*

Era divertido estar com as cartas na mão. Razgut sabia muito bem que, se Jael tivesse aparecido ali sem ele e se dirigisse aos terráqueos em sua língua nativa, os anfitriões teriam investido toda a considerável engenhosidade humana para criar um programa de tradução e teriam conseguido entendê-lo perfeitamente bem em uma semana. E talvez até conseguissem falar em seráfico também, por meio de uma voz gerada por computador.

Como se pode imaginar, ele não explicou isso a Jael. Melhor interceptar cada sílaba, controlar cada frase. Dizer ao embaixador russo: *Alguém tem chiclete? Meu hálito é insuportável.*

Ou talvez para o secretário de Estado americano: *Vamos selar nossa comunhão com um beijo. Venha aqui, meu querido, e tire meu elmo.*

*Isso sim* seria divertido, não?

Mas ele se conteve, pois a decisão — arruinar Jael ou ajudá-lo — tinha ramificações extensas e profundas, que iam muito além do que o próprio imperador imaginava.

Ah. Muito além.

— Você terá suas armas — dissera-lhe Razgut. — Mas precisamos tomar cuidado, meu senhor. Este é um mundo livre, não um exército a seu comando. Devemos fazer com que eles *queiram* nos dar aquilo que desejamos.

— Dar a *mim* tudo que *eu* desejo — corrigiu Jael.

— Ah, sim, para o senhor — retificou Razgut. — Tudo para o senhor, milorde. Suas armas, sua guerra e os intocáveis Stelian, rastejando a seus pés.

Os Stelian. Eles seriam o primeiro alvo de Jael, e isso era ótimo. Razgut não sabia o que havia despertado o ódio especial do imperador por eles, mas a razão não importava, apenas o resultado.

— Como esse dia será lindo.

Ele sorria com afetação, ele bajulava Jael. Escondia a gargalhada, e ainda assim se sentia bem porque... Ah, porque ele sabia das coisas, sim, sim, e era bom ser aquele que sabia das coisas. O único que sabia.

Razgut contara seus segredos uma única vez, para aquele cuja sede de conhecimento o transformara na mula de um Decaído. Izîl. Surpreendia Razgut perceber como sentia falta daquele velho mendigo. Ele era inteligente e bondoso, e Razgut o destruíra. Bem, mas o que o humano esperava? Receber algo em troca de nada? De acadêmico a louco, de médico a ladrão de túmulos, esse fora seu destino, mas ele tinha conseguido o que desejava, não tinha? Mais conhecimento até do que Brimstone poderia ter lhe dado, porque nem mesmo o velho diabo sabia *daquilo*. Razgut se lembrava do que ninguém mais lembrava.

O Cataclisma.

*Terrível e terrível e terrível para todo o sempre.*

O esquecimento não acontecera por acaso. Mentes foram alteradas. Esvaziadas. Mãos arrancaram o passado. Mas não de Razgut.

Izîl, o velho tolo, tentara contar ao anjo de olhos de fogo que fora procurar por eles no Marrocos. Akiva era seu nome; tinha sangue Stelian, mas não o conhecimento Stelian, isso estava claro, e ele não lhe dava ouvidos. “Posso lhe dizer coisas!”, gritara Izîl. “Segredos! Sobre os seres como você. Razgut sabe histórias...”

Mas Akiva o interrompera, recusando-se a ouvir a palavra de um Decaído. Como se ele soubesse o que isso significava! *Decaído.* Ele pronunciara a palavra como uma maldição, mas não tinha a menor ideia. “Como mofo nos livros, os mitos crescem sobre a história”, dissera Izîl. “Talvez você devesse perguntar a alguém que esteve lá, tantos séculos atrás. Talvez devesse perguntar a Razgut.”

Mas ele não perguntara. Ninguém nunca perguntara a Razgut. *O que aconteceu com você? Por que fizeram isso com você? Quem você é na verdade?*

Ah... Deveriam ter perguntado.

Razgut disse a Jael:

— Vamos trazer os humanos para o nosso lado, não tema. Eles são sempre assim, sempre discutem. É uma fonte de prazer para eles. Além disso, não é com esses chefes de Estado presunçosos que devemos nos importar. Isso é apenas encenação. Enquanto sacodem o rosto encarquilhado uns para os outros, o povo está trabalhando para o senhor. Guarde minhas palavras. Já deve haver grupos construindo arsenais, preparando-os para entregá-los ao senhor. Será só uma questão de escolha, milorde: de quais mãos o senhor vai querer receber os arsenais.

— Então onde estão todas essas ofertas? — indagou ele, cuspindo. — *Onde?*

— Paciência, paciência...

— Você disse que eu seria venerado como um deus!

— Sim, bem, você é um deus feio — disparou Razgut, que também não era nenhum modelo de paciência. — Você os deixa nervosos. Você cospe quando fala, esconde-se por trás da máscara e olha para eles como se fosse matar a todos em suas camas. Já pensou em tentar ser um pouco mais charmoso? Meu trabalho seria mais fácil.

Mais uma vez Jael lhe deu um chute. Foi um golpe ainda mais violento, e Razgut tossiu sangue no magnífico piso de mármore. Então mergulhou um dedo na pocinha que se formou e rabiscou uma obscenidade.

Jael balançou a cabeça em desgosto e caminhou com arrogância até uma mesa onde haviam disposto algumas bebidas.

Serviu-se de um cálice de vinho e começou a andar de um lado para o outro.

— Está demorando demais — disse ele, com ódio na voz. — Não vim aqui para rituais e cânticos. Vim em busca de armas.

Razgut fingiu suspirar e começou a se arrastar lenta e penosamente em direção à porta.

— Está bem. Vou até lá falar com eles. Vai ser mais rápido mesmo. Sua pronúncia do latim é péssima.

Jael fez sinal para os dois soldados do Domínio que vigiavam a porta, e Razgut gargalhava quando eles o pegaram por baixo dos braços e o arrastaram de volta, atirando-o com força aos pés de Jael. Ria descontroladamente da própria piada.

— Imagine só a cara deles! — berrou, limpando uma lágrima de um dos belos olhos escuros. — Ah, imagine se o papa entrasse aqui agora e visse nós dois em toda a nossa magnificência! "Essas coisas são anjos?", gritaria ele, levando a mão ao coração. "Ah, mas então, em nome de Deus, o que são as *feras*?" — Razgut se curvou, as risadas fazendo seu corpo se sacudir todo.

Jael não achou a mesma graça.

— Não existe esse "nós dois" — pontificou, com a voz fria e muito suave. — E saiba disto, *coisa*: se algum dia você me irritar...

Razgut o interrompeu:

— O quê? O que vai fazer comigo, caro imperador? — Ele ergueu os olhos e encarou Jael. Firme e tranquilo. — Olhe e veja. Olhe dentro de mim e saiba. Eu sou Razgut, Três Vezes Decaído, o Mais Desgraçado dos Anjos. Não há nada que você possa tirar de mim que já não tenha sido arrancado, nada que possa fazer que já não tenha sido feito.

— Você ainda não foi morto — disse Jael, inflexível.

Ao ouvir isso, Razgut sorriu. Os dentes eram perfeitos naquele rosto horrendo, e a fissura em sua mente revelou a loucura em seus olhos. Com uma insinceridade debochada, ele juntou as mãos em oração e implorou:

— Não, isso não, meu senhor. Ah, me machuque, me torture, mas o que quer que faça, por favor, por favor, não me dê a *paz*!

E espasmos de fúria passaram pelo rosto rasgado de Jael, seu maxilar tão trincado que a cicatriz ficou branca, enquanto ele se inflamava e ficava cada vez mais vermelho. O imperador deveria ter entendido então. Isso foi o que Razgut pensou, ainda rindo, enquanto Jael o chutava com a biqueira de aço dos sapatos, dando à luz dor após dor, toda uma família, uma dinastia de sofrimento. Nesse momento Jael deveria ter percebido, finalmente, que não estava no controle. Não podia matar Razgut; precisava dele. Para interpretar as línguas humanas, sim, mas também mais que isso: para interpretar os *humanos*, para entender sua história, sua política e sua psicologia e elaborar uma estratégia e uma retórica que os atraísse.

Ele poderia chutá-lo, ah, sim, e Razgut embalaria sua dor a noite toda e a confortaria como a bebês. Pela manhã, contaria seus ferimentos, rancores e tristezas e seguiria sorrindo, sabendo de todas as coisas de que ninguém se lembrava, das coisas que nunca deveriam ter sido esquecidas, e a razão (ah, deuses da luz, a mais incrível e terrível razão!) pela qual Jael deveria deixar os Stelian em paz.

— Sou Razgut, Três Vezes Decaído, o Mais Desgraçado dos Anjos — cantarolou ele em uma mistura de línguas humanas, de latim a árabe a hebraico, interrompendo o mantra com gemidos a cada chute. — E eu sei o que é o medo! Ah, sim, e sei como são as feras também. Você acha que sabe, mas não sabe, e vai descobrir, ah, vai, vai sim. Vou conseguir as armas para você bem rápido, e vou rir quando me matar tanto quanto rio enquanto me chuta, e você ouvirá o eco das minhas risadas no fim de tudo e saberá que eu poderia tê-lo detido. Eu poderia ter lhe *contado*.

*Não faça isso, ah, não, isso não*, ele poderia ter dito. *Ou todos vão morrer.*

— E eu talvez contasse — acrescentou ele em seráfico —, se você fosse mais gentil com esta pobre e sofrida criatura.

# 36

## O ÚNICO SER NÃO IDIOTA DO PLANETA

— Olá, rei Morgan — cumprimentou Gabriel, enfiando a cabeça pela porta do laboratório. — Como está o único ser não idiota do planeta neste dia tão bonito?

— Vai se ferrar — replicou Morgan, sem tirar os olhos do computador.

— Ah, que maravilha — disse Gabriel. — Também estou tendo uma manhã ótima. — Ele deu alguns passos para dentro e olhou em volta. — Você viu Eliza por aí? Ela não passou em casa.

Morgan *pfffeou*. Pelo menos essa era a palavra foneticamente mais próxima para o som que ele emitiu: *pfff*.

— Sim, eu a vi. E aquela cena de Eliza Jones dormindo de boca aberta estragou meu dia.

— Ah — comentou Gabriel, solidário e encorajador. — Não, provavelmente não foi isso. Seu dia provavelmente já estava estragado quando você acordou de um sonho cheio de amigos e admiração e percebeu que ainda era você mesmo.

Morgan finalmente se virou para fuzilá-lo com um olhar irritado.

— O que você quer, Edinger?

— Achei que tivesse dito. Estou procurando Eliza.

— Que obviamente não está aqui — respondeu Morgan, voltando-se de novo para o computador.

Ele estava quase dizendo, com toda a sua falsidade, que ela talvez não estivesse nem no país, e ia comentar em seguida que sua ausência provavelmente era responsável pela extraordinária leveza do ar, mas então Gabriel voltou a falar:

— Estou com o celular dela. Ela não foi para casa, e tem um milhão de mensagens não lidas. Eu sinceramente não achava que fosse possível alguém *sobreviver* esse tempo todo sem celular. Tem certeza de que ela está bem?

E a expressão de Morgan Toth mudou. Ainda estava de costas para Gabriel, mas este poderia ter notado o reflexo de Morgan na tela do computador se estivesse prestando atenção. O problema é que nunca prestava muita atenção em Morgan Toth.

— Ela foi para algum lugar com o dr. Chaudhary — disse Morgan, em seu tom amargo de sempre, mas dessa vez com uma dissimulação, uma ansiedade fria e maliciosa. — Devem voltar logo. Se quiser, pode deixar o celular aí.

Gabriel hesitou. Com o celular na palma da mão, olhou em volta. Então viu o moletom de Eliza pendurando em uma cadeira perto de um dos sequenciadores.

— Tudo bem — disse, por fim, dando alguns passos para deixar o telefone perto do casaco. — Pode dizer para ela me mandar uma mensagem quando chegar?

— Claro. — Morgan assentiu, e por um segundo Gabriel hesitou à porta, suspeitando da atitude repentinamente tão gentil daquele pedante intratável. Mas então Morgan acrescentou: — Vamos fazer o seguinte. Por que você não prende a respiração até isso acontecer?

Gabriel apenas revirou os olhos e saiu.

E Morgan Toth foi incrivelmente contido. Esperou cinco minutos, cinco minutos inteiros: trezentas pequeninas oscilações do ponteiro maior do relógio. Só então trancou a porta e pegou o celular.

# 37

## A cabeça ocupada pela felicidade

— Tem certeza de que pode fazer isso? — perguntou Akiva à irmã, as sobrancelhas franzidas de preocupação.

Eles estavam na entrada da caverna onde, no dia anterior, os exércitos tinham quase destruído um ao outro. A cena diante deles agora era... bem diferente.

— O quê, passar vários dias na companhia da sua amante? — replicou Liraz, levantando os olhos do talim. — Não vai ser fácil. Se ela tentar me fazer vestir roupas humanas, não me responsabilizo pelos meus atos.

Akiva abriu um sorriso sem graça em resposta. Não havia nada que ele quisesse mais do que passar vários dias com Karou, mesmo dias como aqueles prometiam ser: tentando persuadir o tio sádico e louco por guerras a voltar para casa, contra sua vontade.

— Estou deixando você responsável por mais do que seus atos — disse Akiva, pretendendo que as palavras soassem leves.

Mas não soaram. Os olhos de Liraz faiscaram de raiva.

— O quê, não confia em mim para cuidar da sua preciosa namoradinha? Talvez você devesse designar um batalhão inteiro para escoltá-la.

*Ou apenas ir eu mesmo*, era o que Akiva queria dizer. Ele prometera a Karou que não a perderia de vista, mas isso se fazia necessário, uma última vez. Todos concordaram com o plano dela, ousado e astucioso, e a parte que cabia a Akiva era significativa e crucial, mas o obrigaria a ficar em Eretz enquanto Liraz acompanhava Karou de volta ao mundo humano.

— Você sabe que confio em você — disse ele.

Era quase verdade. Akiva confiava mesmo em Liraz para proteger Karou. Aquela pergunta (se ela tinha certeza de que podia fazer aquilo) tinha outro sentido.

— Quando chegar a hora, você vai conseguir não matar Jael?

— Eu disse que sim, não disse?

— Não foi muito convincente — rebateu Akiva.

No conselho de guerra que reuniram, Liraz reagira à proposta de Karou com uma gargalhada incrédula, depois olhara para cada um dos soldados em volta da mesa, mais e mais espantada ao ver que pareciam levar a ideia a sério.

Considerar não matar Jael.

Por enquanto.

E quando, depois de muita discussão, tudo havia sido decidido, ela caíra em um suspeito silêncio que Akiva interpretara da seguinte forma: não importava o que dissesse naquele momento, pois, quando estivesse diante do desprezível tio, sua irmã faria exatamente o que tivesse vontade.

— Eu disse que sim — repetiu ela com resolução, e seu olhar o desafiava a questioná-la mais.

*Vamos ser claros, Lir,* ele se imaginou dizendo. *Você não está planejando estragar tudo, está?*

Mas ele não insistiu.

— Vamos vingar a morte de Hazael — disse. Não era um consolo ou uma meia verdade. Ele queria isso tanto quanto ela.

Liraz deu uma risada cínica.

— Bem... Aqueles que não estiverem com a cabeça ocupada pela felicidade podem até conseguir.

Akiva sentiu a alfinetada. *A cabeça ocupada pela felicidade.* Soava frívolo e pior: negligente. Seria *mesmo* uma traição à memória de Hazael estar apaixonado? Mas o anjo só conseguia pensar no que Karou lhe dissera mais cedo, sobre fazer o pior que se pode em nome dos mortos, e se era isso o que eles desejariam para nós. Ele não precisava nem pensar. Sabia que Hazael não guardaria rancor por sua felicidade. Mas estava claro que Liraz o faria.

Ele não respondeu à provocação. O que poderia dizer? Bastava olhar em volta para ver a não frivolidade do amor. Ali, naquela caverna, aquela reunião desconfortável de serafins e quimeras não era nada menos que um milagre, e era o milagre *deles*, de Akiva e Karou. Ele não diria isso em voz alta, mas, no fundo, sabia que era.

É claro, Liraz também tinha sua parte nisso, ela e Thiago. Aquela tinha sido uma visão e tanto: os dois lado a lado, unindo seus exércitos pelo exemplo. Haviam intermediado a negociação que criara batalhões mistos e distribuído as tarefas. Akiva marcara todos os duzentos e noventa e seis irmãos com seu novo contrasselo de hamsás, e naquele instante, diante de seus olhos, os exércitos testavam suas marcas uns nos outros.

Alguns soldados dos dois lados hesitavam, mantendo-se afastados, mas a maioria, ao que parecia, estava engajada em uma espécie cautelosa de... bem, *joguinho de reconhecimento*, só que uma espécie bem menos cruel do que aquele que Liraz jogara mais cedo.

Akiva observava seu irmão Xathanael pedir a uma Sab com cabeça de chacal que lhe mostrasse as palmas das mãos. Ela hesitou e olhou de relance para o Lobo. Ele assentiu, encorajando-a, e ela obedeceu. Ergueu as mãos, os olhos de tinta virados

para Xathanael. Nada aconteceu.

Eles estavam de pé em cima da mancha escura de sangue de Uthem, no mesmo ponto em que, no dia anterior, tudo estivera tão perto de ser arruinado, mas nada acontecera. Xathanael ficou tenso por um segundo, mas relaxou com uma risada e bateu no ombro da Sab com mais força do que seria o recomendado para não parecer uma agressão. No entanto, sua gargalhada foi mais forte, e a Sab não levou a mal.

Perto deles, Akiva viu Issa aceitar o pedido de Elyon de tocá-lo, estendendo o braço para colocar sua graciosa mão sobre a dele, coberta de cicatrizes e marcas de contagem.

Havia uma potência naquela cena que Akiva queria poder destilar e transformar em um elixir para o restante de Eretz. *Alguns, e depois mais*, pensou ele, como uma reza.

Então procurou o brilho azul com o qual sempre estava sintonizado, e seu olhar e o de Karou se encontraram. Um vislumbre, uma chama. Um olhar, e ele se sentiu embriagado de luz. Ela não estava perto. *Pelos deuses da luz, por que ela não estava perto?* Akiva estava cansado da quantidade de ar que continuava a se colocar entre eles. Em pouco tempo haveria léguas e céus entre os dois...

— Sinto muito — disse Liraz em voz baixa. — Não foi justo.

Ele foi invadido por uma onda de calor e por uma ternura de orgulho e instinto protetor pela irmã temperamental, para quem não era nada fácil pedir desculpas.

— Não, não foi — concordou ele, esforçando-se para soar leve. — E, falando em justiça, você poderia ter esperado alguns minutos antes de irromper pela porta daquele jeito mais cedo. Tenho certeza de que mais alguns segundos e íamos nos beijar.

Liraz soltou uma risada, pega assim desprevenida, e a tensão entre eles desapareceu.

— Vai ter que me perdoar se a minha quase-*morte* interrompeu o seu quase-*beijo*.

— Está perdoada.

Era difícil brincar sobre a desgraça que por tão pouco fora evitada, mas era o que Hazael faria. Esse princípio norteador (o que Hazael faria) sempre funcionava.

— Está perdoada *desta vez* — enfatizou ele. — Da próxima, por favor, programe sua quase-morte para um momento mais apropriado. Melhor ainda: nada de quase-morrer.

*Experimente quase-beijar em vez disso,* pensou ele, *ou beijar mesmo*, mas não falou nada, em parte porque era algo impossível de imaginar, e também porque sabia que iria irritá-la. Mas gostaria que ela vivesse essa experiência, que Liraz pudesse se ver, algum dia, com a cabeça ocupada pela felicidade.

— Vou tomar um banho antes de sairmos — avisou Akiva, afastando-se da parede da caverna em que tinha se recostado.

Várias horas ininterruptas de magia tinham deixado seu corpo parecendo chumbo. Ele fez movimentos circulares com os ombros e alongou o pescoço.

— Você deveria ir às fontes termais — disse Liraz. — São... realmente maravilhosas.

Ele parou de repente e olhou intrigado para a irmã.

— Realmente maravilhosas?

Ele achava que nunca tinha ouvido Liraz usar a palavra *maravilhoso* antes, e... aquilo era mesmo um rubor nas faces dela?

Interessante.

— O efeito das águas restauradoras, é claro — explicou ela, e seu olhar direto e inabalável era direto e inabalável demais: ela escondia algum sentimento com fingida serenidade, e estava exagerando. E não podemos esquecer o rubor.

*Muito* interessante.

— Bem, não tenho tempo para isso agora — rebateu Akiva. Havia água em uma câmara um pouco mais à frente no caminho. — Vou estar logo ali — explicou ao sair.

Ele teria gostado de ir às fontes termais (teria gostado de ir até lá *com Karou*), mas esse era mais um item para a lista de coisas que queria fazer quando pudesse viver sua vida.

Tomar banho com Karou.

Akiva foi então invadido por uma onda de calor que, surpreendentemente, não encontrou nenhuma barreira imediata de culpa e abnegação. Estava tão acostumado a se deparar com ela que sua ausência era surreal. Era como dobrar uma esquina que já se dobrou milhares de vezes e encontrar, em vez da parede que se sabe que está lá, uma grande extensão de céu.

Liberdade.

E se eles ainda não estavam lá, Akiva ao menos se sentia livre para sonhar, o que já era ótimo.

Karou o perdoara.

Ela o amava.

E eles iam se separar de novo, e ele não a tinha beijado, e nada disso estava bom. Mesmo se não precisassem esconder seus sentimentos dos dois exércitos, e mesmo que ainda pudessem ter um momento roubado só deles, Akiva tinha uma superstição de soldado sobre o adeus. Não se deve dizê-lo. Dá azar, e um beijo de despedida era só outra forma de dizer adeus. Um beijo de começo não deveria ser um beijo de separação. Teriam que esperar pelo momento certo.

O caminho se curvava em uma câmara, onde um canal de água gelada escorria da parede bruta, correndo por vários metros

na altura da cintura em uma depressão da rocha antes de desaparecer novamente. Como tantas maravilhas daquelas cavernas, parecia natural, mas provavelmente não era. Akiva tirou o arnês no qual levava sua espada, pendurando-o na ponta de uma rocha, e depois, a blusa.

Pegou a água fria com as mãos em concha e lavou o rosto. E assim fez várias vezes, levando água ao rosto, pescoço, peito e ombros. Mergulhou a cabeça na água e depois se endireitou, sentindo-a evaporar ao entrar em contato com o calor de sua pele, enquanto corria em filetes por entre as asas.

Ele havia concordado com o plano de Karou porque parecia promissor. Era inteligente e bem menos arriscado do que os planos anteriores e, se funcionasse, a ameaça de Jael ao mundo humano diminuiria radicalmente, como um furacão reduzido a uma rajada de vento. Ainda precisariam se preocupar com Eretz, mas Eretz sempre fora uma fonte de preocupação, e teriam evitado que seu inimigo adquirisse "armas de destruição em massa", como Karou as havia chamado.

Liraz podia ter debochado de Karou no primeiro conselho, sugerindo que simplesmente pedissem a Jael para se retirar, mas, em essência, era esse o plano: pedir a ele que, por gentileza, pegasse seu exército e voltasse para casa, sem o que fora buscar; boa noite e muito obrigado.

É claro que o *incentivo* era a parte crucial do plano. Era simples e brilhante — não era "por gentileza" —, e Akiva não duvidava de que Karou e Liraz teriam sucesso nisso. Elas eram formidáveis, mas também eram as duas pessoas com quem ele mais se importava no mundo — *nos mundos* —, e ele só queria poder levá-las em segurança até o futuro que imaginava, no qual a vida de ninguém estaria em risco e a decisão mais difícil de um dia qualquer seria o que comer no café da manhã, ou onde fazer amor.

Liraz tinha razão, pensou Akiva. Ele *estava* com a cabeça ocupada pela felicidade. Não esperava ter outro momento a sós com Karou durante algum tempo, então, quando ouviu uma movimentação às suas costas — parecia um inspirar suave —, virou-se, a pulsação acelerada, imaginando encontrá-la.

Mas não viu ninguém.

Ele sorriu. Sentia uma presença diante de si tão certamente quanto ouvira a respiração. Karou tinha vindo com o encanto da invisibilidade de novo, e isso significava que ninguém a vira chegar ali. O que quer que tivesse dito a si mesmo minutos antes — sobre como um beijo de começo não deveria ser um beijo de separação —, a esperança era mais forte que sua determinação. Ele precisava do beijo. Aquela conversa que tiveram, com a mão no coração, parecia inacabada. Ele não se sentia seguro de sua felicidade, e não conseguiria respirar fundo de novo até... E mais uma vez, surpreendentemente, não havia nenhuma barreira de culpa para receber a esperança, somente a imensa vastidão de possibilidades diante deles... até que a beijasse. E que a superstição se danasse.

— Karou? — chamou Akiva, sorrindo. — É você?

Ele esperou que ela se materializasse, pronto para pegá-la nos braços no mesmo instante. Podia fazer isso agora. Ao menos quando não havia ninguém em volta.

Mas ela não se materializou.

E então, de repente, a presença (*havia* uma presença) lhe pareceu desconhecida, até hostil, e não só isso. Akiva experimentou uma sensação, foi *tomado* por uma sensação, que o fez vivenciar uma percepção totalmente nova de... da própria vida como uma entidade distinta. Uma única tensão radiante em uma trama de muitas, tangíveis e... vulneráveis. Sentiu um calafrio.

— Karou? É você? — perguntou de novo, embora soubesse que não era.

E então ouviu passos lá fora no caminho, e no instante seguinte Karou de fato entrou. Não estava sob o encanto, mas completamente visível; e completamente radiante. Quando parou, vacilante, corando ao vê-lo semidespido, Akiva notou, pelo sorriso dela, que viera com a mesma esperança que havia aflorado nele momentos antes.

— Oi — disse Karou, com a voz suave e os olhos bem abertos.

Sua esperança procurava a dele, mas Akiva sentia que outra coisa também a perseguia; a ela e a sua vida. Era perigo e ameaça. Era invisível.

E estava ali na câmara com eles.

# 38

## Um incrível acidente de poeira estelar

No Marrocos, Eliza acordou com um susto. Não estava gritando, nem perto disso. Na verdade, não estava nem um pouco assustada, e isso era uma surpresa bem agradável. Cedera ao sono, sabendo que era necessário fazê-lo — privação de sono pode até matar —, e esperava que: a) o sonho pudesse, como um milagre, deixá-la em paz; ou b) as paredes daquele lugar se provassem grossas o bastante para abafar seus gritos.

E parecia que a opção *a* se tornara realidade, o que era um alívio, já que a *b* claramente teria falhado. Ela ouvia cachorros latindo lá fora, então parecia que as paredes, por mais grossas que fossem, não teriam abafado nada.

O que a havia acordado, se não o sonho? Os cachorros, talvez? Não. Havia alguma coisa...

Não *o* sonho, mas *um* sonho, algo que se afastava de sua consciência como sombras à luz de uma lanterna. Ela ficou deitada onde estava, e houve um instante em que sentiu que poderia ter captado o que era, se houvesse tentado. Sua mente ainda caminhava, pé ante pé, pelas fronteiras da consciência, naquele estado de semivigília que tece fios entre sonho e realidade, e por um instante se sentiu como uma menina que desce de uma varanda para enfrentar a grande escuridão com apenas uma luzinha para iluminar o caminho.

O que é algo realmente idiota de se fazer, então Eliza ergueu o corpo e balançou a cabeça, tentando afastar aquelas imagens. *Xô, sonhos. Vocês não são bem-vindos.* Há um tipo de haste pontiaguda, como um espinho, que as pessoas colocam no peitoril das janelas para evitar que os pombos pousem; ela precisava de algumas dessas na mente para manter os sonhos afastados. Espinhos psíquicos da mente. Que ótimo.

Na falta dos espinhos psíquicos da mente, ela decidiu não voltar a dormir. De qualquer jeito, duvidava de que cairia no sono de novo, e as quatro horas que conseguira provavelmente eram suficientes para evitar que morresse por enquanto. Pôs os pés para fora da cama e endireitou o corpo. O laptop estava a seu lado. Mais cedo, fizera o download das primeiras fotos, criptografando-as antes de enviá-las para o e-mail seguro do museu e apagá-las da câmera.

Eliza e o dr. Chaudhary tinham começado a coletar amostras de tecido dos cadáveres naquela tarde, e voltariam pela manhã para continuar. Achava que isso tomaria alguns dias. A bizarra composição dos cadáveres tornava necessário analisar amostras de cada parte do corpo. Carne, pelos, penas, escamas, garras. O restante do trabalho deles seria feito no laboratório, e aquela breve estada pareceria um sonho. Tão rápida, tão estranha.

E o que suas descobertas lhes diriam? Ela não conseguia nem imaginar. Seriam combinações de DNAs diferentes? Pantera aqui, coruja ali, humano entre uma coisa e outra? Ou o DNA deles seria único, apenas expresso de forma diferente, da mesma maneira que um único código genético humano podia se expressar como, digamos, globo ocular, unha do pé e todas as outras coisas que constituem um corpo?

Ou... será que encontrariam algo ainda mais estranho, muito mais mesmo, diferente de tudo que já tinham visto naquele mundo? Um calafrio percorreu o corpo de Eliza. Aquilo era tão importante que ela não sabia direito como lidar com a possibilidade. Se pudesse falar sobre o assunto, se pudesse ligar para Taj agora mesmo, ou para Catherine — se estivesse com seu celular —, o que diria?

Ela se levantou e foi até a janela para observar a paisagem, mas a vista era um pátio interno e não havia nada para contemplar. Então vestiu a calça jeans, calçou os sapatos e saiu de fininho pela porta.

Sair de fininho, com certeza, era desnecessário. Se estivesse em um desses hotéis enormes e iguais uns aos outros, se sentiria anonimamente à vontade e sairia alegremente para onde desejasse; mas aquilo ali não era um hotel enorme e igual aos outros. Era uma casbá. Não *a* casbá, mas uma casbá transformada em hotel, não muito longe do local das descobertas. Ok, na verdade ficava a algumas horas de lá, mas naquela paisagem a distância parecia um imenso nada. Se seguisse pela estrada, chegaria ao deserto do Saara, que era do tamanho do *território inteiro dos Estados Unidos*. Nesse contexto, algumas horas de carro poderiam ser classificadas como “não muito longe”.

A casbá-hotel se chamava Tamnougalt. Apesar de ter sido recebida no portão por crianças mal-encaradas fingindo esfaqueá-la com varetas afiadas, Eliza adorou o lugar: era uma cidade de barro no coração de um oásis de palmeiras, cuja maior parte estava deserta e em ruínas, e apenas a área central fora restaurada sem nenhum esplendor. Parecia barro esculpido (ainda que um barro esculpido *sofisticado*), mas os quartos eram razoavelmente confortáveis, com pés-direitos muito altos e tapetes de lã no chão. Havia também um terraço panorâmico com vista para as copas ondulantes das palmeiras. Na noite anterior, quando jantara lá com o dr. Chaudhary, ela vira mais estrelas do que em toda a sua vida.

*Eu vi mais estrelas do que qualquer pessoa viva.*

Eliza parou de andar e fechou os olhos, apertando-os com as pontas dos dedos como se assim conseguisse conter a agitação. Conjurar alguns espinhos psíquicos e espetar alguns malditos pombos de sonhos.

*Eu* matei *mais estrelas do que alguém jamais poderá ver.*

Eliza balançou a cabeça. Vestígios das familiares sensações de terror e culpa deslizavam para sua mente consciente. Isso lhe lembrava as raízes pálidas e desesperadas que forçavam caminho pelos furos de drenagem em vasos de plantas. Isso lhe lembrava coisas que não podiam ser contidas, mas decidiu não dar atenção a esse pensamento. É só ignorar, disse a si mesma. *Você não matou nada e sabe disso.*

Mas ela não sabia. De repente estava "sabendo" coisas, tendo sensações nada científicas de convicção sobre grandes perguntas cósmicas, como a existência de outro universo, mas a certeza da própria inocência não estava entre elas — pelo menos não daquela maneira tão ressonante. A voz da razão começava a lhe parecer frágil e pouco convincente, o que provavelmente não era um bom sinal.

Com passos pesados e arrastados, Eliza subiu as escadas de volta ao terraço, dizendo a si mesma que era apenas estresse, e não loucura. *Ainda não estou louca, nem vou ficar. Lutei muito por isso.* Saindo para o ar da noite, sentiu um frio surpreendente e ouviu os cachorros com mais clareza, latindo lá embaixo naquele terreno árido e pedregoso.

E viu que o dr. Chaudhary ainda estava sentado onde ela o deixara, horas antes. Ele acenou.

— Você ficou aqui esse tempo todo? — perguntou Eliza, indo até ele.

O cientista riu.

— Não. Tentei dormir, mas não consegui. Minha cabeça. Não paro de pensar nas implicações.

— Eu também.

Ele assentiu.

— Sente-se, por favor — pediu. Os dois ficaram ali sentados em silêncio por alguns instantes, envolvidos pela noite, até que o dr. Chaudhary falou: — De onde eles vieram?

Era uma pergunta retórica, pensou Eliza, mas foi seguida por uma pausa tão longa que ela poderia arriscar um palpite, se ousasse. Morgan Toth ousaria, pensou, então ela simplesmente respondeu:

— Outro universo.

*Confie em mim. Eu sei; estava espalhado pelo meu cérebro como papéis velhos e guimbas de cigarro.*

O dr. Chaudhary ergueu as sobrancelhas.

— Tão depressa assim? Achei, Eliza, que talvez você acreditasse em Deus.

— O quê? Não. Por que você acharia isso?

— Bem, não estou tentando ofendê-la. *Eu* acredito em Deus.

— Acredita?

Aquilo a surpreendeu. Eliza sabia que vários cientistas acreditavam em Deus, mas nunca havia imaginado que o dr. Chaudhary fosse um deles. Além disso, sua especialidade (usar DNA para reconstruir o passado evolucionário) parecia conflitar bastante com, bem, o criacionismo.

— Não acha difícil conciliar as duas coisas?

Ele deu de ombros.

— Minha esposa gosta de dizer que a mente é um palácio com espaço para muitos convidados. Talvez o mordomo instale os representantes da Ciência em uma ala diferente dos emissários da Fé, para que não comecem a discutir nos corredores.

Aquilo era inexplicavelmente excêntrico, vindo dele. Eliza estava estupefata.

— Bem, se os dois grupos se esbarrassem agora, quem ganharia? — arriscou ela.

— Está querendo saber de onde *eu* acho que os Visitantes vieram?

Ela assentiu.

— Sou forçado a dizer primeiro que é possível que tenham vindo de um laboratório. Acho que já podemos excluir uma farsa cirúrgica, com base em nossos exames de hoje, mas será que não poderiam ter sido *criados* assim?

— Tipo em um esconderijo de um supervilão, dentro de um vulcão?

Ele riu.

— Exatamente. E se houvesse apenas os cadáveres, as "feras", por assim dizer, essa teoria poderia ter algum mérito, mas agora temos também os anjos. Que são um pouco mais complexos.

Sim. O fogo, a capacidade de voar.

— Você viu que as bases de dados de reconhecimento facial não obtiveram resultado com nenhum deles?

Ele assentiu.

— Pois é. E se considerarmos, prematuramente, que eles podem mesmo ser de... algum outro lugar, então estes daqui são...?

— De outro universo, ou... do céu e do inferno — sugeriu Eliza.

— Sim. Mas o que me pego pensando, aqui fora, encarando as estrelas... Não acha que "olhando" seria passivo demais para estrelas como essas?

*Muito excêntrico*, pensou Eliza, assentindo para mostrar que concordava.

— E talvez sejam os convidados do palácio trocando ideias... — Ele deu um tapinha na cabeça para apontar a qual "palácio" se referia. — Mas me pego pensando: O que isso significa? Será que podem ser duas formas de dizer a mesma coisa? Suponha que "céu" e "inferno" sejam apenas outros universos.

— *Apenas* outros universos — repetiu Eliza, sorrindo. — E o Big Bang foi *apenas* uma explosão.

O dr. Chaudhary riu.

— Outro universo seria maior ou menor que o conceito de Deus? Isso importa? Se existe uma esfera onde vivem "anjos", é uma questão de semântica se escolhemos chamá-la de céu?

— Não — respondeu Eliza, depressa e com firmeza, para sua própria surpresa. — Não é uma questão de semântica. É uma questão de intenção.

— Perdão?

O dr. Chaudhary olhou para ela com ar inquisidor. O tom de Eliza tinha ficado um pouco mais duro.

— O que eles querem? — questionou ela. — Acho que essa é a pergunta mais importante. Eles vieram de algum lugar. — *Existe outro universo*. — E se esse outro lugar não tem nada a ver com "Deus" — *não tem* —, então eles estão agindo em causa própria. E isso é assustador.

O dr. Chaudhary não disse nada, mas voltou a olhar para as estrelas. Ficou quieto por tanto tempo que Eliza já estava se perguntando se tinha destruído sua recém-descoberta loquacidade quando ele disse:

— Posso lhe contar uma coisa estranha? Nem sei o que você vai pensar disto.

O horizonte estava clareando. O sol nasceria em breve. Ver dali um horizonte como aquele, um céu como aquele, deixou Eliza muito consciente de como estava grudada pela gravidade a uma imensa rocha em movimento, disso era um pulo para imaginar a imensidão que a cercava: o universo, grande demais para a mente compreender — e isso considerando-se apenas um universo.

*Grande demais para a mente* humana, *talvez.*

— Você conhece o Homem de Piltdown, obviamente — disse o dr. Chaudhary.

— Claro.

Devia ser a fraude científica mais famosa da história: um suposto crânio humano primitivo descoberto na Inglaterra cerca de um século antes.

— Bem, em 1953 provou-se que era uma fraude, e o ano é importante. Com toda a afobação da vergonha, o crânio foi removido do Museu Britânico, onde por quarenta anos servira como "evidência" falsa de uma visão particularmente equivocada da evolução humana. Alguns anos depois, em 1956, outra descoberta foi feita nos Andes da Patagônia. Um paleontólogo amador alemão descobriu um depósito de... — ele fez uma pausa para criar suspense — ... esqueletos de monstros.

E... tudo ficou confuso em algum lugar dentro de Eliza. Seus sonhos a cercaram, e os espinhos psíquicos falharam. O dr. Chaudhary tinha dito que ia lhe contar algo estranho, e, mesmo enquanto entrava em uma espécie de estado alterado da mente, ela teve a clareza de entender que os esqueletos de monstros eram o fato relevante ali, não o lugar. Mas foi para lá que sua mente a levou.

Para os Andes da Patagônia.

Assim que ele falou aquelas palavras, ela viu: as montanhas altas e pontiagudas, como dentes afiados em osso. Lagos de um azul que beirava o absurdo. Vales gelados glaciais e florestas densas de neblina. Uma imensidão que podia matar, que *matava*, mas que não a matara porque ela não morria tão facilmente e já havia sobrevivido a coisas muito piores...

Ela havia se voltado para seu interior, como um vestido puxado do avesso, e ainda estava lá sentada com o dr. Chaudhary, ouvindo o que ele dizia — sobre os esqueletos de monstros, sobre como os dias de escárnio depois de Piltdown os tornaram uma piada, embora fosse uma piada que desafiava explicações —, mas as palavras dele eram como a água correndo no leito de um riacho, e como se o leito fosse feito de milhares de pedras polidas, *milhões*, brilhando sob a superfície, sob a superfície *dela*, e eram ela e mais do que ela. *Eliza* era mais do que ela, e Eliza não sabia o que isso queria dizer, mas sentia.

Eliza era mais do que ela, e Eliza vislumbrava o lugar do qual o dr. Chaudhary estava falando — não os esqueletos de monstros lá descobertos, mas a terra e, principalmente, o céu. Estava reclinada olhando para cima e via o céu de agora e o céu daquela época — *Que época? Quando?* —, e foi com sofrimento que lhe ocorreu que aquilo lhe fora negado.

O céu lhe fora negado, na época, agora e para sempre.

Ela sentiu as lágrimas no rosto na mesma hora em que o dr. Chaudhary as notou. Ele ainda estava falando.

— O museu de paleontologia de Berkeley está com os restos mortais agora — contava ele. — Tanto por curiosidade quanto por mérito científico. Mas tenho a sensação de que isso vai mudar... Eliza, você está bem?

Eliza limpou as lágrimas, que não paravam de cair, e não conseguia falar.

Por um vertiginoso instante encarando as estrelas — não olhando, mas encarando —, ela percebeu a extensão do universo ao seu redor, tão vasto e cheio de segredos, e sentiu a presença de mais e maiores segredos além daquilo... e *além* do além, e ainda mais além, e de alguma forma as profundezas desconhecidas dentro dela correspondiam à extensão desconhecida lá fora, e... *não* existia outro universo.

Existiam muitos.

Muitos e muitos, de maneira incognoscível.

*Eu os vi*, pensou Eliza. *Conheci*. As lágrimas corriam pelo rosto, e ela finalmente entendeu a natureza do sonho, que era

pior, muito pior do que temera. Não era uma profecia. Eles tinham entendido errado o tempo todo. Não era o fim do mundo o que ela via.

Pelo menos não o fim *daquele* mundo.

O sonho não era o futuro, mas o passado. Era memória, e a pergunta de como Eliza podia ter tal memória foi ofuscada pelo que ela significava. Significava que não era possível detê-lo. Já havia acontecido.

*Eu vi outros universos. Estive neles.*

*E os destruí.*

# 39

## Descendente

O *sirithar* a levara até ele como um almíscar, por passagens de pedra dentro da solidez da montanha de um povo morto, e assim Escarabeu, rainha dos Stelian, encontrou o mago que fora matar.

Ela o caçara por meio mundo e ali estava ele, sozinho, em um lugar fechado e silencioso. De costas para ela, despido até a cintura, tinha as mãos em concha e pegava água de uma fonte na parede da caverna para levá-la ao rosto, ao peito e ao pescoço. A água era fria e o corpo dele, quente, então o vapor assomava de seu corpo como névoa. Ele mergulhou a cabeça na fonte e passou os dedos pelo cabelo. Seus dedos eram tatuados, e o cabelo, cheio, preto e bem curto. Quando ele voltou a se erguer, a água correu pela nuca, e Escarabeu notou a cicatriz que havia ali.

Tinha a forma de um olho fechado. Embora ela sentisse poder na marca, não estava familiarizada com o desenho. Não era da *lexica*. Como o desespero e o vento que varreu o mundo, ela imaginava que aquilo fosse obra dele, embora não tivesse sido forjado a partir do *sirithar* roubado — ou ela teria sentido o tremor de sua criação. Ainda assim, o *sirithar* se prendia a ele, elétrico. Como ozônio, porém mais forte. Poderoso.

Ali estava o mago desconhecido que movia as cordas do mundo e que, se não fosse detido, o destruiria. Ela achou que sentiria algum tipo de má intenção nele e que sua alma desejaria a morte dele como uma descarga elétrica é atraída pelo para-raios, mas nada ali era como ela esperava. Não a parte de ver serafins e quimeras juntos, e não ele.

*Você fará isso, minha senhora, ou devo fazer?*

A voz de Carniçal invadiu sua mente com a intimidade de um sussurro. Ele estava vários passos atrás dela — também oculto pelo encanto da invisibilidade —, mas sua mente roçou a de Escarabeu como uma respiração em sua orelha. Cócegas, calor e até um vestígio do cheiro dele. Era profundamente real.

E profundamente presunçoso.

Ela respondeu e o sentiu se afastar.

*O que você acha?* Essas foram suas únicas palavras, mas havia mais naquela resposta.

Telestesia era uma forma de arte mais próxima ao sonho do que à fala. O emissor entrelaçava linhas sensoriais, com ou sem palavras, para formar uma mensagem que chegava à mente do receptor em todos os níveis: som e imagem, sabor, tato, cheiro e lembrança. Até — se fosse muito bom nisso — emoção. Uma emissão de um mestre na telestesia era uma experiência mais completa do que a realidade: um sonho lúcido transmitido por pensamento. Escarabeu não era nenhuma mestra em telestesia, mas podia entrelaçar várias linhas em sua emissão, e foi o que fez então. A flexão de garras de gato e a irritação de urtigas — Miragem lhe ensinara essa — alertaram Carniçal: *Afaste-se.*

Será que ele achava que, porque ela lhe presenteara seu corpo para a primeira temporada de sonhos, ele poderia tocar sua mente sem ser convidado?

Homens.

Uma única temporada de sonhos era uma única temporada de sonhos. Se ela o escolhesse de novo no ano seguinte, isso poderia começar a significar alguma coisa, mas dificilmente faria isso. Não porque ele não a agradara, mas pelo seguinte motivo: como poderia saber o valor dele se não tinha com quem compará-lo?

*Perdoe-me, minha rainha.*

A emissão chegou de uma distância respeitável, mais como uma avaliação de sua distância física, e chegou despida de cheiro e agitação, como deveria. Ela também sentiu uma leve penitência, o que dava um toque interessante. Carniçal também não era mestre em telestesia — os dois ainda tinham um longo caminho a percorrer; eram ambos muito jovens —, mas tinha o talento para isso. Não havia sido à toa que Escarabeu o escolhera para sua guarda de honra, e também não havia sido pelos dedos de alaudista, que aprenderam a tocá-la com tanto ardor na primavera, nem por sua risada sonora, nem pela voracidade dele, em sintonia com a dela, não muito diferente de uma mensagem, em todos os sentidos.

Ele era um bom mago, assim como o restante de sua guarda, mas nenhum deles — nenhum deles — pulsava com poder puro como o serafim à frente dela naquele instante. Os olhos de Escarabeu percorreram as costas nuas dele, e ela se surpreendeu. Eram as costas de um guerreiro, musculosas e marcadas por cicatrizes, e duas espadas pendiam cruzadas no arnês pendurado na rocha à direita. Era um soldado. Ela descobrira isso em Astrae, onde o povo falava dele com grande temor, mas não tinha acreditado muito até aquele instante. Não fazia sentido. Magos não utilizavam aço; não precisavam. Quando um mago matava, não corria sangue. Quando ela *o* matasse, como pretendia fazer, ele simplesmente... deixaria de viver.

A vida é apenas um fio que prende a alma ao corpo, e, quando você sabe encontrá-lo, é tão fácil arrancá-lo como a uma flor.

*Então acabe logo com isso*, disse a si mesma, e estendeu a mão para o fio dele, sabendo que Carniçal estava logo atrás, esperando. "Você fará isso, ou devo fazer?", perguntara ele, o que a deixara irritada. Carniçal duvidava que Escarabeu fosse

capaz, porque ela nunca tinha feito isso. Em treinamento, ela já tocara fios de vida, fazendo-os cantarem entre seus dedos — os dedos de sua *anima*, isto é, seu eu incorpóreo. Era o equivalente a levar uma lâmina até o pescoço do oponente em um treino de luta. *Eu venci, você morreu, mais sorte da próxima vez.* Mas nunca havia cortado um deles, e fazer isso seria a diferença entre levar uma lâmina até o pescoço do oponente e *rasgar* sua garganta.

Era uma enorme diferença.

Mas ela era capaz. Para se afirmar para Carniçal, teve a inspiração de executar o *ez vash*, o corte limpo da execução. Um instante e pronto. Ela não sentiria o fio de vida do estranho nem pararia para interpretar nada, apenas o ceifaria com sua *anima*, e ele estaria morto sem que ela sequer tivesse visto seu rosto ou tocado sua vida.

Então pensou na *yoraya*, e foi tomada por uma sensação de poder imprudente.

Era apenas uma lenda. Provavelmente. Na Primeira Era de seu povo, que tinha sido muito mais longa do que aquela, a Segunda Era, e que terminara com imensa brutalidade, os Stelian eram bem diferentes. Cercados por inimigos poderosos, viviam em guerra, o que fazia com que grande parte de sua magia se concentrasse nas artes da guerra. Contavam-se histórias sobre a mística *yoraya*, uma harpa encordoada com os fios de vida dos inimigos mortos. Era uma arma da *anima*, não existia em substância no mundo material. Não podia ser encontrada como uma relíquia ou passada adiante como uma herança. Cada mago fazia a sua, que morria com seu criador. Dizia-se que era uma reserva de um grande e sombrio poder, alcançável apenas por uma matança em grande escala, e tocá-la provavelmente levaria seu criador à loucura tanto quanto o fortaleceria.

Quando era pequena, Escarabeu horrorizava as babás descrevendo como produziria a própria *yoraya*. “Você vai ser minha primeira corda”, dissera ela uma vez, maldosamente, para uma *aya* que se atrevera a lhe dar banho contra sua vontade.

As mesmas palavras lhe vinham à mente agora. *Você vai ser minha primeira corda*, pensou ela diante das costas musculosas e marcadas do mago desconhecido a sua frente. Foi até ele com sua *anima* para levar a cabo a execução, e um horror a invadiu, porque ela havia de fato considerado essa ideia, ainda que só por um instante.

“Cuidado com os desejos com que molda sua vida e para os quais reina, princesa”, dissera-lhe a *aya* junto à banheira naquele dia. “Mesmo se a *yoraya* fosse real, somente alguém com muitos inimigos poderia alcançá-la, e nós não somos mais assim. Temos trabalho mais importante a fazer do que lutar.”

Trabalho, sim. O trabalho a que dedicavam suas vidas — e que as roubava. “Não que alguém nos agradeça”, replicara Escarabeu. Ela era uma criancinha na época, mais intrigada pelas histórias de guerra do que pelo dever solene dos Stelian.

“Porque ninguém sabe. Não fazemos isso em troca de agradecimentos ou pelo restante de Eretz, embora eles também se beneficiem. Fazemos isso para nossa própria sobrevivência, e porque ninguém mais pode fazê-lo.”

Naquele dia, ela tinha mostrado a língua à *aya*, mas, ao crescer, passara a levar aquelas palavras a sério. Tinha até, recentemente, declinado um convite tentador de inimizade por parte do tolo imperador Joram. Poderia ter conseguido uma corda de harpa com a morte dele, mas em vez disso apenas enviara uma cesta de frutas, e agora de qualquer forma ele estava morto — pelas mãos daquele mago, se os boatos fossem verdade —, e... era assim que deveria ser.

Ela não queria inimigos. Não queria uma *yoraya*, ou guerra. Pelo menos era disso que Escarabeu tentava se convencer, embora, na verdade — e em segredo —, houvesse uma voz dentro dela clamando por essas coisas.

Aquilo a enchia de pavor da mesma forma que a empolgava, e sua empolgação sombria era o que mais se deveria temer.

Escarabeu não executou o *ez vash*. Ao perceber que estava tentando se afirmar para Carniçal, desistiu da ideia. Afinal, era *ele* quem deveria se provar para ela. Além disso, ela queria ver o rosto daquele mago e tocar sua vida, para saber quem ele era antes de matá-lo. Não era algo trivial alcançar o *sirithar*. Não era uma coisa *boa*, mas sem dúvida era algo *incrível*, e ela saberia como ele fizera aquilo quando todo o conhecimento de magia no assim chamado Império dos Serafins se perdesse.

Então, em vez de cortar a linha da vida dele, Escarabeu foi até lá com sua *anima* e a tocou.

E engasgou.

Foi um engasgo breve, mas alto o suficiente para o mago se virar.

*Escarabeu*. A emissão de Carniçal chegou repleta de urgência. *Acabe logo com isso*.

Mas ela não o matou, porque agora sabia. Havia tocado a vida dele e soube o que ele era antes mesmo de ver seu rosto, e então ela o viu, assim como Carniçal, e, embora ele não tenha feito nenhum som, Escarabeu sentiu as vibrações de seu espanto se unindo às dela.

O mago, chamado de Ruína das Feras, que alcançara o *sirithar* e por isso não podia continuar vivo, que era um bastardo, um guerreiro e um parricida, era também um Stelian, embora isso parecesse impossível. Seus olhos eram de fogo — e buscavam algo no ar vazio onde Escarabeu permanecia invisível —, e isso foi suficiente para ela ter certeza. No entanto, Escarabeu sabia algo mais sobre ele, algo que passou despercebido a Carniçal, e foi isso que ela transmitiu a ele, ainda confusa, com a mais simples das emissões — nenhuma sensação ou sentimento, apenas palavras.

Ela enviou a emissão aos outros também, que estavam nas cavernas e nas passagens tentando entender o que acontecia naquele lugar. Isto é, mandou a emissão para Espectral e Rapina, mas se conteve antes de enviar a novidade assim de maneira tão abrupta e inadequada para Rouxinol, para quem significaria... muito.

Escarabeu esperou, prendendo a respiração, enquanto o mago vasculhava o ar onde ela estava. E, embora ela soubesse que ele não podia vê-la, notou, pela firmeza do olhar do mago, que ele tinha certeza de sua presença. Mais uma entre tantas

surpresas que ele proporcionara.

Confrontado com a certeza de uma presença invisível diante de si, o mago não demonstrou nenhuma preocupação. Sua expressão não se endureceu, mas se suavizou... E então (para confundir Escarabeu por completo) ele sorriu. Era um sorriso de prazer e alegria puros, de uma felicidade e uma luz tão arrebatadoras e despudoradas que Escarabeu, uma rainha jovem e bela a quem vários homens já haviam dirigido o sorriso, corou por ser o foco dele.

Só que, claro, não era para ela aquele sorriso.

Quando ele falou, sua voz soou baixa, doce e rouca de amor:

— Karou? É você?

Escarabeu corou ainda mais. Ficou feliz por estar invisível e feliz por ter afastado Carniçal de sua mente um segundo antes, para que ele não pudesse sentir o calor que o sorriso do estranho provocara nela.

A beleza do mago era do tipo que deixa a pessoa imóvel em admiração, como alguém com a respiração suspensa. O poder era parte disso — o almíscar selvagem e puro do *sirithar*, proibido e condenatório; só sentir seu cheiro já era um prazer —, mas era a felicidade dele que a comovia, de forma tão intensa que Escarabeu a experimentou não só com os olhos, mas também com o coração.

Deuses da luz. Ela nunca sentira felicidade como aquela, e tinha certeza de que nunca a havia provocado em ninguém. Em sua primeira noite com Carniçal na primavera, quando os rituais e a dança terminaram e eles finalmente foram deixados a sós, ela sentira o desejo e o prazer dele antes mesmo que ele a tocasse. Na época lhe parecera algo real, mas de repente já não parecia mais.

Aquele olhar era tão mais que isso, e a comoção se transformou em dor quando Escarabeu se perguntou: quem provocou esse sentimento?

Emissões pulsavam, chegando de Rapina e Espectral, e de Carniçal também — não de Rouxinol, para quem ela ainda não havia contado —, e por um instante inundaram sua mente. Rapina e Espectral eram mais velhos, mais experientes em magia e telestesia do que ela e Carniçal, e uma das emissões (ambas chegaram juntas e entrelaçadas, e Escarabeu não conseguia dizer qual era de quem) transmitiu uma reação de choque arrebatador que de fato a fez piscar e dar um passo para trás.

O mago falou de novo, franzindo a sobrancelha em dúvida enquanto seu sorriso vacilava.

— Karou? É você?

*Tem alguém vindo.*

Eram as palavras de Carniçal. Em seguida, Escarabeu ouviu passos no caminho e se moveu rapidamente para o lado, aproximando-se de Carniçal em um canto da câmara. Ela sentiu o corpo dele se tensionar com o contato e se afastar imediatamente — com medo de irritá-la com o toque não solicitado, imaginou ela —, e lamentou a perda da solidez dele diante daquela estranheza atordoante.

Então apareceu alguém.

Era uma garota mais ou menos da idade de Escarabeu. Não era uma serafim nem uma das quimeras com quem estavam misturados.

Ela era... diferente. Não era daquele mundo. Escarabeu nunca vira um humano, e, embora soubesse que eles existiam, ver um de verdade foi incrivelmente curioso. A garota não tinha nem asas nem características de fera, mas, em vez de parecer incompleta, essa simplicidade impressionava como uma elegância despojada. Ela era esguia e se movia com a graça de um cervo se alimentando pela primeira vez à sombra do crepúsculo no verão, e sua beleza era tão curiosa que Escarabeu não sabia dizer se era mais encantadora ou mais surpreendente. Sua pele era cor de creme, e a garota tinha olhos pretos como os de um pássaro e cabelo azul. *Azul.* O rosto dela, como o de seu amante, estava corado de alegria, e exibia a mesma doçura e timidez vacilante que o dele, como se aquilo fosse algo novo entre os dois.

— Oi — disse ela, e a palavra saiu em um fio de voz, tão suave quanto o roçar da asa de uma borboleta.

Ele não respondeu da mesma forma.

— Você estava aqui? — perguntou, olhando para além e em volta dela. — Sob encanto?

E então tudo se encaixou para Escarabeu. Ao sentir uma presença, o mago tinha achado que fosse aquela garota que tivesse ido invisível até ali, o que significava que a humana sabia fazer magia.

— Não — respondeu ela, agora vacilante. — Por quê?

O que ele fez em seguida foi muito repentino. O mago a puxou pelo braço, colocando-se à frente dela, e correu os olhos pelo vazio da câmara, que, é claro, não estava vazia.

— Tem alguém aí? — inquiriu ele, em seráfico desta vez.

E agora, quando seus olhos passaram por Escarabeu tinham apenas o que ela esperava ver antes: desconfiança e o fogo baixo da ferocidade. Proteção também: em relação à linda estranha de cabelo azul que ele defendia com o corpo.

Com o corpo, notou Escarabeu com curiosidade, mas não com a mente. Ele não oferecia nenhum escudo à *anima*. Estava apenas ali de pé, parado, forte e feroz, como se aquilo fizesse alguma diferença. Como se o fio de sua vida e da vida de sua amante não fossem tão frágeis quanto teias cintilando no éter, tão fáceis de cortar quanto uma teia de aranha.

*Você vai matá-lo?*, veio a emissão de Carniçal, sem o adorno de nenhuma linha de tom ou sensação que indicasse a opinião

dele sobre o assunto.

*É claro que não*, replicou Escarabeu, vendo-se inexplicavelmente irritada com Carniçal, como se ele tivesse feito alguma coisa errada. *A menos que você queira explicar a Rouxinol que encontramos um descendente da linhagem de Festival e cortamos seu fio.*

Como ela quase fizera. Escarabeu estremeceu. Para provar que era capaz de matar, ela quase *o* matara.

*Um descendente da linhagem de Festival.* Essas foram as palavras que Escarabeu enviou a Carniçal, Rapina e Espectral, mas não ainda a Rouxinol — Rouxinol, a Primeira Maga para a avó de Escarabeu, a rainha anterior, e que ficara duas vezes de *veyana* pela dor da perda e sobrevivera. Ninguém mais na Segunda Era sobrevivera duas vezes à *veyana*, e foi por Festival que Rouxinol a experimentou pela primeira vez.

Filha dela.

Escarabeu podia ser rainha, mas tinha dezoito anos e era inexperiente. Fora caçar um mago perigoso com a intenção de realizar sua primeira morte, mas o que encontrara ali era muito maior que isso, e ela precisaria dos conselhos de todos os seus magos, principalmente de Rouxinol, antes de decidir qualquer coisa.

*Então é melhor irmos embora*, foi a emissão de Carniçal, ignorando a última resposta atravessada que ela lhe dera. *Antes que* ele *nos mate.*

Carniçal tinha razão. Do que o mago seria capaz? Eles não faziam ideia. Então Escarabeu, inspirando fundo para sentir uma última vez a eletricidade almiscarada do poder daquele estranho, retirou-se.

# 40

## Supor o pior

Fascinados, os Stelian assistiram ao desenrolar da hora seguinte nas cavernas, e aprenderam muitas coisas, mas muitas outras permaneciam desconcertantes.

O mago atendia pelo nome de Akiva. Rouxinol se recusava a chamá-lo assim, porque era um nome do império. De um bastardo, ainda por cima. Ela só o chamava de “filho de Festival”, e mantinha suas emissões atipicamente austeras. Era uma das melhores telestésicas nas Ilhas Longínquas, uma artista. Suas emissões tinham, sem esforço algum, camadas de beleza, significado, detalhe e humor. Pela ausência de tudo isso naquele momento, Escarabeu deduzia que Rouxinol estava tomada pela emoção e decidida a se conter. Não podia culpá-la. E como não podia *vê-la* — os cinco continuavam sob o encanto, é claro —, não tinha como saber como a velha senhora estava encarando a existência repentina daquele neto.

Ou como estava encarando o que a existência dele sugeria sobre o destino de Festival, um mistério de tantos anos.

Era direito de Escarabeu, como rainha, tocar as mentes de seus súditos, mas não iria se intrometer em algo assim. Enviou apenas uma emissão simples de solidariedade a Rouxinol — a imagem de duas mãos dadas — e manteve o foco na movimentação ao seu redor.

Preparativos de guerra? O que era aquilo? Uma rebelião?

Era muito estranho, flutuar por entre aqueles soldados que tinham sido por tanto tempo meros arquétipos nas histórias que ela crescera ouvindo. Advertência, era isso o que sempre tinha sido aquele seu povo do outro lado do mundo. Imersos em guerras século após século, toda a sua magia perdida, eles eram um daqueles contos com moral da história. *Não somos assim* era o tom que havia permeado toda a educação de Escarabeu, com seus primos de pele clara servindo como exemplo, a distância, de tudo que não queriam para si. Os Stelian sempre se mantiveram à parte, evitando qualquer contato com o império, recusando-se a serem arrastados para o caos deles, deixando que consumissem sua estupidez nociva em suas guerras do outro lado do mundo.

E se as quimeras ardiam e sangravam por isso, desde as Terras Distantes até as montanhas Adelphas? Se um continente inteiro se tornava uma cova coletiva? Se os filhos e filhas de meio mundo, incluindo serafins, não conheciam outra vida além da guerra e não tinham esperança de dias melhores?

*Não temos nada a ver com isso.*

Os Stelian carregavam nos ombros seu dever solene, e era o máximo que podiam suportar. Apenas a imensa força do *sirithar* que sugara os céus do mundo conseguira atrair Escarabeu para tão longe de suas ilhas, porque *aquilo* tinha a ver com eles, da maneira mais fatal imaginável.

Encontre o mago e o mate, restaure o equilíbrio e volte para casa. Essa era a missão.

E agora? Não podiam matá-lo, então o vigiavam, e ele fazia parte de algo muitíssimo estranho, portanto estavam vigiando essa atividade também.

E quando os dois exércitos rebeldes, desconfortavelmente misturados, se agruparam em batalhões e deixaram as cavernas, os cinco Stelian os seguiram, ainda invisíveis. Sobrevoaram as montanhas no sentido sul, rumaram para oeste, e estavam havia três horas no céu quando pousaram em uma espécie de cratera ao abrigo de um pico em forma de barbatana de tubarão.

Três quimeras esperavam lá. Batedores, logo imaginou Escarabeu, passando silenciosamente pelo grupo para ficar à sombra do general com aparência de lobo, o chamado Thiago.

— Vieram só vocês? — perguntou aos batedores, que pareciam cons- /> ternados.

— Sim, senhor — respondeu um deles. Faltava um.

Ao lado do general (e isso era curioso) havia não um capitão de sua própria espécie, mas uma soldada serafim muito séria e mais bonita que o normal. Foi para ela que ele olhou primeiro para dizer:

— Temos que supor o pior até sabermos o que houve.

*Que pior?*, perguntou-se Escarabeu, quase indolentemente, porque aquilo tudo era abstrato demais para ela. Escarabeu era uma caçadora, maga, e rainha e a Guardiã do Cataclisma, e podia ter sonhado na infância em ceifar as linhas da vida dos inimigos e construir uma *yoraya*, mas nunca tinha ido à guerra. Seu povo já fora guerreiro um dia, mas isso tinha sido em outra era, e quando Escarabeu, em seu isolamento nas Ilhas Longínquas, ignorava o destino de milhões por desprezo à tolice dos belicistas, fazia isso sem sequer ter visto uma morte em batalha.

Isso estava para mudar.

***

— Mas por que *Liraz* está vindo conosco? Por que não Akiva? — perguntou Zuzana. De novo.

— Você sabe por quê — replicou Karou. Também de novo.

— Sim, mas não estou nem aí para nenhum desses motivos. Só me importo com o fato de que vou ter que ficar perto dela. Aquela garota olha para mim como se quisesse arrancar minha alma pela orelha.

— Liraz não poderia arrancar sua alma, bobinha — disse Karou, para acalmar a amiga. — Seu cérebro, talvez, mas não sua alma.

— Ah, bem melhor.

Karou pensou em lhe contar que Liraz tinha aquecido a ela e Mik na outra noite, enquanto dormiam, mas achou que se isso chegasse a Liraz, ela podia *mesmo* arrancar alguns cérebros. Então, falou apenas:

— Você não acha que eu também preferiria estar com Akiva? — E dessa vez dava para notar um pouco de frustração em sua voz.

— Uau, é bom ouvir você finalmente admitindo isso — disse Zuzana. — Mas uma pequena manobra maquiavélica não seria nada ruim.

— Como é que é? Acho que já fui bastante maquiavélica — observou Karou, como se não pudesse suportar o insulto. — Assumir o controle de uma rebelião inteira não conta?

— Tem razão — concordou Zuzana. — Você é uma diabinha conspiradora e traiçoeira. Estou a seus pés.

— Você está sentada.

— Eu me sento aos seus pés.

E lá estavam eles, de volta à cratera onde haviam passado aquela noite tão fria. Tinham acabado de chegar e logo estariam de saída de novo, a caminho da baía das Feras e do portal. Ou melhor, alguns deles iriam, embora Akiva não fizesse parte desse grupo. Karou tentava ficar tranquila com relação a isso, mas era difícil. Quando seu plano lhe surgira claro à mente — na câmara de Akiva, com Ten morta aos seus pés, e Karou ficara se perguntando freneticamente o que fariam —, tinha imaginado Akiva ao seu lado, não /> Liraz.

Mas, ao apresentar a ideia ao conselho, ela começara a perceber que seu plano era na verdade apenas uma fatia de uma torta estratégica bem maior e que, se eles seguissem em frente com aquilo, Akiva, por ser o Ruína das Feras, seria necessário ali.

Droga.

Então assim seria: Liraz a acompanharia em vez de Akiva, o que acabaria sendo bom. As quimeras teriam questionado se Thiago mandasse Karou ao mundo humano com seu suposto amante, e eles ainda precisavam manter a farsa. Mas que droga, *tanta coisa* para cuidar.

Pelo menos, quando passasse pelo portal não teria todo o exército quimera observando cada movimento seu, disse Karou a si mesma.

É claro que, estando longe de Akiva, não precisaria se preocupar em estarem vendo o que ela fazia.

— Todos temos nossos papéis a cumprir — disse ela a Zuzana e Mik, como forma de se lembrar. — Tirar Jael de lá é apenas o começo. Uma manobra limpa, rápida e sem riscos de apocalipse. Ou assim espero. Quando ele voltar a Eretz, ainda teremos que vencê-lo. E vocês sabem que a sorte não está muito do nosso lado.

Para não dizer coisa pior.

— Você acha que eles vão conseguir? — perguntou Mik.

Ele olhava para os soldados que aterrissavam na cratera, quimeras e serafins juntos. Formavam uma visão e tanto no céu, asas de morcego junto às de fogo, todos se movendo no mesmo ritmo suave de voo.

— *Nós* — corrigiu Karou. — E, sim, acho que vamos conseguir. — *Temos que* conseguir. — Vamos sim.

*Vamos derrotar Jael*. E até mesmo isso era apenas um começo. Por quantos malditos começos eles tinham que passar antes de alcançarem o sonho?

Um tipo diferente de vida. Harmonia entre as raças.

Paz.

"Filha do meu coração", dissera-lhe Issa, ainda nas cavernas. Com a exceção de poucos, como Thiago, as quimeras que não podiam voar tinham ficado para trás, e, na despedida, Issa recitara a mensagem final de Brimstone para Karou. "Duas vezes minha filha, minha alegria. Seu sonho é o meu sonho, e seu nome é verdadeiro. Você é toda a nossa esperança."

*Seu sonho é o meu sonho.*

Sim, bem, Karou imaginava que a visão de Brimstone de "harmonia entre as raças" provavelmente envolvia menos beijos que a dela.

*Pare de ficar sonhando com beijos. Há mundos em perigo. Bolo guardado para depois. Reforçando:* depois.

Deveria ter acontecido quando ela estava com Akiva dentro da câmara — queridos deuses e poeira estelar, a visão do peito nu dele trouxera de volta lembranças muito... quentes —, mas não aconteceu, porque ele ficou agitado, insistindo em que havia alguém ou alguma coisa invisível ali com eles e começou a procurar o que era com a espada na mão.

Karou não duvidava dele, mas não tinha sentido nada, e não conseguia imaginar o que poderia ter sido. Elementais do ar? Os fantasmas dos Kirin mortos? A deusa Ellai de mau humor? O que quer que fosse, o breve momento a sós dos dois tinha chegado ao fim e eles não puderam se despedir apropriadamente. Ela achava que a despedida seria mais fácil se tivessem

conseguido. Mas então se lembrou de suas despedidas antes do amanhecer no bosque de réquiem anos antes, de como era difícil, todas as vezes, voar para longe dele, e teve que admitir que um beijo de despedida não torna as coisas nem um pouco mais fáceis.

Então se concentrou na tarefa e tentou não procurar por Akiva, que estava em algum lugar no lado oposto ao dos soldados que vinham pousar.

O plano era o seguinte:

Em vez de passar pelo portal para atacar Jael em território desconhecido, Thiago e Elyon levariam as forças principais de seus exércitos mistos para o norte, onde ficava o segundo portal, e estariam lá para receber Jael quando Karou e Liraz o mandassem para casa.

E é aí que as coisas ficavam interessantes. Eles ainda não sabiam onde estavam as tropas de Jael e não podiam adivinhar o que encontrariam no segundo portal, lá nas montanhas Veskal, ao norte de Astrae. Enfrentariam o que viesse, mas esperavam, é claro, uma força enorme. Com sorte, uma proporção de dez para um; senão, algo pior ainda.

Então Karou lhes dera uma arma secreta. Duas.

Lá estavam elas, sentadas sozinhas e em silêncio, separadas e acima da grande massa de soldados, na beira da cratera, olhando para baixo. Enquanto Karou observava, Tangris levantou uma graciosa pata de pantera e a lambeu, em um gesto puramente felino apesar de seu rosto e sua língua serem humanos. As esfinges estavam vivas de novo.

Karou dera à rebelião as Sombras Vivas, embora tivesse sentimentos profundamente conflitantes com relação a isso. A situação lhe havia propiciado um pretexto para ressuscitar as esfinges, Tangris e Bashees — e Amzallag junto, uma vez que sua alma estava no mesmo turíbulo, e Karou desafiava qualquer um a discutir com ela sobre isso —, o que era bom. Mas sempre tivera horror à especialidade delas: se mover em silêncio sem ser vistas e matar o inimigo enquanto ele estava dormindo.

Qualquer que fosse o dom ou magia delas, transcendia o silêncio e a astúcia. Era como se as esfinges exsudassem um soporífero para garantir que suas presas não despertassem, não importava o que fosse feito com elas, pois nem mesmo acordavam para morrer.

Talvez fosse ingênuo esperar que um banho de sangue pudesse ser evitado àquela altura, mas Karou *era* ingênua, e não queria ser responsável por mais nenhum banho de sangue.

— Os soldados do Domínio são irredimíveis — dissera-lhe Elyon. — Matá-los enquanto dormem é um ato de compaixão. É muito mais do que merecem.

*Ninguém nunca aprende nada*, pensara ela. *Nunca.*

— O mesmo seria dito dos Ilegítimos por qualquer um no império. Temos que começar a ser melhores do que isso. Não podemos matar *todos*.

— Então vamos poupá-los — dissera Liraz, e Karou se preparou para mais um pouco de sarcasmo hostil, mas, para sua surpresa, não foi o que aconteceu. — Três dedos — continuou ela, olhando para a própria mão e virando-a de um lado e de outro. — Tire o indicador, o dedo médio e o anelar da mão dominante de um espadachim ou arqueiro e ele não terá mais utilidade alguma em uma luta. Pelo menos até treinar a usar a outra mão, mas podemos nos preocupar com isso outro dia. — Então ela olhou direto nos olhos de Karou e ergueu as sobrancelhas, como se dissesse: *Isso serve?*

Bem... sim, servia. Todos concordaram, e Karou teve tempo durante o voo para pensar na estranheza da compaixão (pelos soldados do Domínio, ainda por cima) vinda de Liraz. E isso pouco depois de sua reação surpreendente ao ataque de Ten. “Mereci a vingança”, dissera ela, sem raiva. Karou não queria saber *por que* ela merecera; era suficiente se maravilhar com o fim de um ciclo de retaliações. Como era raro que, em uma guerra tão duradoura, marcada pelo ódio, um dos lados dissesse “Já basta. Eu mereci isso. Vamos parar por aqui”. E tinha sido exatamente isso o que Liraz dissera. “O que você vai fazer com a alma dela é assunto seu”, dissera também a serafim, deixando Karou livre para colher do corpo da mulher-lobo a alma de Haxaya, que nunca deveria tê-lo habitado para começar.

Karou não sabia o que *faria* com a alma, mas a colheu, e agora Liraz não só propunha poupar as vidas dos soldados do Domínio como também uma parte aproveitável de suas mãos. Eles talvez não voltassem a puxar cordas de arco ou brandir espadas tão cedo, mas estariam bem melhor do que se lhes arrancassem a mão inteira. Isso era mais do que compaixão. Era *gentileza*. Muito estranho.

Então estava decidido. As Sombras Vivas iriam, se pudessem, incapacitar os soldados que estivessem guardando o portal de Jael, ou tantos quantos pudessem.

Quanto a Akiva, ele voaria para oeste até o cabo Armasin, que era a maior guarnição das antigas terras livres. O papel dele, um papel que poderia fazer toda a diferença, era semear a rebelião na Segunda Legião e tentar fazer com que pelo menos parte das forças do império se virasse contra Jael. Enquanto as forças do Domínio eram a elite, aristocrática, que lutariam para proteger os privilégios com que haviam nascido, os soldados da Segunda Legião eram em sua maioria conscritos, portanto havia razão para se acreditar que não queriam mais nenhuma guerra — muito menos uma guerra contra os Stelian, que não eram feras e sim parentes daquela raça, ainda que distantes. Elyon achava que a reputação de Akiva como Ruína das Feras contaria para alguma coisa nas fileiras; além disso, ele se provara persuasivo com seus irmãos e irmãs.

Karou também precisaria usar seu poder de persuasão para encorajar Jael a deixar o mundo humano, mas era um tipo especial de "persuasão", em que Liraz se saía tão bem quanto Akiva. Então estava tudo certo.

— Vou descobrir o que os batedores têm a nos contar — disse ela a Mik e Zuzana, deixando cair no chão, com um baque surdo, o equipamento que levava e alongando os músculos dos ombros e do pescoço.

Estava um pouco preocupada por só haver três batedores esperando por eles: Lilivett, Helget e Vazra. Ziri enviara quatro duplas de batedores e cada par deveria ter mandado um soldado até ali para informar sobre qualquer atividade de tropa serafim na área da baía.

Então deveria haver quatro.

*Ele deve ter se atrasado, só isso*, dizia Karou para si mesma, mas então ouviu o Lobo falar para Liraz:

— Temos que supor o pior.

E assim ela fez.

***

E... assim era.

# 41

## Incógnitas

Eram tantas incógnitas. Dali do alto das Adelphas, os rebeldes estavam cegos. Lá em cima tudo se resumia a cristais de gelo e elementais do ar, mas havia um mundo além dos picos, repleto de tropas hostis e escravos usando correntes, covas rasas e as cinzas que subiam de cidades queimadas, e tudo aquilo era um espetáculo por trás de uma cortina fechada para eles.

Não sabiam se havia tropas de Jael atrás deles.

E havia.

Não sabiam se Jael havia encontrado o portal das montanhas Atlas depois que eles o cruzaram, e se havia protegido aquele acesso.

Isso Jael não tinha conseguido, ainda não, mas naquele momento suas patrulhas de busca estavam cruzando a baía das Feras justamente com esse objetivo.

Não sabiam nem se Jael havia retornado a Eretz, vitorioso ou não, e não tinham como saber que Bast e Sarsagon, a dupla de batedores que não havia voltado (nenhum dos dois), tinham sido capturados horas após deixarem a cratera, um dia e meio antes.

Capturados e torturados.

E os rebeldes não sabiam e não tinham nem como imaginar que do outro lado de Eretz o céu estava escuro como o crepúsculo fazia mais de um dia — uma escuridão estranha e implacável que nada tinha a ver com a ausência do sol. Este ainda brilhava, mas despontava daquele tom de índigo como um olho em chamas da sombra de um manto. Sua luz ainda alcançava o mar e as ilhas verdejantes que salpicavam sua superfície; as cores ainda eram vivas como nos trópicos — tudo menos o céu em si. O céu adoecera e se apagara, e os caça-tempestades continuavam a desenhar círculos no alto, seus gritos roucos e terríveis, e os prisioneiros na cela que não parecia uma prisão observavam tudo pela janela e tremiam do mais absoluto pavor, mas não podiam perguntar nada a seus captores, porque eles não apareciam. Nem Miragem dos olhos dançantes, nem ninguém. Ninguém lhes levava comida, nem água. Apenas a cesta de frutas continuava ali, e a fome ainda não havia chegado ao ponto de fazer algum deles considerar a ideia de comê-las. Melliel, segunda de seu nome, e seu grupo de irmãos Ilegítimos aparentemente haviam sido esquecidos. Olhando através da janela de barras, só podiam imaginar que aquilo era o fim do mundo.

Escarabeu e seus quatro magos *sabiam* como estava o céu onde moravam. Emissões haviam chegado até eles, mesmo ali onde estavam, e eles sentiram o desastre como uma indolência da própria *anima*, como se suas almas se encolhessem à sombra da aniquilação.

Mas se detectaram a aniquilação que estava por perto — muito mais perto que o céu de casa —, não fizeram nada para alertar os anfitriões do grupo ao qual se misturavam, invisíveis. Talvez fosse uma indiferença resultante de séculos de reclusão. Haviam lhes ensinado que aquele povo era composto por um bando de tolos, que mereciam suas guerras. Indo um pouco mais além, havia certo entendimento nas Ilhas Longínquas de que as guerras tinham seu lado bom, por mais amargo que fosse: que, ocupado que estava em matar e morrer *ali*, o império não incomodava os Stelian com suas hostilidades estúpidas.

E se havia uma grandiosidade na crença Stelian de que, acima de tudo, *eles* não deveriam ser incomodados, era uma grandiosidade bem merecida.

Eles não deveriam ser incomodados.

Os Stelian deveriam ser deixados em paz, a qualquer custo. Escarabeu sabia, ali do outro lado do mundo, o que Melliel e os outros abandonados em suas celas sob aquela escuridão anormal não sabiam: que Miragem dos olhos dançantes era uma dos muitos a lutar contra a doença que afligia o céu, mantendo as tramas do mundo deles intactas; que ela não tinha tempo para prisioneiros agora, nem para qualquer outra coisa.

E, é claro, era possível que os cinco intrusos de olhos de fogo não tivessem sentido a emboscada que se armava fora do alcance da vista — embora parecesse improvável que a respiração coletiva de milhares de pulmões inimigos pudesse passar despercebida por magos de tão extraordinária sensibilidade. Em todo caso, eles não alertaram os rebeldes.

Apenas observaram.

A emissão de Escarabeu para os outros foi estritamente simples, sem linhas sensoriais nem qualquer disposição a sentimentos. *Não temos nada a ver com isso*, enviou ela.

O que sempre fora verdade até então. Ela não tinha como saber a profunda dimensão de *errado* que envolvia esse pensamento naquele dia, nem contra o que aquele peculiar exército, híbrido e improvisado, lutava, nem quais seriam as consequências se eles perdessem.

Eram tantas incógnitas.

*quarenta e oito horas após a Chegada*

# 42

## O pior

A primeira sensação é uma estranheza na espinha. Karou busca Akiva, seu olhar cruzando o enorme grupo de soldados. No mesmo instante, ele retribui o olhar. Um franzir surge no rosto dele.

*Alguma coisa...*

E então, muito de repente, o céu os trai. É baixa e brilhante — uma névoa reluzente, iluminada por trás, exatamente como da última vez que cruzaram o portal, para vir a Eretz. Mas agora não são caça-tempestades mergulhando do alto.

É um exército.

*Muitos*.

Os anjos são fogo, e são uma legião, asa com asa, e assim o céu se transfigurou em fogo. Vivo e reluzente. A luz do dia, por mais brilhante, é bloqueada por eles — tantos —, e então uma escuridão emaranhada despenca no exército abaixo.

Sombras, caçadas por fogo.

Muito rápido. Tudo muito, muito rápido.

Assim começa.

A cratera é uma tigela de bordas irregulares, e os soldados do Domínio são uma tampa de fogo. São muitos e muitos, asa com asa, espadas a postos, e quando arremetem em uma fração de segundo, não há como escapar, não há como evitá-los.

Tampouco há hesitação entre os que estão abaixo. Tudo que quase aconteceu nas cavernas dos Kirin acontece agora, incontido e com a rapidez de um estalar de chicote. Espadas: desembainhadas; mãos: com palmas erguidas. O efeito dos hamsás é instantâneo. Tal qual o ondular na grama provocado pelo vento, as fileiras no ataque vacilam, recuam, proporcionando uma breve trégua aos rebeldes — que então se erguem para receber a emboscada, rugindo. Não esperam para ficar presos entre pedra e fogo; em vez disso, saltam, *se lançam*, indo de encontro às tropas do imperador no ar com um som que é como o de punhos contra punhos.

Muitos punhos contra não tantos, talvez, mas esses não tantos têm magia.

Ao primeiro toque da sombra, Akiva tenta alcançar o *sirithar...*

... mas uma força o faz cair de joelhos, como se atingido por um trovão; um trovão como arma, um trovão em sua mente. O barulho ressoa dentro dele, e Akiva está cambaleando, até que alguém o pega. O Dashnag, que já não é mais um menino. Rath. Sua imensa mão surge no ombro de Akiva. O mesmo ombro que um dia foi dilacerado por uma quimera é agora firmado por outra, e não há *sirithar*, apenas o choque das lâminas. Então o garoto Rath se lança para a batalha. Akiva se ergue de um ímpeto e saca suas espadas. Não vê Karou...

... e Karou não o vê, nem pode parar e ir procurá-lo. Um anjo está indo em direção a Zuzana e Mik, e ela não vai conseguir alcançá-los a tempo. Ela está abrindo a boca para gritar quando vê Virko. Ele ataca.

Rasga.

O anjo fica em pedaços, e Karou está com suas lâminas de lua crescente nas mãos. É uma dança sendo executada quando ela abre caminho pelo inimigo para chegar a Zuzana e Mik.

Akiva tenta alcançar o *sirithar* de novo, e mais uma vez o trovão invade sua cabeça e o lança de joelhos.

Pelo mais breve instante, ele tem a sensação de que alguém pressiona a mão fria em sua testa, reconfortando-o, depois a retira. Tudo a sua volta é brilho e choque e rosnados e golpes e dentes e grunhidos e cambalear. A magia lhe é negada. Tudo o que ele pode fazer é se levantar e lutar.

Zuzana fechou os olhos. Reação reflexiva a desmembramentos. Você pode passar a vida inteira sem saber como reagiria ao ver membros sendo arrancados a sua frente, mas agora Zuzana sabe, e conhece o terror em curso "nessa história toda de guerra", e decide logo que *não* ver o que está acontecendo é pior do que ver, então abre novamente os olhos. Mik está bem ao seu lado, e ele é bonito, e Virko está agachado diante dela, plantado ali; ele é terrível, e bonito também. Os espinhos em sua nuca se abriram. Ela não sabia que faziam isso. Normalmente ficavam deitados, como os de um porco-espinho quando não estão em ação, só que maiores, mais afiados e com pontas serrilhadas, mas agora estão abertos e eriçados, e ele parece ter o dobro do tamanho de antes. É como uma juba de leão composta por facas.

Então Karou chega, com sangue em suas lâminas. Virko está abaixando os espinhos — eles se entrelaçam, Zuzana percebe, e a elegância do movimento... a perfeita simetria a deixa espantada, e será esta sua lembrança mais nítida, não a do desmembramento, que sua mente já puxa uma cortina para encobrir, mas a da simetria. Seus espinhos agora não estão protegidos por um cobertor fedido, e não há arreios em que se segurar quando Mik a ajuda a subir, mas Zuzana não está com medo, não disso. Em meio ao pesadelo, ela está feliz por ter um amigo com uma juba de leão feita de facas. Mik monta atrás dela, e os músculos de Virko se retesam sob o peso dos dois. Ele inspira fundo com dificuldade, e então eles deixam o chão e... desaparecem.

Ziri vê Virko sumindo — ele desaparece —, e então Karou está virando, procurando. Não por ele; Ziri sabe disso, e se importa menos do que antes. Uma grande rajada de vento que só pode ser a corrente provocada pelas batidas das asas de Virko, já fora de vista, sopra o cabelo dela para trás como a um estandarte de batalha, uma seda azul ondulante, e, em meio ao turbilhão confuso da batalha, ela é cercada por uma curiosa redoma de calmaria.

Porque está sendo protegida, como Ziri pode ver, tanto por quimeras quanto por Ilegítimos. Porque ela é a ressurreicionista, e porque tem outra missão mais imediata a cumprir. Perceber isso o impulsiona adiante. O que quer que aconteça ali, não pôde impedir o plano de Karou de ir adiante. Jael precisa ser detido.

Ziri procura por Liraz. Lá está ela, ela e Akiva. Estão lutando, costas contra costas, letais. Akiva empunha um par de espadas irmãs; Liraz, uma espada e um machado, e o sorriso dela é quase uma terceira arma. É o mesmo sorriso que exibiu no conselho de guerra, quando ridicularizou a proporção da luta. "Três soldados do Domínio contra um Ilegítimo?", disse ela, com avidez. E Ziri vê isso diante dele agora: três para um e mais. E mais, e mais, porém algo está acontecendo. Nisk e Lisseth se juntam. Para sua surpresa, atuam como reforço para Akiva e Liraz. Cada um brande uma lâmina e tem o hamsá apontado para o inimigo, que, diante da pulsação de fraqueza, não é páreo para a velocidade e a força da dupla de Ilegítimos.

Ziri sente um ressurgir de esperança. É uma esperança que ele conhece bem e que despreza: a esperança feia e suja de que, matando outros, poderá viver um pouco mais.

Matar ou morrer, não há outra escolha.

Corpos saturam a cratera e ainda assim caem mais. De repente Ziri vê em sua mente o flash de como o lugar ficará cheio de corpos, como se as montanhas estivessem com as mãos em concha para oferecer os mortos a Nitid, deusa das lágrimas e da vida, e aos deuses da luz, e ao nada.

Há corpos de quimeras também, e de Ilegítimos, e então...

... uma segunda escuridão se abate sobre eles.

Lá no alto, um segundo céu de fogo está caindo, asa com asa, e nem mesmo a esperança feia e suja pode sobreviver a isso. Mais uma onda de soldados do Domínio, tão grande quanto a primeira, e hoje Nitid é a deusa de nada além de lágrimas.

— Karou! — chama ele, e não o surpreende mais ouvir o tenor do Lobo sair de sua garganta, uma voz que abre caminho pelo clangor da batalha e encoraja soldados cansados a continuar, como se a vida fosse um prêmio a ser conquistado com sangue.

Matar e matar e matar para viver. Quantos, e até quando? No fim, é apenas um cálculo, e, embora o verdadeiro Thiago tenha superado probabilidades impossíveis em batalha, nenhuma delas foi *tão* impossível.

Além disso, ele não é Thiago.

Ele grita ordens; quimeras e Ilegítimos atendem igualmente. Quando chega a Karou, um escudo de soldados está se formando, com Karou, Akiva, Liraz e Thiago no meio.

— Vocês duas precisam ir — diz o Lobo. Sua voz se ergue acima do caos, e seu olhar é decidido, mas não frio, não carregado de selvageria. Os dentes do Lobo Branco não vão rasgar nenhuma garganta hoje. — Saiam daqui. Usem o encanto. Vocês têm um trabalho a fazer.

Karou é quem se opõe primeiro:

— Não podemos deixar vocês agora...

— Vocês precisam. Por Eretz.

*Por Eretz.* Está subentendido que significa: *Se não por nós.*

*Porque estaremos mortos.*

— Só vou se você designar alguém para voltar — insiste Karou, com uma voz sufocada. — Alguém. Qualquer um.

Alguém para esperar em segurança, fora da batalha, e voltar para colher as almas depois que tudo acabar. Mas é inútil. Agora que os serafins sabem sobre a ressurreição, tomam medidas para evitá-la. Queimam os mortos, vigiam as cinzas até a evanescência se completar. Mas Ziri assente mesmo assim.

É hora de ir. A relutância que envolve todos eles é uma teia complexa — uma cama de gato de amores e anseios e... até mesmo o primeiro suave desenrolar de uma possibilidade tão remota que deveria ser ridícula. Ziri olha de relance para Liraz no mesmo instante em que ela olha para ele, e em seguida os dois desviam rapidamente o olhar: Ziri, para Karou; Liraz, para Akiva. Um segundo apenas — uma eternidade — é o que se permitem para as despedidas. Desejam desejos sem sentido, e deixam seus *e se* caírem com os corpos.

Segundo as lendas, quimeras nascem de lágrimas, e serafins, de sangue, mas neste momento eles são, todos eles, filhos do pesar.

Quando Karou e Akiva começam a virar um em direção ao outro para seu último olhar, os rostos pálidos pela perda incomensurável (*não, por favor, não, agora não, por favor*), o Lobo fala:

— Akiva, vá com elas. Leve-as até o portal. Cuide para que consigam atravessá-lo.

Akiva pisca duas vezes, rapidamente. Não quer recusar, mas é o que vai fazer. Precisa ficar *ali*, lutando...

— Pode estar vigiado — continua o Lobo, prevendo o que ele vai dizer. — Elas podem precisar de ajuda. — A batalha ao redor está chegando ao ápice. — Vão!

Akiva faz que sim, e eles partem.

É ao olhar de Liraz que Ziri se prende quando os três somem de vista. Não há um período de transparência, só um movimento brusco de *ali* para *não mais ali*, e no difícil instante final desse *ali*, Liraz não está com um sorriso assassino e mordaz no rosto, nenhum desprezo ou frieza ou desejo por vingança. Suas feições são suavizadas pela tristeza, e sua beleza o deixa sem ar.

Então ela desaparece. O Lobo Branco é deixado sozinho dentro da esfera de soldados. *Ziri Sortudo*, pensa ele, arrasado, vazio. *Não hoje, e não amanhã.*

Ele olha para cima. A passagem dos exércitos afastou a névoa e ele agora vê fileiras de soldados.

E soldados e mais soldados e mais soldados.

Ele ri. Prepara o corpo roubado, arreganha as presas e salta.

Ele os *escala*. São sólidos o suficiente, o que torna tudo mais fácil. Basta saltar e pegar um no ar, matá-lo. Depois pular para o próximo enquanto o corpo cai. Para o próximo, para o próximo, até o chão já estar bem longe, e as asas deles se embolam na pressa para escapar de Ziri. Mais soldados se aproximam por trás, e não faltam presas. Não falta sangue para derramar, e sua risada parece sufocada.

Ele é o Lobo Branco.

Liraz está voando, rápido, dirigindo-se às pressas ao portal. Os sons da batalha ecoam atrás dela, mas são abafados pelo ruído do vendo à medida que eles avançam, o vento que faz seus olhos arderem. E é só isso, esse arder dos olhos: é só o ar, a velocidade.

“Ainda não fomos apresentados. Não exatamente”, foi o que ele lhe disse nas fontes termais, antes de lhe entregar seu segredo como uma faca. *Você poderia usar isso para me matar. Mas prefiro confiar que não o fará.*

Confiar. Liraz confia nele porque ele salvou sua vida ou porque ele lhe confiou seu segredo? Ou ambos? Ela o viu lutar; seu estilo é um misto de eficiência e desenvoltura. Ele é brutal e gracioso, mas não chega perto da graça que ela testemunhou nas Terras Distantes, quando ele vestia o próprio corpo e rodopiava em sua dança Kirin com as lâminas de lua crescente. Pareciam uma extensão dele. Aquelas espadas não. Aquele corpo também não. Desde que ele lhe contou quem é, sua forma de Lobo Branco parece uma fantasia para ela, como se ele pudesse abri-la e sair lá de dentro, alto e esguio, escuro, com chifres e asas. Aos olhos da mente de Liraz, ele é uma silhueta. Ela só o viu a uma grande distância, nem sabe como é seu rosto de verdade.

Gostaria de saber.

E no segundo seguinte o desejo lhe parece estúpido e mesquinho. Que importa como era o rosto dele antes? Ele pode muito bem estar morrendo lá atrás — mais uma vez, e dessa vez para sempre. O que significa “de verdade” quando se trata de um rosto? Apenas almas são de verdade, e quando elas escapam, se fundem com o ar, como a de Haz, e incontáveis outras, e a perda... *A perda.* Liraz aperta a barriga. Fogos se esvaem, e o mundo fica turvo.

Como ela pode ter levado tantos anos para se dar conta de como a vida é preciosa?

Eles voam, e só após longos minutos em alta velocidade é que deixam as montanhas para trás e veem correr lá embaixo as águas escuras da baía. Parece um mar dali de cima, o nevoeiro encobrindo os horizontes e a terra que os encerra. Karou finalmente vê Mik e Zuzana montados em Virko, mais à frente. Os humanos estão tentando manter o encanto, mas ele centelha, vacilante, e uma patrulha do Domínio os vê. Estão se aproximando.

Virko gira e mergulha. Ele consegue. Passa pelo portal e desaparece com uma ondulação no ar; então Karou, Akiva e Liraz chegam às margens oscilantes da fenda no céu, e, em vez de se lançar direto através dela, Karou vai em direção a Akiva. Eles já não estão mais sob o encanto, e, quando olha para ele, a impossibilidade do adeus toma conta dela de novo — pior do que antes, muito pior, alcançando-a em pleno sufoco do perigo. Como ela pode deixá-lo assim?

— Vai! — grita Liraz para ela. — *Agora!*

Karou pega a mão de Akiva. Impotente, ela tenta criar um último instante com ele. Um olhar pelo menos, se não palavras, se não mais. Algo para lembrar. A mão dele é tão quente, e os olhos tão brilhantes... mas cheios de temor. Ele parece aflito, melancólico, furioso e pronto para amaldiçoar os deuses da luz. Aperta a mão dela.

— Vai dar tudo certo — diz ele, mas com desespero. Quer acreditar nisso, mas não consegue, e se ele não acredita, Karou também não.

*Ah, meu Deus, ah, meu Deus.* Ela quer arrastá-lo consigo pelo portal e nunca mais soltar.

Liraz ainda está gritando para ela, e o som reverbera dentro da cabeça de Karou, e a enche de pânico — e *raiva* —, e, quando Akiva toca seu ombro, encorajando-a a atravessar, acabou. Ela sente a fenda no céu roçar seu rosto, e então não está mais em Eretz. Os gritos de Liraz... *Vai! Vai!* ... ecoam em sua mente, alimentando seu pânico. Ela fica vermelha de fúria, pronta para odiá-la, mesmo que por um instante, pronta para mandá-la *calar a boca*, e se vira de frente para o portal para esperar por ela...

... enquanto, do outro lado, Akiva dá as costas. Ele é um anjo vazio. Acabou de ver Karou desaparecer e procura os olhos da irmã uma última vez antes que ela vá também. *Cuide dela*, quer dizer, mas não consegue. *E se cuide também. Por favor, Lir.* Os olhos deles se conectam por um instante.

— A urna está cheia, meu irmão — diz ela.

*Urna?* Akiva pisca, uma única vez; então se lembra. Hazael lhe disse isso. Akiva é o sétimo de seu nome; seis Akivas mortos antes dele: a urna de cremação está cheia. “Você não pode morrer”, disse-lhe Hazael, de maneira tola, como se fosse uma constatação evidente.

Hazael, que morreu, enquanto Akiva sobreviveu.

Os pensamentos de Akiva estão estilhaçados. Os soldados do Domínio chegarão em segundos. Ele os vê como contornos que se movem violenta e rapidamente atrás de Liraz. Os gritos de sua irmã (*Vai! Vai! Vai!* ) provocam nele uma grande agitação, mas ainda assim ele consegue pensar que nunca a viu tão viva como naquele instante. Ele vê propósito, energia e determinação no rosto de Liraz. Ela está focada; está *iluminada.*

E então os pés dela atingem seu peito.

Uma força violenta, capaz de deixar marcas, que faz vibrar suas costelas e seus pulmões pararem. Todos os seus pensamentos e seu ar lhe são arrancados de repente, e ele está cambaleando, sem rumo. Não consegue enxergar nem respirar.

E, quando se recupera, está do outro lado do portal.

Que se inflama, com Liraz do lado oposto. Queimando o portal. Akiva pensa ouvir um retinir — espada contra espada — uma fração de segundo antes de a conexão entre os mundos se perder.

O corte no céu está cauterizado como uma ferida. Liraz permanece em Eretz, e Akiva está ali no lugar dela. Com Karou.

# 43

## Fogo no céu

E silêncio.

Não um silêncio propriamente dito. Havia o ruído de fogo e vento — o crepitar e o sussurro — e o ruído da penosa respiração deles. Mas, no estado de choque em que se encontravam, a sensação era de silêncio. Todos estreitaram os olhos para o arder das chamas. O fogo se inflamou, em um repentino ardor, para logo depois morrer, sem deixar fumaça nem cheiro. Simplesmente sumira, e o que quer que tivesse queimado — o que quer que mantivesse os mundos separados — não desprendeu nenhum resíduo de cinza ou fumaça. O portal simplesmente já não existia mais.

Os olhos de Karou vasculharam o céu em busca de um sinal de que um dia o portal estivera ali. Uma cicatriz, uma ondulação, uma imagem fantasma do corte, mas não restava absolutamente nada.

Ela se virou para Akiva.

Akiva. Ele estava ali. *Ele* estava ali, não Liraz. O que é que tinha acontecido? Ele ainda nem tinha olhado para ela; seus olhos continuavam arregalados de horror, encarando fixamente a ausência recém-formada no céu.

— Liraz! — gritou ele, rouco, mas o caminho estava bloqueado.

Não apenas bloqueado: destruído. O céu era só o céu agora, a atmosfera rarefeita sobre aquelas montanhas africanas, e a anomalia que fizera Eretz parecer... um país vizinho do outro lado de uma roleta... essa anomalia tinha acabado, e agora Eretz parecia muito, muito distante, impossível e incrivelmente distante, como um lugar imaginário, e o sangue que estava sendo derramado lá...

*Ah, meu Deus.* O sangue não era imaginário. O sangue, as mortes. E estava tão silencioso ali, nada além do vento agora, e seus amigos e camaradas e... e sua *família*, cada soldado Ilegítimo remanescente, irmãos de sangue, todos estavam lutando em outro céu, e não havia nada que ele pudesse fazer quanto a isso.

Eles os haviam deixado lá.

Quando finalmente se virou para Karou, Akiva tinha um ar devastado. Pálido e incrédulo.

— O que... o que aconteceu? — perguntou Karou, indo até ele pelo ar.

— Liraz — disse, como se ainda estivesse tentando entender. — Ela me empurrou pelo portal. Ela decidiu... — engoliu em seco — que eu deveria viver. Que *eu* deveria sobreviver.

Ele encarava o ar a sua frente como se pudesse ver o outro mundo através dele; como se Liraz estivesse apenas do outro lado de um véu. Mas, sem o portal, parecia insondável que aquele outro mundo tivesse chegado a existir um dia. Onde *estava* Eretz, e que magia permitira aquele acesso tão fácil? Quem havia aberto os portais, e quando, e como? A mente de Karou voltou a sua imagem do cosmos conhecido, com planetas girando em torno de uma estrela — uma imensidão que era insignificante dentro de uma vastidão incompreensível —, e ela não conseguia entender como Eretz se encaixava nessa imagem. Era como atirar dois quebra-cabeças em uma pilha e tentar montar um só com todas as peças.

— Liraz consegue enfrentar aquela patrulha — disse ela a Akiva. — Ou pelo menos ficar invisível e fugir.

— Fugir para onde? Voltar para o massacre?

*Massacre.*

Karou sentia algo, no âmago de seu ser, algo como um grito. Seu coração e suas entranhas gritavam; ela se sentia oprimida. Pensou em Loramendi e balançou a cabeça. Não podia passar por tudo aquilo de novo: voar de volta para Eretz e não encontrar nada além de morte a sua espera. Não podia nem pensar nessa possibilidade.

— Eles podem vencer — disse ela. Queria que Akiva assentisse, concordasse. — Os batalhões mistos. As quimeras vão enfraquecer os invasores, e você disse... — Ela engoliu em seco. — Você disse que os soldados do Domínio não eram páreo para os Ilegítimos.

É claro que não era isso o que ele dissera, e sim que, em uma luta de *um contra um*, o Domínio não era páreo para eles. Mas aquela luta não era de um contra um, nem de longe.

Akiva não a corrigiu. Nem assentiu ou garantiu que ficaria tudo bem.

— Tentei alcançar o *sirithar*. A... a fonte de poder. E não consegui. Primeiro Hazael morreu porque não consegui, e agora todos vão...

Karou balançou a cabeça.

— Não.

— Fui eu que comecei isso, tudo isso. Eu os convenci. E *sou eu* que sobrevivo?

Karou ainda balançava a cabeça, os punhos cerrados. Ela se dobrou no ar e os pressionou contra o peito: naquele ponto logo embaixo do V invertido da caixa torácica. Era lá que sentia o vazio e a corrosão; como fome. E ela *tinha* fome. Estava mal nutrida e magra demais. Seu corpo parecia insubstancial agora, como se ela tivesse sido reduzida ao essencial. Mas o

vazio e a corrosão eram mais do que fome. Eram tristeza, medo e impotência. Havia muito deixara de acreditar que Akiva e ela eram os instrumentos de uma força maior, ou que o sonho deles fazia parte de um plano ou do destino, mas descobria agora que ainda se sentia indignada com o universo. Por não se importar, por não ajudar. Por trabalhar contra eles, ao que parecia.

Talvez *houvesse* uma força. Um plano, um destino.

E talvez essa força os odiasse.

Estava tudo tão silencioso. Os outros estavam tão distantes.

Ela pensou no garoto Dashnag das Terras Distantes, nas Sombras Vivas e em Amzallag, aos quais acabara de devolver a vida — Amzallag, que tinha esperanças de colher as almas dos filhos nas ruínas de Loramendi —, e em todos os outros. Principalmente, pensou em Ziri, carregando seu fardo, levando a farsa nos ombros sozinho agora que não contava mais com Issa, Ten e Karou. Morrendo como o Lobo.

Evanescendo.

Ele dera tudo de si, ou o faria em breve, enquanto ela estava ali, em segurança... com Akiva. Suas emoções eram uma mistura venenosa na boca do estômago mais do que vazio, porque lá no fundo, inacreditavelmente, sob todo o horror e conflito, havia pelo menos uma ponta de... Deus do céu, com certeza não era de *alegria*. Alívio, então, por estar viva. Não podia ser errado se sentir aliviada por estar viva, mas era como lhe parecia. Errado de uma forma muito, muito covarde.

As asas de Akiva batiam lentamente, mantendo-o no ar. Karou apenas flutuava. Atrás deles, Virko voava para a frente e para trás com Mik e Zuzana nas costas... *Opa.* Karou voltou o olhar rapidamente. Virko. Não era para ele estar ali. Não tinha como ele se passar por humano, de jeito nenhum. Ele deveria ter deixado Mik e Zuze lá embaixo e voltado para o portal. Mas os pensamentos de Karou se desviaram dele naquele instante. Akiva estava olhando para ela, e Karou tinha certeza de que ele sentia a mesma mistura venenosa de alívio e horror que ela. Até pior, por causa do sacrifício de Liraz. "Ela decidiu", dissera ele, "que *eu* deveria sobreviver."

Karou balançou a cabeça mais uma vez, como se de alguma forma pudesse espantar todos os pensamentos negativos.

— Se fosse *você* — disse ela, olhando bem dentro dos olhos dele —, se fosse *você* que estivesse do outro lado agora, como quase foi, eu acreditaria que você ficaria bem. Eu *teria* que acreditar, e tenho que acreditar agora. Não há nada que possamos fazer.

— Podemos voltar — disse ele. — Podemos voar agora para o outro portal.

Karou não tinha uma resposta para isso. Não queria dizer não. Seu coração também se animou com a ideia, por mais que seu bom senso lhe dissesse que era inviável.

— Quanto tempo levaria? — perguntou ela depois de uma pausa.

Dali até o Uzbequistão, e depois, já do outro lado, das montanhas Veskal às Adelphas.

Akiva trincou o maxilar por um segundo.

— Metade de um dia — respondeu ele, com tensão na voz. — No mínimo.

Nenhum dos dois disse em voz alta, mas ambos sabiam: quando conseguissem voltar, a batalha já teria terminado, de um jeito ou de outro, e eles teriam fracassado em sua tarefa ali, e em todo o resto. Não podiam fracassar desta vez.

Embora detestasse ser a voz da razão em face da dor, Karou perguntou, cautelosamente:

— Se fosse Liraz aqui comigo, e você tivesse ficado lá, o que iria querer que fizéssemos?

Akiva a observou. Os olhos dele ardiam semicerrados, e ela não conseguia identificar o que ele estava pensando. Queria pegar sua mão, como fizera do outro lado, mas, por algum motivo, lhe pareceu errado fazer isso, como se aquilo fosse apelar para seus ardis a fim de fazê-lo desistir de algo extremamente importante. Ela não queria isso; não podia tomar essa decisão por ele, então apenas esperou, e a resposta dele foi forte e decidida:

— Eu iria querer que fizessem o que vieram fazer.

Pronto. Nem era uma escolha de verdade. Eles não tinham como chegar até os outros a tempo de fazer alguma diferença, e mesmo que *chegassem*, que esperanças podiam ter de realmente ajudar? Mas parecia uma escolha, como dar as costas a todos, e começou a crescer em Karou, espalhando-se como uma mancha de sangue, a apreensão pela culpa que iria assombrá-la.

*Eu fiz o bastante? Fiz tudo o que podia?*

*Não.*

Mesmo agora, quando mal haviam chegado àquele lado da catástrofe e a batalha ainda estava em curso no outro mundo, ela já sentia como aquilo iria macular qualquer felicidade que poderia esperar encontrar ou criar com Akiva. Seria como dançar em um campo de batalha, valsando por entre cadáveres, construindo uma vida a partir disso.

*Cuidado, não pise aí, um, dois, três, não tropece no corpo da sua irmã.*

— Hã... pessoal? — Era Mik. Karou se virou para os amigos, tentando conter as lágrimas. — Não sei direito qual é o plano — continuou ele, hesitante; parecia pálido e atordoado, assim como Zuzana, que se segurava em Virko enquanto Mik se segurava nela —, mas temos que sair daqui. Estão vendo aqueles helicópteros?

Karou levou um choque. *Helicópteros?* Ela agora os via, ouvia o que deveria ter notado antes. *Vupvupvupvupvup...*

— Estão vindo para cá — disse Mik. — E rápido.

Lá estavam. Vários, convergindo sobre eles vindo de todas as direções. *Mas como assim?* Aquela área era terra de

ninguém. O que aqueles helicópteros estavam fazendo ali? Então ela teve um pressentimento muito ruim.

— A casbá. — Um novo pavor começou a dominar sua mente. — Droga. O poço.

***

Eliza estava... meio fora de si mesma naquele dia. Mas até que estava fingindo bem, pensou, tomando um grande gole de chá. Devia esse dom a sua família. *Obrigada pela total desconexão entre minhas emoções e meus músculos faciais*, pensou, com seu mau humor especial que deixava reservado para eles. É bem útil quando quero disfarçar que estou surtando. Após anos dissimulando o sofrimento, a vergonha, a confusão, a humilhação e o medo, ela podia caminhar indiferente, a fachada imperturbável, quase destituída de vida.

A não ser quando o sonho tomava conta, é claro. Então ela era viva, ah, se era. E como. E na noite anterior, lá em cima no terraço... ou tinha sido naquela manhã? As duas coisas, achava. Tinha se estendido tanto que era bem capaz de ter alcançado a aurora. Ela simplesmente não conseguira parar de chorar. Nem estava com sono dessa vez, mas ainda assim ele a encontrou. "Ele". O sonho. A *lembrança*.

Uma tempestade se precipitara dentro dela, completamente alheia a sua vontade, e a tempestade era pesar, perda incomensurável e a plena intensidade do remorso que ela passara a conhecer tão bem.

Com o desbotar das estrelas e o nascer do dia, a tempestade passara, de forma que hoje Eliza era a paisagem devastada que é deixada no rastro do temporal. Águas baixando, ruínas. E... revelação, ou pelo menos um pedaço, uma ponta. Era isso o que parecia: detritos levados pela água, sua mente uma planície inundada, limpa e austera, e a seus pés, recém-visível, algo brotando da terra. Podia ser a ponta de um baú — o tesouro de um pirata ou a caixa de Pandora — ou a ponta de... um telhado. De um templo enterrado. De uma cidade inteira.

De um mundo.

Tudo o que tinha que fazer agora era soprar a poeira para descobrir, ou começar a descobrir, o que mais jazia enterrado dentro de si. Ela podia sentir. Florescendo, infinito, terrível e fantástico: o dom, a maldição. Sua herança. Já se agitava dentro dela. Ela se esforçara tanto para manter aquilo enterrado, que às vezes era como se qualquer energia que pudesse ter tido para alegria ou amor ou luz tivesse sido consumida nessa causa. Há um limite para o que se tem a dar.

Então... e se ela apenas parasse de lutar e se entregasse?

*Aí é que estava o problema.* Porque Eliza não era a primeira a ter o sonho. O "dom". Ela era apenas a mais recente "profeta". Somente a próxima na fila do hospício.

*Naquela direção fica a loucura.* Ela estava muito shakespeariana. O Shakespeare das tragédias, é claro, não das comédias. Não lhe escapou à atenção o detalhe de que, quando Rei Lear diz essa frase, já está a caminho da loucura. Talvez ela também estivesse.

Talvez estivesse perdendo a cabeça.

Ou talvez...

... talvez estivesse se encontrando.

Ao menos por ora estava no controle de si mesma, tomando chá gelado de hortelã na casbá — não a casbá-hotel, e sim a casbá com a cova coletiva de feras — enquanto descansava um pouco do poço. O dr. Chaudhary não estava muito falante hoje. Eliza corou ao se lembrar da maneira meio sem jeito dele ao lhe dar um tapinha no braço no dia anterior, sem saber o que fazer diante do colapso dela.

Droga. Ele era uma das poucas pessoas cuja opinião a seu respeito realmente importava para ela, e agora acontecia isso. Sua mente estava voltando mais uma vez ao que tinha acontecido (mais uma volta do carrossel da vergonha) quando notou uma agitação entre os profissionais ali reunidos.

Havia uma espécie de área de alimentação improvisada em frente aos antigos e imensos portões da fortaleza: um caminhão servindo chá e pratos de comida, algumas cadeiras de plástico. A casbá em si estava isolada; uma equipe de antropólogos forenses passava um pente fino por ali. Literalmente. Pelo visto tinham encontrado longos fios de cabelo azul em um dos quartos; o mesmo quarto em que tinham encontrado, espalhado pelo chão, um sortimento peculiar de *dentes*. Assim havia começado a especulação de que a "garota da ponte" e o "fantasma dos dentes" (a silhueta capturada pela câmera de segurança do Museu Field, de Chicago) pudessem ser a mesma pessoa.

A trama se complicava.

E agora mais essa. Eliza não via onde a agitação começava, mas dava para acompanhá-la passando de um grupo de trabalhadores para outro por meio de gesticulações e trocas de palavras altas e rápidas em árabe. Alguém apontou para as montanhas. Lá no alto, no céu, acima dos picos — na mesma direção para a qual o dr. Amhali tinha apontado quando dissera, ironicamente: "Eles foram por ali."

Eles. As "feras" vivas. Eliza respirou fundo, puxando o ar com força. Será que os tinham encontrado?

Ela viu o brilho de uma aeronave se movendo longe dali, e então, à direita, dois homens se separaram da massa geral de pessoas, cuja função ela não conseguia distinguir (havia muitos homens ali, a maioria aparentemente sem fazer nada), e seguiram para o helicóptero que estava parado em um pedaço plano do terreno. Ela continuou observando, o chá esquecido

nas mãos, quando os rotores começaram a girar, ganhando velocidade, até ondas de areia voarem na direção dela e o helicóptero levantar voo. Fazia muito barulho — *vupvupvupvup* —, e Eliza observava o rosto das pessoas ao redor, o coração batendo acelerado. Ela se sentia limitada pela barreira da língua, era uma completa estranha ali. Mas com certeza alguém falava inglês; só precisava de um pequeno ato de coragem. Respirou fundo, jogou o copo descartável em uma lixeira e se aproximou de uma das poucas mulheres a trabalhar no local. Foram necessárias poucas perguntas para descobrir a fonte da agitação.

Um fogo no céu, explicou a mulher.

Fogo?

— Mais anjos? — perguntou ela.

— *Insha'Allah* — replicou a mulher, olhando para o alto. *Que Alá queira.*

Eliza se lembrou do dr. Amhali dizendo, no dia anterior: "Que bom para os cristãos, não?" "Anjos" em Roma, "demônios" ali. Que ótimo, que perfeito para a visão ocidental predominante no mundo, e que errado. Os muçulmanos também acreditavam em anjos, e Eliza imaginava que eles não se importariam em ter alguns do seu lado — embora ela tivesse o pressentimento de que estavam melhor sem eles, e até se perguntasse (principalmente à luz daquilo em que começava a acreditar) por que a ideia da existência de anjos a assustava mais do que a de feras.

# 44

## Notícias de última hora

Os serafins tiveram a vantagem de poder preparar sua chegada. Trouxeram o próprio acompanhamento musical, criaram fantasias especialmente para a ocasião e avaliaram em qual local causariam mais impacto quando chegassem. Mas mesmo que não tivessem feito nada disso, eram bonitos e graciosos. Séculos de mitologia os prenunciavam positivamente. Com muito esforço daria errado.

As "feras" fizeram sua entrada com um pouco menos de elegância: as roupas totalmente amarrotadas e cobertas de uma pasta escura de sangue seco, a trilha sonora escolhida por produtores de TV sensacionalistas, a insuficiência no quesito desenvoltura e beleza.

Afinal de contas, estavam mortos.

Dois dias após o atordoante pronunciamento do líder dos anjos ("As feras estão vindo atrás de vocês") — dois dias de tumultos e pactos suicidas e batismos em massa em igrejas superlotadas, dois dias de cenhos franzidos e pigarros e hesitação da parte de um conselho fechado de líderes mundiais —, um telejornal anunciou a novidade que explodiu no consciente humano coletivo com tanta força quanto a Chegada, se não mais.

"Notícias de última hora."

O jornalismo já estava operando de maneira febril — mídia com metabolismo de beija-flor: *rápido rápido rápido*, e voraz. Os diversos sabores de medo eram generosamente temperados com deleite. Tempos assim são o sonho de qualquer emissora. *Tenha medo. Não. Tenha ainda* mais *medo! Isto não é encenação.*

Nesse contexto, a mais recente "Notícia de última hora" se destacava por sua solenidade e seriedade.

A história foi narrada pelo âncora mais bem pago do mundo, um jornalista que era praticamente a versão humana de um cobertor quentinho, surgindo na sala das famílias americanas todas as noites, ano após ano, seu rosto mantido impecavelmente jovem salvo por um efeito de alongamento da testa, provocado pelas entradas do cabelo cada vez mais pronunciadas. Ele tinha dignidade, e não só do tipo artificial criado pelos fios grisalhos (falsos ou não). E, para seu crédito, se não tivesse concordado em usar sua influência a serviço da ética jornalística, as coisas poderiam ter sido bem piores.

*"Meus companheiros americanos, cidadãos da Terra..."*

Ah, imagine poder dizer isso: *Cidadãos da Terra!* Emissoras menores tremeram de inveja.

*"Acabamos de receber evidências que parecem validar as declarações dos Visitantes. Vocês sabem de que declarações estou falando. Algumas investigações preliminares, realizadas em caráter independente, sugerem que essas fotografias são legítimas, embora, como vocês verão, isso levante muitas perguntas para as quais ainda não temos respostas. Gostaria de alertá-los de que as imagens que mostraremos a seguir não são próprias para crianças."* Pausa. Milhões de pessoas se inclinando para a frente, prendendo a respiração. *"Podem não ser próprias para ninguém, mas este é o nosso mundo, e não podemos simplesmente virar o rosto para a realidade."*

E ninguém virou, e poucos foram os que tiraram as crianças da sala quando, sem mais preâmbulos, ele mostrou as imagens sem som de fundo nem música.

Nas salas das casas de todo o país, e também em bares, escritórios, auditórios, quartéis de bombeiros, nos laboratórios instalados no porão do Museu Nacional de História Natural e em todo lugar, quando a primeira imagem apareceu, testas se franziram.

Esse foi o período de tolerância — o franzir de testas, a descrença automática tal qual o reflexo do joelho que faz a perna se erguer —, mas não durou muito. Depois daquelas quarenta e oito horas, a descrença automática tinha dado lugar à credulidade. Muitas pessoas estavam aprendendo a *acreditar*. E então, rapidamente e em uma grande onda, a cognição do espectador passou de *Mas o que...?* para *Ah, meu Deus*, e o pânico na Terra atingiu um novo nível.

*Demônio.*

Era Ziri, embora, é claro, ninguém soubesse seu nome nem se perguntasse qual seria — como Eliza fazia.

O anúncio que Zuzana e Mik tinham feito para Ziri durante o voo era mais ou menos assim: "Jovem fofo e heroico, atualmente ocupando o corpo de psicopata bonitão para tentar salvar o mundo. Capaz de sacrificar tudo por amor, mas tem esperanças de que isso não seja necessário. Merece muito um final feliz."

Em um conto de fadas, com certeza ele conseguiria seu final feliz, dissera Zuzana. Os puros de coração sempre vencem. Havia, entre ela e Mik, uma promessa de conto de fadas: a de que, quando ele cumprisse três desafios heroicos, poderia pedir a mão dela. A ideia tinha surgido como uma brincadeira, mas ele levara a sério, e por enquanto havia cumprido apenas um desafio do total de três. Se bem que Zuzana secretamente considerava um ato heroico o fato de ele ter consertado o ar-condicionado no último quarto de hotel em que se hospedaram.

O ato de Ziri de sacrificar seu corpo original certamente se qualificava como heroísmo, mas a vida não é um conto de fadas.

Muito pelo contrário: às vezes ela se empenha com afinco em provar como pode ser o total oposto disso.

Como agora.

Muito longe dali, algo aconteceu. Era uma conexão que ninguém faria (e nem poderia) em nenhum dos mundos. O que acontecia em Eretz acontecia em Eretz, e o mesmo valia para a Terra. Ninguém estava verificando as linhas temporais atrás de coincidências. Mas aquilo... aquilo quase sugeria um sincronismo entre os mundos.

No mesmo instante em que a imagem do corpo descartado de Ziri aparecia pela primeira vez nas transmissões televisivas humanas — no *exato* instante —, em Eretz a lâmina de um soldado do Domínio... perfurava seu coração.

Se *houvesse* outros mundos além desses dois, talvez estivessem ligados, e talvez ecos dessa história se desenrolassem em todos eles, sombras de sombras de sombras de sombras. Ou talvez fosse apenas uma coincidência. Brutal. Desconcertante. Enquanto a imagem do corpo de Ziri ficava marcada na consciência humana — *demônio!* —, ele morria de novo.

A dor foi bem pior dessa vez, e ninguém estava lá para abraçá-lo, tampouco havia estrelas para contemplar enquanto a vida o deixava. Ele estava sozinho, e no momento seguinte estava morto, e não havia ninguém por perto com um turíbulo. Ele prometera a Karou que deixaria alguém encarregado disso, mas não deixara. Não houve tempo.

E agora nunca haveria.

Lá no poço da casbá, quando Karou sentira a alma de Ziri fora do corpo, quando a alma dele tocara seus sentidos, ela sentira uma rara pureza — os ventos altos e fortes das montanhas Adelphas; *lar* —, e era apropriado que fosse lá que ele tivesse deixado de lado o odiado corpo do Lobo Branco e ficado livre dos choques das espadas e dos uivos a sua volta. Não havia som naquele estado. Somente luz.

E a alma de Ziri estava em casa.

*"Senhoras e senhores"*, prosseguiu o âncora, de sua bancada em Nova York. Sua voz era muito séria, sem nem sombra de alguma alegria mórbida. *"Esse corpo foi desenterrado ainda ontem, de uma cova coletiva às margens do deserto do Saara. É apenas um de muitos corpos encontrados. São todos diferentes uns dos outros e não há sobreviventes. Não se sabe quem os matou, embora estimativas preliminares indiquem que as mortes são recentes e que aconteceram há cerca de três dias."*

Mais corpos. De todas as fotos tiradas no local (por Eliza), aquela seleção parecia ter sido feita com o objetivo de provocar o horror máximo: as mais repulsivas gargantas cortadas, closes das mais monstruosas mandíbulas, exames de decomposição e rostos aterradores, olhos se desmanchando nas órbitas. Línguas inchadas.

Na verdade, Morgan Toth só enviara as fotos mais horríveis para a emissora — diretamente da conta de e-mail dela, é claro. Havia poesia e pungência em muitas das fotos que ela tirara das feras mortas; dignidade. Essas tinham sido deixadas de fora.

Apoiado no batente de uma porta nas galerias intermediárias do museu, ele observava as reações de seus colegas com um sorriso presunçoso. *Fui eu que fiz isso*, pensava, imensamente satisfeito. E, é claro, o melhor ainda estava por vir. Não confiando nos idiotas do canal de notícias para somar dois e dois com relação à identidade de sua fonte, tinha anexado uma prestativa mensagem. Essa tinha sido a melhor parte. Tornar públicas as aflições pessoais de Eliza.

*Prezadas senhoras e senhores*, escrevera, como se fosse ela.

*Ah, Eliza.* Ele estava sentindo uma quase ternura por ela. Pena. Sério, tanta coisa fazia sentido agora que sabia quem ela era. É claro, o único tipo de pena que Morgan Toth poderia sentir era o que um gato sente pelo rato entre suas patas. *Ah, sua coisinha insignificante, você nunca teve a menor chance.* Às vezes os gatos ficam entediados e deixam suas presas escaparem, mas nunca por misericórdia, e Morgan não estava nem perto do tédio.

*"Prezados senhoras e senhores"*, digitara ele. "*Talvez vocês se lembrem de mim. Por sete anos estive perdida, e, apesar de o caminho que escolhi na época ter lhes parecido surpreendente, garanto que tudo fazia parte de um plano maior. O plano de Deus."*

Poucos dias antes ela lhe dissera, com uma condescendência insuportável: "Não existem muitas coisas pelas quais as pessoas matariam ou morreriam felizes, mas essa é a maior delas."

*Não, Eliza*, pensava Morgan agora. *A maior delas é* esta. *Aproveite.*

*"A serviço da vontade Dele"*, escrevera Morgan para a emissora, "*eu mataria e morreria feliz, e igualmente feliz desafio nosso governo e outros a esconderem do povo a verdade dessa profana ignomínia."*

Era uma boa palavra, "ignomínia". Morgan sentiu medo de ter feito Eliza parecer inteligente demais, mas se consolou pensando que não conseguia disfarçar esse traço de si mesmo.

*Eu não pareceria burro nem se tentasse.*

Seus colegas estavam tão grudados nas telas de TV que ele não conseguia ver as imagens, mas tudo bem. Havia tido tempo de observá-las de perto — *obrigado, obrigado, Gabriel Edinger, e muito obrigado, Eliza, tão inocente, por não proteger o celular com código numérico* —, e não tinha dúvidas de que depois daquele dia seria *ele* e não ela quem daria prosseguimento àquele trabalho extraordinário com o dr. Chaudhary. Assim que o nome de Eliza viesse à tona, estaria tudo acabado para ela.

*Então vamos logo com isso*, pensou ele, começando a perder a paciência com a transmissão. *Já chega de monstros em decomposição.* Ele sabia que o resto era apenas um adendo, que eram os "demônios" que importavam, que o mundo não

ligaria muito para quem tivesse vazado as imagens para a imprensa. Mas ele precisava que a última peça daquele quebra-cabeças se encaixasse. Finalmente, ouviu o famoso âncora dizer, com uma voz perplexa:

*“Quanto à fonte destas imagens estarrecedoras, bem, isso nos traz a resposta para outro mistério que muitos de nós já tinham desistido de ver solucionado. Faz sete anos, mas vocês se lembrarão da história. Vocês se lembrarão desta jovem.”*

Então Morgan Toth abriu caminho pela aglomeração de cientistas. Não podia perder. Ali na televisão estava a fotografia que um dia já fora o centro das atenções. A história acontecera havia sete anos, e o caso, não resolvido, acabara caindo no esquecimento. Morgan se odiava por não ter juntado as informações no instante em que vira Eliza Jones. Mas como poderia tê-la reconhecido como aquela garota da fotografia? Era uma foto muito ruim. Ela aparecia cabisbaixa, e ainda havia um borrão de movimento. Além do mais, ele — todo mundo, na verdade — a tinha dado por morta.

A manchete resumia tudo: CRIANÇA PROFETISA DESAPARECIDA, PROVAVELMENTE ASSASSINADA POR MEMBROS DE SEITA.

Eliza Jones, uma profetisa. O primeiro pensamento de Morgan (quer dizer, o primeiro pensamento coerente, depois que a perplexidade chocante dera lugar à primeira de muitas ondas de alegria) tinha sido a ideia de mandar fazer cartões de visita e deixá-los em algum lugar para que ela os encontrasse. *Eliza Jones, profetisa.* E é claro que não podia deixar de fora a melhor parte. Minha nossa. Aquilo que elevava aquela história a seu pináculo especial na Malucolândia. Não, melhor: era a mansão na colina com vista para a Malucolândia. Era algo do tipo “minha maluquice dá de dez na sua”. Fácil, fácil; de olhos fechados e com uma mão nas costas.

Ou uma *asa.*

Ah, meu Deus. Morgan chegara a cair da cadeira, de tanto rir. Seu cotovelo ainda doía. O encantador culto familiar de Eliza Jones? Não eram autodeclarados “escolhidos”, como de praxe. Não; eram de uma originalidade espetacular.

Alegavam serem descendentes de um anjo.

DESCENDENTES DE UM ANJO.

Era a melhor coisa que Morgan Toth já tinha ouvido.

*Eliza Jones, Profetisa*
*0,2% anjo (aproximadamente)*

Era isso o que diriam os cartões. Mas então, ao ver o que ela enviara para si mesma do Marrocos, ele havia tido uma ideia melhor: a que estava se desenrolando naquele instante.

*“Todos nós rezamos por ela sete anos atrás”*, prosseguia o âncora mais bem pago do mundo. *“Na época, nós a conhecemos por Elazael, que a...* igreja *dela acreditava ser a encarnação de um anjo de mesmo nome caído na Terra mil anos atrás. É uma história e tanto, e não para por aí. Em uma reviravolta inesperada, senhoras e senhores, a jovem não só está viva e usando um pseudônimo, como também trabalha como cientista na capital da nação, e está fazendo doutorado...”*

Morgan não ouviu o resto, porque alguém levou um susto e exclamou:

— É a Eliza!

E então a sala irrompeu em um frenesi coletivo.

Era perfeito. *Enlouqueçam à vontade, meus queridos idiotas. Podem perder a cabeça*, pensou Morgan Toth, voltando calmamente para seu laboratório. *É bom ser rei.*

# 45

## Vespeiro revirado

A comoção que tomou conta da casbá dessa vez foi diferente das outras desde o início. Nada de *Insh'Allahs* ou olhares para o céu. Havia descrença, rancor, e... eles pareciam estar olhando para... *Eliza*.

Eliza sempre tinha sido um pouco paranoica. Quer dizer, durante boa parte de sua vida não era paranoia, mas a expectativa inevitável de uma perseguição de rotina: simples, certa e desagradável. As pessoas estavam *mesmo* olhando para ela, *julgando-a*. Onde morava, na Flórida, em uma pequena cidade na Floresta Nacional Apalachicola, todos sabiam quem ela era. E depois que fugira, bem... Então havia o arrepio na nuca, o medo de ser encontrada ou reconhecida, a mania de olhar para trás furtivamente.

Isso havia diminuído aos poucos — nunca desaparecera por completo —, mas, para quem vive em segredo, a paranoia na verdade nunca está muito distante. Mesmo que não tivesse feito absolutamente nada de errado (o que, no seu caso, era discutível), ela era culpada de ter um segredo. Como consequência de tudo isso, qualquer olhar em sua direção assumia um ar ameaçador.

*Eles sabem. Sabem quem eu sou. Será que sabem?*

Mas não sabiam. Nunca sabiam. Ou pelo menos isso nunca tinha acontecido até agora, e Eliza deveria agradecer a um determinado capricho da igreja por isso. Eles evitavam "imagens gravadas" — não apenas de Deus e sua "ancestral", mas também dos profetas. Portanto, depois da primeira visão que Eliza tivera, nenhuma outra foto sua tinha sido tirada. Não que houvesse muitas antes disso. Sua família não era daquelas que se preocupam em preservar lembranças para a posteridade. Era mais do tipo que só se preocupava em se preparar para o Armagedom estocando armas em um bunker. A foto exibida no noticiário tinha sido tirada por um turista de passagem por Sopchoppy — a cidade perto da qual ficava o complexo da igreja deles; o nome era esse mesmo —, que, alertado por um morador, fotografou aquela "seita maluca de anjos" quando seus membros saíram para comprar mantimentos.

Aquela "seita maluca de anjos" havia sido uma anedota local durante décadas, alcançando o nível nacional apenas com o desaparecimento de Eliza. A mãe dela — a "suma sacerdotisa" — só informou seu desaparecimento às autoridades semanas depois, tão desesperada que estava para encontrar sua profetisa perdida que acabou recorrendo àqueles que ela desprezava como idólatras e pagãos. É claro que pareceu suspeito. A sociedade tende a não dar o benefício da dúvida a seitas religiosas. A manchete agarrou a imaginação nacional como um arbusto cheio de espinhos: CRIANÇA PROFETISA DESAPARECIDA, PROVAVELMENTE ASSASSINADA POR MEMBROS DE SEITA.

Eliza podia ter esclarecido tudo. Podia ter se apresentado (estava na Carolina do Norte na época) e dito: "Estou aqui, viva." Mas não. Não sentia nenhuma pena deles. Nenhuma. Não sentira na época, não sentia agora, não sentiria nunca. E, como um corpo nunca foi encontrado — embora as buscas tivessem sido incansáveis e se estendido por meses —, a lei acabou tendo que deixá-los em paz. Falta de provas, alegaram, embora isso não tivesse mudado nem a opinião pública nem a dos investigadores. Era um caso sórdido, diziam eles, bastava olhar nos olhos da mãe para saber que o pior tinha acontecido. Um dos detetives chegou a dizer às câmeras que já tinha interrogado, em sua trajetória na polícia, o Estripador de Gainesville, e que Marion Skilling transmitia a mesma sensação sombria de que sua alma está despencando em um buraco escuro.

"É difícil dormir sabendo que essa mulher está livre no mundo", declarou ele na época.

Um sentimento que Eliza compreendia inteiramente.

A conclusão era de que a menina Elazael devia estar enterrada em algum lugar na imensidão da floresta Apalachicola. Não havia nem sombra de dúvida.

Pelo menos não até hoje.

— Eliza, venha comigo, por favor.

O dr. Chaudhary. Ele estava tenso. Atrás dele, o dr. Amhali estava... mais do que tenso. Estava furioso. Bufava como um touro de desenho animado, pensou Eliza, sua mente se refugiando na estupidez ao mesmo tempo em que compreendia o que devia estar finalmente acontecendo, após sete anos de medo.

*Meu Deus, meu Deus.*

*Deuses da luz.*

Outra carta de tarô virada em sua mente fez essa expressão surgir. *Deuses da luz.* Algo difuso em sua memória se acionava ante essas palavras, mas ela não podia parar para pensar nisso, não naquele instante.

— Qual é o problema? — perguntou Eliza, mas o dr. Chaudhary já tinha se virado e saído, intensamente esperando que ela o seguisse.

Estavam no meio do nada, em uma terra quente e mortal, no centro de um perímetro militar. O que mais ela poderia fazer?

***

O vespeiro estava revirado. Os corpos, fora do poço. Karou não tinha nem pensado nessa possibilidade. Sentia como se fosse uma violação, como se sua casa tivesse sido invadida.

*Casa?*, pensou ela. Tinha sido profundamente infeliz ali. Era um capítulo de sua vida que ela não tinha o menor desejo de revisitar, mas ainda assim não podia deixar de se aproximar, observando as figuras se movendo lá embaixo. Passou em frente ao sol e viu a própria sombra, pequena a distância, pairar e esvoaçar como uma mariposa escura por entre as pessoas no solo. Ela podia se disfarçar, mas não tinha como fazer o mesmo com sua sombra. Alguém — uma jovem negra — a viu e olhou para cima. Karou recuou, levando consigo sua sombra-mariposa.

Até lá de cima dava para sentir o ranço dos cadáveres. Isso não era bom. Todo o seu plano de evitar um conflito que criasse a oposição “demônios” e “anjos” tinha virado fumaça. Ou pior: estupidamente, *não* tinha virado fumaça.

— Eu deveria ter incinerado os corpos — comentou com Akiva, cuja presença ela sentia ao lado em forma de calor e batida de asas. — Onde eu estava com a cabeça?

— Posso fazer isso agora — propôs ele.

— Não — disse ela depois de uma pausa. — Seria pior. — O que iriam pensar se todos os corpos de repente entrassem em combustão? Mesmo que fosse um serafim que desse início ao fogo, pareceria coisa de... do inferno. — O que está feito, está feito. Vamos seguir em frente.

Ele não respondeu imediatamente, e seu silêncio era pesado. Que bom que não podiam se ver, porque Karou tinha medo da dor que encontraria nos olhos de Akiva por terem que seguir adiante ali na Terra, obedecendo à mente e não ao coração. Voltariam a Eretz quando tivessem cumprido seu propósito ali, não antes disso. E o que encontrariam quando voltassem?

Uma sensação estranha de morte abateu-se sobre Karou conforme ela percebia que o melhor que podiam esperar por enquanto não era muita coisa, mesmo se conseguissem alcançar seu objetivo ali: levar Jael, sem armas, de volta para Eretz. E o que seria deles então? No momento, não havia nem mesmo um futuro de dízimos e feridas, um pouco de vida espremida nos cantos, pequenas provas roubadas de “bolo” para adoçar uma vida difícil. Bolo guardado para depois, bolo como estilo de vida. Tudo isso estava acabado, sufocado por um céu a desabar, sombras perseguidas por fogo: um inimigo que simplesmente era, como Karou imaginara desde o início, poderoso demais para ser derrotado.

Como ela conseguira ter esperanças do contrário?

Akiva. Ele a convencera. Um olhar seu, e ela se vira pronta para acreditar no impossível. Que bom que não podia vê-lo agora. Se a convicção dele tinha inflamado tanto a dela, o que lhe causaria ver seu desespero, ou o que causaria a Akiva ver o dela? Karou pensou no desespero que tomara conta de todos na caverna e se perguntou: Será que tinha sido o desespero de Akiva? Haveria tamanha escuridão dentro dele?

— Como? — perguntou ele. — Como encontramos Jael?

Como? Essa era a parte fácil. Abençoada seja a Terra por suas telecomunicações. Era só terem acesso à internet e uma tomada para carregar seus celulares, e ela poderia fazer algumas ligações. Seria bom também para Mik e Zuze avisarem aos pais que estavam bem. Os dois tinham pousado com Virko e estavam a alguns quilômetros de distância, escondendo-se à sombra de uma formação rochosa. Mesmo à sombra, ali estava perigosamente quente. Mortalmente quente, na verdade, e eles precisavam de água. Comida também. E cama.

Karou sentiu o coração doer. Só contemplar esses elementos básicos da vida já lhe parecia um luxo indizível. Mas é diferente se preocupar com as necessidades daqueles que amamos do que com as nossas próprias, e foi só por essa razão que ela pensou em procurar comida e um lugar para descansarem. Zuzana não tinha falado nada desde que cruzaram o portal. O primeiro encontro dela com “essa história toda de guerra” tinha cobrado seu preço, e os demais não estavam muito melhor.

— Sei de um lugar aonde podemos ir — disse Karou a Akiva. — Vamos chamar os outros.

# 46

## Como um pássaro

— Como você pôde achar... como pôde achar que eu faria isso?

Eliza estava horrorizada. Era muito pior do que temia. Tinha imaginado que o dr. Chaudhary houvesse descoberto quem ela era, e, meu Deus, tinha mesmo, mas não parava por aí, e aquilo... aquilo...

Só podia ser coisa daquela cobra do Toth. Não. *Cobra* não chegava nem perto de representar a perversidade que Morgan Toth empreendera naquele ato.

Hiena, talvez: devorador de carniça, contemplando a carnificina pela qual era responsável, os dentes afiados projetados em um sorriso.

Eliza não sabia como ele tinha descoberto a verdade sobre ela — *Quem tem segredos*, lembrou-se, com um calafrio, *não deve fazer inimigos* —, mas sabia que somente ele poderia ter acessado as fotos criptografadas. Será que ele ao menos sabia o que tinha feito ao expor aquela cova para o mundo? Mas a verdadeira pergunta era: ele se importava? Toth tinha sido esperto, conseguindo esconder direitinho a participação dele em tudo aquilo. Ela podia imaginá-lo afastando a franja da testa alta enquanto dava início à catástrofe.

O dr. Chaudhary tirou os óculos e esfregou a ponte do nariz. Uma tática de protelação, Eliza sabia. Eles tinham entrado na barraca mais próxima, ainda ali no sopé da colina; o cheiro de morte era forte em volta deles, mesmo com o frio do ar-condicionado. O dr. Amhali lhe mostrara a transmissão em um laptop, e ela ainda tentava processar o que tinha visto. Sentia-se enjoada. As fotos. Fotos *dela*, vistas daquele jeito, sem contexto. Eram horríveis. Qual estaria sendo a reação do mundo lá fora? Ela se lembrava do caos no National Mall dois dias antes. Como estariam as coisas agora?

Quando o dr. Chaudhary baixou a mão, seu olhar era direto, mesmo com a falta dos óculos lhe tirando um pouco do foco.

— Você está dizendo que *não* fez isso?

— É claro que não. Eu *nunca*...

O dr. Amhali se intrometeu:

— Você nega que sejam as fotos que você tirou?

Ela se virou para ele.

— Eu tirei as fotos, mas isso não quer dizer que...

— E elas foram enviadas do seu e-mail.

— Então minha conta foi hackeada — argumentou ela, a impaciência começando a ficar clara em sua voz. Era tão óbvio para ela, mas tudo o que o cientista marroquino conseguia ver era a própria fúria, e a probabilidade de o culparem, já que fora ele que os levara até ali para arrastar seu país para a infâmia. — Não fui eu que mandei aquela mensagem — disse Eliza, decidida. Então se voltou para o dr. Chaudhary. — Isso parece algo que eu diria? *Profana ignomínia?* Isso não... Eu não... — Estava se atrapalhando. Olhou para as esfinges mortas atrás de seu mentor. Nunca lhe pareceram profanas, assim como os anjos não lhe pareceram sagrados. Não era nada disso que estava acontecendo ali. — Eu lhe disse ontem à noite, nem acredito em Deus.

Mas ela notou a mudança nos olhos dele, a desconfiança, então se deu conta, tardiamente, de que lembrá-lo do dia anterior talvez não fosse a melhor estratégia. Ele a olhava como se nem a conhecesse. A frustração tomou conta de Eliza. Se estivesse apenas sendo acusada de vazar as fotos para a imprensa, ele poderia ter acreditado em sua inocência e estar disposto a apoiá-la. Se ela não houvesse tido um aparente ataque depressivo no terraço e derramado lágrimas suficientes para inundar um deserto. Se ela não tivesse sido desmascarada e descoberta como uma criança profetisa morta. *Se, se, se.*

— É verdade o que estão dizendo? — perguntou o dr. Chaudhary. — Você é... ela?

Eliza queria dizer que não. Que não era aquela garota embaçada da foto, com o olhar cabisbaixo. Não era Elazael. Ela podia ter escolhido um novo nome mais descolado do passado quando fugira e abandonara aquela vida, mas por algum motivo "Eliza" lhe parecera verdadeiro. Era o nome que tinha adotado secretamente quando criança, como forma de protesto silencioso, o "normal" interior a que se agarrara em jogos de faz de conta e como escape emocional. Elazael podia ser obrigada a se ajoelhar em oração até seus joelhos arderem, ou entoar cânticos até ficar com a voz áspera como a língua de um gato. Elazael podia ser forçada a fazer muitas coisas (muitas e até mais) contra sua vontade. Mas e Eliza?

Ah, ela estava lá fora brincando. Normal como qualquer criança e livre como um pássaro. Que sonho.

Então ela manteve o nome, e viveu da melhor forma que pôde: como um pássaro. Normal e livre, embora, na verdade, sempre sentisse essa nova vida como uma encenação. Ainda assim, dos dezessete anos em diante, Elazael se tornou seu eu secreto trancado lá dentro, deixando que Eliza vivesse abertamente — como o príncipe e o mendigo que trocaram de lugar: um elevado, o outro rebaixado. É claro que, como se lembrava agora, uma hora o príncipe e o mendigo acabavam voltando a seus papéis originais. Mas isso não ia acontecer com ela. Eliza nunca voltaria a ser Elazael. No entanto, ela sabia que não era disso

que o dr. Chaudhary estava falando, então, relutantemente, fez que sim.

— Eu *era* ela — corrigiu. — Mas fui embora. Fugi. Odiava aquilo. Odiava todos *eles*.

Ela respirou fundo. Ódio não era a palavra certa. *Não havia* uma palavra certa; não havia palavra forte o suficiente para o quão traída Eliza se sentia ao recordar sua infância com a compreensão de adulto, consciente dos graves maus tratos e da exploração que sofrera.

Desde os sete anos. Foi quando voltou para casa com um marca-passo e um novo terror tão grande que obscurecia até mesmo o medo que tinha da mãe. Desde o primeiro momento em que seu "dom" se manifestou, ela se tornou o foco de todas as energias e esperanças da seita.

Todos tocando nela o tempo todo. Tantas mãos. Nenhuma soberania sobre si mesma, nunca. E eles confessavam seus pecados a ela, implorando por perdão, contando-lhe coisas que nenhuma criança de sete anos deveria escutar, que dirá punir. Suas lágrimas eram coletadas em frascos, suas unhas cortadas eram moídas e o pó, misturado ao pão da comunhão. E sua primeira menstruação? Melhor nem pensar nisso. A vergonha que sentia ainda era muito grande, embora tivesse acontecido em outra vida. E tinha ainda o problema que era a hora de dormir.

Aos vinte e quatro anos, Eliza ainda não passara a noite com ninguém. Não suportava a ideia de estar em um quarto com outra pessoa. Por dez anos fora obrigada a dormir em um tablado no meio do templo, a congregação reunida em volta da base. Deus do céu. As respirações, os choros, os roncos, as tosses. Os sussurros. E às vezes, na calada da noite, até mesmo a respiração ofegante e ritmada de mais de uma pessoa, coisa que só fora entender bem mais tarde.

Ela nunca conseguiria apagar a lembrança da respiração indesejada e coletiva de dezenas de pessoas a sua volta à noite.

Eles ficavam esperando que o sonho a visitasse. Desejando isso. Rezando. Abutres, ávidos por migalhas de seu terror. Já que não podiam eles mesmos ter o sonho, queriam estar por perto. Como se os gritos dela pudessem conceder a salvação, ou, melhor ainda: como se talvez, e somente talvez, tudo aquilo — o sonho, os monstros, *terrível e terrível e terrível para todo o sempre, amém* — pudesse irromper dela e espalhar sua aniquilação, para a infelicidade dos pecadores em toda parte, e a glorificação dos escolhidos: eles mesmos.

Como se Eliza pudesse ser a própria fonte do apocalipse.

Gabriel Edinger tivera sorvete de pesadelo, e ela, *aquilo*.

— Ainda odeio. Ainda odeio todos eles — disse ela então, talvez com um pouco de veemência demais.

O dr. Chaudhary colocou os óculos de volta. Seu olhar parecia desconfiado por trás das lentes. Quando falou, sua voz tinha a delicadeza artificial de quem se dirige a alguém de mente insana.

— Você deveria ter me contado — disse ele, olhando de relance para o dr. Amhali. Então limpou a garganta, evidentemente desconfortável. — Isso pode ser considerado um... conflito de interesses, Eliza.

— O quê? Não há nenhum conflito. Sou uma cientista.

— E um anjo — acrescentou o cientista marroquino, com um esgar.

*Quem faz um esgar?*, perguntou-se Eliza, sem forças. Achava que apenas personagens de livros faziam isso.

— Nós não somos... quer dizer, *eles* não são. Eles não dizem *ser* anjos — concluiu ela, sem saber por que estava dando alguma explicação em favor deles.

— Queira me perdoar. É claro que não dizem — retrucou o dr. Amhali, com um sarcasmo frio. — *Descendentes.* Ah, e encarnações, não vamos esquecer. — Ele a fuzilou com o olhar. — Visões apocalípticas, minha cara? Então me diga, ainda as tem? — Ele perguntava como se fosse mais do que absurdo, como se o próprio conceito daquilo já profanasse as religiões decentes e merecesse ser punido.

Ela se sentia diminuída, encolhendo em face à dupla acusação e ao desprezo. Desaparecendo. Aos olhos daqueles homens, ela não era Eliza naquele instante, ali na barraca. Era Elazael. *Eu não sou ela, sou eu.* Como queria acreditar nisso.

— Deixei tudo aquilo para trás — disse ela. — *Para trás.*

A última parte foi enfática, porque ainda parecia simples para ela. *Para trás. Isso não significa nada?*

— Deve ter sido muito difícil para você — comentou o dr. Chaudhary.

Não que fosse a coisa errada a se dizer. Sob outras circunstâncias, aquela conversa poderia ter levado a isso: à pena sincera dele ao ouvir sobre seus infortúnios. De fato, havia sido difícil para ela. Eliza não tinha nada: dinheiro, amigos, nenhum conhecimento do mundo. Nada além de seu cérebro e sua força de vontade, o primeiro lamentavelmente negligenciado — não lhe tinham permitido estudar — e a segunda tão frequentemente punida que se atrofiara. Mas não por completo. *Quer saber?*, ela poderia ter dito à mãe. *Você nunca vai me domar*.

Mas sob *aquelas* circunstâncias, e naquele tom — aquela delicadeza artificial, a indulgência condescendente —, não era a coisa *certa* a se dizer.

— Difícil? — rebateu ela. — É, e o Big Bang foi só uma explosão.

Tinha dito isso a ele na noite anterior, brincando. Tinha sorrido ironicamente, e ele também rira. Agora repetia aquilo com o mesmo espírito... quer dizer, mais ou menos... mas o dr. Chaudhary ergueu as mãos pedindo calma.

— Não tem por que ficar irritada — disse ele.

Não tinha por que ficar irritada? Não tinha *necessidade*? Como assim? Nenhuma *razão*? Porque Eliza tinha a impressão de

que havia muitas razões. Tinham armado para ela e tornado público a sua identidade. Seu anonimato arduamente conquistado lhe tinha sido arrancado, sua credibilidade profissional daquele momento em diante estaria sempre mesclada à história que ela lutara tanto para esconder — sem falar daquela alegação cruel, e do mal que poderia lhe causar, as ramificações legais de quebrar o acordo de confidencialidade, e... mas que diabos, as terríveis consequências para o mundo. Porém, a razão mais imediata tomava forma naquela barraca de proteção, na presença de dois homens presunçosos inclinados a tratá-la como a mera materialização de uma vítima havia muito perdida.

Por reflexo, ela olhou para a tela do laptop que lhe mostrara sua ruína. Estava congelada naquela foto antiga, com a mesma antiga legenda. CRIANÇA PROFETISA DESAPARECIDA, PROVAVELMENTE ASSASSINADA POR MEMBROS DE SEITA.

— Não estou irritada — rebateu ela, respirando cadenciadamente várias vezes.

— Não a culpo por quem você é, Eliza — disse Anuj Chaudhary. — Não podemos mudar nossa origem.

— Puxa, que gentil da sua parte.

— Mas talvez esteja na hora de procurar ajuda. Você passou por muita coisa.

E foi então que tudo ficou mais estranho. Ele ainda estava com as mãos erguidas como se quisesse dizer “não vamos tomar nenhuma atitude precipitada”, e Eliza ficou olhando para ele. Do que estava falando? O dr. Chaudhary estava agindo como se ela estivesse histérica, e por um segundo isso a fez duvidar de si mesma. Será que tinha erguido a voz? Ou estava com os olhos arregalados e as narinas dilatadas, como uma lunática? Não. Estava só ali, de pé, os braços junto ao corpo, e podia jurar por qualquer coisa que valesse a pena jurar — se *houvesse* algo assim — que não parecia louca.

Não sabia como reagir. Isso lhe trouxe uma sensação bizarra de impotência por ter que encarar uma reação tão exagerada.

— Preciso de ajuda para provar que não fiz isso — retrucou ela.

— Eliza. Eliza. Isso não importa agora. Vamos apenas levá-la para casa, e nos preocupamos com isso depois.

Ela começou a sentir o sangue latejar nos ouvidos. Era raiva, frustração e também algo mais. Livre como um pássaro, lembrou-se. Normal como uma criança qualquer. Bem, talvez não normal. Talvez nunca, mas livre ela seria. Olhou para seu mentor, aquele homem digno, de um raro bom senso e intelecto, que representava para ela um modelo de esclarecimento humano, e sentiu a hipocrisia dele pesar contra sua verdade, seu próprio novo saber. Não havia dúvidas.

— Não — disse ela, consciente do tom de voz que usava: suave e esquivo de vergonha, livre de toda fraqueza. — Vamos nos preocupar com isso *agora*.

— Não acho que...

— Ah, você acha muito. Mas está errado. — Ela fez um gesto em direção ao laptop e a tudo que aquele aparelho representava com a tela congelada no noticiário. — Morgan Toth fez isso. Preste atenção. A verdade está tão além dele, e eu não esperaria mesmo que entendesse. Ele pode ser inteligente, mas é superficial. Já *você*... — Mais uma vez ele tentou interromper, e Eliza o silenciou. — Eu esperava mais de você. Você tem *deuses* passeando pelos corredores do “palácio da sua mente”. — E ela fez grandes aspas no ar ao dizer essas palavras. — E eles estão tentando não esbarrar... no que era mesmo? Nos representantes da ciência, para que possam manter a cordialidade lá dentro. Você é muito mente aberta, não é? E agora *viu* anjos, e *tocou* quimeras. — *Quimeras*. A palavra chegara até ela assim como *deuses da luz* antes: uma carta virada para cima. — Você sabe que são reais. E sabe... com certeza sabe... que, de onde quer que tenham vindo, *estiveram aqui antes*. Todos os nossos mitos e histórias têm uma origem física real. Esfinges. Demônios. Anjos.

Ele franzia a sobrancelha, prestando atenção.

— Mas a ideia de que *eu* possa ser descendente de um deles... Não, *isso* é loucura! Mandem Eliza para casa, internem essa garota em algum lugar, e, pelo amor de Deus, temos que mantê-la longe do palácio da minha mente! — Ela deu uma risada melancólica. — Você não recebe seres como eu aí dentro, não é isso? Quem já ouviu falar de anjo negro, aliás? E *mulher*, ainda por cima? Deve ser muito difícil para *você*, doutor.

Ele balançou a cabeça. Parecia aflito.

— Eliza. Não é isso.

— Vou lhe dizer o que é — afirmou ela, mas esperou um pouco, perguntando-se se iria mesmo fazer aquilo.

Contar. Ali. Para aqueles homens hipócritas e céticos. Ela olhou de um para o outro, do dr. Chaudhary e seu doloroso assombro e seu... constrangimento, por *ela* (por sua ilusão, por aquele espetáculo triste), depois para o desprezo trêmulo do dr. Amhali. Não era a melhor plateia para uma revelação, mas no fim isso não importava. As novas certezas de Eliza tinham tomado uma proporção que as tornavam impossíveis de esconder.

— Minha família é formada por pessoas desprezíveis, cruéis e impiedosas, e nunca vou perdoá-los pelo que fizeram comigo, mas... eles estão certos. — Ela ergueu as sobrancelhas e olhou para o dr. Amhali. — E, sim, eu ainda tenho visões, e as odeio. Não queria acreditar em nenhuma delas. Não queria ser parte disso. Tentei escapar, mas não importa o que eu queira, porque *eu sou*. Engraçado, não é? Meu destino é meu DNA. — Então se voltou para o dr. Chaudhary. — Isso deve manter os representantes da ciência e da fé ocupados discutindo nos corredores. Eu *sou* descendente de um anjo. É meu maldito destino genético.

# 47

## O Livro de Elazael

Não houve como fugir depois; depois que a acompanharam pelo lugar como uma criminosa sendo conduzida à delegacia, todos a fuzilando com o olhar, cheios de maldade e acusação; depois que a colocaram em um carro e bateram a porta, ordenando que a levassem de volta a Tamnougalt, onde ela aguardaria a escolta que a levaria para casa. Eram algumas horas de viagem, a paisagem pré-saariana do vale do Draa cercando-a por todos os lados, e ela não tinha nada com que se ocupar além da estranha exaltação e sensação de afronta que sentia.

Quer dizer, nada além disso e... todas as coisas conhecidas e enterradas.

Todas as muitas coisas que a agitavam por dentro. Uma ponta saindo de uma planície inundada — talvez um barril, ou quem sabe um mundo. Bastava apenas soprar o pó para revelar o que era. Eliza começou a rir. Ali, no banco de trás do carro, gargalhadas fluíam de dentro dela como um novo idioma. Mais tarde, quando os agentes do governo chegassem para buscá-la, o motorista relataria isso, como uma introdução a sua explicação para o que aconteceu depois.

Quando ela *parou* de rir.

***

Nos “bons e velhos tempos”, quando Karou não tinha nada com que se preocupar além de construir um exército de monstros e um enorme castelo de areia no deserto, periodicamente ela dirigia uma caminhonete enferrujada por terras sulcadas e longas estradas retas para chegar a Agdz, a cidade mais próxima, onde, com o cabelo coberto por um hijab, podia passar despercebida enquanto fazia suas compras. Imensos sacos de cuscuz, caixotes e mais caixotes de legumes e verduras, galinhas magras e borrachudas e um estoque generoso de tâmaras secas e damascos.

Agora ela olhava para Agdz do céu. Nada singular. Passou pela cidade, sentindo os outros vindo atrás, e seguiu em frente. Era um pouco mais adiante o lugar a que se dirigiam, e um tanto mais interessante. Ela viu as palmeiras primeiro, um oásis, o verde tão chamativo quanto tinta derramada em chão de terra. E ali, dentro da propriedade: paredes de barro decadentes, muito parecidas com as paredes de barro decadentes que tinham deixado para trás. Outra casbá. Tamnougalt. Havia um hotel ali, Karou se lembrava. Era o tipo de lugar espaçoso e remoto que permitiria um descanso tranquilo para aquele pequeno e estranho grupo que eles formavam, ainda que não tão remoto a ponto de não ter aquilo de que precisavam.

— Podemos fazer uma parada ali — explicou ela. — Eles devem ter internet e tomadas. Chuveiros, camas, água. Comida.

As minúsculas sombras-mariposas do grupo aumentaram à medida que foram descendo, até que eles pararam à sombra das palmeiras e tiraram o encanto. Karou deu uma olhada primeiro nos amigos. Zuzana e Mik pareciam fracos e desidratados, estavam suados e queimados de sol — *Descoberta do dia: a gente se queima mesmo quando está invisível* —, mas o pior era a tensão talhada no rosto dos dois e um relaxamento desconcertante no olhar, dando a impressão de que estavam alheios, não totalmente presentes. Em estado de choque.

O que ela fizera, levando os dois para a guerra?

Então olhou para Virko, ainda com medo do que veria nos olhos de Akiva. Virko, que fora um tenente do Lobo e um dos que a deixaram sozinha no poço com ele. O único que olhara para trás, é verdade, mas fora embora do mesmo jeito. Apesar disso, ele tinha salvado a vida de Mik e Zuzana. Continuava forte, resistindo bravamente, acostumado como estava aos rigores dos voos e das batalhas — não tinha sinais de insolação ou cansaço, mas a tensão estava lá em seu rosto, e o choque. E a vergonha continuava ali, Karou via isso. Desde o poço, em cada olhar.

Olhou para ele tentando transmitir foco e determinação, e assentiu. Perdão? Gratidão? Companheirismo? Não sabia direito. Mas ele assentiu também, com solene seriedade. Então, finalmente, Karou se voltou para Akiva.

Ela não o olhava com atenção desde o portal. Já o vira em breves momentos sem o encanto, e a cada segundo estava sintonizada com sua presença, mas não o tinha *olhado* propriamente — observado seu rosto, seus olhos. Estava com medo. E... tinha razão em sentir medo.

A dor dele era explícita, tão evidente que fez a dela aflorar imediatamente, tão pura que serviria para pagar o dízimo. Mas essa nem era a pior parte. Se fosse apenas dor, ela poderia ter encontrado uma forma de ir até ele, de pegar sua mão, como fizera do outro lado do portal, ou até tocar seu coração, como na caverna. *Nós somos o começo.*

Mas... *o começo de* quê?, Karou se perguntou, desolada, porque havia também raiva nos olhos de Akiva, e uma implacabilidade que era inconfundível. Era ódio, e era vingança. Era assustador, e a paralisou. Quando ela o vira pela primeira vez na Jemaa de Marrakech, ele tinha uma frieza absoluta. Desumano, implacável. O que ela viu nele na ocasião foi vingança como hábito e uma fúria impassível após anos de torpor.

Depois, em Praga, ela o viu recuperar a humanidade, como um bloco de gelo que, ao derreter, revelasse um coração batendo. Não se surpreendeu tanto então porque não entendeu o que significava, ou *do que* ele estava voltando, mas agora

entendia. Ele ressuscitara a si mesmo: o Akiva que conhecera tantos anos antes, tão cheio de vida e esperança — ou pelo menos dera início ao processo. Ela ainda não tinha visto o sorriso dele de antes, um sorriso tão lindo que canalizava a luz do sol e a fazia se sentir embriagada de amor, zonza mas ao mesmo tempo firmemente, perfeitamente conectada ao mundo; terra e céu e alegria e *ele*. Tudo o mais perdia a importância diante daquela sensação. Raça não era nada, e traição, apenas uma palavra.

Ela tinha começado a achar que aquele sorriso era possível de novo, assim como a sensação de algo que é naturalmente certo, mas, ao olhar para Akiva naquele instante, tudo parecia muito distante de novo; *ele* parecia distante.

Pelo que ela entendia, ainda no ano anterior havia vários milhares de soldados Ilegítimos, porém as mais recentes selvagerias da guerra tinham reduzido esse número para aquela quantidade que ela vira nas cavernas dos Kirin. Akiva tinha suportado isso, sobrevivera, depois suportara a morte de Hazael, sobrevivera mais uma vez, e agora estava ali, vivo, enquanto possivelmente — provavelmente — perdia todo o resto.

O que Karou via nele era vingança ainda fumegante, viva, e isso era errado, era um estágio que já deveria ter sido ultrapassado, mas parecia... inevitável. Brimstone lhe dissera, pouco antes de ela ser executada, que permanecer leal diante do mal é um feito de força, mas talvez, pensou Karou, com tristeza no coração, isso fosse esperar demais. Talvez essa força fosse pedir demais de qualquer um.

Aquela sensação estranha de quase morte permanecia com ela. Sentia-se achatada, vazia. De novo.

Karou se virou para os amigos e, com esforço, conseguiu falar quase tranquilamente:

— Vocês dois podem ir até lá e pedir um quarto? Talvez seja melhor que não nos vejam.

Ela achou (desejou, na verdade) que Zuzana faria algum comentário sarcástico sobre isso, que sugeria ir montada nas costas de Virko até o portão ou algo assim. Mas não; Zuzana apenas assentiu.

— Você percebe que nossos três desejos estão prestes a se tornarem realidade? — perguntou Mik, em um esforço evidente de fazê-la recuperar um pouco de sua zuzanidade. — Não sei se vai ter bolo de chocolate aqui, mas...

Zuzana o interrompeu:

— Estou mudando meus três desejos. — Contando nos dedos, ela enumerou: — Primeiro, que nossos amigos se salvem. Segundo, que Jael caia morto. E terceiro...

Mas não conseguiu concluir o que pretendia dizer. Karou nunca a vira tão frágil e perdida.

— Se não incluir comida, é mentira — lembrou ela com suavidade. — Pelo menos foi o que me disseram.

— Tem razão. — Zuzana respirou fundo, tentando se recuperar. — Então digo que adoraria um pouco de paz mundial para o jantar.

Zuzana era toda intensidade, o olhar carregado. Algo nela havia se perdido. Karou via isso, e lamentava por essa perda. A guerra faz isso com as pessoas, não tem jeito. A realidade monta o cerco. Esmaga o porta-retratos em que você guardava sua imagem da vida e joga uma nova em cima de você. É feia, essa nova imagem, e você não quer nem olhar, muito menos pendurá-la na parede, mas não tem escolha depois que conhece a verdade. Depois que realmente a conhece.

E quem Zuzana passaria a ser agora que essa nova realidade a alcançara?

— Paz mundial para o jantar — ponderou Mik, coçando a penugem da barba. — Vem com batata frita?

— Acho *bom* que venha — disse Zuzana. — Ou vou *devolver* essa porcaria.

***

O nome do anjo era Elazael.

A igreja fundada pelos descendentes dela — naturalmente, eles preferiam o termo *igreja* a *seita* — era chamada de Comunhão de Elazael, e toda menina nascida naquela linhagem era batizada com aquele nome. Se até a puberdade não tivesse manifestado "o dom", era rebatizada. Eliza tinha sido a única nos últimos setenta e cinco anos a preservar o nome; muitas vezes sentia que o pior de tudo, a cereja do bolo de sua terrível criação, era a inveja das outras.

Nada faz os olhos brilharem como a inveja — poucos sabiam disso tão bem quanto ela. Era mesmo incrível ter crescido sabendo que qualquer membro da sua imensa família estendida provavelmente a mataria e a comeria se isso lhes permitisse tomar posse de seu "dom" — no melhor estilo Renfield.

A Comunhão era matriarcal, sendo a mãe de Eliza a então suma sacerdotisa. Convertidos eram chamados de "primos", enquanto os parentes de sangue — venerados mesmo se não tivessem "o dom" — eram "os Elioud". O termo designa, nos textos antigos, os descendentes dos mais conhecidos nefilins: os primeiros frutos do congresso, ou união, de anjos com humanos.

É notório que nas escrituras nefilins, tanto bíblicas quanto apócrifas, todos os anjos são do sexo masculino. O Livro de Enoque — um texto que não é cânone para nenhum grupo além dos judeus etíopes — fala sobre o líder dos anjos caídos, Samyaza, ordenando a seus noventa e nove irmãos decaídos que, basicamente, copulem.

"Gerem filhos", ordenou ele, e os outros obedeceram, e não há menção a como as mulheres humanas se sentiram a respeito disso. Como não é de se surpreender em se tratando dos escritos da época, as mães exerciam a função de placas de Petri, e os filhos que nasceram de seu ventre — com extremo desconforto, como é de se imaginar — eram gigantes e "mordedores", seja

lá o que isso signifique. Mais tarde, Deus mandou o arcanjo Gabriel destruir esses filhos.

E talvez ele os tenha destruído. Talvez eles tenham existido, todos eles: Gabriel e Deus, Samyaza e seus companheiros e todos aqueles enormes bebês mordedores. Quem sabe? Os Elioud consideravam o Livro de Enoque absurdo, o que Eliza sempre vira meio que como o roto falando do esfarrapado. Mas afinal não é isso o que as religiões fazem?, pensava ela. Olham para as outras crenças com desconfiança e desprezo e declaram: “Minha crença não comprovável é melhor que a sua crença não comprovável. Toma essa.”

Mais ou menos.

A Comunhão tinha seus próprios escritos sagrados: o Livro de Elazael, é claro, segundo o qual não havia duzentos anjos decaídos: havia *quatro*, dois dos quais eram do sexo feminino, e só uma delas importava. Vítimas da corrupção no alto escalão da sociedade angelical, os quatro foram mutilados e expulsos injustamente do céu mil anos atrás. O que aconteceu com os outros três decaídos e se eles também saíram procriando por aí, ninguém sabia, mas Elazael, empreendendo congresso com um marido humano, frutificou e multiplicou-se.

(Uma observação à parte: diz muito a respeito da infância insular de Eliza e da educação básica que recebeu, ou seja, nenhuma, o fato de só ter aprendido na adolescência que o corpo legislativo dos Estados Unidos é chamado de “congresso”. Em seu mundo, o termo significava o ato que leva à “procriação”. Cópula. Gerar frutos do ventre. *Transar*. Consequentemente, *congresso* ainda lhe evocava uma conotação sexual sempre que ouvia essa palavra — o que, quando se mora na capital dos Estados Unidos, é bem frequente.)

No Livro de Elazael, ao contrário do patriarcal Livro de Enoque, ou mesmo do Gênesis, o anjo não era o *doador* da semente, mas o receptor. O anjo era mãe, era *ventre*, e, fosse graças à natureza ou à criação, sua prole não era monstruosa.

Pelo menos não fisiologicamente.

O Livro de Elazael só veio a ser escrito no final do século XVIII, por um escravo liberto chamado Seminole Gaines, que se casou dentro do clã matrilinear e se tornou seu evangelista mais carismático. A igreja cresceu, chegando a congregar, em seu auge, cerca de oitocentos adoradores, muitos dos quais também eram escravos libertos. Sobre o próprio anjo Elazael, Seminole escreveu que ela era “negra como ébano, e o meio dos seus olhos, branco como fogo estelar”, embora, tendo vivido oitocentos anos depois dela, dificilmente se poderia considerá-lo uma fonte incontestável. Sem contar essa heresia obviamente absurda: um anjo mulher, mãe e negra; não, ainda melhor: um anjo mulher, mãe, negra e *decaída*, o livro na verdade era muito ortodoxo, derivativo o suficiente para quase ser considerado o resultado de uma sessão épica de poesia magnética versão bíblica.

Isto é, se a poesia magnética existisse no final do século XVIII. Ou geladeiras.

Bem, mas o que Eliza queria saber sobre sua herança não seria encontrado no Livro de Elazael. Pelo menos não naquela edição. O verdadeiro Livro de Elazael estava dentro dela.

Ela... o continha. Não em seu sangue, embora apenas os de sangue o tivessem. Estava, na verdade, codificado na sua linha da vida, aquele fio que prendia a alma ao corpo e que não seria encontrado em nenhum gráfico de anatomia já desenhado neste mundo. Ela não sabia disso, mesmo enquanto mergulhava de cabeça naquilo, no banco traseiro de um carro em uma longa estrada reta.

Bem no coração da loucura que reclamara cada “profeta” antes dela.

# 48

## Fome

Não havia batata frita em Tamnougalt, e Zuzana considerou um caso grave de violação das leis da hospitalidade também não haver chocolate — a não ser na forma líquida, mas chocolate quente não ia dar conta da situação. No entanto, embora ela tivesse se recuperado o bastante para desejar essas coisas, *não* estava tão restabelecida a ponto de se julgar na posição de reclamar.

*Nunca mais*, pensava, melancolicamente, sentada à sombra no terraço daquela nova casbá. Quer dizer, não propriamente nova, é óbvio. Nova para ela. Era estranho ver gente perambulando por ali em sandálias de couro, todas à vontade naquele lugar que tanto lhe lembrava o "castelo de monstros" — com o acréscimo apenas de alguns detalhes acolhedores, como tambores berberes, algumas grandes almofadas de tecido sobre tapetes cobertos de areia, velas grossas com anos de cera derretida. Ah, e eletricidade e água corrente. Civilização, de certa forma.

No entanto, Zuzana duvidava de que alguma água corrente conseguiria *algum dia* competir com as fontes termais das cavernas dos Kirin em termos de *maravilhosidade*. Desde que Karou os deixara sozinhos lá, eles vinham sonhando acordados com a ideia de levar pessoas da Terra até as cavernas — não ricos e aventureiros, apenas quem merecesse e precisasse — para se banharem nas "águas restauradoras". Os visitantes seriam levados nas costas de caça-tempestades e dormiriam em peles limpas e macias nas antigas moradias familiares. Luz de velas e música do vento, um banquete sob as estalactites da grande caverna. Imagine poder proporcionar essa experiência a alguém... E Zuzana nem gostava de gente! Devia estar sendo contagiada pela bondade de Mik, mesmo sem querer.

Tinham o terraço só para eles por um tempo. Os outros estavam no quarto, se escondendo, dormindo ou pesquisando alguma coisa. Mik e Zuzana tinham se encarregado de arranjar comida, portanto lá estavam, com os cardápios abertos sobre a toalha plástica que forrava a mesa.

Não tinham trocado uma palavra sobre a batalha. O que havia para dizer? *Ei, Virko fez mesmo aquele anjo em pedaços, não foi? Como se ele fosse um frango cozido em fogo brando, quase soltando do osso.* Zuzana não queria falar sobre isso, nem sobre as outras coisas que eles tinham visto durante a fuga, nem queria saber se Mik tinha visto o mesmo que ela. Se fosse o caso, só tornaria tudo mais real. Como ver Uthem, cujo colar de espectro ela mesma tinha feito, sendo atacado por meia dúzia de soldados do Domínio. E Rua, o Dashnag no qual Issa tinha cruzado o portal, montada em suas costas. Quantos outros?

— Quer saber? — disse Zuzana. Mik ergueu o rosto e lhe lançou um olhar indagador. — Vou reclamar sim. Por que viver se não se pode reclamar da falta de chocolate? Que tipo de vida seria?

— Uma vida bem sem graça. Mas como assim, falta de chocolate? O que tem de errado com esse aqui? — Ele apontava para o cardápio.

— Acho bom você não estar brincando comigo.

— Eu nunca brincaria com um assunto desses — disse ele, a mão no coração. — Olhe. No seu está faltando uma página.

Era verdade. Lá estava, em preto e branco no cardápio de Mik, traduzido em cinco línguas, como se *chocolate* não fosse uma palavra universalmente compreendida:

*gâteau au chocolat*
*torta di cioccolato*
*schokoladenkuchen*
*chocolate cake*
*bolo de chocolate*

Mas então o garçom veio pegar o pedido deles e, quando ela disse que iriam querer primeiro o bolo de chocolate, para comer enquanto o resto era preparado, informou — com o que Zuzana considerou uma demonstração completamente inadequada de pesar — que estavam sem bolo no momento.

*... ruído branco...*

Foi só aí que Zuzana teve certeza da natureza da mudança em seu interior, porque aquilo não era um problema de verdade. Dentro dela, as linhas de contexto tinham sido redesenhadas, alterando *intensamente* o traço da que representava "Problema De Verdade".

— Bem, é uma pena — disse ela. — Mas acho que vou sobreviver.

Mik ergueu as sobrancelhas.

Eles fizeram o pedido e solicitaram que a comida fosse levada direto para o quarto. O garçom conferiu umas três vezes a quantidade de kebabs e tahines, pão árabe e omeletes, frutas e iogurte.

— Mas isso daria para... umas vinte pessoas — ressaltou ele várias vezes.
Zuzana olhou para o sujeito sem se abalar.
— Estou com *muita* fome.

***

Eliza não estava mais rindo. Estava... falando. De certa forma.
O motorista estava ao telefone, berrando para se fazer ouvir acima da voz dela enquanto corria pela longa estrada reta.
— Tem alguma coisa errada com a garota! — gritava ele. — Eu não sei! Não está ouvindo?
Ele esticou o braço para trás, aproximando o fone da fala delirante da passageira, e nisso acabou perdendo o controle da direção por um momento. Guinou na direção do acostamento e depois voltou, cantando pneu.
A garota no banco de trás estava sentada bem reta, os olhos vidrados, falando sem parar. O motorista não reconhecia a língua. Não era árabe, francês nem inglês, e ele reconheceria se fosse alemão, espanhol ou italiano também. Aquela era outra coisa, uma coisa indescritivelmente estranha. Era como o som de uma flauta, sussurrado e carregado pelo vento. As palavras saíam da garota — que se segurava rígida e firme em... alguma coisa — como se ela estivesse possuída, suas mãos se movendo para a frente e para trás em movimentos oníricos, como se ela estivesse embaixo d'água.
— Está ouvindo? — gritou o motorista. — O que faço com ela?
Ele olhava freneticamente da estrada à frente para o reflexo dela no retrovisor, e fez isso... três, quatro, cinco vezes antes de virar de fato a cabeça, incrédulo, para confirmar que estava mesmo vendo o que o espelho lhe mostrava.
As mãos de Eliza balançavam ligeiramente para a frente e para trás no ar como se ela estivesse flutuando…
E era isso mesmo.
Ele pisou fundo no freio.
Eliza bateu no encosto do banco a sua frente e foi jogada no chão. Sua voz parou de repente. O carro derrapou, entrando no acostamento com um violento solavanco que fez o corpo inerte de Eliza ricochetear entre os bancos por alguns tensos instantes enquanto o motorista tentava levar o carro de volta para a estrada. Por fim, ele conseguiu, e gritou ao parar, saltando do veículo em meio à nuvem de poeira que levantara e abrindo a porta dela com força.
Eliza estava inconsciente. O motorista balançou a perna dela, entrando em pânico.
— Senhorita! Senhorita!
Ele era só um motorista. Não sabia o que fazer com gente louca, era muito além do seu universo, e agora talvez tivesse matado a garota...
Ela se mexeu.
— *Alhamdulillãh* — sussurrou ele. *Graças a Deus.*
Mas suas graças não duraram muito. Mal Eliza se endireitou (o sangue escorrendo do nariz, chamativo e vivo, e descendo pela boca e pelo queixo) e já voltou àquela falação desconexa de outro mundo, cujo som, segundo o que o motorista diria mais tarde, dilacerava sua alma.

***

— Roma — disse Karou assim que Zuzana e Mik chegaram ao quarto. — Os anjos estão no Vaticano.
— É, faz sentido — replicou Zuzana, optando por não dar voz ao primeiro pensamento que lhe ocorreu: algo relacionado à feliz superioridade do chocolate italiano. — E eles já conseguiram alguma arma?
— Não — respondeu Karou. Mas ela tinha uma expressão preocupada.
Bem. Preocupada e muito mais. Acrescente-se à lista: sobrecarregada, exausta, abatida e... solitária. Estava com aquela postura "perdida" de novo, os ombros curvados para a frente, a cabeça baixa, e Zuzana não deixou de notar que estava virada na direção oposta a Akiva.
— Os embaixadores, secretários de Estado e os outros estão debatendo alucinadamente — continuou Karou. — Alguns são a favor de darem armas para os anjos, outros são contra. Pelo visto eles não causaram uma primeira impressão muito boa. Mas alguns grupos privados estão se organizando para oferecer apoio *e* arsenais. Estão tentando ter acesso aos anjos para fazerem ofertas, mas até agora não conseguiram; pelo menos, não oficialmente. Nunca se sabe se alguém dentro do Vaticano não foi subornado para deixá-los falar com Jael. Um dos grupos que querem propor parceria é uma seita de anjos na Flórida que supostamente tem um estoque de armas pronto para ser usado. — Ela fez uma pausa, pesando as palavras. — Nem um pouco assustador.
— Como você descobriu tudo isso? — perguntou Mik, espantado.
— Minha avó postiça — respondeu Karou, apontando para o celular, ligado à tomada. — Ela tem muitos contatos.
Zuzana sabia sobre a avó postiça de Karou, uma distinta dama belga que era da confiança de Brimstone fazia muitos anos. De todas as pessoas com quem ele fazia negócios, ela era a única com que Karou tinha desenvolvido uma relação pessoal. A senhora era incrivelmente rica. Embora Zuzana nunca a tivesse visto, não sentia nenhuma afeição por ela; os cartões de Natal

que a tal senhora enviava a Karou eram tão íntimos quanto os do banco. Isso, por si só, não seria nenhum drama, ok, mas Zuzana, sabendo que a amiga esperava mais, tinha vontade de socar qualquer um que a desapontasse.

Karou falava sobre Esther para Mik; Zuzana ouvia por alto, mas na verdade observava Akiva. Ele estava sentado no parapeito da janela, as venezianas fechadas às suas costas, as asas visíveis, caídas e bruxuleantes.

O olhar dos dois se encontrou por um momento, e, depois que Zuzana superou o choque inicial que sempre sentia ao olhar para Akiva — era preciso lutar com seu cérebro para se convencer de que o anjo era real; sério, olhar para Akiva era assim mesmo, o cérebro dela queria dizer: *Aham, sei, é óbvio que isso é Photoshop*, mesmo quando ele estava bem assim, na frente dela —, uma grande tristeza a invadiu.

Nada nunca podia ser fácil para aqueles dois. O namoro deles, se é que se podia usar esse termo para o relacionamento que mantinham, era como tentar dançar em meio a uma saraivada de balas. Quando finalmente tinham conseguido chegar perto de se entenderem, a tristeza puxava uma nova cortina entre eles.

E não tem como abrir a cortina. A tristeza persiste. Mas você pode simplesmente atravessá-la, não pode? Se eles tinham que sofrer, considerou Zuzana, será que não podiam pelo menos sofrer *juntos*?

Assim, quando ouviram a batida na porta (era a comida), ela achou que talvez pudesse ajudar. Pelo menos com a proximidade física.

— Só um minuto — gritou ela. — Os três para o banheiro. Vocês não existem, estão lembrados?

Seguiu-se então uma breve discussão sussurrada, os dois argumentando que poderiam ficar invisíveis, mas Zuzana não lhes deu ouvidos.

— Onde colocariam a comida, com uma quimera gigantesca ocupando metade do quarto, um anjo na janela e uma garota na cama? Mesmo invisíveis, vocês ainda teriam massa. Ainda ocupariam espaço. Tipo, *todo* o espaço.

E lá foram eles. Se o quarto era pequeno, o banheiro era menor ainda. Zuzana arrumou-os lá dentro da maneira como achou melhor, empurrando Karou pelas costas, depois olhando para Akiva de maneira autoritária e fazendo um gesto com a cabeça como quem diz *Sua vez*. Fez os dois entrarem juntos no chuveiro e trancou-os lá dentro. Era a única maneira de Virko caber no cômodo também. Um arranjo espacial perfeitamente lógico.

Então ela fechou a porta do banheiro. Os dois teriam que se virar a partir dali. Não podia fazer tudo por eles.

# 49

## Uma oferta de apoio

— Paciência, paciência.

Assim Razgut aconselhara Jael doze horas antes. *Paciência.* Mesmo então, ele também já sentia uma pontada de *im*paciência. Agora, já dois dias depois de terem chegado, aquela sensação estava mais para uma punhalada. Ele depreciara Jael por suas expectativas, mas secretamente começava a se preocupar.

Onde estavam todas as ofertas de apoio? Será que havia calculado mal? Aquilo tudo era plano seu. Basta uma chegada gloriosa, afirmara, e eles farão de tudo para lhe dar o que quiser. Ah, não os presidentes, não os primeiros-ministros, nem mesmo o papa. Não haveria economia nos tapetes vermelhos, claro, e não faltariam reverências, mas os detentores do poder precisam ser cautelosos quando se trata de abastecer belicamente uma legião misteriosa. Haveria um exame minucioso. Uma forte vigilância.

*Comitês.*

*Ah, prefiro mil vezes um tirano sanguinário meio louco*, pensava Razgut, sem saber bem o que fazer, *qualquer coisa menos comitês!*

Mas enquanto presidentes, primeiros-ministros e o papa os entretinham, as forças mais escuras e rápidas da vontade do mundo deviam estar entrando em ação. Grupos privados; os loucos, os caçadores do fogo do inferno, os exaltadores do fim do mundo. Deviam estar se organizando, fazendo propostas, pagando subornos, entrando em contato com os anjos, qualquer que fosse o custo. *Levem-nos! Levem a nós primeiro! Queimem o mundo, esfolem os pecadores, mas nos levem com vocês!*

O mundo estava cheio deles, até mesmo em um dia normal, então onde estavam todos agora? Será que Razgut havia julgado mal a fixação da humanidade pelo fim do mundo? Seria possível que aquela encenação não traria o resultado esperado tão facilmente como ele imaginara?

Jael estava de péssimo humor, andando de um lado para o outro da magnífica suíte, alternando xingamentos com um silêncio glacial. Pelo menos praguejava em voz baixa, não fazendo nada “não angelical” que pudesse arrepiar as penas, por assim dizer, de seus devotos anfitriões. E fazia sua parte sempre que era chamado: a postura diplomática, os banquetes, o deslumbramento. A Igreja Católica parecia determinada a equiparar um cortejo com outro, e com certeza seus trajes foram um sucesso. Se Razgut tivesse que aguentar mais uma cerimônia preso às costas de Jael, ouvindo um ancião num traje elegante discorrer em latim, achava que acabaria gritando.

Gritando e se fazendo ser visto, só para agitar um pouco as coisas.

Então foi com o estômago agitado de... esperança que observou o curioso arrastar de pés amedrontado de um dos criados do Palácio Papal na entrada.

Um passo para a frente, um passo para trás, braços balançando feito uma galinha. Um dos poucos autorizados a entrar nos aposentos deles, para providenciar tudo de que precisassem, o homem até agora tinha mantido os olhos fixos no chão na “sagrada” presença dos anjos. Razgut pensara, em várias ocasiões, que mesmo se desfizesse o encanto provavelmente não seria notado, tamanho o grau de discrição daqueles criados. Eram quase fantasmas, embora a ideia de uma pós-vida assim deixasse Razgut meio enjoado.

Ou talvez o enjoo se devesse à extraordinária produção da cozinha do Palácio Papal.

Fazia séculos que ele não tinha a chance de se deliciar com comidas tão saborosas, e era interessante que o desconforto de seus intestinos sobrecarregados ainda não o tivesse levado a reduzir o ritmo de ingestão. Talvez em breve.

Ou talvez não.

O criado pigarreou. Mesmo do outro lado da sala quase dava para ouvir as batidas de seu coração. Os guardas do Domínio permaneciam imóveis como estátuas. Quanto a Jael, estava em seu aposento particular, descansando. Razgut pensou em falar. Será que uma voz incorpórea seria a coisa mais estranha com que aquele homem se depararia? Mas não foi necessário. O homem tomou um pouco de coragem e se aproximou a passos curtos, tirando um envelope do bolso do casaco engomado e imaculado e deixando-o no chão.

Um envelope.

O campo de visão de Razgut se estreitou, focando no objeto. Ele sabia o que devia ser. Sua esperança se intensificou.

*Finalmente.*

Um minuto depois, no entanto — o criado já fora do quarto, Jael chamado para uma reunião e Razgut novamente visível, estendido na mesa de comidas com o envelope na mão —, ele não deixava transparecer nem um pouco do alívio e da curiosidade que sentia. Pegou apenas uma fatia finíssima de presunto e cuidou para expressar sonoramente seu deleite.

— O que diz aí?

Jael estava impaciente. Jael estava soberbo. Jael estava, pensou Razgut, a sua mercê.

— Não sei — respondeu ele, casual e sinceramente. Ainda não tinha aberto o envelope. — Deve ser carta de algum fã. Talvez o convite para um batizado. Ou uma proposta de casamento.

— Leia para mim — ordenou Jael.

Razgut fez uma pausa como se pensasse em uma resposta e então peidou. Fez isso com grande esforço, contraindo o rosto. O resultado foi suave em ressonância, mas grandioso em aroma, e o imperador não achou graça nenhuma. Sua cicatriz ficou branca, como acontecia quando estava extremamente furioso, e ele falou por entre dentes trincados, o que, pelo lado positivo, *ajudou* a conter a saliva que saía voando.

— Leia — repetiu ele, em uma voz mortiferamente baixa.

Razgut concluiu que estava a um passo de apanhar. Se fizesse o que lhe era ordenado agora, poderia se poupar algum sofrimento.

“Facilite as coisas para mim”, dissera Jael, “e eu facilitarei as coisas para você.”

Mas onde entraria a diversão nisso? Razgut aproveitou enquanto ainda tinha chance para enfiar na boca tanto presunto quanto conseguiu. Jael, vendo o que ele estava fazendo, ordenou uma surra com um ligeiro aceno de cabeça.

Os dois sabiam que isso não levaria a nada. Era apenas a rotina deles agora.

Assim, a surra foi dada e recebida, e mais tarde, quando as novas feridas de Razgut estavam exsudando um fluido (que não era exatamente sangue) no fino estofamento de seda de uma cadeira de quinhentos anos, Jael tentou de novo:

— Quando chegarmos às Ilhas Longínquas e as ruas estiverem cobertas de Stelian destroçados mas ainda não aniquilados por completo, eu posso exigir uma dádiva — disse Jael. — Todos se dobram no final.

O sorriso de Razgut era diabólico. *Até você enfrentar os Stelian, talvez*, pensou, mas não destruiu as fantasias do imperador.

— Se... — continuou Jael, visivelmente fazendo grande esforço para manter uma aparência benevolente, embora a máscara não combinasse muito bem com ele — se... *alguém*... se empenhasse na tentativa de ser prestativo de agora em diante, eu poderia me deixar convencer a pedir tal dádiva a favor desse alguém. Aposto que não está além das habilidades artísticas dos Stelian... *consertar* você.

— O quê? — Razgut se aprumou, levando as mãos às faces na melhor imitação de uma miss ao ouvir seu nome. — *Eu?* Sério?

Jael não era tolo de não notar que Razgut debochava dele, mas também não era tolo de demonstrar sua frustração.

— Ah, perdão. Achei que pudesse lhe interessar.

De fato poderia, não fosse por uma questão importante. Ou melhor, duas questões importantes, a primeira das quais era a que realmente importava: Jael estava mentindo. Mas, mesmo se não estivesse, os Stelian nunca concederiam uma dádiva a um inimigo. Razgut se lembrava deles de antes, não eram adversários a serem desdenhados. Caso, em algum momento, se vissem vencidos (e isso era algo difícil de imaginar, simplesmente porque nunca tinha acontecido), eles se autoimolariam antes de se renderem.

— Não é o que eu desejaria — disse Razgut.

— O quê, então?

Quando negociara com a beldade azul um caminho de volta a Eretz, o desejo de Razgut fora simples. Voar? Sim, isso era parte do pedido. Voltar a ser inteiro. Não era tão simples, porque não tinham destruído só suas asas e pernas, e ele sabia que seu estado era, em quase todos os aspectos relevantes, irreparável. Mas seu verdadeiro desejo, a essência de sua alma, era simples.

— Quero ir para casa.

Sua voz saiu sem nenhum deboche nem sarcasmo nem seu costumeiro prazer doentio. Até para os próprios ouvidos, ele soou como uma criança.

Jael o encarou, perplexo.

— Fácil — disse ele.

Mais do que qualquer outra coisa que Jael já lhe dissera ou fizera, isso fez Razgut querer quebrar seu pescoço. O vazio dentro dele era tão imenso, o peso desse vazio tão opressor, que às vezes ele ficava atônito só de lembrar que Jael nem fazia ideia do que era isso. Ninguém fazia.

— Não é tão fácil — rebateu ele.

Se havia uma coisa que Razgut, Três Vezes Decaído, sabia sem sombra de dúvida era isto: ele nunca poderia ir para casa.

Mais para esconder a própria agonia do que para deixar de torturar o imperador, ele abriu a carta. *O que diz aqui?*, perguntava-se. *Quem a terá enviado? Que tipo de oferta será?*

*Está quase na hora?*

Era ao mesmo tempo doce e amargo pensar isso. Razgut sabia que Jael o mataria no instante em que não precisasse mais dele, e a vida, mesmo a mais miserável, não deixa de ser um vício. Com uma precisão enlouquecedora e os movimentos mais lentos de que seus dedos trêmulos eram capazes, o anjo exilado fez uma encenação exagerada para desdobrar as páginas.

Caligrafia confiante, viu ele; tinta sobre papel bom; em latim. Então, finalmente, leu a primeira oferta de apoio de Jael.

# 50

## A felicidade tem que ir para algum lugar

Eles estavam muito próximos, e a situação era absurda. Absurda demais, para falar a verdade. A torneira do chuveiro afundava nas costas de Karou, as penas das asas de Akiva tinham ficado presas na porta, e a artimanha de Zuzana era óbvia. A tentativa era fofa, mas constrangedora — *extremamente* constrangedora —, e, se o objetivo era inflamar alguma coisa, só as bochechas de Karou correspondiam. Ela corou. O espaço era tão pequeno... O volume das asas de Akiva o forçava a ficar curvado, ainda mais perto dela, e, levados por algum instinto exasperador, os dois obedeciam ao impulso de preservar um espacinho de nada entre eles.

Como estranhos em um elevador.

E não eram estranhos? A atração entre os dois era tão forte que ficava fácil acreditar que se conheciam. Karou, que nunca tinha acreditado nessas coisas, estava disposta a considerar que, de alguma forma, suas almas realmente se conheciam — “Sua alma canta para a minha”, ele lhe dissera uma vez, e ela podia jurar ter sentido isso —, mas não eles. Tinham tanto a aprender, e ela queria muito, mas como fazer isso em tempos como aquele? Não podiam ficar sentados no alto de uma catedral comendo pão quente e vendo o sol nascer.

Não eram tempos para as pessoas se apaixonarem.

— Vocês dois estão bem aí dentro? — perguntou Virko.

Ele tentava falar baixo, mas ainda estava longe do sussurro. Karou imaginou o funcionário do hotel ouvindo e se perguntando quem estaria escondido no banheiro. Ao pensar nisso, o cenário atingiu outro nível do absurdo. Não bastasse tudo o que estava acontecendo e o grande peso da missão da qual estavam incumbidos, agora estavam espremidos em um banheiro, escondendo-se de um funcionário de hotel.

— Está tudo bem — respondeu ela, com a voz abafada; que grande mentira.

Não estava nada bem. Até mesmo dizer aquilo assim, de maneira irrefletida, soava... superficial. Despreocupado. Ela arriscou olhar de relance para Akiva, com medo de que ele achasse que ela falava sério. *Ah, claro, estamos bem, e o clima hoje está ótimo. Quais são as novidades?* E foi com uma nova angústia que viu, outra vez, a dor nos olhos dele, e a raiva. Teve que desviar o olhar. *Akiva, Akiva.* Quando ainda estavam na caverna e os olhos deles se encontraram através da grande distância — passando por todos os soldados entre eles, dos dois lados, e o peso de sua traiçoeira inimizade, pelos segredos que os dois carregavam, e pelos fardos —, mesmo àquela distância a sensação era de serem tocados pelo olhar um do outro. Mas não agora. Quase nada de espaço entre os dois, e o que sentiram quando seus olhares se encontraram foi uma espécie de... pesar.

— Filhos do pesar — disse ela em voz alta. Quer dizer, apenas sussurrou, e olhou furtivamente para ele mais uma vez. — Lembra?

***

— Como eu poderia esquecer? — respondeu Akiva, com dor no coração e uma rouquidão na voz.

Ela lhe contou a história (ela, Madrigal) na noite em que se apaixonaram. Ele se lembrava de cada palavra e toque daquela noite, de cada sorriso e arfar. Relembrar aquela noite era como olhar por um túnel escuro (toda a sua vida desde então) para um lugar banhado em luz do outro lado, um lugar em que a cor e as sensações eram amplificadas. Ele sentia como se aquela noite fosse um lugar — *o* lugar — em que guardara toda a sua felicidade, embrulhada e deixada de lado, como equipamentos de que nunca mais precisaria.

— Você me falou que era uma história terrível — disse ela.

Era a lenda quimera de como haviam surgido, nada menos que um mito sobre estupro. Quimeras eram frutos das lágrimas da lua, e serafins, do sangue do brutal sol.

— E *é* terrível — replicou Akiva, odiando a história ainda mais do que na época, à luz do que Karou sofrera nas mãos de Thiago.

— Verdade — concordou Karou. — Assim como a sua. — No mito serafim, quimeras eram sombras que ganharam vida, forjadas por imensos monstros devoradores de mundos que nadavam na escuridão. — Mas faz sentido. Eu me sinto os dois agora: feita de lágrimas e sombras.

— Se fôssemos seguir os mitos, então eu seria feito de sangue.

— E de luz — acrescentou ela, a voz muito suave. Estavam quase sussurrando, como se Virko não pudesse ouvir cada palavra logo ali do outro lado da divisória de vidro. — Vocês foram mais gentis com os da sua raça do que nós — continuou Karou. — Na lenda, fizemos a nós mesmos filhos do pesar. Vocês se fizeram à imagem de seus deuses, e com um propósito nobre: levar luz aos mundos.

— Que forma sombria nós escolhemos de cumprir esse propósito — observou ele.
Ela esboçou um sorriso, depois acabou deixando escapar uma risada triste.
— Não tenho como negar isso.
— A lenda diz também que seremos inimigos até o fim do mundo — disse ele.
Quando ele lhe contara essa história, os dois estavam entrelaçados, nus e embriagados de amor — a primeira, a *primeira* vez que fizeram amor —, e o fim do mundo lhes parecera um mito tanto quanto luas que choram.
Agora, no entanto, Akiva quase o sentia, fechando o cerco. Era como uma total desesperança. A que altura, se perguntou, não restaria mais nada para salvar?
— É por isso que fizemos nosso próprio mito — disse Karou.
Ele se lembrava.
— Um paraíso esperando que o encontrássemos e o preenchêssemos com nossa felicidade. Você ainda acredita nisso?
Não era sua intenção fazer a pergunta soar daquela maneira: dura, como se o mito reelaborado por eles não passasse de uma fantasia tola de amantes entrelaçados. Era a si mesmo que ele queria castigar, porque tinha *acreditado* nisso, ainda no dia anterior mesmo, quando Liraz o acusara de estar “com a cabeça ocupada pela alegria”. E ela havia acertado na acusação. Ele não andara imaginando tomar banho com Karou? Abraçá-la, sentir as costas dela no seu peito, apenas abraçá-la e ver seu cabelo dançar na superfície da água.
*Em breve isso será possível*, tinha pensado.
Naquela manhã, ao deixarem as cavernas para trás, vendo os dois exércitos mesclados avançarem juntos em um voo pacífico, ele tinha imaginado muito mais do que isso. Um lugar só deles. Um... lar. Akiva nunca tivera um lar. Nada que chegasse nem perto. Alojamentos, barracas e, antes disso, sua brevíssima infância no harém. Ele chegara a se permitir imaginar isso, algo tão simples, como se não fosse a mais grandiosa das fantasias. Um lar. Um tapete; uma mesa em que ele e Karou pudessem almoçar e jantar juntos; cadeiras. Só os dois, e velas tremeluzindo, e ele poderia pegar a mão dela por cima da mesa, só para senti-la, e eles poderiam conversar, e descobrirem um ao outro pouco a pouco. E haveria uma porta para bloquear o mundo lá fora, e lugares para guardar coisas que seriam deles. Akiva não podia nem imaginar que coisas seriam essas. Nunca tivera nada além de espadas. Tanto que, para completar seu imaginário de vida doméstica, ele precisara buscar inspiração nos artefatos velhos e estragados que vira nas cavernas dos Kirin, onde, um dia, o povo dele destruíra o dela.
Pratos e cachimbos, um pente, uma chaleira.
E... uma cama. Uma cama e um cobertor para cobri-los, um cobertor que eles dividiriam. Algo naquela imagem tão, tão simples havia cristalizado toda a esperança e a vulnerabilidade de Akiva e o fizera ver e acreditar, de verdade, que depois da guerra poderia ser... uma *pessoa*. Naquela manhã, durante o voo, tudo isso lhe parecera quase ao seu alcance.
Ele não tinha se preocupado em pensar onde seria esse lar ou o que veria quando saísse pela porta, mas agora, quando retornava a essa fantasia, era *só isso* o que via; o que havia do lado de fora daquele pequeno e tranquilo “paraíso” de seu devaneio.
Corpos por toda parte.
— Não um paraíso — disse Karou, a voz falhando, e corou; fechou os olhos por um momento.
Akiva, sendo mais alto que ela, ficou hipnotizado contemplando os cílios de Karou, escuros e trêmulos contra a pele ligeiramente arroxeada em volta dos olhos. E, quando ela os abriu, ele sentiu o choque do contato visual, o brilho negro e insondável do olhar dela. Toda a preocupação de Karou estava ali exposta, e uma dor de intensidade equiparável à dele, mas também força.
— Sei que não há nenhum paraíso esperando por nós — disse ela. — Mas a felicidade tem que ir para algum lugar, não é mesmo? Acho que Eretz merece um pouco de felicidade, então... — Ela estava acanhada. O espaço entre eles continuava ali. — Acho que devemos mandar a nossa para lá, e não para algum paraíso qualquer que já não precise de felicidade. — Ela hesitou, ergueu o olhar para ele. Olhou e olhou, derramando-se através de seus extraordinários olhos. Por ele. Por ele. — Não acha?

***

— Felicidade — disse ele, sua voz embalando a palavra com muita suavidade, tingida por um matiz de descrença, como se a felicidade em si fosse um mito tal qual todos os deuses e monstros.
— Não desista — sussurrou Karou. — Não é errado se sentir feliz por estar vivo.
Um silêncio. Ela sentia que ele estava lutando para encontrar as palavras.
— Não paro de receber segundas chances que não eram para ser minhas.
Karou não respondeu logo. Ela sabia qual era a culpa que ele carregava nos ombros. A magnitude do sacrifício de Liraz a abalou profundamente. Após respirar fundo mais uma vez, ela sussurrou, torcendo para que não fosse a coisa errada a dizer:
— A decisão cabia a ela.
Karou sentia que aquela segunda chance não tinha sido um presente apenas para Akiva, mas também para si.
E, se Brimstone estivesse certo, de que a esperança era a única esperança, e de que eles dois eram, de alguma forma, a

esperança tornada real, então aquela segunda chance era também um presente para Eretz.

— Talvez — cedeu ele. — Você disse que os mortos não querem ser vingados. Talvez seja verdade, às vezes, mas quando se é o único a ter sobrevivido...

— Não sabemos se eles... — Karou o interrompeu, mas nem conseguiu terminar a frase.

— ... você sente que sua vida é um roubo.

— Um *presente.*

— E a única reação que faz sentido para o coração é a vingança — continuou ele.

— Eu sei. Acredite. Mas estou escondida no chuveiro com você e não tentando matá-lo, então parece que o coração pode mudar de ideia.

Um esboço de sorriso. Já era alguma coisa. Karou retribuiu, não um esboço, mas um sorriso de verdade, lembrando-se de cada lindo sorriso de Akiva, todos aqueles sorrisos radiantes perdidos, e se forçou a acreditar que não, não estavam perdidos. As pessoas quebram, e nem sempre podem ser coladas, emendadas. Mas não dessa vez. Não assim.

— Não é o fim da esperança — continuou ela. — Não sabemos ainda o que houve com os outros, mas, mesmo que soubéssemos, e mesmo que *seja* o pior... *ainda estamos aqui, Akiva.* E não vou desistir enquanto isso for verdade. — Ela estava séria. Fervorosa até, como se pudesse forçá-lo a acreditar no que dizia.

E talvez tenha funcionado.

Sempre houvera, desde a primeira vez — em Bullfinch, em meio à fumaça e à neblina —, um encantamento na maneira como Akiva a fitava, os olhos muito abertos para absorvê-la inteiramente. Com medo de piscar, quase de respirar. Algo desse encantamento voltou naquele instante, fazendo sucumbirem a rigidez dele e a implacabilidade de sua raiva. Grande parte da expressão facial é marcada pelos músculos em volta dos olhos, e Karou viu a tensão ali sumir. Por menor que fosse a mudança, despertou nela um alívio inversamente desproporcional. Ou talvez perfeitamente proporcional. Não era algo pequeno. Se ao menos fosse fácil assim fazer o ódio ir embora... Como se bastasse relaxar o rosto.

— Tem razão — disse Akiva. — Sinto muito.

— Pois eu quero que você se sinta... vivo.

Vivo. Vivo coração-a-bater, vivo sangue-a-correr, sim; porém, mais do que isso. Karou queria um vivo brilho-nos-olhos, mão-no-coração, um vivo “nós somos o começo”.

— Eu me sinto vivo — disse ele, e de fato *havia* vida em sua voz, e promessa.

Karou ainda tinha flashes de lembranças dele através dos olhos de Madrigal. Ela era mais alta na época, então a linha de visão era diferente, mas aquele momento lhe evocou uma lembrança muito clara: a primeira vez que estiveram no bosque de réquiem, pouco antes do primeiro beijo. O ardor do olhar dele e seu corpo curvado em direção a ela. Foi isso que provocou a mesma vibração naqueles dois instantes: naquela outra vida e agora, e o tempo deu um salto que fez seu coração voltar ao seu eu mais simples.

Algumas coisas são sempre simples. Ímãs, por exemplo.

Quase não foi preciso movimento algum. Não era o bosque de réquiem, e não era um beijo. O rosto de Karou estava na altura certa para que ela o descansasse no peito de Akiva, e foi o que fez, finalmente, e o restante de seu corpo seguiu o bom exemplo do rosto. O ridículo espaço de nada entre os dois foi abolido. O coração de Akiva batia contra a têmpora dela, e ele enlaçou seu corpo. Akiva era quente como o verão, e ela sentiu o suspiro que passou pelo corpo dele, relaxando-o para que se fundisse melhor a ela, e também suspirou seu suspiro relaxante e se deixou fundir a ele. Era tão bom... *Nenhum ar entre nós*, pensou Karou, *e nenhuma vergonha. Mais nada entre nós.*

Era tão bom.

Karou deixou os braços dançarem pelo corpo dele, para puxá-lo, trazê-lo para mais perto, abraçá-lo com mais força. Cada vez que respirava, sentia o calor e o cheiro dele, relembrado e redescoberto, assim como relembrava e redescobria aquela solidez — a sensação de concretude que de alguma forma era um choque, porque a impressão era tão... irreal. Elementar. *O amor é um elemento*, Karou se lembrou, de muito, muito tempo antes, e se sentiu como se estivesse flutuando. Aos seus olhos, Akiva era fogo e ar. Mas ao toque, estava tão *ali*. Real o bastante para se agarrar a ele para sempre.

Akiva passava a mão pelo comprimento do cabelo dela, de novo e de novo, e ela sentiu o toque dos lábios dele no topo da cabeça, e então se encheu não de desejo, mas de ternura, e uma profunda gratidão por ele estar vivo, por ela estar também. Por ele tê-la encontrado, por tê-la encontrado *de novo*. E... ah, deuses e poeira estelar... *de novo* mais uma vez. Que aquela fosse a última vez que ele tivesse que procurar por ela.

*Vou facilitar as coisas para você*, pensou Karou, o rosto sentindo as batidas do coração dele. *Estarei bem aqui.*

Quase como se Akiva tivesse ouvido — e aprovado —, ele apertou ainda mais os braços em volta dela.

Então Zuzana abriu a porta do banheiro e chamou:

— A sopa chegou!

Os dois se soltaram e trocaram um olhar que era... gratidão e promessa e comunhão. Uma barreira tinha sido quebrada. Não por um beijo — não isso, ainda não —, mas pelo toque, ao menos. Um pertencia aos braços do outro. Karou carregava o calor de Akiva no corpo ao sair do chuveiro. Quando viu a si mesma no espelho ao lado dele, os dois emoldurados ali juntos,

pensou: *Sim, é assim que deve ser.*

Um último olhar foi trocado pelo espelho, um olhar suave, feliz e puro, ainda que longe de estar livre de dor e pesar. Então foram, atrás de Virko, para o quarto, onde uma surpreendente quantidade de comida estava espalhada pelo chão. O piquenique de um sultão.

Eles comeram. Karou e Akiva se sentaram bem próximos um do outro, o que Zuzana notou erguendo as sobrancelhas de maneira aprovadora e ligeiramente convencida.

Estavam só começando a obter resultados na redução daquela abundante oferta de comida quando ouviram os gritos; vinham do lado de fora.

Portas de carro bateram. Duas vozes masculinas rivalizavam uma com a outra, irritadas. Podia ser qualquer coisa, alguma discussão pessoal, o que não teria feito com que os cinco se levantassem de um pulo — Akiva foi o primeiro — e fossem na mesma hora até a janela. Foi a terceira voz que provocou isso. Uma voz feminina, melodiosa e aflita. Parecia presa em meio à hostilidade dos outros dois como um pássaro em uma rede.

E falava em seráfico.

# 51

## Evasão

Como não conseguiam ver da janela o que era a comoção, Karou e Akiva se fizeram invisíveis e saíram. Mik e Zuzana foram atrás, visíveis, deixando Virko no quarto.

A discussão acontecia no pátio que levava à entrada, a área coberta de areia que era o domínio das crianças da casbá, que se revezavam para empurrar umas às outras em um carrinho de mão por ali e lançavam olhares hostis aos hóspedes do hotel. Não havia dúvidas com relação à fonte do conflito: uma jovem estava sentada com metade do corpo para fora da porta aberta de um carro e parecia não ter muita consciência de quem era nem de onde se encontrava.

A jovem tinha o olhar vidrado, o rosto coberto de sangue. Seus lábios estavam inchados. Sua pele era escura e lisa, e os olhos, enervantes: bonitos e claros demais, arregalados demais, a parte branca muito pálida. Ela tinha os braços largados no colo e, sentada na beirada do banco com a cabeça inclinada para trás, soltava uma torrente incrível de palavras, que jorravam de sua boca ensanguentada.

A mente de quem estivesse observando a cena precisaria de um tempo para entender. O sangue, a mulher e as duas línguas, as vozes altas e brigando por atenção. Os homens discutiam em árabe. Um deles aparentemente levara a garota até ali e estava louco para se ver livre dela. O outro era um funcionário do hotel, que, compreensivelmente, não concordava nem um pouco com a intenção do primeiro.

— Você não pode simplesmente largar esta mulher aqui. O que aconteceu com ela? O que ela está dizendo?

— Como é que eu vou saber? Daqui a pouco vão vir uns americanos buscá- -la. Eles que se preocupem com isso.

— Sim, mas e enquanto eles não chegam? A garota precisa de cuidados. Olhe só para ela. O que aconteceu?

— Eu não sei. — O motorista estava irritado. Com medo. — Ela não é responsabilidade minha.

— E é minha, por acaso?

Eles seguiam nesse estado de espírito, enquanto a mulher seguia... em um bem diferente.

— Devorando e devorando e rápido e imenso, e *caçando* — dizia ela, ou melhor, *gritava*, em seráfico. Sua voz era triste, doce e cheia de dor, como um fado de outro mundo. Um lamento vindo do fundo da alma, pelo que se perdeu e nunca poderá voltar. — As feras, as feras, o Cataclisma! Céus floresceram, depois escureceram, e nada foi capaz de detê-los. Foram estraçalhados, e não por culpa nossa. Abríamos as portas, éramos as luzes na escuridão. Nunca deveria ter acontecido! Fui um dos doze escolhidos, mas caí totalmente sozinha. Há mapas em mim, mas estou perdida, e há céus em mim, mas estão mortos. Mortos e mortos e mortos para sempre, ah, deuses da luz!

Os pelos da nuca de Karou se arrepiaram. Akiva estava ao lado dela.

— O que está acontecendo com essa garota? — perguntou Karou a ele. — Você sabe do que ela está falando?

— Não.

— Ela é serafim?

Ele hesitou antes de dizer não de novo.

— Ela é humana. Não tem qualquer chama. Mas alguma coisa...

Karou também sentia, e também não conseguia identificar o que era. Quem era aquela garota? E como ela estava falando seráfico?

— Meliz está perdido! — lamentou ela, e os braços de Karou se arrepiaram. — Até Meliz, primeiro e último, Meliz eterno, *Meliz é devorado.*

— Você sabe quem é esse? — perguntou Karou a Akiva. — Meliz?

— Não.

— *O que está acontecendo aqui?*

Karou se virou de repente ao ouvir a voz de Zuzana, que já chegava indo direto ao assunto, no melhor estilo fada raivosa. Ela foi resoluta até os homens. Os dois apenas a observaram por um instante, provavelmente tentando ligar o tom inflexível daquela pergunta à baixinha ali parada diante deles; pelo menos até receberem uma boa amostra do olhar de *neek-neek* dela. Então pararam de discutir.

— Essa garota está sangrando — disse Zuzana em francês, que, devido ao passado colonial do Marrocos, é a língua europeia mais facilmente compreendida por lá, mais até do que o inglês. — *Vocês* fizeram isso com ela?

A voz de Zuzana tinha um tom de afronta, como uma faca ainda não completamente desembainhada. Os dois rapidamente alegaram inocência.

Zuzana continuou impassível.

— Qual o problema de vocês, vão ficar aí parados? Não estão vendo que ela precisa de ajuda?

Eles não tinham uma boa resposta para isso, nem tiveram tempo de elaborar uma, porque Zuzana, auxiliada por Mik, já se

encarregava de cuidar da jovem. Cada um a pegou por um cotovelo, e, juntos, ajudaram-na a se levantar, enquanto os homens só ficaram olhando, em silêncio, com ar de arrependimento, enquanto o casal a levava dali. A torrente de falação em seráfico prosseguia sem interrupção:

— Sou uma Decaída, completamente sozinha, quebrei-me contra a rocha e nunca serei inteira de novo... — Não havia sinal de foco em seus olhos marcantes, mas seus pés se deixaram levar e ela não protestou, tampouco os homens, então Zuzana e Mik simplesmente a tiraram dali.

Assim, algumas horas depois, quando os americanos chegaram em seus ternos pretos para buscá-la, o funcionário do hotel os levou primeiro ao quarto de Eliza e depois — ao descobri-lo vazio, sem ninguém nem nenhuma bagagem ou pertence pessoal — ao quarto da pequena garota valente e seu namorado, os mesmos que tinham pedido toneladas de comida para devorarem sozinhos. Bateram à porta, mas não ouviram nenhuma movimentação lá dentro e ninguém atendeu; então, quando entraram, não foi propriamente uma surpresa descobrir que seus ocupantes tinham ido embora.

Ninguém os vira sair, nem mesmo as crianças que brincavam no pátio, pelo qual precisariam obrigatoriamente ter passado para chegar à estrada.

Se bem que, para falar a verdade... ninguém os vira *chegar*.

Não deixaram nada para trás além de pratos com meras migalhas e — um achado que deixaria loucos os teóricos da conspiração — vários longos fios de cabelo azul no piso do banheiro, onde a mão de um anjo acariciara a cabeça de um demônio, os dois unidos em um demorado e muito aguardado abraço.

*Era uma vez...*
*uma jornada que começava,*

*e que, com luz, alinhavaria todos os mundos.*

*sessenta horas após a Chegada*

# 52

## Pólvora e decomposição

Morgan Toth se sentia em véspera de Natal — o Natal da ânsia pelos presentes, não do nascimento de Cristo, é claro. Porque, bem... não.

As mensagens de texto que chegavam para Eliza ficavam mais loucas e mais desesperadas a cada hora que passava. Era uma espécie de espetáculo de um circo dos malucos sendo apresentado exclusivamente para ele, o que fazia Morgan *quase* desejar ter um parceiro no crime, alguém com quem pudesse compartilhar sua admiração por haver pessoas como aquelas no mundo. Mas não conseguia pensar em ninguém que provavelmente não recuasse, horrorizado como um bom hipócrita, e chamasse a polícia se ele contasse o que tinha feito.

Idiotas.

Precisava de uma *groupie*, pensou. Ou uma namorada. Olhos arregalados e admiração. “Morgan, como você é *mau*”, diria ela, toda melosa. Mau em um bom sentido. Em um sentido muito, muito bom.

O celular vibrou. A essa altura já era pavloviano: quando o celular de Eliza vibrava, Morgan praticamente salivava em expectativa pela mais absoluta e inacreditável loucura da vez. A mensagem não o desapontou.

*Onde você está, Elazael? Foi-se o tempo que comportava rixas mesquinhas. Os dias de hoje a obrigam a perceber que você não pode fugir do que é. Nosso povo chegou à Terra, como sempre soubemos que aconteceria. Fizemos propostas. Oferecemo-nos a eles como criados e auxiliares, em êxtase e serventia. O dia do Juízo se aproxima. Que o resto deste mundo arruinado sirva como forragem para as Feras enquanto nos ajoelhamos aos pés de Deus. Precisamos de você.*

Ouro. Ouro puro. Êxtase e *serventia.* Morgan riu, porque aquilo resumia bem o que queria em uma namorada.

Ele ficou tentado a responder. Até agora vinha resistindo, mas o jogo estava começando a ficar repetitivo. Releu a mensagem. Como se comunicar com uma insanidade daquelas? Eles tinham feito propostas, dizia o texto. O que aquilo significava? Como tinham conseguido se oferecer como criados aos anjos? Morgan sabia, pelas mensagens anteriores, que quem as mandava — devia ser a mãe de Eliza, uma figura e tanto — se encontrava em Roma. Mas, até onde sabia, o Vaticano estava praticamente mantendo os Visitantes prisioneiros, o que era simplesmente hilário. Ele imaginava o papa de pé na cúpula da Basílica de São Pedro com uma enorme rede de borboletas: *Peguem os anjos!*

Após uma prolongada deliberação, ele escreveu uma resposta.

*Oi, mãe! Tive uma nova visão. Estávamos *mesmo* ajoelhados aos pés de Deus, veja que ótimo sinal. Ufa! Mas... será que estávamos fazendo as unhas dele? Não sei bem o que isso significa. Beijos, Eliza.*

Ele sabia que era demais, mas não conseguiu se segurar. Apertou *enviar*. Durante o silêncio que se seguiu, começou a temer que não tivessem captado o sarcasmo da piada, mas não precisava se preocupar: não estava lidando com uma espécie qualquer de loucos. Aqueles eram loucos de pedra mesmo.

*Sua amargura é uma afronta a Deus, Elazael. Você recebeu um grande dom. Quantos de seus ancestrais pereceram sem ver o rosto sagrado de seus semelhantes, e ainda assim você consegue encontrar motivo para graça? Prefere ficar e ser devorada com os pecadores quando tomarmos nossos lugares no...*

Mas Morgan não pôde terminar de ler a mensagem, muito menos enviar outra resposta.

— Isso aí é o celular da Eliza?

Gabriel. Morgan se virou de imediato. Como o neurocientista tinha conseguido surpreendê-lo? Será que Morgan esquecera de trancar a porta?

— Santo Deus, é o celular dela — disse Gabriel, com uma expressão de surpresa e nojo.

Morgan não entendeu o choque. Gabriel o desprezava. Por que estava tão surpreso? E o que ele poderia dizer? Pego no flagra, só lhe restava mentir.

— Eliza está recebendo mensagem atrás de mensagem. Tem alguém obviamente desesperado para falar com ela. Eu só ia responder avisando que ela não está aqui...

— Você vai me dar isso.

— Não.

Gabriel não pediu de novo. Só chutou a perna do banquinho em que Morgan estava sentado, com tanta vontade que ele perdeu o equilíbrio e caiu, batendo com força no chão. Com o impacto, a dor e a fúria, Morgan nem percebeu que tinha soltado o celular, só foi se dar conta quando já estava novamente de pé, afastando a franja dos olhos.

Droga. Gabriel estava com o aparelho. O olhar de nojo e surpresa só piorou.

— Foi você, não foi? — indagou, entendendo tudo de repente. — Foi tudo obra sua. Meu Deus, e eu ajudei. Deixei o telefone dela com você.

A fúria de Morgan se transformou em medo. Era como um antisséptico atingindo o pus: o fervilhar, a queimação.

— Do que você está falando? — perguntou ele, se fazendo de desentendido sem a menor capacidade de convencimento.
Gabriel balançou a cabeça lentamente.
— Foi só um jogo para você, mas provavelmente acabou com a vida dela.
— Eu não fiz nada — disse Morgan, mas não estava preparado para se defender. Não tinha pensado... Não tinha pensado que alguém descobriria.
Como podia não ter pensado nessa possibilidade?
— Bem, não posso prometer arruinar a *sua* vida — replicou Gabriel. — Sinceramente, seria um compromisso pesado demais. Mas prometo que vou fazer de tudo para que todos saibam o que você fez. — Ele levantou o celular. — E se *isso* arruinar sua vida, não vou lamentar nem um pouco.

***

Mais uma carta. A terceira. Trazida pelo mesmo criado. Razgut sabia, pelo envelope, que o remetente era o mesmo das anteriores. Dessa vez, nem se deu ao trabalho de fazer joguinhos com Jael. Assim que o criado — Spivetti era o nome dele — saiu, Razgut pegou a carta e a abriu.
Ele tivera todo cuidado ao elaborar as respostas às outras duas. Mais pareciam cartas de amor. Não que Razgut já tivesse escrito uma carta de amor algum dia, imagine... Quer dizer, até tinha, mas na época dos Tempos Idos, portanto era como se um ser completamente diferente houvesse elaborado aquela doce despedida para uma garota cor de mel. Em termos de *aparência*, ele certamente era outro ser na época, disso não restava dúvida. Ainda tinha o aspecto de serafim, sua mente era ainda um diamante inteiriço, sem fraturas — e que pressão imensa é necessária para se quebrar um diamante! —, livre dos fungos e imundícies que a invadiam agora. Já fazia tanto tempo, mas ele se recordava de ter escrito aquela carta. Não se lembrava mais do nome da garota, nem do rosto dela. Era apenas um borrão dourado sem importância, a sombra de uma vida que poderia ter tido se não tivesse sido Escolhido.
*Se eu não voltar*, escrevera, com uma caligrafia bela mas ansiosa, antes de ir para a capital, *saiba que levarei sua lembrança comigo através de cada véu, pela escuridão de cada amanhã, e além da sombra de cada horizonte.*
Era mais ou menos isso. Razgut se lembrava do sentimento que colocara ali, se não das exatas palavras, e não era amor, nem mesmo a verdade mais superficial. Ele estava só considerando todas as possibilidades. Se *não* fosse escolhido — e quais seriam suas chances, entre tantos? —, poderia ir para casa e fingir alívio, e a garota cor de mel o consolaria com a maciez de sua pele, e talvez até se casassem e tivessem filhos e levassem uma feliz vida monótona na contracorrente de seu fracasso.
Mas ele *tinha* sido escolhido.
Ah, que dia glorioso. Razgut era um dos doze nos Tempos Idos, e a glória foi sua. O dia da Nomeação: quanta glória. Tanta luz na cidade que ofuscara o céu noturno, e eles não podiam ver os deuses da luz, mas os deuses da luz podiam vê-los, e era isso o que importava — que os deuses os vissem e soubessem: eles eram os escolhidos.
Aqueles que abririam as portas, as luzes na escuridão.
Razgut nunca voltou para casa e nunca encontrou a garota de novo, mas vejam bem: ele não tinha mentido para ela, tinha? Estava se lembrando dela agora mesmo, além da sombra de um horizonte, na escuridão de um amanhã que nunca poderia ter imaginado.
— O que ela diz?
*Ela.*
A voz de Jael interrompeu os devaneios de Razgut. A carta não era de uma garota com pele sedosa, mas de uma mulher que ele nunca tinha visto (embora soubesse seu nome), uma mulher sem a menor doçura, mas tudo bem. O gosto de Razgut havia amadurecido. A doçura era insípida. Que ficasse para as borboletas e os beija-flores. Como besouros que se alimentam de carniça, ele era atraído por cheiros mais fortes.
De pólvora e decomposição, por exemplo.
— Armas, explosivos, munição — traduziu Razgut para Jael. — Ela diz que pode lhe dar tudo de que precisar, tudo que quiser, desde que você aceite as condições dela.
— Condições! — Jael cuspiu a palavra. — Quem é *ela* para estabelecer condições?
Ele vinha reagindo assim desde a primeira carta. Jael não tinha apreço algum por mulheres fortes, a não ser que isso significasse poder pisá-las e pisá-las em um prazer sem fim. A ideia de uma *mulher* fazendo exigências o deixava furioso.
— Ela é sua melhor opção, é isso o que ela é — replicou Razgut. Era uma de muitas respostas possíveis, mas a única que Jael precisava ouvir. *Ela é um abutre. É carne fétida. É pólvora pronta para explodir.* — Ninguém mais conseguiu subornar os outros para chegar até você, então eis sua escolha no momento atual: continuar cortejando esses chefes de Estado sisudos e vê-los caminhar cheios de medinho pelo campo minado da opinião pública, temendo o próprio povo mais do que temem você, ou fazer essa simples promessa para esta dama de recursos e acabar logo com isso. As armas estão à sua espera, imperador. O que é uma pequena condição diante disso?

# 53

## Da arte de erguer sobrancelhas

Quando Mik e Zuzana pisaram no saguão do luxuoso hotel St. Regis, em Roma, várias conversas foram interrompidas, um mensageiro olhou espantado e uma senhora elegante de cabelo grisalho e maçãs do rosto alteradas cirurgicamente levou a mão até seu colar de pérolas e vasculhou o lugar com os olhos à procura dos seguranças.

Mochileiros não se hospedavam no St. Regis.

Nunca.

E *aqueles* mochileiros pareciam... Bem, não era fácil traduzir em palavras. Alguém muito perspicaz talvez dissesse que pareciam ter passado algumas noites em *cavernas*, depois enfrentado uma *batalha*, e talvez até chegado ali montados em um *monstro.*

Na verdade, eles tinham vindo de Marrakech em um jato particular, mas tudo bem, não dava para acertar tudo. Como haviam deixado Tamnougalt às pressas, não puderam aproveitar o chuveiro nem vestir roupas limpas, e era provável que nenhum dos dois nunca tivesse estado tão pouco apresentável na vida.

Clientes e funcionários presumiram que eles fossem pedir para usar o banheiro — de vez em quando isso acontecia; pessoas de nível social mais baixo que desconheciam *as regras* — e provavelmente sujariam tudo se lavando na pia. Não era isso o que aquele tipo de gente fazia?

O porteiro que os deixara entrar mantinha os olhos fixos no chão, ciente de que tinha cometido um pecado capital ao permitir que *hoi polloi* violassem o perímetro. Sem dúvida, em tempos idos, guardas tinham sido mortos por ofensas como aquela. Mas o que ele poderia fazer? Alegavam ser hóspedes.

No balcão da recepção, os funcionários trocavam olhares gladiatórios. *Você quer atender esses ou eu atendo?*

Um corajoso se aproximou.

— Posso ajudá-los?

As palavras eram *Posso ajudá-los*, mas o tom transmitia algo como: É meu insuportável dever interagir com vocês, e pretendo puni-los por isso.

Zuzana se virou para encarar seu desafiante. Viu a sua frente uma jovem italiana, uns vinte e cinco anos, atraente e vestida de forma elegante. Nenhum sorriso no rosto. Ou melhor, nenhum sorriso *na vida.* Os olhos da mulher fizeram uma rápida varredura nos dois, de cima a baixo, faiscando de indignação quando chegaram aos tênis plataforma de Zuzana, com estampa de zebrinha e cobertos de poeira. Ela apertou os lábios em um biquinho de nojo. Parecia que estava se preparando para tirar uma lesma viva da rúcula de sua comida.

— Sabe — observou Zuzana, em inglês —, você ficaria muito mais bonita se não fizesse essa cara.

A cara em questão paralisou na hora. Pelo inflar das narinas, dava para ver que a mulher se sentira ofendida. E então, como que em câmera lenta, uma das belas e bem-feitas sobrancelhas da mulher elevou-se.

Três, dois, um... *Lutem!*

Zuzana Nováková era uma garota bonita. Era frequentemente comparada a uma boneca ou uma fada, não só por causa de sua baixa estatura, mas também pelo rosto pequeno e gracioso — uma feliz mistura de ângulos e arcos sob uma pele clara como porcelana. Queixo delicado, faces arredondadas, olhos grandes e brilhantes, e, embora fosse capaz de acabar com qualquer um que sugerisse isso, uma boca de querubim. Todo esse encanto era uma das grandes armadilhas da natureza, porque... Zuzana Nováková não se resumia a isso. Não mesmo.

Decidir enfrentá-la era como um peixe que indolentemente resolvesse engolir aquela linda luzinha tremeluzindo nas sombras e então — *AH MEU DEUS DENTES O HORROR O HORROR!* — encontrasse um monstro abissal na outra ponta.

Zuzana não devorava pessoas. Ela as intimidava. E, no saguão dourado de mármore brilhante e cristal de um dos hotéis mais luxuosos e exclusivos de Roma, em menos de dois segundos sua sobrancelha deu uma aula. Quando se erguia, era um espetáculo a se contemplar. O movimento, o arco. Desprezo, deleite, deleite-em-desprezo, confiança, julgamento, deboche, até mesmo pena. Estava tudo ali, e muito mais. Sua sobrancelha se comunicou diretamente com a sobrancelha da italiana, de alguma forma lhe dizendo: *Não estamos aqui para tomar banho na pia. Você cometeu um grande erro. Seja mais prudente.*

E a sobrancelha passou a mensagem para sua dona, cuja boca imediatamente perdeu aquele biquinho de *lesma na rúcula*, e antes mesmo de Mik intervir, ela já sentia o gosto amargo da mortificação.

— Vamos ficar na suíte presidencial... — informou ele, baixinho, quase pedindo desculpas.

— Na... suíte *presidencial*?

A suíte presidencial no St. Regis havia hospedado monarcas e lendas do rock, xeques árabes e divas da ópera. A diária custava aproximadamente vinte mil dólares em baixa temporada, e aquela estava longe de ser uma temporada normal. Roma era o centro das atenções do mundo inteiro, abarrotada de peregrinos, jornalistas, delegações estrangeiras, curiosos e malucos.

Simplesmente não havia vagas. Famílias alugavam sacadas e adegas — até mesmo telhados — por um preço muito mais alto que o normal, e a já sobrecarregada polícia estava tendo um trabalho enorme para desfazer acampamentos de peregrinos nos parques.

Zuzana e Mik não sabiam o quanto aquilo estava custando a Karou — ou a sua avó postiça, Esther, ou quem quer que estivesse pagando a conta. Normalmente, tamanha extravagância teria feito com que se sentissem estranhos e diminuídos, camponeses na presença da nobreza. Na verdade, faria com que se sentissem exatamente de acordo com a intenção daquela mulher. Mas não naquele dia. À luz da experiência recente, aquelas pessoas metidas a besta eram, aos olhos de Zuzana, sapatos caros guardados na caixa durante os trezentos e sessenta e dois dias do ano em que não são usados: embalados em papel de seda, a salvo de qualquer dano, e tudo o que conheciam da vida eram eventos de gala e o interior da caixa. Que tédio. Que estupidez. Em contrapartida, sentiam a própria sujeira e a inadequação excêntrica do estado em que se encontravam como uma armadura.

*Eu mereci esta sujeira.*

*Respeite. A sujeira.*

— Isso mesmo — disse ela. — A suíte presidencial. Vocês dev eriam estar nos esperando. — Então tirou dos ombros a mochila, que caiu no chão com uma satisfatória nuvem de poeira. — Seria ótimo se pudesse cuidar disso para mim — completou, bocejando.

Erguendo os braços, Zuzana alongou os ombros, menos porque precisasse disso e mais para revelar as manchas de suor nas axilas em plena glória. Sabia que havia verdadeiros círculos concêntricos marcados ali, de vários ciclos de suor que secara. Pareciam anéis de crescimento das árvores e eram estranhamente carregados de significado. Ela os conseguira sobrevivendo a um conto de fadas sombrio ao qual... ao qual outros talvez *não* tivessem sobrevivido.

Nunca ia lavar aquela blusa.

— É claro — retrucou a mulher, sua voz uma sombra do que fora.

Era engraçado vê-la lutar contra seus impulsos faciais incontroláveis de apertar os lábios ou franzir a sobrancelha, torcer o nariz ou praticar aquele olhar semicerrado e frio em que as elegantes mulheres italianas são tão boas. Ela se sentia diminuída. Sua sobrancelha amadora tinha se recolhido, envergonhada, à posição normal, onde permaneceu durante o restante da transação, um apóstrofo rebaixado a uma vírgula. Logo Mik e Zuzana estavam sendo levados até um elevador. Subiram. Foram conduzidos por um corredor magnificamente decorado em veludo. E se reuniram ao restante do grupo.

# 54

## Falsa avó

Por questões práticas, eles tinham se separado no aeroporto Ciampino, nos arredores de Roma, onde o jato fretado por Esther os deixara. Zuzana e Mik desembarcaram — os únicos passageiros naquele voo — e passaram pela alfândega e pela imigração como os seres humanos fazem, enquanto os outros desapareceram em um passe de mágica assim que desceram do avião e seguiram direto para o hotel. Mik e Zuze pegaram um táxi para encontrá-los lá.

Esperando por eles na sala de estar da suíte, Karou estava aconchegada em um sofá bordado em seda floral verde-limão. Sobre a mesa dourada diante dela havia um mapa do Vaticano, um laptop aberto e uma enorme escultura de frutas de verdade, incluindo abacaxis — como se você pudesse simplesmente pegar um pedaço e dar uma mordida. Karou não parava de olhar para as uvas, mas tinha medo de tocá-las e derrubar todo o arranjo.

— Pode pegar, se quiser — disse sua avó postiça, Esther Van de Vloet, que, sentada ao lado de Karou, acariciava com o pé descalço o dorso musculoso do imenso cachorro a sua frente.

Esther, embora incrivelmente rica, não era do tipo de mulher mais velha incrivelmente rica que preserva a juventude com o auxílio de bisturis ou segue uma dieta triste para se conservar magra e elegante ou usa roupas de grife desconfortáveis que seriam mais adequadas a manequins.

Ela estava de calça jeans e uma túnica que comprara em um mercado de rua, o cabelo branco preso em um coque meio bagunçado. Não era nenhuma asceta, como era possível notar pelo doce que tinha na mão e as curvas generosas de seus seios e quadris. Sua juventude — ou, mais exatamente, seus aparentes *setenta* anos, quando na verdade já estava na casa dos cento e trinta — era preservada não por cirurgias ou alimentação frugal, mas por um *desejo.*

Um bruxis, o mais poderoso dos desejos, pelo qual se paga caro e que só se tem uma vez na vida. A maioria dos negociantes de Brimstone gastava seus bruxis com o mesmo que ela: uma vida mais longa. Não se sabia precisamente quão mais longa seria. Karou conhecia um caçador malaio que se conservava bastante ágil aos duzentos anos, pelo que tinha constatado na última vez que o vira. Parecia se tratar de uma questão de força de vontade. A maioria das pessoas acabava se cansando de viver mais do que todos a sua volta. Quanto a Esther, ela dizia que não sabia quantas gerações de cachorros ainda suportaria enterrar.

Os cães daquele momento ainda eram jovens, no auge da saúde. Chamavam-se Traveller e Methuselah, em homenagem aos cavalos dos generais americanos Lee e Grant, da Guerra de Secessão. Todos os mastins de Esther eram batizados em homenagem a cavalos de guerra. Aquele era o sexto par de Esther, e ela finalmente decidira homenagear os americanos.

Karou observava a torre de frutas.

— Mas quem montou isso deve ter levado horas.

— E pagamos bem pelo trabalho deles. Coma.

Karou pegou algumas uvas e ficou feliz em ver que a escultura não despencou.

— Você vai ter que aprender a aproveitar o dinheiro agora, querida — completou Esther, como se Karou fosse uma novata naquela vida de luxo, e ela, sua guia.

Além de outros favores em benefício de Karou que Esther prestara para Brimstone ao longo dos anos (matriculá-la em escolas, forjar documentos de identidade etc.), a falsa avó tinha ajudado a abrir muitas contas bancárias no nome dela, portanto com certeza conhecia o patrimônio líquido de Karou melhor que a própria Karou.

— Lição número um: não se preocupe em saber como as torres de frutas foram feitas — continuou. — Coma e pronto.

— Na verdade, não vou ter que aprender nada — rebateu Karou. — Não vou ficar aqui.

Esther olhou em volta.

— Não gosta do St. Regis?

Karou seguiu o olhar dela. O lugar era uma agressão aos sentidos, como se o designer tivesse sido encarregado de manifestar o conceito de “opulência” em quarenta ou cinquenta metros quadrados. Teto alto e côncavo adornado por vigas douradas. Cortinas de veludo vermelho que pareciam pertencer ao toucador de um vampiro; muito dourado, um piano de cauda reluzente servindo de apoio a travessas de prata cheias de biscoitos. Havia até uma enorme tapeçaria ilustrando uma coroação pendurada na parede, com algum rei ou outro nobre ajoelhado para receber sua coroa.

— Hmm, *não* — admitiu ela. — Não muito. Mas estou falando da Terra. Não vou ficar aqui.

Esther piscou devagar, talvez aproveitando o instante para imaginar alguém deixando para trás uma fortuna como a de Karou.

— Verdade. Bem... considerando o paraíso que você tem por lá, não a culpo — disse, acenando com a cabeça na direção da sala de estar adjacente. Esther estava... *impressionada* com Akiva. “Minha nossa”, tinha sussurrado quando Karou os apresentara um ao outro. — Não que eu saiba como é, mas imagino que se possa abrir mão de muita coisa em nome do amor.

Karou não tinha falado nada de amor, mas não estava surpresa em descobrir que era tão óbvio.

— Não sinto como se estivesse abrindo mão de nada — comentou ela, com sinceridade.

Sua vida em Praga já parecia tão distante quanto um sonho. Ela sabia que haveria dias em que sentiria saudade da Terra, mas por enquanto seu coração e sua mente estavam totalmente dedicados às questões de Eretz, ao mórbido presente (*Querida Nitid ou deuses da luz ou qualquer um, por favor, permita que nossos amigos sobrevivam*) e ao frágil futuro daquele universo. E Akiva era, sim, como Esther havia sugerido, grande parte disso.

— Bem, você pode aproveitar a riqueza por enquanto, pelo menos — replicou Esther. — Não vá me dizer que o banho não foi maravilhoso.

Karou admitiu que sim. O banheiro era maior do que seu apartamento inteiro em Praga, cada centímetro quadrado coberto de mármore. Tinha acabado de sair da banheira, o cabelo úmido e perfumado caindo nos ombros.

Ela pegou o mapa, esticando-o no sofá entre as duas.

— Então, onde os anjos estão hospedados?

O plano de Karou era bem simples, então não havia muito que ela precisasse saber além de onde encontrar Jael. O Vaticano podia ser pequeno se comparado a outras nações soberanas, mas seria uma caça ao tesouro dos diabos simplesmente chegar lá e começar a procurar em cada casa.

Esther apontou com uma unha roída o Palácio Apostólico.

— Aqui. No maior dos luxos.

Ela sabia quais janelas dariam acesso mais próximo à Sala Clementina, o grande salão de audiências oferecido a Jael para seu uso pessoal, e sabia onde os guardas deviam estar, tanto a Guarda Suíça quanto o próprio contingente dos anjos. Ela correu o dedo até o Museu do Vaticano também, no qual a maior parte dos hóspedes fora alojada em uma ala de esculturas antigas onde um dia, em sua vida normal, Karou passara uma tarde desenhando.

— Obrigada — disse Karou. — Ajudou bastante.

— Imagine — respondeu Esther, recostando-se no sofá luxuoso. — Tudo pela minha neta postiça preferida. Agora me diga, como está Brimstone, e quando ele vai reabrir os portais? Estou morrendo de saudades daquele monstro velho.

*Eu também*, pensou Karou, o coração congelando na mesma hora. Ela vinha temendo aquele momento durante toda a sua jornada até ali. Não tinha conseguido contar a verdade pelo telefone. Esther a cumprimentara de maneira tão inesperadamente efusiva — "Ah, meu Deus do céu! Por onde você andou, criança? Eu estava morta de preocupação. Meses sem nenhuma notícia sua. Por que não me ligou?" — que Karou tinha ficado confusa. Ela agira como uma avó de verdade, ou pelo menos como Karou imaginava que uma avó de verdade agiria, derramando emoções sem controle, enquanto, antes, sempre parecera dosá-la como uma mesada: com data marcada e certo grau de relutância.

Karou decidira lhe contar as más notícias pessoalmente, mas, agora que tinha chegado a hora, as palavras certas não se alinhavam em seu cérebro. *Ele morreu.*

*Houve um massacre.*

*Ele... morreu.*

A batida na porta, bem naquele momento, foi obra da providência. Karou se levantou de um pulo.

— Mik e Zuze! — exclamou, correndo até a porta. A suíte era tão espaçosa que era preciso dar uma corridinha para receber os visitantes em tempo razoável. — Por que demoraram tanto? — perguntou ao abrir a porta, envolvendo os amigos em um abraço um pouco fedido. Fedor deles, não dela.

— Duas horas do aeroporto até aqui — explicou Mik. — A cidade está uma loucura.

Estava mesmo, Karou sabia disso. Tivera uma perspectiva aérea do grande anel pulsante de humanidade que se reunira em volta do perímetro isolado do Vaticano. Mesmo voando tinha conseguido ouvir os cânticos, mas sem entender as palavras. Lá de cima, aquela imagem lhe havia lembrado, de maneira perturbadora, zumbis tentando entrar em enclaves humanos nos filmes. E o restante da cidade, embora não parecesse tão... *zumbi*, não estava longe disso.

— Espero que tenham conseguido pelo menos dormir um pouco mais no táxi — disse Karou.

Todos eles tinham conseguido, no avião, mais algumas horas do tão necessário sono. Karou tinha repousado a cabeça no ombro de Akiva e adormecido com as lembranças da pele nua dele contra a dela. Os sonhos tinham sido... mais energizantes que reparadores.

— Um pouco — respondeu Zuzana. — Mas o que eu quero mesmo é um banho. — Ela deu um passo para trás e conferiu rapidamente o visual de Karou. — Caramba. Algumas horas na Itália e você já virou uma *fashionista*. Como conseguiu roupas novas tão rápido?

— É o que acontece aqui. — Karou os conduziu para dentro. — Quando você chega ao Havaí, recebe colares de flores. Na Itália, são roupas perfeitas e sapatos de couro.

— Bem, então acho que quem distribui isso tudo estava de folga quando *nós* chegamos — rebateu Zuzana, indicando a si mesma com um gesto. — Para o horror de todos lá embaixo na recepção.

— Ai. — Karou se encolheu só de imaginar. — Trataram vocês mal?

Ela tinha sido poupada dos olhares avaliadores por ter chegado invisível, pelo céu, e entrado pela sacada, sem passar pela

rua e a recepção.

— Zuze andou travando duelos de olhares fuzilantes.

Zuzana ergueu uma sobrancelha.

— Você tinha que ver como ficou minha adversária.

— Faço ideia. Mas, olhe, ninguém estava de folga. A recepção italiana está aqui à sua espera. Esther arrumou roupas novas para todos nós.

Quando disse isso, eles entraram na sala de estar.

— Mandei uma pessoa comprar as roupas, na verdade — explicou Esther, com seu sotaque flamengo. — Espero que sirvam.

Então ela se levantou e se aproximou.

— Ouvi falar tanto de você, querida — disse, afetuosamente, estendendo o braço para pegar a mão de Zuzana. Naquele momento, parecia mesmo uma avó.

Esther Van de Vloet, no entanto, não era avó de ninguém. Não tinha filhos e praticamente nenhum instinto maternal. Em seu papel de "avó", tinha representado para Karou uma aliada mais política que emocional. Ao longo da vida, aquela senhora tinha colocado inúmeros diamantes nas mãos de multimilionários, assim como nas de Brimstone, fazendo negócios destemidos com humanos e não humanos — e *sub*-humanos também, como chamava os sujeitos mais abomináveis com quem Brimstone negociava. Mantinha com todos uma rede global de informações. Frequentava os círculos da elite bem como os grupos mais sinistros (dissera a Karou pelo telefone que tinha um cardeal em um bolso e negociantes de armas no outro, e sem dúvida alguma havia mais bolsos além desses). E era reverenciada como uma figura quase mística, primeiro por ser tão misteriosamente conservada (ela havia se divertido ao ouvir um rumor de que vendera a alma em troca da imortalidade) e também pelos diversos favores impossíveis que já teria realizado, segundo boatos, para pessoas altamente influentes.

Impossíveis, é claro, quando não se tem acesso à magia.

— Também já ouvi falar muito de você — retrucou Zuzana.

Karou viu um brilho nos olhos da amiga que parecia vir do olhar de um toureiro avaliando um touro, ou de um touro avaliando um toureiro. Não sabia bem qual dos dois, mas os de Esther passavam a mesma impressão. O olhar que as duas trocaram demonstrava respeito mútuo por um adversário digno, e Karou ficou feliz por *não serem* adversárias, por estarem ambas do seu lado.

Houve uma breve troca de amenidades. O tamanho dos cachorros. O serviço de quarto. O estado em que Roma se encontrava. Anjos.

Então Esther disse:

— Fico feliz que Karou tenha tido o bom senso de me procurar.

Com isso, as narinas de Zuzana se alargaram ligeiramente, deixando-a com um ar mais de touro do que de toureiro.

— Ela já procurou você antes — comentou Zuzana, com um tom casual que revelava uma pontada de acusação.

Sabendo aonde ela pretendia chegar, Karou resolveu intervir:

— Zuze...

Mas a amiga continuou:

— E tenho andado curiosa desde então. Quando Karou veio procurar você para conseguir desejos... — Ela inclinou a cabeça e lançou à senhora um olhar de *vamos ser honestas*. — Você a enrolou, não foi?

O sorriso de Esther sumiu e seu rosto se transformou em uma máscara lisa, sem expressão. Nada que lembrasse uma avó.

— Não, Zuze — disse Karou, pondo a mão nas costas da amiga. Já haviam discutido aquilo antes. — Ela não fez isso. Não faria.

Quando os portais foram queimados, no inverno anterior, e Karou ficara desesperada para encontrar sua família quimera (desesperada por gavriéis que poderiam levá-la, junto com Razgut, até o portal do céu e para Eretz), Esther tinha sido a primeira que a garota havia procurado. Mas Esther alegou não ter nenhum desejo mais forte que um lucknow. E Karou acreditou nela, afinal, por que mentiria?

— A menina tem razão — disse Esther, séria e... contrita?

Karou olhou para ela. Esther estava dizendo que havia *mesmo* ocultado os desejos que tinha?

— O quê? — perguntou Karou, confusa.

— Bem, sinto muito por isso, querida, é claro, mas não acreditei que você fosse encontrá-lo. Sou uma velha gananciosa. Se aqueles fossem meus últimos desejos, precisava guardá-los, não é mesmo? Você não sabe como fico feliz por saber que me enganei.

Karou sentiu o estômago se revirar.

— Não.

Esther inclinou a cabeça, confusa.

— Não o quê?

— Você não se *enganou*. Eu não encontrei Brimstone. Ele morreu — despejou Karou, sem emoção na voz, e viu o rosto de

Esther perder a cor.

— Não. Ah, não. Não — murmurou ela, levando a mão à boca enquanto seus olhos se enchiam de lágrimas. — Ah, Karou. Eu não queria acreditar.

— Você ainda não tinha contado? — perguntou Zuzana.

Karou balançou a cabeça em negativa. Dar as notícias com cuidado uma ova. Esther tinha mentido. Quando fazia tão pouco tempo que os portais haviam sido queimados e ela não sabia *de nada*, quando tinha saído ferida de seus encontros quase mortais com Akiva e Thiago e também sofrera o tratamento nada gentil de Brimstone, Karou tinha ido até a falsa avó em busca de ajuda. Estava no fundo do poço e não podia nem imaginar que afundaria mais, *ah, muito mais,* nos meses seguintes. Confiara em Esther, para agora descobrir que ela tinha mentido descaradamente.

Mas Esther parecia sinceramente afetada por tudo aquilo, e Karou sentiu um pouco de remorso por ter lhe contado de forma assim tão áspera.

— Issa está bem — disse, tentando suavizar o golpe e acrescentando uma oração silenciosa para que aquilo ainda fosse verdade.

— Fico feliz em saber. — A voz de Esther soou trêmula. — E Yasri? Twiga?

Não havia como suavizar essas informações. Twiga estava morto. Yasri também, embora a alma de Yasri, assim como a de Issa, tivesse sido preservada e deixada em um lugar para Karou encontrar. Mais uma esperança em uma garrafa para transmitir a mensagem muito importante de Brimstone. Karou ainda não conseguira recuperar o turíbulo de Yasri, embora soubesse em que lugar estava: nas ruínas do templo de Ellai, onde ela e Akiva tinham passado aquele mês de noites lindas, uma vida antes.

Para Esther, Karou apenas balançou a cabeça. Ressurreição era um assunto de que não estava disposta a falar. Esther não sabia que fim Brimstone dera aos dentes — e às joias que ela negociava com ele —, não mais do que Karou sabia antes de quebrar o osso da sorte, e não estava inclinada a ser sociável e cooperativa naquele momento.

— Muitos morreram — contou, tentando, sem sucesso, não deixar a emoção permear sua voz. — E muitos mais vão morrer se não conseguirmos deter esses anjos e fechar o portal.

— E você acha que vão conseguir? — perguntou Esther.

*Espero*, pensou Karou, mas respondeu apenas:

— Sim.

Zuzana se manifestou de novo, e, quer fosse toureiro ou touro, tinha os olhos bem vivos, fixos e focados:

— Alguns daqueles desejos cairiam bem agora.

— Ah, bem — começou Esther, atrapalhada. — Agora não tenho mais nenhum *mesmo*. Sinto muito. Se eu soubesse, os teria guardado melhor. Ah, minha pobre querida — disse ela a Karou, unindo as mãos em contrição.

— Sei — foi tudo o que Zuzana disse.

Talvez por sentir que era necessário um pouco de polidez para suprir a que faltava em Zuzana, Mik disse, sem jeito:

— Bem, obrigado pelo... hã... avião. E pelo hotel e tudo mais.

— De nada — disse Esther.

Karou então sentiu que a hora das apresentações e troca de gentilezas (e de farpas) tinha chegado ao fim. Tinham trabalho a fazer.

— O banheiro fica no fim do corredor — informou ela aos amigos. — Não é nada mau. As roupas estão no quarto grande. Podem escolher.

Zuzana ergueu a sobrancelha.

— E os outros? — Hesitou. — E Eliza? Ela está... melhor?

Karou se sentiu tomada por uma nova tensão. O que podia dizer sobre Eliza? Eliza Jones. Que coisa mais estranha. Só sabiam o nome dela porque a moça estava com um documento de identidade, não porque tivesse conseguido lhes dizer. A partir daí, uma busca no Google fornecera resultados surpreendentes. *Elazael, descendente de um anjo.* Por mais louco que parecesse, o tipo de coisa que noutros tempos teria feito Zuzana criar uma camisa com frases debochadas, o fato de ela estar falando seráfico fluente dava à história uma inegável credibilidade.

Quanto ao que ela *dissera* em seráfico, eram coisas incrivelmente assustadoras, que fluíam dela como uma espécie de fuga, musicalmente falando. E em relação à pergunta (se Eliza estava melhor), Karou não sabia como responder. Tinha tentado, ainda no Marrocos, usar seu dom para curá-la, mas como poderia fazê-lo se não conseguia nem descobrir o que havia de errado?

Akiva estava tentando curá-la naquele momento, do seu jeito. Enquanto levava os amigos até a porta da sala de estar, Karou tinha esperanças de encontrar os dois sentados lá, conversando.

— Por aqui — disse ela, levando a mão à maçaneta.

Então olhou para Esther e se esforçou para sorrir. Detestava aquela tensão. Desejou, não pela primeira vez, que a falsa avó fosse mais afetuosa. Mas sabia, como sempre soubera, que toda vez que Esther tinha feito algo por ela — como o ano em que a levara para sua casa na Antuérpia para passar o Natal e recriara uma sala de estar cheia de presentes, digna de fotos de revista, incluindo um fantástico cavalinho de balanço entalhado à mão que Karou precisara deixar lá e que nunca mais vira —,

tinha recebido uma recompensa por isso.
Aquilo não era amizade nem amor familiar. Eram negócios. Sorrisos não eram necessários.
Mas ela sorriu mesmo assim, e Esther sorriu também. Havia tristeza nos olhos dela, pesar, talvez até arrependimento. Mais tarde, Karou se lembraria de pensar: *Bem, já é alguma coisa.*
E era.
Só não o que Karou imaginou.

# 55

## Poesia lunática

Akiva já tinha descido várias vezes pelos níveis escuros da mente até o lugar em que operava magia e ainda não conseguia entender onde ficava: se era interno ou externo, sua profundidade ou distância, até onde ia.

Tinha a sensação — não exata, mas próxima o bastante — de passar por um alçapão para outro mundo. Como ia cada vez mais longe, sem encontrar nenhuma fronteira, havia começado a imaginar a vastidão de um oceano, mas depois até isso se tornara insuficiente. Espaço. Sem limites.

Akiva acreditava mesmo que o espaço lhe pertencia, era dele. Era *ele*. Mas parecia se estender infinitamente — um universo particular, uma dimensão cuja extensão ilimitada transcendia a noção de "mente" em que sempre acreditara: a de que os pensamentos existiam dentro da esfera da mente, uma função do cérebro.

Quão imensa seria a mente? O espírito? A alma? Se não correspondia ao espaço físico de seu corpo, então onde ficava? Isso o desconcertava. Toda vez que emergia daquele estado, confuso e esgotado, aquilo o consumia, a frustração com a própria ignorância.

E isso já acontecia até mesmo antes de ele tentar entrar na mente de outra pessoa.

Ele sentiu, no limiar da mente de Eliza, outro alçapão, outro mundo, tão extenso quanto o dele, só que diferente. Infinitos não são feitos para explorações casuais. Você pode cair e nunca mais voltar. Pode se perder. Ela havia se perdido. Será que ele conseguiria trazê-la de volta? Queria tentar. Por ela, porque a ideia de tamanho desamparo o horrorizava, e ele queria resgatá-la. E por ele mesmo também, por conta do incessante e melancólico jorro de palavras que saía dela. Era a língua *dele*, curiosamente familiar e estranha ao mesmo tempo: seráfico, mas falado em tons e estilos que ele nunca ouvira, e... pelos deuses da luz, *as coisas que ela dizia...*

Feras e um céu cada vez mais negro, aqueles que abrem portas e as luzes na escuridão.

Escolhidos. Decaídos.

*Mapas, mas estou perdida.* Céus, mas estão mortos.

Cataclisma.

*Meliz.*

"Poesia lunática", segundo Zuzana. E eram as duas coisas: poética e lunática, mas que ressoava com força dentro de Akiva, como um diapasão afinado na mesma frequência que ele. Isso significava alguma coisa, algo importante, então ele atravessou a fronteira entre o próprio infinito e o dela. Não sabia se isso era possível — ou, caso fosse, se *deveria* ser feito. Parecia errado, como invadir um país. Houve resistência, mas ele a venceu. Procurou por ela, mas não a encontrou. Chamava, mas ela não atendia. O espaço ao redor parecia diferente do seu. Era denso e turvo. Cinético. Havia dor, perturbação e medo. Havia injustiça e tormento ali, mas estavam além de sua compreensão, e Akiva não se atreveu a ir mais fundo.

Não conseguia encontrá-la. Não conseguia trazê-la de volta. Não conseguia. Mas tentou, oferecendo a própria dor como dízimo para ao menos aliviar um pouco aquele caos dentro dela.

Quando voltou e abriu os olhos, foi como se recuperasse a si mesmo. Então viu que Karou estava ali no cômodo, junto com Zuzana e Mik. Virko também, embora o quimera houvesse presenciado tudo desde o início. E, bem a sua frente, Eliza. Ela havia se acalmado, mas Akiva viu com os olhos o que já sabia no coração: que não corrigira o que havia de errado com ela.

Soltou um longo suspiro. Ele sentia a decepção como perda. Karou foi até ele. Trazia um jarro de água; serviu-lhe um copo. Enquanto Akiva bebia, ela colocou a mão fria em sua testa e se apoiou no braço da cadeira dele, os quadris dela tocando o ombro dele. Aquele patamar completamente novo de normalidade — Karou apoiada nele — o animou. Ela tinha falado da felicidade deles como se fosse um fato inegável, que não dependeria do que acontecesse; à parte de todo o resto e não sujeito a nada daquilo. Era uma ideia nova para ele, a de que a felicidade não era um lugar místico a ser alcançado ou conquistado — um terreno luminoso além da fronteira da tristeza, um paraíso à espera de ser encontrado —, mas algo a se carregar obstinadamente apesar de tudo, tão simples e humilde quanto equipamentos e mantimentos. Comida, armas, felicidade.

Com a esperança de que, com o tempo, as armas talvez saíssem de cena.

Uma nova forma de viver.

— Ela parece mais tranquila — disse Karou, observando Eliza. — Já é alguma coisa.

— Não o suficiente.

Ela não disse *Você pode tentar de novo mais tarde* porque os dois sabiam que não haveria "mais tarde". A noite caía. Eles logo iriam embora dali: ele, Karou e Virko. Iriam embora para não voltar nunca mais. Eliza Jones continuaria perdida, e, com ela, o "Cataclisma" e todos os outros segredos. O problema era que Akiva pressentia um perigo em deixar aquilo de lado.

— Quero entender o que ela está dizendo — insistiu. — O que aconteceu com ela.

— Você conseguiu sentir alguma coisa?

— Caos. Medo. — Ele balançou a cabeça. — Não sei nada sobre magia, Karou. Nem mesmo os princípios básicos. Tenho a sensação de que cada um de nós possui um... — Ele buscava as palavras. — Um *esquema de energias*. Não sei como explicar. É mais do que mente e mais do que alma. Dimensões. — Ainda buscando as palavras. — Geografias. Mas não sei como isso é disposto, como navegar por isso, nem como *ver* isso. É como procurar um caminho na escuridão.

Ela abriu um discreto sorriso. Sua voz transparecia uma leveza arduamente conquistada quando ela perguntou:

— E como você saberia como é a escuridão? — Karou acariciou as penas de Akiva, que faiscaram ao seu toque. — Você é sua própria luz.

E ele quase disse *Sei bem como é a escuridão*, pois era verdade, nos piores sentidos da palavra. No entanto, não queria que Karou pensasse que ele estava voltando ao estado lúgubre do qual ela o tirara no Marrocos. Então segurou a língua e ficou feliz por isso quando ela acrescentou, tão suavemente que Akiva quase não ouviu:

— E a minha.

E Akiva olhou para ela e se deixou preencher por sua visão, e sentiu, como tantas vezes antes em sua presença — Madrigal e Karou —, uma nova vida florescendo. Rebentos de sensação e emoção que ele nunca conhecera antes dela e nunca teria conhecido sem ela, e eram *reais*. Raízes se ramificando, passando por cada alçapão e por inumeráveis níveis de escuridão; e o "esquema de energias" que descrevera tão inadequadamente (as dimensões e geografias incognoscíveis de si mesmo) foi se transformando, como uma região escura do espaço quando explode uma nova estrela. Akiva ficou mais brilhante. Mais completo.

Só o amor era capaz disso. Ele pegou a mão de Karou, pequena e fria, e a segurou, sem tirar os olhos dela. A felicidade estava ali, equipamento simples, guardado ao lado da preocupação, da tristeza e da determinação. Não resolvia nada, mas iluminava tudo, tornava a jornada mais leve.

— Pronta? — perguntou ele.

Estava na hora de visitarem seu tio.

***

Eles se despediram sem "adeus", porque, segundo Akiva, daria azar, como uma provocação ao destino. Quaisquer que tenham sido as palavras que usaram, havia uma sombra pairando sobre todos, porque não voltariam a se ver tão cedo. Virko, no que seria sua última aula por um bom tempo, ensinou Zuzana a dizer "Beijo seus olhos e deixo meu coração em suas mãos", uma antiga despedida quimera que, é claro, levou Zuzana a fazer uma pantomima da reação de se ter um coração pulsante atirado nas mãos.

Esther voltou a cercá-los de atenção, agindo como uma avó e parecendo arrependida. Perguntou várias vezes se estavam levando o mapa e se sabiam o caminho. E mostrou-se preocupada em saber o que pretendiam fazer contra tantos inimigos, mas Karou não disse.

— Nada de mais — respondeu apenas. — Vamos só persuadi-los a voltar para casa.

Esther parecia aflita, mas não insistiu.

— Vou pedir um champanhe para celebrar a vitória — comentou ela. — Só gostaria que você estivesse aqui para beber conosco.

Durante todo esse tempo, Eliza ficou só sentada, olhando.

— Vocês vão tentar ajudá-la? — perguntou Karou a Zuzana e Mik. — Depois que formos embora?

Zuzana na mesma hora assumiu uma expressão séria e não olhou nos olhos de Karou, mas Mik assentiu.

— Não se preocupe — disse ele. — Você já tem muita coisa na cabeça.

Ele entendia, mesmo que Zuzana não compreendesse, por que as coisas precisavam ser daquele jeito. E tinha conversado com ela várias vezes no percurso até ali. "Lembra que não somos samurais, nem perto disso?", perguntara Mik. "Não podemos ajudar agora. Seríamos um peso para Virko carregar e acabaríamos atrapalhando. E se houver mais luta..."

Ele tinha parado por aí.

— Obrigada — prosseguiu Karou, lançando um olhar impotente para Eliza uma última vez. — Sei que é pedir muito, mas mostrei a vocês como ter acesso ao meu dinheiro. Por favor, usem. Se ela precisar, se vocês precisarem. Para qualquer coisa.

— Dinheiro — resmungou Zuzana, como se fosse algo mais do que inútil: um insulto.

Karou se virou para a amiga.

— Se houver algum lugar ao qual possam voltar, vou descobrir uma maneira de vir buscá-los — prometeu, detestando o *se*, como se a própria palavra fosse sua inimiga.

— Como? Vocês vão fechar o portal.

— Precisamos fazer isso, mas existem outros portais. Vou encontrá-los.

— Ah, e você vai ter tempo para ficar procurando portais?

— Não sei.

Parecia um refrão. *Não sei o que vamos encontrar quando voltarmos. Não sei se restará alguma esperança no mundo. Não sei se encontrarei outro portal. Não sei se estarei viva. Não sei.*

Zuzana, ainda com uma expressão dura no rosto, inclinou a cabeça para a frente em uma espécie de colisão em câmera lenta que Karou só reconheceu como um abraço no último minuto, quando os braços da amiga a envolveram.

— Por favor, se cuide — sussurrou Zuzana. — Nada de atos heroicos. Se precisar, salve-se e volte para cá. Vocês dois. Vocês três. Podemos fazer um corpo humano para Virko ou algo assim. Apenas me prometa que, se você chegar lá e encontrar todos... — Ela não disse. *Mortos*. — Prometa que não vai deixar ninguém ver você, que vai voltar para cá e *viver*.

Karou não podia prometer isso, como Zuzana já devia saber, pois não lhe deu chance de responder e continuou:

— Ótimo. Obrigada. Era tudo que eu queria ouvir.

Como se a promessa tivesse sido feita.

Karou retribuiu o abraço, odiando despedidas tanto quanto detestava o *se*, e então não havia mais nada a fazer a não ser ir embora.

# 56

## Minha doce bárbara

Limpos, enfim. Mik e Zuzana tomaram banho um de cada vez, para que houvesse sempre alguém com Eliza e acompanhando as notícias sobre os anjos. Deixaram a TV em volume baixo e o laptop de Esther com vários *feeds* abertos, em incessantes atualizações, mas ainda não tinha acontecido e provavelmente demoraria para acontecer.

Zuzana sabia que Karou tinha um lugar a visitar antes do Vaticano: o Museo Civico di Zoologia, um museu de história natural. Quando contara à amiga sobre sua intenção de ir lá, Karou assumiu um ar de serena rebeldia. Doía em Zuzana saber o propósito daquilo: reabastecer o estoque de dentes, caso algumas almas tivessem sido colhidas na batalha (já seria um consolo). Doía em Zuzana saber que ela não estaria lá para ajudar com o que eles encontrassem em Eretz.

Que droga, não poder fazer nada. Uma frase de camiseta se formava na mente de Zuzana.

SEJA UM SAMURAI.
PORQUE NUNCA SE SABE O QUE HÁ POR TRÁS
DO MALDITO CÉU.

Ninguém entenderia, mas que importava? Ela só fuzilaria todos com o olhar até que fossem embora. Funcionava em quase todas as situações.

*Não*, repreendeu a si mesma. Não funcionava. Porque, se funcionasse, não haveria necessidade de ser um samurai, certo?

Ela olhou para Eliza, a seu lado, e suspirou. Eliza parecia não precisar de companhia alguma, parecia nem notar a presença de Zuzana, mas deixá-la largada em um canto como uma mobília sussurrante simplesmente não soava correto. Zuzana não era enfermeira nem tinha talento para isso, mas sabia que a moça precisava de alguém para cuidar de suas necessidades básicas: comida e água, para começo de conversa. E pelo menos ela aparentava mais calma agora; fosse lá o que Akiva tivesse feito, até que tinha funcionado. Estava menos agitada, o que facilitava um pouco as coisas.

Por enquanto, Zuzana não tinha cabeça para pensar sobre o que fariam com a garota. Logo chegaria o amanhã. Então toda a tensão daquele dia seria matéria do passado, e eles teriam dormido uma noite inteira em uma cama de verdade e comido uma refeição que nunca habitara o mesmo continente de um cuscuz marroquino.

Amanhã.

Por ora, era bom estar limpa. A sensação era de renascimento, Vênus emergindo de uma crosta de sujeira. As roupas compradas a pedido de Esther eram elegantes e discretas, de materiais refinados e caimento quase perfeito. Zuzana guardou com cuidado suas roupas sujas e os tênis de zebrinha, embalando tudo em vários sacos plásticos. Ela se sentiu cometendo uma traição, ainda mais ao ver os tênis ao lado dos sapatos novos, no chão. Teve a impressão de que os calçados velhos estavam sendo forçados a treinar seus substitutos. *Ela arrasta o pé um pouco*, diriam aos sapatos de couro, lágrimas afetuosas correndo dos seus olhos reumosos de tênis velhos. *E ela toda hora fica na ponta do pé, então se preparem.*

— Que sentimental da sua parte — comentou Mik quando ela voltou para a sala de estar e guardou o embrulho na mochila.

— Não mesmo — respondeu Zuzana, descontraída. — Estou guardando isso para o Museu das Aventuras de Outro Mundo que vou fundar. Nome da exposição: "O que não usar para acampar em montanhas congelantes enquanto se forja uma aliança entre exércitos inimigos."

— Sei.

Quando foi sua vez de tomar banho, Mik não se sentiu nem um pouco sentimental em relação às roupas sujas. Ficou muito feliz em jogá-las no lixo, embora antes de fazer isso tenha enfiado a mão no bolso do jeans velho para pegar...

*... o anel.*

O anel talvez vintage, talvez de prata, que ele tinha comprado no exato momento em que o mundo começara a enlouquecer. Ele virou o anel entre os dedos, observando-o atentamente pela primeira vez desde então. Com Zuzana sempre por perto (felizmente), ele não havia tido sequer uma chance de tirá-lo do bolso. Agora o anel parecia uma coisa mal-acabada, principalmente no contexto daquele hotel carregado de um luxo absurdo. Lá na Ait-Ben-Haddou parecera perfeito: antigo e meio manchado, talvez um pouco tortinho. Ali, porém, parecia algo caído do mindinho de um visigodo durante o Saque de Roma. Joia bárbara.

Perfeito.

*Para minha doce bárbara*, pensou ele, mas, quando ia guardá-lo no bolso da elegante calça italiana que ganhara, se atrapalhou e o deixou cair. O anel retiniu ao bater no piso de mármore e rolou, como se estivesse tentando escapar. Mik o seguiu, pensando que talvez fosse mesmo de prata, porque prata de verdade supostamente retine daquele jeito, e então o anel correu para um buraco de três dedos de largura sob o toucador de mármore.

— Volte aqui — sussurrou Mik. — Tenho planos para você.

Ele se ajoelhou para tatear o mármore à procura do anel, enquanto, na sala de estar, sua doce bárbara levava água aos lábios sempre murmurantes de Eliza Jones, tentando persuadi-la a beber, e, no quarto menor da suíte, com a porta fechada e música tocando para encobrir sua voz, Esther Van de Vloet falava ao telefone.

Não foi fácil, mas o máximo que poderia ser dito em sua defesa era que ela vinha torcendo para não precisar dar aquele telefonema. Esther hesitou por uma fração de segundo; embora uma sombra de sua verdadeira idade possa ter passado por seu rosto, a indecisão não. Ela soltou um suspiro pesado e seguiu em frente.

Afinal, o poder não se mantém sozinho.

***

Karou e seus companheiros seguiam pelos telhados de Roma. Tendo cumprido a missão no museu de história natural, tinham agora apenas Jael à frente. O ar noturno do verão italiano estava pesado, a vista da cidade lá embaixo era uma tela silenciosa de telhados e monumentos, luzes e domos, cortados pela escuridão serpeante do rio Tibre. De vez em quando eles escutavam sons de buzinas, apitos de trânsito, trechos de música e — cada vez mais alto à medida que se aproximavam do Vaticano — cânticos. Dali não dava para entender as frases que entoavam, mas seguiam o ritmo da liturgia.

Havia também um mau cheiro — o inconfundível aroma de humanos próximos demais por tempo demais. A julgar pelo odor acre, Karou concluiu que, quando os peregrinos conseguiam um espacinho perto da área isolada, não queriam abrir mão da conquista por causa de algo tão banal quanto suas necessidades fisiológicas.

Delícia.

O noticiário havia relatado uma crise na saúde pública, uma vez que as pessoas estavam levando entes queridos idosos e enfermos até o perímetro, na esperança de que a mera proximidade com os anjos fosse capaz de curar doenças — ou com a vaga esperança de que os anjos saíssem para abençoá-los. Pessoas alegavam ter presenciado milagres, cujos números, embora não houvesse provas, ainda ofuscavam o número registrado de mortes resultantes dessa prática.

Milagres fazem isso.

Visto do céu, o Vaticano era triangular — ainda que um triângulo meio disforme, como uma fatia de torta prestes a desmoronar. Dentro dos limites, sua enorme praça circular era o marco mais visível, cercada pelas famosas colunatas de Michelangelo. O lugar estava desarmonicamente ocupado por veículos militares, tanques cochilando como besouros feios, jipes indo e vindo, até mesmo transporte de tropas.

O destino deles ficava logo depois da colunata norte: o Palácio Apostólico. Karou ia à frente.

Esther conseguira lhes dar, graças ao "cardeal que tinha no bolso", a localização precisa das câmaras usadas por Jael, de forma que agora os três sobrevoavam em um círculo amplo o aglomerado de prédios — o palácio não era um, mas vários edifícios juntos —, vasculhando os telhados em busca de serafins.

Esperavam ver guardas. Os soldados humanos estavam concentrados no chão (era possível vê-los fazendo patrulhas com cachorros) e certamente nas entradas do prédio, tanto dentro quanto fora. Mas eles esperavam encontrar também soldados do Domínio a postos no telhado, porque esse era o procedimento operacional padrão em Eretz, onde um ataque poderia vir tanto do céu quanto da terra.

E lá estavam eles. Dois.

Fácil.

— Não os machuquem — alertou Karou a Akiva e Virko, com esperança de que fosse desnecessário pedir isso, e sentiu os dois partirem.

Enquanto observava os guardas, Karou viu, projetadas pela lua, as sombras de Akiva e Virko descerem sobre eles. Lembrou-se vividamente das ondas de sombras seguidas pelo fogo que engoliram a companhia lá nas Adelphas, e não sentiu nenhuma pena quando os soldados, ao mesmo tempo, se retesaram e depois desmoronaram.

Golpes rápidos na cabeça. Eles ficaram inertes, mas não caíram. Seus corpos pareciam flutuar em câmera lenta em direção ao chão enquanto Akiva e Virko os deitavam em silêncio no telhado. Eles ficariam com galos e dor de cabeça depois, porém não mais que isso. Não era uma questão de misericórdia, apenas um dos parâmetros a seguir durante aquela missão: nada de sangue.

Agir rápido e sem derramamento de sangue, esse era o objetivo. Nenhuma carnificina, nenhuma cena de crime, apenas persuasão. Eles deveriam entrar e sair antes mesmo que aqueles soldados acordassem e esfregassem a cabeça dolorida.

Karou pousou suavemente e olhou de relance para um deles. Inconsciente, parecia qualquer um dos Ilegítimos das cavernas dos Kirin. Belo, jovem, loiro. Tanto vilão quanto vítima, pensou ela, e se lembrou da proposta de Liraz, de mutilarem dedos em vez de vidas, perguntando-se: seria possível que até mesmo os soldados do Domínio pudessem aprender a viver no mundo novo, se algum dia houvesse um? E eles mereciam ter essa escolha? Olhando para o guarda daquele jeito, parecendo adormecido e inocente, era fácil pensar que sim.

Talvez, quando acordasse, seus olhos se enchessem de ódio; então ele estaria além da esperança.

Mas essa era uma preocupação para outro dia. Estavam ali agora. Viam as janelas de Jael. Os cânticos no perímetro da região isolada os cercavam como marulho, mas o efeito era o de uma aparente esfera de calma lá dentro.

“Tive uma ideia melhor”, anunciara Karou ainda nas cavernas dos Kirin, tão segura de que aquela era a única maneira de evitar o apocalipse.

Um fim rápido e silencioso para aquele drama. Nada de confronto, nada de armas, nada de “monstros”.

Os anjos simplesmente desapareceriam.

Simples.

— Ok — disse, parando para enviar uma mensagem a Zuzana antes de desligar o celular e guardá-lo. — Vamos nessa.

# 57

## Lançados aos leões

Ouviu-se uma batida na porta da suíte presidencial, e não era algo casual. Os cachorros, Traveller e Methuselah, ficaram de pé em um instante, alertas.

Zuzana e Mik não se levantaram, mas também ficaram imediatamente atentos. Estavam à janela da sala de estar, após mudarem de lugar porque as janelas daquele lado davam para o Vaticano. Os olhos dos dois corriam o tempo todo de um lado para o outro, entre a tela da TV e o pedaço de céu revelado entre as cortinas de veludo vermelho, como se alguma coisa fosse aparecer de repente em um lugar ou outro.

E *apareceria mesmo*, assim que Karou e Akiva completassem sua missão: o "exército celestial" subiria ao céu e voltaria às pressas para o Uzbequistão, para o portal que ficava lá. *Não deixem aquela... hum... aba do céu acertar vocês quando estiverem de saída.*

Céu ou TV: onde veriam algo primeiro?

O celular de Zuzana estava no braço da cadeira para que ela visse assim que Karou ligasse ou mandasse uma mensagem. Até agora só tinha recebido uma.

*Chegamos. Vamos entrar. *beijo/soco*.*

Então já estava acontecendo. Zuzana não conseguia ficar parada. Céu, TV, telefone, Mik: esse era o percurso de seus olhares, com pausas em Eliza também.

A garota continuava distante, os olhos vidrados mas não parados; não completamente. Ficavam parados por alguns instantes, mas depois corriam de um lado para o outro, as pupilas dilatando e se contraindo, mesmo com a luz inalterada. Era como se sua mente estivesse em uma realidade diferente daquela em que seu corpo estava imerso, os olhos tendo visões diferentes, os lábios balbuciando a poesia lunática que Zuzana ficava feliz por não conseguir entender. Quando Karou traduzira uma parte para ela, parecera assustador demais, como filme de terror com muitas coisas prontas para devorá-la. E ela não seria devorada como os biscoitos cobertos de chocolate deixados sobre o piano foram devorados por Zuzana.

Ok, seria exatamente assim, mas do ponto de vista dos biscoitos.

*TOC TOC TOC.*

A força das batidas era preocupante. Uma batida tipo StB — ou Stasi, ou Gestapo. Escolha sua polícia secreta. Tinha o peso de *vieram atrás de você no meio da noite*, e... ninguém caminha alegremente para atender a uma batida do tipo *vieram atrás de você no meio da noite*.

Ninguém além de Esther. Ela tinha ido para o quarto nos fundos, portanto eles quase não a viram desde que os outros saíram. Naquele momento ela apareceu, ainda descalça, caminhando tranquilamente pela sala de estar sem olhar para os lados. Quando sumiu no corredor em direção à porta, com os cachorros ao lado, disse:

— É melhor pegarem suas coisas agora, crianças.

O olhar de Zuzana correu para Mik, e o dele, para ela. O coração da garota pareceu saltar com a mesma rapidez dos mastins, e ela fez o mesmo, ficando de pé de uma vez só.

— O quê? — perguntou Zuzana.

— Minha nossa — exclamou Mik ao mesmo tempo.

— Minha nossa *o quê*?

— Pegue suas coisas — disse ele. — Arrume sua bolsa.

Zuzana ainda não sabia o que estava acontecendo, mas então viu entrarem dois homens enormes em terno elegante, com comunicadores sem fio presos nas grandes orelhas, e o primeiro pensamento de Zuzana foi: *Minha nossa, eles são* mesmo *da polícia secreta*. Mas então viu a insígnia bordada nos bolsos do paletó, e seu medo se transformou no primeiro assomo de revolta.

Seguranças do hotel. Esther estava colocando Zuzana e Mik para fora.

— Certo — disse um dos homens. — Vamos. Está na hora de vocês irem embora.

— O que está dizendo? — Zuzana os confrontou. — Somos hóspedes.

— Não mais — retrucou Esther da entrada. — Tolerei a presença de vocês por Karou. E agora que Karou... Bem.

Zuzana se virou para ela. A senhora estava lá, recostada, de braços cruzados e com os cachorros andando a sua volta. Havia um ar predatório em seus olhos, e a primeira impressão de Zuzana foi a de que uma cobra havia engolido a vovó de cabelo macio e, de alguma forma, *se transformado* nela. Os brutamontes uniformizados do hotel ainda não tinham entrado na sala quando Zuzana sentiu o peso do que aquilo significava.

*Karou.*

— O que você fez? — perguntou a garota.

Se Esther os estava expulsando do hotel, isso significava que previa não voltar a ter mais nenhum contato com Karou, não só naquela noite como nunca mais.

— O que eu fiz? Só alertei a gerência de que meu quarto tinha sido invadido por jovens desagradáveis. Eles logo souberam de quem eu estava falando. Parece que vocês deixaram uma ótima impressão lá embaixo.

— O que você fez com *Karou*?

Zuzana lançou as palavras e começou a *se* lançar, e naquele instante parecia acreditar que era mesmo uma *neek-neek*, com ferrão e tudo, uma ameaça para os cachorros do tamanho de leões e os valentões musculosos em seu caminho.

Mas era uma *neek-neek* facilmente capturável no meio do salto pelo grandão mais próximo, que segurou seu pulso com a força de quem já fez aquilo muitas vezes.

— Me solte! — rosnou ela, tentando libertar o braço.

Mas não deu certo. A força dele era inacreditável, como se o cara passasse todo o tempo livre apertando uma daquelas bolinhas de borracha idiotas. Então Mik se atirou para cima do segurança, agarrando a mão que prendia Zuzana.

— Solte logo ela — exigiu, e, em uma disputa injusta entre um violinista e um brutamontes, tentou afastar aqueles dedos feios e fortes que prendiam o pulso de Zuzana.

Também não conseguiu. Apesar de sua revolta, Zuzana ainda pôde notar como era humilhante o fato de os dois não serem nem de longe samurais. Com a mão livre, o guarda facilmente empurrou Mik pelo corredor em direção à porta do quarto (lá se foi a chance de pegarem suas coisas), e Zuzana depois dele. Ela sentia o pulso latejar, mas mal notava a dor em meio ao tornado de raiva e preocupação que se tornara sua mente.

Recusando-se a ser conduzida, Zuzana conseguiu dar a volta no guarda para ficar frente a frente com Traveller e Methuselah, que barravam o caminho até sua dona. Os cachorros olharam para ela. Um deles mostrou os dentes em um rosnado meio entediado, como se dissesse: *Está vendo esses dentes afiados?*

*Já vi dentes mais assustadores*, Zuzana quis responder. Caramba, o que queria mesmo era mostrar os dentes também, mas apenas se manteve firme e levantou os olhos para Esther. O olhar no rosto da senhora, de apatia pétrea, mal parecia humano. Aquilo não era uma pessoa, pensou Zuzana. Era ganância coberta de pele.

— O que você fez? O que você fez, Esther? O que. Você. Fez.

Esther suspirou.

— Você é idiota? O que acha?

— Acho que você é uma sociopata traidora, é isso que eu acho.

Esther apenas balançou a cabeça, a apatia dando lugar ao ardor do desprezo.

— Você acha que eu queria que as coisas terminassem desse jeito? Eu era feliz quando tudo era como antes. Não é minha culpa que Brimstone tenha morrido.

— O que isso tem a ver? — perguntou Zuzana.

— Por favor. Sei que você não é a bonequinha que parece. A vida é feita de escolhas, e somente os tolos escolhem seus aliados com o coração.

— *Escolhem seus aliados*? O que é isso, *Survivor*? — Zuzana foi tomada pelo desgosto. Esther "escolhera" os anjos, obviamente. Porque Brimstone estava morto e ela só se preocupava em se dar bem. Naquele momento, e sabendo a verdade sobre a idade de Esther, Zuzana teve um *insight* repentino sobre ela. — Você — começou, e sua aversão pesou na palavra. — Aposto que ficou do lado do nazismo, não é?

Para sua surpresa, Esther riu.

— Você diz isso como se fosse algo ruim. Qualquer um com bom senso escolheria viver. Sabe o que é tolice? Morrer por *acreditar* em alguma coisa. Veja onde estamos. Roma. Pense nos cristãos lançados aos leões porque não renunciavam a sua fé. Como se seu Deus não fosse perdoá-los por quererem viver. Se o seu instinto de autopreservação não for maior do que isso, talvez você não *mereça* viver.

— Está brincando comigo? Vai culpar os cristãos, e não os romanos? Que tal se ninguém os atirasse para os malditos leões, para começo de conversa? Não se iluda. Você é que é o monstro aqui.

De repente Esther perdeu a paciência.

— Já está na hora de vocês irem embora — disse ela, de maneira enérgica. — E saibam que, com a morte de Karou, todos os bens dela vão para o parente mais próximo. — Um sorriso sutil e sombrio se formou em seu rosto. — Sua dedicada avó, é claro. Então nem precisam se dar ao trabalho de tentar acessar aquelas contas.

*Com a morte de Karou, com a morte de Karou.* Zuzana não ia ouvir aquilo. Sua mente tratou de apagar aquelas palavras.

Esther apontou para o corredor, e as mãos grossas e fortes dos seguranças rebocaram os dois naquela direção.

— Podem ficar com as roupas — acrescentou Esther. — Não precisam agradecer. Ah, e não se esqueçam do vegetal.

*Vegetal.*

Estava se referindo a Eliza. Durante todo esse tempo, a garota tinha permanecido quieta. Estava catatônica, e Esther a atiraria na rua, junto com Mik e Zuzana, sem nada.

*Com a morte de Karou.* O tornado abandonara a mente de Zuzana, deixando sussurros em seu rastro. O que tinha

acontecido? *Será que eles...?*

*Quieta.*

— Me deixe pegar nossas bolsas, pelo menos — pediu Mik, de uma maneira tão calma e razoável que quase enfureceu Zuzana. *Como ele se atrevia a ser calmo e razoável?*

— Dei uma chance de vocês pegarem suas coisas — retrucou Esther. — Vocês preferiram me insultar. Como eu disse, a vida é feita de escolhas.

— Me deixe pelo menos pegar meu violino — implorou ele. — Não temos nada, nem como voltar para casa. Pelo menos vou poder tocar numa *piazza* para conseguir comprar passagens de trem.

Pensar nos dois mendigando deve ter apelado para a consciência de classe dela, sem falar na degradação.

— Está bem.

Ela acenou, e Mik seguiu depressa pelo corredor. Quando voltou, levava o estojo do violino nos braços como se fosse um bebê, em vez de segurá-lo pela alça.

— Obrigado — disse ele, como se Esther tivesse feito uma gentileza.

Zuzana fuzilou-o com o olhar. Será que ele tinha perdido a cabeça?

— Vá buscar Eliza — disse ele a Zuzana.

A garota veio como uma sonâmbula. Zuzana parou só uma vez, para encarar Esther do outro lado da sala.

— Eu já disse isso antes, mas sempre foi de brincadeira. — Não dessa vez. — Vou fazer você se arrepender por isso. Juro.

Esther riu.

— Não é assim que o mundo funciona, querida. Mas você pode tentar, se isso a deixa feliz. Faça o pior que puder.

— Espere só para ver — rebateu Zuzana, fervendo de raiva.

O segurança a empurrou para o corredor, com Eliza ao seu lado, e depois para o grande hall em direção ao elevador. Desceram. Então foram levados à força pelo saguão reluzente, sujeitos a olhares e sussurros e, o mais difícil, ao ar irônico e arrogante da rival de Zuzana no duelo de sobrancelhas — que de novo ousou, à luz daquela mudança nas circunstâncias, erguer uma sobrancelha amadora e excessivamente depilada em um inexperiente mas eficaz *Eu avisei.*

A humilhação que sofreram foi como passar por um campo de plantas venenosas: mil pequenas dores fundindo-se e atordoando-os. Ainda assim, porém, não era nada perto da tristeza e do pânico que Zuzana sentia ao pensar nos amigos, naquele exato momento à mercê dos inimigos.

O que estaria acontecendo com eles?

Esther devia ter alertado os anjos. O que eles teriam lhe prometido?, perguntava-se Zuzana. E, mais importante: como ela e Mik poderiam impedi-la de obter essa recompensa? Como? Eles não tinham *nada.* Nada além de um violino.

— Não acredito que você agradeceu a ela — resmungou Zuzana enquanto eram enxovalhados para o meio da rua.

Então Roma atingiu-os em cheio: aquela vitalidade e o ar abafado eram uma mudança marcante em comparação com a tranquilidade e o frescor artificiais do interior do hotel.

— Ela me deixou pegar o violino — explicou ele, dando de ombros, ainda o segurando junto ao peito como se fosse um bebê ou um cachorrinho.

Ele falava de um jeito... satisfeito. Aquilo era demais. Zuzana parou de andar (não tinham mesmo para onde ir, só sabiam que tinham que ir embora dali) e se virou para encará-lo. Ele não apenas *falava* em um tom satisfeito. Parecia realmente *estar* satisfeito. Ou, pelo menos, animado. Praticamente vibrando.

— Qual é o seu problema? — perguntou Zuzana, confusa e a ponto de se sentar e chorar.

— Já explico. Venha. Não podemos ficar aqui.

— Sim. Acho que isso ficou claro.

— Não. Quero dizer que não podemos ficar em nenhum lugar em que ela possa nos encontrar, e ela *vai* nos procurar. *Vamos logo.*

Havia urgência na voz de Mik, o que a deixou ainda mais confusa. Para guiá-la, ele passou o braço em volta de Zuzana, que conduzia Eliza ao lado — uma figura onírica, quase etérea, que parecia flutuar. Foram absorvidos pela multidão, densa como um desfile, onde era fácil se perder. E então a densidade humana da qual haviam reclamado mais cedo se tornou um refúgio, e conseguiram escapar.

# 58

## A feiura errada

Tudo estava como deveria. A pesada veneziana fora destrancada, como prometido, e Karou só precisava abri-la em silêncio. Parecia que ia ranger: a resistência que mostrava desafiava Karou a empurrá-la mais rápido e deixá-la fazer barulho. Já fazia um tempo que ela não lamentava a falta dos “desejos praticamente inúteis” aos quais não dava muito valor — scuppies, que saqueava de uma xícara de chá na oficina de Brimstone e que agora usava como colar —, mas agora se pegava desejando um deles. Uma conta entre os dedos, um desejo pelo silêncio da janela.

Calma. Ela não precisava disso. Era preciso paciência para abrir uma janela com torturante lentidão enquanto o coração retumbava, mas funcionou. A câmara estava aberta, em total escuridão exceto por um retângulo de luar estendido como um tapete de boas-vindas.

Entraram, um de cada vez. A luz que invadia o cômodo foi fragmentada pelo contorno dos três, depois voltou a se completar quando eles saíram do caminho. Pararam, como se quisessem deixar a escuridão se estabelecer, como água afundando sob óleo.

Respiraram fundo uma última vez antes de se aproximarem.

A cama parecia deslocada. Aquele lugar era um salão de recepção, o mais famoso do palácio. A cama fora levada para lá, e era preciso lhes dar crédito por encontrarem aquela monstruosidade barroca que tanto se destacava na extravagante câmara. Era uma enorme cama de dossel, entalhada com santos e anjos. Lençóis retorcidos traçavam uma forma. A forma respirava. Na mesa de cabeceira estava o elmo que Jael usava para esconder da humanidade sua aparência hedionda. Ele se mexeu um pouco enquanto observavam, virando-se. Sua respiração soava regular e profunda.

Os pés de Karou não tocavam o chão. Aquele flutuar não era nem consciente; a habilidade já tinha se tornado tão natural que era parte essencial de sua furtividade: por que tocar o chão quando não é necessário?

Ela avançou deslizando. Akiva daria a volta na cama e ficaria a postos.

Aquele momento seria o mais delicado: acordar Jael e mantê-lo em silêncio enquanto usavam a “persuasão”, o ponto crucial do plano de Karou. Se tudo corresse bem, poderiam sair pela janela e estariam lá fora em dois minutos. Karou tinha um pedaço de estopa na mão para abafar qualquer som que ele pudesse fazer antes de terem a chance de convencê-lo de que seria melhor ficar quieto. E, é claro, depois disso, para abafar os sons de dor.

Sem sangue não significava sem dor.

Karou nunca vira Jael, embora julgasse ter uma boa noção de sua feiura única por tudo o que ouvira. Estava preparada quando o anjo adormecido se mexeu de novo, jogando o travesseiro para o lado. Ela esperava feiura, e foi feiura o que viu.

Mas era a feiura errada.

Olhos se abriram de um sono fingido. Olhos bonitos em um rosto destruído, mas sem nenhum corte, nenhuma cicatriz da testa ao queixo, só um inchaço cor de hematoma e uma perversão ainda mais profunda que a do imperador.

— Beldade azul — disse a criatura, com um ronronar áspero na garganta.

Karou nem teve a chance de usar a estopa. Moveu-se rápido, mas ele estava deitado à espera. *Esperando por ela*. Ela ainda não tinha se aproximado o bastante para abafar o grito.

— Nossos convidados chegaram!

Razgut teve tempo de berrar antes que ela cobrisse seu rosto feio com o tecido rústico da estopa e o calasse. Ele ficou em silêncio, mas não fazia mais diferença. O alerta já havia sido dado.

As portas se abriram com violência. Soldados do Domínio entraram em massa.

# 59

## Profecia autorrealizável

Na suíte presidencial do St. Regis, Esther Van de Vloet parou na porta do banheiro, interrompendo o passo ao ver... um violino na banheira.

Um violino na banheira.

Um violino.

...

...

...

Seu grito foi gutural, quase um grasnido, como um sapo à beira da morte. Os cachorros correram até ela, angustiados, mas ela os enxotou com violência, desabou de joelhos e estendeu a mão, tateando o vazio sob o toucador de mármore.

Incrédula, continuou tateando freneticamente, desesperada demais até para xingar, e, quando gritou de novo, desmoronando no piso de mármore, uma torrente inarticulada de emoção pura verteu dela.

Aquela emoção era nova para Esther. Era a sensação de derrota.

***

Em menos de uma hora Zuzana tinha aperfeiçoado a arte do suspiro irritado. O céu continuava de um vazio ressoante, o que não era um bom sinal. Já tinha passado tempo suficiente desde que Karou, Akiva e Virko haviam saído do St. Regis para persuadir Jael a ir embora, mas não havia nenhuma evidência de que isso tivesse ocorrido, e a tela do celular de Zuzana continuava tão vazia quanto o céu. É claro que mandara mensagens com alertas, até tentara ligar, mas as chamadas caíram direto na caixa postal, o que lhe lembrou os dias terríveis depois que Karou deixara Praga — e a Terra —, quando Zuzana não sabia se a amiga estava viva ou morta.

— O que vamos fazer?

Eles tinham se enfiado em um beco estreito. Mik estava agindo de maneira estranhamente furtiva, e Zuzana fez Eliza sentar-se em uma escada na entrada de uma casa antes de desabar ao lado dela. Era um daqueles cantinhos bem italianos: minúsculos, como se um dia todas as pessoas tivessem sido do tamanho de Zuzana, um lugar onde a Idade Média se mesclava com o Renascimento no arcabouço da antiguidade. Além disso, algum idiota contribuíra com um pouco do século XXI ao fazer um grafite desleixado, intimando-os: *Apri gli occhi! Ribellati!*

*Abram os olhos! Rebelem-se!*

E Zuzana se perguntou: *Por que os anarquistas sempre têm uma caligrafia tão ruim?*

Mik se ajoelhou diante dela e colocou o estojo do violino no colo. Na mesma hora ela percebeu como estava pesado.

*Pesado?*

— Mik, por que o estojo do seu violino pesa uns vinte quilos?

— Eu estava pensando... — disse ele, em vez de responder. — Nos contos de fadas, existem heróis que são... hum... ladrões, não é?

— Ladrões? — Zuzana estreitou os olhos, desconfiada. — Não sei. Provavelmente. Robin Hood?

— Não é um conto de fadas, mas serve. Um ladrão nobre.

— João, do pé de feijão. Ele roubou todas aquelas coisas do gigante.

— Certo. Menos nobre. Sempre me senti mal pelo gigante. — Mik abriu o fecho do estojo. — Mas não me sinto mal por ter feito isso. — Ele parou. — Espero que conte como um dos meus desafios. Retroativamente.

Ele abriu a tampa e o estojo estava cheio de... medalhões. *Cheio.* Em várias circunferências: uns pequenos como moedas de vinte e cinco centavos, outros que chegavam ao tamanho de um pires, em pátinas de bronze que variavam do latão brilhante até o marrom-escuro fosco. Alguns estavam totalmente cobertos pelo azinhavre, e todos eram cunhados de forma grosseira e gravados com a mesma imagem: uma cabeça de carneiro com grandes chifres espiralados e olhos sábios com pupilas em fenda.

Brimstone.

— Então — continuou Mik, com uma fala arrastada de falsa preguiça —, sabe quando a falsa vovó disse que não tinha mais desejos? Ela estava mentindo. Mas veja: foi uma profecia autorrealizável. Agora ela não tem mesmo.

# 60

## Ninguém vai morrer hoje

As portas se abriram com força. Os soldados do Domínio entraram em massa.

O primeiro impulso de Karou foi buscar a dor para realizar um encanto, e a dor era fácil de alcançar porque Razgut agarrava seu pulso com uma força esmagadora, então não fazia diferença.

Visível ou não, ela tinha sido capturada.

Karou desaparecia e aparecia, lutando com o Decaído: ele ria com um som que mais parecia um ronronar enquanto a segurava com uma força invencível. Ela ainda podia recorrer às facas de lua crescente, mas os três tinham decidido derramar sangue apenas como último recurso, então sua mão ficou congelada no cabo enquanto ela via os soldados — muitos e implacáveis, espadas nas mãos e rostos inexpressivos — entrarem na sala. Mais uma vez, como acontecera tantas outras nos últimos dias, a passagem do tempo parecia espessa como resina. Viscosa. Morosa. Quantas coisas podem acontecer em um segundo? Em três? Em dez?

Quantos segundos são necessários para se perder tudo o que importa?

*Esther*, pensou Karou. Em meio à luta frenética, sentiu amargura, mas não ficou surpresa. Os anjos já esperavam por eles. Aquela não era a guarda pessoal de seis soldados que protegiam a câmara de Jael. Havia pelo menos uns trinta soldados ali. Quarenta, talvez?

E então, pelas portas abertas, sem pressa para assumir sua posição atrás de uma sólida barreira de soldados, entrou Jael. Karou o viu antes que ele a visse, porque o imperador estava olhando para a frente, decidido. A feiura dele era tudo o que ela já ouvira falar e ainda pior: a linha nodosa da cicatriz e a maneira como suas narinas pareciam tentar se afastar da marca como se estivessem presas ali — como cogumelos esmagados prestes a apodrecer. A boca era outro desastre, desmoronando sobre os dentes deformados, o ar entrando e saindo por entre os lábios com um barulho que eram como passos na lama. Mas essa não era a pior parte; o pior era a expressão do imperador. Intrincada de ódio. Até o sorriso era assim: tão malicioso quanto exultante.

— Sobrinho — disse ele, e aquela única palavra úmida deixava transparecer malevolência e triunfo.

***

Jael olhou por entre os ombros dos soldados para Akiva. O assim chamado Ruína das Feras, cuja morte ele incentivara pela primeira vez quando o bastardo de olhos de fogo era apenas um pirralho que chorava até adormecer no campo de treinamento. “Mate-o”, foi o conselho de Jael a Joram na época. Ele se lembrava do gosto daquelas palavras na boca; lembrava-se vividamente, porque estavam entre as primeiras que pronunciou quando as ataduras foram removidas de seu rosto. As primeiras que *tentou* falar, na verdade, quando a agonia ainda o dominava, quando sua boca era uma ruína vermelha e úmida; e a repulsa que viu nos olhos do irmão — de todos, aliás — ainda tinha o poder de envergonhá-lo. Ele havia deixado uma mulher cortá-lo. Não importava que tivesse sobrevivido e ela não. Carregaria sua marca para sempre.

“Se você for esperto, vai matá-lo agora”, dissera ao irmão.

Mais tarde, ao avaliar a situação, se deu conta de que aquela não tinha sido a tática correta. Joram era imperador, portanto não reagia bem a ordens.

“O que foi, ainda está tentando puni-la?”, debochara Joram, arrastando o fantasma de Festival até eles. Os dois tinham tentado, sem sucesso, humilhar a concubina Stelian, mas mesmo morta ela nunca se deixara subjugar. “Matá-la não saciou sua vontade, então você precisa acabar com o garoto também? Por acaso acha que ela vai ficar sabendo disso de algum jeito e sofrerá ainda mais?”

“Ele é fruto dela”, insistira Jael. “Ela era um *esporo*, trazido até aqui. Uma infecção. Nada prudente pode ter nascido dela.”

“*Prudente?* De que me adiantaria um guerreiro ‘prudente’? Ele é *meu* fruto, irmão. Está sugerindo que meu sangue não é mais forte que o de uma vagabunda selvagem?”

E assim era Joram: cego e desinteressado. Lady Festival das Ilhas Longínquas tinha sido muitas coisas, mas “vagabunda” não era uma delas.

“Prisioneira” também não.

No entanto, ela tinha ido parar no harém do imperador, e *por que* havia decidido ficar lá, já que não parecia que fosse contra sua vontade? Ela era uma Stelian, e, embora nunca tivesse revelado seu poder, Jael tinha certeza de que o possuía. Ele sempre achara que o desígnio era dela. Então... por que uma filha daquela tribo mística tinha se deitado na cama de Joram?

Lentamente, Jael piscou, fitando Akiva. *Por quê?* Bastava olhar para o bastardo para ver qual sangue era mais forte. Cabelo preto, pele morena; não tão escura quanto a de Festival, mas muito distante da pele clara de Joram. Os olhos, é claro, eram iguais aos dela, bem como a afinidade com a magia, caso ainda restasse alguma dúvida.

Joram deveria ter escutado o irmão. Deveria ter deixado Jael exercer sua fúria da maneira que achasse necessária, mas, em vez disso, debochara dele e mandara que fizesse suas refeições sozinho dali em diante, dizendo que não suportava os barulhos repugnantes de sucção que fazia.

Bem, Jael podia rir disso agora, não é? E fazer todos os barulhos que quisesse.

— Ruína das Feras — disse, aproximando-se, mas separado dos invasores por uma sólida barreira de quarenta soldados do Domínio, dez deles empunhando armas tão especiais que certa vez haviam subjugado Akiva de forma impressionante: mãos.

Não as deles, é claro. Secas e escurecidas como de múmias, algumas com garras, todas pintadas com os olhos do diabo, os soldados as estendiam à frente: mãos cortadas de guerreiros quimeras.

Ao vê-las, a fera ao lado de Akiva produziu um rosnado baixo na garganta. O colar de espinhos em seu pescoço se eriçou e se abriu como uma flor mortal. O quimera pareceu dobrar de tamanho bem ali, transformando-se em um pesadelo de campo de batalha, ainda mais terrível pelo contraste entre ele e aquela sala ornamentada que ele subitamente pareceu preencher.

Jael estremeceu. Mesmo seguro atrás de sua barricada de carne e fogo vivo, e mesmo de sobreaviso — graças àquela mulher monstruosa que viria a ser sua benfeitora humana —, a visão o intimidou. Não exatamente o quimera. Mas serafins e quimeras juntos? As feras tinham sido a cruzada de seu irmão. Jael estava concentrado em um novo inimigo, mas a aliança que via diante dele representava mil anos virados do avesso. Um câncer que Jael não poderia deixar que se espalhasse por Eretz.

Quando voltasse, acabaria com qualquer sinal daquilo. O restante da rebelião já devia ter sido exterminado, pensou com satisfação. Por que outro motivo aqueles três iriam até ele sozinhos, sem um exército? Queria rir deles por tamanha tolice, mas, sabendo que tinha escapado por pouco, um calafrio o deteve. Se não fosse pelo aviso da mulher, ele estaria dormindo naquela cama quando os três entraram furtivamente pela janela.

Foi por muito pouco. Só a sorte lhe dera vantagem dessa vez. Não seria tão descuidado de novo.

— Príncipe dos Bastardos — continuou Jael, sentindo como se estivesse realizando um ritual adiado por vários anos: a purgação da infecção Stelian, a erradicação do último vestígio de Festival e a intenção da serafim ao colocá-lo no mundo. — Sétimo a carregar o amaldiçoado nome Akiva. — Então fez uma pausa, pensativo. — Nenhum Ilegítimo chegou à idade adulta com esse nome antes de você. Sabia disso? O velho Byon, o primeiro-intendente, lhe deu esse nome por maldade. Queria que sua mãe implorasse para que não fizesse isso. Qualquer outra mulher do harém teria implorado, mas não Festival. "Escreva o que quiser nessa lista, velho", rebateu ela. "Meu filho não será enredado nos frágeis destinos de vocês."

Ele observou Akiva atentamente, procurando uma reação.

— Bravas palavras, não? E quantas mortes você já evitou, no total? A maldição de seu nome e as várias mortes que planejei para você. Quantas mais pela frente? — Jael teve a impressão de que o Ruína das Feras ficou tenso ao ouvir aquilo. E notou que havia tocado em uma ferida. — Outros morrem, mas você continua vivendo? — sondou. — Talvez tenha virado a maldição ao contrário. *Você* não morre. Todos à sua volta morrem no seu lugar.

Akiva trincou o maxilar com força.

— Deve ser um fardo terrível — pressionou Jael, balançando a cabeça em compaixão fingida. — A morte procura você por toda parte, mas não consegue *vê-lo*. *Invisível para a morte*, mas que destino! Por fim, ela se cansa de procurar e leva quem estiver por perto. — O imperador fez uma pausa, sorriu e tentou soar afetuoso e sincero quando continuou: — Sobrinho, trago boas notícias. Hoje quebraremos a maldição. Hoje, enfim, você vai morrer.

***

Mesmo esperando ver o tio, Akiva não estava preparado para o choque visceral de reviver aquele momento, que o atingiu como um murro no peito. Era um eco da Torre da Conquista, quando, daquele mesmo jeito, Jael e seus soldados assumiram o controle da sala.

"Matem todos", ordenara Jael naquele dia, e, impassíveis, seus soldados obedeceram, estripando conselheiros e massacrando os brutamontes inúteis dos Espadas de Prata que Hazael e Liraz haviam tido tanto cuidado em desarmar sem ferir. Os soldados mataram até as criadas da sala de banho. Foi literalmente um banho de sangue, imperador e herdeiro descartados em uma poça vermelha. Sangue nas paredes, sangue no chão, sangue por toda parte.

A voz, o rosto, o número de soldados. Akiva calculava, pelas feridas ainda em processo de cicatrização em seus rostos, que alguns daqueles homens haviam estado na torre e sobrevivido à explosão. Além das espadas, apontavam para ele as mesmas armas hediondas com que o haviam surpreendido naquele dia sangrento.

E o cumprimento de Jael também era o mesmo. Ah, aquela voz repulsiva. *Sobrinho*. Ele dissera isso na época para Japheth, o tolo príncipe herdeiro, pouco antes de matá-lo. Agora, dirigia-se apenas a Akiva, para em seguida despejar uma ladainha sibilada de seus muitos epítetos.

*Ruína das Feras. O Príncipe dos Bastardos. Sétimo a carregar o amaldiçoado nome Akiva.*

Akiva ouvia em silêncio, pensando em todas aquelas expressões e se perguntando: alguma dessas era *ele*? O que sua mãe quisera dizer com aquela história de que o filho não seria enredado nos frágeis destinos de Jael e dos outros? Isso fazia com que ele sentisse como se até "Akiva" não fosse seu verdadeiro nome, mas apenas outro acessório Ilegítimo, como uma armadura ou uma espada. Seu nome, como seu treinamento, lhe fora imposto. Ao ouvir como tinha sido a reação de Festival,

se perguntou: quem mais ele era? O que mais?

E a primeira resposta que lhe ocorreu era simples, tão simples quanto sua missão ali, tão simples quanto seus desejos.

*Eu sou alguém que está vivo.*

Ele se lembrou do momento — parecia ter sido muito tempo antes, mas não era o caso — em que se deitara de costas na arena de treinamento em cabo Armasin, um machado, o machado de Liraz, cravado na terra batida a centímetros de seu rosto. Na época ele achava que Karou estava morta, e ali, naquele momento, respirando com dificuldade e olhando para as estrelas, aceitara a vida como um meio para a *ação*. Algo para se usar como uma ferramenta. A vida de alguém: um instrumento para se moldar o mundo.

Akiva então se lembrou do pedido de Karou ainda no dia anterior, quando estavam espremidos naquele chuveiro minúsculo. "Não quero que sinta muito", dissera ela. "Quero que se sinta... *vivo*."

Pela maneira como Karou falava, Akiva percebera que ela se referia a algo mais do que a vida como ferramenta. Para Karou, naquele momento, a vida era ânsia.

E qualquer que fosse seu nome, qualquer que fosse seu passado ou ancestralidade, Akiva *era* alguém vivo, e também era alguém que ansiava. Pelo sonho, por paz, para sentir o corpo de Karou junto ao seu, pela casa que poderiam ter juntos, de alguma forma, em algum lugar, e pelas mudanças que eles veriam — e causariam — em Eretz nas décadas seguintes.

Ele era alguém vivo e decidido a permanecer assim, então, enquanto seu tio o provocava, procurando um ponto fraco — matá-lo não era o suficiente; precisava torturá-lo —, Akiva ouvia o que ele dizia, mas nada daquilo o tocava. Era como ameaçar alguém com a escuridão ao raiar do dia.

— Hoje quebraremos a maldição — dizia Jael. — Hoje, enfim, você vai morrer.

Akiva balançou a cabeça. Por um instante pensou se não deveria fingir uma fraqueza que não sentia. Na sala de banho de Joram, aqueles repulsivos "troféus" de mãos tinham dado aos soldados do Domínio a vantagem de que precisavam para subjugar Akiva, Hazael e Liraz. Esta noite, porém, as coisas seriam diferentes. Nenhuma onda de fraqueza o abateu. Ele experimentou apenas uma sensação de alerta que vinha da cicatriz recente na nuca, enquanto sua magia encontrava a dos hamsás e a desviava. Lembrou-se de sentir os dedos de Karou traçando a marca com delicadeza quando ele lhe mostrara, e lembrou-se da mão dela contra seu coração, sem nenhuma magia correndo no sangue dele, e nenhum mal-estar, apenas a sensação do toque, como era sua intenção.

Ele percebia que o encanto de invisibilidade de Karou estava intermitente e que ela ainda tentava se livrar daquela coisa, Razgut. Queria ir até Karou, esmagar a cara roxa e inchada de Razgut e libertá-la, ou mesmo torcer até arrancar aquele braço magro e repulsivo, se precisasse. E queria encurralar a criatura em um canto e fazer uma enxurrada de perguntas. *Decaído*. O que isso queria dizer? Akiva tivera a chance de lhe perguntar uma vez, mas a desperdiçara, e agora também não era a hora. Ele sabia que Karou conseguiria lidar com a criatura.

Seu verdadeiro adversário estava bem ali na sua frente.

— Não hoje — disse Akiva a Jael. Eram as primeiras palavras que pronunciava desde que entrara naquela sala. — Ninguém vai morrer hoje.

Jael soltou a gargalhada asquerosa de sempre.

— Sobrinho, olhe em volta. Não sei exatamente o que você pretendia ao se esgueirar para a minha cabeceira no meio da noite — ele desviou o olhar de Akiva pela primeira vez, para observar Karou, e um brilho apreciativo surgiu em seus olhos —, e imagino que *não* seja a explicação mais agradável possível... — Fez uma pausa. Sorriu. — Mas eu já esperava que se tratasse de algo que fosse de encontro às minhas intenções.

Ele estava se divertindo. Para Jael, aquilo era um eco da Torre da Conquista, tanto que não notou a diferença crucial: Akiva não tremia diante da magia dos hamsás.

— E é — confirmou Akiva. — Embora eu duvide que seja o que você espera.

— O quê? — Deboche. Mão no peito. — Está me dizendo que *não* veio me matar?

Disse isso como se fosse uma boa piada. Por que mais, de fato, eles iriam até ali? Akiva respondeu com serenidade:

— Não, não viemos. Viemos pedir que você vá embora. Que vá da mesma forma que veio, sem sangue derramado, e sem levar nada deste mundo com você. Vão para casa. Todos vocês. É só isso.

— Ah, é só isso, então? — Mais gargalhadas, perdigotos voando. — Está fazendo exigências?

— Foi um pedido. Mas estou preparado para exigir.

Os olhos de Jael se estreitaram, e Akiva viu o deboche se transformar primeiro em incredulidade, depois em desconfiança. Será que ele começava a notar que havia algo errado?

— Você sabe contar, bastardo? — Jael tentava manter a zombaria. Queria que aquilo fosse engraçado, mas alguma coisa em sua voz o traía, e quando seu olhar correu de um lado para o outro como uma câmera, Akiva viu que ele mesmo fazia uma contagem de todos a sua volta e tentava acreditar na força da posição em que se encontrava. — Vocês são dois contra quarenta — observou. Não estava contando com Karou. Bem, Akiva não iria corrigi-lo. Não era o único erro de seu tio; apenas o mais óbvio. — Por mais forte que você seja, por mais esperto, são os números que importam no final.

— Os números importam, sim — admitiu Akiva, pensando em sombras perseguidas pelo fogo e na escuridão emaranhada da

emboscada nas Adelphas. — Mas outros fatores às vezes viram o jogo.

Ele não esperou Jael perguntar que outros fatores seriam esses. Só um tolo perguntaria, afinal, o que poderia ser a resposta além de uma demonstração? E Jael não era tolo. Então, antes que o monstruoso imperador pudesse ordenar que seus soldados atacassem primeiro, Akiva falou:

— Você achou que algum dia poderia me surpreender de novo?

Depois disso veio apenas mais uma palavra. Era um nome, na verdade, embora Jael não soubesse. E, por um instante, as sobrancelhas do imperador se franziram em confusão.

Apenas por um instante. E então o jogo virou.

# 61

## SUPERPODERES A TORTO E A DIREITO

— Não vamos nos precipitar — disse Mik, segurando um desejo do tamanho de um pires. — O que *exatamente* é um samurai? Não acha que é melhor sabermos direito antes de desejarmos isso?

— Bem pensado. — Zuzana segurava um desejo igual. Fazia sua mão parecer ainda menor e era mais pesado do que aparentava. — Vai que nós dois viramos caras japoneses. — Ela estreitou os olhos para ele. — Você ainda me amaria se eu fosse um japonês?

— É claro — disse Mik, sem pestanejar. — Mas acho que, por mais legal que seja a palavra *samurai*, não é exatamente o que queremos. Nossa ideia é só poder chutar umas bundas, certo?

— Bem, com certeza é melhor não pedir *desse* jeito. Provavelmente seríamos muito bons só em chutar. *Não fiquem de costas para eles* — entoou Zuzana. — *Eles nunca erram um chute.*

Dizer as palavras certas era muito importante quando se tratava de desejos, como ensinavam os contos de fadas e como a própria Karou os alertara várias vezes. Zuzana já tinha feito desejos com scuppies antes, mas nunca tivera um desejo de verdade nas mãos. O peso daquilo a assustava. E se ela estragasse tudo? Aquilo era um gavriel. Uma confusão poderia acabar sendo desastrosa.

Espere um pouco. Aquilo era *um* gavriel.

E havia *quatro* deles no estojo do violino de Mik.

O estojo agora estava aos pés de Zuzana, que continuava atônita por Mik ter surrupiado o grande filão de desejos bem debaixo do nariz da Vovó do Mal. *Como a vingança é doce*... Será que ela já havia descoberto? E será que estava muito furiosa? E será que aquilo contava como vingança mesmo que eles não pudessem ver a angústia do inimigo?

Bom, sem dúvida contava como um dos desafios de Mik, embora os dois ainda não houvessem entrado em consenso sobre qual deles. Zuzana dizia que era o terceiro e último, porque para ela valia o fato de ele ter consertado o ar-condicionado lá em Ouarzazate. Mik dizia que aquele não servia — nem de longe, porque tinha sido por interesse próprio, para poder atacá-la — e que ainda tinha um desafio a enfrentar. Zuzana não podia discutir muito, para não parecer que estava implorando que ele a pedisse logo em casamento, então deixou que Mik ficasse com a última palavra. Além disso, os dois estavam meio ocupados no momento: o céu continuava sinistramente vazio, e o celular, igualmente silencioso. Não sabiam o que podiam ou deveriam arriscar. Se pudessem voar e lutar, teriam como ajudar? O que poderiam fazer que Akiva, Virko e Karou não pudessem? Zuzana achava que não era possível pedir por experiência em batalhas e bom senso estratégico. Era?

E também tinham que pensar em Eliza. Mesmo que se fartassem de desejos, concedendo a si mesmos superpoderes a torto e a direito e saíssem voando para salvar o dia, não podiam simplesmente deixá-la sentada ali, não é mesmo?

Opa, espere aí.

Zuzana olhou para Eliza, depois para Mik. Ergueu uma sobrancelha. Mik olhou para Eliza também.

— Sim, é verdade. Claro — concordou ele imediatamente.

E então, com pressa, sentindo a urgência do tempo, formularam a melhor frase em que conseguiram pensar para dar jeito em uma jovem cuja enfermidade era um mistério para eles. Com uma calma reverente, Zuzana pronunciou as palavras para o gavriel que tinha na mão. Quase parecia que estava falando direto com Brimstone:

— Desejo que Eliza Jones, nascida Elazael, tenha plenos poderes sobre seu corpo e mente e fique bem. — Algo a fez acrescentar ao final: — Que ela se torne seu melhor eu possível.

Na hora, esse parecia ser o melhor dos desejos: não uma traição do seu eu que cobiçava outros, mas um *aprofundamento*. Um amadurecimento.

Quando um desejo excede o poder do medalhão para o qual é feito, nada acontece. Por exemplo, se você estiver segurando um scuppy e desejar um milhão de dólares, o scuppy vai só continuar ali. Mik e Zuzana não sabiam se aquele pedido que tinham feito estava dentro da esfera de poder de um gavriel. Então observaram Eliza atentamente em busca de algum pequeno sinal de que estivesse fazendo efeito.

Mas não houve um pequeno sinal.

Quer dizer... o sinal não foi pequeno.

Nem um pouco.

A palavra que Akiva pronunciou foi *Haxaya*. Embora Jael não tivesse a menor noção do que significava, nem de que era um nome, o resultado foi bem claro.

Um segundo.

O espaço ao seu lado estava vazio e de repente não estava mais, e a forma que o preencheu — um clarão de pelos e dentes — estava em movimento. Ele a viu e foi atingido. Duas metades do mesmo segundo. E então foi arrastado rapidamente para trás.

Dois segundos.

Os soldados estavam todos a sua frente. E só se viraram quando ele sentiu o aço na pele e ofegou. Quando viram, ele estava na entrada, de joelhos, com uma lâmina no pescoço e o agressor atrás dele, fora de alcance.

Então ouviram um guincho estridente. Igualava-se à fúria e à revolta que dominavam a cabeça de Jael, mas não vinha dos lábios do imperador. Ele não ousou gritar enquanto sentia a pressão da lâmina. Tinha sido o Decaído quem gritara, se retorcendo na cama, ainda lutando com a garota.

Três segundos.

A lâmina cortou. Pensando que sua garganta tivesse sido rasgada, Jael entrou em pânico. Mas ainda conseguia respirar. Doía, mas tinha sido só um pequeno corte.

— Sinto muito — sussurrou uma voz feminina em seu ouvido.

A lâmina era afiada, e ela não estava tomando muito cuidado. Mais uma pontada, outro corte, mais uma risada atrás, junto ao seu ombro. Rouca, divertida.

Os soldados só tiveram tempo de virar a cabeça para olhar. O intervalo entre um segundo e outro foi marcado pelo choque e se coagulou com os gritos de Razgut.

— Não, não, não! — A voz do decaído era repleta de fúria. — Matem-nos! — berrava ele, enraivecido. — Matem-nos!

Como se seguisse a ordem, um dos soldados foi em direção a Jael, erguendo a espada para a quimera que o segurava. Ela apertou o braço em volta dele, cravando as garras na lateral do corpo até atingir a pele, e pressionou um pouco mais a faca na garganta do imperador.

— Pare! — gritou Jael. Para ela, para seus soldados. E não ficou nada feliz em ver que sua voz soou como um ganido. — Afastem-se!

Ele tentava pensar no que fazer (cinco segundos), mas tinha deixado todos os soldados a sua frente, como escudo, e nenhum atrás. Ao levá-lo até a entrada, sua agressora tinha ficado com a parede inteira como barreira — e o corpo dele também. Atrás não havia nada além de uma sala vazia. Ninguém podia chegar até ela, e era culpa do próprio Jael, por se esconder atrás de uma parede de soldados.

— Como o sangue sai fácil — disse ela. Sua voz era animal, gutural. — Deve estar querendo se libertar. Seu próprio sangue o despreza.

— Haxaya — chamou Akiva, em tom de advertência. E então Jael entendeu que a palavra era um nome. — Decidimos que nenhum sangue seria derramado.

Era tarde demais para isso. O pescoço de Jael já estava todo manchado de vermelho.

— Ele não para quieto — foi a resposta de Haxaya.

Razgut ainda gemia. A garota havia se libertado dele e estava agora junto do bastardo, os três lado a lado: humana, serafim, fera; os três que viriam, como Jael havia sido alertado. Mas e quanto àquela quarta criatura? Como aquilo havia acontecido? *Como?*

Akiva voltou a falar casualmente com Jael, como se retomasse a conversa:

— Outros fatores — disse ele, com a voz muito suave e segura. "Outros fatores às vezes viram o jogo", dissera ele momentos antes. — Como atribuir um valor especial a uma vida em detrimento de outras. A sua, por exemplo. Se apenas os números importassem, você ainda poderia vencer aqui. Não você em si. Você morreria. Morreria *primeiro*, mas seus homens poderiam ganhar o dia se decidissem não se importar com a sua sobrevivência. — Ele fez uma pausa e deixou seu olhar correr pelo exército como se fosse composto por seres pensantes e não meros soldados. — E então?

A quem se dirigia a pergunta, a ele ou aos soldados? A ideia de que eles pudessem responder, de que *eles* pudessem decidir o destino de seu *imperador*, era assustadora.

— Não.

Jael se viu cuspir a palavra com pressa, antes que os soldados pudessem arriscar outra resposta.

— Você quer viver — esclareceu Akiva.

Sim, ele queria viver. Mas era impensável para Jael que seu inimigo lhe permitisse isso.
— Não brinque comigo, Ruína das Feras. O que você quer?
— Primeiro — disse Akiva —, quero que seus homens larguem as espadas.

***

Karou já estava cansada da risada ronronante de Razgut e de sua mão suada agarrando o pulso dela. Na hora em que Akiva pronunciou o nome de Haxaya, ela enfiou um cotovelo no olho da criatura e girou, aproveitando o instante de surpresa dele para se libertar. Mesmo assim, foi por pouco que conseguiu escapar. Apesar da mão escorregadia e suada, Razgut a segurava com uma força esmagadora. Apoiando um pé no estrado da cama e puxando com toda força, Karou conseguiu desvencilhar o braço arranhado e sangrando. Mas se desvencilhou, felizmente.
— Não, não, não! — gritou Razgut, levando a mão ao olho.
O outro olho continuava aberto, furioso, se revirando de ódio. Enquanto isso, Karou recuou, sacando as facas de lua crescente e se colocando ao lado de Akiva. Ela de um lado, Virko do outro, todos observando Haxaya subjugar o monstro Jael.
Haxaya, viva de novo e, graças aos dentes roubados do Museo Civico di Zoologia, de volta a seu corpo com aspecto de raposa, ágil e flexível.
Ela não fazia parte do plano. Não originalmente. Ainda nas cavernas, quando a ideia começara a tomar forma na cabeça de Karou, o corpo de Haxaya (ou de Ten, recém-deixado pela alma de Haxaya) tinha sido sua inspiração, mas Karou não pretendia de forma alguma que ela tomasse parte no plano. Colhera a alma da soldada pensando em decidir mais tarde o que fazer com ela. Como o turíbulo era pequeno, prendera-o ao cinto, e assim esquecera de deixá-lo junto com os outros antes de irem embora das cavernas. Sorte? Destino? Quem sabe.
De qualquer maneira, foi assim que, mais cedo naquela noite, ao ter um pressentimento ruim na presença de Esther, Karou pensou em dar à raposa quimera uma chance de se redimir.
Tinham esperanças de não precisar de um soldado sombra ali. Tinham esperanças, mesmo quando entraram furtivamente pela janela e fragmentaram os raios de luar não três, mas quatro vezes, de que a versão mais simples do plano desse certo. Não foi o caso.
Mas não eram tão idiotas a ponto de chegarem despreparados.
“Podemos confiar nela?”, os três tinham se perguntado. Como Haxaya era a única alma que traziam, era também a única candidata ao trabalho.
“Foi pessoal”, disse Akiva, repetindo as palavras de Liraz. A Batalha de Savvath, e o que quer que Liraz tivesse feito para provocar uma vingança tão cruel. Por fim, acharam que Haxaya saberia respeitar a seriedade e o que estava em risco na nova missão; que faria sua parte. Como parecia estar fazendo — exceto por desdenhar daquela regra de não derramar sangue, embora talvez a desobediência tenha sido uma boa ideia. Jael estava pálido, com os olhos arregalados, e sua voz tremia quando ele ordenou aos soldados que largassem as espadas.
— Afastem-se — instruiu-lhes Akiva.
Eles obedeceram, se separando com cautela e recuando até as paredes da câmara. Era difícil pensar neles como indivíduos, como criaturas conscientes e com almas. Karou olhou para o rosto de cada um, tentando enxergá-los como seres *reais*, cidadãos de seu mundo que tinham sido moldados e treinados para se tornarem o que eram, e que poderiam — como Akiva tinha conseguido, e Liraz — se libertar desse molde e desse treinamento.
Ela não conseguia ver isso. Não por enquanto. Mas podia ter esperança.
Não por Jael. Ele não poderia fazer parte do futuro que estavam construindo. Akiva avançou na sua direção. Karou, com as facas na mão, o protegia pelo lado direito, e Virko, pelo esquerdo. Estavam quase concluindo a missão.
— Ouçam — disse Akiva aos soldados. — A era das guerras terminou. Para aqueles que voltarem e não derramarem mais sangue, haverá anistia.
Ele falava como se tivesse poder para fazer tais promessas. Ao ouvi-lo, Karou acreditou nele, mesmo conhecendo a total desolação da incerteza em que se encontravam. Será que os soldados do Domínio acreditariam também? Não sabia. Eles tinham sido treinados para o silêncio, e Jael fora silenciado pela faca de Haxaya. Razgut era o único que não estava quieto.
— A era das guerras? — repetiu ele, na beirada da cama, uma perna inútil pendurada, frouxa e inerte. O olho que Karou acertara estava fechado, inchado, mas o outro ainda estava bom. Havia tanta loucura nele. Terrível. — E quem é *você* para pôr fim a uma era? — rosnou. — *Você* foi escolhido entre todos do seu povo? Ajoelhou-se diante dos magos e abriu sua *anima* para os dedos afiados deles? *Você* afogou estrelas como se fossem bebês em uma banheira? *Eu* encerrei a Primeira Era, e vou encerrar a Segunda também.
Com isso, ele ergueu uma faca que ninguém tinha visto e a atirou em direção a Akiva. Ninguém se mexeu. Não a tempo.
Nem Karou, que levantou a mão tarde demais, como se pudesse pegar a faca no ar ou pelo menos desviá-la. Mas a lâmina já tinha passado por ela.
Nem Virko, que estava do outro lado de Akiva.

E nem Akiva. Nem minimamente.

E a mira de Razgut foi certeira.

A lâmina. Karou acompanhou tudo pela visão periférica. Da mesma forma que sua mão não conseguiu pegar a lâmina, sua cabeça não virou rápido o bastante para vê-la entrar no coração de Akiva. O coração de Akiva, que ela tocara com a palma da mão e com o rosto, mas ainda não com o próprio coração, ainda não seu peito ao dele, ou seus lábios aos dele, ou sua vida à dele, ainda não. O coração que bombeava o sangue e que era a outra metade do seu. Karou viu pelo canto do olho e foi suficiente. Ela *viu*.

A lâmina entrou no coração de Akiva.

# 63

## Na ponta de uma faca

Gelo e fim. O instante congelou, impossível. Impensável. Real.

Todo um ser pode se transformar em um grito. Na ponta de uma faca arremessada, rápido assim. Foi o que aconteceu com Karou. Ela não era de carne e osso naquele instante, apenas ar se reunindo depressa nos pulmões para formar um grito que talvez nunca acabasse.

# 64

## Persuasão

Era uma vez. Um anjo que agonizava caído na neblina.
E o demônio deveria tê-lo matado de vez, sem pestanejar.
Mas ela não fez isso. E se...? Karou se perguntara isso de centenas de maneiras diferentes. Até desejara que o tivesse feito, durante os momentos de maior sofrimento na casbá, quando tudo o que via eram as mortes que resultaram de sua misericórdia.
Se tivesse matado Akiva naquele dia ou simplesmente o deixado morrer, a guerra seguiria firme sem trégua. Por mais mil anos? Talvez. Mas ela não tinha feito nada disso, e as consequências foram outras. "A era das guerras terminou", Akiva acabara de dizer, e mesmo quando Karou viu o que viu, sem nenhuma possibilidade de engano, e mesmo quando todo o seu ser se reuniu em um grito, seu coração desafiava a realidade. A era das guerras tinha terminado, e Akiva não morreria assim.
A lâmina penetrou no coração dele.
Mas o grito de Karou nunca chegou a nascer. Outro tomou seu lugar, veio primeiro: um som. Uma fração de segundo depois que a faca entrou no peito de Akiva... um *tump.* Não era o som de lâmina cortando a carne. Então enfim Karou conseguiu se virar, e seu olhar correu de um lado para o outro, tentando entender o que via.
Lá estava Akiva, sem se mexer.
Nenhum passo cambaleante, nenhum sangue, e nenhum cabo de faca saindo de seu peito. Perplexa, Karou apenas olhava, e não era a única, embora nenhum deles tivesse sentido o mesmo desespero que ela segundos antes nem experimentasse a alegria que a invadia agora, ao ver a lâmina cravada na parede atrás de Akiva. Ninguém poderia ter se maravilhado da mesma forma que ela, enquanto a verdade tomava forma, mas todos na câmara tiveram uma experiência semelhante.
Haxaya foi a primeira a falar.
— Invisível para a morte — murmurou ela, porque era impossível não entender o que havia acabado de acontecer.
Akiva não tinha sequer se movido. E a trajetória não mentia.
A faca tinha passado através dele.
Era nos olhos de Karou que ele olhava agora, e ela viu que ele estava em parte impressionado, em parte assustado. Ela queria perguntar: ele é que tinha feito aquilo? Provavelmente. Ninguém sabia, nem mesmo o próprio Akiva, do que ele era capaz.
Razgut havia desabado, gemendo e dando socos na testa. Com duas passadas largas, Karou chegou até ele, puxando-o para o chão e procurando mais armas nos lençóis. O Decaído nem parecia ter registrado a presença dela.
Os soldados do Domínio estavam atentos, mas também atônitos com Akiva, e Karou achou que não precisava se preocupar com nenhum ataque naquele momento. Mas não relaxou. A vida de Akiva passara por sua visão periférica como um raio. Estava pronta para sair dali, e tudo o que restava era persuasão. Seu plano, em toda a sua simplicidade.
Finalmente era a hora.
Mais uma vez, Akiva encarou o tio. Jael estava quieto, o rosto pálido e aflito, a boca horrenda tremendo. Diante de tamanho poder, ele tinha até perdido a coragem de debochar.
Akiva nem chegara a desembainhar as espadas, então estava com as mãos livres. Esticou o braço em direção ao tio e colocou a palma da mão estendida no peito dele. O gesto parecia quase amigável, e os olhos de Jael se agitavam nas órbitas de novo, tentando entender o que estava acontecendo. Não demorou muito.
Karou observava a mão de Akiva, e se lembrou de quando estivera em Paris e chegara ao portal de Brimstone, mal-humorada por arrastar presas de elefante pela cidade, e vira, pela primeira vez, uma marca de mão queimada na madeira. Quando passara o dedo pela marca, algumas cinzas se soltaram e caíram. Ela se lembrou de Kishmish queimado e morrendo em suas mãos, do coração dele desacelerando do pânico para a morte, e de como o barulho das sirenes de incêndio a tirara de seu sofrimento — como a tirara daquele sofrimento e a lançara em outro ainda maior, enquanto corria de seu apartamento até o portal de Brimstone para encontrá-lo engolido pelas chamas. Fogo azul, infernal, e, nas nuvens de fumaça, silhuetas de asas.
No mundo inteiro, naquele exato momento, dezenas de portas, todas marcadas com mãos negras, haviam sido devoradas pelo mesmo fogo sobrenatural.
Akiva tinha sido o responsável. Todos os serafins eram criaturas de fogo, mas inflamar as marcas a distância tinha sido obra dele, conseguindo, assim, destruir todos os portais de Brimstone no mesmo instante, isolando seu inimigo sem aviso.
Karou tinha pensado nisso quando vira as bolhas na pele de Ten nas cavernas dos Kirin, a marca da mão de Liraz queimada claramente no peito.
Saía fumaça da palma da mão de Akiva. Jael provavelmente notara o cheiro antes de sentir o calor pela roupa, embora talvez não, já que, em vez de armadura, usava o traje do cortejo que idealizara para impressionar a humanidade. Calor ou fumaça, o fato é que Karou viu a compreensão se acender nos olhos dele, e o pânico enquanto ele lutava para se libertar

daquela mão que pressionava seu peito. Ela só esperava que Haxaya não cortasse a garganta dele por acidente.

O grito soou como um lamento oscilante, e Karou continuou a observá-lo quando Akiva deu um passo para trás. Lá estava, a marca queimada no peito de Jael, chamuscada e exalando um forte cheiro de fumaça, a parte preta já descascando, revelando a carne viva por baixo: uma marca de mão na carne.

Persuasão.

— Vá para casa — disse Akiva. — Ou vou inflamá-la. Onde quer que você esteja, onde quer que eu esteja. Não importa. Se não fizer o que eu digo, vou atear fogo na marca e reduzi-lo a nada. Não restarão nem cinzas.

Haxaya soltou Jael e se afastou. Sua faca já não era mais necessária. Ela limpou a lâmina na manga branca das roupas do imperador, que desabou como se as pernas não fossem mais capazes de sustentá-lo. Dor, raiva e impotência estavam congeladas em seu semblante. Ele parecia estar em conflito com a situação, tentando entender tudo o que tinha perdido.

— E depois? — disparou, enfim. — E quando eu estiver em Eretz, com sua marca na pele? Você vai simplesmente me fazer queimar. Por que eu faria o que você quer?

A voz de Akiva soou firme:

— Eu lhe dou minha palavra. Faça isso. Vá para casa agora. Leve seu exército com você e nada mais. Sem caos. Apenas vá, e nunca inflamarei a marca. Juro.

Jael bufou, incrédulo.

— Você jura. Vai me deixar viver, simples assim.

Karou observava Akiva quando ele deu sua resposta. Ele mantivera a calma desde o primeiro instante em que Jael irrompera na sala, e conseguira disfarçar todo o profundo ódio que aquele homem lhe provocava.

— Não foi o que eu disse.

Será que ele estava pensando em Hazael? Em Festival? No futuro que estavam, naquele momento, tentando evitar, em que armas transformariam Eretz em um lugar muito mais brutal que seus cidadãos já haviam conhecido?

— Não vou *queimar* você. — A opinião que tinha do tio transpareceu em seu rosto. — Esta é minha única promessa, mas não quer dizer que você vai viver. — Ele deixou que a imaginação vil do tio completasse o serviço. — Talvez você tenha uma chance. — Um sorriso discreto. — Talvez seja avisado. — Ficou em silêncio por uns instantes, deixando aquela situação se prolongar. Então desapareceu. — Mas provavelmente não.

Seguindo o exemplo de Akiva, Karou também ficou invisível. Virko e Haxaya desapareceram um instante depois, quando Akiva lançou o encanto sobre eles. Jael e os soldados do Domínio viram sombras se dirigirem à janela. Quando as sombras sumiram, não havia mais nada ali além da respiração cansada de um imperador vencido, os soluços convulsivos de um monstro louco e quarenta soldados em silêncio, sem saber bem o que fazer.

# 65

## Escolhido

Ele era um dos doze nos Tempos Idos, e a glória era sua.

***

Ela foi escolhida como um dos doze. *Ah, que glória.*

***

Eles chegaram aos milhares: candidatos de cada rincão do reino, jovens e cheios de esperança, cheios de orgulho, cheios de sonhos. Tão belos, todos eles, fortes e de todas as cores, do mais claro tom perolado ao mais escuro azeviche, e vermelhos, creme, marrons, e até — de Usko Remarroth, onde era sempre crepúsculo — *azuis*. Assim eram os serafins naquela época: a dádiva mais rica de um mundo, como joias de uma tapeçaria. Alguns vinham cobertos de penas; outros, de seda; alguns, de metais escuros, e outros, de peles. Usavam ouro e tinta; tinham cabelo cacheado, trançado ou dourado, preto, verde ou raspado, formando um desenho de chama.

Razgut não teria sido notado na multidão; não por sua roupa, que era bonita mas simples, nem por sua cor, que nunca lhe parecera insípida até então. Ele era de um bege médio, com cabelo e olhos castanhos. Era belo também, mas todos eram, e nenhum mais impressionante que Elazael.

Ela era de Chavisaery, de onde vinham as tribos mais escuras de serafins. Pele tão negra quanto a asa de um corvo à sombra do eclipse e cabelo bem macio, de um rosado suave como o nascer do sol, caindo em cascatas claras pelos ombros escuros. Uma linha branca pintada em cada face, um ponto acima de cada olho. E, por falar em olhos: os dela eram castanhos, não pretos, mais claros que seu corpo, e impressionantes. E o branco dos olhos? Nunca caiu uma neve mais pura que o branco dos olhos de Elazael.

Cada tribo havia mandado seu melhor representante.

Menos uma. Uma cor não estava presente na multidão: não havia olhos de fogo naquela concentração dos jovens mais brilhantes de seu mundo. Só os Stelian se opuseram àquela escolha e tudo o que ela representava, mas ninguém se importava. Não na época. Naquele dia eles foram esquecidos, dispensados. Até segregados.

Mais tarde, isso mudaria.

Ah, deuses de luz, como mudaria.

Só os magos sabiam o que estavam procurando, e não diziam. Fizeram testes misteriosos, e a cada dia restavam menos candidatos — esperança, orgulho e sonhos mandados de volta para o lugar de onde tinham vindo, nenhuma glória para eles —, mas alguns ficavam. Dia após dia, eles se erguiam enquanto outros caíam, até restarem doze diante dos magos, que, por fim, sorriram.

Naquele dia os doze se despediram da vida que conheciam e se tornaram Pioneiros, primeiros e únicos. Foram divididos em dois grupos de seis, duas equipes para duas jornadas. Entraram em treinamento para o que os aguardava, e no fim não eram mais quem haviam sido. Coisas foram... feitas com eles. Com suas *animas* — os eus incorpóreos que são a verdadeira totalidade para a qual os corpos servem apenas como ícones fixos no espaço. Os magos estavam sempre se empenhando e pesquisando, e fizeram dos Pioneiros algo novo. Era adequado, já que seu trabalho era novo e grandioso.

Os Pioneiros foram escolhidos para serem exploradores, os portadores da luz de seu povo, para viajar através de todos os estratos do Continuum que formava o grande *Todo*. O mago regente do Colégio de Cosmologia explicara a eles:

— Os universos estão dispostos uns sobre os outros, como as páginas de um livro. Mas no Continuum cada página é infinita, e o livro não tem fim.

Isso queria dizer que cada "página" se estendia infinitamente ao longo do plano de sua existência. Ninguém nunca poderia chegar às margens de um universo. Não existiam margens. Um explorador viajando ao longo de um plano voaria para sempre e não esbarraria em nada. Planetas e estrelas, sim, mundos e vácuo, infinitamente e sem fronteiras. Nada para *atravessar*.

Era necessário passar *através* do plano. Não ao longo, mas direto para dentro dele. Como a ponta de uma caneta enfiada através de uma página para escrever na seguinte. Os magos aprenderam a fazê-lo após milhares de anos de estudos, e esse seria o trabalho dos Pioneiros: atravessar e deixar um registro deles e de sua raça em cada novo mundo que encontrassem.

Seis em uma direção, seis na direção oposta. Para o resto de suas vidas, a distância entre as equipes aumentaria — até nada menos que a maior distância já alcançada por membros daquela raça ou de outra qualquer. Esse era o pináculo da conquista de um mundo muito, *muito* antigo: nada menos que mapear a totalidade do grande Todo e alinhavar a plenitude do Continuum com a própria luz. Abrir portas e seguir, para sempre, de universo para universo para universo. Conhecê-los e, assim, de alguma

maneira *reivindicá-los*.

Os integrantes de cada grupo de seis seriam tudo uns para os outros — companheiros e familiares, defensores e amigos, e também amantes. Estavam encarregados, além da diretriz principal, de gerar herdeiros para o conhecimento que detinham. Eram três homens e três mulheres em cada grupo, e assim os magos haviam determinado a diretriz: não falaram em gerar "filhos", mas em "herdeiros do conhecimento".

Eles deveriam ser o começo de uma tribo, algo além do que seu povo jamais fora. Elazael e Razgut pertenciam ao mesmo grupo, bem como Iaoth e Dvira, Kleos e Arieth, e sua direção estava estabelecida. Outra noite de luz flamejante para atrair para eles os olhos dos deuses da luz. Para a glória de todos os serafins, com essa grande façanha adiante, um abrir de asas que jamais seria esquecido, uma partida que ecoaria através dos tempos, e então em um dia inimaginável, por estar em um futuro tão distante, eles ou seus descendentes voltariam para casa. Para Meliz.

Meliz, primeiro e último, Meliz eterno. O mundo de origem dos serafins.

Eles seriam lembrados para sempre. Venerados. Heróis de seu povo, aqueles que abririam as portas, as luzes na escuridão. E tudo seria glória.

Ah, o despeito. Ah, a angústia. Gargalhadas que rasgam como dentes. Não foi isso o que aconteceu. Não, não e não, e não para sempre.

O que aconteceu foi o Cataclisma.

***

Era o sonho — simples, pura e terrivelmente.

*Observe o céu.*

*Vai acontecer?*

*Não pode. Não deve.*

Aconteceu.

Nem todos os estratos do Continuum deveriam ser abertos e nem todos os mundos nas infinitas camadas sobrepostas eram receptivos à luz, como os Pioneiros descobriram, para seu grande desespero.

Havia uma escuridão inenarrável, e nela nadavam monstros imensos como mundos.

E eles os deixaram entrar. Razgut e Elazael, Iaoth e Dvira, Kleos e Arieth. Não foi de propósito. Não foi culpa deles.

Só que, é claro, foi culpa deles. Eles abriram um portal além do que jamais deveriam.

Mas como poderiam saber?

Os Stelian os haviam alertado.

Mas como iriam saber que deveriam ouvir os Stelian? Estavam muito ocupados sendo escolhidos. Ah, a glória.

Ah, a tragédia.

E quantos portais já haviam aberto até então? Quantos mundos tinham "alinhavado com a própria luz"? Quantos foram deixados abertos para as Feras, desprotegidos enquanto eles fugiam, de novo e de novo? Eles selavam os portais enquanto corriam de volta em direção a Meliz em pânico e desespero. Ao fecharem os portais um a um às suas costas, viam as Feras atravessá-los se aproximando cada vez mais. Não podiam impedi-las. Ninguém lhes havia ensinado como fazer isso, e então, mundo a mundo, página a página do livro que era o grande Todo: escuridão. Devorando.

Nada pior jamais fora feito, por acidente ou de propósito, em tempo algum, em espaço algum, e a culpa era deles.

E por fim não havia mais mundos entre o Cataclisma e Meliz. Meliz, primeiro e último, Meliz eterno. Os Pioneiros voltaram ao lar, e as Feras foram atrás deles.

E devoraram tudo.

# 66

## Muito mais do que salva

Quando acordou do sonho, Eliza percebeu que ainda estava sonhando. Havia adormecido muito profundamente, sabia disso, e imaginava que estivesse emergindo de *camadas* de sonhos — como se escalasse um buraco sem fundo e saísse de uma daquelas minas a céu aberto que são como o inferno na terra —, a cada nível chegando mais perto de acordar.

Mas só podia ser um sonho; no mínimo, porque desafiava a realidade.

Estava sentada em um degrau. Real o bastante, até então. Havia uma garota a seu lado: pequena, mas não uma criança. Uma adolescente, bonita como uma boneca e de olhos arregalados. Olhando para ela.

A garota engoliu em seco e disse, em um inglês hesitante e com sotaque:

— Hmm... Desculpa? Ou... de nada? O que parecer mais... apropriado... para você.

— Desculpa? — disse Eliza.

Ela quis dizer: *O quê?* O que a garota queria dizer? Mas a adolescente pareceu encarar aquilo como uma resposta.

— Desculpa, então — emendou ela, desanimada e com os olhos bem abertos, sem piscar.

Eliza desviou o olhar para o rapaz ao lado dela. E viu um assombro parecido nos olhos dele.

— Não foi nossa intenção — explicou ele. — Não sabíamos que... *isso* ia acontecer. Elas só... cresceram.

O rapaz se referia às asas: asas de sonho que saíam dos ombros de sonho de Eliza. Ao despertar — se é que se pode chamar assim a passagem de um sonho para outro; ela achava que não, por mais que parecesse —, ela percebera a mudança no próprio corpo, sem confirmação visual ou mesmo surpresa, como acontece nos sonhos. Então virou a cabeça para ver o que já sabia.

Asas de fogo vivo. Mexeu os ombros, sentindo músculos novos, e as asas responderam, flexionando e desprendendo uma chuva de centelhas. Eram as coisas mais lindas que Eliza já vira, e ela foi tomada pelo assombro.

Era um sonho muito melhor do que aqueles a que estava acostumada.

— Sinto muito pela sua blusa — prosseguiu a menina.

A princípio Eliza não entendeu do que ela estava falando, mas então percebeu que sua blusa pendia solta e esfarrapada, como se as asas a tivessem rasgado quando surgiram. Isso não parecia muito importante, a não ser por uma coisa: era um detalhe inesperado dentro de um sonho.

— Como você se sente? — perguntou o rapaz, atencioso. — Você... voltou?

Voltou? Voltou para onde? Ou... voltou *de* onde? Eliza percebeu que não tinha ideia de onde estava. Qual era a última coisa de que se lembrava? De estar em um carro no Marrocos, desacreditada.

Olhou em volta e viu que estava no canto de um beco estreito que quase parecia um cenário montado. Paralelepípedos e mármore, gerânios vermelhos enfileirados no beiral de uma janela. Varais no alto. Tudo ali dizia "Itália" tão claramente quanto o trecho de deserto que vira do avião dissera "*não* Itália". Um senhor de suspensórios se apoiava pesadamente em uma bengala, imóvel como um cartaz de papelão, encarando-a.

Foi como um formigamento no começo, o pressentimento de que aquilo não era um sonho. A bengala do velho estava emendada com fita adesiva. Um dos gerânios estava morto, e havia lixo e barulho. Buzinas agudas soavam em algum lugar fora de vista, e latidos, e um tipo de som abafado sobre todo o resto: o zumbido de muitas vozes distantes. Os ruídos do mundo se intrometendo em um sonho? Foi então que Eliza começou a entender.

Mas para entender de fato a situação na qual se encontrava, precisava ouvir seu interior.

A agitação dentro dela tinha se acalmado. As coisas conhecidas e enterradas já não tentavam mais sair. Ela precisou de um instante para entender a razão, e era muito simples. Não estavam mais enterradas.

Eram conhecidas.

Eliza entendia o que era. Perceber isso foi o equivalente mental a um vídeo em câmera lenta visto de trás para a frente: uma grande bagunça se ergue do chão e voa para se rearrumar em cima da mesa. A poça de chá se desfaz e o líquido volta em pleno ar para as xícaras, que aterrissam ordenadamente em uma bandeja. Livros saltam de um amontoado, batendo as capas como asas, e se empoleiram em uma pilha.

O sentido nascendo da loucura.

Estava tudo lá, e ainda era terrível — *tão, tão terrível* —, mas estava tudo calmo agora, e era dela. Ela fora salva.

— O que vocês fizeram comigo?

— Não sei — respondeu a garota, preocupada. — Não sabíamos o que havia de errado com você, então fizemos um pedido bem geral, na esperança de que a magia desse conta do recado.

*Magia? Pedido?*

— Eu sei o que havia de errado comigo — explicou Eliza, percebendo que era verdade.

Havia uma explicação para as coisas conhecidas que estavam enterradas, e *não era* a possibilidade de ela ser uma encarnação do anjo Elazael.

Júbilo e terror se fundiram em uma nova emoção, para a qual não havia nome. Ela não sabia como reagir. Sabia qual era seu problema, e não era aquilo que mais vinha temendo.

— Não fui eu — disse em voz alta, e esse era o júbilo.

A culpa que conhecia do sonho não era, nunca fora e nunca seria dela.

Mas o Cataclisma era real. Ela o compreendia perfeitamente agora, e esse era o terror.

Ela levou as mãos à cabeça. Parecia familiar sob seus dedos — *Eu sou eu, Eliza* —, mas por dentro, sua mente e a própria Eliza encerravam um vasto e novo território.

Os dois adolescentes a observavam de cenho franzido, provavelmente se perguntando se ela estava mais maluca do que antes. Mas não era o caso. Ela sabia disso com toda certeza. Seu cérebro, seu corpo e suas asas pareciam tão bem calibrados quanto uma criação perfeita da natureza. Uma dupla hélice. Uma galáxia. Um favo de mel. Entidades tão improváveis e fantásticas que faziam as pessoas sonharem que a Criação tinha uma vontade e uma inteligência selvagem.

Não tinha.

Não era que ela entendesse. Ninguém jamais conseguiria. Mas... ela conhecia a fonte.

De tudo.

Estava entre as coisas conhecidas e não mais enterradas, todas parte dela agora, ordenadas e entrelaçadas, e era tão bonito que Eliza queria venerá-la, embora soubesse que a fonte não tinha consciência. Faria tanto sentido quanto venerar o vento. Ela via que magia e ciência eram cara e coroa da mesma moeda brilhante.

E contemplou o Tempo, aberto a sua frente, desenrodilhado como uma fita de DNA. Cognoscível. Talvez até navegável.

Sua mente tremia no limiar dessa nova vastidão. Ela tinha sido salva, pensou, momentos antes. Agora via que fora mais do que salva. Muito mais do que salva.

— Então — começou Eliza, tentando não chorar enquanto olhava fixamente para seus salvadores com toda a ternura de que seus olhos eram capazes —, quem são vocês?

# 67

## Uma chuva de fagulhas

Karou seguiu Akiva para fora do Palácio Papal. Sob encanto, alcançou-o de uma forma meio desajeitada, mas só durante o pequeno susto dos primeiros segundos.

Nem foi um movimento intencional. Quer dizer, também não foi um acidente, um encontrão. Simplesmente o corpo dela tomou a decisão sem consultar o cérebro.

O calor e a corrente de ar denunciavam a posição dele, e a intenção de Karou era segui-lo até a cúpula da Basílica de São Pedro, de onde os quatro planejavam observar o êxodo de Jael. Invisíveis, acompanhariam com o olhar o exército do Domínio percorrer todo o caminho de volta ao Uzbequistão e, depois, cruzar o portal para Eretz.

Mas parte de Karou ainda estava suspensa na ponta daquela faca atirada, ouvindo o grito no qual quase havia se transformado. Ela não podia *ver* Akiva, para ter certeza de que ele estava bem, então ainda não tinha conseguido se recuperar. Não tinham nenhuma vitória para celebrar até o momento exceto o fato de estarem vivos, e era só nisso que conseguia concentrar suas preocupações enquanto se aproximava dele. Estavam agora sobre a praça, a colunata de Michelangelo desenhando-se em curva abaixo deles como braços estendidos.

Karou esticou a mão até onde o ombro de Akiva deveria estar, mas encontrou sua asa. Uma chuva de fagulhas. Ele se virou, surpreso ao sentir o toque, fazendo-a se desequilibrar e quase cair sobre ele, mas Akiva a aparou com o corpo, e não foi preciso mais nada.

Ímãs colidem, e rapidamente se alinham.

As mãos de Karou encontraram o rosto de Akiva, e sua boca seguiu pelo mesmo caminho. A princípio, meio atrapalhada, ela despejou um monte de beijos de agradecimento no rosto invisível dele. Tomada pela emoção, seus lábios paravam onde queriam — na testa, na bochecha, depois na ponte do nariz —, e, no profundo alívio daquele momento, ela mal registrava a sensação da pele dele contra a sua: o calor e a textura de, por fim, seus lábios sentirem Akiva.

Ela levou a mão ao coração dele, para ter certeza de que não tinha sido nenhuma ilusão, de que ele estava realmente inteiro e sem nenhum ferimento, e, sim, era verdade, então sua mão, satisfeita, se juntou à outra para deslizar até o ponto em que o pescoço encontrava o maxilar, para segurar firme o rosto dele e calcular onde estaria a boca.

Mas Akiva nem esperou.

Com um único bater de asas, o corpo do anjo avançou no ar com tamanho impulso que os dois se viram fundidos ainda mais intensamente do que durante o abraço no chuveiro, e o rosto de Karou não estava na altura do peito dele dessa vez, nem os pés dela permaneceram no chão.

Karou entrelaçou as pernas às dele. Enquanto era tomada e erguida no ar, subindo com ele em uma espiral, ela deslizou as mãos pelo pescoço de Akiva, subindo até o cabelo, segurando sua nuca.

Enfim. Enfim, eles se beijaram.

A boca de Akiva era ávida e doce e deliciosa e quente, e o beijo foi demorado e intenso e qualquer outra medida de extensão menos infinito. Isso não. Um beijo deve terminar para que outro comece, e foi o que aconteceu, várias e várias vezes.

Um beijo abria caminho para outro, e, imersa no mundo daquele abraço que a tudo consumia, Karou tinha a sensação de que cada beijo englobava o último. Era alucinante: um beijo dentro de um beijo dentro de um beijo, cada vez mais intenso e doce e quente e impetuoso, e ela só esperava que o equilíbrio de Akiva estivesse guiando os dois, porque tinha perdido o chão completamente. Não tinha mais noção de onde era o alto ou embaixo; o que havia eram apenas bocas e cinturas e mãos...

... e *agora* ela sentia o calor e a textura do corpo dele, macio e áspero e ardente.

Um beijo enquanto voavam, invisíveis, acima da praça de São Pedro. Parecia fantasia, mas era tão, tão real.

E então um sorriso compartilhado nasceu entre os dois, e uma risada se fez ouvir. O alívio os deixava ofegantes — o alívio e também um fator mais simples, a pura falta de oxigênio, porque, afinal, quem tem tempo de respirar? Testa com testa, e a ponta do nariz se tocando, eles pararam um pouco para absorver tudo aquilo. O beijo, a respiração e tudo o que tinham feito.

Soldados humanos faziam a patrulha lá embaixo, sem entender a repentina rajada de fagulhas. Karou e Akiva giravam no ar, mantendo-se no alto graças à magia e a lânguidas batidas de asas, juntos graças à forte atração que sentiram desde o primeiro instante em que se viram, em um campo de batalha tanto tempo antes.

Karou tocou o coração de Akiva de novo, para ter certeza.

— Como você fez aquilo? — perguntou ela, baixinho, a cabeça ainda zonza com o beijo. — Lá dentro?

— Não sei. Nunca sei. Só acontece.

— A faca passou direto por você. Você sentiu?

Ela queria vê-lo, mas, como não podia, mantinha a mão em seu rosto, a testa apoiada na dele.

Karou sentiu quando ele fez que sim, e a respiração de Akiva roçava os lábios dela quando ele falou:

— Senti e não senti. Não sei explicar. Eu estava lá e não estava. Vi a faca entrar no meu corpo e sair do outro lado.

Ela ficou em silêncio por um instante, processando aquilo.

— É verdade, então, o que Jael disse? Que você é... invisível para a morte? Não preciso nunca ter medo que morra?

— Não acredito que seja verdade. — Ele traçou o contorno do rosto dela com os lábios, como se assim pudesse enxergá-la. — Mas você teria me ressuscitado de qualquer jeito.

Teria? Ou será que eles teriam perdido o controle da situação e sido derrotados? Karou não queria nem pensar nessa possibilidade.

— Claro — disse ela, com falsa leveza. — Mas não vamos ser descuidados com esse corpo, está bem? — pediu, roçando o nariz no dele. — É sua alma que eu amo, mas gosto muito da embalagem também.

Sua voz soou rouca, e a resposta dele foi em um tom igualmente baixo:

— Não posso dizer que lamento ouvir isso.

Ele deslizou o rosto pelo de Karou para beijar o ponto atrás de sua orelha, provocando na mesma hora arrepios pelo corpo dela.

Então ela emitiu um leve murmúrio de surpresa que soou como o *Ah* de *Ah, meu Deus*, só que sem o *meu Deus*, ao ver, acima do ombro de Akiva, as primeiras fileiras de soldados de Jael saindo do Palácio Papal rumo ao céu.

# 68

## Decaído

“Não foi culpa nossa!”, gritou Razgut quando os Pioneiros foram sentenciados, mas era mentira.

*Era* culpa deles, e saber disso fez surgir uma dimensão de pesar e culpa em seus corpos e mentes que suplantou qualquer outra coisa que já tinham sido ou contido.

De volta a Meliz, descuidados em razão do pânico. O alarme. Antes seis, agora apenas quatro. Iaoth e Dvira tinham voltado para combater o Cataclisma e sido devorados.

Já na capital, os gritos, *As feras estão vindo! Fujam! As feras estão vindo!*

Alguns conseguiram escapar, por uma porta dos fundos, digamos. Os mundos coexistiam em camadas, como uma pilha de papéis. As feras vieram de uma direção, devastando tudo em seu caminho, e os que conseguiram fugir foram na outra direção, para o mundo vizinho: Eretz. Não houve tempo de organizar uma evacuação. De milhões, alguns milhares conseguiram. Nem mesmo dez mil, nem perto disso. Todos os outros foram deixados para trás.

Muitos, de todas as cores. Joias arrancadas de uma tapeçaria. A dádiva mais rica de um mundo. Perdida.

Muitos até chegaram ao portal, mas não conseguiram atravessar. A passagem era pequena. Dois ou três conseguiam se espremer de cada vez; era lento, e as feras estavam chegando. Os gritos que vinham do outro lado ainda hoje ecoavam nos ouvidos de Razgut como o grito de um mundo inteiro em agonia. Silenciados tão abruptamente, ele se lembrava disso, e alguns dos últimos que passaram ainda estendiam os braços para os entes queridos presos do outro lado.

Então o portal foi fechado, mas isso os Pioneiros tinham feito dezenas de vezes conforme fugiam e nunca era suficiente para deter as feras. Uma vez ferida, a pele entre os mundos nunca cicatrizava totalmente. Teria falhado de novo, e o Cataclisma teria aniquilado Eretz também, e então a Terra, e todos os mundos que vinham depois, a cada portal aberto pelos outros Seis, alcançando qualquer distância a que chegassem.

Mas os Stelian estavam entre aqueles que tinham conseguido escapar de Meliz, e estavam prontos. Sempre haviam se oposto à missão dos Pioneiros e vinham, desde a partida dele, se preparando para fazer o que ninguém mais podia ou faria: remendar a pele, o véu, a membrana, a energia, as camadas do grande Todo. Fecharam o portal e o mantiveram fechado. Eretz foi salva, e a Terra, e todo o resto.

Foram os Stelian que os salvaram.

Quanto aos Pioneiros: danação, desonra. E destruição.

Da cela que ocupavam na prisão, viram o que foi feito com a memória dos sobreviventes. Os magos não tinham aprendido a não se intrometer. Arrancaram do passado de cada serafim não apenas o Cataclisma, mas Meliz também, para que seu povo pudesse começar uma nova vida. Para que as pessoas, entendeu Razgut, não acordassem um dia e percebessem de quem era a verdadeira culpa: antes de tudo, dos magos que tinham idealizado a missão dos Pioneiros e que haviam selecionado seus melhores jovens para levá-la a cabo. Eles eram igualmente culpados. Mas não foram igualmente castigados. Ah, não, não eles.

Iaoth e Dvira tiveram sorte: rapidamente devorados, rapidamente mortos.

Quanto ao resto, tiveram as asas arrancadas. Começou por aí. Não cortadas. Rasgadas. Osso estilhaçado, ah, mas que dor, dor como nunca haviam sonhado. Razgut viu os outros três aleijados ao seu lado, mãos pesadas nas juntas de suas lindas asas, retorcendo, o rosto se retorcendo, em agonia insuportável, e ele sentiu tudo. Todos eles sentiram, em razão do que eram e do que havia sido feito com eles. Estavam ligados. O que um sentia, todos sentiam, ah, pelos deuses da luz. E a soma de toda a dor era demais.

E essa nem foi a pior parte. Não, imagine. Apenas o sal na ferida do verdadeiro castigo, que foi o exílio.

E até *isso* eles poderiam ter suportado, e conseguido ter algum tipo de vida debilitada em seu mundo-prisão, a Terra, mas, ah, que maldade. Ah, que angústia.

Foram separados. Quatro, eles eram; e havia quatro portais também, por azar ou por um planejamento cruel, e arrastaram-nos, um para longe do outro, para os cantos mais distantes de Eretz, e os expulsaram. Sozinhos. Sem asas. Pernas inutilizadas por esmagamento. Lançaram as quatro criaturas arruinadas em outro mundo, deixando que caíssem dos céus e se arrebentassem contra as estranhas paisagens de lá, e nem mesmo juntos.

Razgut foi levado pela baía das Feras; era um dia bonito, a água estava verde, e não havia uma única nuvem no céu. Um lindo dia para a agonia, e o carregaram por baixo dos braços até a beirada daquela fenda irregular no céu, e o atiraram, e ele caiu.

E caiu. E caiu.

E não morreu, por ser o que era: ele era o que os testes tinham provado naquele dia de glória muito tempo antes, e o que fizeram dele depois. Ele era um Pioneiro, e era forte além da força, forte demais para morrer com a *queda*, então sobreviveu, se é que se pode dizer isso, e nunca encontrou os outros no mundo de seu exílio, embora sentisse a dor deles — e o pesar, e a

culpa, tudo quadriplicado —, até que tudo começou a se dissipar. Ao longo dos anos, ele sentia à medida que cada um deles morria. Não como ou onde, mas qual, isso sim, até que todos os que haviam sido parte dele foram embora, total e finalmente — Kleos, Arieth, Elazael, um após o outro —, e ele ficou verdadeiramente só. Ele era um minúsculo ponto à deriva em uma grande ausência. Vivia com uma fissura na mente, mil anos no exílio.

E, ah, que maldade. Ah, que angústia. Ele permanecia vivo.

***

Esther Van de Vloet podia ter perdido a posse (temporariamente) de seus desejos, mas seu dinheiro e sua influência permaneciam intactos. Ela não ficou prostrada no chão do banheiro entregue ao desespero por muito tempo. Fez algumas ligações, entrou na internet para procurar fotos dos cafajestes — eles tornavam tudo tão fácil, essa juventude estúpida sem nenhum senso de privacidade — e mandou por e-mail não para a polícia, que já andava sobrecarregada naqueles dias, cuidando para que as coisas não saíssem totalmente de controle, mas para uma empresa particular que conhecia a reputação de Esther bem o bastante para ficar ao mesmo tempo feliz e preocupada ao ser contactada por ela.

— Eles estão em Roma — explicou. — Encontrem-nos. O pagamento será dividido em duas partes. A primeira, um milhão de euros. Imagino que será suficiente. — É claro que seria, eles lhe garantiram, *menos* satisfeitos com a absurda soma em dinheiro do que se imaginaria, pois certamente pressentiam o que viria em seguida. — A segunda: façam o que estou pedindo e não destruirei vocês.

Depois disso, ficou andando de um lado para o outro. Esperar era para esposas de soldados, e Esther abominava isso. Traveller e Methuselah ficaram fora de seu caminho, tristes e confusos. As cortinas ainda estavam abertas, não porque Esther fizesse questão de ver o céu, mas porque tinham sido deixadas assim. Seu caminhar nervoso a levou para perto das janelas, mas ela nem virou a cabeça. Estava fervendo de raiva. Havia sido roubada, violada. Não tinha o menor senso de ironia ou de punições merecidas. Estava apenas tomada por uma fúria avassaladora.

Só Deus sabe quantas voltas ela deu, passando pela janela, antes de finalmente notar a mudança no céu. Então sua noite passou de ruim a muito, muito ruim mesmo.

Os anjos subiam aos céus.

Gritos cobriam as ruas lá embaixo. Esther abriu as portas de vidro e correu para a sacada.

— *Não.* — Ela sentiu a voz nas entranhas, como um gemido, e teve que arrancá-la de dentro como carne viva, gemido a gemido, cada um a mesma simples palavra: — *Não. Não. Não.*

Os anjos estavam indo embora?

E quanto a *ela*? E o acordo que eles tinham firmado? Ela lhes dera Karou e ainda prometera muito mais, tudo que fosse necessário para conquistarem o mundo além daquele véu no céu. Armas, munição, tecnologia, até mesmo soldados. E o que havia pedido em troca?

Não muito. Apenas os direitos de mineração. De um mundo inteiro. Um mundo pouco desenvolvido com uma população já escrava, e um exército para proteger seus interesses. Esther cuidara para que não tivesse concorrência, para que nenhuma oferta chegasse aos anjos e nenhum suborno fosse maior que o seu. Era o maior golpe de negociação de todos os tempos. Ou melhor: teria sido, pois agora Esther Van de Vloet era obrigada a assistir, trêmula e muda, enquanto asas o levavam embora.

“Nada de mais”, dissera Karou, evasiva. “Vamos só persuadi-los a voltar para casa.”

E, pelo visto, tinham conseguido.

Então os anjos se foram e o céu voltou a ficar vazio. Esther procurou a notícia nos noticiários da TV e assistiu, junto com o restante do mundo, às imagens, capturadas por helicóptero, do “exército celestial” refazendo o caminho pelo qual tinha vindo do Uzbequistão três dias antes.

“Parece que os Visitantes estão indo embora”, anunciavam os comentaristas mais tranquilos, embora a tranquilidade não tenha prevalecido naquele dia. “Eles estão nos abandonando!” tinha sido o refrão mais comum. Era uma reviravolta nos acontecimentos que apelava para a culpa. Na primeira aparição dos anjos, a multidão no perímetro do Vaticano tinha deixado de lado a cantoria dos hinos e começado a gritar em êxtase. Mas agora que as falanges se realinhavam e começavam a se afastar, os gritos de alegria se transformavam em choro, e o lamento começava.

O papa se recusou a fazer qualquer declaração.

Quando o telefone de Esther tocou, ela já havia passado muito da fúria e alcançado um lugar radioso e reverberante que poderia muito bem ser a antessala da loucura. Chegar tão perto da grandeza e vê-la arrancada assim de suas mãos... Mas o som do telefone tocando foi como um estalar de dedos a sua frente, despertando-a do transe.

— Sim... Hã? Alô — atendeu, desorientada.

Ela não saberia dizer quem esperava que fosse. Provavelmente a agência que havia contratado para encontrar os ladrões de desejos; esse seria seu palpite e sua maior esperança. Os anjos tinham fugido. Esther tinha perdido, e não era tola de imaginar que teria outra chance em um jogo de poder como aquele. Então, quando ouviu que era Spivetti na linha — o criado que, a pedido do cardeal Schotte, vinha cumprindo as ordens dela no Palácio Papal —, uma chama de esperança se acendeu em seu íntimo. De *salvação.*

— O que foi? — perguntou ela. — O que aconteceu, Spivetti? Por que eles foram embora?

— Não sei, madame. — Ele parecia abalado. — Mas deixaram algo aqui.

— Tudo bem, e o que é?

— Eu... eu não sei — respondeu Spivetti.

O homem estava fora de si. Poderia ter dado alguma descrição rudimentar se Esther tivesse solicitado, mas não foi o caso. Em sua ganância, ela não perdeu tempo, seguindo apressada pelo longo corredor.

Esther levou horas para conseguir entrar no Vaticano, tendo que passar pela multidão pulsante, fedida e lamuriosa, e pelos postos militares. Horas e dezenas de ligações telefônicas, favores cobrados e prometidos, e, quando finalmente chegou, desgrenhada e com os olhos arregalados, achou que o olhar de pavor de Spivetti fosse uma reação a sua aparência, quando, na verdade, ele já estava assim fazia algumas horas, e continuaria dessa forma muito depois de Esther ter ido embora.

— Leve-me até lá — vociferou ela.

E foi assim que Esther Van de Vloet por fim entrou na câmara de Jael e se aproximou da enorme cama entalhada. O cômodo estava escuro. Seus olhos procuraram um baú de tesouros, talvez; algum objeto de riqueza. Ou uma mensagem, até um mapa. Só sentiu a presença quando já estava quase em cima da criatura, mas então já era tarde demais. As sombras a alcançaram, e eram braços. Finos e fortes como chicote, envolveram-na de maneira quase carinhosa. Como um amante colocando um xale sobre seus ombros. Essa imagem lhe ocorreu e logo sumiu. Os braços apertaram e, de sombra, viraram carne, e foi quando Esther Van de Vloet viu, pela primeira vez, a coisa que seria sua companhia até o fim de seus dias.

Foi tanto uma promessa quanto uma ameaça quando ele lhe disse, em meio a um riso que parecia um miado:

— Você nunca mais ficará sozinha.

*setenta e duas horas após a Chegada*

# 69

## Cuidado para aquela aba do céu não acertar vocês quando estiverem de saída

No dia 12 de agosto, às 9h12 GMT, mil anjos desapareceram por uma fenda no céu.

Ninguém os tinha visto chegar. Imaginaram céus tomados por cúmulos, raios de luz irrompendo enviesados por entre as nuvens, como uma imagem de um livro de catecismo. Mas a verdade era menos impressionante. Um a um cruzando uma fenda. Havia quase um quê de rebanho no processo. Ovelhas conduzidas para a tosquia, vacas para o abate e por aí vai. A uma média de aproximadamente seis segundos para cada soldado, levaram mais de duas horas para atravessar. Tempo suficiente para helicópteros se aglomerarem atrás deles.

Em consonância com a incapacidade que haviam demonstrado quando se tratava de decidirem o que fazer com relação aos anjos, os líderes mundiais se recusaram a enviar alguém atrás deles. *Que mensagem isso iria passar? Que consequências diplomáticas haveria? Quem estaria arriscando o pescoço nessa empreitada?*

Então um aventureiro bilionário independente decidiu tentar. Pilotando seu próprio helicóptero de última geração, ele hesitou apenas o bastante para alinhar sua aeronave com a fenda, mantendo o olhar fixo o tempo todo. Tinha começado a acelerar quando o fogo surgiu.

Fogo no céu.

O helicóptero recuou para o lado bem a tempo, e ele viu o fogo em primeira mão: rápido e forte, e de repente sumiu, levando embora também sua chance de bater seu quarto recorde mundial. Primeira missão para... o céu? Quem saberia dizer?

Ninguém. E nunca viriam a saber.

***

Zuzana, Mik e Eliza viram o fogo no céu pela TV em um bar de esquina em Roma. Brindaram ao sucesso da missão com prosecco.

— Aposto o que você quiser que Esther nunca tomou aquele champanhe que pediu — disse Mik, com ar de triunfo, tomando um grande gole de espumante.

Depois de tanto se preocuparem e de sofrerem com as terríveis maquinações da Vovó do Mal, eles tinham conseguido. Os anjos tinham ido embora, sem levar consigo nenhuma arma.

— Toma *essa*, vovó de araque — disse Zuzana, exultante.

Mas seu triunfo foi afugentado pela tristeza. O portal estava fechado, e um violino cheio de desejos não a levariam de volta a Eretz, onde qualquer coisa poderia estar acontecendo ainda. Não havia nada a fazer no momento além de continuarem se preocupando e talvez choramingando pelos cantos.

— O que você quer fazer? — perguntou ela a Mik. — Ir para casa?

Ele suspirou.

— Acho que sim. Ver nossas famílias. Além disso, certa marionete gigante e malvada deve estar se sentindo muito solitária.

Zuzana bufou.

— Ele pode ficar sozinho. Meus dias de bailarina acabaram.

— Você podia pelo menos fazer uma esposa para ele. Assim ele teria com quem aproveitar a aposentadoria.

Ao ouvir a palavra *esposa*, algo dentro de Zuzana entrou em efervescência. Mas ela sufocou isso com uma cara feia.

Eliza olhou para eles, perplexa.

— Vocês vão voltar para Praga?

Zuzana deu de ombros, pronta para afundar em um poço de autopiedade. *Talvez eu até chore*, pensou.

— O que você vai fazer?

— O que sei é o que não vou fazer, isso sim — respondeu Eliza. Suas asas estavam invisíveis (ela tinha descoberto por conta própria como fazer isso) e sua blusa rasgada nem parecia tão estranha. Podia praticamente passar por um detalhe fashion. — Não vou terminar minha dissertação. Sinto muito, *Danaus plexippus.*

— Quem? — perguntou Mik.

Eliza sorriu.

— Borboleta-monarca. É o que eu pesquiso. — Ela fez uma pausa e se corrigiu: — Pesquisava. Não posso voltar para aquela vida, não agora, por mais que eu queira destruir Morgan Toth com o mais excruciante tapa na testa de todos os tempos. O que quero fazer? — Ela olhou para os dois atentamente, os olhos arregalados e brilhantes. — Quero ir para Eretz.

Zuzana e Mik ficaram só olhando para ela, sem dizer nada. Zuzana lançou um olhar significativo para a tela da TV, onde tinham acabado de ver o portal queimar.

Eliza, aderindo a essa linguagem não verbal, ergueu as sobrancelhas e os ombros, como se dissesse: *Sim, e daí?*

Mik, controlado, soltou o ar dos pulmões lentamente. Zuzana mal se atrevia a ter esperanças, mas quando Eliza voltou a falar, não era sobre Eretz:

— Vocês sabiam que as borboletas-monarca migram oito mil quilômetros todo ano, somando todo o percurso de ida e volta? Nenhum outro inseto faz nada parecido. E o mais incrível nisso é que a migração é multigeracional. Aquelas que retornam para o norte não são as mesmas que foram para o sul no ano anterior. Mesmo tendo se passado vários ciclos de vida, de alguma forma elas encontram o caminho de volta.

Eliza ficou em silêncio por um tempo, um sorrisinho estranho brincando em seus lábios, como se ela não soubesse se uma coisa era engraçada ou não. Zuzana não sabia o que pensar de Eliza agora que a garota não era mais um vegetal. Não era só por ela agora ser coerente. Ela era... mais do que humana. E também não era só por causa das asas. Dava para sentir algo emanando dela: uma energia, incognoscível e crepitante. Mas o que é que eles tinham feito com ela, a partir de um simples gavriel?

— Não lembro como me interessei por elas. Mas com certeza o que me atraiu foi a questão da migração, o que faz todo sentido agora. Acho que eu sempre soube mais do que achava que sabia, se é que isso faz sentido.

— Não muito — disse Zuzana, sem meandros.

— Sou uma borboleta — observou Eliza, como se isso explicasse tudo. — Vários ciclos de vida depois. Só que mais do que vários, na verdade. Mil anos. Não sei quantas gerações.

Zuzana franziu a testa, esperando que ela dissesse algo que fizesse sentido. Já Mik, com o mesmo ar blasé com que havia reagido quando Karou lhe contara, meses antes, que era uma quimera, disse apenas:

— Legal.

Eliza riu, e começou a lhes contar sobre Elazael. A verdadeira Elazael. O que ela tinha sido e feito. Contou também sobre o sonho que a atormentara a vida inteira, e sobre o que significava aquele sonho. Zuzana pensava que tinha perdido sua capacidade de se surpreender, mas a encontrou de novo em um bar de esquina em Roma. Não, não era surpresa. Era mais que isso.

Zuzana encontrou sua capacidade de ficar desconcertada em um bar de esquina em Roma. Universos. Muitos. E costuras rompidas no revestimento do contínuo espaço-tempo. Ou algo assim. E anjos que eram como exploradores espaciais sem as naves, uma coisa meio ficção científica, mas com magia no lugar da ciência.

— Os magos fizeram alguma coisa com a mente dos Pioneiros — explicou Eliza. — Com a *anima* deles, na verdade. É mais do que a mente; é seu eu. Parte da missão deles era gerar descendentes em sua jornada, que deveriam nascer com todos os seus mapas e memórias... codificados dentro delas. Como conhecimento ancestral geneticamente codificado. Uma loucura. Para que um dia pudessem encontrar o caminho de casa.

— E você é um dos descendentes — deduziu Mik.

— Uma das tatatatatataranetas, ou algo do tipo.

— E tem os mapas — insistiu ele. — As lembranças.

Eliza fez que sim. Foi a intensidade de Mik que deu a dica para Zuzana de que aquilo era mais do que uma história interessante. Mapas, lembranças.

*Mapas. Lembranças.*

— Tem muita informação aqui — disse Eliza, batendo na cabeça com a ponta do dedo. — Ainda não processei tudo. Meu histórico familiar tem vários casos de loucura. Acho que é informação demais para a mente humana. É como um servidor sobrecarregado. Acaba *travando*. Eu *travei*. E vocês me destravaram. Nunca vou conseguir agradecer o suficiente.

O poço de autopiedade de Zuzana já tinha secado. Ela se aprumou.

— Se você está dizendo o que acho que está dizendo, vai ser mais do que o suficiente.

Eliza fez um biquinho, refletindo.

— Depende. O que acha que estou dizendo?

Seus olhos tinham um brilho travesso.

Zuzana colocou as mãos de leve no pescoço de Eliza, fingindo enforcá-la.

— *Desembucha.*

— Eu conheço outro portal. *Dã.*

# 70

## Outrora branco

A fúria acelerava o bater das asas de Jael, um voo nada harmonioso em sua volta para Eretz. Ele praticamente rasgou seu caminho pelo portal, desejando poder danificá-lo, danificar alguma coisa que fosse. *Akiva.* Sim. Queria ver o bastardo cheio de flechas como um boneco para treino de tiro ao alvo, pendurado no cadafalso do Setor Oeste por toda a eternidade.

Olhou em volta, inquieto. Maldito bastardo, podia estar em qualquer lugar. Será que tinha passado antes de Jael pelo portal? Ou viria depois? Segundo os termos do acordo que fizeram, no momento em que Jael chegasse a Eretz, Akiva estava livre para matá-lo de qualquer maneira *que não fosse* inflamando a marca de mão que supurava no peito dele. Isso ainda deixava muitas opções em aberto.

E Jael tinha tantas opções quanto ele. Até mais, já que não se deixava deter pela honra, que realmente encurta a lista de maneiras disponíveis para matar seu inimigo.

Não lhe escapava que sua sobrevivência dependia de o inimigo ter honra, mas isso não o obrigava a jogar da mesma maneira, não mesmo. Muito pelo contrário: era essencial que ele fosse o primeiro a tirar sangue. Não poderia descansar enquanto o bastardo não estivesse morto.

Já do outro lado do portal, Jael não esperou para supervisionar o tedioso retorno de seu exército, voou direto para o acampamento no meio de uma falange de guardas, com arqueiros flanqueando-os para o caso de Akiva aparecer.

A paisagem ali era bem parecida com a que tinham acabado de deixar: montanhas pardacentas e nada para se ver. O acampamento ficava no contraforte das montanhas, a cerca de meia hora de distância. Em um campo de gramíneas aplainadas pelo vento, as fileiras de barracas estavam dispostas em um formato mais ou menos retangular, e arqueiros nas torres de guarda vigiavam atentamente para o caso de algum ataque aéreo. Ali não havia nada contra o que se defender. A maior parte das forças de Jael estava a postos no sul e no leste, caçando os rebeldes.

E como tinham se saído? Ele logo ficaria sabendo.

Antes até do que esperava.

O acampamento mal tinha entrado em seu campo de visão quando notou o que o esperava na paliçada.

***

Karou viu também, embora de uma distância maior, e ficou sem ar. Da paliçada, ondulando com o vento, pendia um estandarte outrora branco e agora manchado de sangue e cinzas. Ela o reconheceu imediatamente. O lema ali escrito era nítido, ainda que o emblema com a cabeça de lobo estivesse... escondido. *Vitória e vingança*, era o que dizia na língua quimera. O estandarte do Lobo Branco — não a cópia que ele havia pendurado na casbá, mas o original, que devia ter sido roubado de Loramendi depois da queda.

Mas não foi o estandarte que deixou Karou sem ar. Se só o estandarte estivesse pendurado ali, poderia ser um sinal de que o Lobo Branco conquistara o acampamento. Mas não havia como entender errado o que balançava em frente ao estandarte, obscurecendo o emblema do lobo.

Karou tinha achado que conseguira manter sua esperança sob controle. Acreditara, ao cruzar de volta a fenda, que estava preparada para a possibilidade — probabilidade — de receber más notícias.

Mas que ilusão.

Em algum momento depois de deixarem os companheiros para trás, ela começara a acreditar, sem admitir para si mesma, que tudo ficaria bem. Porque tinha que ser assim. Não tinha?

Mas não. Nada estava bem.

Ela viu, balançando com uma corda no pescoço, aquilo que também um dia já fora branco, mas não mais: o corpo manchado e ferido de Thiago.

E ali estava a resposta, mais cedo do que esperavam, para o que acontecera quando eles deixaram a batalha nas Adelphas naquele momento crítico e tomaram a difícil decisão de completarem sua missão vital antes de voltarem.

*Eu fiz o bastante?*, Karou se perguntara na hora, já sabendo a resposta. *Fiz tudo o que podia?*

*Não.*

E seus companheiros tinham perdido. Morrido.

Akiva a abraçou, e eles não falaram nada, só ficaram vendo, impotentes, movendo-se pelo ar com as firmes batidas de asas de Akiva, vendo Jael aterrissar diante do corpo do Lobo Branco e gargalhar.

# 71

## Ausência

Karou se aproximou do corpo depois que Jael foi embora. Só por um instante, por precaução. Ao se aproximar, lembrou-se da última vez que aquele corpo sangrara. Sua pequena faca o matara então, e a ferida, limpa, foi facilmente costurada, preparando o receptáculo para a alma de Ziri.

Já essa ferida de agora... não era nada limpa.

*Não olhe.*

Aquela morte não tinha sido fácil, e a mente de Karou gritou pelo órfão de olhos castanhos que um dia a seguira por Loramendi, tímido e desengonçado como um cervo. Em quem um dia dera um beijo na testa de que só se lembrava porque ele lhe contara. Corando.

*Ziri.* Ela já havia sentido sua alma, quando a colocara naquele corpo, e a esperança, a esperança nunca aprendia mesmo.

É claro que a alma dele se fora. Nunca teria sobrevivido tanto tempo assim a céu aberto, ou a tão longa jornada. É claro que tinha evanescido. Mas Karou ainda tentou apurar os seus sentidos, porque não podia deixar de tentar. *Fiz tudo que podia?* E ainda assim prendeu a respiração, lágrimas descendo por seu rosto invisível. E ainda assim teve esperança.

A ausência tem presença, às vezes, e foi isso o que ela sentiu. Ausência como a grama pisada por onde alguém passou e se foi. Ausência onde um fio foi tirado, arrancado de uma tapeçaria, deixando um buraco que nunca poderá ser consertado.

Foi tudo o que ela sentiu.

# 72

## O Imperador de Vários Dias

Com o humor incrivelmente melhor, Jael seguiu para sua barraca. A sua frente ia seu séquito de guardas. Os soldados nas torres de vigia o saudaram ao vê-lo se aproximar, e um saltou, aterrissando perto dele para caminhar a seu lado.

— Reporte-se — bradou Jael, tirando o elmo e jogando-o para ele. — E os rebeldes?

— Nós os emboscamos nas Adelphas, senhor...

Jael se virou para ele instantaneamente.

— *Senhor?* — repetiu ele. Não reconheceu o soldado. — Não sou também seu imperador além de seu general?

O soldado fez uma reverência com a cabeça, aturdido.

— Eminência? — arriscou ele. — Lorde imperador? Encurralamos os rebeldes nas Adelphas. Ilegítimos e espectros juntos, se é que dá para acreditar.

Ah, Jael acreditava. Deixou escapar uma gargalhada.

— Não estou mentindo, senhor — prosseguiu o soldado, entendendo mal a reação do imperador. De novo: *senhor*.

Os olhos de Jael se estreitaram até quase se fecharem.

— *E*...?

— Eles empreenderam uma valorosa resistência — contou o soldado.

Jael leu o restante no sorriso dele. Uma valorosa resistência era uma resistência vencida. Era o que ele esperava, ainda mais depois de ver o corpo do Lobo Branco, e era tudo que precisava saber por ora. Seu sangue fervilhava de frustração contida e seus músculos estavam tensos de raiva. Por dias ele tinha se mantido manso com um coelho — um coelho castrado — naquele palácio infernal, não cedendo aos seus anseios para não ousar manchar sua reputação. E tudo para quê? Para ser escorraçado como um cão medroso? Nem se atrevera a matar o Decaído, por medo de desobedecer à instrução de Akiva de não derramar sangue.

Ele olhou em volta à procura de seu intendente.

— Onde está Mechel?

— Não sei, lorde imperador. Posso ajudá-lo em seu lugar?

Jael deu um grunhido de má vontade.

— Envie uma mulher a meus aposentos — exigiu, e se virou para ir embora.

— Não é preciso, senhor. Já há uma à sua espera na barraca. — Ainda aquele sorriso. — Para celebrar a vitória.

Jael deu um tapa na cara do soldado, cuja expressão quase não se alterou quando sua cabeça foi impulsionada violentamente para o outro lado. Um fio de sangue surgiu em seu lábio, mas ele não fez nada para estancá-lo.

— Pareço vitorioso para você? — retumbou Jael, fervendo de raiva. Ele estendeu as mãos vazias. — Está vendo todas as minhas armas novas? Mal posso carregar todas! *Essa é a minha vitória!*

Ele sentiu o rosto ficar roxo, e se lembrou do irmão, cujos acessos de fúria eram famosos, letais. Jael se orgulhava de ser uma criatura astuta e não temperamental, e astúcia significava matar não com paixão, mas com frieza.

Então apenas empurrou o soldado — guardando o sorriso na memória, para uma punição mais bem pensada no futuro — e entrou em sua barraca, rasgando o ridículo traje branco e emitindo um sibilar de dor quando puxou a seda queimada que tinha grudado na pele exsudada de sua ferida, reabrindo-a.

Ele xingou. A dor era um lembrete pulsante de seu fracasso, sua vulnerabilidade. Precisava se lembrar do próprio poder. Precisava fazer seu sangue correr, sua respiração fluir, para provar quem ele...

Então parou de repente. A cama estava vazia.

Seus olhos se estreitaram. Onde estava a mulher? Escondida? Com medo? Muito bem. O calor em seu corpo aumentou. Aquilo daria um bom começo.

— Apareça, apareça onde quer que esteja — chamou ele em tom áspero, virando-se lentamente.

A barraca estava às escuras, as paredes de lona cobertas de peles para bloquear a entrada do vento e da luz. Não havia nenhum lampião aceso. A única iluminação vinha das asas de Jael...

... e das asas da mulher.

Ali.

Ela não estava escondida. Não estava com medo. Estava sentada à mesa dele. Jael sentiu a raiva brotar. A vagabunda estava sentada à mesa em que ele elaborava suas estratégias militares, lânguida na cadeira, todos os seus planos de guerra abertos e expostos enquanto ela rolava um peso de papel para a frente e para trás na palma da mão. Ele não deixou de notar que a outra mão descansava no cabo de uma espada.

— O que está fazendo? — rosnou ele.

— Esperando você.

Não havia medo na voz dela, nem vergonha ou humildade. Suas asas a iluminavam por trás, e as sombras indistintas pareciam encobri-la, de forma que Jael via apenas seu contorno quando avançou com ímpeto, pronto para arrancá-la da cadeira pelo cabelo. Seria ainda melhor do que se ela estivesse escondida, melhor do que se estivesse com medo. Talvez ela até resistisse...

Mas então ele viu o rosto dela, e parou, sem ação.

Se demorou a entender os desdobramentos daquela visita, foi só porque era inimaginável. Quatro mil soldados do Domínio haviam sido enviados para esmagar menos de quinhentos rebeldes e *tinham conseguido*, trazendo de volta o corpo do Lobo Branco como prova. Além do mais, *os guardas...*

Atrás dele, à entrada da barraca sem ter sido chamado nem recebido permissão, o soldado que Jael não havia reconhecido falou:

— Ah, devo esclarecer — novamente o sorriso — que não estava me referindo a celebrar a *sua* vitória. *Senhor*. E sim a *nossa*.

Jael tentou balbuciar alguma coisa.

Desembainhando a espada em um movimento fluido, Liraz se levantou da cadeira.

***

— Karou — chamou Akiva.

Os dois cruzavam silenciosamente o acampamento.

— Sim? — sussurrou ela.

O acampamento deserto era meio sombrio, mas ela sabia que não ficaria assim por muito tempo. As tropas logo chegariam, e seria perigoso continuarem ali. Se pretendiam atacar Jael, tinha que ser agora.

Mas, para seu espanto, Akiva de repente desfez o encanto de invisibilidade.

— O que está fazendo? — sussurrou ela, preocupada.

Estavam bem à vista de uma das torres de guarda, e a escolta pessoal de Jael ainda não devia ter dispersado. Eles podiam estar em qualquer lugar. Por que, então, Akiva não parecia preocupado?

Por que parecia... surpreso? Maravilhado.

— Aquele soldado — disse ele, indicando a barraca do imperador e o guarda que tinha acabado de entrar atrás de Jael. — Era Xathanael.

***

*Liraz.* Jael teve que piscar repetidas vezes, porque o estranho manto de escuridão parecia se mover junto com a mulher quando ela foi se afastando da mesa. Pernas longas, passos largos, sem pressa. Liraz dos Ilegítimos avançou com uma escolta de escuridão, e suas mãos eram negras, cobertas pela tinta das marcas de todas as vidas que ela tinha tirado, e a escuridão que a encobria havia tirado tantas quanto ela, talvez mais. A escuridão se mexia como mercúrio, assumindo formas ao seu lado.

Eram duas: aladas e felinas, com cabeça e pescoço de mulher. Esfinges. Sorriam.

— Ilegítimos e espectros juntos, se é que dá para acreditar — repetiu o soldado atrás dele.

— Meu irmão Xathanael — disse Liraz, tão calma quanto se fosse ela a anfitriã e os apresentasse educadamente. — E você conhece Tangris e Bashees? Não? Talvez pelo nome mais conhecido delas, então. As Sombras Vivas.

Naquilo *não dava* para acreditar, embora Jael estivesse vendo com os próprios olhos: Liraz, tão letal quanto esplêndida, de pé entre as Sombras Vivas. *As Sombras Vivas.* Durante as campanhas quimeras, num acampamento exatamente como aquele, não houvera terror maior do que aquelas misteriosas assassinas.

Ele sentiu o corpo gelar. Foi quando pensou em chamar seus guardas que finalmente compreendeu, tarde demais, quando já estava preso ali: o acampamento havia sido dominado, assim como ele, e àquela altura seus guardas também deviam ter sido rendidos.

Seus guardas talvez, mas não seu exército. Jael sentiu a esperança voltar. Eles eram sua salvação, e estavam chegando, em número que facilmente derrotaria a força insignificante dos rebeldes ali. Número. Nem mesmo Akiva seria capaz de deter tantos soldados. Jael não podia cair na mesma armadilha em que resvalara da última vez, não podia permitir que o usassem. Olhou para as esfinges. Uma delas piscou para ele. Jael estremeceu.

— Uma estratégia brilhante — disse, tentando ganhar tempo. — Inimigos unidos.

— É seu presente para Eretz — replicou Liraz —, e vou fazer com que você seja lembrando por isso. O Imperador de Vários Dias, é como será chamado, porque foi todo o tempo que durou seu domínio, e mesmo assim, durante esse curto período, você não só dissolveu o império como realizou o feito extraordinário de unir inimigos mortais numa paz duradoura.

— Duradoura — zombou ele. — Assim que eu morrer vocês vão voltar a pular na garganta uns dos outros.

Palavras mal escolhidas.

— Morrer? — Liraz o encarou com surpresa. — Por quê, tio? Está doente? Pretende morrer em breve?

Ela havia mudado. Não era mais a garota arredia, esbanjando ferocidade, que ele tentara tomar para si na Torre da Conquista. "Não há nada no mundo como uma tempestade em fúria", dissera ele então, para provocá-la. Agora, porém, não havia nenhuma tempestade, nenhuma fúria. Havia uma serenidade nela recém-conquistada, mas que não a fazia murchar nem se encolher. Na verdade, de certa forma, parecia engrandecê-la. Ela não era mais apenas uma arma, como fora treinada para ser, mas uma mulher em pleno comando de seu poder, que não se deixa subjugar nem vencer. E isso era perigoso.

Jael ficou tenso, procurando ouvir algum sinal de que seu exército se aproximava. Liraz deve ter notado, pois balançou a cabeça pesarosamente, como se lamentasse por ele. Então olhou de maneira indagadora para o soldado sorridente, que assentiu.

— Ótimo. — Ela se virou de volta para Jael. — Venha. Você precisa ver uma coisa.

Jael não achava que precisasse ver nada que ela quisesse lhe mostrar. Pensou, então, em puxar a espada, mas a esfinge que tinha piscado o alcançou em um borrão de velocidade que era meio gato, meio fumaça, envolvendo-o. Jael se sentiu atordoado — um estupor doce e suave —, e a chance se perdeu. Liraz o desarmou como se ele fosse uma criança ou um bêbado, jogou a espada dele para o lado e o empurrou porta afora.

Antes de mais nada, ele viu o Ruína das Feras bem ali a sua frente. Instintivamente se encolheu. O bastardo tinha vindo matá-lo, como disse que faria, e os guardas de Jael tinham sumido?

Mas o Ruína das Feras não estava nem olhando para ele.

— Liraz! — gritou.

A alegria em sua voz deveria ter enfurecido Jael, mas ele mal notou isso, concentrado que estava no que Liraz o levara para ver.

Como uma nuvem carregada, ele foi coberto pela sombra de um exército. Era imensa, abarcando todo o céu visível.

E não era o exército dele.

Jael ergueu os olhos, a cabeça inclinada para trás e tudo o mais esquecido, tentando calcular o número que aquelas fileiras representavam. Não devia haver ali mais que uns trezentos Ilegítimos, mesmo que todos tivessem sobrevivido ao ataque nas montanhas Adelphas. Mesmo que...

O soldado risonho. "Eles empreenderam uma valorosa resistência", dissera, e era o que parecia. Das tropas pairando no alto, boa parte vestia a roupa preta dos Ilegítimos. E o restante? Havia quimeras entre eles, sim. Não mantinham a mesma formação organizada que os serafins; era bem o que se podia esperar deles: feras selvagens, nenhuma uniformidade em tamanho, forma ou vestimenta. Pareciam ter saído de um bestiário, e que os deuses da luz ajudassem quem se aliasse a eles.

Que os deuses da luz ajudassem a Segunda Legião, então, porque Jael viu, com os olhos turvos de fúria, que eram eles a maior parte daquela força aérea, vestidos com sua armadura padrão de aço: nenhuma cor, nenhum estandarte, nenhum brasão. Apenas espadas e escudos. Ah, tantas espadas e escudos.

E de lá do alto das montanhas veio, por fim, o exército do próprio Jael, todos de branco, derrotados e sem defesas, e Jael não teve escolha a não ser permanecer ali e ver as duas forças se encararem, frente a frente, através de uma extensão de céu. Alguns dos soldados dos dois lados tomaram a dianteira e foram se encontrar no meio. Jael cuspiu na grama, rindo de bastardos e feras, e exclamou:

— O Domínio nunca se rende! É nosso lema! Fui eu mesmo que escrevi!

*Que lutem*, desejou, com um fervor que fazia o pensamento beirar a oração. Que morram, e, vencendo ou não, que levem os traidores e rebeldes com eles para o túmulo.

Estavam muito distantes para que Jael conseguisse ver quem falava em nome deles, muito menos entender o que foi dito, mas o resultado ficou claro quando os soldados do Domínio desceram pelo céu, em uma área fora de vista devido à grama mais alta, e pousaram em... rendição.

— Talvez eles não estejam se rendendo — disse o soldado risonho, fingindo tentar consolá-lo. — Talvez só estejam todos muito apertados para mijar.

Jael não os viu largarem as espadas. Não precisava. Sabia que tinha perdido.

Sua Eminência, segundo filho, Jael Cortado-ao-Meio, o Imperador de Vários Dias, tinha perdido seu exército e seu império. E agora, com certeza, também sua vida.

— O que estão esperando? — gritou ele, lançando-se para cima de Liraz. Desviando elegantemente para o lado, ela o fez cair de cara no chão e, com um chute bem posicionado, virou-o de costas, arfante. — Me mate! — bradou ele, ali caído. — Eu sei que é isso que você quer!

Mas ela apenas balançou a cabeça e sorriu. Jael quis urrar de ódio, porque aquele sorriso mostrava que ela tinha... planos, e nesses planos, percebeu ele, não estava incluída uma morte fácil.

# 73

## Borboleta na garrafa

Karou e Liraz se uniram, sem que tivessem combinado nada antes, para tirarem o corpo de Thiago da paliçada.

Muita coisa vinha acontecendo no acampamento desde que o Domínio se rendera, de forma que não haviam tido tempo para cuidarem disso antes. Reuniões e apresentações, conclamações e explicações, logística e estratégia para debater e implementar, e comemoração também — ainda que minada por uma forte dose de dor, porque eles haviam tido baixas nas Adelphas, muitas delas irreparáveis.

Havia alguns turíbulos. Karou abriu todos, deixando as almas tocarem seus sentidos, mas em nenhum deles encontrou o que estava procurando.

Caminhou a passos pesados em direção ao corpo que tinha muitos motivos para odiar, mas descobriu que não conseguia mais. Estava triste apenas por causa de Ziri ou também um pouco pelo verdadeiro Lobo, que, apesar de todos os seus grandes defeitos, dera tanto (tantos anos, tantas mortes, tanta dor) por seu povo?

Para sua surpresa, Liraz estava lá, olhando para a paliçada e para o corpo ali pendurado.

— Ah — disse Karou, pega de surpresa. — Oi.

Nenhum *oi* em resposta.

— Eu o coloquei ali — disse Liraz, sem se virar, a voz carregada de emoção contida.

Karou então percebeu que ela sentia o luto por ele, por Ziri. Embora não soubesse como havia acontecido, como houvera tempo de brotar algum sentimento entre eles, não estava surpresa. Em relação a Liraz; não mais.

— Foi para Jael, caso ele ficasse desconfiado ao voltar para o acampamento. — Ela se virou para Karou com um olhar tenso no rosto. — Não foi... desrespeito.

— Eu sei. — Sentindo como se fosse insuficiente, Karou acrescentou, baixinho: — Não era ele. Não mesmo.

— Eu sei.

A voz de Liraz saía rouca. As duas não falaram mais nada antes de terminarem de cortar as cordas e deitar o corpo no chão. Também baixaram o estandarte. *Vitória e vingança*: aquelas palavras pertenciam a outra época. Karou cobriu o corpo com o tecido do estandarte, uma mortalha para cobrir a profanação da morte violenta.

— Você pode queimar o corpo? — pediu ela.

*O corpo*. Porque era só o que restava. Um receptáculo, vazio, como uma concha deixada na praia.

Liraz se ajoelhou para atear fogo ao peito largo. Fios de fumaça começaram a subir de sua mão, e...

— Espere — pediu Karou, lembrando-se de algo. Então se ajoelhou também, do outro lado dele, e levou a mão ao bolso do general. O que pegou era pequeno, do tamanho de seu dedo mínimo. Preto, liso e pontudo. — É do corpo verdadeiro dele — explicou, entregando a ponta do chifre de Ziri a Liraz. — Pronto.

Então ele queimou. O fogo subiu bem alto, limpo, esplêndido e anormalmente quente, deixando apenas cinzas, que o vento levou antes mesmo de as chamas se apagarem.

Só então Karou notou o silêncio que havia tomado conta do acampamento. Ao se virar para o portão, viu o grupo reunido ali, assistindo a tudo. Akiva estava à frente, assim como Haxaya, que olhou para Liraz, que retribuiu o olhar, e não havia mais inimizade entre elas.

— Venham — disse Akiva, chamando os outros para saírem dali.

Então ficaram apenas Karou e Liraz de novo. Nenhum corpo. Nem mesmo cinzas. Karou ficou ali mais um pouco. Queria muito fazer uma pergunta, mas estava se controlando.

— Eu não o vi morrer — respondeu Liraz, ainda segurando a ponta do chifre, apertando a mão com força junto às costelas.

Karou continuou em silêncio, parada, sentindo que estava chegando: aquilo que queria tanto saber.

— Quando voltei do portal, estava tudo um caos. Teve uma hora em que até consegui vê-lo, mas não chegar perto, então quando olhei de novo ele não estava mais lá. Depois... — Ela parecia transtornada. Lançou um olhar desconfiado para Karou e, enfim, disse, abertamente: — Não sei como aconteceu. Como vencemos. Não tem explicação. Vi soldados caírem do céu, sem flechas, sem ferimentos, sem ninguém por perto que pudesse tê-los ferido. Outros fugiram. Foram mais fugas do que baixas, eu acho. Não sei.

Ela balançou a cabeça, como que para clarear os pensamentos.

Karou já tinha ouvido mais ou menos a mesma coisa de Elyon, cujo relato feito a Akiva havia sido reforçado por Balieros. Uma vitória misteriosa; impossível. O que significaria aquilo?

— Até que finalmente encontrei o corpo dele. Tinha caído em uma ravina. Dentro de um riacho.

Ela olhou para Karou de relance. Tudo em Liraz revelava cautela e apreensão. Parecia esperar que Karou dissesse alguma coisa.

Será que pensava que Karou a culpava?
— Não foi sua culpa.
Mas não era isso que Liraz queria ouvir, pois ela bufou, impaciente.
— Água — começou ela. — A água, água corrente... acelera... a evanescência?
Karou olhou para Liraz enquanto absorvia suas palavras. Ficou ainda mais quieta. Imóvel, o fôlego preso entre uma respiração e outra. Era isso que não tinha conseguido perguntar. Ela queria dizer...? Karou lembrava-se claramente do desespero no rosto de Liraz quando lhe contara, o mais gentilmente possível dentro das circunstâncias, que a alma de Hazael havia se perdido. Que Liraz carregara o corpo dele por dois céus para nada e que, no processo de levá-lo para um ressurreicionista, em vez disso fizera a alma dele ir embora.
Não podia ter sido por isso que ela carregara o corpo de Thiago até ali... Ou podia?
O olhar de Karou correu para onde estivera o corpo. Liraz reparou.
— Você acha que não aprendi? — perguntou a serafim, incrédula.
E, assim, Karou quase ousou ter esperança.
— Você...? — perguntou ela, num fiapo de voz.
*Você aprendeu?*
*Você colheu a alma de Ziri?*
*Pelos deuses e pela poeira estelar, você fez isso?*
Liraz começou a tremer.
— Eu não sei — respondeu Liraz. — Não sei.
Sua voz ficou presa na garganta, e de repente ela estava chorando. Liraz mexeu no cinto, atrapalhada e nervosa. Então estendeu algo para Karou com as mãos descontroladamente trêmulas. Era seu cantil.
— Não é um turíbulo, mas fecha. Eu não tinha incenso, e não consegui encontrar ninguém por perto. Achei que seria pior esperar, mas também não consegui perceber se algo aconteceu. Não senti nada, nem vi nada, então acho que... acho que a alma dele já tinha ido embora. — Ela agora despejava apressadamente as palavras, recuava para uma série de silêncios tensos, e em seus olhos travava-se uma guerra entre a esperança e a cautela. — Eu... eu cantei — sussurrou Liraz. — Se é que faz diferença.
Karou sentiu o coração em pedaços. Aquela soldada Ilegítima, a mais brutal de todos os seus, tinha agachado nas águas geladas de um riacho e cantado, na tentativa de conduzir uma alma quimera para seu cantil, porque não soubera o que mais poderia fazer.
Cantos não faziam diferença, mas ela não diria isso a Liraz. Se a alma de Ziri estivesse naquele cantil, ficaria feliz em aprender a canção que Liraz havia cantado e torná-la parte definitiva de seus rituais de ressurreição, apenas para que a serafim nunca achasse que tinha sido tola.
*E quem sabe?*, pensou Karou, pegando o cantil. *Quem pode saber ao certo? Porque eu com certeza não sei.*
Suas mãos também tremiam quando girou a tampa. Tentou firmá-las no gargalo de metal do cantil, que deveria estar gelado ali no ar da montanha, mas na verdade estava quente, pelo contato com o corpo de Liraz.
Então, o mais delicadamente que conseguiu com os dedos trêmulos, levantou a tampa.
Ficou tensa, tentando perceber algo com os sentidos. Procurando, esperançosa. Era como se curvar para a frente e respirar fundo — só que sem se curvar, sem respirar. Uma parte incognoscível dela avançou quase imperceptivelmente, se desprendeu, procurou. O que Akiva tinha dito mesmo? Um esquema de energias, mais do que mente e mais do que alma. Ela usou isso, fosse lá o que fosse, para procurar, e sentiu...
*... lar.*
Foi o que chegou até ela. Seu lar, seu e de Ziri. Talvez de todos eles agora. Ela ficaria feliz em dividi-lo. Podiam ser uma tribo grande e louca, mas que viessem todos. Anjos e demônios descansando e amando, ou discutindo, ou lutando, ou aprendendo a tocar violino com Mik, ou ensinando seus bebês mestiços a voar com asas que não seriam nem de Kirin nem de serafim, mas asas que seriam uma mistura de pena-morcego-fogo. Ou seria como a cor dos olhos; você herda uma ou outra. *Ela estava pensando em bebês?* Karou ria e assentia, e Liraz soluçava e ria, e as duas caíram uma contra a outra, o cantil entre elas, com sua preciosa tampa bem fechada. O alívio delas era um país dividido em dois, porque Karou percebeu com seus sentidos o bater das asas dos caça-tempestades, e o vento que atravessava o alto das montanhas Adelphas, a linda, eterna e triste música das flautas que costumava preencher as cavernas com sons, mas também algo que ela não se lembrava de ter sentido antes. Era fogo, seguro em mãos em concha, e ela talvez soubesse o que significava.
Liraz podia ter capturado a alma de Ziri como uma borboleta em uma garrafa, mas isso era apenas uma formalidade, pois já pertencia a ela.
E, claramente, a julgar pelo estado de Liraz, rindo e soluçando nos braços de Karou, a dela pertencia a ele.

# 74

## Capítulo um

Então Jael estava deposto e os portais, fechados, sem que nenhuma arma tivesse sido levada para Eretz para causar mais devastação. Os soldados do Domínio tinham sido derrotados, deixando a Segunda Legião, ou o assim chamado exército comum, como a força dominante em terra. Eram o maior exército, e sempre tinham ocupado um meio-termo entre os soldados de origem nobre do Domínio e os bastardos Ilegítimos, mas, se tivessem que escolher — o que antes era inimaginável, mas que se impusera a eles —, ficariam do lado dos bastardos.

Sob os auspícios de um comandante chamado Ormerod, que Akiva conhecia e respeitava, foi o que fizeram, anulando *de facto* a sentença de morte dos Ilegítimos e declarando fim às hostilidades.

Mas *declarar* e *alcançar* eram coisas bem diferentes. À parte as tensões que existiam entre os exércitos serafins, a Segunda Legião estava longe de considerar suas inimigas quimeras companheiros em armas. Por ora, tinham, relutantemente, feito a mesma promessa assumida pelos Ilegítimos dias antes. Karou só esperava que tal promessa não fosse testada da mesma forma. Eles não atacariam primeiro.

Uma trégua não é uma aliança, mas é um começo.

Elyon, ao que parecia, tinha sido aquele que — depois da misteriosa vitória nas Adelphas — fora a cabo Armasin no lugar de Akiva para advogar pela causa rebelde e que sem dúvida se saíra bem. Agora ele e Ormerod escoltariam Jael de volta para Astrae para dar início a uma nova era na vida dele. De capitão a imperador, e de imperador a... peça em exibição.

O Imperador de Vários Dias seria a estrela do próprio zoológico.

Ninguém teria culpado Liraz por matá-lo, ninguém teria lamentado. Mas quando se vira diante daquela criatura encolhida e estridente, ela descobriu que não tinha em si a vontade. Não só para evitar aumentar sua contagem e para não prosseguir com a matança, mas também pela simples razão de que Jael claramente *queria* que ela o matasse.

Na Torre da Conquista, ela é que preferira a morte a encarar o destino que Jael escolhera para ela. “Mate-me com meus irmãos, ou vai desejar ter feito isso”, tinha despejado em cima dele, e Jael se fingira ofendido. “Você prefere *morrer* com eles a esfregar minhas costas?”

“Mil vezes”, respondera ela. E Jael? Ele levara a mão ao coração. “Minha querida. Será que não vê? Saber disso é o que torna tudo ainda mais delicioso.”

Agora era ela que conhecia a delícia que era negar a morte em vez de concedê-la.

— Eu estava pensando — tinha ponderado quando estava diante dele — que seria bom para as pessoas verem com os próprios olhos o tirano do qual foram libertados. Uma coisa é ouvir falar sobre o *horror* que é você, e outra é saber disso por experiência própria.

Ele então parou de se contorcer e ergueu os olhos para encará-la, perplexo.

— Venham, venham ver como é um imperador — continuou ela, saboreando a ideia. Estava se lembrando do que testemunhara nas Terras Distantes, quando Jael fizera espadas atravessarem as palmas das mãos de Ziri e o obrigara a comer as cinzas de seus companheiros. — Venham dar uma olhadinha, vejam do que salvamos vocês, aposto que ficarão de joelhos para nos agradecer. De joelhos e vomitando.

A reação dele foi violenta, um jorro de furiosas invectivas que saíam de sua boca misturadas à saliva e uma série de contorções faciais que o fizeram alcançar novos patamares de monstruosidade. Diante disso, ela apenas replicou, tranquilamente:

— Sim, isso. Faça exatamente isso quando forem ver você. Perfeito.

Em termos de aplicação da justiça, o império não tinha um sistema adequado, e ninguém sabia como construir um, sem falar de um novo sistema de governo para tomar o lugar do horroroso que tinham acabado de derrubar. E havia também o trabalho de libertar os escravos, assim como arrumar uma ocupação para os muitos homens e mulheres que não conheciam nenhum meio de vida além da guerra.

Se havia alguma coisa que eles sabiam ali naquela noite no contraforte das montanhas Veskal era a grande dimensão do que *não* sabiam. Em essência, tinham escrito “Capítulo um” na primeira página de um novo livro, e tudo o mais — *tudo* — faltava ser escrito. Karou esperava que fosse um livro longo. E monótono.

— Monótono? — repetiu Akiva, cético.

Estavam sentados juntos perto do fogo, comendo da provisão do Domínio. Karou ficou intrigada ao ver Liraz entre Tangris e Bashees do outro lado, mas depois concluiu que as três combinavam entre si.

— Monótono — confirmou Karou.

A história condicionava as pessoas para calamidades de escala épica. Uma vez, quando estava estudando as batalhas da Primeira Guerra Mundial, ela se pegara pensando: *Só oito mil homens morreram aqui. Bem, nem é tanto*. Em comparação

com o saldo de, digamos, *um milhão* de pessoas que morreram na Batalha do Somme, não era mesmo. Os espantosos números nos deixam anestesiados ao meramente trágico, e a história nos dias tranquilos não compensa para equilibrar. *No dia de hoje, ninguém no mundo foi assassinado. Uma leoa teve filhotes. Joaninhas se alimentaram de pulgões. Uma menina apaixonada passou a manhã toda sonhando acordada e não fez seus deveres, mas nem foi repreendida.*

O que era mais fantástico que um dia monótono?

— Um monótono *bom* — esclareceu ela. — Sem guerras para apimentar as coisas. Nada de conquistas ou incursões escravagistas, só consertar e construir.

— E como isso pode ser monótono? — perguntou Akiva, achando graça.

— Assim. — Karou limpou a garganta e fez o que, em sua concepção, seria a voz enfadonha da história. — Estamos em janeiro, ano do... neek-neek. A guarnição de cabo Armasin sai à procura de madeira. Planeja-se construir uma cidade no lugar. Estão indecisos quanto à altura de uma torre do relógio. O conselho se reúne, debate... — Ela fez uma pausa para criar suspense, olhando de um lado para o outro. — Chega a um meio-termo. A torre do relógio é devidamente construída. Legumes e verduras crescem e são comidos. Muitos pores do sol são admirados.

Akiva riu.

— Mas que falta de imaginação — reclamou ele. — Tenho certeza de que muitas coisas interessantes acontecem nessa sua cidade imaginária.

— Ok, então. Sua vez.

— Ok. — Ele parou para pensar. Quando falou, procurou imitar a voz que Karou tinha feito. — Estamos em janeiro, ano do neek-neek. A guarnição de cabo Armasin sai à procura de madeira. A cidade planejada para o local é a primeira de Eretz em que convivem raças. Quimeras e serafins vivem lado a lado como iguais. Alguns até... — Suas palavras ficaram presas na garganta. Quando ele continuou, foi com a própria voz, ainda que em uma versão mais terna e um tanto receosa: — Alguns até moram *juntos*.

Moram juntos. Ele queria dizer...?

Sim. Queria. Akiva olhava fixamente nos seus olhos, com paixão. Karou também tinha imaginado aquilo, ou tentara. Morar juntos. Para ela, aquilo sempre sugerira a inexprimível irrealidade dourada de um sonho.

— Alguns — prosseguiu ele — deitam juntos embaixo do mesmo cobertor e sentem o cheiro um do outro enquanto dormem. Sonham com um templo perdido em um bosque de réquiem e com os desejos que surgiram lá... e que se tornaram realidade.

Ela se lembrava do bosque. De cada noite, cada instante, cada desejo. Lembrava-se da atração que ele exercia, como a força da maré. Do calor dele. Do peso dele. Mas não com aquele corpo que ela ocupava agora. Para aquele corpo, todas as sensações seriam novas. Ela corou, mas não desviou o olhar.

— Alguns — disse ele, suavemente agora — não precisam esperar muito mais.

Ela engoliu com dificuldade, tentando encontrar a voz.

— Tem razão — concordou Karou, praticamente sussurrando. — Não é monótono.

***

Não ter que esperar muito mais. Mas “não muito” ainda era tempo demais, e a maior parte desse tempo era apenas tolerável.

*Não* toleráveis: as duas noites que passaram no acampamento do Domínio, quando Elyon, Ormerod e alguns outros, incluindo o touro-centauro Balieros, que assumira a posição de Thiago, os mantiveram ocupados com planejamentos até o amanhecer, arruinando a pretensão de Karou de sequestrar Akiva para uma das barracas vazias.

Tolerável: a terceira manhã, indo embora, *finalmente*. Porque estavam indo embora juntos.

Houve alguma consternação com relação a isso. Ormerod insistia em afirmar que precisaria de Akiva para fazer a capital aderir, de maneira cordial ou não, àquela nova era pós-império. Akiva argumentou que eles se sairiam melhor sem a agitação que a presença dele provocaria.

— Além disso, já tenho um compromisso.

Quando sua expressão se suavizou e ele olhou para Karou, a natureza de seu “compromisso” foi facilmente mal interpretada.

— Com certeza isso pode esperar — protestou Ormerod, incrédulo.

Karou ficou vermelha, notando o que todos tinham pensado. E não estavam errados em pensar isso. *Será que em algum momento vou poder comer esse bolo?* Ter finalmente beijado Akiva não tornara a espera mais fácil: servira apenas para alimentar ainda mais a ânsia que tinha dele. Mas era outro o compromisso a que Akiva se referia. “Vou ajudá-la”, dissera ele nas cavernas ao saber do trabalho que Karou tinha pela frente. “É tudo o que eu quero, estar ao seu lado e ajudar você. Se tivermos que lutar para sempre, melhor ainda, desde que seja para sempre ao seu lado.”

Tinha parecido algo tão distante naquele dia, mas agora ali estavam eles. Trabalho a fazer, pagar o dízimo da dor, e bolo no intervalo entre um monstro e outro.

Os intervalos, prometia Karou, seriam generosos. Eles não mereciam isso?

Liraz decidiu a questão dizendo que as quimeras precisariam de uma escolta serafim naquele momento crítico, em que ainda estavam muito distantes de uma paz fácil, e que essa missão era de grande importância. Falou da mesma maneira calma e enervante com que se manifestara no conselho de guerra, e o resultado também foi o mesmo: o que Liraz falava se tornava a verdade.

Era um poder que a serafim ainda não tinha começado a explorar, pensou Karou, olhando para ela com um respeito crescente. E felizmente esse poder era usado *a seu favor*, não contra.

E não podia ser só pela influência que Liraz exercia sobre eles que, quando souberam que missão importante as quimeras tinham pela frente, os serafins se voluntariaram para a tarefa.

Foi então que, olhando em volta para o rosto deles, Karou teve seu primeiro vislumbre real de esperança pelo futuro de Eretz. Tal como acontecera ao ouvir Liraz admitir que havia cantado para conduzir a alma de Ziri até o cantil, Karou sentiu o coração em pedaços.

Todos os Ilegítimos por perto se ofereceram para ir a Loramendi ajudar com a escavação de resgate das almas.

Todos eram guerreiros; todos tinham lembranças que os assombravam e, principalmente, suas histórias de vergonha. Nenhum deles nunca tivera a chance de... *desmassacrar* uma cidade. De certa forma, era isso o que iam fazer, desenterrando as almas da catedral de Brimstone — aqueles milhares escondidos, que escolheram suas mortes naquele dia com a esperança de renascerem. A esperança de Brimstone, e do Comandante: de que uma garota criada como humana, sem nenhuma lembrança de sua verdadeira identidade e nenhum conhecimento da magia que continha em si, encontrasse o caminho até eles algum dia e os trouxesse de volta à vida.

E uma esperança maior ainda: de que houvesse um mundo para o qual valesse a pena trazê-los de volta.

Parecia loucura agora, depois de ter ocorrido tanta coisa, que aquilo tivesse acontecido. Embora Karou estivesse no meio de várias centenas de soldados, dos dois lados, todos que haviam tido seu papel naquilo, foi como se um brilho atraísse seu olhar para Akiva, sem o qual nada daquilo seria verdade. O osso da sorte. A vida de Ziri. O turíbulo de Issa. A oferta de aliança. Tudo. A cada passo do caminho, ele estivera lá. Mas antes, muito antes, já havia o sonho. O "desejo de *viver*", como ele dissera uma vez. Um tipo diferente de vida.

De vez em quando, ainda em sua vida humana como artista, acontecia de Karou se impressionar com um desenho que era muito melhor que qualquer outro que já fizera. Quando isso acontecia, ela não conseguia parar de olhar. Toda hora voltava a admirá-lo mais uma vez, até acordava no meio da noite só para dar uma olhada, cheia de orgulho e admiração.

Olhar para Akiva era assim.

Ele olhava tão fixamente para ela quanto ela para ele, e havia uma enorme ânsia quando os olhares dos dois se encontravam. Não era paixão simplesmente, ou mero desejo, mas algo maior, que continha essas coisas e muitas outras. Era fome e saciedade ao mesmo tempo — o encontro do "querer" com o "ter", sem que nenhum extinguisse o outro.

Fosse pela intervenção de Liraz ou pela força daquele olhar, o fato é que ninguém tentou discutir mais. E sob que hierarquia ele se encontrava, afinal? Quem poderia dizer a Akiva o que fazer? Ele iria, é claro, acompanhar Karou.

*Era uma vez*
*uma época em que só havia escuridão.*

*E também monstros, imensos como mundos, que nela nadavam.*

# 75

## Quero

Havia quarenta Ilegítimos e a mesma quantidade de quimeras. Todos os outros, as forças unidas que tinham escurecido os céus das montanhas Veskal, voariam para o sul e se apresentariam a Astrae.

— Vamos precisar de turíbulos e incensos — disse Amzallag, que lideraria a escavação na catedral de Brimstone.

Tendo perdido sua família em Loramendi, estava ansioso para começar logo. Pás e picaretas, barracas e comida, eles haviam conseguido no acampamento do Domínio, mas seria mais difícil obter aqueles materiais mais específicos, então ficou decidido que, por essa e outras razões, eles voariam primeiro até as cavernas dos Kirin, mesmo porque ficavam praticamente no caminho.

Karou estava ansiosa para ver Issa, mas também sabia que as quimeras deixadas nas cavernas não tinham comida para sustentá-las por muito tempo, e, considerando que a maior parte não tinha asas, também não teriam os meios necessários para sair de lá à procura de alimento.

Além disso, embora ela, Liraz e Akiva tivessem mantido a notícia em segredo por enquanto, havia a questão de Ziri. Ninguém além deles — e Haxaya — sabia que uma alma havia sido colhida do corpo do Lobo Branco, então Karou esperava que todo o episódio da farsa pudesse ser varrido para debaixo do tapete da história. Tinha sido Thiago, o primogênito do Comandante, o mais temido inimigo dos serafins, que mudara sua forma de pensar e se juntara aos bastardos proscritos do império para forjar um novo caminho a seguir. Isso roubava de Ziri a glória que lhe era devida por seu grande papel na vitória deles?

Talvez. Mas Karou achava que ele não se importaria. Talvez, com o passar do tempo, a verdade pudesse até ser contada. Quanto ao último filho dos Kirin, Karou sabia que teriam que pensar numa boa história para explicar seu súbito retorno, algo que não pudesse ser associado de forma alguma à morte do Lobo Branco. Mas como o fim de Ziri era um mistério — ele simplesmente nunca voltara da última missão de massacre de Thiago — e ninguém além de Karou vira seu corpo, ela achava que isso seria possível. Parecia correto que ele fizesse sua reaparição entre eles no lar de seus ancestrais — e dos dela.

Talvez agora Karou até encontrasse tempo para voltar à aldeia de sua infância, bem no interior da montanha.

E havia mais uma razão (por último, mas não menos importante) para sua ansiedade em voltar às cavernas, é claro: suas passagens escuras que se ramificavam, onde quem tivesse um propósito poderia facilmente escapar por uma hora ou três. Ou sete.

E Karou tinha um propósito.

***

Liraz também tinha seu fio de esperança, que perfurava seu coração como uma estaca, mas não falava sobre isso. Levava a ponta do chifre no fundo do bolso, mas o cantil era Karou quem carregava agora. Liraz sentia falta do peso dele no quadril. Quando é que Ziri seria ressuscitado? Não pretendia perguntar; era só que nunca tinham falado sobre isso abertamente. Naquele dia lá na paliçada, não lhe parecera nem um pouco necessário. As lágrimas e as risadas! Se alguém tentasse lhe falar que algum dia ela soluçaria naquele cabelo azul... Certamente ela encararia a pessoa com um olhar gélido. Não, mais do que isso, porque seria brutal.

*Você não vai querer parecer* brutal, imaginou a voz de Hazael dizendo, com sua cadência indolente e alegre. *Iria assustar todos os seus pretendentes.*

Só ele ousaria tocar nesse assunto. Liraz nunca tinha olhado para um homem (ou mulher); não *daquele* jeito. Se ele sabia que só de pensar nisso ela já ficava assustada, com certeza nunca deixara transparecer. Hazael sempre elogiara sua força.

"Qualquer um que enfrentar minha irmã terá que lidar... com a *minha irmã*", dissera ele uma vez, todo inflado pela bravata. E então se escondera atrás dela.

Haz. E o que ele pensaria dela agora, toda ansiosa pelo... pelo ar dentro de um cantil? Era isso que aquilo era? Ansiedade? Ela testemunhara as paixões de seus irmãos; tão diferentes, os dois. As de Haz eram inconstantes, frequentes, por diversão. Os Ilegítimos podiam ter sido proibidos de desfrutar dos prazeres da carne, mas isso nunca o detivera. Ele se apaixonava como se fosse um hobby — mas suas paixões eram esquecidas tão rápido quanto surgiam. Isso devia significar que não era amor, supunha Liraz.

Já Akiva... Somente uma vez, e para sempre.

O calado e sofredor Akiva. Liraz achava que nunca tinha sentido uma afinidade maior com ele do que agora. Sabia que não era porque *ele* havia mudado, e sim *ela*. Era curioso. Sentir uma ânsia assim, com todo o medo que vinha junto. Ela deveria estar detestando aquilo. E parte sua de fato detestava. *Sentimentos eram coisas idiotas*, insistia uma voz dentro dela. Mas era uma voz baixa. A mais alta, ela mal reconhecia como sua.

*Eu quero*, dizia a voz, que parecia vir do fundo de seu ser, de um lugar, talvez, onde muitas coisas esperavam pacientemente para serem descobertas. Uma gargalhada verdadeira, por exemplo. Como a de Haz: fácil, relaxada e livre. E também o toque, embora só de pensar nisso já sentisse o coração acelerar.

Ela sabia o que Haz diria. Olharia para ela com ar convencido e diria: "Está vendo? Tem uma maneira de fazer o coração bater mais forte que é *muito* melhor do que batalhas." E ele acrescentaria: "E *me faça o favor* de desfazer essa trança. Dói só de olhar. O que o seu cabelo fez para merecer tal castigo?" Ela não duvidaria, já que ele tinha emitido essa opinião várias vezes.

Liraz riu um pouco, imaginando-o, e pode ter chorado um pouco também, com saudades, mas ninguém viu. Suas lágrimas congelaram antes de atingirem as montanhas, porque estavam bem no alto das Adelphas agora. Ela olhou para Karou, só para ver o brilho na cintura dela, onde o cantil balançava.

*Quando?*, ela se perguntava.

Então: *E depois?*

***

Durante toda a jornada, Akiva se sentia dividido em dois.

Havia a lembrança de beijar Karou, e tudo o que tinha dito a ela e tudo o que pensara mas *não* dissera — que era muito mais —, e cada agitação dentro dele quando seus olhos traçavam as linhas do corpo dela durante o voo, suas mãos ansiosas por traçá-las também... Só conseguia pensar nela. Parariam uma noite nas cavernas dos Kirin para descansar um pouco da viagem, e ele sabia que não seria mais uma noite que passariam separados. Finalmente noites assim tinham chegado ao fim. Sentia dentro de si uma grande pressão, que parecia borbulhar: alegria, desejo e um grito que se formava, um grito de alegria sem palavras pronto para irromper e ecoar.

Akiva só queria pousar na entrada da caverna, cumprimentar apressadamente os que esperavam por eles, deixar suas coisas no chão coberto de gelo, pegar a mão de Karou e levá-la correndo para longe dali, penetrando mais e mais nas cavernas, e pegá-la, e abraçá-la, e rir junto ao seu pescoço sem poder acreditar que ela era finalmente sua e que o mundo era finalmente deles, e *isso era tudo o que ele queria.*

Ou melhor, era tudo o que ele queria querer.

Mas havia algo se intrometendo em sua mente. E já estava lá fazia algum tempo. Mais recentemente: ao ouvir os relatos da vitória nas Adelphas e ver a vaga perplexidade dos autores dos relatos. A lógica onírica do que tinha ocorrido, e como todos aceitavam isso simplesmente porque acontecera. Da mesma maneira como aceitaram o que acontecera nas cavernas quando se encararam pela primeira vez, prontos para matar e morrer — e acabaram não fazendo nada disso.

Mas a intrusão já era antiga. Quando ele tentara alcançar o *sirithar* na batalha das Adelphas e, em vez disso, só conseguira um trovão. E antes disso, quando sentira, ou acreditara sentir, uma presença na caverna. E até antes disso, na primeira vez que alcançara o verdadeiro *sirithar*, estado de calma em que os deuses da luz atuam através dos guerreiros e que, depois, o fizera se sentir como uma figura infinitesimal tragada no rastro de alguma força catastrófica. Uma inundação, ou um furacão. Não conseguia controlar aquilo. De alguma forma, podia evocar, o que, no entanto, não era a mesma coisa, não mesmo.

O "esquema de energias" sobre o qual tinha falado com Karou era real — um lugar que ele havia navegado às cegas desde as primeiras vezes que lidara com a magia. Ele sentia a imensidão que havia naquilo, a ausência de limites, sentia como o fazia se sentir menor, mas... não era isso.

O que mais o inquietava era a desconfiança de que, quando alcançava o *sirithar* — quer dizer, aquela coisa que ele escolhera chamar de *sirithar*, porque era a única palavra que conhecia para um estado de excepcional clareza —, não estava alcançando um lugar dentro de si, mas *fora*. Algo além. Assim como desconfiava de que o que respondia, a fonte do poder, não era ele, nem dele.

Então... o que era?

## 76

### Espera pela magia

Eles foram avistados.

Aqueles que ficaram nas cavernas deviam ter mantido sentinelas sempre a postos para observar e esperar sua volta, porque, quando se aproximaram — com cuidado, caso alguma coisa tivesse dado errado em sua ausência —, todos estavam reunidos na caverna da entrada para cumprimentá-los. Foi bom. Foi como chegar em casa.

Karou voou direto para os braços de Issa e ficou assim com ela por tanto tempo que um ninho de serpentes que a Naja tinha evocado para lhe fazer companhia — cobras cegas das cavernas que formavam as passagens quentes e úmidas abaixo — se enrolaram em volta dela também, pálidas e cintilantes, juntando ainda mais as duas.

— Docinho, está tudo bem? — sussurrou Issa.

— Mais do que bem — respondeu Karou, e ficou vermelha de emoção, sabendo que aquilo era o mais próximo que chegaria de dizer a Brimstone que tinha começado: o sonho mais improvável, e o mais doce.

Depois dos cumprimentos, tinham notícias para dar, e muitas, embora tenham tentado ser breves. E depois, parecia que os assuntos e conversas que surgiram nunca teriam um fim, mas Issa interceptou um olhar entre Karou e Akiva.

Era o olhar de estopim, o espaço entre os dois praticamente brilhando com calor, e Issa abriu um sorriso discreto. Aparentemente, eles não repararam que ela notou — não viam nada além de um ao outro —, então nem desconfiaram que foi pensando neles que Issa disse, dispersando todos ali reunidos:

— Bem, imagino que nossos viajantes estejam cansados.

Todos pareciam compartilhar a mesma sensação de volta para casa, até os Ilegítimos, e o grupo todo saiu junto, ao lado daqueles que tinham vindo cumprimentá-los. Quando chegaram à grande caverna, onde as quimeras podiam ter seguido em frente em direção à aldeia que tinham ocupado anteriormente, não foi o que fizeram. Ficaram ali com os anjos para prepararem uma refeição juntos, sob as estalactites.

Karou não estava com fome. Pelo menos não da comida furtada do Domínio.

Foi invadida então por uma sensação de manhã de Natal. Quer dizer, tivera poucas manhãs de Natal na vida. A que passara com Esther tinha sido mais como uma peça de teatro — reluzente e especial, mas como algo a que ela devesse *assistir* e não de que pudesse participar. Tinha passado duas manhãs de Natal com a família de Zuzana; foram muito melhores, e, embora elas não fossem mais exatamente crianças, agiram assim tanto quanto possível. Os rituais de feriado na casa dos Novak eram imutáveis. Até mesmo o irmão de Zuzana, que tanto tentara impressionar Karou com seu duvidoso jeito de cara mais velho, desceu correndo as escadas na manhã de Natal para ver a magia que havia acontecido durante a noite.

A sensação era de uma espera que se aproxima do fim. Não uma espera assustadora, mas o melhor e mais empolgante tipo de espera: a espera pela magia.

E a magia pela qual Karou esperava agora, esperava e tentava alcançar — e que podia sentir tentando alcançá-la de volta, como a imagem que reproduz seus dedos prestes a tocarem seus gêmeos no vidro —, era decididamente do tipo *adulta*.

Não conseguia parar de olhar para Akiva. E toda vez que fazia isso, ou encontrava o olhar dele a sua espera ou ele sentia seu olhar imediatamente e o retribuía. Cada olhar era vívido, pleno, intenso. Os lábios de Akiva revelavam um sorriso, porque toda aquela espera já se tornara engraçada agora que chegava ao final. Apenas engraçada porque estava quase acabando, e tudo o que... *não eram eles* era um obstáculo. Aquela demora era como uma provocação agora, um jogo, para ver quem aguentaria mais um minuto; era uma dança. Seus corpos — dois, em meio a tantos — movidos pela atração do mesmo ímã, não importando quem estivesse entre eles.

Karou sentia como se sua pele tivesse acordado, tendo estado adormecida sem que ela nem soubesse. Desde o beijo no céu, ou, mais exatamente, quando os lábios de Akiva tocaram aquele ponto atrás de sua orelha —, um interruptor tinha sido ligado. Pequenas e extraordinárias correntes elétricas corriam por todo o seu corpo, provocando arrepios, calafrios, ondas de calor. Não conseguia ficar com as mãos paradas. As substâncias químicas do amor, que aprendera na escola: dopamina, norepinefrina. Ela se lembrava de lerem que um cientista as chamara de "coquetel do êxtase do amor", lembrava-se de ter tido uma crise de risos com Zuzana por conta disso. Pois bem, agora estava inundada dessas substâncias. Vermelha e trêmula, seu estômago uma confusão de borboletas. *Papilio stomachus.* As batidas de seu coração pareciam um sapateado, e sua respiração se acelerava. Ela tentava respirar fundo para se acalmar, mas o ar parecia uma boia que se recusava a afundar. Estava quase hiperventilando, só que de um jeito bom — que soava estúpido, mas parecia o espectro completo da excitação, dos trinados de vertigem até a nota grave e lânguida do prazer anunciado, lento e doce como mel.

Tudo isso para dizer: Karou estava ardendo de desejo.

Akiva olhou em seus olhos de novo. Faísca e clarão. Luz e calor, correndo pelo estopim. Sem mais risadas. As mãos de Akiva não conseguiam ficar quietas junto ao corpo. Então ele as fechou com força. Depois voltou a abri-las, mas elas não

sossegariam enquanto não pudessem fazer o que queriam, que era tocá-la. O corpo dele estava todo tenso. O de Karou também. Eram como cordas de violino, prontas para cantar.

Uma pergunta nos olhos dele, na maneira como inclinou a cabeça, em seus ombros. Todo o seu ser era a mesma pergunta.

E a resposta era fácil. Karou assentiu, e o interruptor desconhecido aparentemente tinha mais um nível, e podia acionar correntes mais fortes ainda, porque ela pareceu entrar em outra frequência. Sua pele praticamente zumbia.

Finalmente. *Finalmente.*

Ela se virou para seguir pela passagem que levava às fontes — *fontes?* De onde tinha vindo essa ideia? Seu rosto ficou quente. Era uma ideia muito boa — mas, ao se virar, ela viu Liraz.

Liraz, separada dos outros, alta e quieta e sempre tão incrivelmente aprumada, como se alguém — Ellai, talvez — tivesse prendido uma corda no alto de sua cabeça, que não a deixasse relaxar. Além da rigidez, Karou notou o olhar agonizante de expectativa no rosto dela, e seu interruptor, recém-descoberto, desligou. Queda de energia. Nada mais de correntes elétricas, a temperatura da pele normalizando, coquetel de êxtase do amor neutralizado. Os calafrios pararam, e ela conseguiu respirar fundo de novo, como uma âncora deslizando pelo mar.

Meu Deus, o que havia de errado com ela? Piscou. A alma de Ziri estava pendurada em seu cinto e ela estava prestes a...?

Balançou a cabeça, rápido, com força, voltando a si. Akiva, do outro lado da caverna, franziu a testa. Olhou para ele com ar desamparado, tocou o cantil, e ele entendeu. Seu olhar correu para Liraz, que vira tudo o que se passara entre os dois e parecia chocada.

Encontraram-se na mesma porta para a qual Karou se dirigia, mas com um propósito diferente agora, outro destino.

— Não vai demorar — disse Karou.

— Vou ajudá-la — replicou Akiva, ao que ela assentiu.

Estava pronta para aquilo desde antes de Ziri cortar a própria garganta para se tornar o Lobo. Quando ele desapareceu, quando todas as patrulhas voltaram menos a dele, ela reuniu tudo de que precisaria, todos os componentes para conjurar um corpo Kirin o mais forte e genuíno que pudesse produzir. Dentes humanos e de antílope, ossos tubulares de morcego, ferro e jade. Até mesmo diamantes, guardados especialmente só para ele. Estava tudo em uma bolsinha de veludo, junto com seu equipamento de ressurreição, tudo guardado na caverna como os turíbulos e o incenso.

Ingredientes para um Ziri.

Bem, o ingrediente essencial para um Ziri estava no cantil, mas ela queria fazer esse novo corpo o mais próximo de um verdadeiro corpo Kirin possível. De repente, teve um estalo.

— Espere um segundo — pediu, e atravessou a caverna até Liraz, que estava parada a um canto, sozinha.

— Você não precisa fazer isso agora... — começou a serafim.

Karou balançou a mão, como se aquilo não fosse nada de mais.

— Você tem aquele pedaço de chifre que eu lhe dei aí?

Liraz o entregou, hesitando como se lamentasse se separar dele, e Karou se viu esperando que os sentimentos daquela serafim fossem retribuídos, não só para o bem dela, mas para o de Ziri também, cuja solidão era ainda maior do que a de Karou tinha sido um dia. Ela pelo menos tivera Brimstone, e a lembrança de seus pais e de sua tribo. Quem Ziri havia tido?

*Que esse seja outro começo improvável e glorioso*, pensou ela.

— Quer vir? — perguntou.

Mas Liraz balançou a cabeça negando, então Karou a deixou ali, fora do círculo de soldados, e foi fazer aquela última tarefa.

# 77

## Ainda não fomos apresentados

Liraz não podia ficar na grande caverna. Sentia-se transparente demais, então começou a caminhar. Acabou de volta na caverna da entrada. Uma das quimeras sem asas montava guarda; ela o substituiu, postando-se em uma saliência na rocha.

O sol se pôs na hora certa, e a abertura em forma de lua crescente estava posicionada para captar cada raio. Ela ficou observando. O sol pareceu se fundir quando tocou os picos distantes, espalhando aquele tom de dourado pela amplidão do horizonte. Uma luz laranja cobriu todo o mundo de lá até Liraz, e passando por ela, para dentro da caverna, iluminando a superfície do gelo com um brilho ofuscante.

Então empalideceu e esfriou, os tons de dourado dando lugar aos de cinza, e foi naquele instante de céu do mais profundo azul, segundos antes de escurecer e revelar as estrelas, que ela ouviu passos às suas costas. Teve medo de se virar.

Os passos eram lentos, um *clop clop* agudo. O som de cascos. Foi assim que ela notou a presença dele: *cascos*. Não pôde evitar aquilo que já estava tão impregnado nela: sentiu-se tomada por certa desconfiança, quase repulsa. Ele era uma quimera. O que tinha dado nela? Só porque ele salvara sua vida não significava que precisava se apaixonar por ele.

*Apaixonar-se?* Pelos deuses da luz. Era a primeira vez que a palavra ousava se formar, e só desse jeito, como uma negação. Ainda assim, aquilo atingiu em cheio seu estômago: medo e negação e o impulso de fugir.

Teve que se obrigar a ficar ali. Não tinha feito nada, procurou lembrar a si mesma. Não tinha dito nem encorajado nada. Não antes de ele morrer em sua pele de Lobo, nem nunca. Não havia nada entre eles do que se arrepender ou se afastar, e nenhuma razão para fugir. Ele era apenas um companheiro, apenas um...

— Ainda não fomos apresentados.

Seu coração bateu mais forte. Ela se acostumara à voz do Lobo, mas não é que gostasse. Mesmo quando Ziri falara com ela como ele mesmo — naquela única vez, os dois mergulhados até o peito naquela estranha água das fontes —, sua voz soara um pouco áspera, como se de repente fosse se transformar em um rosnado. O que combinava com suas garras, suas presas. Brutalidade latente.

Mas aquela voz. Era tão sonora quanto a música das flautas das cavernas dos Kirin, ao mesmo tempo forte e suave.

Ela sabia sua parte naquele diálogo. Por fim, encontrou sua voz e replicou, se encolhendo ao perceber que soava trêmula:

— Você sabe quem eu sou, e eu sei quem você é, e...

— … isso *não* basta.

A voz dele se entrelaçou à dela, mudando o roteiro. E nos instantes que se seguiram às suas vozes, ela ouviu que ele esperava. Como se pode ouvir uma *espera*? Liraz não sabia, mas era possível. Ela ouviu. Ele esperava que ela se virasse, e não conseguiu adiar mais.

Ela se virou, e ao ver Ziri dos Kirin a sua frente, mal conseguiu respirar.

Ele era alto. Ela sabia disso pois o tinha visto lutar no meio de um grupo de soldados do Domínio, que pareciam pequenos perto dele. Mas ver a distância e ver bem a sua frente, tendo que inclinar a cabeça para trás, são duas experiências diferentes. Liraz inclinou a cabeça para trás. E mais para *trás*, seguindo o contorno dos chifres que ampliavam ao extremo o impacto da altura dele. Deviam ser do comprimento do braço dela, pelo menos, longos e retos, pretos e reluzentes. Intactos, notou ela, brevemente; nenhuma ponta quebrada. O que teria sido feito daquele pedaço que se encaixava tão perfeitamente na palma de sua mão?

Ele era esguio, forte, um pouco menos largo que Akiva e a maioria dos Ilegítimos, mas isso só servia para acentuar sua altura, e seus ombros não eram nada estreitos. Suas asas estavam fechadas, às costas. Escuras. Liraz podia imaginar a extensão delas, em relação à altura de Ziri. Ele usava uma roupa branca, e isso parecia errado, e ele deve ter notado uma ruga na testa dela, porque ajeitou a blusa e disse:

— São do Lobo. Eu não tinha nada... meu. A não ser — ele sorriu e indicou a si mesmo com as mãos — todo o resto. Eu acho.

Foi o sorriso. Ziri sorriu, e Liraz viu.

Não cascos, nem chifres, que ela vinha examinando por partes, mas seu *eu*. Ele era exatamente como deveria ser, impressionante e deslumbrante de todas as maneiras. Sua beleza Kirin era de uma natureza incomum e selvagem. Cascos e chifres afiados, assim como o formato de suas asas. Ele era uma mistura de ângulos e escuridão, o oposto dela — uma criatura lunar para seu sol, uma sombra cortante para seu brilho. Mas isso era só seu contorno. Foi nos olhos dele, em seus olhos, e em sua espera — ele ainda estava esperando — que ela o viu, e de fato o conheceu. Força e graça e solidão e desejo.

E esperança.

E hesitação.

Ele estava parado, permitindo-se ser julgado, e isso a envergonhou. Ela viu isso em sua imobilidade. Ziri estava com medo

de que ela o considerasse uma fera, e como ela poderia tranquilizá-lo se cinco segundos antes não tinha certeza? Como poderia lhe dizer que ele era magnífico, que estava sem fala não por aversão mas por assombro?

Ela tentou:

— Eu... Você... É...

Não saía mais nada. Nenhuma palavra. Estava além de sua capacidade. O que havia pensado, que conseguiria evocar afeto de dentro de si, quando tinha passado a vida toda reprimindo esse tipo de sentimento? Ziri iria pensar que ela sentia aversão por ele, dada a maneira como estava agindo, rígida como uma tábua, calada como as malditas estalagmites ao redor. Precisava se esforçar mais.

Então... assentiu.

*Ah, que ótimo. Continue assim. Pelo menos tinha marcado um ponto contra as estalagmites.*

Ela cobriu a barriga com um dos braços e estendeu o outro como se para impedir-se de continuar fazendo que sim com a cabeça, e acabou cobrindo a boca com a mão, como se quisesse evitar até falar.

*Sério?* Aquilo era o melhor que podia fazer? Ele estava vendo-a dar um nó em si mesma, a mão cobrindo a boca em um gesto que poderia facilmente ser mal interpretado, e então ela viu um brilho de insegurança em seus indagadores olhos grandes e castanhos — *doces* e castanhos, o que a motivou a um último e monumental esforço.

— Gostei — sussurrou.

Sua mão não conseguiu impedi-la de continuar balançando a cabeça. Em vez disso, abafou suas palavras.

Ziri não entendeu. Inclinou a cabeça e perguntou:

— O quê?

Ela abaixou a mão e disse, o mais claramente que conseguiu (o que não era muito):

— Eu gostei. De *você.* — Estava se referindo à nova aparência dele.

Então voltou a cobrir a boca com a mão e ficou vermelha, e já estava prestes a pedir àquela terrível deusa quimera dos assassinos para dar um fim a seu sofrimento quando o brilho de insegurança desapareceu dos olhos castanhos de Ziri.

O que o sorriso dele fez então deveria tê-la irritado, porque se alargou, meio torto, achando graça... dela, de seu embaraço. Isso deveria tê-la irritado, porque Liraz nunca tinha sido de aguentar provocação, mas não parou por aí. O sorriso dele mudou para puramente satisfeito e, depois, para profundamente aliviado. Era tão lindo que ela sentiu aquilo no coração.

— Que bom — retrucou ele. — Eu gosto de você também.

E ela corou ainda mais, mas ele também estava vermelho agora, então não era tão ruim.

Não, ainda era ruim. E agora? Ela deveria tentar formar mais frases incoerentes? Talvez pudesse listar todas as outras coisas de que gostava, como imaginava que uma criança faria, só que... ah, bem, ela não gostava de muitas coisas, então a lista seria curta, e isso só arruinaria o momento.

Ela não queria arruinar o momento. Queria *viver* um momento. Viver *muitos*.

*Então, como em nome dos deuses da luz se faz isso?* Seria tarde demais para aprender?

— Hã — disse Ziri. Em seguida, alongou os ombros e abriu as asas. Naquele espaço fechado, pareciam tão grandes quanto as de um caça-tempestades. Ele limpou a garganta: — Uma das piores coisas de ser o Lobo era não poder voar. Vou fazer isso agora.

Ele parecia meio sem jeito, a voz hesitante, quando indicou a abertura de lua crescente por onde dava para ver que o azul profundo já dera lugar ao preto e que as estrelas cobriam o céu como açúcar.

*Ah. Certo.* Liraz estava quase — *quase* — aliviada por aquilo ter chegado ao fim, por poder escapar dali. Derreter. Amaldiçoar a si mesma. Morrer um pouco.

Mas Ziri limpou a garganta mais uma vez e olhou para ela. Tão sério. Tão esperançoso.

— Você... quer vir comigo?

Voar? Isso ela sabia fazer. Não precisaria nem se arriscar a dizer sim. Bastava assentir.

# 78

## (Respira)

Karou penteou o cabelo. Calmamente. Bem, a calma era um exercício. (*Respira.*) Abaixou o pente. Era uma relíquia Kirin que havia encontrado: osso esculpido, com a silhueta bruta de um caça-tempestades entalhada no cabo. Ia guardá-lo.

(*Respira.*)

À luz tremeluzente da tocha de eskohl, olhou para si mesma. Ainda vestia as roupas compradas por Esther. Estavam mais ou menos decentes, embora não fosse agradável saber que havia baba de Razgut na manga da camisa. As peças que tinha deixado ali na caverna antes de ir embora estavam ainda mais sujas. Será que um dia ela voltaria a saber o que era a simplicidade de um armário cheio de roupas, o prazer de escolher uma — uma *limpa* — para vestir e encontrar seu... seu *o quê*? Do que poderia chamar Akiva?

*Namorado* parecia muito terreno. *Amante* era um exagero, com a intenção de chocar. “Você conheceu meu *amante*? Ele não é *divino*?” Não. Quer dizer, *sim*, ele era divino. Não, não ia chamá-lo assim, mesmo que estivesse zonza de ansiedade de *torná-lo* isso.

(*Respira.*)

Companheiro? Muito seco.

Alma gêmea?

Um calor se espalhou por seu corpo. Impossível esse conceito ser mais verdadeiro do que para ela e Akiva, mas as palavras em si pareciam fracas e gastas. “Você gosta dos Pixies? Nossa, é como se fôssemos almas gêmeas!”

Bem, ela não precisava chamá-lo de nada naquele momento. Só precisava ir até ele, e tinha certeza de que ele não ligaria para o que estava vestindo.

Respirou fundo uma última vez. Seu coração se acelerou um pouco, sabendo que tinha chegado a hora, finalmente, verdadeiramente.

Akiva a ajudara a conjurar o corpo de Ziri, insistindo em pagar o dízimo da dor. Não precisou de tornos, o que foi bom, porque Karou achava que não teria conseguido tocar a pele nua dele, para fixá-los, sem voltar àquele estado de avidez trêmula que a dominara na caverna principal. Então apenas se deixou mergulhar em seu estado de transe da ressurreição sabendo que ele estava ali, e quando o processo terminou — o novo corpo estendido no chão, ainda inanimado — e ela voltou a si, viu Akiva observando-a. Ele parecia embriagado de felicidade, e imediatamente ela foi invadida pelo mesmo sentimento.

— Nunca pude olhar para você por tanto tempo — disse ele.

— Pensei que você fosse assistir à ressurreição.

Ela indicou o novo corpo, exultante ao vê-lo. Era quase exatamente igual ao corpo natural de Ziri, podia passar por seu eu original. Tinha até deixado de fora os hamsás, em parte porque o verdadeiro Ziri não os tinha, mas também porque Karou queria que se tornassem obsoletos.

— Até pensei mesmo em assistir — explicou Akiva, envergonhado, e passou os dedos pelo cabelo curto e espesso; um trejeito seu. — Mas me distraí.

— Não é justo. Não pude olhar para você.

— Prometo ficar parado para você me observar mais tarde.

Mais tarde? *Depois*, ele quis dizer. Depois de já estarem satisfeitos de *não* ficarem parados.

(*Respira.*)

— Aceito.

E então, e então, ah, meu Deus, por fim: o sorriso.

O sorriso que ela nunca tinha visto com aqueles olhos, do qual apenas se lembrava, através dos de Madrigal. Aquecido pelo deslumbramento, um sorriso tão bonito que doía. Os olhos dele se franziram e sua beleza alcançou outro patamar de encantamento, de um tipo ainda melhor, porque era o encantamento da felicidade, e a felicidade é capaz de transformar tudo. Conserta corações partidos e faz vidas valerem a pena. Karou sentiu a felicidade preenchê-la, vertiginosa e delirante, e se apaixonou ainda mais.

Ele perguntou se ela queria terminar a ressurreição sozinha. Ela aceitou, porque queria ter um instante a sós com Ziri, como Akiva imaginara que fosse necessário. E ver os novos olhos de Ziri se abrirem — castanhos, e não azul-claros, sem a arrogância de Thiago para impedir que o brilho aflorasse — foi o momento mais doce de sua carreira de ressurreicionista. Karou o abraçou, contou-lhe que tudo havia acabado, que ele não precisava mais se esconder. O alívio dele foi tão profundo que fez crescer a já imensa admiração que ela tinha pelo que ele havia passado pelo bem de todos.

Então os dois pensaram na explicação mais simples possível para sua ausência e retorno e então ele saiu. Karou achou que ele ficaria tão feliz por voltar à forma Kirin que a primeira coisa que iria querer fazer seria voar, mas talvez ele tivesse

notado a distração dela. Ou talvez tivesse sido por saber quem havia carregado a alma dele em um cantil; quem estava em algum lugar das cavernas, esperando.

Qualquer que tenha sido a razão, ele saiu rapidamente, e lá estava Karou, sua última tarefa cumprida, com um tempo livre, só para si mesma. Parou, respirou fundo. Então pegou na bolsa uma coisinha que vinha carregando desde o piquenique de sultão no chão do hotel no Marrocos, alguns dias antes. Um capricho.

Um osso da sorte. Sorrindo, ela o fechou na mão. Desde a primeira noite, esse tinha sido o ritual de despedida deles no templo de Ellai: fazer um desejo. Estava pronta para o ritual de novo, mas não para a parte da despedida. Já haviam tido o bastante disso.

Ela foi. Caminhava carregando o osso da sorte junto ao coração. Ou talvez no início tenha caminhado e depois passado a deslizar, planando, sem tocar o chão. *Vou acabar ficando preguiçosa desse jeito*, pensou, mas não estava muito preocupada com isso. As passagens serpenteavam. A tocha que carregava tremeluzia em tom verde, ameaçando apagar quando ela avançava rápido demais. Estava quase no fim, mas Karou não precisaria mais daquilo assim que alcançasse Akiva.

Então chegou à entrada da caverna das fontes. Sentiu uma risada na garganta quando dobrou a curva, pronta para murmurar, sorrindo, *Finalmente, finalmente, achei que fosse morrer*, junto à boca de Akiva, junto ao pescoço dele, rindo, ávida e ansiosa e...

Parou de repente.

Akiva não estava lá.

É claro, murmurou uma voz fria em seu coração.

Karou sufocou a voz. *Ainda.* Akiva *ainda* não estava ali. O que era estranho, porque ele tinha dito que iria direto para lá. Hum. Tudo bem. Não havia motivo para se preocupar. Talvez tivesse se perdido. Não; Karou respeitava demais as habilidades de Akiva para acreditar nisso. Talvez tivesse ido fazer alguma coisa, pensando que ainda conseguiria chegar lá antes dela. E ela tinha chegado rápido mesmo; a ressurreição de Ziri não tinha demorado.

A água estava verde-clara e fumegante, as formações de cristal brilhavam e as cortinas de musgo escuro balançavam nos trechos em que as gavinhas mais longas tocavam a corrente de água. Karou pensou em tirar a roupa e entrar na água, mas só por pouco tempo e não a sério. Um mau presságio a deixava tensa. Um mau presságio mais forte do que estava preparada para enfrentar, e percebeu então que vinha esperando o pior desde que tinham cruzado o portal das montanhas Veskal. O quê, exatamente? Não sabia. Aquela voz baixa e fria do *É claro* também não sabia. Apenas sabia — *ela* sabia, em algum nível — que tinha sido tudo fácil demais.

Era uma sensação na espinha, como a que sentira pouco antes da emboscada do Domínio. Estava deixando de enxergar alguma coisa.

Sim. *Akiva.* Era a ele que não estava vendo.

*Ele deveria estar ali.*

Tentou ser racional. Tinha acabado de chegar; ele iria aparecer a qualquer instante.

Mas não apareceu.

É claro, é claro. Você achou mesmo que poderia ser feliz?

Seu coração bateu mais forte e sua respiração ficou mais apressada, mas dessa vez era pânico mal contido, não desejo.

Akiva não apareceu.

A tocha faiscou e se apagou. Sem nenhum fogo serafim para iluminar seu caminho de volta, teve que ir tateando na escuridão, segurando o osso da sorte ainda inteiro junto ao peito.

# 79

## Lendas

— Olhe.

Ziri viu o caça-tempestades antes de Liraz. Não apontou, apenas sussurrou a palavra, para não afugentá-lo. Aquelas criaturas eram capazes de sentir os mais ligeiros movimentos a enormes distâncias. Na verdade, era espantoso que estivesse voando tão perto deles.

Estava voando *em direção* a eles.

Liraz olhou, e Ziri ficou hipnotizado tanto pela luz das estrelas dançando nos planos e curvas do rosto dela quanto pela visão do caça-tempestades seguindo direto até eles. Mais, na verdade; sem dúvida. Ele observou Liraz observar o caça-tempestades, e ficou maravilhado em vê-la maravilhada.

Até ela dizer, estreitando os olhos:

— Tem alguma coisa errada.

Quando se virou, ele viu que durante o tempo que tinha ficado olhando para Liraz, a criatura desviara para o lado e agora não seguia mais na direção deles. Ainda estava distante, de forma que por um segundo ele não viu o que havia alarmado Liraz. Estava planando, subindo com uma corrente de ar. Era uma visão gloriosa.

Ziri também estreitou os olhos.

— Aquilo é...?

— Sim.

A voz de Liraz soou tensa, e por uma boa razão. Aquilo era uma anomalia comparável a... bem, comparável a um Kirin e uma Ilegítima voando juntos sob as estrelas. Se algo quisesse ser considerado estranho, pensou Ziri, teria que se esforçar mais no futuro. Ainda assim, porém, *era* estranho.

Era o brilho inconfundível de asas de serafim.

A primeira coisa que lhe ocorreu foi que um anjo estava caçando o caça-tempestades, perseguindo-o por algum motivo, mas nada no seu voo sugeria aflição. Estava apenas voando, com um anjo ao lado.

— Já ouviu falar de algo assim? — perguntou Ziri.

Liraz riu baixinho, um som quase inaudível.

— Não. Sei que teve uma época em que Joram queria um para sua sala de troféus. Foi praticamente um esporte, por um tempo. Todos os lordes e ladies bajuladores do império queriam levar um para ele, mas não tiveram sorte. Alguns morreram tentando. Por fim, ele convocou caçadores. Os melhores. E sabe quantos eles conseguiram?

Era a primeira vez que ela falava tanto desde que ele a encontrara na entrada das cavernas, tão desconcertantemente calada. Ziri se viu mais uma vez hipnotizado, quase esquecendo o caça-tempestades e o mistério de vê-lo voando ao lado de um serafim.

— Quantos? — perguntou.

— Nenhum.

— Que bom.

— Justamente.

Ziri percebeu então, com uma pontada de profunda tristeza, que, embora ela estivesse na direção do vento e seu cheiro de tempero fosse tão vibrante quanto uma cor para seus sentidos, ele não conseguia mais sentir seu outro cheiro: o perfume secreto, tão frágil, que ficava escondido dentro desse. Ele o sentira quando a carregara nos braços, mas seus sentidos de Kirin eram menos aguçados que os do Lobo, de forma que o perfume estava perdido para ele agora. Bem, ele sempre se lembraria de que aquele odor existia. Já era alguma coisa. Ser o Lobo lhe dera isso, pelo menos.

Eles se mantiveram no lugar e observaram em silêncio o caça-tempestades continuar a se inclinar e girar, o anjo sempre ao lado, às vezes à frente, em alguns momentos ficando para trás.

— Venha — chamou Liraz quando o caça-tempestades começou a se afastar. — Vamos segui-los.

Eles foram. Viram que a ave e o anjo faziam um caminho errático, aproximando-se de penhascos onde o vento convergia e se intensificava, e que depois subiram para contornar um pico menor, ziguezagueando pelas nuvens. Até que uma hora viraram e mais uma vez foram em direção a Liraz e Ziri.

Viram o caça-tempestades se aproximar. Já estava bem perto quando Ziri percebeu que não tinha uma única companhia voando ao seu lado. Havia duas figuras *montadas* nele. Só não os haviam notado antes porque, não sendo serafins, não emitiam luz.

— Aqueles ali são...? — começou ele, estarrecido.

— Acho que sim — sussurrou Liraz em resposta.

E eram. Ao verem Liraz e Ziri, gritaram alto em sua estranha língua humana. Ziri, é claro, não entendeu o que diziam, mas o tom de triunfo era claro, assim como a pura e delirante alegria.

E como não se sentir assim? Mik e Zuzana tinham domado um caça-tempestades. Os dois se tornariam lendas.

# 80

## Uma escolha

Akiva não sabia o que estava acontecendo consigo mesmo. Estava na caverna das fontes, o coração acelerado, esperando Karou.

E de repente não estava mais.

O tempo vacilou.

“Há o passado, e há o futuro”, dissera ele aos irmãos não fazia muito tempo. “O presente não é nada mais do que o único segundo que os separa.”

Ele estava errado. Só havia o presente, e era infinito. O passado e o futuro eram apenas antolhos que usávamos para que o infinito não nos enlouquecesse.

*O que estava acontecendo com ele?*

Tinha perdido a consciência do próprio corpo. Estava dentro daquele domínio da mente, o universo particular, a esfera infinita de si mesmo para onde ia trabalhar a magia, mas não fora até ali por iniciativa própria e não podia sair sozinho.

*Fora* levado *até* lá?

Podia detectar presenças ali. Uma sensação de que vozes passavam, logo fora de alcance. Não conseguia ouvi-las. Apenas as sentia, como ondas na superfície da consciência. Como o arrastar de dedos no verso da seda. As vozes discordavam.

Energias rivalizavam. Não a dele.

A dele estava contida, concentrada. Isso era o que ele sabia, era *tudo* o que sabia: não estava onde precisava estar. Karou iria aparecer e ele não estaria lá. Talvez já até tivesse aparecido. O tempo havia se desfeito. Tinham se passado dez minutos? Horas? Não importava. Foco. Só havia o presente. Bastava abrir os olhos na direção certa para estar onde quisesse.

Mas havia um número infinito de direções e nenhuma bússola. Além do mais, de nada importava, porque Akiva não conseguia abrir os olhos. Estava pressionado. Contido. Era o que estavam fazendo com ele.

Ele não estava onde precisava estar. Tinha sido levado. Que impotência, ainda mais em um momento tão cheio de esperança que ele mal conseguira contê-la... Então fora esmagado e tivera sua vontade roubada, enquanto Karou estava a sua espera, quando finalmente tinham chegado a um momento que poderia ser *só deles*. Era insuportável.

Então Akiva não suportou. Fez força.

Imediatamente, o trovão. Trovão como uma arma, trovão em sua cabeça. Ele recuou, mas não por muito tempo. Trovão é som, não impedimento. Se aquilo era tudo o que o detinha, então não estava de fato preso. Reuniu cada fibra de seu ser em um rugido silencioso e pressionou, e então aquilo explodiu nele, de maneira impiedosa, mas ele também foi explosivo, e decidido.

E ele conseguiu atravessar. Estava além, mergulhado no silêncio e nas cores de sua violenta passagem e... *em si mesmo*. Sentia a si mesmo. O contorno do próprio corpo, na parte em que tocava a rocha. Estava deitado no chão, e não era em meio ao silêncio que havia se derramado, apenas em uma pausa entre as vozes, o ar tenso de discórdia.

— É o caminho errado.

Era uma voz desconhecida de mulher, as inflexões mais suaves do que as do seráfico que conhecia embora não completamente estranha.

— Já perdemos tempo suficiente aqui. — Essa segunda voz era mais impetuosa e mais jovem. Também feminina. — Eu deveria tê-lo deixado seguir em frente? Acha que seria mais fácil para ele ir embora *depois* de tê-la provado?

— De tê-la *provado*? Ele está apaixonado, Escarabeu. Deixe-o escolher.

— Não há possibilidade de escolha.

— Há sim. Você está fazendo essa escolha.

— Deixando-o viver? Achei que você ficaria feliz.

— E estou. — Um suspiro. — Mas é *ele* quem deve decidir, você não vê isso? Ou sempre será seu inimigo.

— Não me tente, velha. Sabe o que eu poderia fazer com um inimigo assim?

Outro silêncio, um silêncio que ecoou, dissonante devido ao choque. Akiva entendeu que estavam falando dele, mas só. Que escolha? Que inimigo?

*Escarabeu* era o nome de uma delas. Havia algo ali. Algo que ele deveria saber.

Quando a outra falou, sua voz saiu fraca, ainda em choque.

— Está falando de fazer dele uma corda de harpa? É isso que você faria com meu neto?

*Neto.* Apenas por um instante, ao ouvir aquilo, Akiva pensou: *Então não é sobre mim que estão discutindo.* Afinal, ele não era neto de ninguém. Era um bastardo. Era...

— Só se fosse necessário.

— Como algo assim seria necessário? — Quase um grito. — Você começou algo sombrio, Escarabeu. Precisa terminar. Isso não é o que somos. Não somos guerreiros...

— Deveríamos ser.

*Concussões* de choque.

— Nós fomos — continuou Escarabeu. Ela falava com um tom de teimosia e a obstinação da juventude em conflito com os mais velhos. — E voltaremos a ser.

— *O que você está dizendo?*

A defensora de Akiva... sua avó?... estava perplexa. Chocada. Akiva soube isso porque sentiu sua perturbação penetrá-lo, e então entendeu. O turbilhão interno dela o penetrou e tornou-se seu, assim como ele passara seu desespero para cada soldado nas cavernas dos Kirin, seu desespero tornando-se também deles. A mulher o chamara de neto, e havia outra peça vital do quebra-cabeça. *Escarabeu*. Escaravelho.

Junto à audaciosa cesta de frutas que os Stelian haviam mandado em resposta à declaração de guerra de Joram havia um bilhete, sem assinatura, mas selado com a imagem de um escaravelho.

Elas eram *Stelian*.

Akiva abriu os olhos e se levantou rapidamente. Estavam em uma caverna parecida com as dos Kirin. O som ali era similar também, as flautas de bambu conferindo um ar misterioso e sombrio. Ele sentiu alívio no fundo da mente. Não tinha sido levado, então. Karou não devia estar distante. Poderia encontrá-la e dar um jeito nas coisas.

As mulheres estavam diante dele. As duas se sobressaltaram com o movimento repentino, mas sequer deram um passo atrás. Escarabeu nem arregalou os olhos, apenas os fixou nele. Akiva se viu imóvel de novo, congelado enquanto tentava ficar de pé, mais uma vez intensamente consciente da entidade distinta que era sua vida, tal como antes, ao sentir uma presença invisível na caverna.

Consciente de sua fragilidade.

Elas o mantiveram imóvel, olhando para ele. E tudo o que ele pôde fazer, já que não conseguia se mexer, e já que era tudo o que queria de qualquer forma, foi encará-las também.

Não via um Stelian desde os cinco anos, quando lançou um último e desesperado olhar por cima do ombro para sua mãe, ao ser arrastado para longe. Agora, havia ali duas mulheres; a mais velha delas... Akiva não poderia dizer que se parecia com Festival, porque não se lembrava do rosto da mãe, mas olhar para aquela mulher o fez sentir como se lembrasse. Escarabeu a chamara de “velha”, mas ela não era velha, embora tampouco fosse jovem. As preocupações haviam deixado marcas, tornando seus olhos mais fundos e mais duras as curvas de sua boca. Seu cabelo estava trançado como uma coroa, os fios grisalhos brilhando tanto que faziam parecer mesmo um ornamento. Em seus olhos ainda ecoavam os tremores do choque recente e de um *páthos* muito, muito profundo. Desde a primeira vista, Akiva sentiu uma proximidade com ela.

Já a outra...

Tinha o cabelo solto e revolto. Usava uma túnica cinza-escura que envolvia sua forma esguia com pregas enviesadas e ficava presa no ombro, deixando nus seus braços pardos, que eram cobertos de cima a baixo por braceletes dourados igualmente espaçados. Seu rosto era grave. Não como o de Liraz ou o de Zuzana, que tiravam sua gravidade puramente da expressão facial, mas intrinsecamente daquela forma. Impetuoso, com olhos incisivos de falcão. Seu maxilar e suas maçãs do rosto afilados pareciam esculpidos por um cinzel, mas sua boca era escura e carnuda, seu único traço suave.

Até ela sorrir para Akiva, quer dizer, e ele ver que seus dentes tinham pontas.

Ele se encolheu.

Viu então, pela primeira vez, que havia outros além das duas mulheres: mais uma mulher e dois homens; cinco no total. Estavam em silêncio até então e assim permaneceram, mas os observavam com intensidade ardente.

— Mas que espertinho — disse Escarabeu, chamando a atenção de Akiva de volta para si. E agora ele via que os dentes dela eram brancos e normais. — Imagino que não devemos subestimá-lo. — Então se virou para a outra mulher. — Ou *você* o soltou, Rouxinol?

Rouxinol. Ela balançou a cabeça sem tirar os olhos de Akiva nem por um segundo.

— Não fiz isso, minha rainha. — Rainha? — Mas não vou prendê-lo de novo. Chegou o momento de lhe concedermos a dignidade que lhe é devida e *conversarmos* com ele.

— Conversar comigo sobre o quê? O que querem comigo?

Foi Escarabeu quem respondeu, com um sombrio olhar de soslaio para Rouxinol. Sua arrogância era régia; Akiva pensou que naquele momento teria deduzido, se já não tivesse ouvido, que ela era uma rainha.

— Uma escolha foi feita a seu favor. Por mim.

— Que é...?

— Não o matar.

Não era uma completa surpresa, dado o que ele ouvira, mas havia força nas palavras dela, ditas assim tão diretamente.

— E o que fiz para que minha vida ficasse em questão?

Como estava certo de sua inocência, não esperava a veemência da resposta dela.

— *Muito* — rebateu Escarabeu. — Nunca duvide disso, filho de Festival. Por direito, você já está morto.

Ele tentou se levantar, mas viu que seus movimentos ainda estavam limitados.

— Pode me soltar?

Para sua surpresa, ela lhe concedeu o pedido.

— Só porque não tenho medo de você — disse ela.

Akiva se levantou.

— E por que deveria? Por que eu a ameaçaria, mesmo que pudesse? Tantas vezes me perguntei sobre o povo do sangue da minha mãe... E nunca com o pensamento de *ferir* vocês.

— E ainda assim ninguém chegou tão perto de nos destruir em mais de mil anos.

— Do que você está falando? — explodiu ele.

Nunca tinha estado perto das Ilhas Longínquas nem nunca vira um Stelian. O que poderia ter feito?

Rouxinol interveio:

— Não o provoque, Escarabeu. Ele não sabe. Como poderia saber?

— Saber o quê? — perguntou Akiva, mais baixo agora, porque quando as acusações vieram de Escarabeu, em meio à fúria, lhe pareceram absurdas, mas vindo de Rouxinol, com tanta tristeza, era diferente.

A intrusão em sua mente. A maré de poder que o varrera. A maneira como ele se sentira... *descartado* depois, como se tivesse sido usado por aquela força, não o contrário. Confuso, ele perguntou:

— O que eu fiz?

# 81

## A polícia dos desejos

O que Zuzana gritou, ali montada no caça-tempestades, foi:
— Ah, meu Deus! Todas as montanhas parecem iguais!
Estavam perdidos, embora, para dizer a verdade, fosse surpreendente que tivessem chegado tão longe; sem mencionar que aquilo sim era uma jornada com *estilo*. O primeiro foi graças aos mapas enterrados na mente de Eliza, e o segundo, à música e ao fato de Mik ter domesticado, com seu violino — um novo, melhor do que aquele que deixara na banheira de Esther —, uma criatura voadora do tamanho de um navio. Mas Zuzana não teve nenhum problema em tomar para si parte do crédito. Estava confiante de que seu entusiasmo durante todo o processo tinha sido a verdadeira força motora daquele empreendimento.
Desde que Eliza revelara que conhecia outro portal — aquele pelo qual sua *tatatatatatatatataravó* havia sido exilada mil anos antes —, Zuzana já se levantara, pronta para partir. Podia até ficar na *Patagônia* (onde quer que *isso* fosse... Ah. Mas que diabos. Ficava muito, *muito* longe. *Sério?*), eles tinham como chegar lá.
Desejos eram divertidos.
Também eram raros e insubstituíveis e sagrados, já que haviam sido produzidos por Brimstone, portanto não deveriam ser desperdiçados como moedas numa loja de doces. Além disso, Karou devia estar precisando de gavriéis bem mais do que eles. No entanto, não poderiam ajudá-la se não *chegassem* até ela, então o trato que tinham feito entre eles era o seguinte: levariam os desejos até Karou. Simples assim. E fariam todo o possível para conseguir isso sem precisar recorrer aos gavriéis. Mik uma vez tinha brincado sobre uma suposta "polícia dos desejos", quando ainda estavam nas cavernas, entretidos com o Jogo dos Três Desejos; agora, ele provocava Zuzana dizendo que ela tinha se tornado exatamente isso.
— Nada de habilidades de samurai? — perguntara ele, com olhar pidão. — Ou talvez algum outro pedido de superpoder, elaborado com mais cuidado?
— Podemos pedir a Virko ou algum outro que nos ensine a lutar. É um desejo não essencial.
— É um desejo *preguiçoso*. Por isso é que é tão importante. Aprender coisas é difícil.
— Assim diz o violinista à artesã.
— Certo. *Certo* — concordara ele, sorrindo. — Somos bons em aprender coisas. — Então ele se virara para Eliza. — Cara colega cientista boa em aprender coisas, gostaria de fazer o curso de samurai-monstro conosco? Estamos interessados em nos tornar bem perigosos.
— Estou dentro — dissera ela, fácil assim.
Eliza Jones era, como se diz na terminologia açucarada, "um doce de pessoa".
De verdade. Mesmo se não estivessem ligados por um capricho do destino ou um objetivo maluco em comum, Zuzana ainda gostaria de ser sua amiga. Isso não acontecia com frequência, e ela estava muito, muito feliz. Se Eliza fosse uma chorona ou uma metida, ou roncasse, ou algo assim, aquela viagem poderia ter sido um pesadelo.
Mas não: tinha sido incrível.
Primeira parada, Patagônia (que ficava na Argentina e se estendia pelo Chile, quem diria). Para isso, só precisaram de dinheiro — o que tinham de sobra, graças às contas de Karou, aparentemente intocadas pela Vovó do Mal. *Toma mais essa*. Zuzana tinha lamentado em voz alta não poder pelo menos jogar isso na cara dela, mas Mik demonstrou tranquilidade em relação a isso:
— Ter que passar o resto da vida na companhia dela própria já é vingança suficiente.
Mal sabiam eles.
Eliza, como descobriram, também tinha uma queda por vinganças perversas, o que só fez Zuzana gostar ainda mais dela. Mesmo com uma aparência tão doce, com aqueles olhos grandes e bonitos, sabia guardar ressentimento. No entanto, foi contra gastar um desejo com sua nêmesis, que parecia um cretino chorão, até Zuzana convencê-la de que um shing — do qual tinham vários exemplares e que eram modestos demais para terem alguma utilidade heroica real para Karou — podia proporcionar uma vingança razoavelmente satisfatória.
Zuzana lhe contou todo o tormento que Karou havia passado com Kaz. Junto com Mik, descreveu a cena, em meio a gargalhadas descontroladas: Kaz, com seu corpo de Adônis nu, se contorcendo convulsivamente em razão da coceira na plataforma do modelo. Mas foi o complemento da vingança — as sobrancelhas de Svetla que não paravam de crescer — que inspirou Eliza.
Ela beijou o shing, como se faz com os dados para dar sorte, e então declarou:
— Desejo que os pelos entre o nariz e o lábio superior de Morgan Toth cresçam três centímetros por hora, a começar de agora e cessando daqui a um mês.
Havia sempre aquele instante de dúvida, sem saber se seu desejo excedia o poder do medalhão, mas o shing desapareceu

assim que ela pronunciou a última sílaba.
— Você percebe que descreveu um bigodinho de Hitler? — perguntou Mik.
Pelo brilho nos olhos dela, viram que sim. Mas a vingança não seria completa se o objeto de sua raiva não soubesse quem havia sido o responsável por seu tormento, então ela enviou para o e-mail de trabalho dele uma foto de si mesma imitando um bigode com o dedo. Assunto: *Divirta-se*.
— Precisamos fazer isso com Esther também — completou Zuzana. — *Agora*.
E foi o que fizeram. Assim, começaram sua viagem da melhor forma possível: imaginando, solidariamente, o horror perplexo de seus inimigos.
Um longo voo, uma parada para comprar roupas e outras utilidades para o frio, uma longa viagem de carro, uma longa caminhada (na neve; maldição, era inverno no hemisfério Sul), e estavam lá. Tão perto do portal que consideraram a ideia de usar alguns gavriéis para voar. Quase fizeram isso, mas, àquela altura, preservá-los tinha se tornado uma questão de honra, então Mik disse:
— Vamos primeiro ver o que há do outro lado para depois decidirmos. Eliza pode nos carregar.
Ela os levou, e foi assim que descobriram o que ninguém em Eretz sabia:
Onde os caça-tempestades faziam seus ninhos.
E o que ninguém poderia ter adivinhado:
Eles gostavam de música.
Então agora era oficial: Mik tinha cumprido seus três desafios de contos de fadas. E o anel que parecia queimar em seu bolso? O que lhe parecera tão rústico à luz do reluzente mármore do banheiro da suíte presidencial?
Já ali, sobrevoando, nas costas de um caça-tempestades, um mar pontilhado de icebergs e criaturas marinhas que saltavam da água e não eram nem de longe baleias, parecia perfeito. Ele não tinha como se ajoelhar sem correr o risco de cair, mas, naquelas circunstâncias, tudo bem.
— Quer se casar comigo?

***

A resposta foi sim.

***

— Estou *tão* feliz de ver você! — gritou Zuzana, exultante ao ver Liraz e Ziri.
*Ziri!* Não o Lobo Branco; Ziri! Ah... Isso significava que ele devia ter... Mas estava tudo bem, não? Porque ali estava ele, em sua forma Kirin de novo, e parecia exatamente igual ao que era em seu corpo original. Exibia um sorriso largo no rosto, e era tão bonito, e Liraz ao seu lado também exibia um sorriso largo, e também estava linda, sorrindo desenfreadamente de espanto, sorrindo. *Sorrindo como uma pessoa que sorri. Liraz!*
E isso parecia quase mais impressionante do que surgir montado em um caça-tempestades. Mas não era.
Porque *nada* era tão incrível assim.
— Pode dizer a eles que não encontramos as cavernas? — pediu Zuzana a Eliza, depois de passar a euforia inicial de rirem e gritarem em línguas mutuamente não compreensíveis.
Eliza falava seráfico, o que era útil mas também um pouco irritante, uma vez que eliminava qualquer necessidade de Zuzana gastar um desejo para aprender uma língua de Eretz. (Aliás, se ela fosse escolher, seria quimera; afinal, convenhamos.)
— Isso das línguas... é mais uma coisa que vamos ter que acabar aprendendo pelos métodos tradicionais — comentou Mik, com um suspiro que não a enganou nem por um segundo.
— Ressurreição, invisibilidade, técnica de luta e agora línguas não humanas? O que é isso, voltamos à *escola*?
Mas Eliza não estava traduzindo. Zuzana percebeu que ela olhava para Ziri, curiosa. *Ah!* Claro. O corpo. Ela tinha visto o corpo dele no poço. Isso exigiria alguma explicação.
— É ele — confirmou Zuzana. — A gente explica mais tarde.
Então as traduções foram feitas: para Liraz, que, por sua vez, traduzia para Ziri, em quimera. Depois, foram guiados de volta para o sul, perguntando coisas como de onde tinham vindo e se o caça-tempestades tinha um nome, e, quando Zuzana viu a abertura de lua crescente, detectou um problema em seu grande plano de fazer uma entrada triunfal, com aquelas asas que batiam com força de tornado.
O caça-tempestades (que não tinha um nome) não passaria pela abertura. Maldição.
Ela teve que dar um tempo na conversa fiada para se fazer entender.
— Precisamos de uma plateia, de testemunhas. E que falem disso por toda parte. *Que cantem*. Quero que escrevam canções sobre isso. Vocês se importam? Poderiam chamar todo mundo? E Karou?
Nessa hora, Ziri e Liraz ficaram com vergonha e sem graça. Mik então sugeriu, delicadamente, que talvez Karou e Akiva estivessem... ocupados.

Colisão de emoções! Empolgação ao pensar que *finalmente* Karou e Akiva estivessem “ocupados”! E um sentimento de injustiça, por isso coincidir com seu momento de glória.

— Acho que uma coisa dessas é justificativa para interrompê-los, não é? — implorou ela.

Estavam circulando a área agora, adiando o momento em que teriam que descer e entrar nas cavernas a pé.

— Não — respondeu Mik, a voz da razão.

— Mas...

— *Não*.

— Tudo bem. Mas quero que *alguém* nos veja.

Todos os viram. Liraz foi buscar os outros, que se apertaram perto da abertura, e foi gratificante ver todos gritarem e perderem o fôlego. Zuzana ouviu Virko berrar carinhosamente:

— *Neek-neek!*

E então sentiu, finalmente, que podia encerrar aquele voo.

Levaram a enorme criatura o mais perto possível da face do rochedo e pularam de suas costas, abraçando o imenso pescoço dele primeiro para agradecer e dizer adeus. Achavam que ele agora iria embora, mas esperavam que não. (“Se ele não for, vamos ter que lhe dar um nome”), e pararam para ver, meio tristes, a criatura subir cada vez mais alto até ser apenas uma forma recortada no céu estrelado.

Só então, ao se virarem para o grupo reunido de quimeras e serafins, notaram que havia algo errado. Parecia que pairava uma sombra sobre eles. E... Karou estava lá. *Desocupada*. Mas *por qu*ê? E por que ela estava lá atrás? E onde estava Akiva?

Karou acenou para eles, abrindo um sorriso breve e feliz e cumprimentando-os com um gesto de cabeça. Seus olhos se arregalaram quando ela viu as asas de Eliza, é claro, mas nem isso a fez se aproximar. Estava falando com Liraz, e Liraz já não sorria mais como uma pessoa que sorri. Estava de volta a seu eu mais terrível. Os lábios contraídos e as narinas infladas pela ira, mais selvagem do que o Lobo Branco jamais parecera.

Zuzana esqueceu toda a sua glória e correu até a amiga.

— O que houve? O quê, o quê, o quê? Meu Deus, Karou, *o quê*?

— Akiva. — Tão perdida... Karou parecia tão perdida. Não era assim que ela deveria estar. — Ele desapareceu.

Há uma razão...

(O que eu fiz?)

*Há uma razão para o dízimo.*

Aquilo não era uma fala. O que Rouxinol transmitia a Akiva, ela o fazia em silêncio, por emissões, e eram mais do que palavras. Era como uma lembrança aberta em som e imagem, como emoção desvelada em horror e pesar. Era impossível entender errado. Akiva estava de frente para Rouxinol e Escarabeu, e por fora as enxergava, bem como os outros três atrás delas. Mas por dentro experimentava algo mais, e aquilo o fazia tremer.

*Fique calmo. Você é filho da minha filha.*

Festival. Rouxinol a oferecera para Akiva em uma lembrança tão saturada de saudade que ele entendeu, enquanto a lembrança durou, aquilo que não tinha contexto para compreender: o amor de uma mãe por um filho perdido.

*Quero conhecer você. Para ajudá-lo, não para feri-lo. Então você precisa me ouvir. Você é filho da minha filha, mas eu nunca soube que você existia. Não tínhamos nenhuma notícia de Festival. Ela desapareceu. Só sei o que aconteceu com ela porque você existe. Sei que minha amada filha foi uma concubina no harém de um homem louco por guerras responsável pela destruição de meio mundo.*

Ela não disfarçou a tristeza que isso lhe causava, e Akiva se sentia a raiz de tudo aquilo, como se o tempo andasse ao contrário e ele tivesse feito sua mãe ter escolhido gerá-lo.

*Também sei que isso não poderia ter acontecido com ela... contra sua vontade. Ela era uma Stelian e era minha filha. Era forte. Então deve ter sido uma escolha.*

As lembranças eram ininterruptas como se fossem realmente de Akiva. Correndo sob a superfície das palavras de Rouxinol: uma destilação pura da mulher que Festival havia sido, bonita e perturbada. Perturbada? Por uma sensibilidade às teias do destino e por uma compulsão de segui-las, mesmo no escuro.

*E então. Então ela deve ter tido uma razão.*

Da mente de Rouxinol para a de Akiva passou a compreensão de que, para muitos Stelian, o destino era tão real quanto o amor ou o medo — uma dimensão da vida com peso suficiente para moldá-la. Essa sensibilidade à atração do destino era chamada de *ananke*. Se sua *ananke* fosse forte, bem, então você poderia segui-la ou resistir a ela, mas com a resistência vinha uma sensação opressora de estar fazendo a coisa errada que assombraria todas as suas escolhas.

*E a razão deve ter sido você.*

As lembranças evanesceram, deixando Akiva desolado no vazio.

*Você*, *você*, ecoando no vazio, e encontrando outras palavras lá, à espera. “Meu filho não será enredado nos frágeis destinos de vocês.” Mas antes que ele pudesse começar a processar isso, uma nova emissão floresceu no espaço em que Festival estivera. Era muito diferente: fria, distante e imensa.

*O Continuum que é o grande Todo está unido por energias e por elas* é delimitado. Nós as chamamos de véus. Elas têm outros nomes, muitos, mas esse é o mais simples. Estão além do nosso alcance. São o primeiro berço de todas as coisas, e isto nós sabemos: os véus mantêm os mundos intactos, e os mantêm distintos. Em contato, mas separados, como os mundos devem ser. Quando você passa por um portal, está passando por um corte em um véu.

Véus, o Continuum, o grande Todo. Não eram termos que Akiva já tivesse ouvido, mas recebeu uma noção do que significavam, com uma reverência que beirava a adoração. Não era uma figura ou uma lembrança, porque era impossível. Ninguém poderia ter *visto* o Continuum, que era tudo. A soma dos mundos.

Até então Akiva conhecera dois deles: Eretz e a Terra. Com a emissão de Rouxinol, ele compreendeu... muitos.

Era atordoante. O que ele vislumbrava na ideia do Continuum era suficiente para fazê-lo querer cair de joelhos. Ele contemplava o espaço, por toda a sua volta, se descamando e se abrindo. E se abrindo, e se abrindo, sem limites para sua abertura, sem limites para suas dimensões. Como um deus curvando suas milhares de cabeças para trás uma após a outra após a outra após a outra, e abrindo suas milhões de bocas para soltar um tremendo rugido reverberante...

*Extraímos energia dos véus para fazer magia. Eles são a fonte. De tudo. Não é uma questão simples. O poder não pode ser simplesmente tomado. Existe um preço, uma troca de energias. Isso é o dízimo.*

— O dízimo da dor — disse Akiva.

Ele não sabia como se comunicar daquela forma. Viu as sobrancelhas de Escarabeu se franzirem, enquanto as de Rouxinol, antes franzidas, se suavizaram. Ela o observou com curiosidade, e havia certa pena em sua resposta gentil:

*A dor é uma das formas. A mais simples e rude. O dízimo da dor é como... usar um arado para arrancar uma flor. Isso é tudo o que você sabe?*

Ele fez que sim. Era enervante, aquilo de falar sem falar.

— Não *tudo* — objetou Escarabeu, em voz alta. — Ou não estaríamos aqui.

A maneira como olhou para ele, o ar de acusação... Akiva começou a entender.

— O *sirithar* — completou ele, com voz rouca.

O olhar de Escarabeu se aguçou.

— Então você *sabe*.

— Eu não sei de nada — disse ele, amargamente, sentindo sua ignorância como jamais havia sentido.

Ao sentir a agonia dele, Rouxinol se aproximou. Não tentou tocá-lo, mas Akiva sentiu, como já acontecera antes, um toque frio na testa, e soube que tinha sido ela quem o impedira de alcançar a magia na batalha das Adelphas e que, depois, o acalmara, ainda que brevemente. No instante seguinte, ele entendeu outra coisa que o chocou: o enigma da vitória nas Adelphas. Tinham sido os Stelian, é claro.

Aqueles cinco anjos haviam, de alguma forma, virado o jogo contra quatro mil soldados do Domínio. Por várias vezes nos últimos anos, Akiva tentara imaginar a magia de seu povo, mas nunca tinha concebido um poder como aquele.

Rouxinol então falou em voz alta, sem emitir mais nada para a mente de Akiva. Foi um alívio, principalmente quando ele ouviu o que mais aquela senhora tinha a dizer.

Nenhum toque frio poderia suavizar aquilo.

— O "*sirithar*" é a própria energia, a substância de que são feitos os véus. É a casca do ovo... e também a gema. Aquilo que protege e nutre. Que dá forma ao espaço e ao tempo. Sem ele, haveria o caos. Você perguntou o que fez. Você usou o *sirithar*. — Rouxinol parecia triste. — Em tanta quantidade de uma só vez que, para pagar o dízimo pelo que fez, teria que morrer centenas de vezes. Mas não foi o que aconteceu, porque você não pagou o dízimo. Filho da minha filha, você não deu nada em troca, só tirou. Não deveria ser possível isso, e é algo muito sério. O que Escarabeu disse é verdade. Viemos atrás de você para matá-lo...

— Antes que *você* matasse *todo mundo* — interrompeu Escarabeu, sem nenhuma gentileza. Não importava.

Akiva balançava a cabeça, mas não em negação. Acreditava nelas. Sentiu que aquilo era a verdade e a resposta para a pergunta que o consumia. Mas ainda não conseguia entender.

— Eu não sei nada — repetiu. — Como *eu* poderia matar...? — *... todo mundo*.

A voz de Rouxinol ficou mais rouca:

— Não sei por que a *ananke* guiou minha filha a gerar você. Por que os véus dariam origem à própria destruição?

*Ananke*. Ecos e reverberações do destino.

— Destruição? — repetiu Akiva, sentindo-se oco.

Durante toda a sua vida, vinham deixando claro que Akiva não era independente. Que era apenas uma arma do império, um elo em uma corrente; até seu nome era apenas emprestado. E ele havia se libertado e se afirmado como indivíduo. Decidira que sua vida era um meio para a ação — ação de sua própria escolha — e acreditara que enfim era livre.

Ainda não entendia o que Rouxinol estava lhe contando ou por que Escarabeu colocava sua vida em questão, mas entendia isto: durante todo o tempo, estivera preso em uma teia do destino muito maior do que havia sonhado.

Seu coração batia acelerado. Akiva sabia que não estava livre.

— Não deveria ser possível tomar sem pagar o dízimo — repetiu Rouxinol. Seu tom era pesado, cheio de significado, como se ela quisesse ter certeza de que ele entendia. Havia consternação e cuidado no olhar dela; e outras coisas. Culpa? Talvez assombro? — Não é possível para mais *ninguém* — acrescentou, com o olhar firme.

Uma palavra chegou até ele, e Akiva não sabia dizer se fora por meio de uma emissão ou surgida em sua própria mente.

*Aberração.*

— Mas você fez isso três vezes, Akiva. E tirar sem pagar o dízimo torna o véu mais fino. — Seu olhar correu para Escarabeu, que engoliu em seco. — Ao afinar os véus... — Ela hesitou.

Era isso, Akiva sabia. Ali estava a verdade, que espreitava por trás dos olhos de Rouxinol e era mais sombria do que qualquer história já contada. Ele captou ecos, fragmentos. Já ouvira aquilo antes. *Escolhidos. Decaídos. Mapas. Céus. Cataclisma. Meliz.*

*Feras.*

Rouxinol tentou evitar o restante da história, mas Escarabeu não permitiu:

— Você não queria conversar com ele? Então. Conte o que fazemos, hora a hora, em nossas longínquas ilha verdes, e o que ele nos deve. Conte por que viemos atrás dele e o que ele quase provocou. Conte sobre o Cataclisma.

# 83

## A maioria das coisas que importam

Karou tinha um gavriel na palma da mão. Todos estavam reunidos em volta dela na grande caverna. Quimeras, Ilegítimos, humanos. E Eliza, o que quer que ela fosse agora. Karou olhava para a garota, que estava afastada, ao lado de Virko, e não sabia o que Eliza era, só que tinham uma coisa em comum: nenhuma das duas era exatamente humana, mas algo mais, e ambas eram as únicas de suas respectivas espécies.

— O que vai desejar? — perguntou Zuzana.

Karou olhou de novo para o medalhão, tão pesado em sua mão. Brimstone parecia encará-la também. Era uma cunhagem malfeita, mas ainda assim trouxe o olhar de volta para ela em um instante, junto com a voz, tão grave que parecia a sombra de um som.

"Eu sonho com isso também, criança", dissera Brimstone no calabouço enquanto Karou aguardava a execução. Ela queria poder lhe mostrar o que tinha diante de si agora.

Embora nenhum desejo fosse capaz de realizar aquilo. Veja o que fizemos. Veja Liraz e Ziri lado a lado. Podia apostar que a pele dos braços deles, quase se tocando, estava tão eletrificada quanto a sua própria tinha estado mais cedo, perto de Akiva. E havia também Keita-Eiri, que dias antes tinha mostrado os hamsás para Akiva e Liraz, rindo. Ela estava ao lado de Orit, o anjo do conselho de guerra que os encarara do outro lado da mesa com olhar penetrante, discutindo como o Lobo sobre a disciplina de seus soldados. E Amzallag, que estava pronto, no corpo que Karou fizera para ele — não cinzento, imenso e assustador como o último —, para resgatar as almas de seus filhos das cinzas de Loramendi.

Era um grupo solene e unido de camaradas que lutaram juntos e sobreviveram a uma batalha impossível e que carregavam com eles esse mistério e até mais do que solidariedade. Depois das Adelphas, haviam sido tomados por uma sensação de destino.

Destino. Mais uma vez, Karou não conseguia se livrar da sensação de que, se isso existisse mesmo, então o detestava.

Quanto à pergunta de Zuzana, o que Karou pediria àquele gavriel? O que poderia pedir? Que trouxesse Akiva de volta, que pudesse sufocar aquele sentimento ruim que a invadia — de que eles haviam realizado tudo que haviam imaginado ser necessário e ainda assim talvez não pudessem ficar juntos? Brimstone sempre fora muito claro sobre os limites dos desejos.

"Há coisas maiores do que qualquer desejo", dissera ele quando ela era pequena.

"Como o quê?", perguntara Karou. A resposta dele a assombrava agora, com o gavriel pesando na mão, quando tudo o que queria era acreditar que aquele artefato podia resolver seus problemas.

"A maioria das coisas que importam", respondera Brimstone, e ela sabia que era verdade.

Ela não podia desejar o sonho, a felicidade ou que o mundo os deixasse em paz. Sabia o que aconteceria. Nada. O gavriel continuaria ali. A imagem de Brimstone pareceria acusá-la de tolice.

Mas os desejos também não eram inúteis, desde que você respeitasse seus limites.

— Desejo saber onde Akiva está — falou, por fim, e o gavriel sumiu da palma de sua mão.

# 84

## Cataclisma

Rouxinol começou a contar, mas Escarabeu logo assumiu a tarefa. A senhora estava sendo gentil demais, tentando minimizar o horror de uma história que era a essência do horror — como se temesse que o guerreiro a sua frente não fosse capaz de suportar o peso.

Ele suportou. Ficou pálido. Seu maxilar trincou tanto que Escarabeu ouviu o rangido do osso, mas ele suportou.

Ela lhe contou sobre a confiança arrogante dos magos que se achavam no direito de reivindicar todo o Continuum para si; contou sobre os Pioneiros, e que apenas os Stelian tinham se oposto à jornada deles. Contou sobre a perfuração dos véus e que os doze escolhidos tinham aprendido como transpassar o tecido da existência, uma substância tão além do conhecimento deles que era como se fossem aves carniceiras bicando os olhos de Deus.

E contou o que os doze encontraram do outro lado de um véu distante. E o que libertaram.

*Nithilam*, foi como as chamaram, porque as feras não tinham um idioma para se dar nome, tinham apenas fome. *Nithilam* era a antiga palavra para caos, e era nisso que aquelas criaturas consistiam.

Não havia como descrevê-los. Ninguém vivo já os tinha visto, mas Escarabeu sentia a presença deles, menos ali do que em casa, mas naquele instante mesmo os sentia. Estavam sempre lá. Nunca deixaram de estar. Pressionando, parasitando, corroendo.

Ser um Stelian significava dormir toda noite em uma casa com monstros pressionando o telhado, tentando entrar. Mas o telhado era o céu. O véu, na verdade, mas que se alinhava com o céu nas Ilhas Longínquas, onde tudo era mar ou céu, então eles descreviam assim: o *céu* sangra, o *céu* floresce. Ele adoece, enfraquece, falha. Mas era o véu, feito de energias incalculáveis — *sirithar* —, pelas quais os Stelian zelavam, que vigiavam e alimentavam, a cada segundo de cada dia, com a própria vitalidade.

Esse era o dever deles. Foi como mantiveram o portal fechado quando os próprios Pioneiros falharam, e era por isso que tinham uma vida mais curta que a de seus primos degenerados do norte, que não davam nada em troca, apenas extraíam energia desse mundo ao qual tinham ido em busca de refúgio e que reivindicaram para si à força.

Os Stelian sangravam energia para o véu que tolos tinham danificado, para mantê-lo livre da força agressiva e brutal dos *nithilam*. Dos monstros. Mas eles eram maiores que monstros, tão imensos e destrutivos que, para Escarabeu, só uma palavra os descreveria.

*Deuses.*

Para que mais essa palavra existiria, se não para expressar uma imensidão invisível como aquela? Quanto aos "deuses da luz", havia tanto tempo venerados pelos seus, Escarabeu os considerava tão úteis quanto histórias de ninar. De que serviam deuses radiantes que só observavam de longe enquanto deuses da escuridão tentavam o tempo todo devorar você?

Ela imaginava os *nithilam* como coisas escuras, imensas e irrefreáveis, e suas bocarras — estruturas sugadoras, cartilaginosas e pulsantes —, fixadas ao véu como enguias furiosas se fixam à carne de uma serpente marinha levada até a praia, com a barriga pálida ao sol, horrível e agonizante, enquanto seus parasitas ainda pulsam. Ainda sugam. Em um frenesi delirante para sugar cada gota mortal.

Ela não contou essa parte a Akiva. Era seu próprio pesadelo, era o que via quando fechava os olhos na escuridão e os sentia se contorcerem contra o véu. Só contou o que o mito dizia, porque o mito era verdade: havia escuridão, e nela nadavam monstros imensos como mundos.

E quando falou sobre Meliz, viu a compreensão nos olhos de Akiva, acompanhada pela perda. Era um eco do que vira um pouco antes, quando Rouxinol lhe enviara emissões sobre Festival. Talvez a senhora tivesse tentado ser gentil. Ou talvez tivesse ficado cega pela dor da própria perda. Escarabeu se surpreendeu por ter observado o efeito daquilo sobre Akiva, o efeito de receber a mãe em uma emissão — a *primeira* emissão dele, e sua mente teria que lutar para distanciá-la da realidade — e logo depois vê-la ser tirada de si tão abruptamente.

E agora Meliz. Meliz, coroa do Continuum, jardim do grande Todo. O mundo de origem dos serafins e toda a graça de suas centenas de milhares de anos de civilização. Escarabeu observou o rosto de Akiva enquanto lhe passava ao mesmo tempo as profundezas inimagináveis de sua história, a grandeza de sua ancestralidade e a glória dos serafins da Primeira Era, para então tirar isso tudo dele. Meliz, primeiro e último. Meliz, perdido.

Lembrando-se do que ele era, manteve-se insensível às ondas de perda e dor que o dominavam. Cada uma parecia roubar algo vital dele, deixando-o... menor do que como o haviam encontrado.

Era isso o que ela queria? Diminuí-lo? O que ela *queria* com ele? Não sabia muito bem. Ela o caçara para matá-lo, mas a resposta, como já sabia então, não era tão simples.

Após a batalha nas Adelphas, quando ela ceifara os fios de vida de soldados rivais, guardando-os para o começo de sua

*yoraya* — a arma ancestral de seus antepassados —, Escarabeu começara a pensar que o fio *dele* seria sua glória. A vida dele para encordoar sua harpa. O poder dele sob seu controle.

E talvez essa fosse a resposta. Talvez esse fosse o fim para o qual a *ananke* de Festival a impelira desde o começo.

Escarabeu queria que sua própria *ananke* fosse mais clara quanto a isso.

Para uma questão, era bem clara. Os *nithilam* eram seu destino.

E ela era o deles.

Estava sempre atenta à presença deles, mas era quando se deitava para dormir e a escuridão assomava que Escarabeu sentia como se os encarasse através da vastidão. Através de uma barreira, sim, mas sempre houvera uma... premonição de desafio — mesmo antes de qualquer esperança sã para confirmá-la. De ficar frente a frente, poder contra poder, sem nenhuma barreira. Era como a inimiga deles, assim como eles eram os dela.

Era como o pesadelo *deles*, assim como eles eram o dela.

Escarabeu, o flagelo dos deuses monstros. A que reivindicaria todos os mundos devorados.

Ainda não havia nenhuma esperança *sã*. Escarabeu viu que Rouxinol sentia o que estava crescendo nela — não só o começo da *yoraya*, mas seu propósito — e que a senhora se encolheu de horror. Quem não faria isso?

Os Stelian tinham construído sua vida naquela nova era acreditando que o Cataclisma não poderia ser vencido, apenas contido. Então era o que faziam. Eles o continham e morriam, jovens demais e sem glória. Aceitavam uma missão que seus ancestrais teriam desprezado. Encolhiam-se de medo e sangravam sua vitalidade, sem pensar em enfrentar o inimigo em uma batalha porque seus inimigos eram devoradores de mundos, e os Stelian não eram mais guerreiros.

E porque, se falhassem, arriscariam... tudo o que restava. *Tudo* o que restava. Eretz era a rolha para uma inundação de escuridão que não teria fim. Se os Stelian falhassem, todos os outros mundos acabariam.

Ela não disse nada disso a Akiva. Escarabeu lhe contara tudo, menos a parte dele nessa história. Deveria ter sido fácil terminar. *Veja o que ele fez.* Mas a voz lhe fugia. Não fazia sentido, mas, ao ver a desolação que causara nele, Escarabeu se lembrou da maneira como ele sorrira — para ela, mas *não* para ela — e do brilho que ele emitia naquele momento, e da alegria, e como a descoberta a deixara zonza, como um novato apresentado à *léxica*, sentindo, pela primeira vez, todo um idioma resplandecente e secreto. Ela vira essa reação de novo na caverna das fontes, onde ele esperava... pelo que ela chamara de "compromisso" quando contara a Rouxinol, sem querer usar a palavra certa. Por aquilo que a bela estranha de cabelo azul despertava nele, e o brilho que nascia dali.

Akiva estava apaixonado.

Era uma pena, mas não era problema dela. Perto dos *nithilam*, aquilo era como uma pegada nas cinzas, transitório, algo que poderia facilmente ser soprado para longe.

Sua pausa se estendeu demais, e Rouxinol, com muita graciosidade, tentou retomar o fio da história, para evitar que Escarabeu tecesse o restante.

A rainha balançou a cabeça e encontrou sua voz, para então contar a Akiva o final da história.

E sentiu em seu peito quando ele caiu de joelhos. Pensou em Festival, que nunca conhecera, convocada para um destino horrível muito longe dali: entregar-se a um rei tirano para dar à luz aquele homem. Akiva dos Ilegítimos, que, por alguma razão inexplicável, era mais poderoso que todos os outros.

Bem, e era o terrível destino de Escarabeu fazê-lo cair de joelhos, mas ela achou que Festival entenderia. A *ananke* cava sulcos tão profundos que você só tem duas opções: seguir por eles ou passar a vida tentando desviar pelas laterais. Escarabeu não tentaria fugir. Toda a sua vida crescera em direção àquele destino, desde que ouvira falar de uma harpa encordoada com vidas ceifadas, e até mesmo antes, nos instantes iniciais em que as energias se uniram para formá-la. Seu caminho estendia-se ali diante dela, e Akiva estava preso a ele.

Tinha embarcado naquela jornada para caçar e matar um mago.

Voltaria armada para caçar e matar deuses.

* * *

*Era uma vez uma época em que só havia a escuridão, e nela nadavam monstros imensos como mundos. Eles amavam a escuridão porque escondia sua hediondez. Sempre que outra criatura planejava criar a luz, eles a extinguiam. Quando as estrelas nasceram, eles as engoliram, e parecia que a escuridão seria eterna.*

*Mas uma raça de guerreiros brilhantes ouviu falar desses monstros e viajou de seu mundo distante para lutar com eles. A guerra foi longa, luz contra escuridão, e muitos dos guerreiros foram mortos. No final, quando derrotaram os monstros, havia cem deles vivos, e esses cem eram os deuses da luz, que trouxeram a luz para o universo.*

Akiva tentou se lembrar da primeira vez que ouvira o mito. Monstros devoradores de mundos que nadavam na escuridão. Inimigos da luz, engolidores de estrelas. Será que tinha sido sua mãe quem lhe contara? Não lembrava. Só tivera a mãe ao seu lado por cinco anos, e muitos anos haviam se passado desde então, apagando essas lembranças. Poderia ter ouvido a história no campo de treinamento, como algo para aumentar o ódio deles pelas quimeras. Pois foi nisso em que se transformou a história, no império: em um mito de criação tão feio que chegava a ser bobo.

Ele contara a história a Madrigal na primeira noite que passaram juntos, quando estavam deitados sobre suas roupas em uma encosta de musgos, cansados e preguiçosos de prazer. E riram disso. "O tio feio Zamzumin, que me fez a partir das sombras", disse ela então. Absurdo.

Ou não. Escarabeu os chamava por outro nome, diferente daquele que Akiva conhecia, mas fazia sentido. Enquanto *sirithar* significava, no império, o estado de calma em que os deuses da luz atuam através dos espadachins, *nithilam* era o oposto: o frenesi ímpio do calor da batalha, o matar para não morrer. Esses termos um dia tinham significado alguma coisa sobre a natureza do mundo deles. De alguma forma, a verdade se perdera.

Agora Akiva aprendia que os monstros eram reais.

E que a cada segundo de cada dia esses monstros atacavam o véu do mundo.

E que o povo do qual herdara metade de seu sangue dedicava suas vidas a reforçar esse véu com a própria força vital.

E que ele... *ele*... quase o rompera.

Akiva estava de joelhos. Tinha apenas uma vaga noção de ter chegado ali. O que os Pioneiros haviam feito era apenas meio cataclisma. Em sua ignorância, ele quase provocara o fim.

*Não apenas ignorância*, emitiu Rouxinol para a mente de Akiva. E se ajoelhou diante dele, enquanto Escarabeu permanecia onde estava, impassível. *Ignorância e poder. Duas coisas que formam uma combinação ruim. O poder é tão misterioso quanto os próprios véus. O seu, mais que o de qualquer um. Não podemos tirá-lo de você de outra forma que não o matando, e não queremos fazer isso. Nem podemos deixá-lo, esperando que consiga contê-lo sozinho.*

E Akiva compreendeu sua escolha que não era uma escolha.

— O que querem de mim? — perguntou ele, rouco, embora já soubesse.

— Venha conosco — respondeu Rouxinol em voz alta. Sua voz era doce e triste, mas Akiva olhou por cima do ombro da avó para Escarabeu, e não viu nenhuma tristeza nela, nem compaixão. Rouxinol acrescentou, gentilmente: — Vamos para casa.

*Casa.* Parecia uma traição até mesmo ouvir a palavra, ainda mais enquanto olhava para Escarabeu. Casa era o que ele construiria com Karou. Seu lar *era* Karou. Akiva sentiu seu futuro se desfazendo nas mãos. Pensou no cobertor que ainda não existia, o símbolo de sua esperança mais simples e profunda: um lugar para amar e sonhar. Será que ele e Karou teriam que dividi-lo ao meio e carregar suas metades com eles para onde seus destinos estivessem determinados a levá-los?

— Não posso — respondeu ele, desesperado, sem pensar no que isso significava, sem pensar que poderia ser interpretado como uma escolha.

Rouxinol apenas olhou para ele, os cantos da boca se repuxando de decepção. O rosto de Escarabeu não revelava nada, mas ainda assim ela deixou a natureza de sua escolha bem clara para ele, caso tivesse entendido mal. Duas vezes antes ele fora tomado por aquela percepção repentina e intensa de sua vida. Aquela era a terceira, e com ela veio uma emissão, mais rude que a de Rouxinol, sem dúvida de Escarabeu, que não era cruel, apenas impiedosa. Ele compreendeu que não havia espaço para piedade, não com ela. Escarabeu era rainha de um povo escravizado pelo pesado fardo de todo o Continuum depender deles. Ela não podia hesitar nunca; e não hesitava. Aquilo era *força*, não crueldade. A emissão dela foi uma imagem: um filamento brilhante entre dois dedos — e a compreensão de que aquele filamento era a vida de Akiva e os dedos eram dela, e de que Escarabeu poderia matá-lo tão facilmente quanto estalar os dedos.

E que assim ela faria.

Mas ele sentiu naquela emissão algo mais, que o surpreendeu. Seria mais seguro para todo mundo, e mais fácil para ela, matá-lo naquele instante. E não apenas mais fácil e seguro. Havia outra coisa, algo que ele não conseguia entender, lá naquela imagem do filamento brilhante. Uma corda de harpa. Escarabeu e Rouxinol tinham discutido sobre isso, e Akiva sentiu que a rainha tinha algo a *ganhar* com a morte dele.

Mas ela não queria matá-lo.

— E então? — perguntou ela.

E era uma escolha fácil. A vida, primeiro. É preciso estar vivo, afinal, para resolver todo o resto.

— Está bem — decidiu Akiva. — Vou com vocês.

E, é claro, porque Ellai andava por ali (a deusa-fantasma que apunhalara o sol, a deusa que mais traía do que ajudava os amantes), Karou entrou na caverna bem naquele momento e ouviu o que ele disse.

# 85

## Um fim

— *Akiva?*

Karou não entendia o que via. A realização do desejo tinha sido bem simples. Assim que o gavriel desaparecera, ela soube onde Akiva estava: perto, mas escondido, bem no interior das cavernas dos Kirin, em um lugar que o grupo deles ainda não havia explorado. Então ela os guiara até ali, percorrendo caminhos sinuosos, para finalmente encontrarem... Akiva de joelhos.

Havia cinco estranhos com ele, anjos de cabelo preto. Ela ouviu o que Akiva disse, mas não fazia sentido. Não correu na direção dele. Não *correu*. Seus pés não tocaram o chão de pedra, mas Karou chegou até Akiva em um segundo, ergueu-o e olhou para ele, *dentro* dele. Derramou-se dentro dele, e entendeu. Na hora.

Era um fim.

Ele parecia um fogo se apagando, e todas as coisas perdidas e vazias.

— Sinto muito — disse Akiva, e ela não conseguia entender o que havia acontecido, em uma questão de horas, para deixá-lo daquele jeito.

Onde estava o olhar de espera, vivo e brilhante, e a risada, a provocação, a dança, a avidez? O que tinham feito com ele? Karou se virou para os estranhos, e foi então que viu seus olhos.

*Ah.*

— O que está havendo? — perguntou.

Na mesma hora teve medo da resposta, mas a esperou. A resposta demorou a chegar, ou talvez ela estivesse novamente percebendo mal a passagem do tempo. Então Akiva a tomou nos braços e a beijou no topo da cabeça, lenta e demoradamente. Para um beijo, esse seria bom, se fosse na boca. Para uma resposta, era muito ruim. Era um *adeus*. Ela o sentiu na rigidez dos braços de Akiva, no tremor do maxilar, no desmoronar dos ombros. Karou se soltou, afastando-se da pressão daqueles lábios de adeus.

— O que está fazendo? — Já era tarde demais quando entendeu o que o ouvira dizer. — Aonde você vai?

— Vou com eles — respondeu Akiva. — Tenho que ir.

Ela deu um passo para trás, olhando mais uma vez para “eles”. O povo de Akiva, os Stelian. Ela sabia que ele nunca conhecera nenhum, e não conseguia entender o que significava a presença deles ali naquele momento. A mulher mais velha estava bem próxima e era bonita, mas Karou não conseguia tirar os olhos da mais jovem. Talvez fosse a artista dentro dela. É raro ver alguém que não se parece com nenhuma outra pessoa, nem um pouquinho, e que nunca poderia ser confundida com outro ou esquecida. Aquela serafim era assim. Não era nem beleza — não que não fosse bonita, a sua maneira penetrante e sombria. Ela era única, extrema. Ângulos extremos, intensidade extrema, e um olhar régio que dizia muito. Ali estava alguém, pensou Karou, com inveja, que sempre soubera quem era desde o dia em que nascera.

E ela levaria Akiva embora.

Qualquer que fosse o motivo, Karou não temeu nem por um segundo que ele estivesse indo embora por vontade própria. Sentiu a presença de seus amigos e companheiros aproximando-se por trás. Todos estavam ali: Issa, Liraz, Ziri, Zuzana, Mik e até Eliza. Além de quarenta Ilegítimos e mais de quarenta quimeras, todos preparados para lutar por Akiva quando o encontrassem.

Apenas para encontrá-lo *sem* lutar por si mesmo.

“Tenho que ir”, dissera ele.

Foi Liraz quem reagiu primeiro.

— Não — retrucou ela, daquela maneira de montar guarda sobre a verdade como uma leoa defendendo a caça. — Não tem nada.

Então desembainhou a espada e encarou os Stelian.

— Lir, não. — Akiva ergueu as mãos, com urgência. — Por favor. Guarde isso. Você não pode derrotá-los.

Ela olhou para o irmão como se não o conhecesse.

— Você não entende — explicou Akiva. — Na batalha. Foram eles. — Virou-se para os Stelian, encarando a mulher mais velha. — Não foi isso? Vocês derrotaram nossos inimigos por nós.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Não derrotamos — respondeu Rouxinol, e Akiva piscou, confuso. Mas então ela acrescentou, apontando para a jovem indômita ao lado: — Foi Escarabeu.

Todos ficaram em silêncio. Eles se lembraram de como seus inimigos de repente perderam as forças na batalha e desabaram do céu. Uma mulher. Uma única mulher tinha feito aquilo.

Liraz embainhou a espada.

— Por favor, me explique o que está acontecendo — sussurrou Karou, e quando Akiva se virou de novo para a senhora, ela achou por um breve instante que ele estava ignorando sua súplica.

Na verdade, ele estava era *fazendo* uma súplica.

— Seria possível? — perguntou ele. — Por favor?

Karou não fazia ideia do que ele queria dizer, mas percebeu que alguma coisa se passou entre as mulheres naquele momento: uma discussão silenciosa. Por fim entenderia que elas haviam discutido sobre lhes dar — em uma *emissão* — a resposta para a pergunta dela, e que Rouxinol vencera. Porque depois Karou entenderia tudo.

Ela experimentou então — todos eles experimentaram — uma sensação tão plena que era como vivê-la, e não era nada que Karou quisesse viver. Ela soube que Akiva pedira à avó — *avó* — para responder daquela maneira, pois nenhuma verdade contada poderia se igualar àquilo. A experiência a envolveu e impregnou: uma história de tragédia e horror indescritíveis, implacável e complexa, e ainda assim levada a ela com toda tranquilidade. Simplesmente comunicada a sua mente, condensada e precisa, como um universo dentro de uma pérola. Ou como lembranças gravadas em um osso da sorte, pensou Karou. Mas aquela história era muito mais profunda e terrível que a sua. Era como um sonho.

Um pesadelo.

E ela entendeu o que tinha acontecido com Akiva desde a última vez que o vira, porque agora ela também era um fogo que se apagava, e todas as coisas perdidas e vazias.

Como é possível absorver algo tão imenso e hediondo? Karou pensou consigo mesma. Ficou ali, sem ar, e se perguntou como tinha sido capaz de um dia imaginar um final feliz.

Por um longo instante, ninguém falou. O horror deles era palpável; a respiração, mais alta do que deveria. Por um breve período a mensagem de Rouxinol carregou uma sensação de grande peso e voracidade selvagem, e, agora que sabiam, nenhum deles jamais esqueceria: a pressão dos *nithilam* contra a pele do mundo.

Karou estava a um passo de Akiva, mas já parecia um abismo. A parte dele na história havia ficado clara na emissão. Não havia dúvida: ele precisava ir. A reformulação de um império já parecera uma tarefa tão hercúlea para eles, e agora era apenas um detalhe na questão da sobrevivência de Eretz. Karou estava zonza. Akiva a olhou nos olhos, e ela viu o que ele queria perguntar mas não o faria, pois o destino dela não era um mero adendo ao dele. Ela não poderia ir junto. Sem Karou, não haveria renascimento para o povo quimera.

Era Akiva quem deveria ficar com ela — “um compromisso”, como ele dissera a Ormerod —, mas agora isso não era mais possível. A história deles *não* seria a história de Eretz: serafins e quimeras juntos, uma “nova forma de viver”. Era apenas uma história em milhões de um mundo sitiado, e mais uma vez eles seriam separados.

Foi Liraz quem, novamente, rompeu o silêncio.

— E os deuses da luz? — perguntou, como um pedido. — Na história, eles lutam com as feras e vencem.

— Não existem deuses da luz — respondeu Escarabeu. Suas palavras trouxeram uma mensagem breve e desoladora: apenas um céu dividido e a compreensão de que não havia nada lá fora, em toda a imensidão, para tomar conta deles, e nenhuma ajuda a caminho. Com tantos deuses que nomearam e adoravam em ao menos três mundos, qual ajuda já havia chegado? Escarabeu continuou, um tom desolado: — Nunca existiram.

Foi o pior momento de todos, do qual Karou sempre se lembraria como a mais escura das sombras — o tipo de escuridão que as sombras só alcançam quando estão ao lado da luz mais intensa.

Porque naquele momento outra emissão chegou até eles. Atravessou a anterior, luminosa e ofuscante. Era *luz*, veemente e abundante. Uma sensação de luz. Um *exército* de luz. Figuras delineadas, muitas e douradas, e Karou sabia quem e o que eram. Todos sabiam, embora os contornos não combinassem com o mito. Era uma lógica de sonho, e um *conhecimento* enraizado no coração. Aqueles eram os guerreiros luminosos.

Os deuses da luz.

Karou viu a cabeça de Escarabeu se erguer junto com a de Rouxinol. Notou o choque em seus rostos e soube que a mensagem não vinha delas, nem dos outros Stelian, que pareciam tão assustados quanto elas.

Então de onde vinha?

— *Ainda.*

Uma palavra, pronunciada atrás de Karou, em seu grupo, cuja voz era familiar, mas tão completamente inesperada que ela demorou para identificá-la em um primeiro instante. Teve que se virar e ver com os próprios olhos, piscar e olhar de novo, até conseguir acreditar.

“Quem tem um destino não deve fazer planos”, diria Eliza mais tarde, rindo. Mas naquele momento o que disse foi:

— Não existem deuses da luz. *Ainda não*.

Porque era ela. Eliza. Ela se aproximou. Estava beatífica, praticamente brilhando. Tinha sido quase esquecida entre as criaturas misturadas daquele mundo, o que não era surpreendente, porque ninguém sabia o que ela era, não de verdade. Ela dissera a Mik e Zuzana que era uma borboleta, mas eles não tinham um contexto para saber o que isso queria dizer — as ramificações desse fato —, e, de qualquer forma, ela era mais que isso. Era um eco, e mais que isso também. Era uma resposta. O mistério reverberava a partir de sua pele; estava repleta dele como uma pérola negra. Não havia serafins cor de

ébano naquela Segunda Era; os de Chavisaery haviam perecido com Meliz, de forma que os Stelian agora a encaravam surpresos.

Ela olhava fixamente para Escarabeu, e Escarabeu, para ela.

— Quem é você? — perguntou a rainha, a severidade já sendo suavizada pelo deslumbre.

Com os olhos brilhando, convidativos, Eliza acenou com a cabeça, chamando Escarabeu para conhecê-la — para tocar seu fio de vida. Escarabeu aceitou, com a ponta do dedo de sua *anima*, um toque delicado que correu pelo fio de cima a baixo. Eliza estremeceu. A sensação nova lhe provocou arrepios, e ela pensou em como era engraçado que seu corpo respondesse de uma maneira tão comum quanto um arrepio ao toque de uma rainha serafim dourada em seu fio de vida.

O que quer que Escarabeu tivesse lido naquele fio, todos viram o fogo dançar em seus olhos, e ela também se tornou beatífica.

Ninguém entendeu isso na hora, com exceção de Eliza e Escarabeu. Nem mesmo Rouxinol. Mas todos os presentes nas cavernas dos Kirin naquela noite — serafins, quimeras e humanos — diriam mais tarde que sentiram, naquele exato momento, uma era escura dar lugar ao florescimento de uma era radiante. Era um fim sendo sobreposto por um começo, e era emocionante e desconcertante, primitivo e assustador, elétrico e *delicioso.*

Era como se apaixonar.

Escarabeu deu um passo à frente. Durante toda a sua vida ela fora assombrada pela *ananke*, a implacável atração do destino. Era opressor e elusivo. E lhe causara medo e insegurança. Mas nunca havia experimentado a satisfação perfeita e completa que vivia naquele momento. Completude. Mais que isso: realização.

A *ananke* se calou. Libertar-se foi como o cessar abrupto do choro insuportável de um bebê.

Ela estava diante daquela mulher — aquela serafim vinda sabia-se lá de onde, da linhagem perdida de Chavisaery, que Meliz reverenciava como profetas —, e toda a insegurança e o medo de Escarabeu... evanesceram.

— Como? — perguntou.

Como era possível? De onde vinha Eliza? De onde vinha a emissão dela e o que significava?

*Como?* O olhar de Eliza correu de Karou para Akiva, e para Zuzana e Mik, e também para Virko, que, sabia ela, a carregara nas costas para longe da casbá, dos agentes do governo e sabe-se lá de quem mais. Os cinco a haviam resgatado da infâmia e da loucura, de uma vida sem futuro. Graças a eles estava ali, onde deveria estar, e, ah, agora tinha um futuro. Todos tinham, e que futuro! Olhou também para o restante da companhia, e sentiu a mesma completude que dominara Escarabeu. Aquilo era certo. Era para ser assim, e era ao mesmo tempo impossível e inevitável, como todos os milagres.

— Acho que chegou a hora — respondeu.

Faladas com assombro, suas palavras tinham o peso de um destino, e, mesmo que a companhia não tivesse entendido, ficaram todos apreensivos com a seriedade do momento, em silêncio.

Quer dizer, menos Zuzana. Ela e Mik estavam juntos, absorvendo tudo com os olhos e ouvidos, e compreendendo — as palavras, ao menos —, pois Zuzana guardara alguns desejos no bolso, ignorando a polícia dos desejos. Assim que chegaram à presença dos estranhos, ela tinha feito dois lucknows desaparecerem, um para si e outro para Mik, garantindo que os dois entendessem a língua dos anjos.

Mas isso não ajudava muito a interpretarem o momento, então Zuzana se arriscou a perguntar:

— Hum, hora de quê?

Todos sentiram uma onda de euforia; e também alívio, por alguém ter dado voz à pergunta que queriam ver respondida. *De fato: hora de quê?*

— Hora da libertação — respondeu Eliza. — Da salvação. Hora dos deuses da luz.

— Eles são um mito — disse Escarabeu, insegura e pronta para ser convencida do contrário.

Assim como os outros, ela guardava a visão da emissão de Eliza na mente, e não sabia o que pensar. Apenas queria acreditar.

— São — concordou Eliza, sorrindo.

Todos a observavam. Todos ouviam. Era estranho ela se tornar o núcleo daquele momento, daquele incrível momento na história de todos os mundos.

— Meu povo entendia que o tempo é um oceano, não um rio — disse ela a todos. — Ele não corre para longe e deságua em um fim. O tempo simplesmente é... eterno e completo. Os mortais podem se mover por ele em uma direção, mas isso não é um reflexo de sua verdadeira natureza... apenas de nossas limitações. O passado e o futuro são nossos próprios construtos. E quanto aos mitos, alguns são inventados, nada além de fantasia. Mas alguns mitos são verdadeiros. Alguns já foram vividos. E, no correr do tempo, eterno e completo, alguns não. — Ela fez uma pausa, reunindo as palavras que fariam com que todos entendessem. — Alguns mitos são profecias.

*Uma raça de guerreiros brilhantes ouviu falar dos* nithilam *e viajou de seu mundo distante para lutar com eles.*

*Esses eram os deuses da luz, que trouxeram a luz para o universo.*

Em algum momento no meio disso, Karou e Akiva tinham se aproximado. Estavam juntos agora, e seu espanto fazia a caverna parecer girar ao redor deles. O adeus não havia sido esquecido ou deixado de lado. O medo se fora, mas não a

tristeza. Não importava o que acontecesse ali, naquela noite; ainda teriam uma despedida pela frente. Loramendi aguardava, com todas aquelas almas silenciosas sob as cinzas. Karou ainda era a última esperança das quimeras, e Akiva era o que era, imensurável e perigoso. Mas todos eles viram algo naquela emissão dourada, e o novo futuro que ela revelara era tão magnífico quanto assustador.

Também parecia, de alguma forma, e no mesmo instante... certo. Era como se a mensagem de Eliza tivesse se unido aos fios de vida de todos e se tornado parte deles.

Não havia como voltar atrás.

Ziri tinha pegado na mão de Liraz quando receberam a primeira sombria emissão e ainda não a havia soltado. Era a primeira vez que os dois seguravam as mãos um do outro, e, somente para eles, a imensidão do que se desdobrava naquela noite fora obscurecida pelo encantamento dos dedos entrelaçados — como se as mãos servissem, desde sempre, para isso e não para armas.

O encantamento deles também foi solapado pela tristeza quando começaram a perceber que o tempo de pegar em armas ainda não havia terminado.

Não estava nem perto disso.

Eliza era uma profetisa e também uma Pioneira. A primeira coisa era boa, porque ela pôde transmitir aquela mensagem e tudo o que pressagiava; mas a segunda era melhor, pois era a concretização da própria profecia. Havia mapas e lembranças dentro dela. Muito tempo antes, Elazael de Chavisaery viajara para além dos véus e mapeara os universos dali, e, após o destino dos doze, provocado pelos magos embriagados de poder, aqueles mapas eram todos de Eliza agora, assim como as lembranças ancestrais das feras. Ninguém vivo tinha contemplado os *nithilam* ou viajado pelas terras que eles devastaram, mas Eliza continha tudo aquilo.

Se Escarabeu ia combater o Cataclisma, precisaria de um guia. E agora tinha uma.

Mais do que uma guia. Qualquer um podia ver isso. Escarabeu e Eliza eram o destino estabelecido e metades que se completaram no momento em que se viram. Até Carniçal, que não se manifestara durante todo aquele tempo, abdicou de suas esperanças tão silenciosamente quanto as alimentara.

E quanto aos outros, todos tinham visto aquelas silhuetas na emissão, e todos acreditaram nelas como se acredita nos sonhos, sem ponderações ou dúvidas.

“Alguns mitos são verdadeiros”, dissera Eliza. “Alguns já foram vividos. E, no correr do tempo, eterno e completo, alguns não.”

Na mesma hora, o restante deles entendeu duas coisas: *quem* eram os guerreiros brilhantes, e *o que* eram.

O “o que” era simples, embora não menos profundo. Eram os deuses da luz, que, na corrente do tempo, ainda não tinham surgido.

E quanto ao “quem”?

As silhuetas eram saturadas de luz, magníficas e... familiares. Eles viram a *si mesmos*, cada um deles. Rath, o garoto Dashnag que não era mais um garoto; Mik, o violinista do mundo mais próximo; e Zuzana, a artesã de marionetes. Akiva e Liraz, que sempre desejariam que Hazael estivesse entre eles. Ziri, dos Kirin, sortudo no final das contas, e até Issa, que nunca fora uma guerreira. E Karou.

Karou, que em sua vida anterior tinha dado início àquela história em um campo de batalha, ao se ajoelhar ao lado de um anjo agonizante e sorrir. Era possível traçar uma linha da praia de Bullfinch, passando por tudo o que acontecera desde então — vidas que acabaram e começaram, guerras vencidas e perdidas, amor, ossos da sorte, raiva, arrependimento, engano, desespero e sempre, de alguma forma, esperança —, e terminá-la bem ali, naquela caverna nas montanhas Adelphas, com os que se encontravam ali.

O destino se curvou frente à perfeição de tudo, mas ainda assim eles prenderam a respiração ao ouvir Escarabeu, rainha dos Stelian e guardiã do Cataclisma, afirmar, com um fervor que fez todos sentirem calafrios na espinha, incluindo a si mesma:

— Haverá deuses da luz. E seremos nós.

Quase todas as manhãs, Karou acordava ao som de martelos de forja e se via sozinha na barraca. Issa e Yasri já haviam saído sem fazer barulho antes da primeira luz da aurora para ajudar Volvi e Awar a preparar o colossal café que inaugurava os dias no acampamento. Haxaya estava com o grupo de caça, portanto ficava fora por dias seguidos para rastrear rebanhos de skelt pelo rio Erling, e ninguém sabia onde Tangris e Bashees passavam as noites.

Quando Aegir começava a martelar — o despertador de Karou naqueles dias era uma bigorna —, a equipe de escavação de Amzallag já tinha comido e saído, e outras equipes de trabalho ocupavam seus lugares na barraca do refeitório.

Além dos ferreiros — tinham passado a forjar turíbulos, não mais armas —, havia pescadores, carregadores de água, agricultores. Barcos tinham sido construídos e calafetados; redes, tecidas. Algumas safras de fim de verão foram semeadas em terra fértil a alguns quilômetros dali, embora eles esperassem fome naquele inverno, após um ano de celeiros destruídos e campos queimados. Mas havia menos bocas para alimentar, o que não era um consolo, apenas uma verdade que, no entanto, iria ajudá-los a superar aquela fase.

Os outros cuidavam da cidade. A primeira coisa que fizeram foi enterrar os ossos que tinham sobrevivido à incineração, e não havia nada a salvar em meio às cinzas. Em algum momento teriam que construir coisas, mas por enquanto precisavam desentulhar a área e remover as barras de ferro retorcidas da grande gaiola. Ainda estavam tentando encontrar animais de carga suficientes para essa tarefa, e não sabiam que fim dar a tanto ferro quando conseguissem os músculos necessários para a empreitada. Alguns achavam que a nova Loramendi deveria ser construída sob uma gaiola, como a antiga, e Karou entendia que ainda era cedo para que as quimeras se sentissem seguras a céu aberto, mas esperava que, quando chegasse o momento de tomar essa decisão, pudessem escolher construir uma cidade adequada a um futuro mais luminoso.

Loramendi poderia ser bela um dia.

— Tragam um arquiteto com vocês — pedira ela a Mik e Zuzana, meio brincando, quando os dois partiram para a Terra montados no caça-tempestades (que batizaram de Samurai).

Foram atrás de dentes, em primeiro lugar, e de chocolate, em segundo (de acordo com Zuzana), mas também para ver como o mundo estava após a visita de Jael. Karou sentiu falta deles. Sem Zuzana para distraí-la, ficava sempre a um passo da autopiedade ou da amargura. Embora não estivesse nem um pouco sozinha ali — e muito longe do isolamento que sofrera nos primeiros dias da rebelião, quando o Lobo os guiara rumo à matança e ela passara os dias construindo soldados para ressuscitar uma guerra —, a solidão que sentia agora era como um cobertor de neblina: nenhum sol, nenhum horizonte, apenas um frio constante do qual não havia como escapar.

A não ser nos sonhos.

Algumas manhãs, quando o primeiro golpe do martelo a acordava, sentia-se de volta à vida, emersa de alguma esfera doce e dourada que perdia toda a definição com o fluxo de consciência — como uma visão borrada pelas lágrimas. E ficava apenas com uma sensação; como a impressão de uma alma quando abria um turíbulo, ou ia colher entre os mortos. E, embora nunca tivesse sentido a alma *dele* — porque, felizmente, ele nunca morrera —, era inundada por uma sensação de graça, como estar parada sob o sol. Calor e luz, e a sensação da presença de Akiva tão forte que quase podia sentir a mão dele em seu coração, e a dela no dele.

Naquela manhã, essa sensação tinha sido especialmente forte. Karou ficou parada, um fantasma de calor ainda em seu peito e na palma das mãos. Não queria abrir os olhos, só voltar para a esfera dourada, encontrá-lo e ficar lá.

Suspirou e se lembrou de uma música boba da Terra que ensinava como se lembrar dos sonhos: assim que se acorda, deve-se chamar por eles como se fossem gatinhos. A canção era quase toda assim: “Aqui, gatinho, gatinho, gatinho, gatinho, gatinho, gatinho, gatinho, gatinho, gatinho, gatinho...” Sempre a fizera rir. Mas agora o sorriso era mais um repuxar de lábios, porque ela queria tanto que aquilo funcionasse, e não dava certo.

E então, à porta da barraca, alguém limpou a garganta e chamou, em voz bem baixa para não acordá-la caso ainda estivesse dormindo:

— Karou?

Quando ela viu a figura emoldurada pela fresta, o sol do amanhecer contornando a linha de um braço forte tão brilhante quanto uma folha de ouro em um retábulo, Karou sentou-se de um pulo.

Jogou a coberta para o lado e se levantou antes de perceber o engano.

Era Carniçal.

Não conseguiu disfarçar. Cobriu o rosto com as mãos.

— Desculpe — disse ela depois de um instante, tentando manter a angústia bem lá no fundo, como fazia todas as manhãs, para seguir em frente. Então tirou a mão do rosto e sorriu para o mago Stelian. — Na verdade não é *nada* horrível ver você.

— Tudo bem. — Ele entrou. Karou viu que ele trazia chá e sua porção matinal de pão, para que pudessem ir direto para o local de trabalho. — É bom saber como deve ser quando alguém fica feliz em ver você. Embora eu ache que a maioria das

pessoas não seja recebida assim. Eu nunca fui, mas agora vou desejar isso minha vida inteira.

— Talvez seja uma maldição — ponderou Karou, pegando o chá. Ela sabia que Carniçal havia tido algo com a rainha e que esse "algo" tinha acabado. Suspeitava de que fosse esse o motivo para ele ter se voluntariado para ir a Loramendi em vez de voltar às Ilhas Longínquas junto com os outros. — Ou talvez seja como eskohl — a planta que crescia nas montanhas altas e cuja resina fedida eles queimavam para acender tochas nas cavernas —, só cresça nas piores condições.

Eskohl nunca crescia em campos ensolarados; apenas nas faces geladas dos rochedos. Talvez amores intensos fossem assim também: só crescessem em ambientes hostis.

Carniçal balançou a cabeça. Nem se parecia tanto com Akiva, mas era confundido com ele o tempo todo, já que Akiva era o único Stelian conhecido naquela parte do mundo.

— Ele fez a mesma coisa, sabia? — contou Carniçal. — Na primeira vez que o vimos. Tínhamos ido matá-lo. Teríamos feito isso bem naquele momento, se ele não fosse quem é. Escarabeu fez um barulho e ele se virou para olhar, mas ela estava invisível. Ele sorria como se a própria felicidade o tivesse encurralado na escuridão. — Carniçal fez uma pausa. — Porque achou que fosse você.

A mão de Karou tremeu, segurando a xícara; tentou firmá-la com a outra, mas sem muito sucesso.

— Quando você voltou? — perguntou ela, mudando de assunto.

Ele tinha ido a Astrae na qualidade de representante da corte Stelian. Liraz e Ziri haviam ido também, para se encontrar com Elyon e Balieros e discutir planos para o inverno seguinte.

— Ontem à noite. Alguns do seu povo voltaram conosco. Ixander está furioso por ter perdido a chance de, nas palavras dele, se tornar um deus.

Um deus. Um deus da luz.

Houve muita discussão sobre o que isso queria dizer desde a noite da emissão de Eliza, e a maioria deles concordava que, por nenhuma interpretação possível, eles se tornariam "deuses". Mas havia uma união e uma seriedade extraordinárias entre eles no acolhimento daquele destino. Eles tomariam parte na concretização do mito. No início, era um mito serafim, mas agora pertencia a todos eles. Mortal ou imortal... isso era irrelevante. Uma guerra se aproximava, de proporções tão épicas que abalaria a todos, e *eles* eram os guerreiros luminosos que baniriam a escuridão.

"Prefiro continuar me achando uma deusa", dissera Zuzana. "Vocês podem acreditar no que quiserem."

Karou gostava da ideia de poder "acreditar no que quisesse", como se a realidade fosse uma mesa de bufê. Quem dera. Fatias triplas de bolo, por favor.

Carniçal continuou a falar de Ixander:

— Ele diz que, por direito, deveria ser um dos deuses da luz, já que queria voltar às cavernas dos Kirin com você, mas foi mandado para Astrae. Eu receava que ele fosse me desafiar pelo meu lugar — concluiu, com um sorriso.

Karou encontrou seu próprio sorriso, imaginando o grande soldado ursino procurando uma brecha no destino.

— Quem sabe? — disse. — Não é como se pudéssemos congelar a emissão de Eliza e fazer uma lista de nomes. — Eles também não podiam ver a mensagem de novo, porque Eliza fora para as Ilhas Longínquas com os Stelian e Akiva. — Talvez todos nós tenhamos visto o que gostaríamos de ver.

— Talvez — concordou Carniçal. — Mas eu vi você.

Karou não podia dizer o mesmo. Não vira Carniçal. Vira a si mesma no brilho daquela visão, e Akiva ao seu lado. A imagem era como uma boia atirada a alguém se afogando, e Karou continuava agarrada a ela.

Ela acreditava mesmo que chegaria o dia em que estariam livres de suas obrigações e poderiam ficar juntos — ou pelo menos o dia em que conseguiriam alinhar suas responsabilidades. Caso estivessem fadados a ser dóceis escravos do destino para sempre, então não poderiam, pelo menos, ser dóceis escravos do destino no mesmo continente, talvez até sob o mesmo teto?

Um dia.

E esperava que esse dia fosse *antes* que a guerra de Escarabeu convocasse todos eles a enfrentar os *nithilam.*

E quando seria isso? Não em breve. Não era um confronto ao qual eles deveriam se lançar com pressa. A própria ideia do confronto fora recebida com violenta oposição quando os Stelian voltaram para casa, segundo Carniçal, que recebeu emissões de seu povo.

Mas nem todos se opunham. Aparentemente, muitos estavam ao lado da rainha na esperança de um futuro em que estariam livres de sua obrigação com o véu.

— Você teve notícias de casa? — Karou se permitiu perguntar.

Akiva já havia transmitido emissões antes, e ela esperava que aquele dia trouxesse outra. Carniçal fez que sim.

— Duas noites atrás. Todos estão bem.

— Todos estão bem? — repetiu ela, desejando ter a habilidade de Zuzana com a sobrancelha para expressar o que pensava sobre aquela quantidade de informações. — Sério que é só isso?

— Mais do que bem, então — continuou ele. — A rainha está em casa, o véu, cicatrizando, e já estamos quase na temporada de sonhos.

Karou entendeu que o véu estava cicatrizando porque Akiva não o drenava mais e que o equilíbrio estava se restabelecendo, mas não sabia o que era a temporada de sonhos. Perguntou.

— É... uma época boa do ano — respondeu Carniçal, com a voz rouca, e desviou o olhar.

— Ah — disse ela, ainda sem entender. — Como assim boa?

A voz dele ainda estava rouca quando respondeu:

— Isso depende da pessoa com quem você está na época.

E dessa vez foi Karou quem desviou o olhar.

*Ah.*

Ela calçou as botas e prendeu o cabelo, amarrando-o com um pedaço de tecido que rasgara de uma de suas duas blusas. Maravilha. *Traga alguns elásticos*, pediu a Zuzana em pensamento, desejando também se comunicar por telestesia.

Já estava vestida. Aquela não era uma vida para pijamas, mesmo se ela tivesse algum. Alternava dois conjuntos de roupas, dormindo e acordando com o mesmo, até não passarem mais no teste do cheiro — embora, para ser sincera, Karou estivesse muito tolerante com o teste de cheiro nos últimos tempos. Era meio engraçado pensar na boutique em Roma em que a pessoa enviada por Esther comprara aquelas peças, e em que condições, digamos, a camisa no topo da pilha na loja se encontrava em um dia normal. Devia estar no corpo de alguma garota italiana montada em um ciclomotor, que talvez tivesse a cintura enlaçada suavemente pelos braços de um garoto. Vamos dar a ela um corte de cabelo à la Audrey Hepburn, por que não? Devaneios com Roma merecem cortes de cabelo à la Audrey Hepburn. Uma coisa era certa: essa outra garota imaginada poderia ter uma camisa igual à de Karou no início, mas a peça de roupa não guardaria mais nenhuma semelhança com a camisa de agora: escurecida pelas cinzas, áspera pelas lavagens no rio, desbotada pelo sol e endurecida pelo suor.

— Certo — disse ela, terminando o chá e pegando o pão que Carniçal trouxera, para comer no caminho. — Conte o que está acontecendo em Astrae.

Ele contou, e o ar da manhã estava doce em volta deles, e havia sons de risada no acampamento que despertava — até risadas de crianças, porque alguns refugiados já começavam a encontrá-los ali —, e naquela hora do dia, quando a terra era banhada com o brilho refrescante da aurora, não dava para dizer que as colinas distantes não tinham cor e estavam mortas. Karou conseguia enxergar até a cadeia de montanhas onde ficava o templo de Ellai, uma ruína escurecida, embora não desse para distinguir a ruína em si.

Tinha ido lá para recuperar o turíbulo de Yasri. Foi sozinha, preparada para sofrer com as lembranças daquele mês de doces noites, mas nem parecia o mesmo lugar. Se o bosque de réquiem tinha crescido de novo desde que Thiago o incendiara, dezoito anos antes, tinha sido queimado outra vez, assim como todo o resto. Não havia mais copa de árvores antigas, e nenhuma evangelina — os pássaros-serpente cujo *shh-shh* fora a trilha sonora para um mês de amor e cujos gritos, ao serem queimados, marcaram o fim de tudo.

Bem, mas *não* o fim. Outros capítulos foram escritos desde então, e outros ainda seriam, e Karou não achava, afinal, que seriam monótonos, como desejara em voz alta naquela noite com Akiva, no acampamento do Domínio. Não com os *nithilam* à espreita, não com uma jovem e corajosa rainha agarrando o destino pelo pescoço.

Os dois subiram a elevação que bloqueava a vista da cidade arruinada. Lá estava ela diante deles, não mais como quando Karou chegara ali, vinda da Terra: sem nenhuma vida, nenhuma alma para impressionar seus sentidos, sem esperanças. As barras da gaiola não haviam mudado, pareciam os ossos de uma fera morta, mas abaixo delas figuras se moviam. Grupos de bois quitinosos de muitas pernas se esforçavam para mover blocos de pedra preta que um dia haviam formado os baluartes e torres de uma enorme fortaleza negra. Karou conhecia a beleza escondida embaixo de tudo aquilo. A catedral de Brimstone fora uma maravilha do mundo, uma caverna de tal esplendor que era parte da razão para que ele e o Comandante tivessem decidido construir a cidade ali, mil anos antes.

Agora era uma cova coletiva, mas, desde que descobrira o que o povo de Loramendi fizera no fim do cerco, Karou não pensava assim. Pensava que aquilo era o que Brimstone e o Comandante pretendiam que fosse: um turíbulo e um sonho.

Ela passava os dias naquela área, ajudando com a escavação, mas na maior parte do tempo vagando pela paisagem morta, os sentidos sintonizados para identificar a impressão das almas, alerta para o momento em que as pedras deslizariam e se abririam para revelar o que estava enterrado ali. Ninguém mais conseguia senti-las; só ela. Quer dizer, ela ainda não as sentia, mas sentiria em breve. Então as colheria, a todas, e não deixaria nenhuma escapar por entre os dedos. E depois?

E depois.

Karou respirou fundo e olhou para cima. O céu estaria azul naquele dia. Quimeras e serafins trabalhariam sob o sol, lado a lado. No sul, a notícia da reconstrução de Loramendi já se espalhara, e mais refugiados chegavam a cada dia. Em breve chegariam, do norte, escravos libertos, a maioria nascida e criada lá, em servidão. Em Astrae, quimeras e serafins também trabalhavam juntos, em uma missão mais sufocante do que extenuante. Renovar um império. Que tarefa. E, do outro lado do mundo, onde centenas de ilhas verdejantes pontilhavam o mar em formações estranhas, parecendo mais ondulações de serpentes do mar do que uma terra habitada, um povo de olhos de fogo preparava-se para uma temporada mais doce.

Bem, Karou imaginava que eles merecessem. Entendia agora qual trabalho moldava a vida deles e quanto se doavam para o véu que mantinha Eretz intacto. Não entendia por que a chamavam de temporada de "sonhos", mas fechou os olhos e imaginou

que poderia encontrar Akiva lá; se em nenhum outro lugar, ao menos naquele espaço dourado de seu sonho.

* * *

Akiva nunca soube se suas emissões chegaram até Karou, mas continuava tentando, à medida que as semanas se transformavam em meses. Rouxinol o havia prevenido de que grandes distâncias exigiam um nível de habilidade que ele provavelmente só atingiria em muitos anos. Ela mandou algumas mensagens em nome dele, mas era difícil saber o que dizer com palavras. Ele queria mandar sentimentos — embora tivessem lhe explicado que isso exigia um nível avançado de telestesia, e era provável que não conseguisse —, e sentimentos só poderiam sair dele mesmo.

As Ilhas Longínquas estavam espalhadas pelo Equador, então o sol se punha cedo e à mesma hora todo o ano. Era durante o crepúsculo que Akiva tirava algum tempo para si mesmo e tentava enviar emissões para Karou. Para ela, do outro lado do mundo, seria a hora logo antes do amanhecer, e ele gostava de pensar que, de alguma forma, estava acordando ao lado dela, mesmo que não pudesse viver isso.

Um dia.

— Achei que iria encontrá-lo aqui.

Akiva se virou. Tinha ido ao templo no topo da ilha, como fazia na maioria das noites, para ficar sozinho. Cento e trinta e quatro dias, e aquela era a primeira vez que encontrava alguém além dos anciões enrugados que cuidavam da chama eterna. A chama ficava acesa para os deuses da luz, e os anciões se recusavam a aceitar que suas divindades não existiam. Escarabeu não fazia nenhuma pressão, e a chama continuava a arder.

Mas ali estava sua irmã Melliel, que Akiva encontrara aprisionada quando chegara às Ilhas. Ela e o restante de seu grupo tinham sido libertados naquele dia, assim como vários soldados e emissários de Joram que estavam presos separadamente. Todos puderam escolher entre ficar lá ou ir embora, e os Ilegítimos, sem famílias para as quais voltar, ficaram, pelo menos por ora.

Alguns deles, como Yav, o mais jovem, viam um grande incentivo na temporada de sonhos, que logo chegaria ao fim e provavelmente traria a introdução de olhos azuis à linhagem dos Stelian. Quanto a Melliel, alegava que a razão para ficar eram os *nithilam*, porque queria estar onde aconteceria a próxima guerra. Mas Akiva achava que ela parecia menos marcial a cada dia e notava que ela passava mais tempo cantando do que lutando. Melliel sempre tivera uma voz bonita, mas só agora seu sotaque se suavizara e se tornara mais parecido com o dos Stelian, e ela estava aprendendo canções antigas de Meliz, cheias em magia.

Akiva a cumprimentou e não perguntou por que o procurava. Eles se veriam em uma hora, no jantar, então achava que, se ela o procurava agora, era porque queria falar com ele em particular. Se havia algo que queria dizer, entretanto, ela não foi direto ao ponto.

— Qual delas? — perguntou Melliel, parando ao seu lado para contemplar a vista.

Em um dia claro, dali do alto era possível ver duzentas ilhas. Noventa por cento delas não eram povoadas, talvez não fossem nem habitáveis, portanto Akiva solicitara uma para si. E para Karou, embora nunca tivesse falado sobre isso com ninguém. Ele apontou para um aglomerado de ilhas a oeste, bem onde o sol desaparecia no poente.

— Aquela pequena que parece uma tartaruga — disse.

Melliel fez um som como se tivesse identificado qual era, embora ele achasse improvável.

Não era uma das ilhas com um formato anguloso, marcadas por antigas extrusões de lava, e também não era uma das caldeiras vulcânicas, com suas lagoas ocultas e perfeitas.

— Tem água fresca? — perguntou Melliel.

— Sempre que chove.

Ela riu. Chovia impiedosamente naquela época do ano — com intervalos de poucas horas, uma chuvarada como nunca tinham visto no norte: breve, mas torrencial. As cachoeiras que desciam daquele pico se avolumavam e passavam de azuis para marrons em alguns minutos, depois voltavam à cor normal quase com a mesma rapidez. O ar era pesado, e as nuvens passavam baixas e lentas com o peso da chuva. Uma das coisas mais estranhas que Akiva já vira eram as sombras daquelas nuvens na superfície do mar, que pareciam tanto silhuetas de criaturas marinhas submersas que no começo ele não acreditava serem sombras; ainda debochavam dele por isso.

— Olhe, um rorqual! — dizia Miragem, apontando para uma sombra de nuvem maior que metade das ilhas, rindo da ideia de que pudesse existir um leviatã tão grande.

As sombras faziam Akiva pensar nos *nithilam*, que nunca estavam muito longe de seus pensamentos.

— E a casa? — perguntou Melliel.

Ele a olhou de soslaio.

— Essa palavra é um certo exagero.

Mas era alguma coisa. A esperança o mantinha são, e pensar em Karou o fazia se dedicar, dia após dia, às lições básicas da *anima*, que era o nome correto para seu “esquema de energias” e a raiz não apenas da magia, mas também da mente, da alma e da própria vida. Só quando tivessem certeza de que ele tinha domínio sobre si mesmo e sobre sua terrível habilidade de

drenar o *sirithar* é que Akiva ficaria livre para ir aonde quisesse. E Karou não tinha como ir até lá para ver como ele preenchia suas horas, pois seu dever ainda a manteria ocupada por muito tempo. Consolava um pouco saber que Ziri, Liraz, Zuzana e Mik estavam com ela, para garantir que Karou tomasse conta de si mesma. E Carniçal também, que prometera lhe ensinar um método de pagar o dízimo melhor do que pela dor.

Embora não servisse muito de consolo pensar nas aulas diárias de Karou com o mago Stelian.

— Mas está ficando pronta? — perguntou Melliel.

Akiva deu de ombros. Não queria dizer que a casa já estava pronta, que já estava pronta fazia um tempo. Não queria dizer que todas as manhãs, quando acordava na palhoça que dividia com os irmãos Ilegítimos, ficava deitado por alguns instantes, de olhos fechados, imaginando as manhãs como deveriam ser, e não como eram.

— Está precisando de alguma coisa para lá? Silfo me deu uma chaleira linda, que ainda não usei nem uma vez. Pode ficar.

Era uma oferta simples, mas Akiva a olhou desconfiado. Ele não tinha uma chaleira nem nenhuma outra coisa, mas se perguntava como ela sabia disso.

— Tudo bem, obrigado — aceitou, tentando ser agradável.

Por mais gentil que fosse a oferta, parecia meio invasiva. Na maioria das vezes, a vida de Akiva desde que chegara ali tinha sido um livro aberto. Sua rotina, seu treinamento, seu progresso e até seu humor pareciam estar abertos para discussão a qualquer hora. Um dos magos — geralmente Rouxinol — mantinha contato com a *anima* dele o tempo todo, um processo de monitoramento que fora comparado a alguém ficar com o polegar em seu pulso. A avó lhe garantiu que ninguém estava lendo seus pensamentos, e ele esperava que fosse verdade. Esperava também que, por ser inexperiente, não estivesse espalhando suas tentativas de emissões como confete por toda a população.

Porque isso seria constrangedor.

Enfim, como se sentia o projeto coletivo dos Stelian, queria guardar aquele assunto para si. Nunca falava sobre nada — a ilha, a casa, suas esperanças —, embora, aparentemente, eles soubessem de tudo mesmo assim. E era claro que nunca tinha levado ninguém até lá. Karou seria a primeira. Um dia. Era um mantra: *um dia*.

— Que bom — disse Melliel. Akiva esperou um instante para ver se ela diria por que tinha ido até ali, mas ela ficou quieta, e a maneira como olhou para ele foi quase terna. — Vejo você no jantar — concluiu, e tocou o braço dele em despedida.

Foi uma interação estranha, mas ele evitou pensar naquilo e se concentrou na emissão que enviara para Karou. Só mais tarde, quando desceu do pico e voltou para a palhoça a caminho do jantar, começou a entender aquele comportamento estranho, porque mais coisas estranhas lhe aguardavam no alojamento com telhado de palha.

Ele viu a chaleira primeiro, e então entendeu que os outros objetos também eram presentes. Subiu os degraus e olhou para todas aquelas coisas que não estavam ali uma hora antes. Um banquinho bordado, dois lampiões de bronze, uma grande tigela de madeira polida cheia de frutas da ilha. Tecidos brancos diáfanos, cuidadosamente dobrados, um jarro de argila, um espelho. Akiva examinava tudo aquilo, perplexo, quando ouviu o barulho de asas que indicava a chegada de alguém. Ao se virar, viu sua avó descendo. Trazendo um embrulho.

— Você também? — perguntou ele, em um suave tom de acusação.

Ela sorriu, com ternura igual à de Melliel. *O que essas mulheres estão tramando?*, perguntou-se, enquanto Rouxinol subia os degraus e lhe entregava o presente.

— Talvez você devesse levá-los direto para a ilha — disse ela.

Por um instante Akiva só olhou para a avó. Se estava demorando a entender o que ela dizia, era só porque mantinha suas esperanças tão cuidadosamente contidas quanto sua magia ingovernável. E, quando achou que tinha entendido, não disse uma palavra. Só enviou uma emissão a ela que saiu de sua mente como um grito. Era apenas uma pergunta, a essência de uma pergunta, e a atingiu com uma força que a fez piscar, e depois sorrir.

— Bem, acho que você está fazendo progressos com sua telestesia.

— Rouxinol — disse Akiva, tenso, sua voz pouco mais que respiração e urgência.

E ela assentiu. Sorriu. E enviou para a mente dele vislumbres de figuras em um céu. Um caça-tempestades. Um Kirin. Meia dúzia de serafins e o mesmo número de quimeras. E, com eles, alguém que voava sem asas, planando, o cabelo como um chicote azul no céu do crepúsculo.

Mais tarde, Akiva pensaria que tinha sido Rouxinol que fora lhe contar a novidade para o caso de, em sua alegria, ele involuntariamente drenar o *sirithar*. Mas ele não fizera isso. Estava sendo treinado para reconhecer as fronteiras de sua *anima* e manter-se dentro delas, e foi bem-sucedido. Sua alma se iluminou como os fogos de artifício sobre Loramendi muitos anos antes, quando Madrigal o pegara pela mão e o conduzira a uma nova vida, vivida às noites, pelo amor.

Agora a noite estava chegando e, por obra do acaso, antes do que Akiva se permitira sonhar, também viria o amor.

* * *

Foi Carniçal quem lhes avisou sobre a chegada deles, mas as mulheres fizeram todo o resto. Yav e Stivan, dos Ilegítimos, e até Rapina e Incorpóreo, dos Stelian, argumentaram que era crueldade mandar Akiva embora, mas as mulheres não deram ouvidos. Apenas se reuniram no terraço do modesto palácio de Escarabeu, no penhasco, e esperaram. Àquela altura, a noite já

havia chegado, assim como as rápidas rajadas de vento da chuva implacável, então os recém-chegados aterrissaram antes mesmo que o brilho das asas dos serafins pudesse ser visto em meio à tempestade.

A recepção não teve alarde. Os homens foram separados como joio do trigo e deixados lá mesmo. Carniçal e Rapina trocaram um olhar de solidariedade resignada antes de levarem Mik e Ziri, junto com Virko, Rath, Ixander e alguns Ilegítimos espantados para fora da chuva.

Enquanto isso, Escarabeu, Eliza e Rouxinol guiaram Karou, Zuzana, Liraz, Issa e as Sombras Vivas pelos aposentos da rainha e para o banheiro do palácio, onde foram envolvidas por um vapor perfumado que, por consenso, era a melhor de todas as boas-vindas possíveis.

Bem, exceto por uma. Karou procurara por Akiva naqueles segundos entre aterrissar e ser conduzida até lá, mas não o vira. Rouxinol apertara sua mão e sorrira, e havia algum conforto naquilo, embora nada pudesse ser um verdadeiro conforto até vê-lo e ter certeza de que a ligação entre eles não se perdera.

— Como conseguiram vir? — perguntou Escarabeu, quando todas tinham se despido e entrado na água espumante, com cálices de barro nas mãos contendo alguma bebida estranha, cujas propriedades refrescantes compensavam o calor quase insuportável do banho. — O trabalho já terminou?

Karou ficou feliz por Issa responder. Não estava a fim de fingir nenhuma interação social normal.

*Cadê ele?*

— Todas as almas já foram colhidas — contou Issa. — Estão a salvo. Mas o inverno será difícil, e mais refugiados chegam a cada dia. Achamos melhor esperar uma estação mais amena para começar as ressurreições.

Era uma forma bonita de dizer que tinham decidido não trazer os mortos de Loramendi de volta à vida só para passarem fome e se amontoarem durante toda uma estação cinzenta de chuva fria e lama de cinzas. Não havia comida nem abrigos suficientes. Não era isso que Brimstone e o Comandante imaginaram quando destruíram a longa escada em espiral que levava para dentro da terra, confinando seu povo lá embaixo. E não era para isso que aqueles que ficaram na superfície também haviam sacrificado suas vidas — era para que os outros pudessem um dia voltar a viver em uma época melhor.

Esse dia ainda não havia chegado. Os tempos ainda não eram melhores o suficiente.

Era a decisão certa, sabia Karou, mas como isso a libertaria para fazer o que mais queria, ela preferia ficar fora dos debates e deixar a decisão para os outros. Não conseguia deixar de ver os próprios desejos como egoístas, e toda a sua esperança acumulada, como uma dádiva que não tinha direito algum de levar para longe e gastar com apenas uma alma, quando tantas outras continuavam em estase.

Como se sentisse o conflito em Karou, Escarabeu disse:

— Foi uma escolha corajosa, e imagino que não tenha sido fácil. Mas vai ficar tudo bem. Cidades podem ser reconstruídas. É uma questão de músculos, vontade e tempo.

— E por falar em tempo, até quando vocês ficam? — perguntou Rouxinol.

— A maioria de nós, só por algumas semanas, mas decidimos — começou Liraz, olhando para Karou com ar sério — que Karou deve ficar com vocês até a primavera.

Esse era o maior conflito dela. Por mais que quisesse passar o inverno todo ali com Akiva, não conseguia deixar de pensar nas péssimas condições que os outros enfrentariam. *Quando as coisas ficam difíceis,* pensou, *os fortes* não *tiram férias.*

— A saúde da sua *anima* é de suprema importância para seu povo — disse Escarabeu. — Nunca se esqueça disso. Você precisa se recuperar e descansar.

Rouxinol acrescentou:

— Assim como a dor não é um bom dízimo, o sofrimento não faz bem ao poder.

— Na felicidade, a *anima* floresce — completou Eliza, como se soubesse do que estava falando.

Issa assentia para tudo que as mulheres diziam, e em seu rosto estava estampado *Eu disse.* É claro que ela tinha falado a mesma coisa, ainda que não nos mesmos termos.

— É seu dever, docinho, estar bem de corpo e alma — reforçou ela.

*A felicidade tem que ir para algum lugar*, lembrou Karou, e afundou mais um pouco na água, com um suspiro. Alguns destinos eram difíceis de aceitar, mas esse não era o caso.

— Está bem — concordou, com fingida relutância. — Se vocês insistem...

Elas se banharam, e Karou saiu da água se sentindo purificada de corpo e alma. Era bom ser cuidada por mulheres, e que belo grupo elas formavam. As mais mortais das quimeras ao lado das mais mortais das serafins, uma Naja, uma *neek-neek* feroz em uma adorável e enganadora forma humana, duas Stelian de olhos de fogo incomensuravelmente poderosas, e Eliza, que se revelara a resposta. A chave que se encaixava na fechadura. E uma garota bem legal.

Elas escovaram o cabelo de Karou e o torceram, ainda úmido, entrelaçando-o com vinhas em suas costas nuas. Deram-lhe trajes leves, de seda, no estilo Stelian, e seguraram os tecidos na frente dela.

— Branco não combina com você — decidiu Escarabeu, jogando um vestido para o lado. — Vai parecer um fantasma.

Então pegou um vestido de seda azul-escuro, enfeitado com pequenos cristais aglomerados como constelações, e Karou riu. Deixou o vestido correr pelas mãos como água, levando o passado com ele.

— O que foi? — perguntou Zuzana.

— Nada — replicou ela, deixando que a vestissem.

Parecia um sári, preso em um dos ombros e deixando os braços de fora. Karou quase desejou ter consigo uma tigela de açúcar e uma almofadinha para espalhá-lo pelo corpo. Um eco de outra primeira noite. O vestido era muito parecido com aquele que usara no baile do Comandante, quando Akiva fora encontrá-la.

— Quer guardar suas roupas? — perguntou Eliza, cutucando a pilha com os pés.

— Pode queimá-las — respondeu Karou. — Ah. Espere. — Ela procurou no bolso da calça o osso da sorte que carregara por todos aqueles meses. — Ok. *Agora sim*, pode queimá-las.

Karou se sentia como uma noiva enquanto elas a conduziam para fora. A chuva tinha parado, mas a noite ainda guardava sua lembrança nas gotas e nos riachos, nos trinados de criaturas e no cheiro de mel, o ar agradável e rico de umidade.

E lá estava Akiva.

Ensopado até os ossos e envolto em vapor pois o calor de seu corpo evaporava a chuva. Seus olhos estavam em chamas; ele estava furioso com a espera. Suas mãos tremiam, tensas, mas se acalmaram quando Karou apareceu.

O tempo vacilou, ou assim pareceu. Não havia mais razão para aqueles segundos invasivos em que não estavam se tocando. Já tinham vivido muitos deles, e não fizeram questão de aproveitar aqueles últimos.

Voaram juntos. O próprio tempo saiu do caminho, e Karou e Akiva giravam, o chão se afastando. A ilha ficava cada vez mais longe. O céu os levou para cima e as luas se esconderam nas nuvens, deixando para si mesmas suas lágrimas e seu pesar, que pertenciam a uma era terminada.

Lábios e suspiros e asas e dança. Gratidão, alívio e avidez. E sorrisos. Sorrisos sentidos e provados. Encostaram o rosto como em um beijo, sem negligenciar um só espaço. Cílios úmidos de lágrimas, o sal beijado dos lábios de um para os do outro. *Lábios*, por fim, macios e quentes — o centro quente e macio do universo —, e batidas de coração não em uníssono, mas passadas de um para o outro pela pressão dos corpos, como uma conversa formada apenas pela palavra *sim*.

E assim foi. Karou e Akiva abraçados, sem se largar.

Não era um final feliz, mas um durante feliz — enfim, após tantos começos difíceis. A história deles seria longa. Muito seria escrito a respeito dos dois, algumas coisas em versos, outras em canções, e outras ainda em prosa simples, em vários volumes para os arquivos das cidades ainda não construídas. Contra o desejo expresso de Karou, nada seria monótono.

E ela agradeceria por isso milhões de vezes, a começar naquela noite.

Voaram pela névoa, as mãos unidas. Uma ilha entre centenas. Uma casa em uma pequena praia em forma de lua crescente. Akiva tinha falado com sinceridade quando dissera a Melliel que era um exagero chamar aquilo de casa. Ela imaginara uma porta, um dia, para deixar o mundo do lado de fora, mas não havia porta ali, então o mundo parecia uma extensão da casa: mar e estrelas para sempre.

A estrutura era um pavilhão: um telhado de palha sobre pilastras de madeira, bem próximo ao penhasco, que o protegia, o chão de areia macia, com videiras vivas descendo pelo penhasco para formar paredes verdes dos dois lados. Akiva fizera tudo aquilo antes daquele dia. E havia uma mesa e cadeiras. Bem, eram troncos talhados, mas a “mesa” estava coberta por um tecido, mais refinado do que merecia. E agora havia uma tigela de frutas em cima, e também uma linda chaleira, com uma caixa de chá e duas canecas. Lampiões pendiam de ganchos, e metros de tecido diáfano formavam uma terceira parede ondulante, transparente como a névoa do mar.

O presente de Rouxinol fora desembrulhado e colocado em seu devido lugar, e quando Akiva levou Karou para a casa que tinha feito para ela — um lugar que parecia saído de um sonho, tão perfeito que ela esqueceu como respirar e precisou aprender de novo, depressa —, o desejo dele estava prestes a se tornar realidade.

Na cama: um cobertor para cobri-los, um cobertor que era de ambos. Em algum momento da noite, já protegidos por ele, olharam um para o outro através de um espaço cada vez menor, os joelhos dobrados e o osso da sorte entre os dois.

Cada um segurou um dos finos esporões e puxou.

Fim

# Agradecimentos


Chegamos a um fim. É muito gratificante, um pouco desconcertante e inacreditavelmente triste encerrar este capítulo da minha vida. Uma trilogia concluída! Ainda estou atordoada. Ainda estou também esperando que Razgut *me* mostre um portal. Porque obviamente Eretz existe de verdade.

O quê, vocês acharam que eu tinha inventado tudo isso?

Não há como dar uma ordem aos agradecimentos. Sou imensamente grata a todas estas pessoas maravilhosas:

Leitores! Meus mais profundos agradecimentos a todos os leitores que vêm torcendo por mim, e por Karou, desde *Feita de fumaça e osso*, e que me fizeram companhia durante toda esta jornada. Obrigada pelo apoio, pela animação e pela espera. Leitores de séries são os melhores. E obrigada pelo *fandom* infinitamente divertido, pelas artes, pelo humor e pelo carinho.

Aqui está! Espero que vocês adorem.

E obrigada à equipe da Little, Brown por dobrar o espaço-tempo para que eu pudesse terminar este livro como eu queria e precisava e ainda assim garantir sua publicação em tempo oportuno. Sou profundamente grata pelo apoio que recebi. Um obrigada a Alvina Lang, pelo inestimável feedback editorial e pelo entusiasmo crucial, que funcionou como um combustível, sempre no momento em que eu precisava. A Bethany Strout, Lisa Moraleda, Melanie Chang, Faye Bi, Andrew Smith, Victoria Stapleton, Ann Dye, Nellie Kutzman, Tina McIntyre, Adrian Palacios, Julia Costa, Amy Habayab, Kritin Dulaney, Nina Pombo, JoAnna Kremer, Andy Ball, Christine Ma, Rebecca Westwall, Renée Gelman, Tracy Shaw e Megan Tingley: meu mais profundo agradecimento por formarem uma editora tão incrível.

E como sou abençoada por viver em mundos paralelos, à minha segunda e incrível editora, Hodder & Stoughton, em Londres: obrigada por terem sempre ideias tão brilhantes e por acreditarem em mim de todo o coração. A Kate Howard principalmente, que cruzou um oceano e um continente por Karou, lá no começo. Você sabe mesmo como empolgar uma escritora! A Jamie Hodder-Williams, Carolyn Mays, Lucy Hale, Katie Wickham, Naomi Berwin, Veronique Norton, Lucy Foley, Fleur Clarke, Catherine Worsley, Claudette Morris e Linnet Mattey: obrigada!

A Jane Putch, minha muito mais que agente: muito mais que obrigada! Foi um louco ano — loucos cinco anos nesta trilogia! —, e eu não teria conseguido sem você. Não mesmo. Ao passado, ao presente e ao futuro. Saúde!

E a minha família. Primeiro, a minha irmã, dra. Emily Taylor, professora, pesquisadora e especialista em cascavéis: obrigada pela consultoria científica e pela revisão técnica. Espero ter acertado a parte sobre o trabalho de Eliza! (Leitores mais atentos vão se lembrar de uma "jovem herpetóloga loura" de quem Karou compra dentes em *Feita de fumaça e osso*; era Emily.) A meus pais, Patti e Jim Taylor, por tudo e muito mais, e a meu irmão, Alex.

Obrigada a Tone Almjhell, pela leitura heroica em cima da hora e por me manter sã.

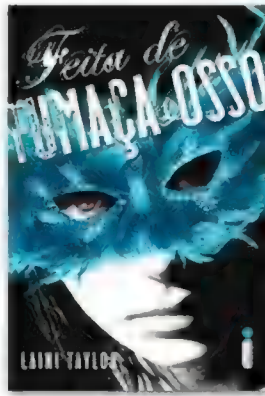
E principalmente, sempre, obrigada a Jim, que me fez continuar escrevendo quando pensei em desistir — ou pelo menos em parar por tempo indeterminado — há tantos anos e que tem sido meu maior torcedor desde então. Tenho muita sorte. Que venham mais muitos anos juntos!

Enfim, obrigada a Clementine, nascida um mês antes que Karou (embora a gestação desta tenha sido bem mais longa) e que a conhece desde bebê. Obrigada por participar de tudo, sempre. Você é a melhor criança do mundo.

# Sobre a autora



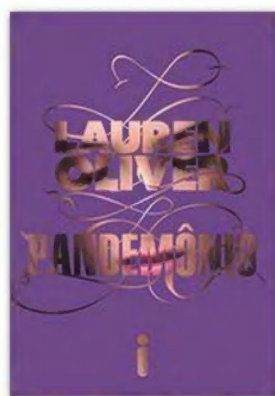
Laini Taylor mora em Portland, nos Estados Unidos, com a filha e o marido, o ilustrador Jim Di Bartolo. Finalista do National Book Award em 2009, tem outros quatro romances publicados. Da série *Feita de fumaça e osso*, foram lançados dois volumes no Brasil, sendo o último *Dias de sangue e estrelas*.

## Conheça os outros livros da autora

*Feita de fumaça e osso*

*Dias de sangue e estrelas*

*Noite de bolo e marionetes*

# Leia também

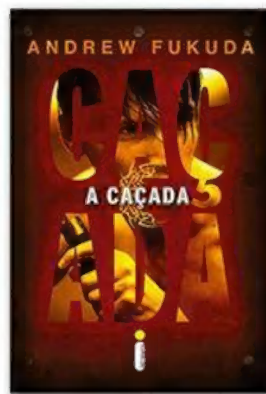
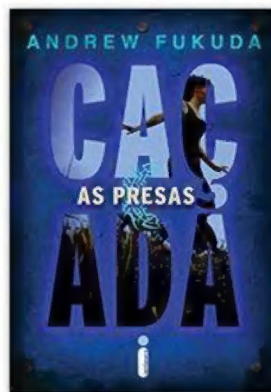
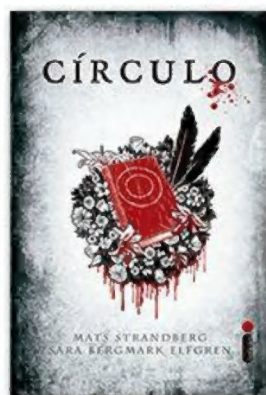
*Delírio*
Lauren oliver

*Pandemônio*
Lauren oliver

*Réquiem*
Lauren oliver

[*Sussurro*]
[Becca Fitzpatrick]

[*Crescendo*]
[Becca Fitzpatrick]

[*Silêncio*]
[Becca Fitzpatrick]

[*Finale*]
[Becca Fitzpatrick]

*A caçada*
Andrew Fukuda

*As presas*
Andrew Fukuda

*Círculo*
Mats Strandberg
Sara B. Elfgren

*O presente do meu grande amor*
Stephanie Perkins